



REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

Abril de 2024 – Nº 62

ISSN 1518-1766

ALB

DIRETORIA

Presidente:

Ordep José Trindade Serra

Vice-Presidente:

Marcus Vinícius Rodrigues

1ª Secretária:

Heloísa Prata e Prazeres

2ª Secretária:

Lia de Carvalho Robatto

1º Tesoureiro:

Paulo Ormindo de Azevedo

2ª Tesoureira:

Cleise Furtado Mendes

Diretor da Biblioteca:

Ruy Espinheira Filho

Diretora do Arquivo:

Edilene Dias Matos

Diretor de Informática:

Carlos Jesus Ribeiro

CONSELHO DE CONTAS E PATRIMÔNIO

Edvaldo Pereira de Brito

Fredie Souza Didier Júnior

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

CONSELHO EDITORIAL

Aleilton Santana da Fonseca

Florisvaldo Moreira de Mattos

Muniz Sodré de Araújo Cabral

DIRETOR DA REVISTA

Nelson Cerqueira

REVISTA DA ACADEMIA
DE LETRAS DA BAHIA

REVISTA DA ACADEMIA
DE LETRAS DA BAHIA

Abril de 2024 — Número 62



ISSN 1518-1766

Copyright © by Academia de Letras da Bahia, 2024

ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA
Avenida Joana Angélica, 198, Nazaré
40050-000 – Salvador, Bahia, Brasil
Telefax (71) 3321-4308
www.academiadeletrasdabahia.org.br
contato@academiadeletrasdabahia.org.br

Revista Anual de Literatura, Artes e Ideias

As informações e opiniões, assim como a redação, a revisão e o cumprimento das normas da ABNT para os artigos e periódicos, referências e citações, são da inteira responsabilidade dos autores.
(A Direção, 2024)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

Revista da Academia de Letras da Bahia / Academia de Letras da Bahia.
– Ano 1, vol. 1, n. 1 (Ago. 1930). – Salvador: Academia de Letras da Bahia, 1930 –

A partir do número 25 foi retirado ano e volume.
O ISSN começou no número 44.

Anual
ISSN 1518-1766

1. Literatura brasileira – Periódicos . I. Academia de Letras da Bahia.
II. Título.

CDU 869

Ficha Catalográfica elaborada por Gislene Soares Guerra CRB-5/1382

Vinhetas utilizadas: www.shutterstock.com

IMPRESSO NO BRASIL

SUMÁRIO

Artigos e Ensaios



SARAMAGO, UM HUMANISTA DE VIDA E OBRA MARIA DE LOURDES NETTO SIMÕES	13
CAMÕES COM DENDÊ: O LEGADO AFRICANO NO PORTUGUÊS DO BRASIL YEDA PESSOA DE CASTRO	29
A EXPERIÊNCIA DO OUTRO E AS FIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS EM <i>A DESCOBERTA DA AMÉRICA PELOS TURCOS, DE JORGE AMADO</i> HELOÍSA PRAZERES	37
CARAMURU, PARAGUAÇU, MOEMA E A FÁBULA ÉPICA DE DURÃO PAULO ROBERTO PEREIRA	47
O BRASIL DE JOÃO UBALDO RIBEIRO CYRO DE MATTOS	83
UMA VIDA EM MÚSICA ARAMIS RIBEIRO COSTA	97
QUARENTA ANOS DE <i>O GRITO DA PERDIZ</i> GERANA DAMULAKIS	115

MAGIAS E ARTE DE CALASANS NETO FLORISVALDO MATTOS	123
ANTIGAMENTE E NUNCA MAIS: Crítica Cultural na crônica de Ruy Espinheira Filho CARLOS RIBEIRO	133
DANÇA NA BAHIA LIA ROBATTO	153
A GEOMETRIA EUCLIDIANA DAS RELAÇÕES HUMANAS PAULO ORMINDO DE AZEVEDO	175
SAUDADE HOMENAGEM AO PROF. EDUARDO LOURENÇO URANIA TOURINHO-PERES	181
GAZA: ISRAEL ABRE AS PORTAS DO INFERNO O MENINO TREME E CHORA E SENTE SAUDADES EMILIANO JOSÉ	189

Poesia



TRÊS SONETOS FLORISVALDO MATTOS	215
QUATRO POEMAS FERNANDO DA ROCHA PERES	219
VISÃO, VISÕES RUY ESPINHEIRA FILHO	229

SEIS POEMAS	
ANTONIO BRASILEIRO	235
UM DITIRAMBO DE PÍNDARO (FRAGMENTO 70B)	
EXERCÍCIOS LÍRICOS DE INTERPRETAÇÃO	
RUMO À RECRIAÇÃO DE UM POEMA INCOMPLETO	
ORDEP SERRA	247
CINCO POEMAS INÉDITOS	
CARLOS NEJAR.....	259
QUATRO POEMAS	
DOMÍCIO PROENÇA FILHO.....	265
SEIS POEMAS	
ANTONIO CARLOS SECCHIN.....	271



DOIS ENCONTROS COM GLAUBER	
ANTÔNIO TORRES	281
DUAS CRÔNICAS SOBRE A FINITUDE	
JOÃO CARLOS SALLES	293
NATAL POBRE DE BENS MATERIAIS	
EDVALDO BRITO	299
MEUS GANSOS CANADENSES	
MARCOS BANDEIRA	301

Discursos



DISCURSO DE AGRADECIMENTO DE ORDEP SERRA AO RECEBER O TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	
ORDEP SERRA	307
DISCURSO DE POSSE	
MIRELLA MÁRCIA LONGO VIEIRA LIMA	327
DISCURSO DE RECEPÇÃO A MIRELLA MARCIA	
EDILENE MATOS	343
ERA UMA VEZ UM GAROTO	
DISCURSO DE POSSE	
DÉCIO TORRES CRUZ	351
DISCURSO DE RECEPÇÃO A DECIO TORRES CRUZ	
EVELINA HOISEL	387
DISCURSO DE POSSE	
MARIA BETHÂNIA	399
MARIA BETHÂNIA VIANNA TELLES VELOSO NA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA – DISCURSO DE RECEPÇÃO	
PAULO COSTA LIMA	421
A EDUCAÇÃO NA ERA DIGITAL	
EDVALDO BRITO	445

DISCURSO DE RECEPÇÃO A EDVALDO BRITO NA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO	
JOACI GÓES	463

HOMENAGEM A CARLOS VASCONCELOS MAIA	
GLÁUCIA LEMOS	475

Diversos



Efemérides 2023	481
Quadro Social da ALB	527
Endereços dos acadêmicos	547

Artigos
e ensaios



SARAMAGO, UM HUMANISTA DE VIDA E OBRA

MARIA DE LOURDES NETTO SIMÕES

À guisa de Introdução - uma síntese da vida

Dentre tantas facetas inerentes a José Saramago, a sua humanidade se destaca. Pode ser constatada não somente na sua obra, mas também na sua vida pessoal e pública.

Cidadão português, Saramago nasceu a 16 de novembro de 1922, em Azinhaga, uma pequena povoação do município de Golegã, no distrito de Santarém, situada na província do Ribatejo. Filho de uma família de camponeses, teve uma infância simples e dura. Na sua autobiografia, ele conta que o seu pai se chamava José de Sousa. E diz, em *Pequenas Memórias*:

[...]esse Saramago não era um apelido do lado paterno, mas sim a alcunha por que a família era conhecida na aldeia. Que indo o meu pai declarar no Registo Civil da Golegã o nascimento do seu segundo filho, sucedeu que o funcionário [...] decidiu, por sua conta e risco, acrescentar Saramago ao lacônico José de Sousa que meu pai pretendia que eu fosse. (SARAMAGO, 2006, p. 43).

Somente aos sete anos veio a tomar conhecimento do seu nome completo: José de Sousa Saramago. Concluiu os estudos secundários em uma escola técnica, mas não cursou uma universidade por dificuldades financeiras.

Sua vida abarcou vários contextos históricos de Portugal. Nasceu em 1922, portanto ainda na República, que abrangeu o período de 1910 a 1926. Viveu todo o período do Estado Novo da ditadura fascista de Oliveira Salazar. Sempre envolvido com a insatisfação política de Portugal, exerceu militância em compasso com a Revolução dos Cravos.

Antes de ser escritor, Saramago trabalhou como serralheiro, mecânico, funcionário público, técnico editorial; depois, foi diretor-adjunto do *Diário de Notícias*, tradutor, jornalista, ensaísta. Diferentemente da sua geração, começou a escrever tardiamente. Embora tenha se notabilizado como romancista, inicialmente escreveu poesia, contos, dramaturgia; depois, crônicas, romances, literatura de viagem, diário, memórias, correspondência, ensaios políticos. Dentre outros prêmios, recebeu o Camões / 1995 e o Nobel de Literatura / 1998, pelo conjunto da obra.

Já casado com a jornalista Pilar Del Río, foi morar na ilha espanhola de Lanzarote, no arquipélago das Canárias, em 1993, depois de impedido de representar Portugal no Prêmio Literário Europeu, devido ao livro *Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991) ter sido considerado ofensivo aos católicos.

Coerente com os seus princípios e crenças humanísticas, em 29 de Junho de 2007, criou a Fundação José Saramago, com o seu pensamento que está naquele local exposto: “O paradoxo da existência humana está em morrer-se em cada dia um pouco mais, mas que esse dia é, também, uma herança de vida legada ao futuro” (SARAMAGO. www.fundaçãojosesaramago.org). No ano de 2008, foi assinado um protocolo de cedência da Casa dos Bicos, situada em Lisboa, para sede da Fundação. Morreu aos 87 anos, ao lado de Pilar, em Lanzarote, a 18 de junho de 2010.

Um humanista de vida e obra

A humanidade de José Saramago está revelada na sua obra, através das suas preocupações com o social, com o político, com a crença na justiça.

Ainda sob a censura da ditadura salazarista, publicou *Os Poemas possíveis* (1966), a sua primeira obra poética; uma poesia de humanidade, de liberdade e de luta: “Se não tenho outra voz que me desdobre / Em ecos doutros sons este silêncio, /É falar, ir falando, até que sobre /A palavra escondida do que penso.” (SARAMAGO, 1997, p.25). Em 1970, *Provavelmente Alegria*, “Onde os olhos se fecham; onde o tempo / Faz ressoar o búzio do silêncio; / [...] Onde a breve agonia; onde na pele / Se confunde o suor; onde o amor” (Id. 1985a, p.16). Tempos de censura, são poemas onde o lirismo encobre a militância.

O livro *O Ano de 1993*, publicado em 1975, depois da Revolução de Abril, fala de dominadores e dominados. Conforme afirmou Saramago:

Comecei a escrevê-lo antes do 25 de Abril. Foi por desespero que o principiei. Depois veio a Revolução, e o livro pareceu ter perdido o sentido. Se, como se dizia, o fascismo estava morto, para quê falar mais em dominadores e dominados? Sabemos hoje que o fascismo está vivo, e eu fiz o meu dever publicando o livro. (Id. www.fundação-josésaramago.org).

Esse livro privilegia temática e estratégias discursivas, posteriormente tomadas na experiência ficcional do autor. É possível dizer que se resolve entre a prosa e a poesia; traz elementos da ficção científica, mas aproxima-se de aspectos textuais da Bíblia por apresentar narrativa em versículos. A relação do humano com deus é ironizada: “cada tribo tem o deus que prefere e não outros” (Id., 2007, p. 90). Esse tema, será recorrente na obra posterior de Saramago. “Entretanto o arco-íris tem voltado todas as noites e isso é um bom sinal”. (Id., 2007, p. 121)

Morando em Lisboa, em 1976, sem emprego, mudou-se para o Alentejo e resolveu dedicar-se inteiramente à escrita, conforme revela na sua autobiografia, disponível no site da Fundação José Saramago.

Inicia a sua atividade como romancista aos 55 anos, com *Manual de Pintura e Caligrafia* (1977), livro que pode ser lido pela perspectiva autobiográfica e vanguardista. E sobre a revolução, diz da euforia da conquista da liberdade: “as tropas, os carros de combate, a felicidade, os abraços, as palavras de alegria, o nervosismo, o puro júbilo” (Id., 1985b, p. 315).

Nos anos que seguiram 1978, em Portugal, o comportamento social sintomaticamente sofre mudanças. As pessoas tornam-se mais ousadas e reivindicativas. Então, “com a abolição completa do Exame Prévio e da Censura, os *media*, finalmente, têm livre trânsito” (SIMÕES, 1998, p. 219). Saramago, que viveu no Alentejo (palco das lutas agrárias), conta em *Levantado do Chão* (1980) que “então num sítio qualquer do latifúndio, a história lembrar-se-á de dizer qual, os trabalhadores ocuparam uma terra. Para terem trabalho, nada mais” (SARAMAGO, 1983, p.361). Vale observar que esse livro inaugura a notoriedade do ganhador do Nobel/ 98; o tema que nele aborda (a luta contra a opressão) é recorrente na sua obra por vários focos; além da humanidade, problematiza a própria História (aspecto central da obra), buscando a sua revisão, o repensar fatos, personagens, espaços à luz do tempo contemporâneo.

A perda das colônias constituiu-se matéria ficcional; também a revisão dos mitos da lusitanidade ou dos mitos históricos que sustentam a identidade política e social do português. Em *O Memorial do Convento*, de 1982, retoma a tendência para a metaficção historiográfica e para o realismo-mágico que já manifestara em *O ano de 1993*. A narrativa desse livro decorre no início do século XVIII, durante o reinado de D. João V, que mandou construir o Palácio Nacional de Mafra, mais conhecido por convento. Através da íntima relação entre a ficção e a história, o romance critica a exploração dos pobres pelos ricos, que origina a guerra entre os indivíduos e a corrupção pertencente à natureza humana: “ainda ontem morrer um era uma tragédia e hoje é banalidade evaporar-se um milhão [...] entre a vida e a morte, disse Blimunda,

há uma nuvem fechada” (Id.,1985c, p. 129). Blimunda, das personagens preferidas de Saramago, tem a capacidade de *ver por dentro* as pessoas e de *recolher as vontades*, que faz mover a passarola. Representa também a inquietação do ser humano em relação à morte, ao amor, ao pecado e à existência de Deus.

Se não houvesse tristeza nem miséria, se em todo lugar corresse águas sobre as pedras, se cantassem aves, a vida podia ser apenas estar sentado na erva, segurar um malmequer e não lhe arrancar as pétalas, por serem já sabidas as repostas, ou por serem estas de tão pouca importância, que descobri-las não valeria a vida duma flor. (Id.,1985c, p. 217).

O ano da Morte de Ricardo Reis, de 1984, como revela Saramago, é um livro sobre o tempo de ditadura... “a solidão, triste, sobre uma cidade triste, sobre um tempo triste” (Id., www.fundacao-josesarago.org. Acesso set 2022).

Intertextualizando Fernando Pessoa, faz o seu personagem testemunhar o período em que o fascismo aos poucos se instalava na sociedade portuguesa. O plano da imaginação cruza-se então com o da história; Ricardo Reis morre no mesmo período em que começaria a longa agonia de Portugal. “Esfuziam gritos patrióticos, Portugal Portugal Portugal, Salazar Salazar Salazar, este não veio, só aparece quando lhe convém” (Id.,1985d, p.395) e o livro termina melancolicamente: “Aqui, onde o mar se acabou e a terra espera.” (Id.,1985d, p.415).

Depois, em 1985, a possibilidade da entrada de Portugal na Comunidade Econômica Europeia - CEE divide a opinião dos portugueses entre o que chamam de portugalidade e de europeidade. Saramago é conhecido por seu ateísmo e iberismo. Por essa ótica política da iberização, é possível ler *A Jangada de Pedra* (1986). Nesse livro, a península Ibérica se desgarrar da Europa e, à medida que os seus personagens com ela navegam à deriva pelo Atlântico, vão revisando o seu futuro, recriando a própria identidade:

mesmo que o meu destino me conduza a uma estrela, nem por isso estou dispensado de percorrer os caminhos do mundo [...] sou ibérico, e tenho dito, expirou. Sabia este rapaz o que queria, ou julgava sabê-lo (Id., 1986, p. 166).

Enquanto em *A Jangada de pedra*, Saramago cria uma revisão do futuro, em *A história do Cerco de Lisboa*, de 1989, retoma a história, revisando o passado. Na narrativa, Raimundo Benvido Silva é um humilde revisor de textos. Ao trabalhar em uma obra sobre o cerco de Lisboa, comete, propositalmente, um erro, acrescentando a palavra “não” a uma frase e, dessa forma, altera o fato histórico que revela o apoio dos cruzados aos portugueses. Fica o pensamento de Aristóteles: “a história é o que foi, a literatura, o que poderia ter sido”. E o narrador: “E é neste instante que ao espírito vazio lhe acode uma ideia para ocupar este seu dia livre, algo que afinal nunca fizera na vida” (Id., 1989, p. 79).

A peça de teatro *A Segunda Vida de Francisco de Assis*, também, ressalta a sua humanidade. Antes de Francisco ser considerado santo, volta à terra nos dias de hoje e encontra sua ordem franciscana virada empresa, voltada para lucros. “É a pobreza que deve ser eliminada do mundo”, diz Francisco. Mas Saramago usa a ironia. “A pobreza não é santa. Tantos séculos para compreender isto. Pobre Francisco. Se tens um coração de ferro, bom proveito. O meu, fizeram-no de carne, e sangra todo dia”. (Id., 1987, p. 47).

E a escrita saramaguiana segue buscando traduzir humanidade, ensejada na sua visão do social, onde uns têm tanto, outros tão pouco... enfatiza a solidariedade, a pequenez da vida, e sua finitude... É o que faz quando, ultrapassando mitos nacionais, aborda mito e religião mais sagrados, no polemizado livro *Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991), discutindo sentido de culpa, questões éticas e morais e a relação dos homens com Deus.

Segundo Saramago, em entrevista à TV Cultura de São Paulo (1992), o trecho do *Evangelho* que mais chocou alguns leitores foi quando o Diabo disse: “É preciso ser-se deus para gostar tanto de sangue”. Admite que, no Novo Testamento, o papel de Jesus foi apresentar um deus de amor... Para escrever esse livro, além da Bíblia, Saramago leu evangelhos apócrifos, notadamente leu o Velho Testamento onde, segundo diz, o Deus é vingativo, rancoroso... A última frase de Jesus dita no *Evangelho Segundo Jesus Cristo* foi: “Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez”. (Id., 1991, p.444).

Embora com obra já consagrada, esse livro que, se por um lado, tanta polêmica suscitou, também, por outro, consolidou a sua trajetória enquanto escritor. Como é sabido, aos olhos da Igreja Católica, a versão bíblica do escritor português configura-se como uma imperdoável heresia. Em 1998, quando foi revelado o nome de José Saramago como vencedor do prêmio Nobel pelo conjunto da sua obra, o Vaticano emitiu uma nota de pesar, dizendo-se contrário à escolha... Mas, ainda sobre isso, Saramago disse em entrevista à TV Cultura:

o que há ali são livros em que eu, como cidadão, como pessoa que sou, diante do tempo, diante da morte, diante do amor, diante da ideia de Deus existente ou não, diante de coisas que são fundamentais (e continuarão a ser fundamentais), procuro colocar o conjunto de dúvidas, de inquietações e de interrogações que me acompanham. (TV Cultura - Saramago, 2003).

Especialmente *Ensaio sobre a Cegueira* (1995) e *Todos os Nomes* (1997), embora abordando temas graves e metafísicos, esses livros trazem o que esse escritor considera uma espécie de *ressimplificação* dos processos ficcionais. Segundo ele próprio declara em entrevista a Carlos Reis, em relação ao seu fazer ficcional:

hoje verifico que há em mim como que uma recusa de qualquer coisa que eu me divertia, que era essa espécie de barroquismo, qualquer coisa que eu não levava, mas que

de certo modo me levava a mim; e estou a assistir [...] a uma necessidade de maior clareza. (JL, Lisboa, 14/10/1997).

Mas reafirma a sua fascinação por certo barroquismo, na relação da linguagem com a música; como uma pauta musical, pelo ritmo, pelo compasso... Confessa que se pudesse fazer um retrato musical da sua pessoa, seria Chopin.

Ensaio sobre a Cegueira abre com a epígrafe retirada do *Livro dos Conselhos*: “SE PUDERES OLHAR, VÊ. SE PODES VER, REPARA”. Segundo Saramago, em entrevista à Roda Viva, da TV Cultura (13/10/2003) a partir desse livro, faz abordagens mais políticas, no seu sentido filosófico. Retrata a “treva branca”, que logo se espalha para o resto da sociedade. É a fantasia que nos faz lembrar a responsabilidade de ter olhos quando os outros perderam. Saramago dá ao leitor uma imagem aterradora e comovente de tempos sombrios, à beira de um novo milênio. E afirma: “A cegueira é também isto, viver num mundo onde se tenha acabado a esperança”. Sobre esse livro, escreveu o autor no seu discurso de Estocolmo:

[...] sentou-se a escrever *Ensaio sobre a Cegueira* para recordar a quem o viesse a ler que usamos perversamente a razão quando humilhamos a vida, que a dignidade do ser humano é todos os dias insultada pelos poderosos do nosso mundo, que a mentira universal tomou o lugar das verdades plurais, que o homem deixou de respeitar-se a si mesmo quando perdeu o respeito que devia ao seu semelhante. (Id., 1998a, p. 8).

Não encontramos nomes próprios em *Ensaio sobre a cegueira*, o personagem é apenas o ser humano. Mas Saramago afirma que, de todos os seus personagens, o que mais o sensibiliza é o CÃO Das Lágrimas, porque ele simboliza a bondade e a solidariedade. O livro critica facetas básicas da natureza humana encarada como uma crise epidêmica. “Mais do que olhar, importa reparar no outro. Só dessa forma o homem outra vez se humaniza” (Id., 1995, p.231).

E os tempos andaram... Vieram os diários *Cadernos de Lanzarote*, veio *A Caverna* (2000), e tantos e muitos outros livros... Todos sempre suscitando o seu sensível olhar humano, social e ético... O diário, as memórias são formas que escreveu, principalmente, quando passou a residir na ilha de Lanzarote, nas Canárias. Os diários *Cadernos de Lanzarote*, (em cinco volumes) são escritos entre 1993 e 1998, onde Saramago narra episódios do seu dia a dia. No romance, está o narrador; no diário, são as reflexões da sua própria vida. “Estou cada vez mais consciente de que todo o orgulho é vão perante o Tempo e que as vidas não têm que ser forçosamente menos do que as obras” (Id., *Diário V*, 1998b, p. 194).

Em entrevista com Jô Soares (2000), diz que gostaria de “um mundo mais humano, onde a exclusão social não existisse”. Falando do livro *A Caverna*, afirma: “o shopping center hoje é o símbolo da caverna, espaço público que reúne segurança”. Pode ser lido como uma versão moderna do mito da caverna de Platão. José Saramago mostra, de forma sutil, a face cruel do mundo capitalista e tecnológico, quando diz: “Melhor seria respeitai-vos uns aos outros, do que amai-vos uns aos outros”.

Em *O Homem Duplicado* (2002), o professor de história Tertuliano Máximo Afonso descobre, certo dia, que é um homem duplicado. José Saramago aborda, aí, uma questão bem atual e inquietante: a perda de identidade no mundo globalizado. É a nova ordem do caos em que hoje vivemos. Ao assistir a um vídeo, o homem Tertuliano se reconhece em outro corpo, idêntico ao dele próprio; “levantou-se da cadeira, ajoelhou-se diante do televisor, a cara tão perto do ecrã quanto lhe permitia a visão, Sou eu, disse, e outra vez sentiu que se lhe eriçavam os pelos do corpo” (Id., 2002, p. 47).

Em 2004, publica *Ensaio sobre a lucidez* que faz uma alegoria sobre a fragilidade dos rituais democráticos, do sistema político e das instituições que nos governam... “Aprendi neste ofício que os que mandam não só não se detêm diante do que nós chamamos absurdos, como se servem deles para entorpecer as consciências

e aniquilar a razão.” (Id., 2004, p.83). Usando o símbolo máximo da democracia – o voto –, os personagens, eleitores, parecem questionar profundamente o sistema de sucessão governamental em seu país. “...as verdades, há que as repetir muitas vezes para que não venham, pobres delas, a cair no esquecimento.” (Id., 2004, p. 96) Nesse livro, não apenas no título, José Saramago remete ao seu *Ensaio sobre a cegueira* (1995), e revisita algumas das questões éticas e políticas abordadas naquele romance. O que propõe não é a substituição da democracia, mas o seu permanente questionamento para vencer a mediocridade, a ignorância e o medo - “Há que ter o máximo de cuidado com aquilo que se julga saber, porque por detrás se encontra escondida uma cadeia interminável de incógnitas...” (Id., 2004, p.287).

Sobre *Intermitências da Morte* (2005), diz em entrevista à Ana Sousa Dias (RTP, 2005): “temos que morrer para viver. Se não, a vida seria insuportável”. E na narrativa: “A propósito, não resistiremos a recordar que a morte, por si mesma, sozinha, sem qualquer ajuda externa, sempre matou muito menos que o homem.” (Id., 2005, p. 87).

Publica, também em 2005, o livro de memórias do período entre os 4 e 15 anos da vida. Sobre a razão desse livro, Saramago afirma que queria que os leitores soubessem de onde saiu o homem que é. E acrescenta em *Pequenas Memórias*: “Às vezes pergunto-me se certas recordações são realmente minhas, se não serão mais do que lembranças alheias de episódios de que eu tivesse sido ator inconsciente” (Id., 2006, p. 58).

Em entrevista ao *Jornal de Notícias* (2008), sobre *A viagem do Elefante* (2008), Saramago resumiu a viagem, como uma metáfora da vida humana, especialmente por seu fim triste, em que as partes do animal viraram objetos comuns, como um porta-guarda-chuva, rendendo nenhuma homenagem àquele que caminhou milhares de quilômetros por capricho dos governantes. E observa:

Quando uma pessoa se põe a pensar no destino do elefante – que, depois de tudo aquilo, acaba de uma maneira quase humilde, aquelas patas que o sustentaram durante milhares de quilômetros são transformadas em objetos, ainda por cima de mau gosto – no fundo, é a vida de todos nós. Nós acabamos, morremos, em circunstâncias diferentes umas das outras, mas no fundo tudo se resume a isso. (Id., Lisboa, 5/ nov/ 2008).

Coincidentemente ou não, *A Viagem do Elefante* foi escrito logo depois de Saramago sofrer com um grave problema de saúde. *Realizando considerações sobre a natureza humana, o narrador diz: “sempre se chega aonde se tem de chegar” (Id., 2008, p.145). E ele diz no Documentário José e Pilar, de Miguel Gonçalves Mendes (2010), que esse livro é uma metáfora da inutilidade da vida.*

Em CAIM, o seu último romance (2009), narra uma guerra entre o homem e o Senhor, reconta o mito e confronta a tradição. Em entrevista, quando o repórter perguntou: “Como podem os homens sem Deus serem bons?” Saramago respondeu: “Como podem os homens com Deus serem tão maus”(2009a).

Como já referido, Saramago morre em Tias, Lanzarote, a 18 de junho de 2010. Naquele mesmo dia, em sua memória, a RTP, de Portugal, realizou uma mesa que trouxe significativos testemunhos sobre a sua humanidade, ética, generosidade, sensibilidade, além da importância da sua escrita. Na ocasião, citando Saramago, diz Zeferino Coelho: “Morrer é isso. Um dia estamos; no outro, não estamos.” (RTP, 2010).

O romance, que escrevia ao morrer em 2010, foi publicado em 2014: *Alabardas, alabardas, Espingardas, espingardas*. Ficou por terminar, como declarou Pilar Del Rio em entrevista à RTP, 2014; Saramago somente escreveu 30 páginas. Pelo que deixou escrito, seria um romance sobre a condição humana e a banalidade da violência.

Ainda em 2014, com fotos de João Francisco Vilhena e textos de José Saramago, foi publicado *Lanzarote, A Janela de Saramago*. Declara Vilhena: “é um diário secreto da história de um abraço,

nunca terminado” (VILHENA; SARAMAGO. 2014, s/p). E, no mesmo livro, diz Pilar Del Río: “é uma meditação sobre o tempo e o lugar.” (Ibid., 2014, s/p).

Por iniciativa de Pilar Del Río e Paloma Amado, em 2017, a Companhia das Letras publicou *COM o mar por meio: uma amizade em carta – 1993 – 1998*, que reúne cartas de Saramago e Jorge Amado, dois escritores que têm o humanismo, a generosidade e o olhar para o social como marcas das suas personalidades e da sua obra. Em uma das cartas, diz Saramago: “Desta ilha de Lanzarote, com o mar por meio, mas com braços tão longos que alcançam a Bahia, nós, e os mais que cá estão, parentes e amigos, admiradores todos, vos enviamos muito saudar e votos valentes contra as coisas negativas da vida” (SARAMAGO, 2017, p. 23).

Em 2022, Pilar Del Río concede entrevista sobre os *100 anos de Saramago*. Na ocasião, fala sobre a sua humanidade e, referindo-se ao momento atual, ela disse:

Com o convencimento de que vivemos em democracia, estamos adormecidos, procuramos resolver nosso desespero culpando uns e outros como se nós, cidadãos, não tivéssemos responsabilidades. É preciso refletir sobre o sistema em que vivemos, se isto é uma democracia e qual a qualidade dela. (DEL RÍO, *100 anos de Saramago*. 2022).

Bem a propósito dessa fala, retomo a frase de *Ensaio sobre a Cegueira*: “Seremos cegos que vendo não vemos” (SARAMAGO, 1995, p. 65). E, ainda, a entrevista de Saramago ao *Diário de Lisboa*: “A única revolução realmente digna de tal nome seria a revolução da paz, aquela que transformaria o homem treinado para a guerra em homem educado para a paz porque pela paz haveria sido educado” (Id., 2009).

Por suas ideias, seu imaginário e sua escrita, Saramago é, indiscutivelmente, considerado um humanista. A sua obra engrandece não somente Portugal, mas a literatura

dos países de Língua Portuguesa. O seu *Discurso de Estocolmo* (1998, p.8), é exemplar: “Tomemos então, nós, cidadãos comuns, a palavra e a iniciativa. Com a mesma veemência e a mesma força com que reivindicarmos os nossos direitos, reivindicuemos também o dever dos nossos deveres. Talvez o mundo possa começar a tornar-se um pouco melhor”.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge; SARAMAGO, José. *COM o mar por meio: uma amizade em carta – 1993 – 1998*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017 – póstumo.

COELHO, Zeferino. Entrevista com RTP de Portugal, em *homenagem a Saramago*. Lisboa, 2010.

DEL RIO, Pilar. Entrevista com RICARDO VIEL. *Jornada Saramago 100 anos*. <https://www.youtube.com/watch?v=GSkbqPsyDrI&t=633s>

Disponível 28 mar 2022. Acesso ago 2022.

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO. www.fundacaojosesaramago.org
Disponível em 2007. Acesso ago 2022.

MENDES, Miguel Gonçalves. *José e Pilar*. <https://www.youtube.com/watch?v=7gtRxhfcFi0>.

Disponibilizado em 2010. Acesso em set 2022.

RTP. *Documentário Levantado do Chão*. https://www.youtube.com/watch?v=wwzwDzTw0_g

Disponibilizado em 18/06/2013. Acesso em set/ 2022

RTP. *José Saramago - Vida. Discurso de Estocolmo. Conceção das narrativas e estilo de escrita*

<https://www.youtube.com/watch?v=bIZmJ6APAng> Edição especial

RTP. *Reportagem sobre “Alabardas, alabardas, Espingardas, espingardas”*, de José Saramago.

<https://www.youtube.com/watch?v=ZpcLK8bimT4> Disponível em 2014. Acesso 2022.

SARAMAGO, José. *Os Poemas possíveis*. 6ed. Lisboa: Caminho, 1997.

SARAMAGO, José. *Provavelmente Alegria*. 6ed. Lisboa: Caminho, 1985a.

SARAMAGO, José. *O ano de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SARAMAGO, José. *Levantado do Chão*. 3ed. Lisboa: Caminho, 1983.

SARAMAGO, José. *Manual de Pintura e Caligrafia*. 3ed. Lisboa: Caminho, 1985b.

SARAMAGO, José. *Memorial do Convento*. 15ed. Lisboa: Caminho, 1985c.

SARAMAGO, José. *O ano da morte de Ricardo Reis*. 6ed. Lisboa: Caminho, 1985d.

SARAMAGO, José. *Jangada de Pedra*. Lisboa: Caminho, 1986.

SARAMAGO, José. *A Segunda Vida de Francisco de Assis*. Porto: Porto Editora, 1987.

SARAMAGO, José. *A História do Cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SARAMAGO, José. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Cegueira*. 2ed. Lisboa: Caminho, 1995.

SARAMAGO, José. *Todos os Nomes*. 2ed. Lisboa, Caminho: 1997.

SARAMAGO, José. *Saramago - Discurso de Estocolmo*. Porto: Porto Editora, 1998a.

SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote – Diário – V*. 2ed. Lisboa: Caminho, 1998 b.

SARAMAGO, José. *A Caverna*. 3ed. Lisboa: Caminho, 2000.

SARAMAGO, José. *O Homem Duplicado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a lucidez*. São Paulo: MEDIAfashion, 2012.

SARAMAGO, José. *As Intermittências da Morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SARAMAGO, José. *As Pequenas Memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SARAMAGO, José. *A Viagem do Elefante*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008a.

SARAMAGO, José. *CAIM*. Lisboa: Caminho, 2009a.

SARAMAGO, José. Entrevista com a TV Cultura de São Paulo. <https://www.youtube.com/watch?v=2tcmIDH19e0> Disponível em 1992. Acesso set 2022

SARAMAGO, José. Entrevista com Carlos Reis. *JL*, Lisboa, em 14 de outubro de 1997

SARAMAGO, José. Entrevista com Jô Soares https://www.youtube.com/watch?v=77Zb_xMRNuE&t=610s Disponível em 2000. Acesso em set 2022.

SARAMAGO, José. Entrevista com a TV Cultura, Roda Viva (13/10/2003) https://www.youtube.com/watch?v=k36uq02_fVY. Disponível em 2003. Acesso em set 2022.

SARAMAGO, José. entrevista com Ana Souza Dias. RTP https://www.youtube.com/results?search_query=jose+saramago+rtp+2005 Disponível em 2005. Acesso em set 2022.

SARAMAGO, José. Entrevista com a RTP. https://www.youtube.com/watch?v=wwzWDzTw0_g. Disponível em 2008. Acesso set 2022.

SARAMAGO, José. Entrevista com Ana Nunes Cordeiro. *Jornal de Notícias*. Lisboa, 5 de nov de 2008b.

SARAMAGO, José. Entrevista com reporttvs3 <https://www.youtube.com/watch?v=UZxFXn07dTE>. Disponível em 2009; Acesso set 2022.

SARAMAGO, José. Editora Caminho, Lançamento do Livro CAIM. <https://www.youtube.com/watch?v=Nw5xLwWbZTw&t=2861s> Disponível em 2009. Acesso 2022.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Para não dizer que não falei dos Cravos. In *As Razões do Imaginário Comunicar em tempo de revolução*. Salvador: FCJA; Editus, 1998.

VILHENA, I.; SARAMAGO, J. *Lanzarote, A Janela de Saramago*. Porto: Porto Editora, 2014.

Maria de Lourdes Netto Simões (Tica Simões) é doutora em Estudos Portugueses e Pós-Doc em Literatura Comparada e em Turismo Cultural (UNL, Portugal). Profa Titular aposentada/UESC, onde foi pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação e pesquisadora CNPq. Comendadora da Ordem do Ensino Público (Portugal); Mérito São Jorge dos Ilhéus (Bahia, Brasil). Produção científica em literatura e turismo, publicada em livros, artigos e documentários, no Brasil e exterior. Auto-ficção: *A Casinha-que-anda, em uma aventura inesquecível*, FUNARTE, 2010. Integra as Academias de Letras de Ilhéus (cadeira 19) e de Letras de Itabuna (cadeira 31).



CAMÕES COM DENDÊ: O LEGADO AFRICANO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

YEDA PESSOA DE CASTRO

Logo iniciado o tráfico entre Brasil e África na primeira metade do século XVI, observou-se o encontro de línguas africanas com o português europeu antigo e regional falado pelas caravelas, o que deu lugar à alteração da língua portuguesa de Camões na colônia sulamericana. Isso se fez sentir em todos os setores: léxico, semântico, prosódico, sintático e, de maneira rápida e profunda, na língua falada, com a subsequente emergência de um novo sistema cultural e linguístico que seria representativo da etnicidade brasileira.

Explicar o avanço do componente africano nesse processo, antes de tudo, é ter em conta a confluência de motivos de várias ordens que ao longo de mais de três séculos consecutivos favoreceram a participação de seus atores na construção da modalidade do português brasileiro, destacando-se entre eles:

- a superioridade numérica de negros e mestiços;
- a ação socializadora da mulher negra e do ladino;
- a dimensão da distribuição geográfica do elemento negro em território colonial brasileiro;
- as semelhanças linguísticas casuais, mas notáveis e significativas, entre as línguas em contato.

1. Densidade populacional

Como pano de fundo desse processo, a densidade populacional estimada entre quatro a cinco milhões de africanos transplantados para substituir o trabalho escravizado ameríndio no Brasil originou, durante três séculos seguidos, um contingente de negros e mestiços superior ao número de portugueses e outros europeus na colônia, de acordo com as informações históricas disponíveis e as estimativas demográficas de época, a exemplo do censo de 1823, que apontava 75% de negros e mestiços no total da população brasileira.

Podemos, então, supor que a superioridade numérica, no confronto das relações de trabalho e na convivência diária, teria dado também a sua parte de contribuição para a constituição daquela língua geral de base tupi, um falar nascido da necessidade de comunicação imediata dos portugueses com a população nativa nos primeiros séculos da colonização e que foi usada no Brasil até meados do século XVIII por bandeirantes e catequistas. Ao mesmo tempo, já se formavam falares afro-brasileiros nas senzalas, nas plantações, nos quilombos, nas minas. No século XIX, sem mais contar com o sustento do tráfico transatlântico, esses falares ficaram reduzidos a alguns núcleos urbanos como línguas rituais nos terreiros afro-brasileiros e suas cerimônias que já se tinham organizado, a exemplo da chamada língua-de-santo na Bahia que conserva em sua linguagem religiosa um vocabulário originário das diversas línguas africanas que foram então faladas no Brasil. De outra parte, sob a forma de falares especiais, comunidades negras rurais, como as que vivem no Cafundó, em São Paulo, e em Tabatinga, Minas Gerais, também resistiram à imposição da língua colonial e preservaram um vocabulário de base banto em seus cerimoniais.

2. Processo de socialização exercido pela mulher negra e ladinos.

Nesse contexto sociohistórico, o isolamento social e territorial em que foi mantida a colônia pelo monopólio do comércio externo brasileiro, feito por Portugal até 1808, condicionou um ambiente de vida de aspecto conservador e de tendência niveladora, mais aberto à aceitação de aportes culturais mútuos e de interesses comuns, a fim de facilitar o entendimento entre falantes de línguas diversas. Aqui, observamos a atuação socializadora da mulher negra no seio da família colonial e o processo de socialização linguística exercido pelos negros ladinos junto à escravaria. Ladinos eram aqueles escravizados que aprendiam a falar rudimentos de português.

A mulher negra, na condição de escrava doméstica entre os *escravos de jó* (Kimbundo *njo*, casa) teve oportunidade de interagir e exercer sua influência naquele ambiente familiar e conservador, incorporando-se à vida cotidiana e familiar do colonizador, fazendo parte de situações realmente vividas e interferindo no comportamento da criança através de seu processo de socialização linguística e de determinados mecanismos de natureza psicossocial e dinâmica, elementos de sua dieta nativa, comidas temperadas com óleo de dendê, componentes simbólicos do seu universo cultural e emocional que ela introduziu em contos populares e cantigas-de-ninar, seres fantásticos (tutus, mandus, boi-da-cara-preta), expressões de afeto (dengo, xodó), crenças e superstições (o homem-do-saco, interdições alimentares).

Já os ladinos, na condição de bilíngues e atuavam como intriguista, uma espécie de leva-e-traz, o que deu motivo ao ditado popular brasileiro “diante de ladino, melhor ficar calado”, desde quando podiam falar a um número maior de ouvintes, e influenciá-los, resultando daí por adaptarem uma língua a outra

e estimularem a difusão de certos fenômenos linguísticos entre os não bilíngues, no caso, o “escravo novo” e o chamado “escravo boçal”, aqueles que não falavam português. Enquanto na casa-grande eram os preferidos para os trabalhos domésticos, privando da sua intimidade, nas senzalas lhes era confiado o poder da disciplina e do comando que se estendia às plantações e aos engenhos na qualidade de capitães-do-mato e capangas, guardas pessoais de seus proprietários, com os interesses dos quais eles eventualmente se identificavam.

Subjacente a esses fatos, o desempenho sociolinguístico de uma geração de lideranças afro-religiosas que sobreviveu a toda sorte de perseguições. Essas lideranças são detentoras de uma linguagem litúrgica de base africana, cujo conhecimento é veículo de integração e ascensão na hierarquia sociorreligiosa do grupo, porque nela se acha guardada a noção maior de segredo dos cultos.

Essa nomeada língua-de-santo é a fonte atual dos aportes lexicais africanos no português do Brasil, e a música popular brasileira tem sido seu principal meio de divulgação, em razão de muitos dos seus compositores serem membros de comunidades afro-religiosas, como o foi Vinicius de Moraes e, atualmente, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gerônimo Santana e tantos outros compositores de blocos afros da Bahia e de escolas de samba do Rio de Janeiro e São Paulo.

Exemplo relevante é o uso da palavra *axé* (de étimo fon/ioruba) que significa em sua origem os fundamentos sagrados de cada terreiro, sua força mágica, um termo votivo equivalente ao “assim seja” da liturgia cristã ou então ao “boa-sorte”. O termo *axé* terminou incorporada ao português do Brasil para denominar um estilo de música de sucesso internacional, tipo “world-music”, produzido na Bahia e conhecido por todos como “*axé-music*”.

3. Ampliação da distribuição geográfica no Brasil do negro africano e do afrobrasileiro.

Finalmente, com a extinção do tráfico transatlântico para o Brasil em 1856, até a abolição oficial da escravatura no país em 1888, o tráfico interno foi intensificado. Negros escravizados nas plantações do nordeste foram levados para outras nas regiões do sul e sudeste (depois ocupadas por europeus e asiáticos) e, em direção oposta, do centro-oeste para explorar a floresta amazônica, onde os povos indígenas são preponderantes. A consequência, portanto, da amplitude geográfica alcançada por essa distribuição humana, o elemento negro foi uma presença constante em todas as regiões do território brasileiro sob regime colonial e escravista. Fenômeno semelhante dessa mobilidade humana com sua dinâmica cultural e linguística ocorre presentemente através das migrações de afrobrasileiros para os estados industrializados do eixo Centro-Sul do país e para as regiões de mineração do Norte e Centro-Oeste, em busca de melhores condições de vida.

Na inevitabilidade desse processo de influências culturais recíprocas e em resistência a ele, o negro-africano terminou impondo, de forma mais ou menos subliminar, alguns dos mais significativos valores e traços expressivos do seu patrimônio cultural e linguístico na construção da sociedade nacional emergente e da língua portuguesa do Brasil.

Ao findar do século XVIII, a cidade do Salvador passa a receber, em levadas numerosas e sucessivas, um contingente de povos procedentes da Nigéria atual, em consequência das guerras interétnicas que ocorriam na região. Entre eles, a presença nagô-yorubá foi tão significativa que o termo *nagô* na Bahia começou a ser usado indiscriminadamente para designar qualquer indivíduo ou língua de origem africana no Brasil. Nina Rodrigues mesmo dá notícia de um “dialecto nagô”, que

era falado pela população negra e mestiça da cidade do Salvador naquele momento, mas que ele não documentou, e definiu como “uma espécie de patuá, ou seja, um linguajar abastardado do português e de várias línguas africanas”. Logo, não se tratava da língua yorubá, mas de um falar afro-brasileiro de base yorubá.

4. O Português do Brasil

Depois de quatro séculos de contato direto e permanente de falantes africanos com a língua portuguesa no Brasil, o português brasileiro é, em grande parte, o resultado de um movimento implícito de africanização do português de Camões e, em sentido inverso, de aportuguesamento do africano, sobre uma matriz indígena pré-existente, menos extensa e mais localizada.

Essa interação linguística, apoiada por fatores favoráveis de ordem sociohistórico e cultural, foi provavelmente facilitada pela proximidade relativa da estrutura linguística do português europeu antigo e regional com as línguas do família Níger-Congo que o mestiçaram, também de feição arcaizante. Entre elas, relativamente mais importantes aquelas do grupo banto a que se sobrepõem, mais tarde e geograficamente mais localizadas, as do grupo kwa. Entre essas semelhanças, podemos citar:

- o sistema de sete vogais orais (a, é, ê, i, ó ô, u), atestado no portobanto,
- estrutura silábica ideal CVCV (consoante vogal.consoante vogal), onde se observa a conservação do centro vocálico de cada sílaba, mesmo átona, fazendo com que todas as vogais sejam nitidamente pronunciadas e não haja sílabas terminadas em consoantes.

Esse tipo de semelhança casual, mas notável, possibilitou a continuidade da pronúncia vocalizada do português antigo na modalidade brasileira, afastando-a, portanto, do português europeu atual, de pronúncia muito consonantal. Cf. *p`ssoa x pessoa, ritmo x ritimo, pneu x pinenu*.

Nesse processo, o negro banto, pela antiguidade, volume populacional e amplitude territorial alcançada pela sua presença humana no Brasil colônia, como os outros, adquiriu o português como segunda língua, tornando-se o principal agente transformador da língua portuguesa em sua modalidade brasileira e seu difusor pelo território brasileiro sob regime colonial e escravista.

Ainda hoje, dialetos de base banto são falados como línguas especiais por comunidades negras da zona rural, provavelmente remanescentes de antigos quilombos em diversas regiões brasileiras. Ao encontro dessa matriz já estabelecida, assentaram-se os aportes do ewe-fon e do yorubá, menos extensos e mais localizados, embora igualmente significativos para o processo de síntese pluricultural brasileira, sobretudo no domínio da religião.

Considerando que o português do Brasil não é um todo, um bloco uniforme, mas um conceito coletivo que se pode desdobrar em níveis de fala, de acordo com as ocasiões, as regiões e as classes sociais, os aportes africanos estão mais ou menos completamente integrados ao sistema linguístico do português brasileiro segundo os níveis de linguagem socioculturais, enquanto o português de Portugal (antigo e regional) foi ele próprio africanizado, de certa forma pelo fato de uma longa convivência.

A complacência ou resistência face a essas influências recíprocas é uma questão de ordem sociocultural, e os graus de mestiçagem linguística coincidem geralmente, mas não de maneira absoluta, com os graus de mestiçagem biossocial que ocorrem no Brasil.

REFERÊNCIA

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Camões com dendê: o português do Brasil e os falares afrobrasileiros*. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 573 págs, com vocabulário, 2022.

Yeda Pessoa de Castro é etnolinguista, Doutora (Ph.D) em Línguas Africanas pela Universidade Nacional do Zaire, República Democrática do Congo, Consultora Técnica em Línguas Africanas do Museu da Língua Portuguesa na Estação da Luz em São Paulo. Foi professora visitante em várias universidades da África e da Europa. tendo recebido diversas condecorações por suas pesquisas. Publicou os livros *Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro* (2001), considerado pela crítica a obra mais completa sobre línguas africanas no Brasil, *A língua mina-jeje no Brasil: um falar africano em Ouro Preto do séc. XVIII* (2002), também pioneiro no estudo das línguas ewe-fon no Brasil, e *Camões com dendê: o português do Brasil e os falares afro-brasileiros* (2022). Publicou vários artigos e conferências em revistas científicas, e em anais de congressos, no Brasil e no exterior. Desde 2008 ocupa a Cadeira nº 11 da Academia de Letras da Bahia.



A EXPERIÊNCIA DO OUTRO E AS FIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS EM *A DESCOBERTA DA AMÉRICA* *PELOS TURCOS*, DE JORGE AMADO

HELOÍSA PRAZERES

O significado da imigração árabe na literatura brasileira é objeto de narrativas de alguns autores brasileiros, entre eles, Jorge Amado (1912-2001), que ocupa lugar de destaque na memória do país, representando a sua Bahia variadas referências sobre legados culturais. *A descoberta da América pelos turcos* (1994), por exemplo, compreende relatos, nos quais, o autor mostra como laços de parentesco, dívida e comprometimento consolidam a dimensão histórica. Aliás, heterogeneidade e dinamismo (social, linguístico, religioso, racial etc.) são condicionantes do imaginário amadiano, plasmadas nos romances da terra; como se o criador buscasse “descascar os fatos”, como se expressou Graciliano Ramos (1970), pela voz de Paulo Honório, no romance *São Bernardo*. O autor sabe que está escrevendo história, sabe que o embaralhar de cacos não confunde o leitor, ao contrário, convida-o a uma leitura alternativa.

Amado articula mundo e voz estrangeiros, nessa ficção narrativa, conforme o sugestivo título que atribuiu à obra, *A descoberta da América pelos turcos* (1994). Alguns estudiosos consideram que ele o faça romanticamente ou adotando a visão orientalista e a mentalidade dominadora, conforme teorizada por Edward Saïd (2021), defendendo-se com o argumento de que a tolerância e a convivência em harmonia não escondem certa perspectiva eurocêntrica (MUNA, 2016).

Sugiro, contudo, que a narrativa ficcional em questão não corresponde a obras relacionadas com a chamada literatura de exílio; Amado não é descendente de imigrantes, não compõe retratos de exílios estigmatizados, enfrentados na nação adotiva, ou revela eventual resistência às suas presenças, nos diferentes grupos sociais aos quais se integra. Bem ao contrário, o ficcionista faz o relato de ações sobre imigrantes árabes, que, suplantando nativos, os ultrapassam na ocupação de posições não periféricas, ocupando, ao invés, a centralidade da trama, conforme aqui se discute (cf. MIREILLE, 2014).

Para tanto, adoto as teses da cultura da *tolerância*, de acordo com medievalistas, que têm claras as conexões com o sistema de convivência, herdado da península ibérica. Trata-se de uma questão fulcral e encontra-se na origem da construção da sociedade europeia (cf. NATA, 2011). Considerando essa perspectiva, suponho que a concepção de tolerância, neste texto, encontra-se relacionada com elementos oriundos do mundo medievo.

Nas geografias do tempo em que se desenrolaram os acontecimentos contados nessas histórias, nos textos fundamentais de Jorge Amado, delimita-se tal capacidade plural de composição de caracteres, culturalmente identitários, pela afirmação de sentidos; metáforas obsessivas e registros de memórias da conquista da terra. Nessa perspectiva, o escritor elimina o valor e a análise e imerge inteiramente em seu universo cultural, não para estudá-lo ou classificá-lo, mas para celebrar sua cultura. No ensaio *A dimensão da ética intercultural na obra de Jorge Amado*, referindo-se ao romance *Tocaia grande*, lê-se:

[...] Busca, dessa forma, figurar a possibilidade de supressão das barreiras entre indivíduos e grupos, sugerindo uma rearticulação de saberes que aposta num processo de recomposição cultural capaz de gerar uma nova identidade compósita. (GODET, 2014, p.7).

Assim, segundo também suponho, Jorge Amado rompe cânones eurocêntricos, rejeita o racionalismo e ignora o viés de aportes excludentes, encontrando na macrovisão da narrativa ficcional um lugar apropriado para interrogar, com perplexidade, a realidade que vivenciou. A acepção de memória cultural, conforme na obra se configura, associa-se à mobilização consciente do escritor como mediador das visões que comunica, conferindo historicidade ao texto, pelo entrelaçamento de ações com acontecimentos comprovadamente ocorridos. Nesse mundo literário, contextualizado por determinados valores e tradições, participa-se de uma visão totalizadora, baiana, brasileira, americana.

No lócus onde se desenrolam as ações ficcionais, as situações vividas ou recordadas transformam-se, concedendo-se à memória o papel de matriz da qual derivam sínteses, de onde advém a mimese de modos, que, sendo particulares, pessoais, também são coletivos: suas obras traduzem esse certo modo de ver que, antes, o processo transculturador (RAMA, 1982) ajudou a conceituar, rearticulando, artisticamente, a construção geral da literariedade pela composição, por exemplo, de uma linguagem literária dentro do seu marco.

Raduan Murad, um dos árabes protagonistas de *A descoberta da América pelos turcos* (AMADO, 1994) retém no relato a memória coletiva do lugar-lembrança, relativo à ficcionalidade de *Cacau*, *Suor*, *Terras do sem-fim*, *São Jorge dos Ilhéus*, *O menino grapiúna* e *Tocaia grande: a face obscura*. Personagens habitualmente secundários protagonizam a narrativa: o autor ilumina a face “obscura” (subtítulo do romance), deixando falar o **outro**: o jagunço (Natário), o mascate turco (Fadul), os fugidos dos latifúndios, sergipanos, em busca da terra desocupada. Retoma, portanto, a linha testemunhal e o lócus das zonas cacauceiras, que o identificam biograficamente, fazendo a história quase como ouvinte, despido de personalidade, projetado na memória coletiva.

Aliás, o comprometimento com a celebração do *outro*, e com a adoção de um ponto de vista pessoal, é aí subvertido –

explorado na novela (ou romancinho baiano, conforme denominação do autor) *A descoberta da América pelos turcos* (AMADO, 1994). Aqui se reedita a versão de descoberta, pela passagem da data comemorativa (500 anos de América), pela constituição do **outro** – o árabe, “o turco”, confrontando-se a versão oficial e deslocando-se a discussão em torno dos conceitos de descoberta / conquista da América.

II

O início do século da região do cacau configura-se como o ponto zero, sobreposto pelas culturas que aí instauraram o novo mundo, tão antigo nos seus moldes. Tal feição social e ideológica transparece na linguagem. O referencial histórico-geográfico determina uma perspectiva indesgarrável de padrões populares. No ofício de dar voz a esse mundo afásico, o escritor é o único vínculo concreto que dá realidade ao que um dia foi verdade.

Riquíssimo é o caudal de apelidos da protagonista que aqui se identifica como a “Dona Fea” – que entendo como alusão às Cantigas de Escárnio e Maldizer. Impossível, não referir esse contexto. Talvez para tornar relativa a estática desse universo arcaico e proverbial, a criatividade do escritor interfira com humor e picardia, transformando o certo e o ajuizado em suspeito e risível, o feio em deleitável, o desprezado em cobiçado, o outro em único, dentro do seu marco, que opera o processo de *transculturação*, na escritura de sua *Descoberta da América*.

A consciência de alteridade, que é pedagogicamente inscrita na obra, o lócus ficcionalizado (áreas onde nasceram vilas – Tabocas, Itabuna, Pirangi, Ilhéus), matizado por etnias e culturas distintas, propõe visões substitutivas do mundo baiano e, consequentemente, de sua história escrita fora da instituição. O método de criação amadiano reflete a dicção fluente das obras escritas de “déu em déu” (AMADO, 1984, p. 505). São espaços democratizados

pela produtividade do escritor, que busca problematizar níveis de indagação sobre diferentes lugares sociais (condição mestiça, negra, branca, ameríndia, em relação à brasilidade; nível cultural que abarca a questão da nacionalidade).

As senhas da narrativa de *A descoberta da América pelos turcos; os esposais de Adma* (AMADO, 1994) encontram-se nos seus títulos, e referem-se às partidas cruciais da trama: a saga do moço Jamil Bichara e do douto Raduan Murad; sua aculturação na região, e pleito de amizade com os patrícios, seus descendentes (o episódio romanesco da família Jafet), desenvolvido nos esposais de Adma.

Disposto em dezenove partes, que semelham quadros de um auto popular, o ritmo narrativo da novela é flexível, como lances de partidas, conferindo à obra um formato de “jogo de tabuleiro”. Vastas são as alusões à área semântica de jogo, no espaço romanesco, onde também concorrem realidade e ficção: “Melhor dedicar-se a fatos comprovados, inegáveis, mesmo se a história verídica participa do milagre” (AMADO, 1994, p. 6).

Destinatários àquela diáspora do Sul do Estado da Bahia, os árabes trazem assinalado o prestígio das origens: Raduan Murad (um duplo de escritor), cujos apelidos confirmam sua autoridade e missão – professor, filósofo, luminar, estudioso da natureza humana; e o impávido por natureza, Jamil Bichara, aventureiro desbravador da mata virgem, interagindo com coronéis e jagunços sergipanos, judeus, árabes, sírios e libaneses – **todos eles brasileiros** (AMADO, 1994, grifo nosso). O processo de aculturação de Raduan Murad, na próspera Itabuna, opõe-se ao do moço Jamil; a este ficavam reservados os confins, os carfanauns de Itaguaçu. Os protagonistas encarnam as duas metades do escritor: o cidadão do mundo e o seu vínculo de origem, telúrico e desassombrado.

Segundo supomos, como filha desta cultura grapiúna, a sabedoria secular do oriental preside a reflexão sobre o tabuleiro do destino. Ao doutor Raduan Murad cabe aconselhar,

nomear, explicar; partem dele as articulações e a operação dos lances decisivos no novo da intriga. Mas são as memórias do moço Jamil Bichara que determinam o ponto de vista da narrativa, que transcorre, livremente, na atemporalidade, que vai conjugando passado, presente e futuro, em hábeis soluções de avanços e retrocessos, logrados pelo domínio dos processos narrativos do escritor.

A cidade de Itabuna é o espaço urbano onde se ambienta o episódio romanesco da família Jafet. A anedota é simples, encenada por turcos aculturados e **novos brasileiros**, seus descendentes. O trecho corre em atmosfera de farsa medieval, cujo referente é o rico repertório peninsular, como nos autos Vicentinos, *Auto da Lusitânia* (episódio da família judaica), na *Comédia do viúvo* ou na *Farsa de Inês Pereira*.

No mote da novela amadiana, lê-se: O caso, O enredado mistifório, A barganha, O conciliábulo, A refrega; ou seja: como encontrar marido patricio, para feia moça solteira, que, sendo resignado consorte, também fosse apto e capaz de salvaguarda dos negócios da família, ameaçados de bancarrota, por morte da matriarca (o armarinho “O Barateiro”). Divertido desfile de tipos contracena combinado em pares:

- O viúvo e o fantasma da sultana Sálua;
- A caçula Férida (querubim galante) e fogoso Alfeu;
- A nova rica Jamile e seu marido roceiro;
- A safada Samira e o consolado telegrafista.

Como peças ajustadas combinam e o único desequilíbrio é o veneno e os maus bofes da “Dona fea”. Controlada e previsível, pela mediação do filósofo Raduan Murad, não acontece, contudo, no episódio farsesco, a união do desbravador/negociante/ sultão, Jamil Bichara, com a ossuda e escanzelada, Adma, apesar de sua comprovada vocação para o comércio e disposição para o trabalho.

Em *La increíble y triste historia de la Cándida Eréndira e de su abuela desalmada* (1972), Gabriel García Márquez ficcionaliza a submissão da adolescente sem identidade a uma terrível descendência, num jogo simbólico confronta a jovem, América e a antiga metrópole, Espanha; narrativa marcada pela discussão do poder do dominador. No “romancinho”, de Jorge Amado, destina-se, ao invés, ao novo brasileiro desafios e enigmas, plenamente compensados, ao final, como nos contextos antiquíssimos do *Libro de buen amor*, de Juan Ruiz, o arcepreste de Hita, por exemplo, onde prevalece o sentido máximo de tolerância e convivência, transformando-se o “turco” em conquistador.

Jorge Amado ressalta assim, o legítimo pertencimento dos árabes à cultura grapiúna, e cria personagens integrados à população da cidade, de maneira imperceptível. Esse entranhamento é comunicado de entrada ao leitor pelo título da obra ao sugerir que os turcos descobriram a América, o romancista sugere uma redefinição do nosso entendimento da história: reconstrói a viagem dos conquistadores colocando seus personagens no movimento contrário à trajetória de tantos imigrantes (Cf. GARCIA, 2014).

Assim, o eleito para o esponsal, o prometido de Adma, a feia, tem corpo de adolescente e cabeça de **brasileiro**: “O órfão aprendera por si ao deus-dará: educação esmerada, primorosa [...] Tendo massa nenhuma mulher é feia. - Se conhece alguma, professor, me dê o endereço, do resto eu me ocupo” (AMADO, 1994, p.78), de onde sobressai a cultura do dito popular, facilmente identificável, com a qual, como natural da região ficcionalizada, eu própria cresci testemunhando.

Ao invés, o escritor dá voz à cultura que viu nascer, numa perspectiva de registros bem-humorados da criatividade da fala popular, de acordo com o seu consolidado método de criação. As linhas tortas – leiam-se alternativas – que unem a feia e desprezada Adma ao arcanjo, herói, príncipe lanzudo dromedário Adib Barud são imprevisíveis ao tabuleiro do destino. A história reescreve-se num primoroso blefe, ao final do jogo, e o contexto

subverte-se: a feia pode ser a Tetéia! Adma é o diverso livro que ao novo brasileiro é dado desfrutar, pela imposição do milagre que leva em conta a sentença de que: – certas mulheres feias são irresistíveis, uma conclusão que ecoa a elocução e a performance da cultura dos textos de cordel, voz que deixa falar a imaginação nordestina, culturalmente referida no seu texto.

Em *A descoberta da América pelos turcos*, para compreender o seu mundo, Jorge Amado articulou-o numa forma que recupera a historicidade de memórias de miscigenação. Sonhado criativamente, o projeto resume, talvez, como numa peculiar alegoria, os modos de ser da região grapiúna, mestiça, negra, branca, ameríndia e turca. Jorge Amado demonstra como, numa comunidade, o conhecimento da história confere a quem o possui, uma relação diferencial, desde que a memória outorga autoridade. No prólogo do “Romancinho”, Jorge Amado dirige-se aos nobres senhores da crítica nacional, referindo-se a certas coincidências e reiteraões que o tornam “repetitivo” e “limitado”, sempre os mesmos topônimos, sempre os mesmos antropônimos (as mesmas cidades, os mesmos árabes).

Sugere-se, portanto, cumprindo a motivação inicial deste texto, que Jorge Amado deu-nos o desafio de perseguir metáforas expressadas à exaustão. O que, sem dúvida, decreta a maioria de sua literatura, pois, conforme argumenta Antonio Candido (1993, p. 140-147) “é pela afirmação da memória cultural que se pode medir a estatura da arte literária de um povo”.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. *A descoberta da América pelos turcos*: os esponsais de Adma. Rio de Janeiro: Record, 1994.

AMADO, Jorge. *O menino grapiúna*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

AMADO, Jorge. *Terras do sem fim*. 63. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

AMADO, Jorge. *Tocaia grande: a face obscura*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

CANDIDO, Antonio. O olhar crítico de Ángel Rama. In: CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

GARCIA, Meirelli. A representação do imigrante árabe em *A descoberta da América pelos turcos*, de Jorge Amado. *Amerika* [En ligne], n. 10, 2014. Disponível: <https://journals.openedition.org/amerika/4514>. Acesso em: 07 ago. 2022.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *La Increíble y Triste Historia de la Candida Eréndira y de su Abuela Desalmada*. [S.l.]: Grijalbo Mondadori Sa, 1972.

GODET, Rita Olivieri. A dimensão da ética intercultural na obra de Jorge Amado. *Thématique*, [S.l.], n.10, 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/amerika/4683?lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2022.

PRAZERES, Heloísa. *Temas e teimas em narrativas baianas do Centro-sul*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, SECULT; UNIFACS; 2000 (Coleção Casa de Palavras. Ensaio, 19).

MUNA, Omran. Uma das mil histórias do Sharãzãdo Baiano: A descoberta da América pelos turcos. In: OLIVEIRA NETO, Godofredo de; CHIARELLI, Stefania (org.). *Falando com estrangeiros: o estrangeiro e a literatura*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2016. p.129-139.

NATA, Gil. Diferença cultural e democracia: Identidade, cidadania e tolerância na relação entre maioria e minorias. *Teses-35*, Lisboa, p. 55-75, Dez. 2011. Disponível em: https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/179891/Tese35_WEB.pdf/8807e412-607c-4d46-96b4-fec268144a29. Acesso em: 21 jul. 2022.

RAMA, Ángel. *Os primeiros contos de dez mestres da narrativa latino-americana*. Mário de Andrade. Sel. introd. e estudos críticos de Ángel Rama. Trad. Eliane Zagury, Carlos Augusto Correa e João da Penha. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. (Coleção Literatura e Teoria Literária, 29).

RAMA, Ángel. *Transculturación en América Latina*. México: Editora Siglo XXI, 1982.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 13. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 9. ed. São Paulo: Martins Editora. 1964.

SAID, Edward. *A geografia imaginativa e suas representações: orientalizando o oriental*. In: SAID, Edward. *Orientalismo: O oriente como invenção do Ocidente*. 13. reimp. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia do Bolso, 2021. p. 85-114.

Texto apresentado no III Webnário estudos amadianos: 110 anos de nascimento de Jorge Amado/ org. Gildeci de Oliveira Leite, Filismina Fernandes Saraiva, Thiago Martins Caldas Prado. Cachoeira, BA: Portuário Atelier Editorial, 2022.p.304-314. Texto revisto pela autora.

Heloísa Prazeres, professora adjunta, aposentada pela UFBA. Cumpriu o doutorado na *University of Cincinnati*, OH, Estados Unidos. Natural de Itabuna, poeta, ensaísta e pesquisadora, desenvolve sua escrita principalmente no gênero lírico. Foi titular e pesquisadora da Universidade Salvador (UNIFACS) e coordenou o Núcleo de Referência Cultural da Fundação Cultural do Estado da Bahia (2004 - 2007). Heloísa Prazeres possui vasta produção acadêmica, com artigos publicados em diversas revistas especializadas. Obra principal: *Temas e Teimas em narrativas baianas do centro-sul* (2000), *Pequena história, poemas selecionados* (2014), *Casa onde habitamos, poemas* (2016), *Arcos de sentidos, literatura, tradução e memória cultural* (2018), *Tenda acesa, poemas* (2020) e *A vigília dos peixes, poemas* (2021). Desde 2021 ocupa a Cadeira nº 26 da Academia de Letras da Bahia.



CARAMURU, PARAGUAÇU, MOEMA E A FÁBULA ÉPICA DE DURÃO

PAULO ROBERTO PEREIRA

A Aleilton Fonseca e Antonella Rita Roscilli

Os primeiros relatos, informes e textos ficcionais produzidos no Brasil trazem uma sombra subjacente: o espírito épico como resultado da luta pela conquista do vasto território ocupado pelos povos originários. Os escritos louvavam a terra da fartura que recebera o nome emblemático da fé cristã – Terra de Santa Cruz –, em que se viam, na exuberante natureza geográfica, indícios de que se deveriam cantar em tuba canora e belicosa os encantos paradisíacos da terra edênica¹ e as figuras humanas especiais, como fizeram, na antiguidade, poetas gregos e romanos, seguidos pela épica renascentista.

O primeiro poema épico brasileiro surgiu escrito em latim: *De gestis Mendi de Saa* (*Os feitos de Mem de Sá*), de José de Anchieta,² publicado em 1563, em que se realçavam os feitos do terceiro governador-geral do Brasil. Cerca de 40 anos depois, em 1601, se editou em português o poemeto épico que exaltava a colonização de Pernambuco,

¹ CARVALHO, José Murilo de. O motivo edênico no imaginário social brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 13, n. 38, p. 63-79, 1998.

² ANCHIETA, José de. *De gestis Mendi de Saa*. Apresentação de Eduardo Portella. Introdução de Paulo Roberto Pereira. Edição fac-similar. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1997. (Primeira edição: Coimbra em 1563); ANCHIETA, S.J. Padre Joseph de. *De gestis Mendi de Saa*. Poema dos feitos de Mem de Sá. Edição e tradução Padre Armando Cardoso, S.J. 3 ed. São Paulo: Loyola, 1986.

a *Prosopopeia*, de Bento Teixeira.³ Foi preciso esperar a chegada do século XVIII para se conhecer o poema épico que deixaria longa e benéfica influência nas letras brasileiras: *O Uruguai*, de Basílio da Gama,⁴ publicado em 1769.

Depois do emblemático livro de Basílio da Gama, publicou-se o *Caramuru*, de frei José de Santa Rita Durão,⁵ aparecido em 1781, em que o poeta mineiro recria a fundação mítica da Bahia, através de Catarina Paraguaçu e de Diogo Álvares Correia, o Caramuru.

Além dessas, tem-se outras epopeias menos relevantes, como o *Vila Rica*, de Cláudio Manuel da Costa, sobre a conquista e povoamento de Minas Gerais. Essas epopeias católicas, escritas no império lusitano sob a presença dominante de ordens cristãs subordinadas ao Vaticano, sofriam a censura e o controle mental do Santo Ofício da Inquisição, a confirmar que “a interpretação que o narrador dessas epopeias faz das ações heroicas é teológico-política, pressupondo as redefinições do poder político da Europa pós-Maquível, pós-Reforma e pós-Trento.”⁶

³ PILOTO, Afonso Luiz e TEYXEYRA, Bento. *Naufragio e Prosopopea*. Texto conforme a edição de 1601. Prefácio de José Antônio Gonsalves de Melo e introdução de Fernando de Oliveira Mota. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1969; TEIXEIRA, Bento. *Prosopopeia*. Edição de Celso Cunha e Carlos Duval. 9ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1977.

⁴ GAMA, José Basílio da. *O Uruguai*. Edição fac-similar da 1ª comemorativa do segundo centenário anotada por Afrânio Peixoto, Rodolfo Garcia e Osvaldo Braga. Rio de Janeiro: Academia Brasileira, 1941; TEIXEIRA, Ivan. *Obras poéticas de Basílio da Gama*. São Paulo: EDUSP, 1996.

⁵ DURÃO, Frei José de Santa Rita. *Caramuru*, poema épico do descobrimento da Bahia. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1781; DURÃO, José de Santa Rita. *Caramuru*. Poema épico do descobrimento da Baía [sic]. Edição crítica de Amadeu Torres. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2008.

⁶ HANSEN, João Adolfo. Notas sobre o gênero épico. In: TEIXEIRA, Ivan (Org.). *Multiclássicos épicos*. São Paulo: EDUSP, 2008, pp, 15-91, p. 72.

O frade agostiniano, professor e poeta José de Santa Rita Durão nasceu em 15 de fevereiro de 1722, em Cata-Preta, arraial de N.S.^a de Nazaré do Infeccionado, atual Santa Rita Durão, diocese de Mariana, em Minas Gerais. Segundo a tradição divulgada por Teófilo Braga,⁷ estudou no Colégio dos Jesuítas no Rio de Janeiro e em 1731 partiu para Portugal, indo continuar seus estudos em Lisboa. Em 1737 entrou para a Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, chamados de padres gracianos. Durante sete anos estudou filosofia e teologia em Coimbra. Formando-se em Teologia recebeu as ordens de presbítero e, a partir de 1745 lecionou em Braga durante 5 anos. Em 1754 tornou-se lente de Teologia na Universidade de Coimbra, recebendo em 1756 o grau de doutor.

Em 1758 é eleito para a Academia Litúrgica de Coimbra e em agosto desse ano passou a residir em Leiria onde travou relações de amizade com o bispo d. João de Nossa Senhora da Porta, na vida civil d. João Cosme da Cunha, futuro cardeal da Cunha, membro da família Távora, que o manteve junto a si até meados de setembro desse ano quando se retirou da cidade. Em janeiro de 1759 voltou Durão a Leiria quando escreveu, a pedido do bispo d. João, um sermão que ficou célebre por acusar os padres jesuítas de serem os responsáveis pelo atentado sofrido pelo rei d. José, em 3 de setembro de 1758. A partir de fevereiro de 1759, Durão escreveu sermões e um famoso libelo, a pastoral, contra os jesuítas a mando do bispo de Leiria. O governo de d. José, dirigido pelo marquês de Pombal, recompensou o bispo d. João pelos ataques aos jesuítas, promovendo-o a arcebispo de Évora. Então, o novo arcebispo partiu nesse mesmo ano de 1759 para Lisboa deixando Durão em Leiria. Sozinho, o poeta brasileiro começou a se arrepender das infâmias que escrevera contra a Companhia de Jesus, sobretudo por não receber as recompensas prometidas pelo agora arcebispo. Durão acabou rompendo relações com o arcebispo

⁷ BRAGA, Teófilo. *Filinto Elysio e o dissidentes da Arcádia*. Porto: Chardron, 1901.

D. João que agora se tornara poderoso por servir aos interesses do marquês de Pombal na campanha contra os jesuítas. Finalmente, d. João acabou promovido a cardeal. No entanto, o agora cardeal Cunha, apesar de todos os cargos e distinções que Pombal lhe oferecera, tornou-se motivo de chacota na corte portuguesa por sua pouca cultura, embora fosse possuidor de portentosa livraria de 11 mil volumes conhecida entre os diplomatas acreditados na corte lusitana como as onze mil virgens...

Em 1760 a Academia Litúrgica publica um volume contendo dois textos de Durão. Outros textos de Durão sairão nos anos seguintes editados pela Academia Litúrgica. Nesse ano de 1760, Durão adoeceu e passou a ser perseguido por seu arrependimento de ter atacado os jesuítas. Tanto o provincial da sua Ordem quanto outros líderes religiosos tornam-se hostis a Durão que acabou fugindo de Portugal para a Espanha em 1762. Lá encontra o Marquês de Sarria e lhe oferece a sua Informação, se tratando das acusações que fizera aos jesuítas. Não se sentindo seguro na Espanha, partiu Durão para Roma, tendo dificuldade para atravessar a França. Chegou à Itália, mas foi despachado de volta para França e Espanha. Por fim, em agosto de 1763, conseguiu voltar à Itália onde foi recebido pelo papa Clemente XIII, que o nomeou bibliotecário da Livraria Pública Lancisiana, em Roma, onde trabalhou durante 9 anos, de 1763 a 1771. Nesse período viveu também em Roma, de 1763 a 1767, o poeta Basílio da Gama. Parece que os dois poetas épicos mineiros não se conheceram na Cidade Eterna durante a estadia de ambos. Por outro lado, Durão, que deveria ser provável leitor de *O Uruguai*, publicado em 1769, acabou sendo influenciado pelo poema de Basílio na construção da sua epopeia. Embora sejam influências discretas, ao contrário das explícitas de Camões, certamente porque a pequena narrativa épica de Basílio, independentemente da sua alta qualidade estética, defendia e exaltava a administração pombalina no combate à Companhia de Jesus, exatamente o motivo do exílio romano de Durão, agora defensor dos jesuítas.

Em 1777, após a morte do rei d. José, a deposição de Pombal e a subida ao trono da rainha D. Maria I, Durão regressou a Portugal e conquista em concurso a cátedra de Teologia na Universidade de Coimbra com a sua famosa “Oração da sapiência”. Os últimos anos da vida de Santa Rita Durão em Portugal foram dedicados a compor o poema *Caramuru*, publicado em 1781, vindo a falecer em Lisboa, em 24 de janeiro de 1784.

As posições polêmicas de Santa Rita Durão a respeito da Companhia de Jesus, extinta em Portugal em 3 de setembro de 1759, com a expulsão dos padres da Companhia dos domínios portugueses, acabou por envolvê-lo nos conflitos de poder enquanto governou Portugal o ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, futuro Marquês de Pombal. Inicialmente aliando-se aos que desejavam e conseguiram a extinção da Companhia de Jesus, Durão acabou por ter uma crise de consciência por suas vilanias, o que o levou a escrever uma retratação em defesa dos jesuítas.

Essa síntese biográfica da trajetória de frei José de Santa Rita Durão é baseada nos estudos de Francisco Adolfo de Varnhagen e, particularmente, no extraordinário trabalho de pesquisa de Arthur Viegas que descobriu e publicou “A Retratação”, documento do próprio punho de Santa Rita Durão, contendo extensa autobiografia que revela pela primeira vez os verdadeiros informes sobre o autor do *Caramuru*.⁸ Toda a preciosa informação colhida por Arthur Viegas sobre Santa Rita Durão sofreu minuciosa análise e revisão de Sérgio Buarque de Holanda, dirimindo-se passagens duvidosas.⁹ Não custa lembrar que Arthur Viegas é o pseudônimo do padre Antunes Vieira, S.J., acérrimo crítico de Basílio da Gama por ver *O Uruguai* como um poema de defesa dos atos do Marquês de Pombal, colocando em segundo plano as qualidades estéticas que o consagraram.

⁸ VIEGAS, Arthur. *O poeta Santa Rita Durão*. Revelações históricas da sua vida e do seu século. Bruxelles/Paris: L'Édition D'Art Gaudio, 1914.

⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de Literatura Colonial*. Edição de Antônio Cândido. São Paulo: Brasiliense, 1991, especialmente 88-93.

Os extensos dados biográficos de frei José de Santa Rita Durão apresentados por Arthur Viegas revelam detalhes sobre uma curiosa figura das letras coloniais brasileiras: o conselheiro José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Melo, que foi confrade de Santa Rita Durão na Academia Litúrgica Pontifícia de Coimbra. No governo do poderoso ministro Pombal, o conselheiro José Mascarenhas foi promovido a desembargador e ficou encarregado da alçada instaurada em 1757 na cidade do Porto para julgar e punir os revoltosos contra a criação da Companhia das Vinhas do Alto Douro. O desembargador José Mascarenhas condenou à morte, ao açoite, ao degredo, à prisão e ao confisco cerca de 400 pessoas, sendo 26 condenadas à morte. Por estar à frente dessa cruel tragédia o desembargador José Mascarenhas recebeu como prêmio do governo de d. José I a promoção a conselheiro ultramarino, sendo nomeado para criar na Bahia dois novos tribunais.

Chegando à capital do Brasil, depois de difícil viagem marítima, o conselheiro José Mascarenhas fundou a Academia Brasílica dos Acadêmicos Renascidos, inaugurada em Salvador em 6 de junho de 1759. Parecia que os ventos iriam sorrir para sempre ao conselheiro ultramarino. No entanto, Pombal e o rei d. José mandaram prender e enviar para uma fortaleza no estado de Santa Catarina o poderoso fundador da Academia Brasílica dos Renascidos. Nunca veio a público o motivo da ordem de prisão, mas com a publicação em 1914 das memórias de Santa Rita Durão ficou esclarecido o porquê do ódio que o rei e o seu poderoso ministro passaram a ter contra o outrora conselheiro ultramarino, ordenando que fosse jogado no calabouço de um presídio da Ilha de Santa Catarina. É que José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Melo, quando chegou ao Brasil, após sobreviver a uma tempestade na travessia do oceano Atlântico, pediu perdão aos jesuítas da Bahia pela campanha de difamação que contra eles participara. Assim, através das memórias do poeta e frade Santa Rita Durão, veio a público a revelação

do motivo da prisão do fundador da Academia Brasília dos Renascidos. Notícias complementares à biografia do conselheiro José Mascarenhas foram oferecidas pelo historiador catarinense Henrique Fontes.¹⁰

Mesmo tendo vivido na Itália por longo tempo, provavelmente Durão não se correspondeu com os poetas que tinham a Arcádia Romana como modelo e, particularmente, com suas preocupações políticas, estimulados pela luta de libertação das colônias americanas do domínio europeu. Talvez por isso Santa Rita Durão seja um caso à parte dentro do grupo dos seis poetas da denominada “Escola Mineira” que nasceram ou viveram em Minas Gerais. Foi, inclusive, o único desses poetas a não adotar nome arcádico, como Glauceste Satúrnio para Cláudio; Termin-do Sípílio para Basílio; Dirceu para Gonzaga. É que o mundo mental de Santa Rita Durão, delimitado no espaço conventual onde se formou, criou uma diferença fulcral entre ele e os principais poetas do Grupo Mineiro. Durão é um intelectual comprometido com a difusão da fé católica tridentina, no sentido mais tradicionalista do termo, não participando das atividades dos letrados ilustrados que tinham no governo pombalino um modelo a seguir.

Mas não se deve ver o letrado José de Santa Rita Durão apenas como um monge voltado para a vida conventual, pois ele participava das atividades sociais e culturais, mormente em Coimbra, em cuja universidade encetara toda sua carreira acadêmica. Essa situação de frade e professor ajuda a revelar outra faceta de Durão, a sua costela de poeta epigramático, autor do poema satírico “Imperador de Eiras”, trazido a público por Mendes dos Remédios.¹¹

¹⁰ FONTES, Henrique. *O conselheiro José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Melo*. Florianópolis: Livraria Central de Alberto Entres, 1938.

¹¹ REMÉDIOS, Mendes dos. Alguma cousa de novo sobre Santa Rita Durão. In: *Revista de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: v. 6, 69-82, 1920.

Embora a formação religiosa de Durão certamente o afastava da recepção das ideias renovadoras que os ventos do Iluminismo propagavam por todo o Ocidente, na Europa e na América, nota-se na sua epopeia a influência benéfica dos pensadores ilustrados, como demonstra a sua tradução do *Ensaio Sobre a Poesia Épica*, de Voltaire, revelado no excelente estudo de Pablo Antonio Iglesias Magalhães.¹² Essa aproximação de Durão com o pensamento irreligioso, laico e contestador do Antigo Regime, não desequilibra a concepção estrutural que preparou para a sua epopeia, pois, “como se sabe, a finalidade expressa do *Caramuru* é descrever o início da colonização da Bahia, por obra, sobretudo de Diogo Álvares Correia e sua mulher, Paraguaçu. Simultaneamente há um desígnio mais importante para o poeta: a redenção do índio pela conversão.”¹³

Embora sem nunca mais retornar ao Brasil, vivendo toda a vida adulta na Europa, Santa Rita Durão escreveu um poema imprimindo cunho épico à nossa história baseado no argumento nativista de que “os sucessos do Brasil não mereciam menos um Poema, que os da Índia. Incitou-me a escrever este o amor da Pátria.”¹⁴ Essa afirmação do amor à Pátria tem gerado, injustamente, muita polêmica, pois Durão e outros poetas coloniais falavam da “pátria” não se referindo propriamente a um país, mas normalmente ao local de nascimento, em que Minas Gerais tornou-se um símbolo, como em Cláudio Manuel da Costa (“Depois de haver escrito o meu Poema da fundação de Vila Rica,

¹² MAGALHÃES, Pablo Antonio Iglesias. Um códice perdido de José de Santa Rita Durão. A tradução portuguesa do Ensaio Sobre a Poesia Épica, de Voltaire (Lisboa, 1783). *Varia História*. Belo Horizonte, vol. 37, n. 75, p. 779-811, set/dez 2021.

¹³ CANDIDO, Antonio. Movimento e parada (no *Caramuru*). In: _____. *Na sala de aula*. 2ed. São Paulo: Ática, 1986, p. 10.

¹⁴ DURÃO, Frei José de Santa Rita. *Caramuru*. Poema épico do descobrimento da Bahia. Lisboa: Régia Oficina Tipográfica, 1781, p. 3.

Capital das Minas Gerais, minha Pátria...”),¹⁵ ou Alvarenga Peixoto (“Isto, que Europa barbaria chama,/ Do seio das delícias, tão diverso,/ Quão diferente é para quem ama/ Os ternos laços de seu pátrio berço!”).¹⁶

Vivendo numa época em que a literatura brasileira em formação buscava consolidar sua maioridade, só conseguida nas primeiras décadas do século XIX, Durão participou, com outros poetas árcades, do cultivo da epopeia clássica num verdadeiro canto de cisne dessa forma literária. O seu poema épico *Caramuru*, segundo o modelo camoniano, dividiu a crítica literária, a partir do século XIX, que não compreendia que a imitação poética dos grandes modelos de Homero, Virgílio e Camões era uma regra aristotélica que continuava a ser utilizada pelos poetas sob a égide do classicismo do século XVIII. Seu poema, escrito num momento de efervescência política quando se questionava o domínio colonial europeu e se articulava o fim da Ordem fundada por Inácio de Loyola, acaba refletindo uma visão que se tem como passadista de mundo por exaltar a colonização portuguesa e o trabalho missionário da Companhia de Jesus. Os que criticavam Durão, por ter escolhido a forma tradicional da epopeia para contar as aventuras do naufrago português, talvez não tenham percebido que o poema *Caramuru* fundamenta-se numa história ambientada no século XVI escrita por um poeta da segunda metade do século XVIII que tornou o passado, presente, obedecendo à verossimilhança, regra fundamental da narrativa épica.

Por outro lado, como lembra Ronald Polito, “é natural que seu nome seja dos mais importantes para compreendermos

¹⁵ PROENÇA FILHO, Domício (Org.). *A poesia dos Inconfidentes*. Poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 357.

¹⁶ PROENÇA FILHO, Domício (Org.). *A poesia dos Inconfidentes*. Poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 976.

a criação de um certo imaginário, uma certa ideia de Brasil, que opera com o engrandecimento das nossas riquezas naturais e culturais para a afirmação de nossas potencialidades históricas, temas tão presentes no romantismo e no modernismo brasileiros.”¹⁷

A história do seu herói romanesco – Diogo Álvares Correia, o Caramuru – foi valorizada e atacada até ser estudada com profundidade por Francisco Adolfo de Varnhagen.¹⁸ O célebre historiador brasileiro procurou demonstrar que, das muitas fábulas em torno da vida de Caramuru, a primeira que não tinha foros de verdade era a pretensa viagem à França de Diogo e Paraguaçu, onde teriam se casado tendo como padrinhos os reis Henrique II e Catarina de Médicis. Apesar de Varnhagen não ter encontrado qualquer registro da presença de Caramuru e Paraguaçu na França, alertou J.F. de Almeida Prado que havia, em arquivos canadenses, documentos relativos a Jacques Cartier, mencionando o batismo de Catarina Paraguaçu em França.¹⁹ E, “pesquisas recentes, no entanto, localizaram no Arquivo Municipal de Saint Malo, no livro paroquial de 1526-1533, o registro de batismo de “Katherine du Brésil”, realizado na data de 30 de julho de 1528, na igreja local. Ali consta o nome dos padrinhos: Guyon Jamyn, reitor de Saint-Jagu, e Katherine des Granches Le Gobien, filha do procurador do rei em Saint Malo e esposa do navegador Jacques Cartier.”²⁰

¹⁷ DURÃO, José de Santa Rita. *Caramuru*. Poema épico do descobrimento da Bahia. Edição de Ronald Polito. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. XXII.

¹⁸ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “O Caramurú perante a História”. In: *Revista Trimestral de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. 1º Trimestre de 1848. 2ed. Rio de Janeiro: Typ. de João Ignacio da Silva, tomo 10, 1870, pp. 127-152.

¹⁹ PRADO, J. F. de Almeida. *Primeiros povoadores do Brasil (1500-1530)*. 5 ed. São Paulo: Nacional, 1976, p. 99.

²⁰ OLIVEIRA, João Pacheco de. *Catarina Paraguaçu, senhora do Brasil: três alegorias para uma nação*. Salvador: UFBA, 2016, p. 37.

A vida do personagem histórico Diogo Álvares, que naufragou na Baía de Todos os Santos em torno de 1510, se tornou conhecida, sobretudo, a partir da chegada, em 29 de março de 1549, do primeiro governador-geral do Brasil, Tomé de Sousa, para fundar a capital da colônia, Salvador. Tomé de Sousa vinha acompanhado de Manuel da Nóbrega, que trazia a primeira missão jesuítica para as Américas. Assim, Nóbrega conheceu o Caramuru que foi o personagem central para o sucesso do contato dos jesuítas com os povos indígenas da região da Bahia onde iniciaram a colonização.²¹

Depois da morte de Diogo Álvares, em 5 de outubro de 1557, sendo enterrado no Mosteiro de Jesus, começaram a surgir narrativas sobre a sua vida, destacando sua liderança entre os indígenas que lhe deram o nome de Caramuru, peixe da espécie das moreias que se transformou na pena de Durão em o filho do trovão. No século XVII surgiu o principal estudo histórico sobre a vida de Diogo Álvares, inserido na obra do padre Simão de Vasconcelos, publicada em 1663,²² contendo as notícias mais relevantes sobre suas aventuras no mundo indígena, o seu amor por Paraguaçu e a viagem à França. No século XVIII surgiu o segundo estudo que moldou quase definitivamente o retrato que se veio a conhecer de Diogo Álvares, o Caramuru: a publicação, em 1730, da *História da América Portuguesa*, de Sebastião da Rocha Pita.²³ Mas o perfil mais verdadeiro de Caramuru foi traçado no século XX por J.F. de Almeida Prado:

²¹ NÓBREGA, Manuel da. *Obra completa*. Edição do 5º centenário. Organização de Paulo Roberto Pereira. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2017.

²² VASCONCELLOS, Padre Simão de. *Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil*. Segunda edição correcta e augmentada. Lisboa: A. J. Fernandes Lopes, MDCCCLXV, volume primeiro, p. 24-28. (Primeira edição 1663).

²³ PITTA, Sebastião da Rocha. *Historia da America Portuguesa*. Lisboa Occidental: Officina de Joseph Antonio da Sylva, MDCCXXX, pp. 57-60.

Homem brando de natureza conciliou a amizade dos silvícolas entre os quais vivia. Desambicioso, não procurou penetrar pelo sertão adentro à procura de ouro, nem escravizar índios, nem vendê-los. Contentou-se em cultivar a terra, criar filhos e intervir junto a seus parentes por afinidade a favor dos europeus que os elementos atraíam à praia.²⁴

Sendo Diogo Álvares Correia, o Caramuru, um dos primeiros povoadores europeus do Brasil, nota-se que “é o seu comportamento, conflituoso e ambivalente, ante duas culturas e em face dos componentes dessa sociedade ‘primitiva’ já em fase de miscigenação, que faz de Diogo Álvares um dos protótipos do homem marginal no Brasil quinhentista.”²⁵ E não custa lembrar que “na perspectiva da nossa formação histórica, Diogo-Caramuru é paradigma do encontro das culturas que compuseram a sociedade brasileira e dialogaram muitas vezes em pé de igualdade, até que a ocidental predominasse em todos os setores.”²⁶

Os diferentes escritos de José de Santa Rita Durão publicados em primeira edição foram compulsados por Rubens Borba de Moraes.²⁷ Examinando esses textos facilmente se chega à conclusão que a obra literária de Durão se resume basicamente ao poema épico em dez cantos, o *Caramuru*, publicado em Lisboa em 1781, que mereceu uma edição crítica exemplar²⁸

²⁴ PRADO, J. F. de Almeida. *Primeiros povoadores do Brasil* (1500-1530). 5 ed. São Paulo: Nacional, 1976, p. 98.

²⁵ PEREIRA, Carlos de Assis. *Fontes do Caramuru de Santa Rita Durão*. Assis, SP: FFCL de Assis, 1971, pp. 11-12.

²⁶ CANDIDO, Antonio. “Estrutura literária e função histórica”. In: _____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 5ed. rev. São Paulo: Editora Nacional, 1976, p. 183.

²⁷ MORAES, Rubens Borba de. *Bibliographia brasiliana*. Primeira edição brasileira. São Paulo: EDUSP, 2010, tomo I, pp. 326-329.

²⁸ DURÃO, José de Santa Rita. *Caramuru: Poema épico do descobrimento da*

e uma cuidadosa e fundamentada edição preparada por Ronald Polito.²⁹

Ainda hoje existe uma série de lendas a respeito de como Durão escreveu a sua epopeia. A mais conhecida diz que Durão ditava seu poema épico a um ex-escravizado que levava do Brasil. Essa história foi desacreditada após a excelente pesquisa de Berty Ruth Rothstein Biron que confrontou os manuscritos do poema *Caramuru*, que se encontram na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com a correspondência privada de Santa Rita Durão, demonstrando que a letra que escreveu a epopeia é a mesma que redigiu a carta.³⁰

Lembrava Varnhagen que Durão ao escrever o *Caramuru* demonstrara grande domínio do fazer literário na elaboração do seu poema épico:

A maior prova do gênio do autor do *Caramuru* é dá elle quanto a nós na maneira, como soube levantar e tornar épica e heróica uma acção e um indivíduo, que o não eram. A dicção do poema é sempre elegante e clara, a metrificação fácil e natural; e em todos os elementos necessários ao poeta se mostra Durão merecedor de tratar dos mais sublimes assumptos.³¹

Baía. Edição crítica de Amadeu Torres. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2008.

²⁹ DURÃO, José de Santa Rita. *Caramuru*. Poema épico do descobrimento da Bahia. Edição de Ronald Polito. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

³⁰ BIRON, Berty Ruth Rothstein. Luzes, razão e fé em Caramuru. In: TEIXEIRA, Ivan (Org.). *Multiclássicos épicos*. São Paulo: EDUSP, 2008, pp. 324-325.

³¹ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Biographia de Fr. José de Santa Rita Durão. In: DURÃO, frei José de Santa Rita. *Caramuru*. Organização Francisco Adolfo de Varnhagen. In: *Épicos brasileiros*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1845, p. 412. Idem: DURÃO, frei José de Santa Rita. *Caramuru*. Poema Épico do Descobrimento da Bahia. Primeira edição brasileira com uma biographia feita pelo Visconde de Porto Seguro. Rio de Janeiro: Edictor, Mamiliano da C. Honorato, 1878, pp. V e VI.

Assim, após Varnhagen, a crítica literária no Brasil passou a examinar o poema de Durão sob nova ótica, a começar por Sílvio Romero, que tinha o *Caramuru* como “o poema mais brasileiro que possuímos”,³² pelo nativismo e a valorização da natureza geográfica tão decantada na época colonial. Essa é também a visão de José Veríssimo, que via no livro de Durão “o nosso poema nacional”; contudo, criticava Veríssimo as escolhas que fizera o poeta e padre, argumentando que “Santa Rita Durão, porém, apenas tinha boas intenções, mal servidas por um medíocre talento poético.”³³ Esse juízo excessivamente rigoroso de Veríssimo sobre o estro poético de Durão parece que não desanimou a crítica favorável à epopeia do *Caramuru*, pois, nas comemorações do segundo centenário de nascimento de Frei José de Santa Rita Durão, realizada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ressaltou Eugênio Vilhena de Moraes ser Durão “o mais brasileiro dos poetas coloniais”.³⁴ Claro está que Vilhena de Moraes quis ressaltar o vastíssimo inventário de plantas e animais do Brasil incluídos por Durão na sua epopeia, destacando os personagens históricos que foram criando um retrato patriótico do Brasil. Essa também foi a proposta de Povina Cavalcanti, ressaltando o patriotismo de Durão, vendo no *Caramuru* um canto de brasilidade.³⁵ No entanto, a parte mais consistente do estudo de Povina Cavalcanti é a dedicada ao episódio da morte de Moema.

Os personagens históricos Diogo Álvares, o Caramuru, e sua mulher Catarina Paraguaçu, juntamente com o poema de

³² ROMERO, Sylvio. *História da literatura brasileira*. Organizada e prefaciada por Nelson Romero. 6 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960, tomo segundo, p. 420.

³³ VERÍSSIMO, José. O “Caramuru”, de Santa Rita Durão. In: _____. *Estudos de literatura brasileira*. 2a série. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1977. p. 69-75.

³⁴ MORAES, Eugênio Vilhena de. Segundo centenário de nascimento de frei José de Santa Rita Durão. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo 99, v. 153, 1926, pp. 185-218.

³⁵ CAVALCANTI, Povina. *Telhado de vidro*. Rio de Janeiro: A Pernambucana, 1928, pp. 81-141.

Santa Rita Durão, têm ensejado diferentes olhares em estudos e edições, como a Dissertação de Mestrado de Luiz Tosta Paranhos,³⁶ o estudo de Claude L. Hulet,³⁷ o ensaio de Luciana Gama³⁸ e o trabalho de Renira Lisboa de Moura Lima.³⁹ Provavelmente, a pesquisa mais exaustiva sobre Diogo Álvares se deve a Janaína Amado ao ressaltar que “a história do Caramuru tem-se constituído, desde o século XVI, em uma das narrativas preferidas de brasileiros, portugueses e pessoas de outras nacionalidades quando querem falar a respeito do Brasil e estabelecer uma origem para esse país.”⁴⁰

Como um dos principais poemas épicos da história literária brasileira, o *Caramuru* passou a ser visto como um livro paradigmático por manter permanente interesse no confronto com a obra de Basílio da Gama. Além disso, o *Caramuru* passou a ser analisado pelo significado transcendente que possuiria ao valorizar a miscigenação racial entre um europeu e uma nativa da América, transformando-se em precursor de nova civilização nos trópicos nascida da mistura de branco com índio.

O *Caramuru* tem sido elogiado como precursor do indianismo brasileiro, mas a obra de Durão não resultou da observação direta sobre a realidade nacional, pois, como se sabe, o frade e poeta

³⁶ PARANHOS, Luiz Tosta. *A construção do mundo épico de Caramuru*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 1973 (Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira).

³⁷ HULET, Claude L. *Caramuru: uma chamada à grandeza. Retrospecto e profecia*. In: *Anais do Congresso Portugal no século XVIII: de D. João V à Revolução Francesa*. Lisboa: Universitária Editora, 1991, pp. 423-432.

³⁸ GAMA, Luciana. “A Retórica do Sublime no Caramuru: Poema Épico do Descobrimento da Bahia”. In: *Revista USP, Dossiê Brasil Colônia*, n. 57, pp. 122-37, mar.-mai./2003.

³⁹ LIMA, Renira Lisboa de Moura. *A morte de Moema: uma imprecisão na literatura brasileira*. Maceió: EDUFAL, 2000.

⁴⁰ AMADO, Janaína. Míticas origens: Caramuru e a fundação do Brasil. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, 25, pp. 3-39, 2000, p.5

partiu do Brasil aos 9 anos sem nunca mais retornar à terra em que nasceu.

A história do personagem quinhentista Caramuru foi apresentada de duas formas: por historiadores, como Simão de Vasconcellos e Rocha Pitta; e por poetas, como Gregório de Matos, em famoso soneto; e, particularmente, por Santa Rita Durão na sua emblemática epopeia.

Gregório de Matos, no século XVII, escreveu uma série de 5 sonetos dedicados “Aos principais da Bahia chamados os Caramurus”. Esses poemas se tornaram violenta “sátira às pretensões de fidalguia da elite baiana, uma elite mestiça que gostava de auto-proclamar-se branca,”⁴¹ conforme se pode conferir no retrato que o “Boca de Inferno” traçou dos “Adãos de Massapé”:

Há coisa como ver um Paiaia/
Mui prezado de ser Caramuru,
/ Descendente de sangue de Tatu,
/ Cujo torpe idioma é cobé pá.
/ A linha feminina é carimá/
/ Moqueca, pititinga caruru/
/ Mingau de puba, e vinho de caju/
/ Pisado num pilão de Piraguá.
/ A masculina é um Aricobé/
/ Cuja filha Cobé um branco Paí/
/ Dormiu no promontório de Passé.
/ O Branco era um marau, que veio aqui,
/ Ela era uma Índia de Maré/
/ Cobé pá, Aricobé, Cobé Paí.⁴²

O poema épico *Caramuru* está dividido em 10 cantos. Destacam-se como os momentos mais significativos da epopeia:

O canto I do *Caramuru* é feito de estrofes quase etnográficas descrevendo as tribos indígenas da Bahia. O poeta Santa Rita Durão se preocupa em descrever os rituais antropofágicos, como na estrofe XVII:

⁴¹ AMADO, Janaína. Míticas origens: Caramuru e a fundação do Brasil. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, 25, pp. 3-39, 2000, p. 8.

⁴² MATOS, Gregório de. *Obra poética*. Edição James Amado. Preparação e notas de Emanuel Araújo. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 1990, volume I, p. 640.

Correm, depois de crê-lo, ao pasto horrendo,
 E, retalhando o corpo em mil pedaços,
 Vai cada um famélico trazendo,
 Qual um pé, qual a mão, qual outro os braços.
 Outros na crua carne iam comendo,
 Tanto na infame gula eram devassos.
 Tais há que as assam nos ardentes fossos,
 Alguns torrando estão na chama os ossos.⁴³

Ainda no Canto I, estrofe LXXVIII, visualiza-se a cena do prisioneiro no terreiro da taba indígena para ser sacrificado, que recorda as descrições feitas por Hans Staden e José de Anchieta sobre o ritual antropofágico:

“A roda, à roda!” A multidão fremente
 Com gritos corresponde à infame ideia,
 Enquanto o fero em gesto de valente
 Bate o pé, fere o ar e um pau maneia.
 Ergue-se um e outro lenho, onde o paciente
 Entre prisões d’embira se encadeia;
 Fogo se acende nos profundos fossos,
 Em que se torrem com a carne os ossos.⁴⁴

O Canto II confirma a observação de Antonio Cândido de que o *Caramuru* é um poema essencialmente guerreiro, embora com episódios líricos e amorosos. Veja-se, por exemplo, a ênfase na estrofe IV do Canto II ao traduzir o espírito épico:

E hei de agora (infeliz!) ver fraco e inerme
 Que dos meus vá fazer um pasto horrendo

⁴³ DURÃO, José de Santa Rita. *Caramuru*. Poema épico do descobrimento da Baía [sic]. Edição crítica de Amadeu Torres. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2008, p. 51. Todas as citações do poema *Caramuru* são por essa edição.

⁴⁴ DURÃO, José de Santa Rita. *Caramuru*. Poema épico do descobrimento da Baía. Edição crítica de Amadeu Torres. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2008, p. 66.

Essa patrulha vil! Que agora enferme!
Que me veja sem força em febre ardendo!
Ah! Se pudera em meu vigor já ver-me!
Que ardor sinto em meu peito de ir rompendo
E turba vil fazendo em mil pedaços,
Truncar pescoços, mãos, cabeças, braços!⁴⁵

No transcorrer das primeiras estrofes do Canto II tem-se o encontro de Diogo com o cacique Gupeva, principal dos tupinambás. Diogo atrai Gupeva para a fé católica e este aceita abandonar o canibalismo pelos valores cristãos, como na estrofe XXXI:

Mas crendo rude, como então vivia,
Que fosse cousa viva a imagem santa,
Que por Mãe de Tupá tudo sabia,
Tendo poder conforme a glória tanta,
Repete o que ouve a Diogo com voz pia
E à Mãe de Deus o coração levanta.
E encostando entre os rogos a cabeça,
Faz a noite e o desvelo que adormeça.⁴⁶

No Canto II, estrofes XLIII a XLVI, encontra-se a cena de Diogo abatendo uma ave com um tiro e recebendo o nome de Caramuru pelos indígenas.

XLIII - Não era assim nas aves fugitivas,
Que umas frechava no ar, e outras em laços
Com arte o caçador tomava vivas;
Uma, porém, nos líquidos espaços

45 DURÃO, José de Santa Rita. *Caramuru*. Poema épico do descobrimento da Baía. Edição crítica de Amadeu Torres. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2008, p. 71.

46 DURÃO, José de Santa Rita. *Caramuru*. Poema épico do descobrimento da Baía. Edição crítica de Amadeu Torres. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2008, p. 78.

Faz com a pluma as setas pouco ativas,
Deixando a lisa pena os golpes laços;
Toma-a de mira Diogo e o ponto aguarda:
Dá-lhe um tiro e derriba-a co' a espingarda.

XLIV - Estando a turba longe de cuidá-lo,
Fica o bárbaro ao golpe estremecido,
E cai por terra no tremendo abalo
Da chama, do fracasso e do estampido:
Qual do hórrido trovão com raio e estalo
Algum junto aquém cai, fica aturdido,
Tal Gupeva ficou, crendo formada
No arcabuz de Diogo uma trovoadá.

XLV - Toda em terra prostrada, exclama e grita
A turba rude em mísero desmaio,
E faz o horror que estúpida repita
“Tupá Caramuru!”, temendo um raio.
Pretendem ter por Deus, quando o permita
O que estão vendo em pavoroso ensaio:
Entre horríveis trovões do márcio jogo,
Vomitar chamas a abrasar com fogo.

XLVI - Desde esse dia, é fama que por nome
Do grão Caramuru foi celebrado
O forte Diogo; e que escutado dome
Este apelido o bárbaro espantado.
Indicava o Brasil no sobrenome,
Que era um dragão dos mares vomitado:
Nem d'outra arte entre nós a antiga idade
Tem Jove, Apolo e Marte por deidade.⁴⁷

⁴⁷ DURÃO, José de Santa Rita. *Caramuru*. Poema épico do descobrimento da Baía. Edição crítica de Amadeu Torres. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2008, p. 81-82.

Nas estrofes LXXVII a LXXX deste Canto II, o narrador apresenta o perfil feminino de Paraguaçu, emoldurado na imagem de madona europeia: “de cor tão alva como a branca neve”. Em seguida, acontece o encontro de Diogo com Paraguaçu em que os amantes prometem fidelidade, adotando Paraguaçu o cristianismo como religião, incorporando-se aos valores culturais do branco europeu, que lembra a decisão de La Malinche em ficar ao lado de Hernán Cortés na conquista do México (estrofes LXXXI a XCI).

O Canto III é, de certo modo, uma longa discussão teológica confirmada nas notas apenas em que se exaltam os valores do cristianismo contra “os deístas, libertinos e materialistas”. O canto começa com a fala de Gupeva apresentando a Diogo a religião dos indígenas em comparação com a cristã. A narrativa enfatiza que os selvagens estão prontos para abraçar o catolicismo sob a condução de Diogo Caramuru que recorda as célebres palavras de Pero Vaz de Caminha de que os nativos encontrados na viagem de Pedro Álvares Cabral estavam prontos para aceitar a fé cristã.⁴⁸ Das estrofes XXXII a XXXV se descreve o Jardim do Paraíso que lembra um bosque pagão com suas deusas e Cupido atirando as flechas do Amor:

*XXXII - Há do ameno jardim na vasta entrada
 Uma grã porta de safiras belas,
 Onde da etérea luz reverberada
 Se pinta em vasto fundo um mar de estrelas:
 Toda ela em torno, em torno decorada
 De floridas belíssimas capelas;
 Junto voragem há de um precipício,
 Que sorve a quem se encosta infecto em vício.
 XXXIII - Veem-se dentro campinas deleitosas,
 Geladas fontes, árvores copadas,*

⁴⁸ PEREIRA, Paulo Roberto. *Os três únicos testemunhos do descobrimento do Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

*Outeiros de cristal, campos de rosas,
Mil frutíferas plantas delicadas;
Coberto o chão das frutas mais mimosas,
Com mil formosas cores matizadas;
E, à maneira, entre as flores, de serpentes
Vão volteando as líquidas correntes.*

*XXXIV - Latadas de martírios há sombrias,
Que com a rama e flor formam passeios,
Onde passam sem calma os claros dias
Gozando sem temor de mil recreios.
Chuvas ali não há, nem brumas frias,
Nem das procelas bórridas receios;
Nem há na primavera e verdes maíos
Quem receie o trovão, nem tema os raios.*

*XXXV - Entre o sussurro ali das fontezinhas,
Harmônica se escuta a voz sonora,
Com que mil inocentes avezinhas
Entoam a alvorada à fresca aurora;
Muitas com voos vão ao céu vizinhas,
Outra segue o consorte, a quem namora,
E, mil doces requebros gorjeando,
De raminho em raminho vai saltando.⁴⁹*

Depois de Gupeva descrever o idealizado Jardim das Delícias dos indígenas, Diogo Caramuru questiona a ausência de Deus ou Tupá nesse Paraíso, numa fala de penitente que busca consolação divina:

*XLII - “Que valem (disse ao bárbaro ignorante)
Jardins, flores, delícias e prazeres,
Faltando o objeto enfim mais importante,*

⁴⁹ DURÃO, José de Santa Rita. *Caramuru*. Poema épico do descobrimento da Baía. Edição crítica de Amadeu Torres. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2008, p. 102-103.

*Que é a face de Tupá? Pois de a não veres,
Todo outro bem, que gozes por brilhante,
Por belo, por maior que o conceberes,
Para a nossa cobiça mal saciada
É vil, é vão, é pouco, é fumo, é nada.⁵⁰*

O Canto IV traz, nas 9 primeiras estrofes, a cena idílica de Paraguaçu em um *locus amoenus*, dormindo na natureza acolhedora, observada por Jararaca, líder dos caetés, que se apaixona pela bela nativa tupinambá ao vê-la na plenitude da beleza. Da estrofe X em diante o cacique Jararaca move guerra contra os tupis pelo despeito de não conseguir que Paraguaçu se case com ele. Os tupinambás, liderados por Gupeva, Paraguaçu e Caramuru, enfrentam as tribos aliadas de Jararaca. Ao final da guerra Diogo e Paraguaçu, juntamente com Gupeva, derrotam os caetés, depois de longa e terrível batalha.

É interessante observar, nesse Canto IV, entre as estrofes XXXI e XXXV, como o cacique Jararaca apela para as tribos aliadas não se submeterem a Caramuru e a Gupeva, ecoando a mesma denúncia que se encontra em *O Uruguai* de que os povos originários seriam submetidos à escravidão pelos brancos europeus:

XXXIV - Se o sacro ardor, que ferve no meu peito,
Não me deixa enganar, vereis que um dia
(Vivendo esse impostor) por seu respeito
Se encherá de emboabas a Bahia.
Pagarão os Tupis o insano feito;
E vereis entre a bélica porfia
Tomar-lhe esses estranhos, já vizinhos,
Escravas as mulheres co'os filhinhos.

XXXV - Vereis as nossas gentes desterradas,
Entre os tigres viver no sertão fundo,

⁵⁰ DURÃO, José de Santa Rita. *Caramuru*. Poema épico do descobrimento da Baía. Edição crítica de Amadeu Torres. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2008, p. 105.

Cativa a plebe, as tabas arrombadas;
 Levando, para além do mar profundo,
 Nossos filhos e filhas desgraçadas
 Ou, quando as deixam cá, no nosso mundo,
 Poderemos sofrer, Paiaíás bravos,
 Ver filhos, mães e pais feitos escravos?⁵¹

O Canto V é a continuação da guerra entre os caetés, liderados por Jararaca, e os tupis, chefiados Gupeva, Diogo e Paraguaçu. Durão expõe diferentes vozes na cena épica ao descrever a guerra travada entre povos que não se submetem ao domínio colonial e jesuítico e as tribos que aceitam a conversão aos valores cristãos.

Assumindo a forma de uma epopeia didática, elaborada como instrumento de promoção do Estado português, *Caramuru* defende a violência como meio necessário e justificado de manutenção da ordem colonial, caso se mostrassem insuficientes as estratégias pacíficas.⁵²

O auge da guerra acontece entre as estrofes XXXI a LII quando o cacique Jararaca é morto por Diogo e seu grupo nativo se submete a Caramuru, o novo líder dos indígenas da Bahia, numa festa de confraternização que termina na estrofe LXXV deste Canto V.

LII - Cai Jararaca em terra ao mesmo instante,
 Qual penhasco que do alto se derroca,
 Quando o raio, que o arroja fulminante,

⁵¹ DURÃO, José de Santa Rita. *Caramuru: Poema épico do descobrimento da Baía*. Edição crítica de Amadeu Torres. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2008, p. 129.

⁵² RIBEIRO, Elzimar Fernanda Nunes. A representação do Brasil no poema épico *Caramuru*. *Anais do SILEL*. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009.

Desde cima o arrancou da excelsa roca.
Num rio a terra se banhou fumante
Do negro sangue, donde pondo a boca
Morde raivoso a areia em que caíra,
E o torpe alento com a vida expira.⁵³

Fazendo uma reflexão sobre a proposta de Durão em descrever o universo indígena fica-se com a impressão de que esses versos do Canto V demonstram que, mesmo derrotado, o grande chefe Jararaca lembra Aimberê, o heroico líder indígena do século XVI que, vencido pelas forças militares do governador Mem de Sá, ficou na memória como símbolo da resistência indígena aos conquistadores europeus de sua terra.

No Canto VI sobrepõe-se a figura de Moema. Pela pena de Durão surge um dos mais famosos episódios da epopeia: a história de amor de Moema por Caramuru. Essa personagem ficcional, inventada por Durão, tornou-se a grande musa da epopeia, suplantando a própria Paraguaçu, a heroína da história. O destaque que a personagem Moema assume no livro Caramuru é produzido num episódio de 8 estrofes, se não incluirmos a estrofe IV, deste Canto VI, em que o pai de Moema, cacique Xerenimbó, a oferece a Diogo:

IV. Tuibaé, dos Tapuias chefe antigo,
Tiapira lhe oferece celebrada;
E com a mão da filha deixa amigo
Uma ilustre aliança confirmada.
Xerenimbó trazia-lhe consigo
A formosa Moema já negada
A muitos principais, por dar-lhe esposo
Digno do tronco de seus pais famoso.⁵⁴

⁵³ DURÃO, José de Santa Rita. *Caramuru*. Poema épico do descobrimento da Baía. Edição crítica de Amadeu Torres. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2008, p. 157.

⁵⁴ DURÃO, José de Santa Rita. *Caramuru*. Poema épico do descobrimento da

Lembra Sérgio Buarque de Holanda⁵⁵ que a morte de Moema recebeu nítida influência de Virgílio, dos épicos renascentistas italianos Ariosto e Tasso, além de Camões na história de Dona Inês de Castro e d. Pedro, “Aquele que depois a fez Rainha”.⁵⁶ Sem contar que a morte de Lindoia em *O Uruguai* certamente influenciou a de Moema, embora Lindoia morra em um jardim e Moema no mar.

Desde Homero que nas epopeias ocidentais consta o tema da personagem feminina abandonada que morre de e por amor. Moema não foge a esse destino funesto. Lembra, com razão, Berty Ruth Rothstein Biron que “Moema é a última possibilidade de impedir-se a assimilação total do mundo indígena pela civilização europeia, e sua morte exalta o espírito de sacrifício do mundo não civilizado. Por isso, Moema morre com a dignidade do herói épico.”⁵⁷

A Moema de Santa Rita Durão ao ganhar vida própria tornou-se inspiração para os dois principais poetas brasileiros do romantismo. Gonçalves Dias, nosso principal poeta indianista, escreveu na Bahia, em 1852, o poema “A uma poetisa”, em que Paraguaçu e Moema são motivos para seu canto plangente de amor:

“A uma poetisa”
 - Donde vens, viajor?
 - De longe venho.
 - Que viste?

Baía. Edição crítica de Amadeu Torres. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2008, p. 165.

⁵⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de Literatura Colonial*. Edição de Antônio Cândido. São Paulo: Brasiliense, 1991, especialmente 108-110.

⁵⁶ CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Edição organizada por Antônio José Saraiva. Porto: Figueirinhas/Rio de Janeiro: Padrão, 1978, canto III, estrofe 132.

⁵⁷ BIRON, Berty Ruth Rothstein. Luzes, razão e fé em Caramuru. In: TEIXEIRA, Ivan (Org.). *Multiclássicos épicos*. São Paulo: EDUSP, 2008, p. 334.

- Muitas terras.
- E qual delas
Mais te soube agradar?
- São todas belas;
Fundas recordações de todas tenho.
- E admiraste o quê?

- Ah! onde as flores
Cada vez a manhã tornam mais linda,
Onde gemeu Paraguaçu de amores
E os ecos falam de Moema ainda;

Ali, Safo cristã, virgem formosa,
A vida aos sons da lira dulcifica:
D’escutar a sereia harmoniosa
Ou de vê-la, a vontade presa fica!⁵⁸

Quinze anos depois, em 1867, Castro Alves escreveu o poema *Quem dá aos pobres empresta a Deus*, dedicado às famílias dos soldados brasileiros mortos na guerra do Paraguai e incluído no livro *Espumas Flutuantes*. Na terceira estrofe desse poema de preocupação social e essencialmente pacifista, o poeta baiano resgata a musa do livro *Caramuru*, exaltando a figura de Moema:

E foram grandes teus heróis, ó pátria,
— Mulher fecunda, que não cria escravos —,
Que ao trom da guerra soluçaste aos filhos:
“Parti — soldados, mas voltai-me — bravos!”

E qual Moema desgrenhada, ativa,
Eis tua prole, que se arroja então,

⁵⁸ DIAS, Gonçalves. *Poesia e Prosa Completas*. Organização de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998, p. 281.

De um mar de glórias apartando as vagas
Do vasto pampa no funéreo chão.⁵⁹

O famoso episódio literário da morte de Moema da epopeia Caramuru transitou para outras formas artísticas como a ópera. Mas foi nas artes plásticas que a bela tupinambá, abandonada por Diogo, acabou sendo motivo de grande interesse, como comprovam as pinturas produzidas no século XIX pelos dois principais pintores, Victor Meirelles e Pedro Américo.⁶⁰ O principal exemplo é o quadro “Moema” de Víctor Meirelles, de 1866; além da escultura, também batizada de “Moema”, de Rodolpho Bernardelli, de 1895. A transposição da personagem literária de Durão para a linguagem visual de Víctor Meirelles confirma a benéfica influência do nativismo/indianismo na cultura brasileira do século XIX, cujos exemplos paradigmáticos são as criações literárias de Gonçalves Dias e José de Alencar. Mais de um estudioso aproximou a Moema de Durão à Iracema de Alencar, provavelmente as duas mais celebradas mulheres indígenas que na cultura brasileira morrem, metaforicamente, de amor. A discussão em torno da personagem Moema, oriunda do poema Caramuru, que transitou de Santa Rita Durão para Victor Meirelles e outros criadores, foi sintetizada no primoroso estudo de Alexander Gaiotto Miyoshi, ao fazer exaustivo levantamento do tema da mulher morta, ressaltando que “comprovar influências não é o mais importante. Importa compreender as relações mútuas entre fontes literárias e pictóricas, suas representações, o fascínio causado por essas imagens e principalmente Moema

⁵⁹ ALVES, Castro. *Obra completa*. Edição comemorativa do sesquicentenário. Organização de Eugênio Gomes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p. 81.

⁶⁰ Miyoshi, Alexander Gaiotto. *Moema é morta*. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP : [s. n.], 2010.

em sua excepcionalidade, nua de corpo inteiro,”⁶¹ como a idealizou Victor Meirelles.

A Moema nascida em 1781 num episódio do poema de Santa Rita Durão renasceu em 1860 na pintura de Víctor Meirelles. Mas, como uma Fênix, Moema renasceu novamente em 2001 no filme *Caramuru – A Invenção do Brasil*, de Guel Arraes, roteirizado por ele e Jorge Furtado, em que se utiliza uma verve bem atual ao apresentar o primeiro triângulo amoroso da história do Brasil.⁶² Agora, em pleno século XXI, provavelmente Moema voltará a nascer na arte brasileira como símbolo alegórico de um país que, a cada século, renasce das cinzas do tempo.

No *Caramuru* de Santa Rita Durão o episódio da decepção amorosa de Moema, que morre afogada diante do navio de Diogo, encontra-se nas estrofes XXXVI a XLIII.

XXXVI - É fama então que a multidão formosa
Das damas, que Diogo pretendiam,
Vendo avançar-se a nau na via undosa,
E que a esperança de o alcançar perdiam:
Entre as ondas com ânsia furiosa,
Nadando, o esposo pelo mar seguiam,
E nem tanta água que flutua vaga
O ardor que o peito tem, banhando apaga.

XXXVII - Copiosa multidão da nau francesa
Corre a ver o espetáculo assombrada;
E, ignorando a ocasião de estranha empresa,
Pasma da turba feminil que nada.
Uma, que às mais precede em gentileza,
Não vinha menos bela do que irada;

⁶¹ Miyoshi, Alexander Gaiotto. *Moema é morta*. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP : [s. n.], 2010, p. 57.

⁶² ARRAES, Guel - *Caramuru – A Invenção do Brasil*. Brasil: Globo Filmes, 2001. (DVD) (100 min.) Direção: Guel Arraes; roteiro: Guel Arraes e Jorge Furtado.

Era Moema, que de inveja geme,
E já vizinha à nau se apega ao leme.

XXXVIII “— Bárbaro (a bela diz) tigre e não homem...
Porém o tigre, por cruel que brame,
Acha forças amor que enfim o domem;
Só a ti não domou, por mais que eu te ame.
Fúrias, raios, coriscos, que o ar consomem.
Como não consumis aquele infame?
Mas apagar tanto amor com tédio e asco...
Ah que o corisco és tu... raio... penhasco.

XXXIX - Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,
Quando eu a fé rendia ao teu engano;
Nem me ofenderas a escutar-me altivo,
Que é favor, dado a tempo, um desengano;
Porém, deixando o coração cativo,
Com fazer-te a meus rogos sempre humano,
Fugiste-me, traidor, e desta sorte
Paga meu fino amor tão crua morte?

XL - Tão dura ingratidão menos sentira
E esse fado cruel doce me fora,
Se a meu despeito triunfar não vira
Essa indigna, essa infame, essa traidora.
Por serva, por escrava, te seguira.
Se não temera de chamar senhora
A vil Paraguaçu, que, sem que o creia,
Sobre ser-me inferior, é néscia e feia.

XLI - Enfim, tens coração de ver-me aflita
Flutuar moribunda entre estas ondas;
Nem o passado amor teu peito incita
A um ai somente com que aos meus respondas.
Bárbaro, se esta fé teu peito irrita,
(Disse, vendo-o fugir), ah não te escondas:
Dispara sobre mim teu cruel raio..."
E indo a dizer o mais, cai num desmaio.

XLII - Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
Pálida a cor, o aspecto moribundo;
Com mão já sem vigor, soltando o leme,
Entre as salsas escumas desce ao fundo.
Mas na onda do mar, que irado freme,
Tornando a aparecer desde o profundo,
- Ah! Diogo cruel! - disse com mágoa,
E, sem mais vista ser, sorveu-se n'água.

XLIII - Choraram da Bahia as ninfas belas,
Que, nadando, a Moema acompanhavam;
E, vendo que sem dor navegam delas,
A branca praia com furor tornavam.
Nem pode o claro Herói sem pena vê-las,
Com tantas provas que de amor lhe davam;
Nem mais lhe lembra o nome de Moema,
Sem que ou amante a chore, ou grato gema.⁶³

No Canto VI, das estrofes XLV a LXXIX transcorre a viagem de Diogo e Paraguaçu no navio do comandante francês Du Plessis em direção à França. Diogo aproveita a viagem marítima para contar as origens do Brasil a Du Plessis: o descobrimento por Pedro Álvares Cabral; a divisão do mundo pelo Tratado de Tordesilhas; e a formação das capitânias do Brasil do Pará ao Rio da Prata.

O Canto VII narra, das estrofes I a XX, a chegada de Paraguaçu e Diogo à França, sendo recebido pelo rei Henrique II e pela rainha Catarina de Médicis. Paraguaçu demonstra o encanto “vendo em Paris a suma do universo”, sendo batizada com o nome da própria rainha, tornando-se Catarina Paraguaçu.

Das estrofes XXI a LXXIV, convidado pelos reis da França, descreve Diogo as riquezas do Brasil, enumerando

⁶³ DURÃO, José de Santa Rita. *Caramuru*. Poema épico do descobrimento da Baía. Edição crítica de Amadeu Torres. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2008, pp. 173-175.

os diferentes tipos de vegetais, árvores, frutos, animais e peixes da América Portuguesa, destacando algumas frutas, como o ananás:

XLIII - Das frutas do país a mais louvada
É o régio ananás, fruta tão boa,
Que a mesma natureza namorada
Quis como a rei cingi-la da coroa.
Tão grato cheiro dá, que uma talhada
Surpreende o olfato de qualquer pessoa;
Que, a não ter do ananás distinto aviso,
Fragrância a cuidará do Paraíso.⁶⁴

O Canto VII termina com a descrição da caça à baleia. O relato, em 5 estrofes, é, provavelmente, a mais perfeita representação feita na literatura brasileira da perseguição ao cetáceo que morre tentando salvar dos pescadores os filhos:

LXIX - De junho a outubro para o mar se alarga,
Qual gigante marítimo, a baleia,
Que palmos vinte seis conta de larga,
Setenta de comprido, horrenda e feia;
Oprime as águas com a horrível carga,
E de oleosa gordura em roda cheia,
Convida o pescador que ao mar se deite,
Por fazer, derretendo-a, útil azeite.

LXX - Tem por espinhas ossos desmarcados,
O ferro as duras peles representam,
Donde pendem mil buzios apegados,
Que de quanto lhe chupam se sustentam;
Não parecem da frente separados
Os vastos corpos que na areia assentam;
Entre os olhos medonhos se ergue a tromba,
Que ondas vomita como aquátil bomba.

⁶⁴ DURÃO, José de Santa Rita. *Caramuru*. Poema épico do descobrimento da Baía. Edição crítica de Amadeu Torres. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2008, pp. 197.

LXXI - Na boca horrível, como vasta gruta,
Doze palmos comprida a língua pende.
Sem dentes, mas da boca imensa e bruta
Barbatanas quarenta ao longo estende.
Com elas para o estômago transmuta
Quanto por alimento na água prende,
O peixe ou talvez carne, e do elemento
A fez imunda, que lhe dá sustento.

LXXII - Duas asas nos ombros tem por braços,
Que aos lados vinte palmos se difundem,
Com asa e cauda os líquidos espaços
Batendo remam, quando o mar confundem;
E excitando no pélagos fracassos,
Chorros de água nas naus de longe infundem;
E, andando o monstro sobre o mar boiante,
Crê que é ilha o inexperto navegante.

LXXIII - Brilha o materno amor no monstro horrendo,
Que, vendo prevenida a gente armada,
Matar se deixa na água combatendo,
Por dar fuga, morrendo, à prole amada.
Onde no filho o arpão caçam metendo,
Com que atraindo a mãe dentro à enseada
Desde a longa canoa se alenceia,
Ao lado de seus filhos a baleia.⁶⁵

No Canto VIII se narra, nas estrofes I a XI, a partida da França para o Brasil de Diogo e Paraguaçu no navio do francês Du Plessis. O comandante convida Diogo a transformar o Brasil numa colônia francesa, mas este recusa o pedido e declara sua fidelidade a Portugal.

⁶⁵ DURÃO, José de Santa Rita. *Caramuru*. Poema épico do descobrimento da Baía. Edição crítica de Amadeu Torres. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2008, pp. 204-205.

Da estrofe XII até a estrofe LXXVI, quando o navio atinge a Linha do Equador Catarina Paraguaçu entra em um transe profundo e, num êxtase, profetiza o futuro do Brasil. Narra a história da conquista do Rio de Janeiro por Villegagnon, a luta empreendida por Mem de Sá, Estácio de Sá e Arariboia no combate às forças dos criadores da França Antártica e, finalmente, a fundação da cidade do Rio de Janeiro. A narrativa descreve com grande realismo cenas de guerra entre franceses com seus aliados tamoios contra os luso-brasileiros e os indígenas temiminós chefiados pelo cacique Arariboia.

Das estrofes LXXVII a LXXXIX, Catarina, que continuava em transe, narra a tentativa dos holandeses de conquistar a Bahia. A estrofe XC, que encerra o Canto VIII, descreve o surgimento repentino de uma tormenta que interrompe a narração.

No Canto IX Catarina Paraguaçu retoma a descrição dos eventos bélicos que aconteceram no Brasil com a invasão holandesa no século XVII, quando os batavos acabaram por ocupar Pernambuco. Essa narração abrange todo o Canto IX, das estrofes I a LXXX.

No Canto X, das estrofes I a XIV, Catarina Paraguaçu tem um sonho profético vendo a Virgem Maria. E das estrofes XX a XXXVI se apresenta a história do primeiro donatário da capitania da Baía de Todos os Santos, Francisco Pereira Coutinho, morto pelos indígenas tupinambás, em 1537. Das estrofes XXXVII a XLVII narra-se o encontro da imagem de Nossa Senhora da Graça, por Catarina Paraguaçu.

XLVII - Por santa invocação foi aclamada
A senhora da Graça, e com fé pia
Foi desde aquele dia venerada
Singular Protetora da Bahia.
Igreja primitiva dedicada
Em meio às trevas dessa gente ímpia,
Memorável (se a fama é verdadeira)
Porque em todo o Brasil fora a primeira.⁶⁶

⁶⁶ DURÃO, José de Santa Rita. *Caramuru*. Poema épico do descobrimento da Baía.

Das estrofes XLVIII a LXXVII se descreve a chegada do primeiro governador-geral do Brasil, Tomé de Sousa, acompanhado por uma missão jesuítica, sendo recebido por Catarina e Diogo, que encerra a história épica em torno de Catarina Paraguçu e Diogo Caramuru. Por fim, Santa Rita Durão reafirma sua posição em favor dos jesuítas, exaltando as principais figuras da Companhia de Jesus no Brasil do século XVI:

LV - São desta espécie os operários santos,
Que com fadiga dura, intenção reta,
Padecem pela fé trabalhos tantos,
O Nóbrega famoso, o claro Anchieta.
Por meio de perigos e de espantos,
Sem temer do gentio a cruel seta,
Todo o vasto sertão têm penetrado,
E a fé com mil trabalhos propagado.⁶⁷

Assim, Santa Rita Durão conclui sua epopeia, colocando na penúltima estrofe o nativo do Brasil que valoriza, defende e exalta:

LXXVI - Que o indígena seja ali empregado
E que à sombra das leis tranquilo esteja;
Que viva em liberdade conservado,
Sem que oprimido dos colonos seja;
Que às expensas do Rei seja educado
O neófito, que abraça a santa Igreja,
E que na santa empresa ao missionário
Subministre subsídio o régio erário.⁶⁸

Edição crítica de Amadeu Torres. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2008, pp. 264.

⁶⁷ DURÃO, José de Santa Rita. *Caramuru*. Poema épico do descobrimento da Baía. Edição crítica de Amadeu Torres. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2008, pp. 266.

⁶⁸ DURÃO, José de Santa Rita. *Caramuru*. Poema épico do descobrimento da Baía. Edição crítica de Amadeu Torres. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2008, pp. 271.

A estrofe derradeira em defesa dos povos cristianizados demonstra que Durão, escrevendo nas décadas finais do século XVIII, obedecia formalmente aos princípios rigorosos da epopeia quinhentista, embora abraçasse os ditames da razão e do homem natural tão caro aos iluministas. Ao construir uma alegoria em que brancos e índios se uniam através do rito cristão do casamento, como Diogo Caramuru e Catarina Paraguaçu, em que o colonizador é o vencedor; ou morrendo de paixão a maneira das heroínas trágicas greco-latinas, como Moema, simbolizando a derrota do nativo; Durão revelava a contradição estrutural da sua epopeia ao antecipar aos românticos na fusão das raças do Brasil de acordo com os postulados do direito natural, simbolizando o nascimento de uma sociedade multiétnica.

Paulo Roberto Pereira. Sócio Honorário Brasileiro do IHGB e Correspondente da Academia de Letras da Bahia. Publicou, entre outros livros, *Brasiliana da Biblioteca Nacional – Guia das fontes sobre o Brasil* (2001); *As comédias de Antônio José, O Judeu* (2007); *Obra completa de Manuel da Nóbrega*, edição do 5º centenário (2017).

E-mail: paulorobertopereira08@gmail.com



O BRASIL DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

CYRO DE MATTOS

Baiano de Itaparica, João Ubaldo Ribeiro (1941-2014) é um ficcionista de valor excepcional na moderna literatura brasileira. Começou publicando suas histórias nas coletâneas *Panorama do conto baiano* (1959), *Reunião* (1961) e *Histórias da Bahia* (1963). Faz sua estreia individual com o romance *Setembro não tem sentido* (1968). Mas é com o romance *Sargento Getúlio* (1971) que terá o reconhecimento maior de público e crítica. O livro conquistou o Prêmio Jabuti para autor revelação, foi publicado nos Estados Unidos, com tradução do próprio autor.

Sua consagração como ficcionista esplêndido acontece com o romance *Viva o povo brasileiro* (1984), considerado como a sua obra-prima, que o coloca ao lado de autores universais, do porte de Gabriel García Márquez, Mario Vargas Llosa e Jorge Luís Borges. Esse romance rendeu-lhe o Prêmio Jabuti e o Golfinho de Ouro, do Governo do Rio de Janeiro, servindo de enredo de escola de samba na Marques de Sapucaí.

Como reconhecimento de um legado admirável, João Ubaldo Ribeiro recebeu o Prêmio Camões, a mais importante láurea para autores de língua portuguesa. Publicado em inglês, francês, italiano, espanhol e alemão, o autor de escritura soberba foi membro efetivo da Academia de Letras da Bahia e da Academia Brasileira de Letras. Competente escritor no exercício de diversos gêneros, jornalista e cronista, seus textos como contista e romancista têm sido adaptados para o cinema, o teatro e a televisão.

O alentado volume de *Viva o povo brasileiro*, constituído de 672 páginas, insere João Ubaldo Ribeiro na lista de autores que produziram livros de ficção com escritura extensa e fecunda imaginação. Não se pode por isso ligá-lo à conceituação de que quanto maior a extensão menor a compreensão, sendo menor a extensão maior a compreensão. Em *Viva o povo brasileiro*, o estilo dominante da narrativa caudalosa estende-se por imenso painel histórico construído com os episódios em que os detalhes de costumes se prestam à configuração de núcleos. Nesses acontecem os conflitos familiares, tensões e vivências dos personagens, suas circunstâncias críticas no ambiente retirado da história, em tudo que o autor precisa para a construção da trama, formada com as benesses e as injustiças de uma classe aristocrática. O corpo robusto de uma classe dominante é imposto ao povo que vive em abstrato de sua consciência identitária. Para desfiar sua narrativa que abrange séculos, com vistas a uma perspectiva melhor do homem compreendido como reflexo de seu contexto econômico-político-religioso-social-cultural, o autor se vale da razão explícita com base na lógica dos fatos e da razão mágica com os seus efeitos acima da realidade objetiva e circunstante.

Romance de autor erudito, consciência crítica apurada, sensibilidade de extensão vasta com fôlego surpreendente, como é visto em Leon Tolstói de *Guerra e Paz* e *Ana Karenina*, Dostoievski com *Os irmãos Karamazov*, Nikolai Gógol com *Almas Mortas*, Stendhal com *O vermelho e o negro*, Eça de Queiroz com *Os Maias*, Thomas Mann com *A montanha mágica*, James Joice com *Ulisses*, Kafka com *O processo*, Faulkner com *O som e a fúria*, Sinclair Lewis com *Rua principal*, Roberto Pen Warren com *Os capangas do Chefe*, Julio Cortázar com *O jogo da amarelinha*. E, entre nós brasileiros, em João Guimarães Rosa com *Grande sertão: veredas*, Antônio Callado com *Quarup*, Herberto Sales com *Rio dos morcegos*, Ariano Suassuna com *A pedra do reino*, Jorge Amado com *Tieta do Agreste*, Rachel de Queiroz com *Memorial de Maria Moura*, Lucio Cardoso com *Crônica da casa assassinada*, Aramis Ribeiro Costa com *As filhas do coronel* e Ana Maria Gonçalves com *Um defeito de cor*.

Cada um desses escritores tem o seu discurso soberbo, a sua técnica prodigiosa, o seu virtuosismo na linguagem convencional, a sua ousadia nas inovações de vanguarda na estrutura da obra, que inaugura múltiplos sentidos ao representar o mundo. Suas vozes, que se propalam por meio de expansões de uma vitalidade espantosa, alcançam no volume pesado sintonias com uma enorme representação da vida, que lhes dá fundamentos e transcendência na criação de mundos. Todos eles fazem com que o leitor pasmo se renda aos níveis de compreensão postos na construção de ideias e disseminação de emoções, pontuadas em cenário fabuloso construído através de forte sentimento da existência, expectante visão assustadora na tentativa de iluminar o ser, extraíndo-o da matéria obscura, para assim no volume grosso preenchido de ideias proporcionar na eloquência do ofício uma leitura mais generalizada de seres e coisas postos no mundo para que sejam aferidos no plano das emoções e pensamentos.

Em *Viva o povo brasileiro*, sem fazer concessões à história elaborada para dar prazer aos vencedores, os donos do poder, camuflando a verdade com os sofismas da mentira, são vistos fatos reais extraídos da história do Brasil, no caminho de sua afirmação identitária, embora seus personagens sejam fictícios, projeções de condutas como testemunhos e interpretes de uma gama impressionante de situações. Tudo é grandioso nesse romance, nada escapa ao autor de grande força literária, expositor magistral com argumentos ricos capazes de suscitar a polêmica. Fatos reais são visíveis na trama com a presença do colonizador português, a vinda da família real, o Estado Novo e a Ditadura.

O espaço romanesco do livro cobre cerca de 400 anos de história do Brasil, com início em 1647 e vai até 1977. Nele, o percurso e a ambiência permeada de fatos da história do Brasil no começo aludem a episódios personalizados pela invasão holandesa na Bahia. Como herança dessa invasão emerge o Caboco Capiroba, que deixou descendentes indígenas e de linhagem europeia,

tornando-se uma impressionante figura pela prática que legou do canibalismo. Grande parte dos relatos em *Viva o povo brasileiro* tem como ambiente a Ilha de Itaparica na Bahia. Outros acontecem no Rio de Janeiro, São Paulo e Lisboa. Para evitar a narrativa convencional, que se desdobra na sequência lógica do tempo linear, João Ubaldo Ribeiro recorre aos núcleos onde acontecem os episódios com personagens distintas, às vezes distantes historicamente, mas que não impedem que vindos de um território romanesco se interliguem com a presença em outro de geografia humana diferente. Algumas vezes o tratamento que a personagem suscita para que alcance a sua própria dimensão, os horizontes como essência da vida, motiva o autor a enriquecer o texto com interligações de um núcleo a outro. Anote-se, entre tantas personagens, ricas em seu perfil sócio-econômico-cultural, o Alferes José Brandão, Perilo Ambrósio (Barão de Piraputama), herói da Independência, Amleto Ferreira, Maria da Fé, a heroína bela e lendária, Vevé, Patrício Macário, Nego Leléu, Vú, Patrício Macário, Bonifácio Odulfo, Rita Popó e Major Vieira.

Poderoso romance que se opõe aos que escrevem a história para salvaguardar interesses de classe, alguns parágrafos ocupando duas, três páginas, dotado de convincentes argumentações, que desarmam a mentira com a ironia e o deboche. Romance comprometido com a verdade histórica, de denúncia às mazelas cometidas na sociedade e ao seu povo em formação do caráter, tendendo para mostrar a face oculta dos que vivem injustiçados, levando o Brasil nas costas, como verdadeiros heróis anônimos. *Viva o povo brasileiro*, no desdobramento de seu eixo narrativo, como não poderia deixar de ser, possui na formação de seu conteúdo o elemento ensaístico, é transgressivo na sintaxe discursiva, antropológico no enfoque do comportamento das três raças formadoras de uma nação em caminho de sua identidade.

O autor, erudito e ardoroso nas suas enunciações, concebe a verdade tão somente atada à existência de histórias,

não com a existência de fatos. E porque assim procede em sua obsessiva fidelidade ao mundo recriado recorre ao uso de variações dialetais, meios discursivos que projetam a personagem com o seu caráter moldado pelas condições econômicas e culturais da ambiência social. Da leitura desse magnífico romance saímos informados, por exemplo, sobre o fato de que, já em 10 de junho de 1822, havia quem denunciasse com veemência que o Brasil representava a liberdade, a opulência, a justiça e a beleza, possuía como alimentos de benquerença fartura e paz, condições negadas pela iniquidade dos portugueses, que tudo de nós queriam e nada davam em troca. A propósito, deputados brasileiros em Lisboa se tinham oposto à anistia.

O autor não economiza nas tintas que pintam os quadros dolorosos da escravatura, vê-se na obra o africano usado como mão de obra gratuita porque não havia outro jeito de gerar o trabalho servil, a não ser por uma gente que só tem instinto, usuária de uma língua bárbara, misturada com grunhidos e sons estranhos, que ninguém entendia. Escuta-se então na atmosfera de desprezo e vilania ele ser chamado pelo homem que se dizia civilizado como um pedaço de asno, fedendo como bosta de demônio.

Entre os dirigentes do sistema elementar organizado, esse Brasil no caminho abstrato de sua formação social, através da aristocracia urbana e rural, considerava-se o elemento servil como indispensável para a manutenção do país e a sociedade. Sem ele, os custos se tornariam proibitivos, não se poderia aspirar a transformar a nação em civilizada e culta. O preço era grande para a convivência com tamanha sujidade e fedentina, chegando-se ao ponto de agradecer a Deus pelo destino de homens normais, que assim, distinguidos pela natureza como criaturas privilegiadas, submetiam-se à prova da caridade. Imundo e emporcalhado, apesar de causar males à existência, tinha-se em quantidade esse negro subjugado sob o império da atitude que ordena e desfere a chibata porque o engenho exigia muitos braços.

Era uma pena, um desperdício constante, exigia tanto cuidado e despesas, achando-se alguns que se não era melhor sem eles. Duro era mesmo aguentar a negrada.

O enleio de Portugal, Brasil e Algarve simbolizava uma nova era, a acenar quantidade de prêmios, recompensas apinhadas na natureza, oferta de patrimônios, fazendas ricas, medalhas e pensões, títulos, concessões, comendas e cargos vitalícios. A ideologia dos que dominavam propalava na perspectiva de sua passagem que os céus ofereceriam benesses mais fartas e generosas que a própria terra bendita, sobre a qual se desdobrava agora o manto da liberdade, riqueza e opulência.

– Entre a Pátria e a família, minha boa mulher, Deus sempre há de me dar forças para escolher a primeira, eis que vale mais o destino de um povo que a sina de um só. (página 35).

Com as gradações do entusiasmo nessa maneira de pensar a vida, seria surpresa se o protótipo representante da classe dominante, o detentor dos meios de produção, fosse dotado de visões humanistas integradas em harmonia com a natureza, evitando a exploração sem escrúpulos de qualquer tipo de negócio, que lhe rendesse vultosos proventos, como no comércio da pesca da baleia, executada com requinte na matança e a bênção do padre antes das lanchas seguirem para a empreitada sinistra.

Não obstante, às incursões que são feitas por ficcionistas e ensaístas no tema da escravatura, insurgindo-se contra as chagas da desgraça, o tema é caro em *Viva o povo brasileiro*. Por mais que se saiba da dívida impagável pelo Brasil aos danos cometidos ao negro escravizado, o autor não poupa os sons para compor a crueza das atrocidades cometidas pelo branco à inocência submetida aos instintos inconcebíveis do colonizador. Amplia-se a visão sobre o negro, que responde com a passividade ante a força desumana dos que detém o mando no rigor da atitude que comanda. Tanta crueldade alimenta a história com a tristeza

e a injustiça, forja a impotência dos que não sabem como curar a desgraça ou se esconder da vergonha. Corta-se a língua de quem gosta de inventar ingenuidades para fazer o elogio da autoestima, em feitos que só é possível de serem executados e cantados pelo herói não preto. Corta-se o pé do fujão para que não repita a afronta de quem quis que não se repetisse a lágrima, o suor, a constante cantiga da amarga solidão. Arranca-se os tampos da virginal flor em estado selvagem contanto que seja da cabaça extraído o mel para servir o seu dono, que deixa o fel como paga de seu ato prepotente e assim lega como remuneração o tempo das dores para que seja moído e remoído em sua carga de ondas no grito abafado do peito frágil para todo o sempre.

E finalmente pegando a negrinha Vevé e, sem dizer uma palavra, atirá-la à cama, abrindo-lhe as pernas, deixar bem claro que não queria que se mexesse, e, passando cuspe por aquela cabeça de carne inchada e embrutecida, deflorá-la de um só golpe, aguardando um estremeção de dor para impedir seus movimentos com um abraço paralisante, sentir qualquer estalo de pele ou cartilagem se rompendo, pressentir que ela era rasa ou estreita e, empurrando-lhe os joelhos para cima, enfiar-lhe tudo com um golpe, depois de penetrá-la até encostar os ossos dela em suas banhas, com mais estocadas curtas, , como quem trespassa, como quem empala, , como quem gostaria de que a mulher fosse inteiramente atravessada e morresse, com as vísceras destroçadas, morresse bem no instante em que, quase sem precisar fazer mais um gesto sequer, gozasse dentro dela, senbor completo, levantando-se e limpando sangue e gosma na camisola da negrinha. (página 91).

Em outra cena, à mazela que o homem como bicho no auge dos instintos se faz dilacerador da vida como se fosse uma coisa qualquer, sem canto e encanto, mas para ser comida nas manhãs de uma escultura que não tem tempo para se mostrar jovem, radiante na espuma formosa que suplanta o sofrimento quando o mundo em um instante pode se mostrar belo, a ponto de revelar o milagre que tantas vezes alcança o amor que vive na amplidão,

a natureza se incumba de dizer que mais vale a harmonia que se completa em estado natural procedente de algo que se veste com a melodia que aparece no azul, para onde vá amassa as águas na inauguração de sentidos e para reinventar a espécie.

Assim do alto e de longe, vê-se chispando pela flor d'água uma baleia, depois vê-se que são duas. É que vão tão juntas e harmonizadas que parecem um só bicho, até que o macho, por nervosismo e necessidade de mostrar proeza, desencosta a cabeça que trazia junta à dela, rabana com estrondo, irrompe das águas e voa, formando uma lagoa alada em torno do corpo, que então singra os ares um instante, serpenteia esticando o salto e, levantando um vagalhão estrepitoso, cai junto a ela na mesma posição em que antes nadavam e continuam a nadar, espelhando o sol nos couros azulados. (página 151).

Em certo trecho que aborda o tema do racismo, exercido com a hipocrisia posta no gesto, cobrindo a mancha que molesta, o filho, que saiu com os traços brancos do pai, apesar da mãe ser negra, inconformado com a presença dela, que ali comparecia com o sentimento de querer ver o neto na pia batismal, de se portar ali, naquele momento especial, como a mãe do grande comerciante e cidadão respeitado Amleto Ferreira, por ela amamentado, limpadado, amparado e curado, apenas consente que ela, depois de tanto se humilhar, apresente-se no ambiente apenas como a ama de leite do menino.

– Bem, o que não faço por ti! Mas vê lá, hem, vê como te portas, és a ama que me criou e assim te portarás, não te perdoarei se me traíres a confiança! (página 238).

Da opressiva violência que marca o caráter da aristocracia da época resultam dois fatos que servem como fundamentos importantes no giro narrativo do romance: a gravidez de Vevé

e a secreta Irmandade Povo Brasileiro. Vevé dá à luz a Maria da Fé, lendária personagem, audaciosa e idealista, que será criada em liberdade, sob os desvelos do negro liberto Leléu, que cerca a protegida de todos os cuidados, usando para isso a alma generosa e seus parcos recursos.

A secreta Irmandade Povo Brasileiro nasce do pacto entre os escravos do engenho, que decidem envenenar seu senhor e dessa vingança ascende o mulato Amleto Ferreira, que, na condição de guarda-livros da empresa, esfacela ao seu proveito os bens de seu empregador, em lastimável estado de saúde. Tira proveito dessa situação para investir com suas falcatruas numa casa bancária e em outras iniciativas econômicas, que em pouco tempo farão dele nobre patriarca de uma das famílias mais ricas e poderosas do país.

De Maria da Fé e Amleto Ferreira desdobram-se as duas ordens propulsoras no conflito social brasileiro. A heroína torna-se a grande líder da irmandade, agente responsável por suas ações de guerrilha pelo sertão. Seu compromisso com a justiça para o povo oprimido contrasta com a corrupção do grupo familiar de Amleto Ferreira, do qual nasce Bonifácio Odulfo, poeta que deixa de lado o culto à musa romântica para se tornar um dos mais corruptos homens de negócio. Patrício Macário, filho que se torna transtorno das ambições paternas na sequência do ciclo patriarcal, será destinado ao Exército para que se corrija dos desvios éticos familiares acasalados com o poder econômico. Torna-se um destacado soldado na Revolução Farroupilha e herói na Guerra do Paraguai. No amor e respeito entre o soldado legalista e a guerrilheira, símbolo tenaz do espírito positivo brasileiro, reside o encontro possível desse universo contraditório, ao qual o romance não se submete em suas visões que expõem a perpetuação das iniquidades de uma elite corrupta. Noutra direção, faz-se oponente à desenfreada vileza imposta aos que estão subordinados a ela.

João Ubaldo Ribeiro incorpora toda a matéria histórica ao plano explícito da teia romanesca de seu esplêndido romance, que envolve a formação histórica do Brasil, mas para enriquecer a tessitura que se liga à maravilha de uma imaginação rica vai buscar na magia do candomblé, representada pelos orixás, as forças que operam entre os humanos e suplanta todas as tormentas sem haver distância entre o céu e a terra. As divindades que vieram da África no navio negreiro participam da guerra entre os humanos, chegam em socorro aos seus filhos no lugar longe chamado Tuiuti, onde muitos de bravos soldados perecem. Alcançam momentos de realismo mágico lances que resultam do desempenho superior das divindades africanas, não fossem elas mágicas em si mesmas, em essência revestidas de mistério, que as faz entidades de saber profundo.

Oxalá, o dono dos céus, tudo vê, compadecido dos filhos que tombam bravamente na refrega, ao lado deles, na peleja cruel, seus guias e protetores. Oxóssi, o incomparável caçador da madrugada, o rei da mata, senhor da astúcia, imbatível no arco e flecha; Xangô, o que atira raios, pedras e fogo; o grande Ogum, o que abre estradas, invencível em todas as demandas, guerreiro singular em combate, senhor dos ferros e das armas, que a princípio resiste em tomar parte na batalha, por orgulho, pois não foi o primeiro a ser convidado, a receber as homenagens devidas com o convite, para que cumprido o preceito se comprometesse a lutar, e que em sonho é convencido por Exu, o que come e bebe na encruzilhada, conhece mil ardis; lá está no combate ferrenho Iansã, senhora dos ventos e tempestades, valente e arrojada como os tufões; até Omolu, com a sua face oculta, mestre das doenças e senhor das pestes, também quis defender seus filhos da sanha inesgotável do inimigo, o que lhe foi negado por Ogum.

Oxalá, pai dos homens, o que não conhece o medo, nem a incerteza. Conhece porém a angústia e de novo lhe doeu o coração, ao pensar que aquela batalha estava ganha, mas havia apenas começado os dias terríveis em que seus filhos mais valerosos pereceriam como moscas, como flores pisoteadas pelo cruel inimigo, como troncos apodrecidos pela ira de Omolu, senhor das moléstias, príncipe das pestes, donos das chagas e crecas, o que mata sem faca. (página 454).

João Ubaldo Ribeiro mostra ao final o calor que tem pela crença com bases no espírito do homem, forjado pelo bem na sua essência universal. Também existe não como uma ilusão, como algo motivado por necessidade, carência, mas que aspira à graça, já que assim é que tem de ser, como causa comum de todas as suas consciências nessa aspiração, “que se traduz na paz final de existir em que se veja a existência, existir como essência, só existir, porque o espírito do Espírito do Homem anseia a perfeição, que é o Bem.” (página 662/3)

O desfecho o romance é um achado surpreendente. Um dos ladrões vendo o futuro numa coisa dentro da canastra, formada de ladrão para tudo quanto era lado, gente falsária, estelionatária, trajado como de terno de duque, gravata de seda, alfinetes de brilhantes, sapato de crocodilo, ladrão fardado aos montes, todos eles nem entrando nas casas, distribuindo uns cartõezinhos, dando ao dinheiro todo tipo de nome, como verba, ágio, numerário, honorário, comissão, corretagem. O ladrão que espia nervoso o que se passa dentro da canastra não pode continuar a olhar o futuro representado por gente da pior espécie e um ronco imenso aparece no tumulto que atropela e assusta como se fosse de uma coisa enorme soterrada e quisesse sair, e que já não era mais um bicho, mas a própria terra como se estivesse em dor de parir. Os ladrões correm e soltam a canastra que foi soterrada pelo sangue que dela escorre, pela lágrima, pelo suor, um caldo volumoso que empapa as paredes, até que começa a chover em bagas grossas.

Ninguém olhou para cima e assim ninguém viu, no meio do temporal, o Espírito do Homem, erradio, mas cheio de esperança, vagando sobre as águas sem luz da grande baía. (página 673).

É visível que o autor desse romance épico transpira entre vocabulários e livros, persegue a palavra atravessada de paixão, a frase mais eloquente como requer o assunto que relata, motiva-se em tudo que lhe possa render páginas extras de prosa caudalosa a possibilitar o interesse do leitor, preso à maravilha de uma imaginação que deixa qualquer um atônito. Recorre às comparações, produz metáforas, faz boa escolha de adjetivos, intercala a frase com brocados latinos, citações em francês. Pulsa no texto vigoroso sentimentos e nervos, faz vibrar o sistema verbal que se adensa no drama, pujante para oferecer ao leitor o que se aproxima da vida e sua grandeza, já que por melhor que seja abrangente o relato jamais pode suprir é o que seja a vida em si e em sua natureza tangível, pois ninguém está presente ao indescritível.

Nas minudências da intriga, particularidades sutis do enredo, entre amores dificultados, azares dilacerantes, maldades contra inocentes, dilemas e coincidências engenhosas, soluções impressionantes, desfechos inesperados e bem urdidos, arroubos dos sentimentos e delírio das emoções, e tudo o mais que o romance necessita para se tornar imenso, o autor aglutina seu material de natureza diversa com engenho e brilho. Faz escorrer sua vitalidade criativa através de tonalidades expressivas para sinalizar o conteúdo. Nisto que operado com ritmo obsedante produz o escritor fascinante, interligado ao seu correspondente, que é o verdadeiro ficcionista no ofício.

João Ubaldo Ribeiro com o seu *Viva o povo brasileiro* define-se como um artista da palavra que transcende o universo narrativo escolhido e se alça a um dos mais significativos ficcionistas da América Latina. Seu romance é uma eloquente afirmação de que a invenção vale a pena.

REFERÊNCIA

RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o povo brasileiro*, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1984.

Cyro de Mattos é autor de 67 livros pessoais, de diversos gêneros. Publicado também em Portugal, Itália, Espanha, França, Alemanha, Dinamarca, Rússia, México e Estados Unidos. Conquistou com *Os Brabos*, novelas, 1978, o Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, Menção Honrosa do Jabuti, 1988, com *Os Recuados*, contos, o Prêmio de Romance do Pen Clube do Brasil, com *Os Ventos Gemedores*, 2017, e o Prêmio Internacional Casa de las América, 2023, para *Infância com Bicho e Pesadelo e Outras Histórias*. Membro das Academias de Letras da Bahia, de Itabuna e de Ilhéus. Primeiro Doutor Honoris Causa da Universidade Estadual de Santa Cruz (Sul da Bahia). Medalha Zumbi dos Palmares da Câmara de Vereadores de Salvador e Comenda Dois de Julho da Assembleia Legislativa da Bahia. Desde 2016 ocupa a Cadeira n° 22 da Academia de Letras da Bahia.



UMA VIDA EM MÚSICA

ARAMIS RIBEIRO COSTA

É bem possível que, contemporaneamente, o nome de Adroaldo Ribeiro Costa seja bem mais conhecido e mencionado por ser o autor do “Hino do Bahia” do que por qualquer outra de suas atividades ou realizações, até mesmo nas áreas da educação e do jornalismo, nas quais a sua atuação foi marcante, tantas vezes singular, além de amplamente reconhecida nos meios educacionais e jornalísticos da época, e não apenas na Bahia. Aliás, ele próprio, nos últimos anos de vida, teve essa percepção, e me disse, certa feita:

— Fiz muita coisa na vida, mas acho que só duas vão ficar: o “Hino do Bahia” e a Hora da Criança.

A Hora da Criança, essa instituição pioneira na arte-educação no país, de fato permaneceu, e não apenas na memória dos que dela participaram em sua fase áurea. Um tanto distinta dos tempos do seu criador, manteve, entretanto, os princípios e os métodos, apoiou-se no extenso repertório literário, musical e teatral deixado por Adroaldo, e seguiu compromissada com a instigante e desafiadora tarefa de complementar a educação infantil e juvenil por meio da arte, em particular a música, o teatro e a dança. Quanto ao “Hino do Bahia”, hino oficial do Esporte Clube Bahia, tudo indica, existirá enquanto existir o clube futebolístico que o motivou.

Outro hino de sua autoria que se tornou muito famoso na época, foi o “Hino da Olimpíada Baiana da Primavera”, canto oficial dos jogos olímpicos dos estudantes da Bahia nos anos 60 e 70 do século XX, um evento grandemente apoiado pela mídia,

que mobilizava todos os estabelecimentos de ensino do estado, atraindo multidões ao Estádio Octavio Mangabeira e ao Ginásio de Esportes Antônio Balbino.

Esses famosos hinos não foram inspirações bissexatas, de alguém que não tivesse o hábito da composição musical. Pelo contrário, foram resultado de uma vivência longa com a música e a arte de compor. O próprio “Hino do Bahia”, o primeiro deles, composto aos vinte e nove anos de idade do autor, já foi resultado dessa prática e desse conhecimento. Os milhares de participantes da citada Hora da Criança, que passaram a infância e a juventude a ouvir e cantar composições de Adroaldo feitas para serem utilizadas pela instituição em suas apresentações, sabem perfeitamente o quanto ele produziu no setor musical e, na verdade, guardam em suas memórias afetivas bem mais essas outras composições, que os hinos famosos e lembrados por todos.

O que ocorre é que, se essas demais composições são do perfeito conhecimento de quem participou de algum modo, até na condição de ouvinte ou espectador, da Hora da Criança, o grande público de hoje não as conhece, nem sabe a história dessa trajetória de música e composição, tendendo a cada vez se distanciar mais desse conhecimento, se essa atividade não for historiada e, principalmente, se as composições de Adroaldo não forem gravadas e divulgadas. Felizmente a Hora da Criança e a Associação ARCO — Adroaldo Ribeiro Costa, formada por ex-integrantes da Hora da Criança e admiradores de Adroaldo, têm se empenhado nesse sentido, e várias composições de sua autoria já podem ser encontradas gravadas e divulgadas na internet. Este artigo, cujas intenções são o registro e a informação, trata exatamente do relacionamento de Adroaldo Ribeiro Costa com a música, historiando essa atividade, lembrando ou revelando a sua extensa produção como compositor.

Musical é a palavra-chave. A família de Adroaldo era musical pelos dois lados: o paterno e o materno. Do lado paterno, desponta a única avó que ele conheceu, e que foi de grande influência na sua formação, a ponto de ter sido ela a alfabetizá-lo,

antes dos quatro anos de idade e da primeira escola. Ele era absolutamente encantado por essa avó. Chamava-se Leolinda Augusta da Silva Costa, era natural de Santo Amaro da Purificação, onde residia, e, com a morte do marido português, avô de Adroaldo, foi morar com um dos onze filhos, o pai de Adroaldo, que também residia com a família em Santo Amaro, passando a conviver mais intimamente com o menino a partir dos seus três anos de idade. As referências do cronista Adroaldo Ribeiro Costa, em sua crônica diária em *A Tarde*, a essa avó são inúmeras, sempre com grande amor, imensa saudade, mas também uma grande admiração, particularmente por três de suas qualidades: o bom humor, a sua capacidade de narrar histórias e contar casos, e o seu talento como pianista amadora, mas de grande prestígio naquela cidade ribeirinha do recôncavo baiano. Ou seja, qualidades todas futuramente muito evidentes no próprio Adroaldo.

O aprendizado de piano de Leolinda Augusta dera-se, ainda no século XIX, no colégio interno para moças da tia Genoveva, irmã do pai, em Salvador. Tudo indica, pelos relatos do próprio Adroaldo, que ela possuía talento e gosto para tocar. Era um tempo em que as festas, os “assustados”, as danças, as tertúlias e mesmo os simples encontros sociais ou apenas familiares eram alimentados pelo som do piano ao vivo, instrumento existente em quase todas as casas de família. As suas exibições domésticas em Santo Amaro, na própria residência e nas dos amigos, obtinham grande sucesso, sendo amiúde solicitada a executar valsas, quadrilhas, mazurcas, polcas, xotes, e o mais que estivesse na moda, o repertório sempre atualizado. Já idosa, com mais de oitenta anos, quando lhe pediam para tocar, queixava-se de reumatismo, contraía e estendia dramaticamente os dedos de ambas as mãos, repetindo várias vezes o movimento, para mostrar que estavam emperrados. Mas, sentava-se ao piano e tocava perfeitamente, como sempre tocava.

Esse o lado paterno. Pelo lado materno, a primeira e maior referência musical é a tia Alice Ribeiro, irmã mais velha da mãe, na casa de quem, na Rua da Paciência n° 12, no Rio Vermelho,

em Salvador, Adroaldo nasceu, em 13 de abril de 1917. Essa tia formou-se pelo Conservatório de Música da Bahia, foi discípula e amiga do compositor erudito baiano Sílvio Deolindo Fróes, tornando-se uma exímia violinista e pianista.

Os irmãos Ribeiro, que eram oito ao todo, dois homens e seis mulheres, perderem os pais cedo, e Alina, a mãe de Adroaldo, encontrava-se com oito anos de idade quando o pai morreu, um militar de grande prestígio político, senador estadual. Perdeu a mãe quando tinha 17 anos. Como gostava de música, e apresentava gosto e talento para o piano, teria seguido os passos da irmã mais velha, no Conservatório, se as dificuldades decorrentes da prematura orfandade paterna não impedissem. Assim, não completou o curso de piano e teoria musical. Mas aprendeu o suficiente para tocar com desenvoltura e muita expressão noturnos e valsas de Chopin, sonatas de Beethoven, além de *pot-pourris* e *ouvertures* de óperas, entre as quais a adaptação para piano da célebre “Protofonia do Guarani”, de Carlos Gomes. Havia outra irmã, Almerinda, que tinha uma bela voz de soprano e costumava formar duos com Alice.

Na casa da tia, no Rio Vermelho, Adroaldo permaneceu ainda alguns meses após o nascimento, antes de seguirem, ele e a mãe, para Santo Amaro da Purificação. Assim, pode-se dizer que iniciou a sua existência embalado pelas três grandes músicas, a da natureza, a dos instrumentos e a da voz humana, pois tinha o marulho das ondas do mar, que ficava ao fundo, enquanto, dentro da própria casa, era envolvido pelas melodias e harmonias que vinham do talento das tias e da mãe. Em Santo Amaro, além de cantar no coro da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Purificação, muitas vezes solando a Ave Maria, Alina ensinava piano às moças santamarenses.

Naquele início do século XX, a música doméstica, como no século anterior, era o grande entretenimento da sociedade. O piano fazia parte do cotidiano familiar, era quase um membro da família, tratado por todos com a maior consideração; e o deles

lá estava na sala da frente, um belo piano alemão *Schiedmayer* tipo armário, comprado três anos após o nascimento de Adroaldo. Alina tocava-o nas tardes de domingo, depois do almoço. Iam todos para a sala de visitas, abriam-se as janelas, iniciava-se o concerto.

Em meninos, Adroaldo e o irmão três anos mais velho, Aderbal, gostavam de soprar pífanos de celuloide, comprados nas lojas, e flautas de bambu que eles mesmos fabricavam, abrindo os furos no canudo da planta com arame grosso em brasa. Também gostavam de cantar, acompanhando seus próprios duetos vocais marcando o ritmo em cadeiras, caixas de papelão e latas. Mas Adroaldo logo foi atraído para o piano. Sentava-se entusiasmado no banquinho giratório acolchoado, abria a tampa do teclado de marfim e, com dois dedos, empenhava-se no “besta-é-tu”, procurando “tirar catando milho”, como se dizia, alguma música da época. Esse período espontâneo não durou muito, porque a mãe logo interferiu:

— Nada de batucar no piano. Vamos aprender a tocar!

Aderbal foi incluído no aprendizado e logo os dois filhos mais velhos passaram a ter aulas regulares com ela. Aldegar, o terceiro filho, cinco anos mais moço que Adroaldo, embora amasse a música tanto quanto os demais da família, não se interessou em executá-la, preferindo sempre ouvir. Isso foi respeitado.

Adroaldo, desde o início, mostrou-se um aluno difícil. Impacientava-se com a lentidão da aprendizagem, dava para executar a música como imaginava e não como estava escrita, alterava o valor das notas, aumentava ou suprimia compassos, inventava acordes, para desespero da professora. E o pior é que teimava com ela, sustentando que a sua execução é que era a correta. Várias vezes, diante de sua teimosia, Alina zangava-se e ameaçava não ensinar mais, ele que aprendesse sozinho, se quisesse. Mas essas explosões eram passageiras. Logo faziam as pazes e o aprendizado prosseguia, a rebeldia de Adroaldo diminuindo à proporção que ia experimentando prazeres novos, no ler e interpretar páginas musicais progressivamente mais complexas.

Assim, o piano, longe se constituir em mais uma obrigação de aprendizado, tornou-se um grande e sedutor entretenimento para os dois irmãos mais velhos. Tanto que disputavam entre si, na hora de tocá-lo. Como havia um horário reservado para isso, que era após o almoço, para que não fossem prejudicadas as horas de estudo, a refeição ainda não havia chegado ao fim e já disparavam os dois na carreira, para ver quem primeiro se sentava no banquinho giratório. A disputa exigiu intervenção do pai, que estabeleceu as segundas, quartas e sextas-feiras para um, e terças, quintas e sábados para outro, permanecendo o domingo para Alina. A avó era a única que não tinha horário certo.

Aderbal aprendeu alguma coisa, e sempre gostou de distrair-se com o instrumento. Porém, com mais idade, logo foi atraído por outros interesses, enquanto Adroaldo permaneceu fiel. Com as lições da mãe, avançou na execução por música. Começou com as valsas brasileiras da época, delas passou para tangos brasileiros, para o samba, para o cateretê, e chegou aos noturnos e valsas de Chopin, compositor que seria para sempre um de seus preferidos.

Veio a Faculdade de Direito, em Salvador. E as primeiras férias de final de ano, de 1932 para 1933, tornaram-se determinantes na sua relação com o piano, a música, e também a composição musical. A família ainda residia em Santo Amaro da Purificação. Nessas férias mais longas, para que aqueles meses de folga curricular não fossem na mesmice, surgiu a ideia de irem todos para o belo prédio do Ginásio Santamarense e Escola Normal de Santo Amaro, à margem esquerda do Rio Subaé, de propriedade do pai, que era também o diretor. Um veraneio na mesma cidade, o que podia parecer sem graça. Ia-se a pé de um local para outro. Mas a simples mudança temporária de residência, da Praça da Purificação, onde a família morava, para a beira do rio, da casa deles para o casarão do ginásio, já representava uma novidade e um divertimento. Apenas, para desgosto do novo pianista amador, lá não havia piano. Inconformado,

Adroaldo passou a ir todos os dias para a casa vazia da praça, e lá ficava sozinho, na sala da frente, por horas a fio, praticando no instrumento.

Num dia de fevereiro, nessas mesmas férias, lá estava ele na casa vazia a dedilhar valsas e outras composições do seu aprendizado, treinando execuções melódicas, acordes e harmonias, quando lhe ocorreu tentar “tirar de ouvido” as marchas e os sambas carnavalescos do ano. Para sua surpresa, graças aos seus conhecimentos de harmonia e ao bom ouvido musical, foi bem mais fácil do que imaginou. E logo estava com um repertório novo e atualíssimo.

Naquele mesmo mês houve uma festa dançante. Naquele tempo, em Santo Amaro da Purificação, essas festas ocorriam amiúde, sobretudo nos períodos de férias, e as danças eram levadas a piano. Não faltavam pianistas amadores, de maior ou menor categoria, que de bom grado se incumbiam da tarefa. Aquela festa não estava sendo animada apenas por um piano, mas por um *jaz*, como se costumavam chamar determinados conjuntos musicais naquele tempo, o que demonstra a influência da cultura norte-americana, neste caso da música norte-americana, sobre a cultura e a música brasileiras. Aquele *jaz*, denominado “Dois Irmãos”, era estrelado por Lau, porteiro juramentado da justiça e tocador de banjo. A certa altura o *jaz* parou, como era costume ocorrer em todas as festas, a fim de que os músicos descansassem, e pudessem comer e beber alguma coisa. Adroaldo aproveitou esse intervalo. Marchou para o piano e, para espanto dos que não sabiam de seus progressos, passou a executar músicas da época, levando com isso nítida vantagem sobre o *jaz* de Lau, que não estava tão atualizado assim.

O sucesso dessa apresentação foi extraordinário, a ponto de determinar uma mudança radical no comportamento do improvisado pianista em relação ao instrumento e à própria música, pois, a partir daí, ele foi achando cada vez mais maçante a aprendizagem teórica, preferindo a empírica. E partiu também

para as suas próprias composições. Porém, não foi só isso. Sua opção de tocar de ouvido ocasionou uma importante mudança no divertimento musical da família.

Aderbal era um bom ritmista. Mostrara isso na pequena banda de tambores que, no ginásio do pai, puxava os desfiles cívicos. Ali, ficaram famosos os repiques que fazia na caixa. Ao ver o irmão soltar-se no piano, conseguiu do pai que mandasse levar para casa um surdo daquela pequena banda, e, reunindo a esse tambor caixotes e latas, improvisou uma bateria. Aldegar, que ia completar onze anos de idade, era afinado e tinha uma bela voz, logo se incorporou ao conjunto, cantando e tocando fanfarra. Desse modo nasceu o *jaz* dos três irmãos, que eles denominaram “O Nosso Trio”. E nasceu com uma reivindicação: queriam uma bateria de verdade, pois a qualidade musical do conjunto estava prejudicada pela falsa bateria de Aderbal.

Naturalmente Alina, que acreditava no aprendizado formal e teórico do piano e o desejava para os filhos, particularmente para Adroaldo, que era o mais interessado, mostrou-se de início apreensiva com aquela modificação de rumos. Porém, logo se deixou seduzir pelo piano mais solto e mais criativo do filho, pelos efeitos melódicos e harmônicos que ele tirava espontaneamente do instrumento, pelas músicas que ele começava a compor, pela satisfação que tudo aquilo trazia para a família, e incentivou-o sem reservas. Quanto a Arlindo, o pai, recebeu a reivindicação da aquisição de uma bateria com a maior alegria. Sua teoria era de que devia fazer tudo para estimular todos os divertimentos caseiros; para as diversões da rua ele não tinha a mesma receptividade. Então, viajou com os filhos até Salvador, unicamente com essa finalidade, e foram à “Casa Guarany”, que ficava no Comércio e vendia artigos musicais, a fim de encomendarem uma bateria escolhida num catálogo. A compra foi realizada, mas, como vinha de São Paulo, só chegaria em agosto. Até que chegasse, teriam de contentar-se com a bateria improvisada de Aderbal. Mas as férias estavam acabando, aproximava-se a hora de voltar aos estudos.

Em Salvador, cada um numa faculdade, Adroaldo na Faculdade de Direito, Aderbal na de Ciências Econômicas, os dois irmãos mais velhos sentiam falta da música, especialmente Adroaldo, que não tinha piano à sua disposição na república onde ambos se hospedavam. Então, passaram a incluir, nas horas de lazer, periódicas visitas à Rádio Comercial da Bahia, a P.R.F.8, que funcionava no primeiro andar de um sobrado ali perto deles, na Avenida Sete n° 65, em São Pedro. Mais nova e menos potente que a Rádio Sociedade da Bahia, a P.R.A.4, fazia, entretanto, juntamente com a Rádio Club da Bahia, P.R.F.6, concorrência à decana das rádios baianas, dividindo uma parcela da audiência.

Até aquele início dos anos trinta do século XX, o rádio era praticamente uma curiosidade, um divertimento, aliás pouco acessível a pessoas de baixo poder aquisitivo. As emissoras não tinham uma programação fixa, na maior parte das vezes improvisavam e punham no ar tudo que pudessem, contanto que preenchessem um determinado tempo de audição por dia.

Um dia Aderbal e Adroaldo visitaram a Rádio Comercial da Bahia e foram muito bem recebidos pelo senhor Roberto Lira, proprietário da emissora. Como faziam em Santo Amaro, em seus divertimentos caseiros, cantaram ao microfone em dupla, à semelhança de Joel e Gaúcho, ídolos da época. O proprietário era um homem gordo, sentava-se numa cadeira de braços. Gostou da apresentação e convidou-os a voltar, sempre que quisessem. Aderbal e Adroaldo tornaram-se frequentadores. Quando chegavam, o velho Lira, sentado na sua cadeira, exclamava alegremente:

— Chegou a dupla BBB!

Esse BBB significava boa, bonita e barata. Na verdade, era baratíssima, porque os rapazes não cobravam nada para se apresentar, faziam aquilo por puro diletantismo, e o velho Lira também não oferecia um centavo. Mandava, simplesmente, parar o programa que estivesse no ar para que eles se apresentassem. Aderbal e Adroaldo colocavam-se diante do microfone,

que parecia uma roda de carro, e cantavam o que lhes dava na telha. Além de Joel e Gaúcho, usavam o repertório do “Bando da Lua”, dos “Anjos do Inferno” e de outros conjuntos vocais famosos na época. Além disso, exibiam seus próprios arranjos vocais para músicas em voga, o que fazia o deleite do proprietário da emissora.

Isso foi durante o ano de 1933. A bateria chegou de São Paulo, como prometido, na segunda quinzena de agosto. Ao comparecerem à “Casa Guarany”, no Comércio, lá estava a grande caixa com o instrumento novinho em folha a esperar pelo pai com os dois filhos interessadíssimos. Desse modo, já no primeiro retorno a Santo Amaro, foi armada a bateria, novinha, ao lado do piano e, à noite, a família e os amigos reuniram-se na sala de visitas da casa número nº 8 da Praça da Purificação, para assistir à estreia da apresentação dos artistas amadores, devidamente equipados com o novo instrumento. E a função começou, dando início também a uma nova etapa, agora mais categorizada, do *jazz* dos três irmãos.

O conjunto musical transformou-se rapidamente no principal divertimento dos três irmãos e, por extensão, de toda a família. Uma diversão, aliás, levada muito a sério, como tudo que eles faziam. Dedicavam-lhe, durante as férias em Santo Amaro, muitas horas do dia. As que sucediam ao almoço eram reservadas aos ensaios, nos quais passavam e repassavam, com muita exigência de qualidade, o repertório que ia sendo acrescido de mais e mais músicas, até se tornar bastante vasto e variado. Essas eram as audições privadas. Já à noite, após o jantar, as janelas da sala da frente eram abertas, e não tardavam a chegar os vizinhos, os parentes, os amigos, os alunos, os professores e os funcionários do Ginásio Santamarense, sendo todos acomodados, como uma plateia privilegiada, na própria sala. Do lado de fora, na praça, formava-se outro grupo de ouvintes, a disputar um lugarzinho numa das janelas. E tinha início o programa da noite.

Tocavam e cantavam sucessos musicais da época. A essas músicas, de grande popularidade, eles davam tratamento próprio, esmerando-se nos arranjos que criavam. Mas apresentavam também as músicas que Adroaldo, cada vez com mais frequência e maturidade, ia compondo: valsas, canções, sambas, marchas. Essas composições, por serem repetidamente ouvidas, começavam a ser conhecidas e cantadas em Santo Amaro. As audições iam até as vinte e uma horas, quando as janelas eram fechadas e eles saíam para os passeios noturnos.

Adroaldo formou-se em 1936 e voltou para Santo Amaro, onde residiria até 1942. Aderbal formou-se em 1937 e logo se viu empregado em Salvador. E Aldegar, tendo cursado também a Faculdade de Ciências Econômicas, concluiu-a em 1942, obtendo igualmente um emprego em Salvador. Então, fosse durante o período das faculdades, enquanto algum deles ainda era estudante, fosse quando o mais velho e, depois, também o mais moço, estavam empregados em Salvador, os três irmãos reuniam-se mais longamente em Santo Amaro da Purificação apenas nas férias. Quando isso acontecia, uma vez reunida a família, as janelas da casa da praça voltavam a se abrir festivamente, para que o piano, a bateria, a fanfarra, as maracas, a cabaça, o pandeiro, o tamborim e as vozes alegres dos três irmãos, no vigor da sua mocidade e das suas esperanças, fizessem o encanto de todos os habituais ouvintes. No programa daquelas noites de festa, voltava a desfilas o vastíssimo repertório d’”O Nosso Trio”, repleto de músicas consagradas da época, e também das composições de Adroaldo, estas cada vez em maior número.

Independentemente do trio, Adroaldo seguiu no piano, exercitando-se, adquirindo por conta própria novos recursos de execução e também compondo suas músicas, melodias e letras, cuja parte musical ele ia guardando de memória, pois não aprendera a pô-las no pentagrama, e, lógico, não havia, naqueles tempos, os recursos de gravação tão comuns e banais do futuro. Foi no decorrer de 1938 que ele conheceu Agenor Gomes.

Nesse ano a Cidade de Santo Amaro da Purificação ganhou uma nova agência bancária, de nome Banco de Administração, que ficava no trajeto de Adroaldo, entre a casa e o ginásio do pai, onde ele ensinava. Ao passar por ali, a pé, várias vezes por dia, via lá dentro, pelas três portas escancaradas, um homem baixo, gordo, de gravata borboleta e paletó, por detrás de um guichê, espiando a rua por cima dos óculos. Era o gerente da nova agência, alguém que acabara de chegar à cidade para exercer aquela função, mas o fato não lhe despertou interesse. Passado pouco tempo da inauguração da nova agência, entretanto, ao comparecer à missa na Capelinha dos Humildes, como era de seu hábito, encontrou o gerente do banco sentado ao harmônio, tirando ótimos efeitos do instrumento, acompanhando as vozes das cantoras da missa, à sua volta. Para Adroaldo, que vivia envolvido com a música, aquele fato foi uma revelação, e ele passou a olhar o gerente com mais interesse. Depois desse acontecimento, houve outro fato que ainda mais o surpreendeu. Uma noite esteve no Cine-Theatro Santo Amaro para assistir a um festival beneficente, e lá estava o gerente do banco apoiando musicalmente o espetáculo e ainda preenchendo os longos intervalos, à frente de um conjunto de clarineta, flauta, trompete e contra-baixo. Surpreenderam-lhe principalmente os efeitos que o inesperado regente conseguia tirar dos músicos, seus velhos conhecidos das filarmônicas locais. E, pensando nos seus planos musicais, que além de suas próprias músicas incluíam a possibilidade do ensino da música no Ginásio Santamarense, logo chegou à conclusão de que ia precisar daquele homem. E aproximou-se.

Agenor Aluísio Gomes tinha quarenta e quatro anos de idade. Nasceu em Valença em 3 de abril de 1894, filho do professor Agostinho Antônio Gomes e da senhora Rosa Gomes, era casado com dona Maria José Alves Gomes e tinha uma filha da mesma idade de Adroaldo, chamada Maria Angélica Alves Gomes que, tendo o pai como professor exigente, sabia teoria musical e tocava piano por música. O conhecimento musical daquele gerente de banco, que era músico nas horas vagas,

tornava-se, de fato, surpreendente, pois Agenor Gomes não havia frequentado escola, conservatório ou academia de música, não possuía diploma algum nessa área ou em qualquer outra, e a sua formação musical vinha unicamente do pai, mestre de flarmônica em Valença, professor de música e também compositor, o que caracterizava a forte vocação musical da família, que chegava à terceira geração de músicos.

Com o pai Agostinho Gomes, Agenor aprendera teoria musical e a tocar diversos instrumentos. Essa, a base. O resto era resultado de uma prodigiosa intuição musical, de uma indiscutível vocação para a música, de um extraordinário talento de executor e principalmente de compositor, arranjador e instrumentador. Em Valença havia feito apenas o curso primário. Jovem ainda, fora trabalhar em Itabuna, onde conheceu aquela com quem se casou. Aquele cargo de gerente de banco, com todas as características de uma situação de sobrevivência, representava, na verdade, um enorme equívoco, pois, para ele, nada mais havia de interessante além da música. Gomes respirava música, e dele ouvi, certa feita, a confidência, para mim óbvia, aliás, de que absolutamente de nada mais entendia, nem por nada mais se interessava.

Embora seu principal instrumento fosse o piano, dizia com certo orgulho que só não havia tocado harpa, e assim mesmo por falta de oportunidade, mas que os instrumentos não tinham segredos para ele. Com efeito, parecia ser assim, demonstrou isso muitas vezes ao executar instrumentos diversos como cavaquinho, violão, violino, e escrever arranjos e orquestrações. Manso, de andar pausado e gestos comedidos, de sorriso franco e fácil, mas discreto, de falar baixo e voz quase abafada, mas de língua afiada, era um agudo observador de pessoas e situações do cotidiano. Espirituoso, era também extremamente crítico, possuindo um grande senso de humor. Do conhecimento de Adroaldo e ele, apesar da diferença de idade, nasceu uma sólida amizade cuja primeira e principal motivação era a música. Mas Adroaldo não chegou a implantar o ensino da música no Ginásio Santamarense

— o que seria uma inovação, já que não fazia parte do programa curricular —, pois a nova agência bancária levou apenas mais seis meses com as portas abertas, e Gomes mudou-se com a família para Salvador. A partir daí, a convivência dos dois passou a depender da presença de Adroaldo na capital, quando sempre dava um jeito de visitar o novo amigo.

No final de 1939, a família resolveu passar as férias em Salvador. O bairro escolhido foi Itapagipe. Foi alugada uma casa na Rua Júlio David, na linha do bonde, que vai da Rua Lellis Piedade ao Porto dos Tainheiros, seguindo para a Ribeira. Havia uma casa comercial na Avenida Joana Angélica que alugava pianos. Alugaram um piano, pois sem o instrumento o veraneio não seria completo. Arlindo mandou fabricar uma caixa especial e nela transportaram a bateria, de Santo Amaro para Itapagipe, pois “O Nosso Trio” não podia interromper as atividades. E para a nova casa mudaram-se todos, muito felizes com a aventura. À noite, como fazia em Santo Amaro, Arlindo abriu as janelas que davam para a rua, a família veio para a sala da frente, os filhos puseram-se aos instrumentos e deram início à apresentação musical. “O Nosso Trio” fez um sucesso extraordinário, ainda maior do que em Santo Amaro da Purificação. As pessoas iam chegando, curiosas, ficavam ali presas pelo prazer da música bem tocada e bem cantada. E a notícia do trio musical dos irmãos veranistas espalhou-se, juntando pessoas às janelas, às vezes em número que empatava a passagem dos bondes, cujos motorneiros nem faziam questão de pressa, também eles querendo apreciar a novidade.

O programa musical, que já era organizado em Santo Amaro, organizou-se mais ainda em Itapagipe. Adroaldo, já afeito ao espetáculo, compusera uma marcha vibrante e solene, cujos acordes sinalizavam alegremente o começo da apresentação. Os compassos triunfais da peça instrumental serviam para anunciar ao público o início das atividades e, naturalmente, convidá-lo a participar. Essa peça tornou-se, depois, em *Narizinho*, o “Hino das Águas Claras”,

tocado à entrada de Escamado e Narizinho no salão de baile. Em seguida, era executado o programa cuidadosamente preparado no horário após o almoço. Não tardou, tiveram de abrir uma seção de pedidos. Às vinte uma horas em ponto, um horário inflexível, porque os cantores queriam também gozar as delícias da balaustrada do Porto dos Tainheiros, o espetáculo terminava.

Apesar do sucesso, a repercussão era pequena, como não podia deixar de ser, tratando-se de iniciativa amadorística que não tinha outro objetivo senão o divertimento dos três irmãos, da família, dos amigos, e daquelas pessoas que tinham acesso às apresentações, fosse em Santo Amaro ou Itapagipe. E a produção de Adroaldo como compositor também não era grande até ali. Isso permaneceu, até que dois acontecimentos mudaram completamente, não apenas a atuação de Adroaldo como compositor, mas a sua própria vida. O primeiro deles, em início de 1942, o consentimento de Monteiro Lobato ao seu pedido para que o deixasse escrever, compor e encenar uma opereta com o título *Narizinho*, inspirada no conto *A menina do Narizinho Arrebitado*. E o segundo, em julho de 1943, a criação do programa radiofônico Hora da Criança, na Rádio Sociedade da Bahia. Na condição de opereta infantil, *Narizinho* exigia música, bastante música, música para orquestra, ou seja, de uma dimensão e uma qualidade que, até ali, não era exigida ao compositor de “O Nosso Trio”. E a Hora Criança, um programa de rádio semanal ao vivo com a participação de crianças e jovens principalmente a cantar, também exigia um repertório particular, adequado para os que se apresentavam, próprio para o público que ouvia, destinado a dar singularidade e motivação àquela transmissão que não era apenas artística, mas também educativa. Em ambos os casos, opereta e programa radiofônico, a tarefa era grande, e Adroaldo chamou, para auxiliá-lo, aquele amigo que fizera em Santo Amaro da Purificação, o ex-gerente de banco, mas, na verdade, excepcional músico e compositor, Agenor Gomes.

Em relação a *Narizinho*, que foi a primeira proposta, o convite foi para que Gomes pusesse no pentagrama as músicas que ele, Adroaldo, comporia, também que as orquestrasse e, por ocasião do espetáculo, ensaiasse e regesse a orquestra. Gomes, de início, regateou, disse que já estava afastado das atividades musicais, mas, quando Adroaldo lhe mostrou a primeira composição, que foi a “Ária de Narizinho”, entusiasmou-se, e quis também compor algumas músicas para a opereta.

A história da feitura dessa ária foi contada muitas vezes pelo próprio Adroaldo. Foi tão grande o seu contentamento ao receber a autorização de Monteiro Lobato para adaptar o conto *A menina do Narizinho Arrebitado*, que sentiu necessidade de iniciar o trabalho imediatamente. Era de tardinha, foi tomar um banho para sair e comprar cadernos. Ao dirigir-se para o banheiro, foi imaginando que a opereta devia começar com Narizinho caminhando rumo ao ribeirão, levando a bruxa de pano pela mão. Sendo uma opereta, a menina devia ir cantando. Mas cantando o quê? Era tal o seu entusiasmo, tal a sua motivação que, enquanto a água caía do chuveiro, ele foi cantando, melodia e letra, a música que Narizinho cantaria ao entrar. Terminado o banho, correu ao piano, deu-lhe a forma definitiva. Estava composta a “Ária de Narizinho”. Simples e encantadora como um conto de fadas.

O envolvimento musical de Agenor Gomes com a opereta, adicionando a sua participação também como compositor, fez com que a opereta *Narizinho* tivesse, na verdade, dois autores musicais, Adroaldo e ele, ambos com o mesmo número de composições. Além da ária e do “Hino das Águas Claras”, característica de “O Nosso Trio”, também de outras canções mais antigas que foram incorporadas, como “A Cigarra e a Formiga”, adaptação musical da fábula de La Fontaine, e a “Canção do Sofrer”, inspirada no canto do passarinho das matas brasileiras de mesmo nome, as mais notáveis composições de Adroaldo para essa opereta foram “A Dança dos Tangarás”, a “Quadrilha Nada Nada Peixinho” e a “Dança das Libélulas”, destinadas, as três,

a orquestra, e que apresentavam uma elaboração musical até ali não experimentada nas suas composições. Ao todo, contando as composições de ambos os autores, a opereta ficaria, ao final, em sua versão musical definitiva, com vinte e cinco composições. Desse modo, *Narizinho* deu de imediato uma dimensão maior e mais ampla ao compositor Adroaldo.

O mesmo aconteceu com o programa radiofônico da Hora da Criança, que se tornou uma permanente solicitação para o acréscimo de repertório, também uma inesgotável fonte de inspiração, a fazer com que Adroaldo e Gomes não parassem de criar, ora composições apenas de Adroaldo, música e letra, ora músicas de Gomes com letra de Adroaldo, de que é exemplo o também famoso “Hino da Hora da Criança”, música de Gomes, letra de Adroaldo, ora composições apenas instrumentais. Composições de Adroaldo, como “Mapé”, “Não, Não”, “Canção do Tra-la-lá” (incluída em *Monetinho*), “Cantiga do Verão”, “Valsa da Chuva”, “Viagem ao Rio”, “Adeus Meu Anjo Lindo”, e várias outras, tornaram-se bastante conhecidas do público por meio do programa de rádio que durou trinta anos e cinco meses, sendo apresentado por vinte e três anos em auditório, na Rádio Sociedade da Bahia, e, por mais sete anos, transmitido dos estúdios da Rádio Cultura da Bahia, Z.Y.N.20. Quando saiu do ar, era, senão o mais antigo, pelo menos um dos mais antigos programas de rádio do país.

Após *Narizinho* seguiram-se outras montagens teatrais musicadas: mais uma opereta, *Monetinho* (e aqui vale lembrar a “Marcha de Monetinho” e a “Dança da Estátua”, entre outras); uma fantasia, *Timide* (a “Ária de Timide” e “Bom Dia em Vila Vida”, entre outras); e três revistas, *Infância*, *Enquanto Nós Cantarmos* e *Nossa Árvore Querida*. Tudo isso a motivar e exigir composições musicais de todo o tipo, instrumentais e cantadas, tanto de Adroaldo quanto de Gomes, um número bem maior de Adroaldo, que compunha também para piano, independentemente do repertório da Hora da Criança, como a “*Berceuse*”, para piano e orquestra, e as valsas “Melancólica” e “Valsinha Cromática”, esta última de difícil execução, que ele deixou gravada,

ele próprio tocando, no Lp “Hora de Cantar”, da Hora da Criança. Enfim, foram mais de duas centenas de músicas compostas e bastante divulgadas, e não apenas, como muitos pensam, o famoso “Hino do Bahia”.

Adroaldo morreu em 27 de fevereiro de 1984, aos sessenta e seis anos de idade. Uma multidão comovida fez a apoteose do seu sepultamento. E o que se ouviu no Campo Santo, naquela manhã muito triste, além dos soluços emocionados, foi música. A música de Adroaldo, cantada entre lágrimas e sorrisos de gratidão e saudade por centenas de ex-meninos e meninas que cresceram ouvindo e cantando aquelas canções.

REFERÊNCIAS

COSTA, Adroaldo Ribeiro. *Igarapé – História de uma teimosia*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1982.

COSTA, Aramis Ribeiro. “O Teatro Infantil de Adroaldo Ribeiro Costa”. In: *Revista da Academia de Letras da Bahia* n° 51, 2013.

COSTA, Aramis Ribeiro. “História do ‘Hino do Bahia’”. In: *Revista da Academia de Letras da Bahia* n° 58, 2020.

Aramis Ribeiro Costa é baiano de Salvador, de 1950, autor de mais de duas dezenas de livros de literatura, entre eles *Histórias de mais ou menos amor* (contos, 2018), *O corpo caído no chão* (romance, 2018) e *As meninas do coronel* (romance, 2020). É sócio efetivo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Desde 1999 ocupa a Cadeira n° 12 da Academia de Letras da Bahia.



QUARENTA ANOS DE *O GRITO DA PERDIZ*

GERANA DAMULAKIS

A primeira edição do volume de narrativas curtas premiadas de Hélio Pólvora, intitulado *O grito da perdiz*, editada pela Difel, de São Paulo, traz na capa desenho do artista plástico Aldemir Martins e é de março de 1983, mas ele arrebanhou o primeiro lugar na categoria contos do Prêmio Nestlé de Literatura Brasileira, em 1982. Portanto, em 2023, comemoramos os 40 anos da primeira edição e os 30 anos da edição de 2013.

Quanto ao Prêmio Nestlé de Literatura Brasileira, vale lembrar que na sua terceira edição, em 1986, Hélio Pólvora ganhou outra vez o primeiro lugar na categoria contos com o livro *Mar de Azor*, que foi publicado pela Melhoramentos de São Paulo. Em edição posterior, conta-se que pediram para o contista que não se inscrevesse de novo, do contrário ninguém mais teria possibilidade de ganhar.

O meu exemplar da primeira edição de *O grito da perdiz* teve a dedicatória assinada por Hélio Pólvora em junho de 1993. Nela, ele enfatiza que eu estou resgatando o poeta-mor Sosígenes Costa, mais um sul-baiano. O livro traz impressa a dedicatória para Maria Pólvora, sua esposa: “À Maria — que andou comigo pelas margens dos rios Cachoeira e de Contas”.

Mas vamos ao livro. São quatro contos: “Além o Mar Azul”, “O Arrenegado”, “Bicuíba: Uma Biografia” e o conto

que dá título ao livro, “O Grito da Perdiz”. Em todos eles, fica patente que a criação de Hélio Pólvora se vale de sua evidente força imaginativa aliada ao que a memória registrou e sedimentou.

O escritor Salim Miguel disse nas orelhas do livro: “Jogando com o fluxo da memória ou apenas com um diálogo carregado de segundas intenções, Pólvora dá sempre o tom exato e a medida justa. Sua prosa flui e nos envolve e faz pensar”.

Igualmente patente é algo que lhe é muito identificador: o poder da sugestão. Hélio Pólvora conta e ao mesmo tempo sugere que se reflita mais um pouco porque há o que encontrar com uma leitura mais atenta. Vale a pena lembrar o que disse dessa coletânea, também nas orelhas, a escritora que Hélio Pólvora tanto admirava, Lygia Fagundes Telles, ao apontar para a “sensibilidade de vidente, aliada a uma rica experiência artesanal, imaginação cintilante e linguagem de renovação poderosa, singular [que] colocam Hélio Pólvora na primeira linha dos grandes contistas brasileiros”. Aqui cabe lembrar a grande admiração de Hélio Pólvora pela escritora de “Natal na Barca”: “Para Lygia eu estendo tapete vermelho, tiro o chapéu e peço que passe triunfalmente”, dizia Hélio várias vezes.

Por fim, a quarta capa de *O grito da perdiz* traz Moreira Campos dizendo: “Sei apenas que estou diante de um verdadeiro mestre do conto, consciente de sua missão de escritor e criador”.

Além da ligação do homem com sua terra, os contos de *O grito da perdiz* levam além o regionalismo na medida em que este mesmo regionalismo instiga o escritor sobre as consequências sociais que movimentam os enigmas presentes em cada ser.

Um pouco sobre Hélio Pólvora: baiano de Itabuna, nascido no dia 2 de outubro de 1928. Fez parte do quadro de membros da Academia de Letras do Brasil, sediada em Brasília, com a Cadeira número 13, que tem como patrono

Graciliano Ramos, cuja literatura teve a admiração enorme de Pólvora; fez parte da Academia de Letras de Itabuna e da Academia de Letras de Ilhéus, que tem como sucessor Aleilton Fonseca, igualmente grande leitor de Pólvora, o qual faz parte da história de sua vida de escritor. Hélio Pólvora ocupou a Cadeira número 29 da Academia de Letras da Bahia, atualmente ocupada por mim, que com muita honra procuro sempre mostrar o valor de seu legado. Hélio morreu em 26 de março de 2015, deixando, em livro, quase 20 títulos de contos, dois romances, quatro títulos de crônicas, sete de ensaios críticos e dois de poemas.

Abro mais um desvio para contar que Hélio Pólvora admirava muitíssimo Graciliano Ramos e José Lins de Rêgo, mas não conhecia ambos, apesar de já estar morando no Rio de Janeiro. Então morreu Graciliano Ramos e Hélio foi ao velório. Estando ao lado do caixão, mirou o rosto do autor de *Vidas secas* e ao levantar o olhar, do outro lado do caixão, estava José Lins do Rêgo. Assim viu suas duas admirações, ainda que um deles estivesse morto.

Tratando da indesejada das gentes, vou inserir aqui alguns versos.

Na manhã do dia 26 de março de 2015, ainda no apartamento do casal, Maria Pólvora me mostrou um poema que Hélio escreveu e colou na porta de seu quarto. Li este poema na cerimônia da cremação de Hélio, no final da tarde daquele mesmo dia. Quero registrar aqui os versos do meu amigo querido.

Eu sou Hélio
o Velho Hélio
de guerra e de dor.

Mas só queria ser
o moço Hélio
de paz e de amor.

Paz e amor
fariam de mim
um Velho em flor.

Por isso lhes peço:
em vez de dissabor
me tragam amor.

Retomo ao modo de Hélio Pólvora no que tange ao fascínio que ele sentia pela narrativa que conta duas histórias, pela narrativa rica em sugestões localizadas nas entrelinhas. Isto sempre me levou a detectar que o escritor não estava satisfeito enquanto não tornava o leitor seu cúmplice. Basta mirar o conto “O Grito da Perdiz”, última narrativa do livro: os personagens Pedro e Cazuzza nos campos ao longo do Rio de Contas, caçam perdizes. Só que o leitor de Hélio Pólvora certamente caçará a outra história, muito mais tensa do que a que conta a caçada às perdizes.

Por prezar bastante a teoria do *iceberg*, de Ernest Hemingway, quando o escritor mantém enterrada sob a superfície a maioria do que sabe sobre os personagens e situações, Hélio Pólvora enriquece seus textos acrescentando também o evento que é capaz de alterar o estado emocional do personagem ou dos personagens, ou seja, a epifania. Bem ao modo do conto “Os Mortos”, de James Joyce, exemplo maior de uma narrativa que usa todo o poder da epifania, Hélio Pólvora considerava a importância da epifania pela maneira como ela faz emergir o que estava submerso.

O escritor Ricardo Piglia coloca o mesmo recurso da seguinte forma: um conto sempre conta duas histórias, uma narrada em primeiro plano e a outra construída nos interstícios da primeira; portanto, uma história visível que esconde uma história secreta. O efeito surpresa se produz quando o final da história secreta aparece na superfície.

E é assim em *O grito da perdiz*: até a última linha do conto a segunda história fica sugerida pelo ciúme que claramente permeia a narrativa, mas é a frase final, dita por Pedro, que traz a segunda história à tona. Eis a frase: “— Lembranças à sua mulher”. Entende-se melhor a última frase, reproduzindo o que diz Aramis Ribeiro Costa na *Revista da Bahia*, número 21, de maio de 1996, no texto “Pólvora de Caça & Pesca” nas páginas 47- 48: “*O grito da perdiz*, em sua trama básica, gira em torno de dois homens, Cazuya e Pedro, cujo relacionamento anterior e laços afetivos não são definidos, e que vão, com o auxílio de um cão, à caça das perdizes. As artimanhas da caça, o ataque de uma serpente venenosa a um deles, os disparos — fortuitos? — das velhas espingardas, que ferem um e quase ferem o outro, e, até mesmo os diálogos repletos de intenções ocultas, além de terem os seus significados próprios, servem de suporte a outros planos narrativos, onde a figura central é Luzinete — infiel perdiz ou cobra venenosa? — mulher de Cazuya. Vejam este pequeno trecho: ‘Assim que Pedro apareceu, a mesa estava posta, com toalha de linho e até mesmo um ramo de jacintos no centro. Que desperdício, mulher. Afinal de contas, Pedro é de casa, Pedro não é de cerimônia, come até prato feito, não é Pedro? Luzinete sorriu’. Sorriu como teria sorrido Capitu para Escobar, diante de Bentinho? O clima de sensualidade e suspense, a abundância de paralelos e sugestões, a começar pelo título, fazem, desta narrativa, um desafio para a imaginação do leitor”.

O conto que abre o volume é “Além o Mundo Azul”, título modificado posteriormente para “Além do Mundo Azul”. Trata de uma busca da infância através da memória, porém a “memória é invenção”, como disse José Saramago, e a relação entre o afilhado e a madrinha pode estar carregada de fatos criados pela imaginação, graças ao tempo. Desta forma, não há como esclarecer o relacionamento dúbio entre a madrinha e o afilhado.

“O Arrenegado” é o título do segundo conto do volume *O grito da perdiç* que estamos comemorando. Neste seu aniversário de 40 anos da primeira edição há de ser ressaltado que, na edição de 2013, do Casarão do Verbo, Hélio Pólvora mudou o título de “O Arrenegado” para “O Demônio no Vale”. O jogo entre dominador e dominado traz um personagem caro ao escritor: o Surdo. Quem conhece a obra de Pólvora sabe o simbolismo que o Surdo carrega, seja no conto, seja como personagem do romance: a surdez aguça a visão, ele alcança lonjuras com seus olhos, a surdez o torna imune aos cantos de sereias. Temos outra vez a segunda história emergindo no final da narrativa: do embate entre o Surdo e o Coronel resulta a expulsão do dominado pelo dominador, mas de todo o acontecido, fica a semente do que pode modificar a correlação de forças.

“Bicuíba: Uma Biografia” é a terceira história: uma biografia que não se completa, uma biografia sobre o fracasso de uma vida, uma biografia que expõe a relação pai versus filho, a vida manipulada, duplamente fracassada. Lendo o conto, percebe-se a escolha da segunda pessoa para narrar a “desimportância” de Bicuíba. Escolha calculada por Hélio Pólvora, pois a primeira pessoa não poderia ser, pois Bicuíba não tem consciência suficiente para analisar a vida que vive ou viveu, e na terceira pessoa uma pergunta se levanta: que voz narrativa poderia relatar uma biografia que não se completa, porque não se realiza? Muito bem avaliada, a colocação de Heleno Godoy, no estudo introdutório da 2ª edição de *O grito da perdiç*, é igualmente compartilhada por outros críticos.

A epígrafe que consta apenas na primeira edição é de Hermann Hesse, um trecho do romance *O jogo das contas de vidro*. E procedia, como bem observou Heleno Godoy, vendo-a como definidora do livro: “trata-se de um jogo onde o importante não é seguir intelectualmente as sucessões de ideias, mas a exigência de uma dedicação mais profunda”.

Segue a epígrafe tirada do romance supracitado de Hermann Hesse:

... e a contemplação tornou-se parte importantíssima do Jogo, sendo considerada mesmo o essencial, entre o público que via e ouvia os jogos. Então começou a manifestar-se seu aspecto religioso.

O importante não era mais seguir intelectualmente as sucessões de ideias e o mosaico espiritual de um jogo, porém sobreveio a exigência de uma dedicação mais profunda e anímica. Isto é, após cada símbolo, que o dirigente do Jogo evocava, era necessário entregar-se a uma calma meditação sobre esse símbolo, seu conteúdo, sua origem e seu sentido. O que obrigava os parceiros a fixar-se intensa e organicamente no conteúdo do símbolo. (HERMANN HESSE em *O jogo das contas de vidro*).

Dedicado ao conto, principalmente ao conto, Hélio Pólvora sabia exigir essa dedicação a quem o lesse, pois apenas assim, com atenção e com dedicação, pode-se usufruir da literatura de primeira água que ele escreveu para os verdadeiramente aficionados pela arte magnífica do conto, pela arte das alusões sutis; enfim, a arte das iluminações inesperadas.

REFERÊNCIAS

COSTA, Aramis Ribeiro. “Pólvora de Caça e Pesca”, artigo. In: *Revista da Bahia*, n°21, maio 1996.

DAMULAKIS, Gerana. *Conversas com Hélio Pólvora*. Salvador: Quarteto Editora, 2016

PÓLVORA, Hélio. *O grito da perdiz*. São Paulo: DIFEL Difusão Editorial S.A., 1983.

PÓLVORA, Hélio. *O grito da perdiç*. Anajé: Casarão do Verbo (Coleção Hélio Pólvora), 2013, 2ª edição revisada.

Gerana Damulakis é leitora, ensaísta e antologista, autora de livros como *Sosígenes Costa – o poeta grego da Bahia* (1996), *O rio e a ponte – à margem de leituras escolhidas* (1999), e *Conversas com Hélio Pólvora* (2016). Organizou as antologias *Antologia panorâmica do conto baiano – século XX* (2004), e *Nome de mulher* (2017). É titular da Cadeira número 17 da Academia de Letras e Artes Mater Salvatoris. Desde 2015 ocupa a Cadeira n° 29 de Academia de Letras da Bahia.



MAGIAS E ARTE DE CALASANS NETO

FLORISVALDO MATTOS

Artista consciente e predestinado, como o definiu o também hoje saudoso poeta e crítico de arte Wilson Rocha, recorde Calasans Neto na figura pertencente à irrequieta e sedutora malta de jovens que, na segunda metade dos anos 1950, deixava os bancos do curso secundário, para decididamente participar e influir no vertiginoso processo cultural de que a Bahia se mostrava em trepidante cenário. Vinham eles das chamadas *Jogralescas*, febris e depois afamadas apresentações de poesia teatralizada, levadas então ao palco, no auditório do ainda Colégio da Bahia (hoje Central), em que Calá, além de autor da cenografia, desempenhava também função de ator.

Com Glauber Rocha à frente, compunham esse grupo cavaleiros andantes, tomados de igual fervor, Fernando da Rocha Peres, Paulo Gil Soares, Carlos Anísio Melhor, Fred Souza Castro, João Carlos Teixeira Gomes, Fernando Rocha, Ângelo Roberto, Antônio Guerra Lima, entre outros, ao lado de louças *demoiselles* que infundiam, a um só tempo, ardor, beleza e inspiração àqueles rumorosos dias. Estavam resolvidos a subjugar e varrer do ambiente cultural a esclerose decadentista que ainda o corroía, lançando luzes sobre o opaco horizonte à sua frente, não obstante os novos rumos descortinados por Edgar Santos, reitor da então Universidade da Bahia, com seu vitorioso projeto de reformas estruturais.

A eles me incorporei, em inícios de 1957, a convite de Glauber, que se entusiasmaria com um poema de minha autoria, intitulado “Composição de ferrovia” e publicado no número 11, da revista *Ângulos*, então prestigioso ícone editorial da Bahia, que acabara de circular. Calasans Neto era um desses *quixotes*, montado em seu *rocinante*, cujo peitoral de sonhos varava o vasto e sensível campo das artes plásticas, um dos poucos redutos que a geração anterior, a dos cavaleiros da cruzada vitoriosa de *Caderno da Bahia* (1948-1955), conseguira desbravar, abrindo fendas na resistente muralha do academicismo dominante, acolhidos pela sensibilidade modernista do educador Anísio Teixeira, à frente da Secretaria da Educação e Cultura, no governo Octávio Mangabeira (1947-1951).

Nas artes plásticas, irrompia com ânimo forte e aspirações a que mais adiante seria rotulada de Geração Mapa, por contar em seu pelotão com quatro varões de indiscutível talento artístico: Calasans Neto, Sante Scaldaferrri, Ângelo Roberto e Hélio Oliveira, a que depois se juntaria José Maria Rodrigues. Realce neste leque de criadores, já mestre em muitas artes, inclusive na da conversa alegre, informal, bem-humorada e envolvente, Calá logo revelaria excepcional vocação para a gravura em madeira e na ilustração de livros e álbuns constantes de obras publicadas pelas Edições Macunaíma e revista *Mapa*, duas iniciativas editoriais que se tornariam carros-chefes para afirmação e prestígio literário e artístico do grupo.

Eu próprio, não tenho por que negar, me considero um dos beneficiários das habilidades e magias visuais da goíva de Calasans Neto, desde que, tendo sido o ilustrador de meu primeiro livro, *Reverdor*, de 1965, o seria de outros que se seguiriam, tais como *Fábula Civil* (1975) e *A Caligrafia do Soluço e Poesia Anterior* (1996), além de uma plaqueta de poemas com que eu e Fernando da Rocha Peres, em 1985, (*Dois poemas para Glauber Rocha*), homenageamos a memória deste glorioso companheiro de geração. Em todas essas obras, a arte de Calá destacava-se como forte elemento, capaz de impulsionar as sugestões estéticas que o enunciado de versos e estrofes buscava transmitir, podendo-se afirmar mesmo que eram as imagens das gravuras o seu visual condutor.

Trabalhadas em madeira, no primeiro caso, as gravuras de Calá agregavam feição gráfica aos poemas do livro, conferindo energia e vigor a seu enunciado telúrico, tanto no que respeita às alusões épicas, quanto ao lirismo nas partes marcadas por separatrizes, desde a capa até a contracapa, cujas imagens se articulavam com o universo rural ou mecânico, por onde se insinuava o seu conteúdo.



No livro *Reverdor* (Salvador: Edições Macunaíma, 1965), desenhos de cavaleiros vestidos em armaduras, em cenário de cavalaria medieval, precediam os poemas dos cinco monólogos de Garcia d'Ávila; a seguir, figuras de cabras placidamente pastando, em encostas (mais adiante, esses animais se tornariam signos definidores de uma das fases da arte de Calá, incutindo nas telas, e também em gravuras, dimensão mitológica de conotação campestre), advertiam para o fundamento agrário da seção “Agrotempo” e, por fim, uma locomotiva, arrastando um comboio de vagões, anunciava os poemas da seção final denominada “Composição de ferrovia”. Havia imaginação, com figuração modernista, evocação e bucolismo, a refletir o objeto verbal que os versos adiante cogitavam expressar.

Houve depois nova colaboração deste mágico artista, na edição de outro livro de minha autoria, *Fábula Civil* (pelo mesmo selo editorial, em 1975), cujas elocuições abandonavam o ambiente rústico e o chão bucólico da região cacauceira, para centrar-se na trepidação de um universo urbano conturbado, prenunciando horrores, que ameaçavam, desafiavam e violavam as serenas estivas do humanismo. A poesia agora se voltava para uma ordem de fatores pulsantes, em cenário marcado por violência, ditadura, opressão e medo.

Neste denso circuito imaginativo, as xilogravuras irão imprimir especial figuração, traduzindo verbal expressão de denúncia, assombro e terror, presente na linguagem dos poemas, e agigantando a edição, desde o vermelho da capa, com título em baixo relevo. Letras fortes e cruamente esculpidas compõem a página de rosto e se embrenham pelas três seções divisórias que se seguem, em sugestiva dança de imagens e títulos também gravados. Agora tensos e meditativos rostos defrontam-se com enigmas, seres humanos em célere fuga sobre chão de caveiras e ossos; bocas escancaradas sob açoitamentos sugerem espanto e dor, invocando urgências num trançado de tragédia, como viventes solitários de uma noite que não passa, submersa em sentimentos de piedade e compaixão.

Calá também iria participar da homenagem conjunta, em forma de plaqueta de poemas, que eu e Fernando da Rocha Peres prestamos à memória de Glauber Rocha, em 1985, agora com um conjunto de monotípias alusivas à obra do saudoso amigo e já famoso cineasta. Na edição de *A Caligrafia do Solução & Poesia Anterior*, obra editada pela Fundação Casa de Jorge Amado (Prêmio Copene de Cultura e Arte, 1996), Calasans Neto comparece com oito gravuras que integram capa e separatrizes da coletânea de poemas.

Nesta memória, apenas assinalo parte atomizada da significativa obra gráfica de Calasans Neto, que, para ficar apenas no campo da poesia, conferiu qualidade visual, artística e de fidelidade

a edições de obras de outros poetas, a começar por *Samba de Roda*, de Fred Souza Castro, de 1957, livro com que o selo Edições Macunaíma inaugurava sua aventura editorial (suponho ter sido também o primeiro livro ilustrado por Calá). Seguiram-se, entre livros e plaquetas, os de Fernando da Rocha Peres (*Diluviano, Rurais, Tempo Objeto*), Paulo Gil Soares (*Mirante dos Aflitos*), os muitos de Myriam Fraga, Alberto Luiz Baraúna, Humberto Fialho Guedes, José Carlos Capinan, e de outros nomes consagrados, como Jorge Amado, Godofredo Filho e Carvalho Filho, entre outros baianos, nas áreas de poesia e ficção, como o livro de contos, também inaugural, de Sonia Coutinho, *Do herói inútil* (1964), sem esquecer monumental edição com poemas de Vinícius de Moraes e Pablo Neruda, um primor de criatividade, em matéria de conteúdo editorial e gráfico.



Na Bahia, pertence à esfera da alta cordialidade estética esta aliança fraternal entre as artes plásticas, a poesia e a literatura, co-operação que faz parte da história da civilização ocidental, desde o Renascimento, porém acentuada a partir dos movimentos literários e artísticos do século XIX e incrementada com as vanguardas de início do século XX, quando se consagrou e se tornou uma saudável referência na produção de livros e álbuns, muitos destes apenas de arte.

Quanto a mim, esse intercâmbio de minha poesia com a linguagem plástica de Calasans Neto teve um significado de diálogo afetivo e conagração de ideias, que coincidiam com aspirações estéticas de uma geração, em que palavras e imagens, traços e cores se harmonizavam, sob os signos da colaboração e dos afetos, unificando propostas e ânimos, desde que a gravura desse artista, sendo ela própria também um processo poético, em escala visual, pressupõe entrelaçamento de identidades que se situam na raiz dos temas abordados, como no caso de meu livro *Reverdor*, em que suas gravuras, funcionando como separatrizes, procuravam realçar o núcleo de poemas que cantavam o labor dos campos e heróis do passado, desbravadores da terra descoberta, a partir da ocupação, a fincarem as raízes da nação brasileira. Nele, uma dinâmica visual trespassada por um sopro de inocência juvenil; em mim, um estado mental de aventuras verbais, que buscava transmitir pureza de origens, com chão e gentes, a sancionarem pensamento, palavras e imagens; enfim, uma relação que se traduzia e se justificava pela confluência de sentimentos e aspirações geracionais, fortemente alojados num cosmo íntimo de amizade.

Aproveito para manifestar o meu eterno agradecimento a José Júlio Calasans Neto, ou simples e familiarmente Calá, que nos deixou num dia frio de outono, em 2006, por sua desprendida solidariedade e generosidade, e também para anunciar novidade, que demonstra permanecer saudavelmente vivas a magia e a arte desse notável baiano. Trata-se de atitude tão digna quanto rara, no atual panorama cultural da Bahia, a de um empresário

da construção civil, Denis Guimarães, que me foi apresentado pela jornalista Elane Varjão, certa manhã, em razão de que ele resolvera pôr em prática projeto inteiramente pessoal, que, segundo me confessou, se destinava a coletar e preservar o acervo artístico de Calasans Neto, representado por gravuras, pinturas, esculturas, assim como documentos, e mais o que fosse e onde estivesse, para tanto não medindo esforços em consegui-lo. Pedi-me então que lhe indicasse um contato; sugeri que procurasse Auta Rosa, hoje também saudosa viúva desse memorável artista plástico; porém não tive conhecimento do que ocorreu posteriormente. Espero que tenha obtido merecido sucesso, para que a obra de um artista de tão alto nível criativo não mergulhe no esquecimento, como tem sido comum nesta Bahia.



CANTEIRO DE OBRAS

A Calasans Neto

Triste nada mais triste
nas torrentes urbanas
são passos insones sombras
entre automóveis e hábitos.

Marulho de pés e pedra
escuro clamor de buzinas
deslizamos sobre leito
de ritos – sulcos na face.

Os engenheiros rasgam
o ventre da cidade
mar de mitos represado
o fel da impotência
escorre ladeira abaixo.

Tudo resplandece em luxo visual
no cotidiano das paredes claras.

Dentadura gretada de edifícios
engole projeta miragens
morno hálito de sangue
sobre todos – por ali sai
um odor antigo um bafio
rude muito sem disfarces.

Lábios e mãos se apagam
em escrita de muros – implacável
olhos ouvidos rostos numerados
mansamente nos consumimos
em surdo medo e azinhavre.

(Florisvaldo Mattos, *Fábula civil*. Salvador:
Edições Macunaíma, 1975)

Florisvaldo Mattos, nascido nos arredores da cidade de Uruçuca-BA, é poeta e jornalista, encerrando a carreira profissional como editor-chefe do jornal *A Tarde*, em 2011. Professor aposentado da UFBA, foi presidente da Fundação Cultural do Estado da Bahia, de 1987 a 1989. Tem participado de antologias poéticas baianas, nacionais e estrangeiras (Portugal, Espanha, França e Alemanha). Publicou livros de poesia e de outros gêneros, sendo os dois últimos *CACAUEIROS – Poesia. Conto. Teatro e Academia dos Rebeldes* e outros exercícios redacionais, ambos editados em 2022. Desde 1995 ocupa a Cadeira n° 31 da Academia de Letras da Bahia.



ANTIGAMENTE E NUNCA MAIS:

Crítica Cultural na crônica

de Ruy Espinheira Filho¹

CARLOS RIBEIRO

O BOM COMBATE!

A poesia é quase que um sopro natural. Quando iniciei a atividade de cronista eu já fazia poesia há muito tempo, desde a infância. Tornei-me cronista por um acidente de percurso, vamos dizer assim. Em 1968, nós fizemos uma exposição de poemas cartazes no foyer do Teatro Castro Alves: eu, Antonio Brasileiro, me parece que Capinan também, não tenho muita certeza, mas era o pessoal do [grupo] Serial, que estava começando a publicar. Depois esta exposição transferiu-se para a Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia. Visitando esta escola de teatro, o jornalista Quintino de Carvalho, que estava em Salvador para criar a *Tribuna da Bahia*, leu um poema cartaz meu e gostou. E como queria fazer o jornal só com gente nova, ele me localizou através do meu pai, que naquele tempo era chefe dos advogados do Banco do Estado. Um dia meu pai chegou lá em casa e disse: “Olha, tem um jornalista do Rio querendo falar com você, mandou o endereço pra você procurar ele”. Eu fui, num edifício da Cidade Baixa, e, ao longo de dias, batendo papo com ele sobre literatura, em particular, ele me disse que estava precisando de um cronista e me perguntou se eu toparia tentar escrever crônica.

¹ Excerto do trabalho de pós-doutorado, realizado por Carlos Ribeiro na UFBA, ainda inédito.

Eu nunca tinha escrito uma crônica na minha vida. Ele me disse: “Vá pra casa, *desove* duas ou três crônicas e me traga amanhã”. Eu fui pra casa, sem jamais ter escrito uma crônica, pus os miolos para funcionar e produzi duas. No dia seguinte eu levei as crônicas e ele me disse: “O emprego é seu”. Então, isto aconteceu em minha vida porque um jornalista leu um poema meu. Eu entrei para trabalhar em jornal, como cronista, por causa da poesia.

Neste trecho de uma entrevista concedida a mim e a Aleilton Fonseca, há pouco mais de vinte anos², Ruy Espinheira Filho mostra-nos a proximidade entre duas vertentes da sua atuação como escritor: a do poeta e a do cronista. Esta, uma outra face da primeira: aquela que o traz para o rés-do-chão e que o faz dialogar e interagir mais diretamente com o tempo presente.

Mas suas crônicas expõem também sua forma de ver o mundo e de sentir tudo o que nele se perde com a passagem do tempo. Seja nos aspectos mais poéticos das crônicas líricas, seja nos mais objetivos dos seus artigos, o ponto de convergência parece ser o mesmo: o de constatar, denunciar e lamentar o que de verdadeiramente humano se perde num presente marcado pela falta, pela carência e incompletude. **ESTUPIDEZI!**, com caixa alta e a devida exclamação, é a palavra que exprime com maior vigor o Moinho de Vento contra o qual se lança com seu escudo (a Memória) e espada (a Palavra).

Como um Quixote dotado de plena capacidade crítica demasiadamente moderno, o poeta-cronista não deixa dúvidas quanto à inutilidade da sua luta contra a indigência intelectual, ética e cultural do seu tempo. Ainda assim, continua a lutar o bom combate com a sensação de crescente impotência. O próprio jornal e o meio cultural que envolve o repórter-cronista de hoje já não é mais como o dos anos 60/70 que marcaram a sua formação.

² Entrevista publicada originalmente no jornal *A Tarde* e posteriormente no livro *Vozes do nosso tempo* (2024) assinado juntamente com o escritor e professor Aleilton Fonseca.

O próprio espaço urbano passou por transformações que inviabilizaram as formas mais criativas, espontâneas e culturalmente enriquecedoras de convivência que vivenciou, na vida profissional (redações dos jornais) e boêmia (noite de Salvador), antes do processo de descentralização da cidade, ocorrido de forma mais efetiva a partir dos anos 1980.

Diz ele:

Foi outro mundo o que eu conheci aqui em Salvador. Quando eu vim pra cá, ela ainda era uma cidade mágica. Então, eu entrei nessa magia de Salvador. Tive que pagar o preço ao caboclo. Entrei na boemia pesada. Depois, infelizmente, veio o golpe militar de 64 e aí, além de atrapalhar a minha vida e a vida de outras pessoas, Salvador entrou num ritmo diferente, que é o ritmo do progresso a todo custo, e o que era lirismo foi substituído por interesses turísticos, pela especulação imobiliária e por outras coisas que todo mundo sabe. Salvador foi se transformando numa cidade como é hoje, em que a magia foi praticamente marginalizada. De magia não tem quase mais nada. Tem uns restos e umas empulhações que são mostradas aos turistas de um modo geral.

A Bahia perdeu isso porque, como Salvador era, na verdade, da Piedade para baixo, da Piedade até a Praça da Sé se concentrava a cidade, então se você saltasse de um transporte na Piedade e fosse andando, você encontrava a cidade toda. Estava todo mundo lá. Tinha O Cacique, restaurante e bar ali no Guarani, era aberto, agradabilíssimo, os jornais ficavam lá, A Tarde ficava ali, o Jornal da Bahia ficava na Barroquinha e os dois Diários Associados ficavam na Carlos Gomes. Era ali que estava todo mundo. Como a redação dos jornais era feita por intelectuais jornalistas, todo mundo estava ali. Você não precisava marcar encontro com ninguém. Era só sair de casa, pegar seu ônibus, saltar ali e ali encontrava todo mundo. E ainda havia os bares, você tinha certeza que ia encontrar todo mundo,

como o bar Brasil, lá na Praça da Sé, que era um ponto de encontro também nosso. Isso acabou na Bahia. Hoje é muito difícil você encontrar pessoas pra conversar de literatura na Bahia, a não ser, como a gente tem feito ultimamente, nas casas dos outros. Fora isso, hoje ninguém se encontra mais. Antigamente você ia para a rua Chile e chegava na porta da livraria Civilização Brasileira, encontrava todo mundo, estudantes, políticos, escritores, estava todo mundo ali. Então, você vivia esse caldo cultural.

O que em outras circunstâncias poderia ser visto como um resquício neorromântico, de exaltação e idealização do passado, ganha aqui a nitidez da história vivida e compartilhada por todos que vivenciaram as mesmas experiências e a elas acrescentam o seu próprio testemunho: de fato, o processo acelerado de desenvolvimento urbano verificado em Salvador soterrou as características mais marcantes da identidade do *ser baiano*, quando nem se cogitava pensar nisto, quando ser baiano era simplesmente *ser*.

Na cidade em que se podia andar despreocupadamente, a qualquer hora do dia e da noite, intensificava-se rapidamente a proliferação do roubo, do assalto à mão armada, do vandalismo, da delinquência e do tráfico de drogas, este praticamente inexistente em décadas anteriores. A explosão populacional sem precedentes no estado caminhou *pari passu* com um desenvolvimento econômico da Bahia, na terceira fase da industrialização no estado, no qual um calamitoso processo de expansão urbana resultaria em graves consequências ambientais e socioculturais.

Foi neste exato momento histórico que se intensificou o processo de devastação da natureza e a desarticulação de um sem-número de expressões culturais de comunidades tradicionais, a exemplo de pescadores, ganhadeiras e marisqueiras. E na expropriação de todo um extraordinário acervo de costumes, festas, canções, tradições que configuravam uma cultura singular, pulverizando nichos de produção cultural, transformando autênticos artesãos, cantadores, capoeiristas, grupos de reisados,

filarmônicas e sambas de roda em caricaturas de si mesmos no mercado crescente do turismo.

Mas disto já não tratava o poeta, aderido ao território mágico/nostálgico da vida pregressa, e sim o cronista/articulista que se posiciona sobre questões polêmicas agora relacionadas a praticamente todas as áreas: na música, na literatura, no carnaval, nos costumes, na economia e, sobretudo, na política, fonte maior de todos os desmazelos. E é contra esse processo avassalador de mudanças que se contrapõe, com indignação e afiada ironia, a voz do jornalista, tão semelhante em sua visão de mundo, como diverso em sua especificidade, à do escritor. Utilizamos o termo *jornalista* com alguma reserva, tendo em vista as palavras do próprio cronista na referida entrevista.

Eu sou um jornalista meio à margem, não sou propriamente um jornalista. Eu entrei para o jornalismo através da crônica. Eu era um cronista. A crônica não é um gênero jornalístico, é um gênero literário publicado em jornal. Eu entrei no jornalismo porque eu abandonei o direito, e queria fazer uma graduação qualquer. Não podia simplesmente abandonar o curso e ficar sem fazer nada. Como eu já estava escrevendo crônicas para o jornal, eu fiz o vestibular pra jornalismo, mas no jornalismo eu atuei como *copydesk* durante alguns anos, fui subeditor de Cidade, depois fui editor de Cidade, e no tempo que João Ubaldo Ribeiro foi editor-chefe do Jornal da Bahia, eu fui editor de reportagem geral. Este é o meu trabalho em jornal, na verdade. Reportagem eu fiz pouquíssimas, geralmente entrevistas, quando me interessava. Fiz uma ou duas entrevistas para o Pasquim, umas duas para o Jornal da Bahia, quando me interessava fazer. Geralmente com escritores ou uma coisa encomendada. Nunca tive vocação pra reportagem. E em jornal eu sempre trabalhei com a palavra, edição e a palavra.

Foi na crônica, entretanto, ou mais especificamente numa de suas facetas como gênero híbrido do jornalismo e da literatura, que Ruy encontrou o espaço que a poesia e a ficção não lhe concediam:

o da intervenção direta nas questões que o mobilizam enquanto cidadão. Mais que os demais gêneros praticados pelo autor, a crônica permite-lhe dar o devido e necessário testemunho sobre o seu tempo, não apenas nas páginas mais nobres dos livros, menos acessíveis ao público em geral, mas também nas páginas mais prosaicas dos periódicos, que circulam nas mãos dos seus leitores para desaparecerem na poeira do tempo ou, na melhor possibilidade, abrigarem-se nos arquivos das bibliotecas e dos próprios jornais.

Para situar a questão, permito-me reproduzir a seguir um trecho do meu livro *Caçador de ventos e melancolias: um estudo da lírica nas crônicas de Rubem Braga* (2001, pp. 33/34):

Vale lembrar que o termo crônica é usado frequentemente para designar a cobertura jornalística de segmentos específicos da sociedade, a exemplo da *crônica esportiva* ou da *crônica policial*. No caso específico do Brasil, ela adquiriu um status de gênero literário, graças a algumas características que a singularizam. Dentre elas, podem-se destacar: 1) O tom informal, às vezes quase confessional, em que o leitor se sente coparticipante da narrativa. 2) O enfoque predominantemente impressionista, no qual o autor comenta fatos do cotidiano, filtrando-os através da sua própria sensibilidade e do seu temperamento. 3) A sua relação com a dinâmica do tempo, geralmente associada a fatos do dia a dia que logo são superados por outros, da mesma forma que o jornal, seu principal veículo, supera-se diariamente a si próprio, a cada nova edição.

Elaboração da linguagem, complexidade interna, penetração psicológica e social, força poética e humor são, segundo David Arrigucci, algumas características da crônica brasileira, que lhe permitem “uma forma de conhecimento de meandros sutis da nossa realidade e da nossa história”. Pela sua força poética, pelo seu lirismo, ela consegue, através de seus melhores autores, driblar a contingência dos acontecimentos passageiros, à qual parecia estar condenada.

É justamente este drible que justifica, neste trabalho, resgatarmos das crônicas de Ruy Espinheira Filho páginas até então relegadas ao esquecimento. Como lembra Arrigucci, todos os significados da palavra crônica implicam a noção de tempo, noção esta que está presente no próprio termo, que procede do grego *chronos*, o deus do tempo na mitologia grega.

No que diz respeito à afirmação de Ruy de que não é propriamente um jornalista, tomamos o termo, neste caso, como sinônimo de “repórter”. Significado que pode ser ampliado para uma gama bastante diversa de textos opinativos e interpretativos, dentre os quais se incluem artigos, ensaios, comentários, entrevistas e algumas derivações/ampliações da reportagem, a exemplo da grande reportagem, sem esquecer outro campo mais vasto e complexo que é o do jornalismo literário. Nesta perspectiva, podemos tomar como exemplos de jornalistas nomes como os de George Orwell, Ernest Hemingway, Jack London, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, H. L. Menken, Norman Mailer, Joel Silveira, Fernando Morais e Rubem Braga, observando, apenas nestes poucos nomes citados, aproximações da atividade jornalística com os gêneros ensaísticos, ficcionais, históricos, memorialísticos e com o próprio jornalismo numa dimensão bem mais ampla do que o simples factual.

No caso específico deste estudo, tomaremos um exemplo bastante expressivo da crônica de Ruy: a da crítica cultural, sendo esta derivação da crítica social também exercida com grande vigor pelo autor aqui estudado. Vejamos a seguir alguns exemplos.

CRÍTICA CULTURAL

“Logogrifos e logomaquias”

No campo mais específico da crítica cultural, a ênfase maior do cronista vai, como esperado, para a literatura – suas glórias e suas mazelas, especialmente estas últimas situadas em reflexões

sobre o próprio fazer literário. Um dos aspectos mais presentes nos escritos, depoimentos e entrevistas do escritor é a sua aversão à tentativa de se fazer do processo criativo, mais especificamente na poesia, uma engenhosa manipulação de signos, destituída do impulso criador que une a inspiração a um consistente domínio do fazer literário. Razão pela qual contrapõe à concepção da técnica literária como repertório de jogos formais, *habilitados* e *inteligentes*, muitas vezes associados às chamadas *vanguardas formalistas*, a genuína emoção poética e a experiência profunda do viver, considerando que vida e arte, ou vida e literatura, são, em suas próprias palavras, “uma coisa só”. O apego a jogos de palavras *inteligentes* e *habilitados*, tão celebrados por segmentos da crítica literária, nos jornais e nas universidades e que tem na poesia concreta seu principal exemplo, é tema recorrente em seus escritos e entrevistas. Como diz a seguir:

Não há poetas “inteligentes” ou “habilitados”. Se alguém pode ser definido desta maneira, pode ser tudo — menos poeta. Quem é poeta, é poeta — e pronto. Está acima de inteligências e habilidades, no mundo da poesia. Quem não é, e finge ser, fica falando em “poesia de criação” e outras tolices, para esconder sua incapacidade. Se o sujeito precisa definir sua poesia como “de criação” para convencer a alguém, podem apostar que ali não há criação alguma. Uns truquezinhos, talvez, nada mais. O poeta é o fazedor, o criador, como considerado desde a velha Grécia, não um desses que vivem brincando com logogrfos e logomaquias, como dizia, com desprezo, Ernesto Sábato. Quanto à emoção, como é que alguém pode fazer poesia sem emoção poética? Poema é uma coisa, poesia é outra. O poema é uma construção — que pode ou não conter poesia. Se não contém poesia, é só técnica, artesanato. Não é arte. Assim, tem muita gente compondo poemas com mero conhecimento técnico, como os ditos construtivistas, e achando que, dessa maneira, está fazendo poesia. Como a crítica geralmente é péssima leitora de poesia, vai na conversa malandra. E como a maioria das pessoas acredita que

a crítica tem realmente autoridade, a fraude acaba obtendo consideração. E por que a crítica se engana? Porque costuma ser apenas racionalista — o que é insuficiente para a compreensão (melhor dizendo: fruição) da poesia. E o mal acaba se espalhando, sobretudo nas universidades.

No ensaio *Tumulto de amor e outros tumultos: Criação e arte em Mário de Andrade* (Record, 2001, p. 11), Ruy denuncia “um *esquecimento* planejado, estratégico” deste autor, porque, diz ele, “lembrar Mário é desvelar a pobreza das vanguardas formalistas que vem assolando o Brasil desde os neoparnasianos de 1945 aos concretistas, neoconcretistas, ‘construtivistas’ e afins que ainda hoje dominam boa parte da mídia, editoras e até de departamentos universitários”.

[...] Chega-se a ter a impressão, em certos ambientes ditos intelectuais, de que Mário de Andrade nunca existiu, ou que suas reflexões não passam de palavras sem sentido, no mínimo anacrônicas, quando na verdade foram de fundamental importância no seu tempo e assim permanecem ainda hoje. E o que o País perde com essa “política” de *esquecimento* é inestimável, “política” que tem como objetivo a manutenção de certos grupos no poder da República das Letras (e das Artes) e a marginalização de todos os que veem a arte não como mero cultivo da forma (ou da fôrma, adotemos desde já o circunflexo que veremos necessário diversas vezes), ou uma sequência de truques, de habilidades superficiais, trocadilhos, ludismos gráficos, esquemas técnicos, mas — isto sim — expressão do ser humano, esse “monstro de escuridão e rutilância” de que falava Augusto dos Anjos (p. 11)”.

A questão é retomada em diversos momentos da trajetória de Ruy, em artigos, crônicas, aulas, depoimentos e entrevistas

*

Da mesma forma, a importação de modismos associados à indústria cultural e destituídos de vínculos consistentes com a cultura brasileira no que ela tem de mais orgânico e autêntico é outro ponto recorrente. Há, no decorrer da história das artes e da literatura, no Brasil, alguns pontos controversos, que marcam presença, por exemplo, na publicidade dada à Semana de Arte Moderna, cuja importância é relativizada ou mesmo minimizada por Ruy em relação ao processo de atualização cultural promovido pelo Modernismo. Processo que é muito mais amplo e efetivo, num arco que vai de Monteiro Lobato, referido pelo próprio Oswald de Andrade como “o Gandhi do Modernismo”³, aos grandes poetas modernos (Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade) e ao romance de 30, bem como aos herdeiros maiores desse movimento, dentre os quais pode-se citar os nomes de Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Rubem Braga, Ferreira Gullar, Ariano Suassuna e João Ubaldo Ribeiro.

³ Citada por Ruy à página 21 do seu livro sobre Mário de Andrade, a carta de Oswald a Monteiro Lobato foi publicada em forma de artigo, em 1943 e incluída no livro *Ponta de lança*, editado pela Martins, em 1945. De certa forma, Ruy se une a determinada corrente da historiografia literária que se contrapõe à denominação de “pré-modernista” para autores como Lobato, ou Euclides da Cunha e Lima Barreto, que já traziam em suas obras características marcantes da chamada Modernidade. Diz ele: “Wilson Martins, no livro dele sobre o Modernismo, escreve o seguinte: ‘Foram os modernistas que fizeram a Semana de Arte Moderna, não a Semana de Arte Moderna que fez o Modernismo’. É preciso entender isso. Geralmente muita gente estudando a Semana de Arte Moderna cai numa bobajada total de coisas apalçadas sem pensar que aquela gente que estava lá não estava criando aquilo naquele momento, não. [...] eles estavam trabalhando a sério há anos”. [*Live* em comemoração aos cem anos da Semana de Arte Moderna, realizada em 5 de fevereiro de 2022 pela Academia de Letras da Bahia. Pode ser acessada em https://www.youtube.com/watch?v=GLp9k05Sk_o]

Escrevi sobre Mário de Andrade porque foi ele o homem que no Brasil melhor pensou a Modernidade, tendo deixado profundas reflexões sobre praticamente tudo. Enfim, trata-se do nome maior da fundação da nossa Modernidade, especialmente da poesia moderna. Quanto a Manuel Bandeira, foi ele sem dúvida o maior interlocutor do Mário – e nosso primeiro modernista propriamente dito. Ou seja: o primeiro poeta brasileiro a escrever com absoluto sucesso a poesia moderna, o verso livre, além de ter sido também um brilhante crítico, ensaísta, antologista, tradutor, memorialista. E Carlos Drummond de Andrade foi o nosso maior poeta do século XX, o herdeiro principal das grandes lições do Modernismo. Discípulo de Mário, com quem se correspondeu de 1924 a 1945, foi também influenciado por Bandeira, a quem considerava o maior poeta brasileiro. Estas as razões que me fizeram escrever sobre Mário, sobre Bandeira e Drummond. (...) E há também uma razão pessoal para escrever sobre eles: devo muitíssimo de minha formação poética e intelectual aos três.

Não seria estranho, portanto, concluir que a visão crítica, aguda, irônica e não poucas vezes cáustica de Ruy tem como alicerce sua reiterada resistência a correntes, movimentos, modismos e mistificações que se impuseram, nas últimas décadas, sobre as linhas mestras de desenvolvimento e evolução das diversas manifestações culturais no Brasil. Manifestações que considera legítimas, em suas origens, mas que teriam se distanciado dos seus objetivos. Isto, no que se refere mais especificamente, na Semana de Arte Moderna, ao legado oswaldiano, cuja releitura, quarenta anos depois, por diversos atores culturais, nos anos 1960, sugere a ideia de uma linha sucessória que renasceria no teatro do grupo Oficina, na música tropicalista, no Cinema Novo, desaguando, acreditam alguns, em pleno século XXI, no rap dos Racionais MC's e de Emicida. Movimento que parece desenrolar-se sempre sob os holofotes da mídia em sua renovada antropofagia polifônica, entre guitarras e tamborins.

Assim, inofensivas, embora vistosas sementes teriam sido plantadas nos anos 20 do século XX: parte delas, incorporadas à poesia de Bandeira e do próprio Mário, floresceria quase que de imediato na poesia de Drummond, desdobrando-se sem nenhum vínculo direto numa “segunda fase do movimento”, assim vista *a posteriori*, no romance “regionalista” da década de 30 (que para alguns dos seus integrantes nada deve à primeira). Por outra parte, permaneceria *adormecida*, até ser *despertada*, na década de 60, pelo “neantropofagismo” de um movimento cultural amplo e dissonante que abrangia realizações tão díspares, [mas afins], como o Tropicalismo, o Cinema Novo e a literatura Concreta. Sem esquecer seu evidente legado nas artes plásticas. Nesta perspectiva, a Semana, no viés oswaldiano, permaneceria quase que esquecida, por algumas décadas, preservando, entretanto, um teor revolucionário a ser decifrado para só então conquistar definitivamente o seu lugar de destaque na história cultural do país como um elemento definidor.

Mas, tal interpretação não teria sido uma forma de reforçar a aura do que seria apenas um modo de expressão, entre outros, da cultura brasileira? Lembrar que esta, ao longo desses mesmos anos, pariu a Bossa Nova, no Rio e o Movimento Armorial, no Recife, bem como os afro-sambas de Baden e Vinícius, e o desenvolvimento da música nordestina, no forró e do próprio samba, no pagode e demais variações? Como em qualquer outro lugar do mundo, as manifestações culturais ganham novas tonalidades ao longo do tempo, por motivos vários, sem que precisem prestar tributo a este ou aquele personagem, mas a vários deles. O surgimento de compositores e intérpretes nordestinos, nos anos 1970, como Alceu Valença, Zé Ramalho, Fagner, Ednardo, Belchior e Geraldo Azevedo, que mesclavam ritmos tradicionais a elementos da música pop, com guitarras e sintetizadores, não seria de certa forma inevitável com ou sem o autor do Manifesto Antropófago? Em suma, a mistura, boa ou ruim, entre linguagens artísticas é como sempre foi

na história da humanidade, como bem o sabem os teóricos da neoantropofagia tropical-concreta-cinemanovista. Mas cujo viés discursivo parece querer levar todas as águas da revolução cultural *brasuca* para uma mesma nascente.

Tal narrativa, trombeteada nos últimos sessenta anos por visionários de diversos matizes (de eruditos logográficos a profetas profanos), nos faz pensar se, mais que profetas, não seriam eles ardorosos e eficientes publicitários. Bem a propósito disto, cito uma conversa que tive com o saudoso ator José Lewgoy, em 2002, durante o Festival de Gramado, oportunidade em que ele criticou enfaticamente “o efeito causado pelo Cinema Novo no verdadeiro cinema popular brasileiro”, a saber, o das antigas chanchadas da Atlântida, nas quais ele mesmo figurava como assíduo vilão contracenando com os grandes astros daquela época: Oscarito, Grande Otelo, Cyl Farney, Zé Trindade e tantos outros. Para ele, que também teve papel de destaque em *Terra em transe*, de Glauber, e em muitos outros filmes do novo cinema brasileiro, um dos fatores determinantes para o grande prestígio do Cinema Novo é o fato de que vários dos seus próceres eram também jornalistas com grande poder de influência nos meios de comunicação. Não só de influência, como de veto (ou cancelamento, para usar um termo mais atual). Exemplo disso foram as ácidas críticas feitas ao filme *O pagador de promessas*, vencedor da Palma de Ouro em Cannes, em 1962 – e ao seu diretor Anselmo Duarte – por cineastas cinemanovistas. Isto por considerarem-no um filme “convencional”, definição que, naquele momento de furor vanguardista funcionava quase que como uma sentença de morte (simbólica, é claro) pela *intelligentsia* tupiniquim⁴.

⁴ Convém lembrar que o Cinema Novo foi fortemente influenciado por outro movimento construído por diretores com forte atuação na imprensa: a *Nouvelle-vague* francesa que definiria um critério de “bom gosto” na apreciação do cinema de arte, ou melhor, na própria concepção do cinema como arte. Grandes diretores do movimento eram também teóricos e críticos de cinema, que tinham nos célebres *Cahiers du Cinéma* o veículo de redefinição do cânone

Não vejo a crítica de Lewgoy como um desmerecimento do ciclo cinemanovístico e de incontestáveis obras-primas – uma minoria, no seu conjunto, diga-se de passagem – dos seus principais integrantes. O problema teria sido o caráter autoritário de um sistema intransigente com tudo aquilo que não se enquadrasse em suas premissas *revolucionárias* elitistas.

Mistura indigesta

As questões levantadas por Ruy Espinheira Filho, em muitas das suas crônicas, guardam afinidades evidentes com as de outro grande escritor e defensor da cultura brasileira, o paraibano Ariano Suassuna (1927-2014). Ao contrário do que muitos pensam, o autor de obras fundamentais da literatura e do teatro brasileiros, a exemplo do *Romance da Pedra do Reino* e de *O Auto da Compadecida*, não era um nacionalista fechado às chamadas “influências externas”. Tal atitude, na opinião dele, seria “uma grande burrice”. Sua postura firme na defesa de valores culturais brasileiros seria, na verdade, uma atitude política consciente, uma espécie de anteparo a uma agressão marcada pela desmedida⁵.

cinematográfico a partir de novos olhares, critérios e conceitos, como o da “política de autor” que contribuiria fortemente para reconhecer o status de gênios a cineastas como Orson Welles, John Ford, Alfred Hitchcock e Howard Hawks, alguns destes até então vistos pela crítica norte-americana e de outros países como diretores bem situados no sistema comercial da indústria hollywoodiana ou, como diriam, pertencentes ao *establishment* cinematográfico. Incluindo-se aí expoentes dos filmes “B”, como Douglas Sirk, Joshua Logan, Samuel Fuller e Nicholas Ray. Status este negado a diretores de enorme prestígio, como William Wyler e David Lean.

⁵ As conclusões aqui expostas originam-se da entrevista dada por Suassuna ao autor deste artigo e publicada no jornal A Tarde, em 22 de março de 2003, com o título “Ilumiar a sertaneja”.

Para Suassuna, o ideal do mundo seria o internacionalismo, o “sentir-se em casa em qualquer lugar”, mas, diz ele, “infelizmente, isto não é possível”. Daí a necessidade de se revalorizar a palavra “nacionalismo”, utilizando-a como “uma bandeira contra a dominação”. Em suas posições, é esta sua postura intransigente – sobretudo em relação à “cultura de massa” e à “cultura de mercado”, que abaixa o nível para vender mais, para aumentar a audiência – que dá o tom do discurso, digamos assim.

Tal como Ariano, Ruy promove, em seus escritos, uma resistência enfática a certos segmentos da literatura e das artes contemporâneas que aceitam ou mesmo promovem uma mistura entre a tradição brasileira com produtos da cultura de massa que invadiram o mercado cultural do país, com força crescente, a partir dos anos 1960. Tal posição pode ser vista como um esforço no sentido de resistir à fragilização das fronteiras entre a obra de arte e as empulhações que a cercam, envolvem, misturam e confundem. Posição contrária a vertentes da chamada pós-modernidade e de suas variáveis “desconstrucionistas” que atingiriam fortemente as hierarquizações e consequentes distinções entre a “alta” e “baixa” cultura. Como Suassuna, Ruy não rejeita o *diálogo* entre manifestações culturais, dentro ou fora do país, mas a forma como estilos, gêneros e gostos são impostos ou mesmo fabricados, em detrimento, quase sempre, de artistas que se mantêm fiéis às suas raízes.

Tomando como exemplo a música baiana, tão criticada em muitas das suas crônicas, tais mudanças ocorreriam de forma mais enfática a partir dos anos 1970/80 com a invasão, sobretudo na mídia radiofônica e televisiva, de grandes sucessos internacionais bem como também na incorporação de influências impostas pela indústria que resultariam, segundo o cronista, em *gororobas* marcadas pelo apelo excessivo do lucro em detrimento da qualidade.

A repulsa, no caso, se dá pela ação massificante de uma indústria poderosa que monopoliza os espaços da mídia, excluindo correntes importantes da música baiana e brasileira que não contavam (como em boa parte ainda não contam) com a atenção

e o investimento das produtoras e da mídia. De um momento para o outro, compositores, cantores e bandas de sucessos estratosféricos empurraram para as sombras [do anonimato ou do semianonimato] intérpretes e compositores de primeira linha do samba de raiz de Salvador e do Recôncavo baiano, como Bata-tinha, Walmir Lima, Riachão, Ederaldo Gentil, Roberto Mendes e Roque Ferreira.

O fato é que o apelo de multidões e lucros inimagináveis acelerou vertiginosamente o processo de massificação da música popular com evidentes efeitos perversos numa linhagem até então resistente ao apelo bruto do consumismo. Uma indústria que passaria a buscar e impor gêneros de ocasião, não apenas em nível local, mas também nacional e internacional, apagando cada vez mais a distinção entre composições de maior ou menor qualidade poética e musical.

É neste sentido que se pode entender as questões colocadas por Ruy na crônica “Nossas coisas, infelizmente”, publicada no livro *Uma alegria na família e outras crônicas*, p. 33-34.

Diz ele:

O samba, a prontidão e outras bossas / são nossas coisas, são coisas nossas”, escreveu Noel Rosa. Sim, coisas bem nossas. O samba, já não tanto, com as poluições trazidas pelas músicas estrangeiras e que são principalmente badaladas na Bahia. Será que ficou assim tão difícil fazer samba, o samba propriamente dito, que se tornou necessário apelar para tais indigestas gororobas? Que me perdoem os misturadores, mas prefiro – e muito – os sambas de Noel, de Ary Barroso, de Caymmi, de Batatinha, Tom, Vinícius, Chico e outras excelências da MPB.

Sim, Noel escreveu sobre as nossas coisas, a começar pelo samba e indo ao violão, à palhoça, ao pandeiro, à morena... É, dá saudade, muita saudade, daquele país em que vivia Noel [...] E das bossas outras, vindas mais tarde, a única que realmente iluminou o Brasil foi a Bossa Nova.

Estamos empobrecendo, empobrecendo muito, empobrecendo cada vez mais – numa horrenda decadência cultural que vem nos arruinando até mais que o famoso Festival de Besteiras que assolou o país durante a ditadura militar e foi imortalizado por Stanislaw Ponte Preta.

Segue-se, na crônica, uma homenagem ao que de melhor se produziu na música brasileira, incluindo aí parte do que se convencionou chamar de MPB, mais especificamente aquela que trouxe a necessária renovação sem promover a descaracterização do que nela existe de mais valioso: suas profundas raízes no que há de efetivamente “cultural”, “popular” e “brasileira”.

Tivemos um Século XX bom, muito bom, em termos de arte. Com o Modernismo, que fez tanto estardalhaço e mudou mentalidades – e, principalmente, o novo romance do Nordeste, que renovou toda a ficção brasileira, originando obras-primas de Graciliano Ramos a João Guimarães Rosa, passando por Jorge Amado, José Lins do Rêgo e outros. Com uma diferença: não foi um movimento – cada um em seu canto os autores nordestinos criaram suas obras, sem qualquer badalação circense. E mais tivemos no século passado: grande música, grande cinema, grande teatro. Uma cultura que resistiu ao Estado Novo de Getúlio Vargas e à ditadura militar. E então, nos últimos anos do século, infelizmente, o início da decadência, uma imitação idiota das idiotices que nos vendem do exterior, um populismo pior do que o de Vargas (dentro do qual havia um aproveitamento de grandes artistas e intelectuais, graças à ação do ministro da Educação Gustavo Capanema, do qual era chefe de gabinete ninguém menos do que Carlos Drummond de Andrade).

Hoje está tudo ladeira abaixo, abaixo, como um buraco sem fundo à frente. Há muito desapareceu a grande crítica do século passado – e passou a valer qualquer coisa, qualquer bobagem, estupidez: falsa poesia (badalados autores sem sequer o mínimo conhecimento de técnica, de sombra de talento),

falsa ficção (contaminada pela mais reles linguagem cinematográfica, vivendo da exploração das drogas, da sexualidade, da violência urbana e até de ridículos lobisomens, vampiros e mortos-vivos, sem estilo e sem ideias), falsa música (mistura de tudo, com resultado em nada, a não ser ruídos e letras abonáveis) etc. e tal. (p. 34-35)”.

Gritantes silêncios

Convém lembrar que Ruy Espinheira Filho passou ao largo de correntes do pensamento hoje bastante influentes no ambiente universitário. Assim como de segmentos acadêmicos que se investem do monopólio do saber e à margem dos quais, sob a ótica dos seus integrantes, só restariam a irrelevância e o conservadorismo. Nada em suas crônicas cede a imposições de ideias, conceitos e palavras que devam ou não ser utilizados. Para ele, assim como para uma parcela (muitas vezes silenciosa e silenciada) da população “cultura” e de esquerda, há, sim, obras e autores maiores e menores, mantendo-se preservada uma hierarquia de valores. Aos que vencem o tempo e encontram um lugar duradouro no cânone, continua-se dando o nome de clássicos – e estes não de perdurar. O cânone, passível de revisão, é inevitável e, obviamente, desejável, considerando-se que os incontáveis livros escritos desde o início dos tempos não cabem em bibliotecas nem na planilha de custos das editoras. Assim como não temos tempo, em nossa curta existência, para ler todos eles. Sua dinâmica de renovação é desejável desde que não o seja por questões extraliterárias baseadas apenas em critérios ideológicos. E nada o impede de reconhecer a importância de autores europeus por medo de ser tachado pejorativamente de “ocidentalista” ou “eurocêntrico”. Com a ressalva de que é válida a crítica ao eurocentrismo e a abertura para outros territórios de aquém e de além-mar, bem como para outros segmentos culturais,

étnicos e de gênero, desde que também submetidos a critérios rigorosos de avaliação qualitativa. Pois que há, sim, critérios objetivos para se afirmar que Machado de Assis, Fernando Pessoa e Carlos Drummond de Andrade estão entre os maiores escritores da língua portuguesa. Assim como x, y e z não estão. E, finalmente, que o processo da escrita ficcional, essencialmente empática, não se torna necessariamente refém de um “lugar de fala”, como o provam inumeráveis exemplos na história das artes e da literatura. E se a palavra “elite” passa a ser de repente objeto de suspeita e desprezo, deve-se lembrar seu sentido original de destacar uma qualidade excepcional ou de excelência. Como nos adverte um eminente antropólogo e Obá de Xangô de um respeitável terreiro soteropolitano, aqueles que tocam os instrumentos de percussão nos cultos sagrados daquela religião constituem-se em membros de uma elite que reúne as qualidades necessárias para aquela função. No melhor sentido da palavra, são eles mais rigorosamente parte de uma “elite” do que a chamada elite econômica de um país no qual se alimenta o preconceito de classe, a desigualdade social e a indiferença quanto ao destino do seu povo.

Enfim, tal como Kafka, nosso ilustre cronista entende que não devemos nos deixar enganar “pelas ‘modas’ artísticas”, pois ele reconhece, à primeira vista, o que não passa de truques – ou equívoco. “A arte é sempre assunto da personalidade inteira” – diz o autor de *O processo*. – “Por isso é, no fundo, trágica”. E complementa: “Toda arte verdadeira é documento, testemunho”⁶

⁶ “Das conversas com Kafka (fim)”, crônica publicada no Jornal da Bahia, edição de domingo / segunda-feira, 17 e 18.02. 1985.

REFERÊNCIAS:

ARRIGUCCI, JR., David. “Braga de novo por aqui”. In: ___. *Enigma e comentário – ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

FILHO, Ruy Espinheira. *Sob o último sol de fevereiro*. (Crônicas). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1975.

FILHO, Ruy Espinheira. Textos inéditos em livro pertencentes ao arquivo do autor. Crônicas e artigos. *Jornal Tribuna da Bahia* (1969-1981), Salvador-Bahia.

FILHO, Ruy Espinheira. Textos inéditos em livro pertencentes ao arquivo do autor. Crônicas e artigos. *Jornal da Bahia* (1982-19920), Salvador-Bahia.

FILHO, Ruy Espinheira. Textos inéditos em livro pertencentes ao arquivo do autor. Crônicas e artigos. *Jornal A Tarde* (Salvador-Bahia).

POUND, Ezra. *ABC da literatura*. São Paulo: Cultrix.

Carlos Ribeiro é jornalista, escritor, ensaísta e professor do curso de jornalismo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Tem vinte livros publicados, dentre os quais *Abismo* (romance), *Lunaris* (novela), *Aventureiros do Apocalipse* (contos), *Fazedores de tempestade* (mini contos), *Caminhos do comércio em Salvador: Do Brasil Colônia à segunda década do século XXI* (história-reportagem), *Vozes do nosso tempo* (entrevistas). Desde 2007 ocupa a Cadeira nº 5 da ALB.



DANÇA NA BAHIA¹

LIA ROBATTO



¹ Segunda versão do verbete Dança na Bahia para o Portal da Bahia Contemporânea

² BTCA - *O Boi no Telhado* de Lia Robatto. Bailarinos: Lícia Moraes e Eurico de Jesus. Foto Silvio Robatto

Monólogo de uma bailarina
Nada mais restará além da chama
em que o mundo abarco; meus dois braços
Nada mais restará além do traço,
breve e conciso, em que construo o espaço
e em torres de nada me encarcerro
E nada mais será além do breve
minuto intemporal feito nos claros
caminhos do previsto em que disfarço
renascimento e morte em cada passo

Myriam Fraga, 2002³

Considerando a arte como uma dimensão fundamental da vida que envolve repertórios humanos de natureza diversa, pode-se afirmar que ela oferece experiências singulares que marcam a diferença entre culturas peculiares de um povo, seus costumes, suas crenças, suas manifestações, e que a sua forma como de simbolizar a vida é única, insubstituível. Este artigo aborda a dança como uma das expressões artísticas relevantes da Bahia.

Dança, uma linguagem efêmera do indizível, propicia o contacto com um universo insondável através do próprio corpo. Trata-se de uma maneira de descoberta de si mesmo através de um processo psicofísico, que favorece percepções, desvela sentimentos, evocações, memórias, intuições, inquietações, fantasias, ideias. Trata-se de uma atividade encantada para seus adeptos, movida à paixão através da uma poética corporal, em busca de um sentido para a vida. A arte do movimento nasce atrelada a outras formas de expressão, como a música, especialmente o ritmo, interpretação dramática e a caracterização (máscara, indumentária,

³ para o livro *Passos da Dança* de Lia Robatto e Lúcia Mascarenhas. Fundação Jorge Amado, Salvador, 2002

adereço e pintura corporal). O corpo do intérprete e autor é depositário de sua ancestralidade, suas vivências, impregnado de emoções e condicionamentos comportamentais, refletindo involuntariamente tipos e qualidades de movimento com marcas tão próprias que se tornam intransferíveis, fortalecendo um forte sentimento de pertencimento. O meio de expressão da dança é o corpo que como instrumento principal de trabalho, requer uma formação e preparo técnico artístico apropriado a seus propósitos.

A dança se dá por incomensuráveis formas de movimentos corporais estruturando coreograficamente os fatores TEMPO e ESPAÇO. O tempo é explorado em termos de duração de cada movimento, sua velocidade, sua pulsação, acentuação e divisão rítmica. O outro fator intrínseco espaço, tanto quanto à estrutura cênica, na composição entre os subgrupos de bailarinos, assim como o espaço pessoal de cada bailarino: de onde parte o fulcro do seu movimento (do centro do corpo para fora e o inverso). A dança explora as dimensões, distâncias, níveis, direções e seus entrelaçamentos. Um elemento fundamental da dança é o tipo de ESFORÇO e da qualidade do fluxo de cada movimento, elementos que combinados criam uma infinidade de FORMAS e DINÂMICAS coreográficas que o autor intérprete organiza esteticamente e procura dar um sentido expressivo a esses fatores, por exemplo, a tensão de um lento encontro entre dois bailarinos. Essa composição pode se dar de forma intuitiva pela sensibilidade e vivência do coreógrafo ou pela consciência e domínio da linguagem da dança, através de movimentos corporais que podem abranger desde sinais espontâneos ou gestuais codificados até imagens simbólicas, metáforas cinéticas e signos corporais criativos únicos.

A dança mobiliza estados alterados da consciência que independe de uma linguagem sistematizada, com forte poder de comunicação via sensibilidade e empatia física, alcançando a sensação do extraordinário. A dança pode envolver qualquer faixa etária,

desde a mais tenra idade, assim como propicia a comunicação entre povos, portanto, de alcance universal. A dança é gregária por natureza que desde sempre tem sido um agente socializador por excelência. A dança na Bahia é um exemplo dessa sua capacidade catalizadora de manifestação coletiva. Na arte do movimento, o corpo atua tanto como meio como conteúdo. A natureza da linguagem da dança não requer recursos materiais e não está sujeita às novas tecnologias, pois sua matéria é a própria estrutura física do ser humano. O corpo humano tem se mantido imutável desde priscas eras e, mesmo assim, a dança vem se transformando, pois devido à sua natureza efêmera, tem o poder de se renovar constantemente, recriando formas de expressão, pois seus dançarinos sofrem uma constante mudança psicofísica através da sua percepção sujeita às transformações da sociedade. O corpo, principal agente da criação e comunicação na dança, é plástico e flexível, sensível a circunstâncias tanto sociais como subjetivas e suas manifestações são adaptadas a novas condições do ambiente natural e tecnológico. O corpo dançante é a própria obra de arte, matéria viva que assume, sem se dar conta, outras formas de se mover e conseqüentemente, efeitos líricos transitórios, pelas alterações de mentalidades da vida contemporânea.

Para falar de dança na Bahia temos que olhar para os modos próprios de viver de seu povo. Como cada região, território, comunidade e grupos de indivíduos, ao longo do tempo, vem se estruturando para responder aos variados desafios de vida com as mais diversas regras, rituais e hierarquias explícitas ou implícitas. Para entender a sua dança há que considerar como o baiano lida com seu cotidiano e extra cotidiano, seus meios de sobrevivência, como produz bens materiais, conhecimento e valores intangíveis, entre os quais a dança apresenta um significativo cabedal. Esse conjunto é o nosso patrimônio cultural. Nossa cultura é pobre em termos financeiros e de mercado, porém rica em diversidade de identidades que representam nossas origens étnicas.

Nossa identidade foi violentada desde a “descoberta” do Brasil com a captura e catequese religiosa de nossos povos originários pelos colonizadores. O mesmo se deu com os povos africanos aqui trazidos escravizados. Tanto na cultura tribal das nações indígenas, como na cultura das diversas nações africanas, predomina a crença nas forças telúricas como entidades divinas da natureza, configuradas em manifestações corporais dançadas. Nossa identidade teve sua integridade comprometida desde o início, pois as drásticas transformações não aconteceram pela troca e interação voluntária. Os portugueses impuseram seu poder político, militar, religioso e imprimiram a predominância de sua organização social, linguagem falada e escrita. Nossa cultura desde a fundação da cidade de Salvador, foi impregnada de manifestações da contra reforma ibérica e pela exuberância da arte barroca, principalmente na arquitetura e urbanismo, por exemplo as obras de Frei Macário de São João, na educação pelos jesuítas, na música de Manoel Inácio da Costa, na literatura com os sermões de Padre Antônio Vieira em contraste com as irreverentes obras de Gregório de Matos, assim como nas relações familiares e nos costumes cotidianos. Nesse processo foram desqualificados os valores, modos de vida e cultos dos povos indígenas e afro-baianos. No entanto esses povos apresentaram uma admirável resiliência e capacidade de inserir na vida dos colonizadores seus traços culturais como algumas de suas crenças religiosas, nos ritmos sincopados musicais, na culinária, no uso de ervas medicinais, na linguagem falada, entre tantos outros. A relação tripartida dessas culturas resultou numa identidade híbrida, infelizmente assimétrica que aponta para uma histórica desigualdade social entre opressores e oprimidos. Porém, em contrapartida, essas três vertentes geraram uma rica mestiçagem étnica e cultural, configurada de forma relevante na primeira capital do país, a Bahia. Nossas danças são um exemplo vivo dessa fértil mistura, natural fluxo entre signos diferenciados e diversos saberes, constituindo um caldo cultural representativo

dos diversos grupos de indivíduos e grupos sociais formadores do nosso povo. Essas características propiciaram uma exuberante “cultura tropical” com a formação de manifestações dramatizadas de dança, de grande variedade formal e rítmica. Porém as danças da Bahia sofrem o perigo de serem exploradas pelo mercado turístico numa distorcida forma sedutora de exaltação ufanista. O grande equívoco é apresentar as manifestações populares com um único viés. Algumas danças de entretenimento da moda não passam de estereótipos reducionistas de traços baianos, imagens sensacionalistas que, tiradas do seu contexto, perdem seus valores essenciais, como, por exemplo, o pagode baiano com meninas muito jovens enfocando apenas seus movimentos pélvicos que beiram a uma dança pornô. A exibição dessa dança “boquinha na garrafa” e suas variantes, é uma chocante degradação cultural com seu desnecessário apelo sexual, em contraste com a elegância e sensualidade sutil do tradicional samba de roda, matriz do samba nacional, que na sua origem contém uma graça e um delicado caráter de discreta sedução nos seus passos e requebros miudinhos dançados por mulheres, mantida ainda hoje no recôncavo baiano, com destaque para a cidade de Cachoeira e para as “sambadeiras” de Itapoã em Salvador, na sua maioria por dançarinas muito idosas, portadoras dessa memória. Mas nem tudo está em vias de descaracterização. Há que considerar que a Bahia ainda conserva diversas danças regionais que remetem às suas origens, proclamando fundamentos tradicionais que abrangem um caráter ancestral, étnico, religioso, histórico, social, de gênero, de ofício, de faixa etária, etc., a partir das mais variadas formas coreográficas, cantos, ritmos, dramatizações, jogos, brincadeiras, entre tantas outras manifestações culturais tradicionais. A dança é uma das expressões arquetípicas, presente ao longo da nossa história, sendo uma das manifestações que melhor responde à necessidade gregária da humanidade. Em Salvador temos algumas festas de largo significativas onde acontecem danças coletivas sendo o Carnaval

uma prova contundente dessa comemoração popular nacional, com uma dinâmica local de recriação, hoje um fenômeno de massa, atraindo multidões que pulam em êxtase, atrás do trio elétrico.

Até a década de cinquenta não existia nenhum curso regular de dança, grupo profissional nem amador de balé na Bahia, com exceção de uma dança interpretada por crianças, na peça *Narizinho*, produzida por Adroaldo Ribeiro Costa, na HORA DA CRIANÇA, um programa na época, de maior sucesso. A dança moderna cênica autoral começou com a vinda de Yanka Rudzka em 1956 que, a convite do reitor Edgar Santos, fundou a primeira Escola de Dança de nível universitário no Brasil. Yanka, uma coreógrafa polonesa foi formada pela linha de uma das pioneiras da dança expressionista germânica, Mary Wigman. A Escola de Dança da UFBA, precursora da dança contemporânea no país, implantou os cursos de bacharelado e licenciatura e atualmente é a primeira no Brasil com cursos de mestrados em dança (acadêmico e profissional) e doutorado além de inúmeros projetos de pesquisa e extensão. Um ensino de dança que nasceu a 70 anos sob o signo da modernidade.

É interessante abordar a questão da dança tradicional versus a dança contemporânea. Todo mundo tem necessidade de ter referências ancestrais que garantam a sensação de pertencimento e de permanência, com a necessidade de reconhecer, ser reconhecido e lembrado pela sua história, pela sua ancestralidade e pela sua tradição. O patrimônio cultural tangível e intangível, no qual a dança se insere, pode aproximar conexões memoriais. Cada pessoa como também cada comunidade, deseja a manutenção de sua identidade e a memória dos parâmetros formadores de seus valores, resistindo contra a descaracterização ou desaparecimento de marcos significativos de sua matriz cultural, reforçando seus emblemas que a identifique. Porém há que salientar que as pessoas também tem a necessidade de transcender seu ambiente cultural, de se inserir numa sociedade mais ampla,

extrapolando e ampliando seu horizonte pessoal e comunitário, com a aquisição de novas perspectivas da vida. Essas necessidades aparentemente antagônicas: a manutenção da sua cultura regional, tradicional em contraponto à necessidade de ruptura de um sistema estratificado em busca de uma renovação, são impulsos opostos legítimos, não excludentes e complementares. Todo artista criador tem uma permanente inquietação e curiosidade que o move em direção ao desconhecido pela necessidade de ampliar seus limites técnicos e conceituais, ultrapassando a realidade e a si mesmo. Quanto mais flexível a aceitação do novo e do estranho, e ao mesmo tempo, quanto mais se valorizar a tradição e a diversidade, mais rica será esta sociedade, mais apta para a sobrevivência, aceitando os novos desafios, trazendo outros enfoques às suas referências ancestrais. Essas duas tendências opostas, para o bem e para o mal das suas culturas: a valorização da tradição versus a inovação podem ser identificadas no Brasil durante o carnaval em dois estados do nordeste como Pernambuco e Bahia: o primeiro se notabiliza pela preservação de suas maravilhosas músicas e danças tradicionais, como os maracatus cavalos marinhos, frevo pernambucano e suas variantes, em contraste com a Bahia novidadeira absorvendo ritmos de fora e criando “coreografias” inusitadas a cada ano, tais como o frevo baiano de trio elétrico dos anos 50, o ijexá dos cortejos afro da mesma época, o samba reggae, o merengue e outros ritmos caribenhos, o *axé music* dos anos 80, o samba rock, mais recentemente o funk, entre outros, em detrimento da tradição, porém vantajoso pela renovação de sua dinâmica e popularização.

Para a elaboração de uma POLÍTICA PÚBLICA CULTURAL DE APOIO À DANÇA na Bahia há que classificá-las, o que requer uma delicada abordagem pois cada manifestação apresenta diversos traços imbricados com fronteiras flexíveis. As danças baianas podem ser consideradas como manifestações regionais tradicionais

ou danças urbanas de periferia ou espetáculo de dança cênica autoral, performance, entre outras classificações e seus sistemas diferenciados de manutenção, criação e principalmente meios de produção. Nessa perspectiva, as danças podem assim ser consideradas: dança como produto da cultura popular com suporte material e mantido por lideranças da comunidade de origem, ou como obra de arte erudita através de projetos de incentivos fiscais e patrocínios, ou conforme seu desempenho no mercado da economia criativa ou como produto da indústria cultural do *show business* e sua comercialização ou ainda de estratégias artísticas alternativas ao sistema. Toda arte, incluindo a dança, desenvolve-se mais plenamente quando o ambiente sócio cultural lhe acolhe, oferecendo benefícios através do apoio da sociedade civil e principalmente das políticas públicas. A artes sempre enfrentaram com criatividade a adversidade através de seu espírito de resiliência e durante os duros e longos anos da ditadura de 64, combateram com espírito aguerrido grandes dificuldades. Os profissionais da dança encontraram estratégias criativas para enfrentar, além do corte de recursos, a falta de liberdade de expressão. A autora desse artigo conseguiu, a duras penas, criar o primeiro grupo de dança moderna independente da Bahia, o Grupo Experimental da Bahia, em 1965, realizando cerca de quarenta montagens coreográficas de vanguarda no período de plena ditadura. Nessa época, instigados pelo desafio, novos grupos de dança surgiram na Bahia com propostas revolucionárias, num movimento efervescente⁴. Oficina Nacional de Dança Contemporânea, promovida pela Escola de Dança da UFBA, a partir de 1977 até o fim do regime militar, reunia artistas da dança de todo o Brasil e alguns da América do Sul, colocando a Bahia como um importante polo cultural da vanguarda no país. Há que considerar que no mesmo período expoentes

⁴ Vide ROBATTO, Lia, MASCARENHAS, Lúcia, *Passos da Dança*. Salvador: Fundação Jorge Amado, 2002

artistas baianos deflagraram o movimento tropicalista, o cinema novo, além da nossa relevante arte e literatura.

A arte incluindo a dança, percebe e transmite tanto questões subjetivas quanto a realidade, apontando de forma simbólica, lírica, pungente ou irreverente a injustiça social, a repressão à livre expressão, a reacionária mentalidade relativa a comportamentos de vida, a intolerância religiosa, a ideias políticas, preconceito a grupos de indivíduos em questões de gênero, etnia, assim como aponta para a inércia e marasmo cultural entre outros problemas, superando eventual esgotamento e saturação de ideias. A dança na Bahia vem passando por uma metamorfose, transformando seus conceitos, sua estética e conseqüentemente, seus trabalhos criativos além de procurar novos meios de produção, mas no quesito referente a recursos e meios de produção, sem muito sucesso, num evidente descompasso com o desejado desenvolvimento artístico.

Há que se propor uma política pública cultural para a dança e para isso é preciso considerar vários fatores, analisando o percurso da dança na Bahia, seu progresso, seus retrocessos, suas limitações e possibilidades. Há que se olhar para a mais ampla gama de manifestações e atividades de dança que ainda resistem, aquelas em via de desaparecimento e aquelas em transformação em todos os territórios da Bahia para se propor um plano de desenvolvimento. É preciso considerar o rico manancial de manifestações de danças na Bahia com tantas formas de expressões. Para um inventário de danças baianas há que identificar todos envolvidos em cada território, a começar pelo seus líderes que administram e garantem a sua realização, os artistas que criam e coreografam e seus intérpretes, a comunidade que a mantém, participa e usufrui das apresentações, assim como há que considerar toda a cadeia de produção, divulgação e circulação e os eventuais patrocinadores e/ou financiadores de cada manifestação. É preciso levantar todas as organizações de dança com suas modalidades diversas, desde os incipientes grupos de

danças amadoras rurais e urbanas de periferia e na outra ponta do espectro, as raras companhias profissionais particulares ou estáveis do governo estruturadas através de recursos financeiros, de serviços, de materiais, eventuais patrocínios, incluindo os Festivais, Mostras, Encontros e Concursos de Dança calendarizados. Há que levantar os profissionais da dança que estão atuando no mercado turístico e de entretenimento assim como abarcar os grupos de pesquisa de dança por estudantes das artes cênicas. Há que se levantar quem está trabalhando no âmbito artístico profissional ou acadêmico, reconhecer artistas independentes relevantes, assim como grupos que vêm se organizando em coletivos de produção alternativa de dança e performance. Este artigo se limita a mencionar as principais manifestações de dança na Bahia. Um levantamento sistemático é o primeiro passo para a elaboração de uma necessária política pública de desenvolvimento à dança, considerada como um significativo patrimônio cultural intangível da Bahia. Para cada dança há que se estudar qual a abordagem de apoio mais apropriada a ser aplicada, considerando e reforçando os fatores que vêm garantindo a sobrevivência de cada manifestação, ainda que precária, evitando o abandono e omissão que resultem no seu desaparecimento ou evitando intervenções que inadvertidamente, provoquem sua descaracterização, como também, evitar um dirigismo que impeça a sua recriação ou livre transformação, como infelizmente têm acontecido, por falta de conhecimento por parte de ações de gestores públicos sem o preparo cultural adequado.

O balé clássico na Bahia, apesar de ter sido implantado aqui através de uma considerável cadeia de academias particulares, desde os anos 60, nunca se firmou na Bahia no âmbito artístico profissional, como aconteceu em diversas cidades brasileiras. Atualmente há uma crescente valorização da diversidade de modalidades, gêneros, estilos e técnicas de dança. Especialmente aqui acontece um importante desenvolvimento de danças de origem africana, com tendência a um viés contemporâneo.

Proliferam em Salvador danças urbanas de periferia. Um conflito de ideias e uma intolerância entre os grupos étnicos, de gênero, políticos e de indivíduos lamentavelmente vem crescendo, expresso nas artes e especialmente na dança, onde a identificação dos corpos em questão é mais sensível e relevante. A dança na Bahia apresenta um significativo hibridismo como reflexo às questões de uma perversa assimetria étnica social. A conscientização dessa questão vem provocando na área da dança a valorização de intérpretes que revelem sua integridade, considerando em cada dançarino o sujeito social de sua própria etnia, gênero e cultura. Hoje, a dança estimula a sua democratização através da liberdade de auto expressão criativa, respeitando a natureza particular de cada artista, com espaço e flexibilidade para extravasar seus anseios, talvez em detrimento de uma excelência técnica interpretativa, mas numa afirmação de suas marcas pessoais, num diálogo e interação com as diferenças "do outro".

A função da dança na sociedade baiana

As mais variadas configurações formais da dança são advindas do ambiente sócio cultural da época, da região e da comunidade específica de sua origem e de inevitáveis intercâmbios de repertórios entre diversas identidades afins. Para abordar cada dança há que se considerar o contexto de diversos fatores e principalmente a sua função na sociedade. Para além da necessidade de identificação cultural, cada dança pode atender a uma ou mais necessidades individuais ou coletivas desde épocas imemoriais. As funções da dança na sociedade são tantas e peculiares quanto forem as suas comunidades, mas em termos universais, com exemplos locais da Bahia, pode-se assim resumir:

DANÇAS DE ÊXTASE – uma manifestação gregária de descarga de energia e emoção em todas as culturas com registro desde as Festas Dionisíacas da Grécia antiga (as Bacantes) –

uma forma de catarse das tensões, propiciando um estado de exaltação e prazer coletivo. Hoje temos como exemplo a dança que explode nos mega shows internacionais de música Rock, Pop, Funk e similares. Nas comunidades urbanas locais os Pagodes e suas variantes. O carnaval de Salvador é o mais significativo exemplo dessa manifestação gregária onde cerca de dois milhões de pessoas participam. São danças dos blocos ou afoxés de corda ou da “Pipoca” atrás do Trio Elétrico, onde predomina o Ritmo Axé, entre vários outros ritmos, curiosamente menos o samba. Essa dança envolve todo mundo num frenesi contagiante. Fenômeno local que vem sendo amplamente pesquisado e estudos publicados, com destaque para os livros de autoria do atual Magnífico Reitor da UFBA Dr. Paulo Miguez. É significativo que a atual Ministra de Cultura, Margareth Menezes, seja uma cantora que entre outras atividades culturais, se notabilizou no carnaval com seu bloco “os mascarados”. Os estudos sobre o carnaval baiano abordam questões sócio político culturais, questões estruturais, econômicas, de gestão da festa, entre outras, mas pouco se aprofundam sobre a questão psicofísica em termos de configurações corporais dançadas.

DANÇAS MÁGICAS RELIGIOSAS – como exemplo no Oriente Médio, desde tempos antigos, as danças xamânicas, rodopiantes dos dervixes – aqui na Bahia, danças tribais dos povos indígenas com forte vínculo telúrico, em busca do domínio de forças ocultas da natureza. Danças que marcam a identidade e ancestralidade de cada tribo, realizadas quase exclusivamente por homens, onde as mulheres submetem-se a um papel secundário. Danças manifestas por gestuais esquemáticos e movimentos miméticos repetitivos, em sua maioria reproduzindo imagens de animais. Caracterização com belíssimas pinturas corporais tribais, cocares com uma requintada arte plumária e máscaras totêmicas. Celebrações do ciclo de vida liderados por sacerdotes através de rituais de iniciação ou reverência aos mortos

assim como danças propiciatórias de caça, de plantio e colheita. Aqui na Bahia há que verificar se ainda são mantidas as danças tribais remanescentes das nações indígenas Pataxó, Pankararé, Tuxá, Kiriri, Tumbalalá que requerem um registro antes de sua descaracterização ou desaparecimento.

DANÇAS SAGRADAS – com sacerdotes iniciados por um rígido aprendizado e obrigações do seu culto, como as danças de origem religiosas orientais – aqui na Bahia temos a cada dia mais presente, o Candomblé, uma dança sagrada de herança africana liderados tradicionalmente por uma ialorixá ou mãe de santo, através de ritos ancestrais de possessão (com predominância por iaôs, filhas de santo iniciadas, na sua maioria mulheres). Os orixás, ou inquices ou voduns, conforme a nação de origem do terreiro, apresentam-se nas festas e rituais públicos, evocados pelos cantos africanos e ritmos percutidos pelos alabês, em atabaques cerimoniais. As filhas de santo corporificam seus orixás que, nas nessas cerimônias tradicionais, manifestam-se exclusivamente através de uma dança hierática simbólica referente aos elementos da natureza a que cada orixá é vinculado assim como sintetiza corporalmente cada personalidade divina característica. Hoje encontra-se na Bahia novos cultos populares, mais flexíveis, transformações dessa memória africana, que incorpora através da dança, alguns elementos de cultos indígenas, do catolicismo e do espiritismo com variantes urbanas, tais como, como a macumba, a umbanda, a pomba gira e as ciganas.

DANÇAS PROPICIATÓRIAS – com a função de favorecer a prosperidade no trabalho e bonança a determinadas ocasiões de comunidades regionais. Danças mantidas pela transmissão oral, por famílias ou por corporações de ofício. Zambiapunga de Taperoá e Nilo Peçanha que visam beneficiar o plantio e a colheita dos trabalhadores rurais, hoje grupos folclóricos amadores, ou danças de pesca, por exemplo, a extinta Pesca do Xaréu na praia de Armação em Salvador, danças guerreiras, como o Maculelê

de Santo Amaro. Dança-luta marcial como a Capoeira, também originária de Santo Amaro, hoje muito difundida e espalhada pelo mundo com muitas pesquisas desenvolvidas na Bahia e livros publicados a respeito.⁵

MANIFESTAÇÕES DE DANÇAS DRAMÁTICAS – propiciando um sentido de pertencimento através da memória das manifestações de dança tradicionais calendarizadas e reconhecidas pelas narrativas históricas, presente nas manifestações épicas populares ainda vivas em diversas regiões da Bahia, tais como a Chegança com suas lendárias narrativas das lutas marinhas entre mouros versus cristãos; o Nêgo Fugido, uma dramatização corporal da saga da perseguição dos escravos africanos e a perversa relação entre opressores e oprimidos; o Boi Bumbá, uma festa que reverencia de forma dançante, a figura mítica do boi, a principal figura de uma sociedade pecuária, relatando de forma satírica teatral as relações de poder rural; os Pastoris e os Ternos de Reis, festa de origem portuguesa do ciclo natalino, que de forma lírica e ingênua, dança e canta louvando o nascimento do Menino Jesus. Essas manifestações, entre outras em via de desaparecimento, sempre têm à frente dos grupos, um(a) mestre portador(a) das memórias e transmissor(a) oral.

DANÇAS COMEMORATIVAS e de CELEBRAÇÃO – para honrar personalidades da história, heróis e santos, para homenagear feitos do passado, para louvar passagem e ciclos de vida, uma forma de lazer e alegria. Como exemplo os bailes aristocráticos da corte nos palácios europeus. Na Bahia curiosamente, pois não havia tradição a respeito, nas últimas décadas, se criou uma modalidade de coreografia de valsas de 15 anos que se transformou num gênero de competição de grupos da periferia,

⁵ Cerca de dezenas de publicações a respeito destacando os de Euzébio Lobo, Acúrcio Pereira Esteves, Luis Carlos Tavares, Nestor Capoeira, Decânio Filho entre outros

estruturado em cerca de vinte jovens casais. No dia 2 de Julho comemora-se a independência da Bahia com uma grande festa de rua, num cortejo reverenciando as figuras míticas do caboclo e da cabocla com grupos de afoxés de índios tocando e dançando, além do desfile de diversas entidades populares. Há muitas outras manifestações dessas danças, como as tradicionais quadrilhas juninas do interior, com suas caleidoscópicas coreografias e exuberantes movimentos do baião e do xaxado, uma festa católica em louvor a São João com uma parte dramatizada do casamento na roça.

DANÇA EDUCAÇÃO e DANÇA TERAPIA – a dança como um método psicofísico na formação das competências básicas do aluno: aprender a aprender, a fazer, a conviver e a ser (Delors 1996). Uma função que só recentemente tem sido reconhecida e sistematizada como uma forma de autoconhecimento, de integração social e consciência para a cidadania, a partir do ECA em 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente). Ensino de dança aplicado em projetos de ensino institucionais, especialmente em organizações não governamentais como, por exemplo, no Projeto Axé da Bahia (onde a autora desse artigo implantou a Escola de Dança e Capoeira e o Grupo Gicá de dança). Modalidades de dança terapia para indivíduos com necessidades especiais, dança para idosos e outras funções na ajuda de um equilíbrio corporal e emocional, aplicadas em diversas organizações públicas e privadas.

DANÇA CÊNICA AUTORAL – a dança como forma de arte e expressão simbólica em busca da auto-realização criativa, uma proposta artística assinada por um ou mais autores. A arte pela arte, livre e independente em termos de conteúdo e expressão. Uma das funções da dança autoral é despertar múltiplos olhares, apontando novas perspectivas, desvelando a poesia das fábulas, mergulhando nas memórias, enfrentando

os sentimentos controversos, expressando indignação a situações perversas, inventando ideias com irreverência, sonhando utopias, sem fronteiras estabelecidas. A dança autoral pode oferecer experiências singulares ao revelar aspectos próprios e modos de vida, obras coreográficas constituindo-se sempre como únicas. Trabalho profissional com base em conhecimentos e pesquisas técnico artísticas a partir dos fatores da linguagem corporal. Arte do movimento com elaboração estética, conceitual e formal. Sistema de formação de profissionais e de produção estruturada. A Bahia foi pioneira no país a instituir os cursos universitários de dança e também foi uma das pioneiras em criar o curso técnico de dança em segundo grau pela Escola de Dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia (criada pela autora deste artigo).

DANÇA AFRO-BAIANA – dança afro-baiana pode ser um produto coreográfico contemporâneo quando ultrapassa a condição de manifestação coletiva e passa a ser uma obra de arte assinada, que apesar de inspirada na tradição ancestral, pode ser estruturada por um tratamento coreográfico inovador, numa abordagem cênica, adotando outras dinâmicas, na recriação de alguns aspectos estético-formais que, mantendo suas características principais, inovam sua linguagem. A dança afro-contemporânea, reconhecida pelo seu poder de identidade étnica, como um dos marcos mais significativos da Bahia, hoje é largamente desenvolvida em cursos regulares, cursos livres locais e internacionais, grupos e companhias de dança profissionais com destaque para a companhia Balé folclórico de Bahia, com mais de 30 anos de atuação profissional de sucesso internacional. Este artigo escolheu a dança afro contemporânea para representar a dança na Bahia, pela sua beleza e criatividade, apresentando um relato que absolutamente não esgota o assunto, tendo por objetivo estimular um olhar mais atento a respeito.

As primeiras obras coreográficas afro contemporânea montadas na Bahia foram criadas pela fundadora da Escola de Dança da UFBA, Yanka Rudzka, nos anos 1957, 58 e 59: CANDOMBLÉ, EXVOTOS e ÁGUA DE OXALÁ, onde Lia Robatto, a autora desse artigo, veio de São Paulo para participar como dançarina solista convidada e por aqui ficou. Coreografias pioneiras na inspiração na herança africana numa perspectiva estética e conceitual revolucionária da época. Em 1969, Emília Biancardi cria o grupo folclórico profissional independente VIVA BAHIA de grande sucesso internacional, que desenvolveu a dança afro para palco, seguida por vários grupos folclóricos com danças da Bahia, que também ganharam o mundo. No início de 1970 o coreógrafo Clyde Morgan vem como professor da Escola de Dança da UFBA onde desenvolve estudos da cultura africana, criando várias coreografias, com destaque para POR QUE OXALÁ NÃO USA ECODIDÊ. A acadêmica Hildegardes Vianna passa a compor o quadro de professores da Escola de Dança, muito contribuindo com suas pesquisas sobre as manifestações tradicionais de danças regionais da Bahia. Em 1981, a professora Conceição Castro, também da Escola de Dança da UFBA, cria o grupo de dança ODUNDÊ com uma importante investigação prática sobre a movimentação do corpo negro na dança e seus vestígios ancestrais, sem compromisso em recriar manifestações tradicionais, com liberdade investigativa e criativa. A partir de então surgiram na universidade muitos estudos e pesquisas voltadas para a dança afro, num vasto repositório de coreografias, artigos, dissertações, teses publicadas.⁶

A dança afro-contemporânea recria livremente características de sua herança étnica através de um processo de síntese. Configurada em movimentos centrais partindo do plexo solar,

⁶ Como por exemplo os trabalhos de Suzana Martins, Sueli Ramos, Tania Bispo, Leda Ornelas, Rita Rodrigues, Antônio Cozido, Reginaldo Flores (Conga), Nadir Nóbrega, Amélia Conrado, Clécia Queirós, Deni Oluwafami entre outros

com qualidade dinâmica de contrações e extensões, raras quebras ou movimentos periféricos ou retilíneos, fluxo contínuo de movimentos ondulados, cíclicos, flexíveis, elásticos; passos repetitivos, poli rítmicos numa aceleração crescente até sua culminância onde todo o corpo se expande intensamente com uma movimentação livre de amarras, em estado de êxtase. A dança afro eventualmente apresenta movimentos miméticos de animais, tais como corpos rastejantes e sinuosos como serpentes no chão em contraste com fortes impulsos, lançando com energia, braços no espaço, como asas de pássaros; passos em ritmos sincopados tradicionais que vibram no corpo todo, com movimentos contínuos da coluna vertebral em ondulações, altamente sensuais, manutenção da cabeça no eixo central, sempre ativa, pés descalços percutindo o chão, na busca da energia vital na “terra mãe”. Deslocamentos e corridas súbitas e eventuais saltos, braços soltos jogados em todas as direções, livremente. Quase sempre dançada coletivamente, com música ao vivo, geralmente um trio de percussionistas. Tipos de movimentação principais: polirritmia em movimentos contínuos com raras quebras, postura com a coluna ligeiramente inclinada para frente, em arco (salientando a natural lordose do negro) quadris empinados para trás, exploração de articulações com rotação de várias partes do corpo, com ênfase na pélvis e ombros; movimentos de contrapeso compensatório corporal, sem compromisso com o eixo vertical, numa natural economia de esforço. A dança afro é notável pelos seus movimentos harmoniosos e fluxo natural, pelo desenvolvimento equilibrado do corpo, pela exploração de diversas e contrastantes dinâmicas, os pés de apoio bem plantados garante o equilíbrio do corpo, liberando uma explosão de movimentos com uma vitalidade contagiante. Essa dança não requer um tipo biofísico específico nem uma técnica de condicionamento que precise moldar os dançarinos, uma arte do movimento inclusiva, acolhendo os mais diferentes intérpretes.

A professora baiana, Rosângela Silvestre, dividindo sua residência entre New York e Salvador, criou e vem difundindo uma excelente técnica híbrida estruturada na dança afro, contendo alguns elementos de outras técnicas corporais, também adotada pela Professora Vera Passos entre outros professores. Porém, cada professor de dança afro vem desenvolvendo com muita criatividade seu próprio método de ensino ou coreográfico. Nessas aulas há um predomínio de improvisações de sequências de passos aleatórios, sempre inspirados no ritmo do candomblé com variantes. Quase todas as aulas de dança afro contemporânea incluem uma parte voltada para a dança dos orixás, com gestuais simbólicos numa alusão às narrativas ancestrais evocando signos sagrados, numa tradução livre dos passos hieráticos, expandindo os gestuais dos orixás, enfatizando suas características. Nas cerimônias religiosas dos candomblés tradicionais, como os da nação Keto, as danças dos orixás são solenes, muito contidas, discretas em seus gestuais simbólicos, numa síntese quase esquemática, com movimentos essenciais que apenas sugerem o caráter do santo. A dança afro contemporânea explora essas danças através de recursos da linguagem cênica ampliando os movimentos hieráticos em termos dos fatores tempo, espaço, esforço e expressão dramática, elaborando esteticamente a forma corporal sem descaracterizá-la. A dança dos orixás é um manancial riquíssimo de dinâmicas corporais na dramatização que representa caracteres arquetípos, tais como o contraste entre a dança de um Ogum, o guerreiro, com seus movimentos viris, cortantes, contundentes versus os delicados movimentos fluidos, ondulados, dengosos de uma Oxum, orixá da beleza feminina. Assim como os movimentos mais introvertidos, pesados e graves de Obaluaïê ou Omolú, o orixá da cura, em contraste com os movimentos expansivos de uma Yansã, orixá dos ventos e tempestades. Os movimentos lentos e inseguros de uma Nanã, a mais velha, em contraste com a velocidade e gestos certos de um Oxossi,

o caçador. A postura firme, centrada de um Xangô, orixá do equilíbrio e justeza, em contraste com o desconcerto irreverente, gestuais inusitados e ousados de um Exú, o orixá do movimento, sem o qual nada acontece, mas que nas festas ele não deve incorporar. Há que ressaltar que os profissionais de dança guardam respeito aos ritos interditos, restritos só para os iniciados. Esses são poucos exemplos mais significativos de danças entre o vasto panteão de orixás dos terreiros baianos, que abarca as mais diversas qualidades de movimentos, apresentados neste artigo sem a pretensão do domínio do conhecimento deste rico universo, com o mero intuito de demonstrar a diversidade dinâmica dessas danças sagradas, com uma perspectiva estética. Muitas coreografias da dança afro contemporânea são criadas com uma dramaturgia inspirada nas ricas lendas do candomblé. Entre tantos trabalhos significativos, destaco algumas obras cênicas mais recentes como as de Elísio Pitta, Zebrinha, Augusto Soledade, Pitanga, Bruno Lopes, Jorge Silva, Edleusa Santos, Nildinha Fonseca. É interessante notar a tendência de coreógrafos da dança afro a desenvolver uma concepção e estética cada vez mais contemporânea, abrangendo um cunho universal sem perda de sua identidade de raiz. São centenas de professores e coreógrafos de dança afro em toda a Bahia e muitos espalhados pelo Brasil e no exterior, grande parte com graduação universitária e muitos pesquisadores formados nos cursos pós graduação acadêmica da UFBA, que se organizam para constante reflexão sobre as questões que envolvem esse segmento e mostram de seus trabalhos coreográficos. A dança afro baiana é considerada um importante marco do movimento negro da diáspora e afirmação do processo de conscientização e descolonização. A classe de profissionais da dança, professores e alunos consideram Clyde Morgan como um precursor da dança afro baiana contemporânea, o professor norte americano mais baiano de todos, assim como reverenciam os saudosos Mestres King e Augusto Omolú

que tanto contribuíram para a dança afro contemporânea, com ramificações capilares por toda a Bahia, por todo Brasil e pelo mundo afora.

Lia Robatto é coreógrafa, bailarina e professora aposentada de dança moderna (UFBA). Desde cedo, estudou dança na Escola de Bailados Municipal de São Paulo. Foi aluna e depois integrante do conjunto de Dança Contemporânea, no MASP. Em 1957, à convite de sua grande mestra Yanka Rudzka, vem à Bahia para participar como bailarina solista do espetáculo da primeira Escola de Dança de nível universitário do Brasil, integrante da então Universidade da Bahia, fundada por Edgar Santos. Em 1958 fixa-se na Bahia, como Instrutora de Ensino Superior. Adiante, desenvolve uma longa e produtiva carreira artística e universitária, como professora da Universidade Federal da Bahia (Escola de Dança e Escola de Teatro), com várias atividades de produção, ensino e divulgação da dança moderna, tendo recebido diversos prêmios, medalhas e condecorações. Desde 2021 ocupa a Cadeira n° 15 da Academia de Letras da Bahia.



A GEOMETRIA EUCLIDIANA DAS RELAÇÕES HUMANAS

PAULO ORMINDO DE AZEVEDO

Euclides de Alexandria foi um notável matemático grego nascido por volta de 330 a.C., que codificou a aritmética, a geometria plana e a álgebra em uma série de treze livros chamados *Os Elementos*. Seu método consistia em assumir uma série de cinco “axiomas” intuitivos e através da combinação deles entre si formar cinco “postulados” para tentar provar uma tese, chamada de “teorema”. Ele também reuniu 23 “definições iniciais” para estruturar a geometria plana, hoje conhecida como geometria euclidiana. Neste artigo procuro aplicar seu método às relações humanas, aqui grafadas em negrito.

Axiomas

Axioma 1 – Coisas que são iguais a uma mesma coisa, são iguais entre si.

Indivíduos que têm o mesmo objetivo formam uma irmandade ou uma quadrilha.

Axioma 2 – Se iguais são adicionados a iguais, os resultados são iguais.

Ideias iguais somadas a outras semelhantes resultam em uma mesmice.

Axioma 3 – Se iguais são subtraídos de iguais, os restos são iguais.

Se ideias vazias são subtraídas de iguais, não fica resto.

Axioma 4 – Coisas que coincidem, uma com a outra, são iguais.

O que corrompe e o que é corrompido são iguais entre si.

Axioma 5 – O todo é maior do que qualquer uma de suas partes.

A dúvida é sempre maior que qualquer certeza.

Postulados

1 – Dados dois pontos distintos, há um único segmento de reta que os une.

Adotadas duas atitudes antagônicas, há um único sentimento que os une, a intolerância.

2 – Um segmento de reta pode ser prolongado indefinidamente para construir uma reta.

Uma pequena mágoa pode ser ampliada indefinidamente para se tornar um conflito.

3 – Dados um ponto qualquer e uma distância qualquer, pode-se construir uma circunferência de centro naquele ponto e raio igual a distância dada.

Uma ideia qualquer generalizada vira um círculo vicioso.

4 – Todos os ângulos retos são congruentes.

Todas as pessoas retas são congruentes.

Definições iniciais

1 – Ponto é aquilo que de nada é parte.

O ponto final da vida é a morte, que não faz parte de nada.

2 – Toda linha é comprimento sem largura.

Toda sabedoria é conhecimento sem gordura.

3 – As extremidades de uma linha são pontos.

As extremidades da vida são pontos desconhecidos.

4 – Linha reta é a que está posta por igual com os pontos sobre si mesmo.

Vida reta é o percurso mais vazio da existência sobre si mesmo.

5 – Superfície é aquilo que tem somente comprimento e largura.

Superficialidade é a qualidade do indivíduo que só tem comprimento e musculatura.

6 – As extremidades de uma superfície são retas.

O extremo da superficialidade é pensar que tudo é verdade.

7 – Superfície plana é a que está posta por igual com retas sobre si mesma.

Superficial pleno é o indivíduo que não tem consciência de si mesmo.

8 – Ângulo plano é a inclinação de duas linhas no plano que se tocam e não estão postas sobre uma reta.

Divergências plenas podem se inclinar e se tocarem, mas não se conciliam.

9 – Quando as linhas que contêm o ângulo são retas, o ângulo é chamado de retilíneo.

Quando duas versões de um fato se alinham são chamadas de coerentes.

10 – Quando uma reta é levantada sobre uma reta e fazem os ângulos adjacentes iguais, cada um dos ângulos é reto e a reta que se levantou é chamada normal ou perpendicular à primeira.

Quando uma lei é criada regulamentando um comportamento social ela é a norma, não necessariamente a mais justa.

11 – Ângulo obtuso é aquele maior que o reto.

Obtuso é o indivíduo que pensa ser maior do que é.

12 – Ângulo agudo é aquele menor que o reto.

Agudo é o indivíduo que sabe que nada sabe.

13 – Fronteira é aquilo que é a extremidade de alguma coisa.

Fronteira é a extremidade de nossas limitações.

14 – Figura é o que é contido por alguma ou algumas fronteiras.

Figurão é o indivíduo que não é contido por suas fronteiras.

15 – Círculo é uma figura plana contida por uma linha chamada circunferência, de maneira que todas as retas que a encontram a partir de um ponto (centro) no seu interior são iguais entre si.

Círculo social é um grupo de pessoas contidas por uma linha de conduta onde todas são rivais entre si.

16 – O ponto é o centro do círculo.

A fofoca é o centro do círculo social.

17 – O diâmetro do círculo é alguma reta traçada através do seu centro e terminada em cada um dos lados pela sua circunferência e que o corta em dois.

O diâmetro do círculo social é limitado por sua aceitação dentro da comunidade.

18 – Semicírculo é a figura contida, tanto pelo diâmetro, quanto pela circunferência cortada por ele.

Semicírculo social é a metade do círculo dividido pela concórdância e a divergência.

19 – Figuras retilíneas são as contidas por retas: triláteras por três retas, quadriláteras por quatro e multiláteras por mais de quatro retas.

Pessoas retilíneas são transparentes; triláteras são pessoas com arestas; quadriláteras são as quadradas e multiláteras são as complicadas.

20 – Das figuras triláteras: triângulo equilátero é o que tem os três lados iguais; isósceles é o que tem dois lados iguais, enquanto escaleno, o que tem os três lados desiguais.

O triângulo amoroso é equilátero quando os três parceiros são amigos; isósceles, quando dois fingem não se conhecer; e o escaleno é o que é escalado ao acaso no clube das chaves.

21 – Ainda das figuras triláteras: triângulo retângulo é o que tem um ângulo reto, obtusângulo o que tem um ângulo obtuso, enquanto o acutângulo tem os três ângulos agudos.

Ainda do triângulo amoroso: triângulo retângulo é o que tem um parceiro legal que paga o motel, obtusângulo é quando um obtuso não quer dividir o pagamento, enquanto o acutângulo é o que os três parceiros são conscientes e concordam em dividir as despesas.

22 – Das figuras quadriláteras: quadrado é aquela que é tanto equilátera quanto retangular; oblongo o que é retangular, mas não equilátera; losango, a que é equilátera, mas não retangular; romboide as têm tanto os lados opostos quanto os ângulos iguais entre si, mas não retangulares nem equiláteros; e as demais quadriláteras são chamadas trapézios.

Pessoas quadriláteras são todas quadradas, mas têm piores, as romboides e trapezoidais.

23 – Paralelas são retas que estão no mesmo plano e sendo prolongadas ilimitadamente em cada um de seus lados, em nenhum se encontram.

Vidas paralelas são comportamentos que mesmo prolongados por toda a existência nunca se encontram.

Paulo Ormino de Azevedo é arquiteto e urbanista (UFBA), com Doutorado em conservação de monumentos pela Universidade de Roma, La Sapienza (1970). É professor titular aposentado da UFBA, jornalista e escritor. Coordenou o *Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia*, obra em sete volumes, pelo qual recebeu o Prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade, do IPHAN, em 1999. Recebeu a Medalha Mário de Andrade, do IPHAN, em 2017, e a Medalha Edgar Graff, do IAB-BR em 2019. É autor de livros em sua especialidade e de projetos de restauração. Publicou, como organizador, o livro *Thales Azevedo, a arte de escrever e pintar* (Edufba, 2015), e também *A memória das pedras: contos e crônicas* (ALBA, 2017) e *Navegação Errante: Memórias de Viagens* (Mondrongo, 2021). Desde 1991 ocupa a Cadeira n° 2 da Academia de Letras da Bahia.



SAUDADE
HOMENAGEM AO PROFESSOR
EDUARDO LOURENÇO

URANIA TOURINHO-PERES

Andei, glorifiquei, mas sem exatamente saber porque.

É como atravessamos a vida.

Sem saber exatamente porque. (DEUS)

EDUARDO LOURENÇO

O ponto de partida será nosso último encontro: Me disse Eduardo Lourenço: Urania, eu quero ir ao encontro das pessoas que amei. Estão lá, quase todas. Chegou a hora de minha partida. Quero estar com elas. Assim foi a sua despedida. Não foi difícil sentir a presença da ausência de Annie Solomon (1928,) sua mulher e companheira constante

A hora do encontro é também o momento em que a saudade se desfaz e saudade foi um tema que o acompanhou. Para ele quase todas as vivências se concentram numa só experiência humana: o amor, ou seja, na relação particular que tivemos com alguém, sobretudo se essa experiência já não é mais possível. Essa é a vivência capital, a ausência, o que não retorna, que nunca mais volta. Ausência absoluta: A saudade é o resto que nos fica, e com ele nos constituímos e a memória é sua guardiã. Exatamente é nessa direção que encontro a melancolia como nossa principal guia na vida. Este sentimento cinzento que aparece e sinaliza um vazio impossível de ser preenchido, mas que pode

transformar-se em impulso criativo. Não temos dúvida quanto a imensa produção de nosso homenageado. Chamo a atenção para o título de um dos seus ensaios:” Da Saudade como Melancolia Feliz”

O menino Eduardo nasceu na pequenina aldeia de São Pedro do Rio Seco, distrito da Guardiã, em 23 de maio 1923. cidade pequena, com a singeleza que encontramos nas pequeninas cidades que só o interior do Portugal nos oferece. Uma freguesia do município de Almeida, 22,59 km² de área e uma população de 6,8 habitantes.

Uma praça, uma árvore, uma Igreja, arquitetura religiosa do século XVI, manuelina e barroca, em granito de traços simples e sóbrios. Hoje, uma placa na Escola assinala que, ali estudou as primeiras letras o menino que brincava na praça e que se tornaria Eduardo Lourenço o homem notável.

O Brasil foi descoberto pelo Professor Eduardo dentro da Arca de livros do pai militar: um romance do brasileiro Coelho Neto. O Brasil tornou-se então um mistério a ser desvendado.

Tive a alegria de encontra-lo e a oportunidade de visitá-lo em seu Gabinete na Fundação Calouste Gulbenkian sempre que ia a Portugal: uma sala ampla, uma mesa desorganizada de muitos livros, por isso mesmo sedutora. Uma conversa que fluía sem que o tempo nos perturbasse. Um sorriso, uma delicadeza ao falar, sempre indagando como estávamos e como encontrava-se nossa circunstância de vida, nossa cidade sobre a qual demonstrava uma admiração e um interesse real.

Em um desses encontros nos falou de seu tempo em que aqui viveu, uma Bahia adorada e por muitos momentos desejada por ele e sua mulher, Annie, para aqui viver, contudo, sentenciou que se o desejo almejado tivesse sido realizado ele teria perdido a possibilidade de pensar o Brasil. Sim, o professor Eduardo Lourenço pode ser considerado um dos grandes pensadores não só de Portugal, nossa pátria língua, mas, também, seguramente, do Brasil e da vida. Uma sagacidade crítica, que se afasta das

repetições, seguindo por caminhos inusitados, a nos apresentar o novo e nos conduzir a pensar. Aqui viveu um ano difícil em nossa recente Universidade. A Ufba começava a existir sob o reitorado do Professor Edgar Santos e não deixou de mostrar a dificuldade dos começos. Assim sendo muitas imprecisões tiveram que ser contornadas para que o jovem e os ainda mais jovens estudantes de nossa Universidade se encontrassem em um curso de Filosofia que iniciou com 7 ou 9 participantes e terminou com sala lotada.

Relata ele que as suas solicitações para configurar um convite que transmitisse alguma segurança na chegada, moradia e mesmo honorário faltavam. Nem o Reitor e nem o prof. Helio Simões, catedrático da área de Literatura Portuguesa, transmitiram a convicção de um convite onde tudo fluiria bem, tanto para ele como sua mulher, Annie, profissional competente que também desejava trabalhar. Contudo não desistiu de sua vinda ao Brasil.

Fui uma feliz estudante naquele momento confuso e extraordinário da nossa universidade. Terei que ser rápida para transmitir o que foi a exuberância do bairro do Canela onde encontrávamos a inegavelmente bela sede da Reitoria e mais: Escola de Teatro dirigida por Martin Gonçalves, dança por Yanka Rudska, Seminários de Música por Joaquim Kollreuter, e ainda o Professor Agostinho da Silva com seu exuberante pensamento sebastianista e com quem tive uma relação de afeto familiar. Posso ainda citar: Domitila Amaral, Sebastião Benda, Yulo Brandão interpretes e teóricos de saberes e entre eles nosso homenageado a nos falar de Filosofia.

Mas, quero deixar registrada a surpresa do Professor Lourenço quando pela primeira vez entrou no espaço onde ensinaria e onde me formei. A casa no Bairro de Nazaré onde estava instalada a faculdade de Filosofia e Letras

Como assim? Uma casa? Sem feitiço acadêmico e sendo compartilhada por um grupo de jovens que ali estudavam, o

Colégio de Aplicação, com seu ruído adolescente? Assustou-se. Sim, outra realidade tão distinta, mas a que logo se adaptou e com muita rapidez esteve inserido em um grupo de pessoas e artistas que se tornaram amigas. Registra com satisfação o seu encontro como o então muito jovem, Glauber Rocha que havia terminado o seu curta metragem: o Pátio e lhe mostrou o livro *Grande Sertão Veredas* intimando-lhe a leitura, o pintor Caribé, o escritor Jorge Amado, o fotógrafo Pierre Verger e especialmente o professor Agostinho da Silva.

Reagiu à experiência com o Candomblé: uma festa com seus rituais, dança e atabaques então frequentada pelo grupo de amigos. Lentamente sentiu-se dominado por um som que preenchia seus pensamentos e o atordoava. Teve medo e pensou: não quero perder minha cabeça, não quero que me aconteça o que a Verger aconteceu; Deixou a sala. Aguardou Annie que acompanhou todo o desenrolar do momento com entusiasmo.

O Prof. esteve como um dos organizadores do IV Colóquio Luso Brasileiro, promovido pela nossa Universidade no ano de 1959. Lá estive como estudante, convocada para ajudar e encaminhar os conferencistas aos seus lugares e magnifiquei-me com tantos nomes que apenas conhecíamos pelos textos. Conferências, debates, calorosas discursões. O colóquio deixou uma marca importante, um traço de identificação com a cultura portuguesa que permanece.

Hoje, aqui, estamos, nessa bela homenagem a quem muito mereceu e merece. Eduardo Lourenço tornou-se um grande ensaísta e nos deixou uma obra notável e não posso deixar de registrar o meu entusiasmo pelo grande psicanalista da cultura em que se constituiu, entre outras excelências.

A leitura de seu livro *O Labirinto da Saudade – Psicanálise Mítica do Destino Português*, transportou-me para caminhos pouco percorridos de buscar, pela via da psicanálise, o entendimento da história de um povo, e da descoberta de sua alma. Acompanhamos o trajeto analítico do autor, no qual fantasia e realida-

de, *irrealismo* no seu dizer, se constituem como ingredientes que se mesclam, dificultando, ainda no seu dizer, a compreensão da “realidade histórica”.

A análise que realiza do povo português é preciosa, o luto por um império que de fato nunca foi tido, e que produziu uma melancolia coletiva. Me interrogo se esse império, inexistente na realidade externa, não se torna presença na infância de cada um de nós. Essa existência de um inexistente, não nos conduz, de fato ao ponto central de nossa constituição como humano, ser de fala, moldados pela palavra. Humanos, que carregam e tentam elaborar um luto pela perda de uma integração a natureza e tornam-se herdeiros da permanente interrogação: afinal *O que somos? Quem somos?*

O Labirinto da Saudade é a nossa saga e o luto nosso caminho a seguir. A magistral captação que o professor Lourenço teve e nos brindou como sendo da alma do povo português não é privativa de um povo; com nuances diferenciadas, individualizadas, ela está no recôndito de cada um, a nostalgia do perdido é nossa sina e nossa grandeza, pois a falta que nos constitui não é para ser preenchida, mas, sim, impulsionadora de criatividade. O vazio que nos acompanha não encontrará jamais preenchimento e permanecemos no mar das tentativas e exatamente ‘por isso a arte existe, essa produção rebelde, que mais que nenhuma outra nos qualifica, e toca em nossa identidade. *Os lusíadas* é poesia do povo português. E repetindo Lourenço a poesia liberta, a poesia é liberdade.

Como psicanalista de caminhos individuais, marcados pela subjetividade e igualmente em busca de uma verdade inatingível, tomamos a palavra de Eduardo Lourenço, compartilhando a importância de considerar a leitura psicanalítica de um povo, ou em menor escala de uma coletividade, sobretudo em seus momentos de crise. Porém, mais do que a leitura e compreensão da “alma” de um povo, o Professor Lourenço revelou-se um profundo conhecedor da psicanálise. Sua imensa obra de tem-

pos em tempos, deixa transparecer um dito a nos confirmar que seu texto, vai muito além de uma mera informação, como por exemplo: “Portugal é pequeno por fora e grande por dentro e o Brasil grande por fora e pequeno por dentro.”

“O império perdido, que Portugal sonhou ter, disse ele ao escritor Lobo Antunes nos pertenceu narcisicamente, pensamos que era nosso, mas não era”. (You Tube) Quase uma bela definição para o nosso conceito fundamental da psicanálise: *o narcisismo*. A imagem que supostamente o espelho que o outro nos devolve, pensamos que é nossa, mas não é nossa, vem do outro. Volto, então, aqui, mais uma vez a Rimbaud que aos 17 anos esbravejou aos professores: será que vocês não percebem que o que pensam vem do outro?

Freud e a psicanálise o entusiasmaram e chegou a lamentar o psicanalista não ter estado em Portugal.

Realiza uma leitura *Dos Lusíadas* a partir da teoria freudiana do trauma.

Dois tempos retornam, então, na análise realizada do canto de Camões. Já se viu um poema “épico” assim tão triste, tão heroicamente triste ou tristemente heroico, simultaneamente sinfonia e *réquiem*? A polaridade: conquista e perda se apresenta e aqui o autor faz uso da teoria freudiana do trauma. Primeiro traumatismo e segundo traumatismo. Cito: “O primeiro traumatismo fora superado por três séculos de pé no redemoinho peninsular e século e meio de equilíbrio sobre o “mar Português”. O segundo traumatismo o descobrimento às avessas “que sentíssemos na carne que éramos (também) um povo *naturalmente* destinado à *subalternidade*. (ps. 26/27. O primeiro tempo do trauma, o acontecimento, ainda carece de uma significação que se definirá no segundo tempo.

A psicanálise, como todos os saberes, avança, e nessa direção vai confrontando-se com novos saberes, vai encontrando novos espelhos e vamos então prosseguindo nessa caminhada ainda que sabendo que “verdade”, nela, não chegaremos.

O livro de Eduardo Lourenço publicado em 2017: *O Canto do Signo*, Gradiva. segue o trajeto do nosso caminhar compartilhado.

Encontrei no texto do Prof Eduardo uma expressão que me encantou: *filiação interior criativa*". É tudo o que temos que buscar e festejar. Me dediquei, nesse momento à leitura de vários ensaios de sua autoria. Encontrei o lugar que deveria ter atribuído a Flaubert e o encantamento sentido pela leitura da *Educação Sentimental*. O livro, em um passado longínquo, nos meus idos 18 anos me encantou assim como a exuberância proustiana. Não existe idade para as grandes descobertas. Cito:« Imaginar um livro cujo conteúdo, mas também esplendor, em nada mais repousem do que no «estilo», no signo virtualmente liberto da sua vocação de duplo da realidade...» (Lourenço. *O Canto do Signo*) Aqui uma certa compreensão da psicanálise, que, outra coisa não propõe que não seja a conquista do estilo e a abdicação da certeza de captação da realidade.

Termino, vou ao seu livro *Une vie écrite*. Ele confessa: Não sabemos jamais porque escrevemos...toda escrita é um desejo de imortalidade. Não sei se estou certo de quase 70 anos publicar um livro de ensaios banhado do fervor da adolescência e do sabor dos bancos da escola.

Atribui a Montaigne, o ensaio como forma de escrita que adotou e declara: não há ensaísmo feliz. Em sua essência é uma escrita do desastre pessoal ou transpessoal. (11-12.)

Gostaria, ainda, de poder dizer-lhe o engano e mostrar quanto o seu texto produz um entusiasmo feliz.

REFERÊNCIAS:

LOURENÇO, Eduardo. *O Labirinto da Saudade*, Gradiva, 2000.

LOURENÇO, Eduardo. *O Canto do Signo*. Gradiva, 2017.

LOURENÇO, Eduardo. *Une Vie écrite*. Gallimard.

LOURENÇO, Eduardo. *Obras Completas IV. Tempo Brasileiro: Fascínio e Miragem*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 2018.

LOURENÇO, Eduardo. *Obras Completas III Tempo e Poesia*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 2016

Urania Tourinho-Peres é psicanalista, fundou o Colégio de Psicanálise da Bahia. Tem diversos artigos publicados em coletâneas e revistas. Publicou os seguintes livros: *Mosaico de Letras*, (Ed. Escuta, 1999) e *Depressão e melancolia* (Jorge Zahar Ed., 2003). Organizou os livros: *Melancolia* (Ed. Escuta, 1996); *A culpa*, (Ed. Escuta, 2001); *Emílio Rodriqué – Caçador de labirintos* (Ed. Corrupio, 2004); *Frida Kablo: dor e arte* (2007); *Emílio Rodriqué: Velho analista do tempo novo*, (Editora Edufba, 2014). É autora do posfácio do livro *Luto e melancolia* (Ed. Cosac Naify, 2011). Desde 2014 ocupa a Cadeira nº 40 da Academia de Letras da Bahia.



GAZA:
ISRAEL ABRE AS PORTAS DO INFERNO
O MENINO TREME E CHORA
E SENTE SAUDADES

EMILIANO JOSÉ

Tomado de raiva, de indignação diante das dores do mundo. Não, nada de *dores do mundo* porque dito assim pareço distribuí-las igualmente, como não fossem tais dores resultado de encarniçada luta de classes embalada pela voracidade do capital. Como não existisse um império com sede de sangue porque disposto a incrementar a indústria armamentista e com ela manter a esperança de seguir dominando o mundo, não obstante a óbvia decadência.

As dores do mundo, algumas dores, aquelas mais amplas, a fome e a guerra, por exemplo, atingem apenas alguns povos, algumas classes, escolhidos como cordeiros de deus sacrificados no altar da impressionante concentração de renda mundial, no altar da orgia capitalista.

As dores do mundo têm origens conhecidas, bem conhecidas, e não adianta tergiversar diante disso. Escrevo a quente, e é muito difícil escrever a quente, sem saber, por que ainda impossível, o desfecho desse momento histórico regado a sangue, e engana-se quem imagine tratar-se de metáfora.

Olho estupefato o massacre em desenvolvimento na Faixa de Gaza, e todos sabem não ser o primeiro.

Tantos já, tanto sangue derramado naquele território marcado pelo colonialismo e opressão, um povo monitorado diariamente,

um autêntico campo de concentração dirigido por uma parcela ultrarreacionária de judeus, este um povo vítima das atrocidades do nazismo, sem esquecer terem estado ao lado de comunistas, de ciganos, de homossexuais no decorrer do Holocausto, cuja existência indignou a humanidade.

Naquele caso, como agora, houve resistência, bravura, e registro a ironia da história: foram os comunistas os principais combatentes contra o Holocausto. A URSS decidiu aquela guerra e libertou os aprisionados naqueles centros de terror.

Duro mesmo é assistir a existência do maior campo de concentração a céu aberto do mundo.

Na Faixa de Gaza.

Na Segunda Guerra, tragédia.

Em Gaza, novamente tragédia, a história se repetindo, e não como farsa, aqui contrariando Marx.

Israel não esconde o desejo de eliminar a população palestina. Elio Gaspari está certo: a bomba atômica saiu do armário. Um ministro israelense, não importa tenha sido afastado, disse claramente da disposição de usar a bomba.

Saudades, Israel tem saudades da *Little Boy*, de Hiroshima e Nagasaki, do terror nuclear iniciado pelos EUA com a guerra praticamente terminada.

Terrorismo: ironia da história

Vejo uma carga de ironia, quase deboche, na utilização da palavra terrorismo por Israel.

Tivesse vergonha, não o faria.

Em respeito à história.

Relembro isso para demonstrar o quanto há de desonestidade na formulação do estado sionista, sustentado pelos EUA.

Em 22 de julho de 1946, atentado terrorista contra o Hotel King David em Jerusalém mata 91 pessoas, dentre as quais 28 britânicos, 41 árabes, 17 judeus e cinco pessoas de outras nacionalidades.

Organizado por Menachem Begin, líder judeu de extrema-direita, mais tarde primeiro-ministro de Israel, comandante

então da organização terrorista, sim, repita-se, organização terrorista, denominada Yrgun. O hotel, situado na cidade antiga de Jerusalém, abrigava a administração da Palestina, atribuída pela Sociedade das Nações ao Reino Unido.

Caso a Sociedade das Nações usasse então os critérios de Benjamin Netanyahu adotados com relação ao Hamas, reagindo à organização terrorista de Menachem Begin, haveria um massacre sobre Jerusalém: parte da comunidade judaica ali instalada deveria ser aniquilada para pagar pelo terrorismo do futuro primeiro-ministro.

O cientista político norte-americano Norman Gary Finkelstein, doutor pela Universidade de Princeton, tendo passado também pela École Pratique des Hautes Études, de Paris, filho de pais sobreviventes de campos de concentração, tremeu de indignação quando Bernie Sanders se opôs ao cessar-fogo em Gaza com um argumento odioso e simplista: se o Hamas quer destruir Israel, o Hamas deve ser destruído.

Finkelstein, na carta aberta a Sanders, não retrocede ao fato de o estado de Israel ter se implantado por sobre as terras palestinas no final da década de 1940, autorizado pela ONU. Deixa de lado isso, momentaneamente.

Volta apenas a 2006.

Naquele ano, eleições parlamentares na Cisjordânia e em Gaza, impostas pelo governo dos EUA, sob o argumento de promoção da democracia. Insistiram com o Hamas. Devia participar. Ele se opunha, não pretendia se envolver em qualquer eleição nos territórios ocupados porque tais eleições eram consequência do Acordo de Oslo, do qual discordava.

Acaba cedendo.

Para surpresa de todos e do próprio Hamas venceu as eleições. O ex-presidente dos EUA, Jimmy Carter, testemunhou a lisura do pleito, a legitimidade daquela vitória.

Os EUA, estupefatos com tal vitória, impuseram um bloqueio brutal a Gaza, de modo a paralisar a vida econômica da região,

tal e qual faz com Cuba desde o início dos anos 1960, prática do império. Ninguém pode entrar, ninguém pode sair. E isso já alcança duas décadas.

Democracia para os EUA é apenas aquela a confirmar os objetivos deles.

Quando não, massacre.

E é conhecido o apoio aberto dos EUA a tantas ditaduras mundo afora.

O que é Gaza, objeto de tão odioso massacre?

São 40 quilômetros de comprimento, oito quilômetros de largura, uma pequeníssima porção de terra. Um dos lugares mais densamente povoados do planeta.

Metade da população, composta de crianças, 70% por refugiados da guerra de 1948, palestinos expulsos da área hoje compreendida como Israel. Assim por 76 anos, vivendo em campos de refugiados onde ninguém pode entrar, ninguém pode sair.

O desemprego alcança 50% entre a população em geral, 60% entre os jovens, as maiores taxas do mundo.

Sofre reconhecidamente com a fome, com extrema insegurança alimentar. Só a profunda consciência da condição de um povo milenar sustenta a resistência durante tantos anos e explica o apoio obtido pelo Hamas nas eleições de 2006.

Maior campo de concentração a céu aberto

Às vezes, os próprios integrantes do estado sionista ultramilitarizado de Israel escorregam e falam a verdade, não apenas o ministro defensor da bomba atômica sobre Gaza, Amichail Eliyahu.

Giora Eiland, integrante do círculo íntimo de Benjamin Netanyahu até agora, descreveu Gaza como “um enorme campo de concentração”.

Não é, como se vê, testemunho de nenhum comunista, de nenhum progressista, nem do Hamas. Há muitas consciências ditas liberais a se esquecer disso. Pesaria na alma deixar isso vir à tona.

Baruch Kimmerling, ex-sociólogo sênior da Universidade Hebraica, estudioso do sionismo, portanto insuspeito, definiu Gaza como “o maior campo de concentração que já existiu”. Não há qualquer dúvida sobre esse fato.

Assim, está em andamento há quase duas décadas, um crime contra a humanidade, e agora extremamente agravado com um violento massacre, com um crime de guerra, praticado pelo estado israelense, e aqui a palavra crime de guerra cabe como uma luva.

E, independentemente de qualquer análise, de considerações geopolíticas, das conveniências de cada campo político e econômico, o fato incontestável: o mundo, e me refiro aos poderes estatais de modo específico, assiste a tal massacre, salvo poucas exceções, Brasil entre elas, de braços cruzados.

De alguma forma, dá carta branca à dupla dirigente da mortandade, EUA e Israel, emissários do Apocalipse.

Como se lhes fossem dados poderes, e me vejo levado impulsivamente ao Apocalipse, para exterminar “pela espada, pela fome, pela peste e pelas feras da terra” toda aquela população pelo simples fato de existir e de resistir.

E ninguém pode negar ser o Hamas parte essencial dessa resistência, tal e qual os vietcongs o eram na guerra do Vietnã, tal e qual a resistência argelina, a resistência francesa, os postos em armas no Brasil para enfrentar ditaduras, para buscar alguns exemplos de luta contra o colonialismo.

Os ataques do Hamas de 7 de outubro ainda não estão devidamente esclarecidos.

Jornalistas independentes, como Jonathan Cook, denunciaram terem as tropas israelenses mandado bombardear casas a fim de eliminar militantes do Hamas, não importando isso causasse, como causou, a morte de muitos reféns. Civis israelenses queimaram lado a lado dos combatentes do Hamas depois de terem sido engolidos pelas chamas causadas pelo bombardeio da aviação de Israel.

E não se esqueça, e Cook não nos deixa esquecer, o fato de Israel adotar o “procedimento de Hannibal”: tropas israelenses têm orientação para matar os colegas soldados para não permitir sejam capturados pelo inimigo, seja Hamas, seja qualquer outro.

Consciências ditas liberais se apavoram com resistências ao colonizador. Não se revoltam com massacres, a levarem o nome de direito à autodefesa. O exército de Israel é impiedoso, não importando produzir vítimas entre cidadãos do próprio país. Cook questiona é a razão da mídia ocidental, sobretudo grandes veículos como a BBC, ter estabelecido uma cobertura tão parcial, não observada sequer em Israel, cuja mídia, ao menos uma parte, vem sendo crítica às decisões de Benjamin Netanyahu.

O fato é que surgiu em Gaza o cavalo esverdeado montado pela Morte, acompanhado por Hades, governante do mundo dos mortos, ainda me valho do Apocalipse.

No mesmo livro, a parecer profético, se anuncia:

“Homens de todos os povos, raças, línguas e nações veem seus cadáveres durante três dias e meio, impedindo que sejam postos numa sepultura”.

Atualmente, passados quase três meses desde o início do massacre, o fogo não cessa. A esta altura, neste final de janeiro, início de fevereiro de 2024, já são mais de 25 mil mortos em Gaza, maioria de crianças e mulheres.

O Apocalipse:

“Caiu então sobre a terra granizo e fogo, misturados com sangue”.

Não é mais simples metáfora cultural, nem apenas parte integrante de um dos livros sagrados da humanidade.

O Hamas deve ser destruído como surpreendentemente disse Bernie Sanders porque quer destruir Israel. Este deve permanecer, não obstante bombardeie e encarcere toda uma população, metade da qual, crianças, num campo de concentração. Deve permanecer mesmo pretendendo destruir, varrer a Palestina, executar com aquele povo a solução final.

Essa história não é bem contada, e volto a dizer: não se pretende voltar ao final dos anos 1940 quando se impôs a expulsão do povo palestino para dar lugar ao estado de Israel.

Não.

A surpresa sobre Sanders é porque o nobre senador é crítico da desigualdade de renda profunda existente nos EUA, adepto de pautas progressistas.

Quanto à questão palestina, é aliado do massacre continuado do estado de Israel contra a população de Gaza, da limpeza étnica pretendia por ele.

Voltemos ao momento da eleição limpa do Hamas para governar Gaza, em 2006, depois de o movimento relutar tanto em participar. Eleito, o Hamas mandou repetidas mensagens ao estado de Israel com a pretensão de resolver o conflito. Dúvido alguém saiba disso porque a mídia ocidental faz questão de esconder, e de apenas rotular. Ir atrás da verdade, nem pensar porque inteiramente tutelada pelas correntes hegemônicas do Ocidente, provenientes dos EUA e do próprio estado ultramilitarizado de Israel. Ou das visões europeias, acovardadas e cúmplices do estado israelense, hoje enfrentando a oposição dos judeus democratas em Israel e no mundo.

O Hamas apresentou os termos do consenso internacional para resolver o problema.

Dois estados, nos limites de junho de 1967. Tentava, propondo negociação, algum tipo de resolução do conflito. Apresenta, além da proposta de dois estados nos limites de 1967, outras ideias, como o direito de retorno dos refugiados palestinos aos lares de onde haviam sido expulsos em 1948.

O Hamas queria negociar.

Os sionistas, não. Nunca quiseram negociação.

Em junho de 2008, o Hamas negocia um cessar-fogo com Israel, o diabólico Hamas. Tal cessar-fogo resistiu até até o dia 4 de novembro, data das eleições presidenciais dos EUA, quando Barack Obama seria eleito. O mundo inteiro estava voltado para os EUA,

especialmente porque prestes a eleger o primeiro presidente negro da história do país.

Então, aproveitando-se dessa prioridade do mundo, desse olhar midiático concentrado nas eleições americanas, o cessar-fogo foi rompido. Rompido por Israel, conforme Finkelstein: iniciou um massacre cruel, matando em torno de 1.400 pessoas, 350 das quais, crianças. E quatro quintos, civis. Israel, ontem como hoje, destruiu a infraestrutura de Gaza e foi culpado, de acordo com o Relatório Goldstone, de vários crimes de guerra e de crimes contra a humanidade.

Finkelstein rememora a canção de resistência do Gueto de Varsóvia, e recorda tratar-se de pessoas, pessoas mortas, massacradas. Pessoas mortas, agora aos milhares, maioria crianças, no Gueto de Varsóvia. Não, em Gaza.

Naquela canção se dizia: ***Era um povo em meio aos fogos do inferno***. Na carta, Finkelstein dirige-se diretamente a Bernie Sanders:

- Esse é o povo de Gaza agora, Bernie.
- Era um povo, ou agora é um povo, em meio ao fogo do inferno.
- E Bernie Sanders está dizendo que isso deve continuar.

O texto de Norman Finkelstein vai ficar para a história. Eu o acompanho na indignação diante da posição de Bernie Sanders.

*

O menino tem saudades do futebol

Senti meu corpo estremecer mesmo foi quando vi os olhos daquele menino.

Meu coração, confrangido.

Quero chorar não tenho lágrimas que me rolem nas faces para me socorrer.

Aquele menino de olhos negros. O pequenino corpo coberto de cinzas. Da explosão, bomba. Mexiam-se os olhos dele de um lado a outro, descontroladamente.

À espera de outro ataque, de outra bomba desabando do céu, o medo do fogo, medo do fogo do inferno. Medo, ele era todo medo. Pavor, horror, medo talvez não expresse o sentimento dele, os olhos girando girando de um lado a outro, o corpo tremia descontroladamente. A imagem correu mundo.

O homem o abraçou. Calorosamente. Um abrigo quente. Parou de tremer, o menino.

Pôde então chorar.

Desabar.

Não, não sabia onde estavam os pais.

Nem irmãos.

Mortos.

Bombas reverberavam na cabeça de menino desprotegido.

Chorava nos braços do médico, amparado por aquele abraço caloroso.

As lágrimas corriam, e ele deixou escapar uma saudade: não podia mais jogar futebol.

Como?

As bombas não paravam de cair.

Muita gente morta. Colegas de futebol e de todas as brincadeiras.

Toda a família dele.

Nunca mais abraçar os irmãos.

Nem o pai.

Nem a mãe.

Nem os amiguinhos.

Por quê?

Próprio ou impróprio o termo, terrorismo é isso, não?

Ou não é?

*

Palestina treme e chora. E reage, não obstante a desproporção. Reage diante do horror. Sempre o fez. Primeiro, o Império britânico decadente impôs o Estado de Israel. Agora, outro Império também decadente, os EUA, garantem a barbárie de um estado ultramilitarizado, a pretender a extinção dos palestinos, desde o final dos anos 1940 um objetivo.

Apesar de tudo, a Palestina resiste.

*

O menino de Gaza chora.
Não tem mais pai, nem mãe.
Ninguém para protegê-lo.

*

Guernica, o começo de tudo: primeiro experimento de eliminação de uma população inteira, realizado por Hitler e Mussolini, em 1937, a marcar inapelavelmente as guerras seguintes. Sobre a pequena cidade, quase vila, despejaram 22 toneladas de explosivos, bombas incendiárias, bombas de 250 quilos.

Ontem e hoje, abertas as portas do inferno.

Guernica dizimada.

Teste para a aviação do nazifascismo.

Quando lembramos lições da história, não o fazemos por acaso. A tragédia se repete hoje, em Gaza, em escala mais assombrosa. Terrível, mas mais assombrosa.

*

O menino de Gaza chora.

*

À memória, dois outros testes: as bombas atômicas jogadas sobre Hiroshima e Nagasaki. EUA já haviam bombardeado Tóquio no início de 1945, ocasionando a morte de mais de 100 mil pessoas, 1 milhão de feridos, 1 milhão de desabrigados. Superava outros bombardeios: o de Dresden, na Alemanha nazista. O de Hamburgo. O de Pforzheim. Tóquio, arrasada, em cinzas.

Não bastou. Os EUA queriam experimentar a descoberta, e fosse jogada sobre pessoas. Examinar os efeitos da bomba atômica, e inaugurar com ela essa fase de beira do abismo, a terrível era nuclear.

*

O menino de Gaza chora.

*

Estágios finais da Segunda Guerra Mundial. A Alemanha assinou a rendição incondicional em 8 de maio de 1945. A ofensiva soviética fora fundamental para a derrota dos nazistas. Restava o Japão, cuja derrota era questão de tempo, e não de muito tempo.

Os EUA, de caso pensado.

Se não fora decisivo para a derrota de Hitler e Mussolini, e não fora, haveria de dar passos para acumular forças e vir a ser o principal país imperialista para enfrentar a inegável ascensão da União Soviética, consagrada pelo papel, aí sim, decisivo para a derrota de Hitler.

Pronta a bomba em julho de 1945, restava testá-la.

*

O menino de Gaza chora.

*

Duas bombas atômicas sobre Gaza

A **Little Boy**, lançada às 8 oito horas e 15 minutos do dia 6 de agosto de 1945 sobre Hiroshima, ocasiona, nos primeiros quatro meses posteriores a morte de entre 90 mil e 166 mil pessoas, cidade a contar então com 350 mil habitantes. Em Nagasaki, vitimada por ataque atômico três dias após, 9 de agosto de 1945, as mortes chegaram a 80 mil.

Metade das mortes em cada cidade ocorreu no primeiro dia. Nos meses seguintes, as pessoas foram morrendo como decorrência das queimaduras, do envenenamento radioativo e outras lesões, agravadas pelos efeitos da radiação. Maioria das mortes, civis. Em 2 de setembro de 1945, rendição do Japão. Iniciava-se, como já dito, uma nova era. E como logo a URSS também conseguiu a bomba atômica, iniciou-se o chamado período da Guerra Fria.

A humanidade sob o espectro nuclear.

*

O menino de Gaza chora.

*

Sob as vistas complacentes e cúmplices do mundo, de modo particular dos EUA, Israel tornou-se uma potência nuclear. Jogar uma bomba atômica sobre Gaza não é mais um desejo secreto do estado israelense. Repita-se expressão de Elio Gaspari: saiu do armário pela voz do ministro Amichai Eliyahu, da pasta do Patrimônio de Jerusalém.

Lembrar Hiroshima e Nagasaki não é apenas um exercício teórico. Tem a ver com este momento. Os judeus sionistas querem destruir a Palestina. Tentam, com o massacre em andamento. Pudessem, usariam a bomba atômica – já o disseram.

Matéria do jornalista Jamil Chade, na UOL, de 11/11/2023, repercute denúncia da Autoridade Palestina, não do Hamas: o volume de bombas lançadas até aquele momento, um mês e alguns dias de bombardeio, representaria, anatem, praticamente o equivalente a praticamente duas ogivas nucleares largadas sobre Hiroshima.

Já eram mais de 25 mil toneladas de explosivos lançadas sobre Gaza, bem superior ao impacto da bomba nuclear sobre a cidade japonesa, de impacto correspondente a 15 mil toneladas de explosivos.

Especialistas consideram esse massacre, essa campanha de bombardeio, a mais intensa e duradoura da história em uma área povoada, conforme documento da Autoridade Palestina.

E o bombardeio, ainda segundo a Autoridade Palestina, inclui fósforo branco, inclusão confirmada por várias organizações de direitos humanos como a Human Rights Watch e a Anistia Internacional, nitidamente um crime de guerra.

A ONU chegou a pressionar para uma investigação sobre as táticas e armas usadas por Israel em Gaza. E alertava algo mais ou menos óbvio: tais táticas e tais armas podem, e esse *podem* é fruto de cuidado diplomático da ONU, constituir violações do direito humanitário internacional e serem crimes de guerra, como de fato constituem e como de fato são.

A ONU estaria preocupada, e deve de fato estar, com a inexistência de uma investigação sobre tais crimes. Isso poderia indicar, e indica, uma espécie de carta-branca mundial para o massacre, dissemina a naturalização de ofensivas militares como a desenvolvida por Israel contra a população palestina.

Nesse massacre, registra-se o fato inédito de terem sido mortos pelos bombardeios 102 integrantes da equipe da UN-RWA (a Agência da ONU para os Refugiados Palestinos), fato considerado “sem precedentes, ultrajante e profundamente desolador” por Volker Turk, chefe dos Direitos Humanos da ONU.

O extenso bombardeio em Gaza, incluindo o uso de armas explosivas de alto impacto em áreas densamente povoadas, destruindo dezenas de milhares de edifícios, tem causado “um impacto humanitário e de direitos humanos devastador”, na opinião de Volker, para quem o bombardeio de hospitais também são preocupantes.

No decorrer do massacre, hospitais do norte de Gaza receberam ordens de evacuação, e isso corresponde a uma sentença de morte, como alertou a Organização Mundial de Saúde, pois se dá num contexto trágico: todo o sistema médico em colapso e sem que os hospitais no Sul de Gaza tenham capacidade para absorver mais pacientes. Não se tem a conta exata dos médicos, de profissionais de saúde mortos.

A lei humanitária internacional estende proteção especial às unidades médicas e exige respeito e proteção a elas em todos os momentos. Mas Israel faz ouvidos de mercador a tudo isso, e segue com o bombardeio, sem qualquer perspectiva de cessar-fogo e de cuidados com a população civil, cuidados de resto impossíveis com a continuidade das bombas.

Parecia ironia, trágica ironia: durante o massacre, em algum momento, Israel *prometeu* uma trégua de quatro horas, findas as quais o bombardeio seguiria deixando sempre um rastro de morte, de destruição.

Já se falou do assassinato pelos bombardeios de mais de 25 mil pessoas, número assinalado no final de janeiro, crianças e mulheres principalmente.

Ela é, também, a mais mortal guerra para a imprensa do mundo: quando completados 100 dias de massacre, contavam-se 112 jornalistas mortos, entre os quais 14 mulheres.

Duro é constatar o estrondoso silêncio da mídia ocidental contra este específico massacre, inédito na história das guerras, e a parcial, abjeta, desonesta cobertura dela num conflito tão desigual e tão sangrento.

A ponto de levar a jornalista e poetisa judia Anne Boyer, vencedora do Pulitzer, se demitir do New York Times em protesto

contra as ‘paisagens infernais higienizadas’ pelo jornal e a cumplicidade dele com as ‘mentiras belicistas’ de Israel.

No Brasil, a cobertura é inteiramente pró-Israel, nitidamente favorável ao banho de sangue.

Se todo o massacre praticado por Israel não é crime de guerra, se isso não é terrorismo, o que é?

O discurso de uma jovem palestina, residente no Brasil, secretária da Juventude da Federação Palestina, Maynara Nafe, tanto quanto aquele menino chorando e tremendo, me impactou, aprofundou minha tristeza e indignação, tornou-me mais solidário ainda a ela e ao povo palestino.

As pessoas perguntavam a ela como conseguia manter a sanidade mental, como reunia forças para resistir.

Não tem como manter a sanidade numa situação como aquela, de terror, e um terror continuado, vindo desde o final dos anos 1940, quando a terra deles foi tomada à força, assim ela respondia.

– Nós palestinos não temos direito sequer ao luto. Nos levantamos todos os dias para lutar porque é a luta que nos resta. É um povo que historicamente luta e vai continuar lutando até o último palestino de pé.

Multidão de crianças debaixo de escombros

Falava, Maynara falava dos mortos até aquele dia 1º de novembro. Mas falava também das crianças soterradas, tão pouco lembradas, até aquele momento 1.050 crianças debaixo de escombros. Não dá sequer para contar os mortos, saber quantas crianças perderam a vida, abandonadas sob o cimento, os tijolos, os pedaços de parede.

Terrorismo, antes de tudo, é isso.

Ou não?

Ao massacre israelense, chama-se direito de defesa. Essa é a lógica de Israel, dos EUA, do Ocidente.

Maynara Safe denuncia: sob os bombardeios a Gaza, estavam 4600 mulheres grávidas, era esse o número naquele 1º de novembro de 2023.

Quantas ainda estão vivas?

Um milhão de pessoas sem casa em Gaza, ela contabilizava então.

Não, não se trata de uma guerra, ela diz: trata-se, e não outro nome, de um massacre.

Foram 12 os hospitais demolidos pelas bombas. Invasão por Israel do principal hospital de Gaza, o Al Shifa, sob o argumento de procurar militantes do Hamas, invasão condenada pela Organização Mundial de Saúde, para a qual Israel fez ouvidos de mercador sempre.

E faz ouvidos de mercador para o grito de milhões de pessoas mundo afora se opondo ao genocídio contra a população palestina, contra a tentativa de varrer do mapa os ocupantes originais daquela terra, contra a tentativa de limpeza étnica em andamento.

Maynara Nafe impressiona o mundo, se há ainda modo de impressionar, ao dizer do ***primeiro genocídio televisado da história da humanidade***, executado diante de olhos inertes das grandes potências, expressão também utilizada pelo jornalista francês, Thierry Meysan:

– Liguem a TV de vocês. O entretenimento da noite é a morte do meu povo, que vive sob um regime de apartheid em pleno século XXI, que está sob um regime colonial há 76 anos. Mas quando olham pra nós dizem que nós somos os terroristas, que nós somos os culpados, que nós somos os culpados pela nossa própria morte.

– Então me expliquem: por que nós morremos há tantos anos? Me expliquem por que vocês têm direito à autodefesa e nós não? Me expliquem por que vocês têm direito a beber água, e nós não? Por que vocês direito à comida, e nós não? É um dever da humanidade nesse momento se levantar contra o primeiro genocídio televisionado da história da humanidade.

– E é uma obrigação de todos nós nos levantarmos.

– Se nós deixarmos isso acontecer, passaremos uma mensagem muito clara: as vidas dos povos oprimidos do mundo valem menos.

A fala emocionada e comovente de Mainara Nafe.

Israel segue impávido a marcha da morte.

E nada acontece.

A ONU, apesar dos esforços dela, sem poder para fazer parar essa caravana do terror.

Que preço pagará a humanidade?

Vai chorar depois de olhar os milhares de mortos, mortandade conduzida conscientemente, sob o apoio dos EUA e da atitude conivente, ativa da Europa?

Adiantará alguma coisa?

Claro, há a constatação de que esses são os estertores finais de um império em decadência, abraçado a um estado supremacista, disposto a tudo.

Poderíamos dizer um abraço de afogados, desesperados contra o avanço de outra ordem mundial, onde desponta a China.

Mas essa análise histórica não nos deixa em paz.

Um império em decadência faz muito estrago, traz a morte, como vem trazendo agora ao dar todo suporte a Israel na trágica tentativa de eliminação da nação palestina.

Impressiona a todos nós o desenvolvimento de tal massacre, em andamento enquanto escrevo, sem saber ainda o desfecho. Desfecho seguramente a deixar um rastro de sangue, de dor, milhares de pessoas mortas pelo simples fato de existir e resistir.

Guardo no coração a esperança das multidões nas ruas, de alguma união de Estados mundo afora, algum socorro à nação palestina, alguma iniciativa capaz de parar o massacre, algum cessar fogo, alguma mesa de negociação capaz de fazer valer a soberania da população palestina sobre a terra dela, capaz de fazer valer as decisões da ONU.

A alma atormentada não quer perder a esperança.

“Relatos vindos de Gaza” – são palavras de Jamil Chade – “apontam como amputações estão sendo feitas sem anestésias, enquanto suas pernas, ainda pequenas, são guardadas em caixa de sapatos. Os gritos ecoam por salões esvaziados da diplomacia internacional, incapaz – ou desinteressada – de lhes socorrer”. Isso, ele escreveu no dia 19/11/2023.

Outro texto memorável, de conhecido autor, discorre: em cada uma de suas guerras defensivas, Israel devorou outro pedaço da Palestina, e os almoços se seguiram. Israel, diz esse texto, jamais cumpriu as recomendações nem as resoluções da ONU, nunca acatou as sentenças dos tribunais internacionais, e é o único país que legalizou a tortura de prisioneiros.

De onde vem a impunidade com que Israel está executando a matança de Gaza? – pergunta o autor, para em seguida indagar: por acaso a tragédia do Holocausto implica uma apólice de eterna impunidade?

Ou essa luz verde provém da potência manda-chuva que tem em Israel o mais incondicional de seus vassalos?

As vítimas civis do exército israelense são chamadas de ‘danos colaterais’ e em Gaza, de cada dez ‘danos colaterais’, três são crianças. E somam aos milhares os mutilados, vítimas da tecnologia do esquarteramento humano, que a indústria militar está ensaiando com êxito nesta operação de limpeza étnica.

A chamada “comunidade internacional” existe?, pergunta o autor.

Diante da tragédia de Gaza, a hipocrisia mundial se ilumina cada vez mais, afirma.

A velha Europa, tão capaz de beleza e de perversidade, derrama alguma que outra lágrima, enquanto secretamente celebra esta jogada de mestre.

Porque a caçada de judeus foi sempre um costume europeu, mas há meio século essa dívida histórica está sendo cobrada dos palestinos, que também são semitas e que nunca foram, nem são,

antisemitas. Eles estão pagando, com sangue constante e sonoro, uma conta alheia.

Este último texto, ao finalizar meu artigo, o autor de que eu falava, é de Eduardo Galeano, cuja morte ocorreu em 2015.

Texto, vejam só, de 2012,

Atualíssimo.

A evidenciar o quanto é constante e antigo o massacre ao povo palestino.

Anoto: enquanto escrevo, militantes antissionistas, tradicionais companheiros das lutas democráticas, combatentes contra a ditadura, Breno Altmann e José Genoíno, são duramente perseguidos, processados pela Confederação Israelita do Brasil (Conib) pelo fato de terem se colocado contra o hediondo massacre praticado em Gaza, com os quais me solidarizei.

O historiador Mário Maestri finaliza artigo recente dele sobre o massacre afirmando que uma longa interrupção do conflito em Gaza, com a libertação de reféns, interrompida a ofensiva israelense, “seria um novo cenário que abriria uma fresta na janela até agora cerrada, ensejando que um pouco de ar fresco e novo penetre nas masmorras em que estão encerradas as populações palestinas da Cisjordânia, de Gaza e vivendo no interior de Israel. O que permitiria avanços mais substanciais em direção da construção de uma sociedade livre, laica e democrática para todos os povos da região, ‘desde o rio até o mar’. Por tudo isso e o demais, permitam a esse ateu empedernido concluir esse artigo com um compreensível *Insha’Allah*.”

Tenho certeza: Israel não acabará com a resistência palestina, nem destruirá o Hamas, como proclama. Fará derramar rios de sangue, como já derramou, e continuará derramando, isso fará, e proclama.

Eu espero, e por isso luto, eu espero, três vezes salve a esperança, tenha a humanidade a capacidade de encontrar uma solução negociada a levar à paz, à paralisação do massacre, ao fim do banho de sangue, a um cessar fogo, a um acordo capaz de garantir

os dois estados, sobretudo e especialmente assegurar à nação palestina o que foi roubado, subtraído à força.

Aconteça, ao menos isso, cumprimento das resoluções da ONU. Ou é isso, ou a paz não chegará. Israel será sempre um Estado de guerra, como próprio do sionismo. E a Palestina, massacre sobre massacre, nunca deixará de resistir, como é da tradição dos povos oprimidos. Nunca foi diferente na história. Tenha a Palestina o direito de existir.

O menino de Gaza chora.

Palestina Livre!

Salvador, 1/02/2024.

REFERÊNCIAS

ABU-MANNEH, Bashir. As an Occupier, Israel has no right to “self-defense”. *Jacobin*, 16/5/2021.

ALTMAN, Breno. Quem irá parar a mão assassina de Israel? *Folha de S. Paulo*, 13/11/2023.

ALTMAN, Max. Hoje na História: 1946 – Hotel King David, em Jerusalém, é alvo de ataque terrorista. *Opera Mundi*, 22/7/2021.

BENTO, Berenice. O genocídio palestino. Antissemitismo, um crime. Antissionismo, uma obrigação ético-política. *A Terra é Redonda*, 19/02/2022.

CARONA, Gustavo. “Onde é que tu estavas quando aconteceu o genocídio?” *Publico.pt*, 13/11/2023.

CARRANO, Pedro; VASCONCELOS, Frédi. Entrevista exclusiva. “Na narrativa pró-estadunidense, a Palestina não pode existir”: Ualid Rabah. *Brasil de Fato*, 10/11/2023.

CHADE, Jamil. Ao deixar cargo, diretor da ONU reconhece genocídio em Gaza e denuncia EUA. *UOL*, 31/10/2023.

CHADE, Jamil. ONU quer apuração sobre armas em Gaza; palestinos falam em duas Hiroshimas. UOL, 11/11/2023.

CHADE, Jamil. Carta às crianças de Gaza: parte da humanidade é enterrada com vocês. UOL, 19/11/2023.

CHADE, Jamil. ONU anuncia que pode encerrar ajuda em Gasa após corte de financiamento. UOL, 27/01/2024.

CONFLITO em Gaza: FENAJ solidariza-se com povo palestino, defende cessar-fogo e apela pela segurança dos jornalistas, 13/11/2023.

DAMANHOURY, Karen. Guerra de Israel: ao menos 42 jornalistas foram mortos em cinco semanas, diz comitê. CNN Brasil, 15/11/2023.

‘É IMPIEDOSO’: médico da Cruz Vermelha em Gaza conta rotina de atendimentos. UOL, 13/11/2023.

FEDERAÇÃO Árabe Palestina massacra a Globo: ‘apoia genocídio no Oriente Médio’. Brasil 247, 4/11/2023.

FEPAL vai à Justiça contra autores de ameaças ao grupo de brasileiros que deixou Gaza, Brasil 247, 16/11/2023.

FINKELSTEIN, Norman. Uma resposta a Bernie Sanders. Opera Mundi, 7/11/2023.

FORGERINI, Fernanda; FARINELLI, Victor. Entidade sionista quer que ex-presidente do PT tenha celular e computador apreendidos, suspensão de redes sociais e proibição de se manifestar por qualquer meio, sob risco de prisão preventiva. Opera Mundi, 23/1/2024.

GALEANO, Eduardo. ‘Quem deu a Israel o direito de negar todos os direitos?’, texto de 2012, republicado por Fórum, 5/11/2023.

GASPARI, Elio. A bomba de Israel saiu do armário. Folha, UOL, 7/11/2023.

HEDGES, Chris. A solução final de Israel para os palestinos. The Unz Review – Mobile, 5/11/2023.

HOLLEIS, Jennifer. O que foi a Nakba palestina e por que ela é importante. Brasil de Fato, 15/5/2023.

HOSPITAIS do norte de Gaza ‘fora de serviço’; combates cada vez mais intensos. CartaCapital, 13/11/2023.

JORNALISTA britânico acusa mídia ocidental de fazer ‘assessoria de imprensa’ sobre o 7 de outubro. GGN, 3/11/2023.

LONGO, Ivan. Confederação Israelita pede prisão de Breno Altman, jornalista judeu crítico do sionismo de Israel. Fundador do Opera Mundi vem sendo alvo de uma ofensiva judicial deflagrada pela Co-nib desde que intensificou suas denúncias ao massacre que o Estado de Israel promove em Gaza. Fórum, 30/01/2024;

MAESTRI, Mário. Por que o Hamas atacou Israel? Após os ataques do Hamas, Israel lançou operação genocida contra a faixa de Gaza, cujo conflito parece prefigurar o isolamento de Israel. A Terra é Redonda, 28/01/2024

MAIS de 16 profissionais de Saúde morreram em serviço em Gaza, diz OMS. Terra, 7/11/2023.

MELLO, Antonio. Na camiseta de soldado de Israel, uma grávida palestina e a inscrição: um tiro, duas mortes. Fórum, 14/11/2023.

MEYSSAN, Thierry. O colapso de Israel e dos Estados Unidos. Voltairenet.org, 14/11/2023.

MIRHAN, Leujene. O relatório Goldstone. Vermelho, 21/10/2009.

MISSÃO cumprida: resgate de brasileiros em Gaza marca vitória da diplomacia de Lula. Brasil 247, 13/11/2023.

NAFE, Maynara, secretária da Juventude da Fepal. Depoimento à Câmara Legislativa de Brasília, 1/11/2023.

NORMAN Finkelstein condena apoio de Bernie Sanders à agressão israelense. Hora do Povo, 11/11/2023.

O APOCALIPSE. Bíblia de Jerusalém. São Paulo : PAULUS, p. 2139-2168.

OLIVEIRA, Gercyane. Vencedora do prêmio Pulitzer denuncia guerra em Gaza e se demite do New York Times em protesto. Opera Mundi, 21/11/2023.

“O POVO palestino tem o direito de viver e de ter seu próprio país”, diz Arnold Schwarzenegger, Brasil 247, 14/11/2023.

‘PALESTINOS estão em uma prisão a céu aberto. Defender exter-

mínio de pessoas não é opinião, é crime’, diz presidente da Fepal. Brasil 247, 11/11/2023.

PAPPÉ, Ilan. “A origem da violência em Gaza está na ideologia racista da eliminação dos nativos”. Correio da Cidadania, 13/11/2023.

PINHO, Pedro. As populações refugiadas e o genocídio em Gaza. Pátria Latina, 30/01/2024.

PORQUE Hamás no es una organización terrorista – “Resolución 3070 da ONU: ‘Legítima la lucha de los pueblos por librarse de la dominación colonial extranjera y de la subyugación foránea por todos os médios posibles, incluida la lucha armada’”. Bureau D Information Alba Granada North Africa, 9/11/2023.

PRONER, Carol. Em Gaza, nem os mortos estão em paz. Brasil 247, 14/11/2023.

SAKAMOTO, Leonardo. Massacre de Israel em Jabalia foi como matar a favela para prender bandido. UOL, 1/11/2023.

SAKAMOTO, Leonardo. Jornalista em Gaza desabafa: Estamos aguardando a vez de sermos mortos. UOL, 4/11/2023.

SANTANA, Renato. Jornalista britânico acusa mídia ocidental de fazer ‘assessoria de imprensa’ sobre o 7 de outubro. GGN, 3/11/2023.

SILVEIRA, Celeste. ONU denuncia a morte de mais de 100 funcionários durante bombardeios de Israel. A Postagem, 12/11/2023.

TESTEMUNHOS de israelenses põem em dúvida relato do regime Netanyahu sobre o 7 de outubro. Hora do Povo, 12/11/2023.

Emiliano José é jornalista, político e escritor, tem graduação em Jornalismo, com mestrado e doutorado pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, da qual foi professor. Entre os seus vários livros, destaca-se *Lamarca: o capitão da guerrilha*, escrito em parceria com o jornalista Oldack Miranda, sobre Carlos Lamarca, que foi base para o roteiro do filme *Lamarca*, de Sérgio Rezende. Desde 2021 ocupa a Cadeira n° 1 da Academia de Letras da Bahia.



Poesia



TRÊS SONETOS

FLORISVALDO MATTOS

SONETO DE LOUVOR AO MAR

“Ao mar! – Disciplina humana para a empresa da vida!”

(Cecília Meireles, *Mar Absoluto*)

A folha morta que foi esquecida
No pó da estrada; no jardim, as flores,
De fluidos perfumes para a vida,
Me levam com flecha e asas aonde fores.

Até na noite boreal te aguardo.
Meu trenó de quartetos e tercetos
Lá montarei com meu casaco pardo.
Que venha a tempestade! Eu, de olhos quietos,

De lá volto, enfrentando maremotos,
Num veleiro de sonhos, lesto remos,
E chego a um mar onde passeiam botos.

Mar, maré, maresia, preamar..
O verbo amar acorda, quando lemos
Nomes assim, com sílabas de mar.

(Salvador-BA, 25/03/2018, ao meio-dia)

SONETO DE UM AMARGO PAÍS

Andam monstros sombrios pela estrada

E pela estrada, entre estes monstros, ando!

(Augusto dos Anjos)

Nunca soube, Brasil, que tu morrias.
Saltei montanhas, rios, selvas, tudo.
Corri cidades, anos até de estudo,
Sem que manchassem minhas alegrias.
Já ali, onde eu corria em disparada
De fauno, a celebrar epifanias,
Poeta enxerga “um poço de agonias”,
“Transbordando dejetos” de manada.
Alude a treva e “horror em vendavais”,
Em que nos mergulhou demente voto.
Como de sonhos sempre foi devoto,
Alça a voz agra de Poe: “Nunca mais!”.

Para um país já morto, não há lei;
Árdua verdade que de muito sei!

(Salvador-BA, manhã de 06/05/2020)

*As palavras entre aspas reportam-se a versos de um soneto de Ruy Espinheira Filho, sobre os horrores da pandemia da Covid-19, “Soneto de um triste país”, abril de 2020, tornando este soneto forjado no modelo inglês, uma quase paráfrase.

NOVA SAFRA DE SOMBRAS

Vivo momentos que meu pai vivia,
Quando a chorar, na ponta do passeio,
Vociferava aos céus no fim do dia,
E, a mirá-lo, eu, voltando do recreio.

Longe, de azul constante, a serra,ia,
A medir-lhe o tamanho do receio,
Que em sua face todo mundo via,
No furioso galope com que veio.

“Foi sol, o sol, o soll”, brada um peão.
Não há nuvens, nem mesmo vento-cão,
A salvar o que sonho foi somente.

Sombras vieram e amadureceram
O saldo de tristeza comovente
E tudo o que de horror meus olhos leram.

(Florisvaldo Mattos, SSA-BA, tarde de 05/01/2018)

Florisvaldo Mattos, nascido nos arredores da cidade de Uruçuca-BA, é poeta e jornalista, encerrando a carreira profissional como editor-chefe do jornal *A Tarde*, em 2011. Professor aposentado da UFBA, foi presidente da Fundação Cultural do Estado da Bahia, de 1987 a 1989. Tem participado de antologias poéticas baianas, nacionais e estrangeiras (Portugal, Espanha, França e Alemanha). Publicou livros de poesia e de outros gêneros, sendo os dois últimos *CACAUEIROS – Poesia. Conto. Teatro e Academia dos Rebeldes* e outros exercícios redacionais, ambos editados em 2022. Desde 1995 ocupa a Cadeira n° 31 da Academia de Letras da Bahia.

QUATRO POEMAS

FERNANDO DA ROCHA PERES

7 VERSOFOGUETES

I

Israel e Hamas:
a destruição
no écran.

II

Se é Holocausto
ou guerra
só a morte sabe.

III

No horizonte
plantados
desenhos de fumaça.

IV

Os foguetes
mutilam
crianças e adultos.

V

Instaladas
a mortandade
a sede e a fome.

VI

Na penumbra
as explosões
e ruínas.

VII

Na fuga
a expectativa
e o terror.

CANTIGA DOS PAULOS

Donos de três
suportes:
a letra
o traço
e o som,
são geniais
desde sempre;
Pablo Neruda
Pablo Picasso
Pablo Casals.
Dois dos Paulos
em obras tantas
com o verbo
e o desenho,
nos maneios
das palavras
e das cores
e das formas,
que expressam
o mundo sofrido
e suas gentes.

E o Pablo
o terceiro,
no violoncelo
completa assim
a vida passada
com seus acordes
e muitas pautas,
que envolvem

os nossos sentidos.
E os três em P
(Neruda
Picasso
Casals)
no mesmo século
nos confiaram,
as criações
de humanidades
como exemplares:
Canto General,
Guernica,
Nigra Sum.

EVACIONISMO

Dotar o humano
do poder de nominar,
foi toque de Deus
ou passo da natureza?
Assim é que aprendemos
no fideísmo da Bíblia
quando Adão é quem nomina,
e onde o grunhir é o falar
no processo da evolução.
E então logo perguntamos,
se a luz aberta de um astro
sob o espectro do céu,
(a lua em seu perigeu)
foi nomeação de Eva?
Quem há de deslindar
esta figuração poética?
- Eva nominou o luar
com o espanto nos olhos,
a flor, a uva e maçã
o perfume, o desejo e o sexo,
com os sentidos em aberto,
enquanto Adão cochilava.
E assim foi-se nominando,
e na hora que Adão dormitava
Eva apurava sensível
ao encontrar o prazeroso,
e dar o acento feminino
na infinda nomeação.

VERBOCAIXETAS II

Fernando da Rocha Peres

Preservar a água
para garantir
o futuro.

Assear a capela
para assistir
o batizado.

Asseverar a democracia
para propagar
a liberdade.

Consentir o batuque
para marcar
a festa.

Desatar o conceito
para circular
o manifesto.

Borrifar a orquídea
para suportar
o calor.

Bocar a galinhada
para enaltecer
a cozinha.

Ciscar o chão
para limpar
o terreiro.

Relembrar o passado
para resguardar
o presente.

Fincar a ideia
para clarear
o objeto.

Interligar o governo
para reforçar
o projeto.

Comprar o jumento
para padrear
a potranca.

Predicar a democracia
para galgar
a eleição.

Expedir o telegrama
para anunciar
a greve.

Rapar o pudim
para estampar
a gulodice.

Remoer o assunto
para recontar
o acontecido.

Orientar o coração
para buscar
a paz.

Convencer o eleitorado
para assumir
a reforma.

Saravar o santo
para receber
o pedido.

Salientar a cor
para conformar
o quadro.

Sincretizar a ópera
para agradar
o público.

Tilintar a taça
para saudar
o vinho.

Tocar o violoncelo
para evolar
o Vila-Lobos.

Torcer o pano
para arrumar
o torço.

Escrever o livro
para exemplar
o verbete.

Vozear o protesto
para crivar
a indignação.

Votar o socialismo
para esperar
a igualdade.

Apupar o juiz
para anular
o gol.

Urdir o poema
para encantar
a musa.

Viajar o Chile
para sobrevoar
a Cordilheira.

Visavisar a Mona Lisa
para adentrar
o sorriso.

Anunciar o acordo
para receber
o aplauso.

Bailar o tango
para expandir
o corpo.

Esperar o entardecer
para ter
o pôr do sol.

Sondar a oposição
para demonstrar
a habilidade.

Desfechar o romance
para salvar
o personagem.

Defender a natureza
para sobreviver
a espécie.

Subir a ladeira
para conhecer
o samba.

Cercar o terreno
para plantar
o helianto.

Escrever o livro
para exemplar
o verbete.

Bolar o sistema
para preservar
o manguezal.

Desapear o burro
para retirar
a carga.

Basear a viagem
para dominar
o entorno.

Banzar o domingo
para aliviar
o cansaço.

Fernando da Rocha Peres é poeta e historiador, foi Diretor da Fundação Cultural do Estado da Bahia, Pro-reitor de Extensão da UFBA e Diretor do Segundo Distrito do IPHAN (Bahia-Sergipe). Tem vários livros publicados, entre os quais: *Poemas bissextos*, *Horta de Poesia* (Poemas Portugueses), *Gregório de Mattos: O Poeta Devorador*, *Memória da Sé*, *Salvadolores* e *Cantorio e Antigos poemas*. É professor emérito da Universidade Federal da Bahia. Desde 1998 ocupa a Cadeira n° 25 da Academia de Letras da Bahia.

VISÃO, VISÕES

RUY ESPINHEIRA FILHO

A Tom Jobim e Vinícius de Moraes

In memoriam

Pegaram mesa no bar.
Boa vista para a rua
onde havia um belo sol,
e depois talvez a lua.

Chamaram garçom, pediram
dois uísques. Vieram dourados,
como a que há pouco passara
do outro lado da rua.
Sim, visão ensolarada,
cheia de graça, suave
ondeando docemente
no que era rumo do mar.

O Poetinha suspirou.
E o Tomzinho assoviou.
Que assovio? O Poetinha
começou a digitar
ritmos de versos na mesa.
Se o assovio desafiava...
o Poetinha enfrentava,
já era velho de guerra,

mais que estava acostumado,
que viesse o desafio.
É como a arte vive sempre,
sempre, sempre: por um fio.

E ela passara, passara...
Já devia estar no mar
entre as ondas tão queridas
em tão bravo dia solar.
E depois então iria
fingir um sono na areia
exibindo a todo o mundo
seu reinado de sereia.

·
Isso daria canção,
diz o Tomzinho nervoso.
Sim, uma bela canção,
fala o Poetinha ansioso.
Fitaram os copos: neles,
uísque não mais havia.
Acenaram ao garçom,
pediram em altas vozes:
não os via nem ouvia.
Foi necessário um colega
chamar a sua atenção.
Então chegou, pressuroso,
mas havia no seu rosto
sombra de desatenção.
Hesitou, pegou os copos,
examinou-os, partiu.
Duplos, pediu o Poetinha.
Espero que volte logo,
disse o sedento Tomzinho.
Não espere, respondeu,

sorridente, o Poetinha:
que ele também foi tocado,
deve ter visto o que vimos
e ficou apaixonado.
Conheço-o há muito tempo,
sei que é muito bem casado,
mas... Sim, que se cuide ele,
ou vai ficar enrascado.
Concordo, disse o Tomzinho,
pois há pedras no caminho...

E eis que já vinha o garçom.
Beberam. E Tomzinho disse,
repetiu: vai dar canção.
Hum-rum – rosnou o Poetinha:
assovie mais um pouco.
Depois, o outro respondeu,
que agora estou meio louco.
Não louco de assoviar,
o Poetinha falou.
Não, respondeu o Tomzinho,
mas depois assoviarei
tanto, tanto, tanto, tanto
de seu ouvido entortar.
Pois eu espero, Tomzinho,
respondeu o Poetinha,
não cansarei de esperar.

Por quanto tempo beberam,
não sei, ninguém me contou.
E não se sabe por onde
foi que a sereia voltou.
No outro dia, em ressaca,
Tomzinho tentou assoviar.

Depois sentou-se ao piano,
já pegando o telefone
para o Poetinha chamar.
Não sei em que altitude
a canção já se afinou,
música e letra prontinhas,
que a dupla logo cantou.

E então surgiu uma ave,
que ninguém já vira ali
e voou com a canção
no bico e saiu da sala
voando pela janela
e cantando pelo bairro,
cantando pela cidade,
cantando pelo país
- logo cantando no mundo...
Com sentimento profundo
acendendo o coração,
os dois saíram também.
E a canção, por onde ia?
Europa, França e Bahia...

Depois, bom, algum depois,
reencontraram-se os dois
no bar daquela visão,
feita glória universal.
Pediram os seus uísques
àquele mesmo garçom
que junto a eles trauteava
a gloriosa canção.
Também glorioso garçom...
Deu vontade ao Poetinha
de chamá-lo de escanção,

o tipo que antigamente
servia o vinho dos reis.
Mas desistiu: talvez o outro
até ficasse ofendido,
vai ver odiava os reis.

E avançaram pela noite,
felizes, muto felizes
com a vida da canção.
Bem amando o seu destino
de ter nascido em sua terra
e nela ainda habitar.
O país que também era
o da sereia dourada
que encantava Ipanema.
E, em tempo mais afastado,
ofertara ao Alencar
outra figura sublime
como aquela de Ipanema:
era uma índia formosa,
da tribo dos tabajaras,
que tinha os lábios de mel
(como talvez, mesmo não
registrado, fosse o caso
da sereia de Ipanema)
e certamente inspirara
o meu avô italiano,
Giuseppe D'Andrea a
escolher seu nome lindo
para mais embelezar
a sua filha: minha mãe,
que se chamava Iracema.

Ruy Espinheira Filho é escritor, jornalista e professor da Universidade Federal da Bahia, graduado em jornalismo, mestre em Ciências Sociais e doutor em Letras pela UFBA, autor de dezenas de livros de poesia, ficção e ensaios, com diversos prêmios nacionais. A sua poesia reunida encontra-se no volume *Estação infinita e outras estações* (2012). Desde 2000 ocupa a Cadeira nº 17 da Academia de Letras da Bahia.



SEIS POEMAS

ANTONIO BRASILEIRO

DAS COISAS PEQUENAS

Meditando sobre a vida
e sobre as coisas pequenas,
vejo que tudo na vida
são essas coisas pequenas.

) São essas coisas pequenas
que passam despercebidas –
as coisas não são pequenas,
são tão só despercebidas. (

E o mundo, gota oscilando
sobre a pétala de uma flor,
nos chamando, nos chamando.

SENTADO AQUI

Hoje não quero fazer nada.
Vou só estar sentado aqui.
A ler, talvez, um livro
delicado.

) A conversar, quiçá,
com os bem-te-vis
e as nuvens esquecidas
de passar. (

Não peças jamais à vida
compreendê-la.
Vês? Aquela estrela
apenas brilha.

SE TUA ALMA É NOITE

Se tua alma é noite e a noite
dói e há cães ganindo,
não queiras estar só, a noite
é a noite e os cães são símbolos
da noite: busca
o amigo.

Depois, joga num ás
e dá as costas:
nenhum passado é como um pássaro
que passa. É mais.
É mais.

CANÇÃO (QUASE) AZUL

Gosto de estar aqui
no meu cantinho.

O cálice de vinho
à mão, o coração
tinindo de poesia.

Gosto de ser assim:
um poeta sem rimas.
Só o estar
com o ar.

O AMOR, COMO TUDO, ACABA

O amor, como tudo, acaba.
Só o céu ficará azul.

A poesia que compus,
teus olhos cheios de mel,

a lua sidérea e tonta:
tudo acaba, tudo acaba.

Como a criança que passa,
como a fumaça, a esperança.

) Como tudo, o amor acaba.
Só tu, meu peito, não calas. (

CORPO

Assusta-me o corpo?
Fere o espírito?

Sou o que sinto? O que penso?
O que minto?

Invento que sou? Sou
fora do corpo?

/ Sem corpo, que somos?
A nota dó? O acorde?
O acordo?

Há acordos com o corpo?

) Há o corpo e o não-corpo?
O não-corpo é não?
Pó? (

/ O corpo é um bobo
sem corte?

Sorri às vezes de si?

É lindo? Elide
Zeus e Afrodite? Mais
Afrodite?

/ Mas que diz um corpo
sobre seus enigmas:
como o enigma estar
e, logo ali, não?

É tudo efusão
de espírito? Espírito,
não corpo?

Mas que coisa é espírito?

) Corpo, bicho estranho?
Ou só isso: corpo? (

/ Corpo é corpo-a-corpo?
Sabe-se corpo? E,
como tal, pífio?

Glorioso?

Ou fenomenal!! Com
dois pontos de ad
miração?

) Meu corpo me guia?
Me atrapalha? É palha? Vale
um til?
Nada? (

/ Corpo é coisa? Em
pacotes plásticos?

É o umbigo do mundo?
O fas? O nefas?

Ilusão é o seu nome?

E o vento da tarde
só nos inquieta
mais?

 Mas
corpo e tarde dão-se?
Ou corpo é só noite?

) Sofrer tem a ver com corpo? (

/ Este poema é corpo? Sabe-se corpo?
E se não?

Som de palavras? Quais?
As mais flores?

) Ó poeta! Ó poeta!
Inventas a realidade? (

/ O corpo só
aparece? Como aparece
uma borboleta
no jardim, um beija-flor
nos hibiscos?

É mais que uma ponte?

/ É mais que um girassol? Ou
um diplodoco?

Ou uma paixão?

/ Corpo e paixão combinam?
Como se um sim em um não?
Ou não?

Corpo é só paixão, se
vivo? Se não
vivo,
cão
sem plumas, como diz
João?

/ Quem ama, a quem
ama?
Quem é
corpo? O corpo?

Teu corpo, amada,
o que ecoa em “mim”?
Que tecla toca
tenuíssima?

/ Quando falo “corpo”
penso: você, eu.
Poderia ser o gato,
ali?
Não?

) Uma vez vi um pássaro morto.
Corpo. (

/ Tudo é o corpo
que cala?

A vida que corre
branda?

O menino na foto
da sala?

) Mas onde anda o menino?
Mas o menino, onde anda? (

/ Está qui? Está
bem aqui? Escreve
estas linhas?

Corpo,
mais nada?

Antonio Brasileiro é poeta, artista plástico, ficcionista, ensaísta e professor aposentado de Literatura (UEFS). Doutor em Letras pela UFMG. Como poeta e editor, foi um dos mentores do Grupo Hera, de Feira de Santana. Publicou diversos livros, sendo os mais recentes *O anjo no bar: antologia poética* (2019), *Poesia completa* 2. v. (2022). Desde 2010 ocupa a Cadeira n° 21 da Academia de Letras da Bahia.

**UM DITIRAMBO DE PÍNDARO
(FRAGMENTO 70B)
EXERCÍCIOS LÍRICOS DE INTERPRETAÇÃO
RUMO À RECRIAÇÃO DE UM POEMA
INCOMPLETO**

ORDEP SERRA

I. PRIMEIRA VERSÃO

Que nem corda tesa, esticava-se
outrora, o canto dos ditirambos
com o ingrato sibilo na boca dos homens;
agora patentes já são os novos
torneios, segundo quem bem conhece
os ritos de Brômio, do modo como
à volta do cetro de Zeus, os filhos
do céu os perfazem no paço
do Olimpo: diante da Mãe Magnífica
irrompem, a rodopiar, os tímpanos,
crepitam os crótalos e a tocha sua
douradas resinas;
elevam-se fundos gemidos das Náiades
que entre alaridos e arroubos exibem,
frementes,
[os colos em transe.
O poderoso entre todos — o raio
[que fogo respira —

se agita, assim como a lança
do Eniálio; e de Palas a égide
[freme terrível
[com silvos de inúmeras
serpes.

Ártemis célere acorre do ermo,
tendo a seu carro atrelado a raça
dos leões que debacam frenéticos
e *o deus* se encanta com o bando dançante
das feras. Eleito que fui
seu mensageiro de sábias palavras,
a Musa sagrou-me na Hélade, rica
[de coros em dança,
a mim, que me orgulho *de ser da urbe*
[de Tebas das carruagens ovantes,
onde é fama que outrora o magnânimo
Cadmó conquistou Harmonia
e escutou a voz de Zeus
que gerou o dos homens louvado
Dioniso glorioso
*que no ventre em fogo alentava
a mãe moribunda...*

II. BREVE EXPLICAÇÃO INTERMEDIÁRIA

Tomo por base desta minha recriação do Fragmento 70b de Píndaro o texto editado por Snell-Maehler.¹ Começo denunciando os arranjos a que recorri para lidar com a lacunas do original. O que está em itálico nas páginas precedentes corresponde a conjecturas minhas. Baseei-me em hipóteses de helenistas que se têm dedicado ao exame deste (pedaço de) poema, tal como ele nos foi transmitido. Sucede que entre os peritos não há muito acordo. É preciso fazer escolhas. Mais que isso, é preciso adivinhar. Como sabem os estudiosos de hermenêutica, esta arte não dispensa a *divinatio*, ainda que não invoque o divino, ou mesmo quando não o faz.

De saída, requer-se uma informação filológica. Entre os líricos gregos, Píndaro foi privilegiado pela tradição: foi o que teve mais obras preservadas, melhor transmitidas. Seus epínícios nos chegaram quase completos. Mas dos seus ditirambos só temos fragmentos. A fonte principal de transmissão do texto deste que traduzo é um papiro encontrado em prospecções arqueológicas efetuadas em Oxirrínco, no Egito: o *P. Oxy. III, 1604, col. II*. Outros testemunhos nos legaram trechos da mesma fração do ditirambo 70b: citações feitas por Estrabão, Dioniso de Halicarnasso, Possidônio e Ateneu (principalmente); mas o supracitado fragmento papiráceo é o que nos possibilita uma leitura mais completa do remanescente do “ditirambo tebano” de Píndaro. Em suma, o que chegou até nós deste poema é muito pouco:

¹ SNELL, Bruno; MAEHLER, Hervig. *Pindarus: Carmina cum Fragmentis*. Bibliotheca Teubneriana. Leipzig: Teubner, 1975.

apenas o início, com perturbadoras lacunas. O título indicado no papiro — “Héracles ou Cérbero” — já mostra que o núcleo desta peça lírica se perdeu. Integra o título uma espécie de dedicatória: “Aos Tebanos”. Depreende-se que no corpo do ditirambo o poeta narrava o mais tremendo dos trabalhos de Héracles, que o levou ao reino dos mortos. Segundo o conhecido mito, o rei Euristeu deu a Héracles a missão de buscar o terrível cão dos infernos e levá-lo a sua presença. O herói teve êxito: penetrou nos domínios sombrios de Hades e dominou a horrenda besta, o cão trífauce. Um famoso vaso etrusco, hoje guardado no Museu do Louvre (matrícula *Louvre E 701*), obra datável do século VI antes da presente era (*circa* 525 a. C.), mostra o herói levando a Euristeu sua presa. Em pânico, o rei se refugia num grande pote, em face do animal monstruoso de cujas cabeças e patas brotam serpentes.

O trecho inicial do ditirambo perdido foi muito citado e o motivo de tanta citação foi, sem dúvida, a surpreendente imagem estampada na sua abertura: a comparação do ditirambo antigo com uma corda esticada, tesa. É evidente que o poeta critica uma anterior forma poética da peça coral, um arranjo que ele se gaba de ter superado. Alguns críticos acreditam que ele censurava o ditirambo à moda antiga porque nessa modalidade o canto se esticaria de forma rude e monótona. Outros pensam que ele acusava a disposição em linha reta do coro, prejudicial à sonoridade desejada. É que logo depois os versos falam de um som que então surdiria da boca dos homens, com qualquer coisa de incerto, equívoco, “falseado”, ou distorcido: *καὶ τὸ σάν κίβδηλον ἀνθρώποισιν ἀπὸ στομάτων...* O *σάν* do alfabeto dório corresponde à letra indicativa da sibilante surda: equivale ao sigma do jônio. No verso seguinte, por desgraça mutilado, pode-se ler, no papiro, que certas coisas se abrem | *διὰπέπ[τ]ανται* |; mais adiante, o grafema]*κλοισι* e o nome adjetivo *νέα* permitem supor que essas coisas tornadas patentes constituem algo novo (*νέα*).

O (-)κλοισι muito provavelmente vem a ser a terminação da palavra κυκλοισι, dativo do nome epíteto que transmite a ideia de *redondo*, de *circular*: aparentemente faria alusão aos coros cíclicos.

Segundo os musicólogos, a nova disposição do coro defendida por Píndaro permitia uma melhor sincronização dos /s/, evitando um efeito cacofônico na emissão, pelos cantores em conjunto, da fricativa alveolar surda. Diziam os músicos gregos que o sibilo em desconcerto era coisa selvagem e que, ainda por cima, criava confusão com o som da flauta, companheira infalível do ditirambo. Esse era um problema para os antigos mestres da lírica coral, como mostra o empenho do inovador Laso de Hermione, que chegou a compor odes assigmáticas. Píndaro parece estar opondo ao antigo um novo estilo que ele sugere ter aperfeiçoado. Coloca-se claramente entre os conhecedores (ειδώτες), ou seja, entre aqueles que sabem compor o legítimo ditirambo. E diz logo em que se fundamenta este saber: detém-no quem conhece o ritual dos divinos, quem sabe como os urânidas celebram a orgia dionisiaca nos grandes salões (do Olimpo), à volta do cetro de Zeus.² Assim se chega à ideia que é o núcleo desse exórdio, um lance genial da imaginação poética do mestre tebano: a figura de um rito dionisiaco celebrado pelos deuses, que se envolvem na festa arrebatadora. O ditirambo assim ganha a forma de um triunfo máximo de Dioniso. A *Mater Magna* preside a essa orgia: trata-se, com certeza, de Cibele, que os gregos sincretizavam com Reia. (Uma tradição atribuída a Píndaro a introdução do culto de Cibele em sua Tebas). No prólogo de sua tragédia *As bacantes*, Eurípides faz dizer a Dioniso que compartiu com a Mãe Reia a invenção do tamborim (Eur. *Ba.* 59). É evidente que nessa passagem o dramaturgo pensava na grande deusa frígia, ou melhor, na teocracia de Reia e Cibele.

² O poeta fala apenas de “salões” (ἐν μεγάροις); mas se a dança dos filhos de Urano, os celestes, se desenvolve à volta do cetro de Zeus, é evidente que transcorre no Olimpo.

Também era corrente na Hélade o mito segundo o qual Dioniso, enlouquecido por Hera, foi curado pela Mãe dos Deuses por meio dos seus ritos orgiásticos.

No texto poético ora em foco, as bacantes são as náiades, ou seja, as ninfas das fontes, que em seu transe se comportam como as mônades humanas. O poeta alude a um gesto característico do transe menádico quando diz que as náiades expõem o colo, a garganta: é que projetam para trás a cabeça, num arranco expressivo de seu frenesi. Textos líricos e dramáticos que evocam a orgia dionisíaca com frequência mencionam essa atitude corporal, que também se vê representada na pintura vascular, quando mônades são figuradas.

Píndaro se vale do mesmo verbo para referir-se ao som dos crótalos e ao avivar-se das chamas da tocha, sugerindo um entusiasmo que se comunica a esses objetos. O verbo então empregado por ele, *χλάδω*, significa “ferver” e pode indicar, além da fervura em sentido próprio (da ebulição), o ardor do fogo que se intensifica. Além disso, conota o fervor, o frenesi que aumenta, o entusiasmo. Nessa passagem, Píndaro o aplica para descrever uma irrupção sonora, musical, com a mesma lógica que nos levou, a nós brasileiros, a chamar um tipo de música/dança de *frevo*.

No tocante aos crótalos, optei por dizer que crepitam; no tocante à tocha, preferi o adjetivo *fervorosa*. (Tem fogo e fervor quem se entusiasma, não é verdade?)

Está claro que o poeta aproxima o estalar dos crótalos dos lampejos da tocha. O som das castanholas tem mesmo qualquer coisa de “crepitante”. Junto com o toque dos tímpanos e o alarido das mônades, compõe a música do deus chamado de Brômio (o bramante, o atroador). Som e luz se combinam na evocação poética.³

³ A orgia dionisíaca transcorria de preferência à noite, à luz de archotes: cf. Eur. *Ba.* 485. Está claro que neste texto emprego a palavra “orgia” no sentido que ela tinha originalmente, de rito entusiástico.

A descrição do ditirambo olímpico prossegue com ousadia: indiretamente, por meio de um jogo metonímico, Píndaro faz imaginar os deuses tomados pelo frenesi dionisiaco. Não diz que Zeus entra na dança do Filho, mas o sugere, ao dizer que o raio todo-poderoso se agita. Assim também a lança do Belicoso vibra, indicando sua comoção. Do mesmo jeito, freme o terrível escudo, feito com a pele de uma cabra monstruosa, provocando o silvo das inúmeras serpentes nele incrustadas: assim a égide revela o frenesi de Palas. Deliram os leões que puxam o carro de Ártemis, mostrando de forma transposta o arrebatamento da selvagem donzela, que chega de repente, arrancada de sua solidão pelo fascínio da orgia.

Deuses em transe: eis o que a ousadia lírica de Píndaro nos faz imaginar, realizando em versos o triunfo supremo de Dioniso.

O ditirambo que o poeta evoca como inspirador de sua arte é de todo inumano: envolve deuses e feras, além de bacantes aquáticas. Consciente da sua façanha lírica, Píndaro se declara, em seguida, eleito da Musa, designado por ela para ser mestre da Hélade canora e dançarina: reivindica a primazia no ditirambo, na lírica coral. E celebra sua querida Tebas, lembrando Cadmo, o fundador, que desposou uma filha de deuses e relacionou-se com o próprio Zeus. Assim abre caminho para evocar o nascimento de Dioniso. Talvez aproveitasse o mote para celebrar outro filho de Zeus com uma mulher mortal, passando daí ao entrecho narrativo, infelizmente perdido para nós, em que, como tudo indica, discorria sobre o mais perigoso dos trabalhos de Hércules, herói por ele tantas vezes louvado.

Os dois últimos versos da primeira versão que aqui apresento constituem uma arriscada conjectura minha. “Mãe” é a última palavra que se pode ler no fragmento. Embora incompleta, esta palavra pode ser reconstituída com segurança:

apenas lhe falta a letra final.⁴ Baseio minha conjectura no mito bem conhecido do nascimento de Dioniso em Tebas: aparecendo a Sêmele, a filha de Cadmo, em todo o esplendor de sua glória, como ela lhe havia pedido, Zeus fulminou sem querer sua amante, que sabia grávida, mas retirou de seu ventre o nascituro, que depois coseu à própria coxa, para mais tarde o dar à luz ele mesmo, no tempo prescrito pelas Moiras.

Na segunda versão, faço-me muito mais atrevido: incorporo aos versos iniciais linhas nascidas de pura especulação a respeito do arranjo coreográfico e musical a que Píndaro parece referir-se. No texto que divido em estrofes a meu arbítrio, sem preocupar-me, sequer, com uma equivalência numérica com as linhas do original, o fim da primeira e o início da segunda estrofe têm enxertos hipotéticos. Mais perto do final, no que tornei em sétima estrofe, a fim de traduzir o tom enfático com que Píndaro se declara eleito pela Musa, começo com um “Escutem” que imagino ouvir no texto grego. A última estrofe e o verso destacado que se segue são totalmente de minha lavra. Eu os justifico como uma tentativa de sonhar com a narrativa da aventura tenebrosa de Hércules que o título sugere ter sido o tema desenvolvido no ditirambo mutilado.

⁴ ματή|ε. Depois apenas se consegue ler a sílaba πει.

III. SEGUNDA VERSÃO

Feito corda esticada
o canto do ditirambo
nas bocas dos homens
em linha reta, rude,
com um sibilo molesto
(falta contra a flauta)
assim, só assim,
ressoava outrora.
Mas as formas do estilo novo
já estão circulando
entre aqueles que sabem
como dançam os filhos do Céu
à volta do cetro de Zeus
nos elevados salões do Olimpo:

Diante da Mãe Santíssima,
os tamborins fazem roda,
crepitam os crótalos
e empolgam-se, ardentes,
as tochas que suam
resina de ouro.

Com altos gemidos,
as Moças das Águas baqueiam
e ululam, expondo
em seu arrebatado as gargantas.

Agita-se o raio que fogo respira,
todo poderoso;
agita-se a lança do Eniálio,
e de Palas a implacável
égide vibra, silvando
tremenda,
com víboras várias.

Ártemis chega, a selvagem,
tendo atrelado a seu carro
leões que deliram
— e Baco então se deleita
com as feras bacantes.

Escutem:
sou eu o escolhido,
o núncio de sábias palavras.
A musa me designou
mestre do coro
para a Hélade dançarina.
Orgulho tenho de Tebas,
a urbe das fortes carruagens
onde o magnânimo Cadmo
que desposou Harmonia
a voz escutou de Zeus
que, para a graça dos homens,
gerou Dioniso
no ventre de Sêmele,
a mãe ardorosa.

*Celebro também o Filho de Deus,
de mulher nascido,
que desceu aos infernos
e mostrou aos homens viventes
o terror dos mortos:
a fera implacável de três cabeças
que espanta as sombras vazias.*

Celebro uma glória terrível.

Ordep Serra é professor aposentado do Departamento de Antropologia da FFCH / UFBA, é antropólogo, pesquisador, professor, escritor e tradutor, Doutor em Antropologia pela Universidade de São Paulo. Estuda teoria antropológica, Etnobotânica, Antropologia da religião e Antropologia das sociedades clássicas. Publicou diversos artigos e ensaios e obras de ficção Seu livro mais recente é Alalá do Luaréu (2017), que tematiza as linguagens de cordel e as várias oratórias baianas. Desde 2014 ocupa a Cadeira n° 27 da Academia de Letras da Bahia, sendo seu atual presidente.

CINCO POEMAS INÉDITOS

CARLOS NEJAR

A CIVILIDADE

O rinoceronte tem uma civilização sensata.
Os ossos preferíveis à barriga tenra, engomada.
O casco férreo, insensível. Suporta o chicote,
suporta a afronta, suporta a escravidão, suporta,
suporta. Tem enxaquecas decerto. Numerais, verbais.
E tédio. Só os olhos se alçam.

As pálpebras parecem um relógio de chuva
caindo; as patas são suavíssimas quando
não sufocam esta civilidade que os homens exaltam.

E o brasão de maviosa hierarquia
é o unicórnio, marca de Jacó , que ascendeu
da coxa à testa, o estrelo alucinante.

Fora do rinoceronte, o rinoceronte.

Fora da salvação, a salvação.

Fora do homem, o homem.

ANTIELEGIA DIANTE DO FIM DO MUNDO

O céu se espedaçou entre animais, aves
e os gemidos de bois. Depois o céu um
boi. Rumina o campo fundo do firmamento.
Depois atiro, atiro peras, pedras e caio
na infância, lá dentro, quando a morte :
pedrada em cima de minha casa,
tremendo a infância toda, o baque.
E a pedrada raspou a copa da aveleira.
E vi que eu, criança, me engolfava
entre vespas, relâmpagos e nada sucedia.
Entrava na cova dos trovões
e nada. A pedrada igual a um furacão.
E a nossa casa revirava a perna, o pé,
o corrupção, o pião. E saltava o ar como se o fim
do mundo atravessasse o seu princípio.
E eu viajava na garupa de uma águia.
Jamais de novo a vi. Por isso esta
verdade, esta saudade de capturar
a perdida águia na palavra
e nunca mais morrer.

ANTIELEGIA ATRÁS DA CAÇA

A escopeta de um homem não é a escopeta de um homem. É um pássaro na escopeta, um pássaro engatilhado. E eu corria, menino, atrás das lebres, as lebres corriam atrás deste menino. E o tiro era falcão que devorava a presa. E via a lebre em sangue, a tarde sangue quando o cão jorrava atrás da infância um bando de água, jorrava atrás das sombras a trombeta dos ganidos. E eu ia atrás do tiro, eu era o tiro. E as coisas de baixo com as de cima se entretinham. E adolescente, Helena com madressilvas me chamou . E às pegadas do meu nome acompanhei no chão. E o chão voava. E não havia ainda amor. Ele só vem depois de um rio mugir ou de ordenhar o sol. Então me fiz botânico, com trezentos anos de hervários e de avós. Tendo na alma a escopeta com disparo gregoriano, a palavra. E é como flutuei com os asnos de meus pés atrás de Deus.

ANTIELEGIA SEM CAROÇO

Estive com a maçã na boca, desde criança.
E a maçã comi, já velho e menino, lá no
paraíso comi a luz. E a maçã no amor
eu vi: o elevado tronco e cheiro de mulher
em êxtase. Comi a polpa e a casca. Joguei
fora a solidão, caroço. E enfim, adormeci.
Era a maçã de onde eu provinha . E como
ela, irei provar a terra tenra, tenra e fria.

(DES)ELEGIA

Quando derrubei um monte
de lentilhas no avental:
eram letras que escorriam.
Um nome que não vi.

E não me competia
mais catá-las,
como tantos .
Deixei-as pensarem
por si. Na arte
de as fazer fluir
e serem livres,
livres, tais
formigas
de ar. Sem
o atrito.
Que os versos
já não vivem
de cair, mas
de brotar.

2.

Assustado,
não chilreia pássaro
no poema. E seu
alfabeto rúnico
é lido em alma,

entre adivinhações,
fosfóreos números,
begônias.

E há que soltar
algum alpiste
sobre o ritmo.

Até a imaginação
da imaginação
arrastar vinte
metros de raízes
com sono: num
só verso.

zangar-se com as borboletas,
provando um tempo
inocente.

Carlos Nejar é natural de Porto Alegre, RS (1939). É poeta, ficcionista, tradutor e crítico de literatura. Formado em Direito (UFRGS) foi concursado para o Ministério Público Gaúcho, tendo sido Promotor de Justiça, quando viajou pelo interior do estado, onde testemunhou seu tempo e seu povo, temática muito presente em seus poemas. *O Campeador e o Vento* (1966), seu quarto livro, que foi considerado uma nova épica na poesia contemporânea. Em 1987 a Associação Nacional de Crítica Literária, do Rio de Janeiro, outorgou-lhe o Prêmio Monteiro Lobato pelo seu livro infanto-juvenil *Era um vento muito branco*. Sua vasta obra compõe-se de poesia, ficção, infanto-juvenis e ensaios, com várias traduções no exterior. Livros mais recentes: *Poesia Reunida*, 2 vol. (2000), *A vida de um rio morto: Monumento ao Rio Doce*, (2016), *O feroz círculo do homem*, (romance, 2015). Sua obra está traduzida em várias línguas. Desde 1989 ocupa a Cadeira n° 4 da Academia Brasileira de Letras.

QUATRO POEMAS

DOMÍCIO PROENÇA FILHO

OS BRAÇOS

Estandarte
chantado nas estradas gerais.

Cravadas
nas estacas zelosas,
véspera

Fragrância leve
o sangue coagulado.
seiva

Os braços, erguidos,
prece:
Libertas quae sera
Tamen.

E os frutos.

MISCIGENAÇÃO

Inexorável
a libido incendiada
escreve a letra
isenta:
inunda
chão de senzala
e lençóis de casa-grande
a pátria regada a sangue
de cores variegadas
democratiza o percurso
e emerge um povo macumba
pesar de todas as penas
negras, cafuzas, índias e mulatas
Eros moreniza
a terra inaugurada
e a carne apaga o verbo
de cronistas assustados
as penas tremem
excitadas
véspera do novo
esterco
de canteiros falsos
A vida nega o discurso
dos sacerdotes de Cronos.

Eros, um sorriso
enigmático.

ALUMBRAMENTO

Em estado de graça
sigamos
inebriados do Amor
esse alimento
feito de Liberdade
e Encantamento
comunhão
para além
das arestas desse mundo.

INTUIÇÃO

Eu te sabia
dentro e fundo
em algum lugar
e tempo
aurora
plena de dias
amanheceres
vivências
para além talvez
das arestas do mundo.

Em estado de graça
eis-me à mesa
desse amor
que me ofertas
livre
e me arrebatava
ancestral
alma que fala a alma
esse sentir
sem onde, como e sem saber por quê
emergência sutil
caminho uno
e isento.

Sigamos
atados, unos,
inebriados
do Amor,
esse alimento
feito de liberdade
e encantamento
Comunhão.

Domício Proença Filho é poeta, ficcionista, pesquisador, ensaísta e professor, autor de dezenas de livros em poesia, ficção, didáticos e paradidáticos. Doutor e Livre docente em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Santa Catarina, Professor titular e emérito da Universidade Federal Fluminense, com diversos cursos ministrados no Brasil e no exterior. Livros recentes: *Capitu – memórias póstumas* (romance, 1998), *O risco do jogo* (poesia, 2013), *Breves estórias de Vera Cruz das Almas* (poesia, 2015). Pertence a diversas instituições, como: Academia de Artes, Ciências e Letras da Ilha de Paquetá, PEN Clube do Brasil, Academia Brasileira de Filologia, Academia Carioca de Letras. Desde 2006 ocupa a Cadeira n° 28 da Academia Brasileira de Letras.

SEIS POEMAS

ANTONIO CARLOS SECCHIN

AUTORRETRATO

A Flávia Amparo

Um poeta nunca sabe
onde sua voz termina,
se é dele de fato a voz
que no seu nome se assina.
Nem sabe se a vida alheia
é seu pasto de rapina,
ou se o outro é quem lhe invade,
numa voragem assassina.
Nenhum poeta conhece
esse motor que maquina
a explosão da coisa escrita
contra a crosta da rotina.
Entender inteiro o poeta
é bem malsinada sina:
quando o supomos em cena,
já vai sumindo na esquina,
entrando na contramão
do que o bom senso lhe ensina.
Por sob a zona da sombra,
navega em meio à neblina.
Sabe que nasce do escuro
a poesia que o ilumina.

RECEITA DE POEMA

Um poema que desaparecesse
à medida que fosse nascendo,
e que dele nada então restasse
senão o silêncio de estar não sendo.

Que nele apenas ecoasse
o som do vazio mais pleno.
E depois que tudo acabasse
morresse do próprio veneno.

CINZAS

Talvez o verão tenha queimado os frutos.
As mãos, ressequidas, apenas recolhem restos.
Cinzas, ardores, ossos.
Havia ali,
não se lembra?,
um rumor de desejo,
que nenhuma palavra salva:
todo poema é póstumo.
Botei a boca no mundo,
não gostei do sabor. Ostras e versos
se retraem
ao toque ácido das coisas tardias.
Na sombra insone do meu quarto,
o vazio vigia, na espreita do que não há:
por aqui passaram
pássaros que não pousaram. Fui traído
por ciganas, arlequins e cataclismos.
De nada me valeram
guardar relâmpagos no bolso,
agarrar nas águas as garrafas naufragas.

LÍNGUA NEGRA, RIO 30 GRAUS

Bem longe explode em preto
a pele cósmica de uma estrela,
aqui arde em silêncio
a pele grossa de uma vela.
Negra é a língua que se enreda
para um salto sem saber o que a espera.
Negra, negra língua,
com seu gosto de esgoto e de quimera.
Língua que se desfaz, liquefeita,
na cachaça trôpega dos bares da favela.
Língua que ao pó retorna, heroína
celebrada na veia aberta das vielas.
Passos que galopam para o abismo,
expulsando a pontapés a primavera.
Um fio de luz desmancha o frio.
Anoitece no Rio de Janeiro.

ÚLTIMOS DESEJOS

Preciso ainda encontrar
o acordeonista da Bulgária
o ventríloquo de Viena
o escafandrista do Marrocos
o sonâmbulo da Somália
o telepata da Patagônia
o míope etíope
a petúnia da Tunísia
o podólogo da Polônia
o apolíneo da Pensilvânia
o filólogo das Filipinas
o cabeleireiro de Galápagos
o cachaceiro de Cochabamba
o mameluco da Malásia
o eunuco de Pernambuco
o esquimó do Senegal
o café do cafetão
o apicultor de Capivari
o maiô da musa de Marataízes
o caricaturista de Caruaru
o motorista de Cariacica
o passadista de Paracambi
o sonetista da Avenida Augusta
o travesti de Itacolomi
o magnata da Macedônia
o calista de Bagdá
o cartomante de Belo Horizonte

a paranormal de Portugal
o charlatão da Chechênia
o anão albino da Abissínia
o rinoceronte da Romênia
o baobá do ABC
a piranha de Arapiraca
o periquito de Quito
o tico-tico de Tegucigalpa
um dia preciso encontrar
a maritaca de Acapulco
o capataz da Capadócia
e a felicidade

LINHA DE FUNDO

Assim meio jogado pra escanteio,
volto ao poema, este local do crime.
Mas é o desprezo que melhor exprime
aquilo que no verso eu trapaceio.
Se pouco do que digo me redime,
cópia pirata de um desejo alheio,
revelo a ti, leitor, o que eu anseio:
um abutre no cadáver do sublime.
A matéria é talvez muito indigesta,
me obriga a convocar um mutirão
para acabar com toda aquela festa
de pétalas e plumas de plantão.
Memória derrubada pelo vento,
quero aqui só lembrar o esquecimento.

Antonio Carlos Secchin é poeta, ensaísta e crítico literário. Doutor em Letras, professor titular e emérito de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Publicou dezenas de livros, como *Todos os ventos* (poesia, 2005), *Eus e Outras* (poesia, 2013), *Desdizer* (poesia, 2018), *Papéis de poesia II* (poesia, 2023). Obteve diversos prêmios literários, organizou antologias e edições de livros e revistas. Entre seus prêmios constam o Prêmio ABL de Poesia (2003) e a Medalha Afrânio Coutinho – Destaque Literário (2017). Participa de várias antologias e coletâneas no Brasil e no exterior. Pertence ao PEN Clube do Brasil, à Academia Carioca de Letras, é membro correspondente da Academia de Letras da Bahia. Desde 2004 ocupa a Cadeira n° 19 da Academia Brasileira de Letras.

Ficção



DOIS ENCONTROS COM GLAUBER

ANTÔNIO TORRES

Gênio ou doido? Agora que o tempo o transformou em personagem mitológico, recordo que o vi de perto (e por duas vezes) e ele se comportou como uma pessoa normal. Foi em São Paulo, no lançamento lá de *Deus e o Diabo na Terra do Sol*. Ano: 1964.

Confesso, porém, que quando o ator Geraldo Del Rey me disse que Glauber Rocha havia marcado a entrevista para as 8 da manhã (e de um sábado!), achei que a sua fama de doido tinha algum fundamento. Madruguei para chegar pontualmente à casa do Geraldo, onde ele estava hospedado. Nem acreditava que Glauber, a figura mais discutida daquele momento (um crítico carioca chegara a escrever 25 dias seguidos sobre o seu filme), tão endeusado quanto detratado, e assim atingindo todas as colunas da glória, fosse receber um dos editores (o outro chamava-se Franco Paulino) de uma revisteca intitulada *Finesse*, que lembrava uma marca de papel higiênico. E que ainda por cima fora herdada de um colunista social falido, pelo gerente do hotel em que ele morava, como pagamento da sua hospedagem.

Uma sucessão de acasos fez com que fôssemos convocados por um repórter – da revista *O Cruzeiro* –, e poeta que admirávamos, o gaúcho de Rosário do Sul Carlos de Freitas, para tocá-la adiante. O nome da revista era ruim, ele disse, mas podíamos fazer do legado do mosquito de bunda de grã-fino uma folha de rosto da cidade. O hotel garantia os custos da gráfica, pelo direito a um anúncio permanente na quarta capa. O resto era conosco. Mas sem salário. Tudo pela arte.

Topamos.

E fizemos com que a *Finesse* passasse a circular no eixo boêmio entre o Teatro Oficina, de José Celso Martinez Correia, ao Arena, de Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri – estendendo-se um pouco mais dali até o *Juão Sebastião Bar*, de Paulo Cotrim, que comprava uma centena de cada edição, para oferecer a seus clientes mais ilustrados. A tiragem, porém, era modestíssima: mil exemplares. O que isso poderia interessar a um Glauber Rocha, cuja carreira subia como um rojão de São João, em todas as páginas?

Pois acredite. Glauber já estava de pé às 8 horas da manhã daquele sábado. E, pelo visto, era a única pessoa acordada naquele prédio da Rua Santo Antônio, logo ao final, à direita, do Viaduto Maria Paula, e bem próximo do *Ferro's Bar*, onde Geraldo Del Rey e sua bela Tânia deviam ter varado a madrugada. Com certeza ainda estavam em sono profundo. Eles e toda a vizinhança. Sinais de gente ali só os das minhas pisadas ao deixar o elevador e me encaminhar à porta do apartamento. E os passos de Glauber Rocha atrás dela. O silêncio permitia perceber que ele rondava na sala, à espera do toque da campainha. Recebeu-me com um formal aperto de mão. E não fez qualquer menção para nos sentarmos. Vai ver uma conversa ali iria acordar os donos da casa, pensei. Então puxei do bolso duas laudas com as perguntas que pretendia lhe fazer.

- Posso deixar isto, para você responder depois? – perguntei-lhe, falando baixo. Ele tinha 25 anos, apenas um a mais do que eu. Daí não o chamar de senhor.

Com um gesto de assentimento, acompanhado de um “Hum-hum”, deu uma olhada rápida no questionário datilografado, colocou-o sobre um móvel ao nosso lado, logo à entrada do apartamento, e me convidou para tomar um café com pão e manteiga, no botequim da esquina. Seu mal era a fome, voltei a pensar. Se não, o que havia sido feito da voz daquele cabra que tinha fama de ser falador como o cão? Às 8 horas da manhã,

Glauber Rocha não combinava com a lenda noturna a seu respeito, que circulava nos bares de São Paulo. Nem parecia o autor de um texto exuberante – *Memórias de Deus e do Diabo em terras de Monte Santo e Cocorobó* –, que me provocara um impacto tão forte quanto um conto de João Antônio, o *Malagueta, Perus e Bacanaço*, publicado na mesma revista, a *Senhor*, que era editada no Rio, e que todo paulistano “por dentro” lia.

Mas ora! Ele ia se dar ao luxo de sentar-se diante de uma máquina de escrever para trabalhar de graça para uma revista *nanica!* E ainda tendo de pagar do próprio bolso o desjejum do seu entrevistador! Era pouco ou queria mais?

Sim, ia ter mais.

De pé, mal-ajambrado nas vestes matinais, a barba por fazer, o cabelo desgrenhado e o umbigo no balcão do botiquim, já matando quem o matava, Glauber soltou o verbo. E disse que havia lido todo o último número da tal revistinha. Elogiou o projeto gráfico (também, era de Valdi Ercolani, um diretor de arte *top* de linha, no jargão publicitário). Quanto ao conteúdo editorial, tinha críticas a fazer, com um pedido de desculpa por estar se metendo em meu trabalho. “Tenho alguma experiência em jornalismo”, ele disse, modestamente. “Editei cadernos culturais na imprensa baiana e agora colaboro regularmente com a revista *Senhor*, que é muito bem-feita, como você deve saber”. Sim, sabia. Agradei-lhe pelo interesse, leitura de tudo, comentários que quisesse fazer. Aí ele se sentiu à vontade para criticar os textos da revista, deixando-me embasbacado com sua capacidade de citar de memória trechos e mais trechos deles, não poupando os que considerava bobos.

- Veja se isso é lá uma boa maneira de começar uma frase: “Em sã consciência...” Você devia ter copidescado essa bobagem!

Expliquei-lhe que o autor era uma estrela da imprensa paulista, assim como os demais, todos grandes nomes do jornalismo,

das letras e do teatro, que escreviam de graça. A revista era apenas uma curtição, para quem escrevia nela. Nós, os editores, Franco Paulino e eu, não nos sentíamos no direito de mexer nos textos de uma turma com tanto espírito de colaboração.

Foi aí que ele disse:

- Sendo assim, o negócio fica complicado. Mas como paulista escreve mal, hein? Você não acha?

Não. Não achava. Mas o jeito que ele falou isso foi engraçado. Encerramos o nosso café da manhã com pão e manteiga e uma boa risada. De pé. Será que ele nunca se sentava?

Na despedida, Glauber prometeu entregar a entrevista na segunda-feira seguinte, à noite, na porta do cinema, onde me enfiaria para a estréia paulistana de *Deus e o Diabo na Terra do Sol*.

O segundo encontro

Cheguei lá à hora combinada. E lá estava ele, de barba feita, banhado, escovado e vestido com um paletó azul. E a entrevista num bolso. Fez a entrega dela, em mãos. E me empurrou para dentro cinema. Vi o seu filme com os pés em suspenso, sem conseguir mantê-los no chão. Grande filho da mãe. Como havia chegado a tanto, mais ou menos na minha idade? Quando os aplausos cessaram, um homem começou a discursar, com a voz inflamada, no mais altissonante estilo revolucionário. Saio. E reencontro o Glauber, andando de um lado para o outro, na ante-sala do cinema. Parece que ele nunca se cansa de ficar de pé, pensei.

Ao me ver, parou. E perguntou:

- O que você achou?

- É o seu filme definitivo.

- Não diga isso!

- Por quê?

- Ainda vou fazer muitos.

Ali fora, dava para se ouvir uma nova saraivada de palmas, em meio a assovios e apupos. Glauber balançou a cabeça de um lado para outro, visivelmente contrariado. Disse:

- Estou preocupado com essa *assembléia* aí dentro. Pode dar encrenca com os militares.

E contou o motivo da sua preocupação.

Naquele ano do golpe militar, ele fora obrigado a exhibir o *Deus e o Diabo na Terra do Sol* para um grupo de oficiais do Exército, para obter a liberação da fita. Numa fala do “capitão” Corisco, interpretada por Othon Bastos – “Homem, nessa terra, só tem validade quando pega nas armas para mudar o destino. Não é com rosário, não, Satanás! É no rifle e no punhal! ” -, ele sentiu uma mão bater-lhe no ombro. Apavorado, olhou para trás. E viu um major alagoano, que lhe disse: “Pode botar esse filme nos cinemas, cabra. É um filme de macho! ”

Nunca mais o vi, em pessoa. Nunca mais ele teve 25 anos e eu 24. Nunca mais foi tão fácil chegar perto de um homem tão talentoso, já a caminho de tornar-se uma celebridade internacional, com tanta atenção para um qualquer, que tomava o seu tempo a troco de nada, sem que ele se sentisse assim. Glauber Rocha me entregou, numa segunda-feira, as respostas ao questionário que lhe passei, no sábado anterior. E isso num momento em que ele estava envolvido com o lançamento do seu célebre filme, ou seja, em que estava no centro das atenções. Visto isso agora, em retrospectiva, me impressiona tanto a disposição dele em responder a todas as minhas perguntas, quanto a epígrafe que escreveu para a entrevista, que vai abaixo, do jeito que ele fez, entre parêntesis e em letras minúsculas:

**(se eu Morrê nasce outro,
porque ninguém nunca pode
matar são Jorge, santo do**

**povo – capitão corisco, plano
265, seqüência 446, de um filme
rodado em monte santo
e cocorobó, sertão brabo)**

Epílogo

A entrevista de Glauber foi endeusada e detratada, como era previsível. Um sucesso! Mas, depois da sua publicação, a revista iria ficar com os seus dias contados. Só teve mais uma edição, com destaque para uma reportagem de Eurico Andrade, intitulada “Chapéu de Couro, o Cangaceiro Bossa Nova”.

A última reunião com o patrocinador:

– Um leitor da revista esteve aqui e me fez muitas perguntas - disse o gerente do hotel que bancava as faturas da gráfica.
– E nenhum elogio ao trabalho de vocês.

Era um coronel do Exército.

Mesmo tendo o seu nome no expediente como diretor -proprietário, aquele gerente (chamava-se Pio) nunca se metera no que fazíamos ou deixávamos de fazer. Agora estava se metendo, de uma vez por todas. Por medo - o mais humano dos sentimentos, já o disse o sábio Millôr Fernandes.

E assunto encerrado.

A entrevista de Glauber Rocha, aos 25 anos

(Com os devidos agradecimentos ao cineasta Eduardo Escorel, que a guardou, e à jornalista Anabela Paiva, que selecionou os trechos que vão aqui, republicados por ela e Regina Zappa na capa do **Caderno B do Jornal do Brasil**, em 27 de dezembro de 1997. Não menos: a Franco Paulino, em memória).

“Eu esnobo a técnica: não sei mexer em moviola, não manjo nada de som. E acho que câmera tem alma”.

Sobre Deus e o Diabo na Terra do Sol:

“Não tem nada de novo. Desde a criação do mundo que Deus anda de mãos dadas com o diabo. Apenas *o velho* fica sempre esquecido e por isso quando é redescoberto aparece com ar de novidade. O filme é tão novo como as baladas romanescas da Idade Média, como o Apocalipse, como a tragédia, como o latifúndio que só é novidade (mesmo) no nosso sertão”.

Técnica

“Segundo Alberto Cavalcanti, a técnica esconde o lixo. Eu esnobo a técnica. Pra seu governo, não sei pegar em fotômetro, não sei mexer em moviola, conheço mal o jogo de lentes, não manjo nada de som. Mas sei que a melhor técnica é aquela que expõe aquilo que a gente quer dizer. Assim, eu e o meu parceiro de fotografia, Waldemar Lima, estamos sempre em expectativa, observando os atores, a paisagem, a luz, buscando o *clima*. O clima vem quando a câmera fica mágica. Câmera tem alma. O negócio é fazer mandinga e esperar o santo descer. Aí então a gente é bem capaz de fazer um *take* de quatro minutos, na mão, entre luz e sombra, entre foco e fora de foco, balançando ou não. Será possível ir aos infernos de outra maneira? ”

Repercussão no exterior

“Esse negócio de repercussão na Europa é conversa típica de gente subdesenvolvida e colonizada. Pra mim, fama na Europa não significa nada. É verdade, falando sério. A crítica francesa, falando bem ou mal, não muda nada. Eu não topo aqueles caras dos *Cahiers* - um bando de literatos, que vive na superestrutura,

falando bobagem. Os italianos são melhores, mas são radicais, historicistas demais. Os ingleses são quadrados e frios. Assim, pouco me interessa o que me digam. Falaram bem de *Deus e o diabo* mas se tivessem falado mal eu juro que não me abalaria. A única opinião válida para mim é a da juventude e do público. A juventude gostou pra valer, e o público gostou e desgostou. Assim eu acho que vinguei 75% e isto já é muito, e isto me enche de vontade pra jogar pra frente e botar pra jambrar na próxima fita”.

O que Glauber quer?

“Fazer onda. Abrir bate-papo sobre assuntos sagrados. Demolir os figurões, os produtores boçais, os diretores comerciais, os exibidores ladrões. Discutir e achar que o *cinema novo*, o *cinema de autor*, é o que vale. Tudo o que digo pode não ter importância um mês depois, mas na hora funciona. Sempre. É por isso que eu tenho muitos inimigos. Mas tem colegas que compreendem e continuam meus amigos. Veja o (Walter Hugo) Khoury, por exemplo. É um autor, um artista sério, pesquisador, firme nos seus propósitos. Eu discordo do cinema dele, mas apenas no plano das idéias. E no fundo admiro a obsessão de um cineasta que procura um objeto difícil, mas que, hoje acreditado, será alcançado. Digo isso para esclarecer a quem pensa que eu combato o Khoury”.

Arte brasileira

“Não existe ainda a verdadeira arte brasileira. Estamos procurando. O Tom (Jobim) na música, o (Jorge) Mautner no romance, o (Lindolfo) Bell na poesia, o (Gianfrancesco) Guarnieri no teatro e muitos outros – todo mundo procurando, cavando a terra e a angústia, cavando a alma e o sistema social, cavando a estética e a linguagem. Todo mundo está atrás, trabalhando em várias veredas – como no sertão. Acho que a arte brasileira

está nascendo desde o teatro de Anchieta – é um processo que vai levar mais 600 anos. A raça, a terra, a natureza – o nacionalismo vem desde aquele horroroso Basílio da Gama. José de Alencar, Lima Barreto, os poetas românticos, Augusto dos Anjos, Machado de Assis, Raul Pompéia, Nepomuceno, Mário de Andrade, Portinari, Volpi, Villa-Lobos, Niemeyer, Jorge Amado, Nelson Rodrigues, o poeta Vinícius, Nelson Pereira dos Santos e Zé Kéti – estão todos na jogada. É preciso ter abertura, abertura mesmo, porque todo grande artista é um revolucionário. Arte e liberdade é um corpo só, cangaceiro de duas cabeças, como dizia o capitão Cristino, vulgo Corisco”.

O sertão

“Eu sou do sertão. No sertão tem muitas veredas, como diz o mestre Guima. No sertão, afinal de contas, a gente bebe uma selvagem metafísica. Aliás, sou do sertão, modéstia à parte, como também o mestre Villa-Lobos. Esta é a mistura – o resto é coisa do cão, do demo, do sol, do amor. Está por dentro?”

Público

“O povo entende na medida do possível. Não entendo direito de público. Acho que o negócio é não ser quadrado, isto é, dar chance para todos pensarem. Ser intelectual ou não ser é besteira. Intelectual, pra mim, é um camarada que fica falando em mesa de bar e pichando todo mundo”.

Influências

“Faulkner, Buñuel, Einstein e Joyce, Graciliano Ramos e bate-papo de esquina, a Bíblia e sobretudo Villa-Lobos, Kurosawa e os westerns americanos, Rosselini e Paulo Saraceni, a Bahia e a luz atlântica, o amor, o meu poeta Vinícius,

Guimarães Rosa e música do Nordeste e Carlos Drummond, São Jorge, Sebastião, Parsifal, Visconti, Romeu e Julieta, Aquiles e Salomão, Didi, Pelé e Garrincha – sem os quais é difícil fazer com classe, eficiência dramática e malícia improvisadora que destrói os esquemas e transforma a tela em projeção da vida. Eu sou produto da minha vida mesmo e da minha razão que tenta emergir do caos, caos com K, se é que o Mautner aceita”.

Resistência cultural

“Acho que o melhor negócio agora é resistência cultural. O povo precisa de resistência cultural. Muita coisa está errada, os artistas pensavam, mas não estavam com o povo. Só deve existir a estrutura pessoal, libertária, rebelde, incômodativa, revolucionária e transformadora do artista falando numa linguagem tão profundamente humana que todos entendam. Se não tivermos resistência intelectual vamos cair na mais negra miséria, vamos cair no fascismo, vamos ver a democracia ser apenas um rótulo demagógico. Quando um povo começa a ser amordaçado, o artista deve abrir a boca bem alto e falar tudo, denunciar. O inimigo da política é a Arte. Você veja na Espanha, veja na Rússia, veja nos Estados Unidos. Quando os caras engrossam de um lado, os artistas engrossam do outro”.

Gênio ou doido?

“Não sou nada disso. Talvez eu seja apenas inconseqüente. Deixa a maturidade chegar para eu ver direito. O que eu acho, como diz o poeta Vinícius, meu irmão mais velho, é que quem de dentro de si não sai entra direto pelos canos. O negócio é câmara na mão e idéia na cabeça”.

Entrevistas

“A gente deve falar pouco, porém firme. Agora, se é para falar mesmo, tem que ser como mestre Villa: os violoncelos tudo doido, as trompas tudo alucinada, os tambores tudo correndo, os *travelling*, tudo montado sem continuidade. Geraldo Del Rey e (Antônio) Pitanga gritando, Waldemar no rodopio, o mar atlântico rebolando – de uma forma que quando a razão recusa o coração aceita e perdoa. Não é assim no amor?”

Antônio Torres é autor de 12 romances e mais seis livros, entre ensaio, contos e crônicas. Na sua obra, destaca-se a célebre trilogia ficcional, composta pelos romances: *Essa terra* (1976), *O cachorro e o lobo* (1997) e *Pelo fundo da agulha* (2006). Traduzido em diversos idiomas, recebeu importantes prêmios nacionais, inclusive o Prêmio Machado de Assis, da ABL (2000), pelo conjunto da obra. Eleito em 2013, ocupa a Cadeira n° 23 da Academia Brasileira de Letras. Em 2019 tornou-se titular da Cadeira n° 1 da Academia Petropolitana de Letras. Seu romance mais recente é *Querida Cidade* (Rio de Janeiro: Record, 2021). Desde 2015 ocupa a Cadeira n° 9 da Academia de Letras da Bahia.



DUAS CRÔNICAS SOBRE A FINITUDE

JOÃO CARLOS SALLES

1

SOBRE A VELHICE

Matéria e pensamento, meu corpo era meio; agora é obstáculo. Antes, abria caminhos, fazia-me tocar, sentir, flutuar sobre o mundo ou fazer-me de sua carne. O corpo era travessia, ponte, janela. Hoje, quando muito, é uma porta entreaberta, que se deixa atravessar e parece sempre estar no meio do caminho, precisando ser ultrapassado.

As pernas já não correm; muitas vezes, atrapalham. Não saltam, mas sim perambulam e, pouco firmes, mal afastam a ameaça de quedas e outras maldições. O corpo cuidava outrora de levar desejos aos lugares, cuidava de pensar tempo e espaço; agora, inspira cuidados. Antes transparente, agora opaco, já não vejo com ele, mas apesar dele.

Lembro a facilidade com que fixava nomes, mesmo os mais irrelevantes. Hoje, nem o mais relevante parece grudar ou deixar rastros. Tampouco parecia faltar corpo onde havia vontade; agora, pouca vontade toma corpo. E não precisava sentir sua presença, porque era a própria presença e não dor, fardo ou esquecimento.

Tempos atrás, por exemplo, ao visitar o Metropolitan, nem lhe reparava as escadas, salvo por sua elegância. Surpreendo-me hoje que tenham colocado escadas onde não havia e que, com essas mudanças, as distâncias pareçam infinitas – por vezes, sem qualquer promessa de suficiente recompensa estética.

Apressava-me, lembro bem, para ver El Greco. Por algum motivo íntimo (desses que vêm de Cachoeira), vez por outra tenho saudade de El Greco, cujas obras talvez me evoquem o Senhor dos Passos e outras iluminações longilíneas – e outras saudades, é claro: impressionistas muitos, Degas em abundância e algum Seurat. Agora, porém, provocam mais avidez os bancos e os sanitários, de cuja existência anterior eu sequer me lembrava.

De alguma forma, porque amadurecido, o corpo se rende às leis da gravitação universal, como uma pedra aristotélica a buscar repouso. E não há atenção que se sustente ou afaste um sono incontrolável e mais forte que qualquer interesse intelectual, nem vontade capaz de manter a coluna ereta ante a verdade soberana do peso das coisas – ou melhor, do pesadume do corpo, tornado enfim uma coisa entre coisas.

2

A FUGA DE ANTÔNIO

Antônio Júnior, filho de Daisy e de Antônio, sempre foi cheio de surpresas. Creio que guardava bons traços dos pais.

Daisy era adorável; parecida com uma gata angorá, o mais possível que pode parecer com uma angorá uma gata de rua. Ela me deixava carregá-la como se fora um bebê. Entregava-se sem medo. Antônio o pai era o mais gato sem raça definida que um gato sem raça definida pode ser. Não devia ser velho, pois gatos de rua não ficam muito velhos, mas sedutor e falante como ninguém. Eu que não tive a coragem de levá-los para casa. O apartamento já estava impossível, se lembro bem, com dez gatos.

Daisy deu cria no guarda-roupa de uma vizinha. Sem saber de nada, a vizinha fechou a porta do quarto. Daisy, do lado de fora, não quietou até conseguir entrar. Fez todo escarcéu, chamou atenção, deu a louca. Conseguiu enfim ir amamentar os filhotes. E foram muitos filhotes. Alguns parecidos com ela, outros com o pai.

Antônio um dia foi atropelado. Tentei salvá-lo, paguei por uma cirurgia, pareceu que iria sobreviver, mas logo acabou falecendo, no tempo próprio dos gatos de rua. Daisy seguiu para uma casa. Estar na rua era perigoso para ela. A casa que a acolheu tampouco foi segura. Antônio e Daisy eram especiais, sim. E se foram logo. Evito até pensar, pois sinto que no fundo falhei com eles. Que resisti demais à beleza de Daisy e aos apelos de Antônio.

Os muitos filhotes, já crescidinhos, corriam pelo jardim do edifício para desespero dos moradores, mas foram logo adotados. Alaíde, por exemplo, uma dessas maravilhosas loucas tomadas pela paixão dos felinos, levou dois filhotes para junto de seus mais de cem gatos. Tentou pegar Antônio Júnior no bolo. Antônio Júnior, meu Antônio, não deixou. Escondeu-se, fugiu, desviou de toda caixa e cada rede. Seu destino era ficar comigo.

Eu fui assim, desde o início, uma escolha sua. E ele, depois de Nicholas, foi o preferido; e, de todos, o mais ligado a mim, em todos os momentos. Da mãe herdara o carinho, e também ele se deixava embalar como uma criança. Do pai, herdara aquela voz especial, um miado diferente, rouco e prolongado, com o qual conversava comigo e me pedia carinho, fazendo-me segui-lo para lhe alisar as costas.

Em outubro de 2010, lembro bem, viajei para participar da avaliação da iniciação científica da UFAL. Saí apressado. Já no avião, antes de desligar o telefone, liguei pra casa – Não me despedi de Antônio! Quando o avião aterrissou, tive a notícia. Antônio sumiu.

Não consegui sossegar, e avisei logo ao comitê do PIBIC. Precisava retornar; minha avó fora hospitalizada – o que, por coincidência, era verdade. Duas frases verdadeiras, sem que uma fosse a razão da outra.

Causei um grande transtorno, mas não deixei de cumprir minha obrigação como avaliador. Virei a noite fazendo a avaliação de todos os projetos que me cabiam, e consegui retornar

no dia seguinte, deixando, porém, de participar das outras etapas do processo e do seminário de apresentação dos trabalhos dos bolsistas.

De volta, admito, comportei-me como um doido. Falhara com seus pais, e não queria falhar com ele. Saía tarde da noite chamando Antônio e até ofereci recompensa. A notícia logo correu e várias pessoas apareceram trazendo gatos dentro de sacos. Nada.

Antônio deve ter se assustado com uma obra feita lá em casa e sumira. Supus que não retornava porque os outros gatos da rua o assustavam. Consegui então que os gatos de rua fossem retirados provisoriamente e, um dia, em minha busca pela madrugada, vi um vulto que, assustado, logo desapareceu. Não vi direito, mas para mim só podia ser Antônio.

Renovei a esperança e minha caçada; espalhei comida pelos cantos traçando um caminho até o prédio. O expediente deu certo, após 12 dias de busca. Consegui agarrá-lo finalmente. Assustado, faminto, sujo, não reagiu a meu abraço forte para que não mais fugisse.

No dia seguinte, indo à Faculdade, um colega que participa da avaliação em Maceió e vira meu desespero para retornar, perguntou-me:

– Como vai a vovozinha?

Respondi contente:

– Voltou para casa!

O que, aliás, nos dois casos, era verdade.

Antônio voltou, sim; e se tornou ainda mais chegado a mim. Apesar de minha eventual alergia, a qualquer tempo, tinha todo direito de ficar na minha cama. E sempre deitava ao lado do computador quando eu redigia meus textos.

Viajei para o pós-doutorado com muitos temores. Fred com diabetes e Tejo dando lá seus sinais da idade, sempre temia que algo lhes aconteceria. Não esperava que fosse Antônio a adoecer. E foi tudo muito rápido.

Imagino que a proporção de gatos internados já em situação crítica seja grande. Eles suportam a dor por tempo demais; e tudo parece normal até simplesmente não estar nada bem.

Quando soubemos que Antônio precisava ir para uma clínica, Bete e eu tínhamos acabado de chegar para um seminário de dois dias em Princeton. Não conseguimos ficar e retornamos logo à tarde.

Desculpei-me com o organizador. Acabara de saber que um parente muito próximo estava doente e, mesmo à distância, precisava lhe dar atenção. Nada mais verdadeiro. De longe, acompanhei seu internamento, que se tornou breve, e cada momento de um câncer que se mostrou avassalador.

Hoje, na madrugada de 28 de março de 2023, Antônio se foi. Fugiu mais uma vez. E deve estar me esperando agora. Vai ficar me chamando com sua voz roufenha até que enfim eu possa lhe coçar o dorso, com toda força, como ele adora.

João Carlos Salles é filósofo, professor titular da Universidade Federal da Bahia. Foi reitor da UFBA por dois mandatos, de 2014 a 2022. Concluiu doutorado em filosofia na Universidade Estadual de Campinas, em 1999. Dedicou-se ao estudo da epistemologia e da filosofia da linguagem, o empirismo clássico, Ludwig Wittgenstein e Ernest Sosa. Traduziu as *Anotações sobre as cores* (Ed. Unicamp, 2009), de Wittgenstein, incluindo, em edição bilíngue, trechos inéditos desse texto póstumo do filósofo vienense. É autor de 18 livros, entre os quais os mais recentes: *O cético e o enxadrista: Significação e experiência em Wittgenstein* (2012), *Entre o cristal e a fumaça* (2015), *Filosofia, Política e Universidade* (2016), *A cláusula zero do conhecimento: Estudos sobre Wittgenstein e Ernest Sosa* (2017), *Et cetera: Sobre vida selvagem e inteligência* (2018), *Análise & Gramática: Mais estudos sobre Ernest Sosa e Wittgenstein* (2018), *Universidade pública e democracia* (2020). Desde 2014 ocupa a Cadeira n° 32 da Academia de Letras da Bahia.



NATAL POBRE DE BENS MATERIAIS

EDVALDO BRITO

70 anos são passados, separando os 15 Natais da minha pré-adolescência vividos em Muritiba, nos quais minhas irmãs e eu buscávamos barro para tapar os buracos do piso da nossa moradia de chão batido, mediante colocação de folha de bananeira sobre a qual se batia com um macete do tipo utilizado nas construções civis, a fim de nivelá-lo.

Tradicionalmente, armávamos o presépio na sala de visitas, com esse piso já reparado, utilizando papel de jornal ou de embrulhar mercadorias, simulando montanhas, o qual pintávamos com tabatinga vermelha.

Eram de barro, também, as figuras dos animais e das pessoas que nós mesmos esculpíamos, pintando-as, conforme o nosso pensamento sobre o estético... Imagine-se o grotesco.

Desfolhávamos, pela casa toda, os galhos de são gonçalinho e de pitanga, com os quais enfeitávamos o presépio e são de bom cheiro, à presunção de que, também, trariam prosperidade e felicidade.

D. Edite participava dessa atividade lúdica com o incentivo de mãe que vê os filhos ocupados em trabalho consumidor de energia e de criatividade aplicadas em ação do bem.

Inexistia a televisão que, hoje, divulga, às vezes, imagens não educativas de protagonismos de filmes e de novelas, disseminando costumes inapropriados para certa faixa etária, sacudindo o etnocentrismo das famílias.

O cinema — única casa popular de espetáculo da época — exibia os “bang-bang” do conhecido “faroeste”, região

norte-americana que seria infestada por crimes e violência, com os assaltos às carruagens transportadoras de bens de valor e único meio de circulá-los, mas, sempre, o mocinho era herói que infundia, permanentemente, a certeza de que o bem vencia o mal, porque este não compensa.

Tinha, por isso, um fundo moral, útil à educação que se recebia no lar, sempre, presidido pela mãe.

As famílias desprovidas de capacidade econômica para aquisição de bens materiais, eram maioria e, igual à nossa, formada por negros ou nascidos do ventre livre (lei nº2.040, de 28.09.1871) ou sob o regime da lei dos sexagenários de 28.09.1885: liberdade aos escravos de idade igual ou superior a 60 anos... É dessa época minha avó, que nem tinha sobrenome, por isso, ostentava o do senhor dos seus antepassados; disto resulta, até hoje, negro semialfabetizado, como minha mãe, nascida em 1904. Meu pai, João, teve mais sorte: neto de índia.

O Natal dessa infância de 5 irmãos foi pobre de bens materiais, mas, rico daqueles imateriais: transcendentais, sutis, nebulosos, próprios ao culto à fraternidade, à humildade e à solidariedade.

Esses bens imateriais, presentes em nossa educação doméstica, fazem-nos, hoje, ricos de amor, formando nossas personalidades vitoriosas. É o que guardo do meu verdadeiro Natal que desejo seja bom para toda a humanidade.

Edvaldo Brito é advogado e político. É doutor em Direito e professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA). É autor de alguns livros e tem diversos artigos e ensaios publicados em jornais e periódicos especializados. Pertence à Academia de Letras de Ilhéus e à Academia de Letras de Itabuna, dentre outras. Desde 2019 ocupa a Cadeira nº3 da Academia de Letras da Bahia.



MEUS GANSOS CANADENSES

MARCOS BANDEIRA

Encantei-me com a história dos gansos canadenses, pássaros grandes com cabeça preta e branca, que vivem em média vinte e cinco anos e que ao voarem em conjunto são capazes de percorrer 2,4 mil km em 24 horas. Por tratar-se de um texto motivacional, sua mensagem, a depender das circunstâncias, aplica-se a nós, seres humanos.

No longo voo, o bando de gansos se organiza na forma de um V, cujo vértice é voltado para a frente. O líder vai à frente, indicando a direção. Quando este cansa alterna a posição com outro do bando. As rajadas de vento forte provocadas por cada pássaro que vai à frente cria um vácuo para o outro que vem atrás, aumentando consideravelmente o desempenho do grupo com o mesmo esforço. Os gansos que vão atrás gram insistentemente motivando aqueles que voam à frente. Quando um dos gansos é ferido ou fica doente durante o voo, dois deles saem dos seus respectivos lugares para ficar perto e dar proteção ao ganso machucado.

O impacto que essa história me causou foi tão forte que certo dia no terraço da minha casa, finalzinho de tarde, degustando um bom vinho Malbec ao som das músicas de Rod Stewart, “I don’t want to talk about it” e “Poema” de Ney Matogrosso, embarquei numa viagem imaginária sobre os gansos canadenses. Olhei para cima e vi um bando de pássaros grandes, com plumagem preta e branca, voando sobre meu terraço, exatamente às 17h35min. Eu já havia observado havia algumas semanas, que eles sempre passavam por ali

nesse mesmo horário, indo em direção ao Rio Cachoeira. E pensei: serão os gansos canadenses?

Começando a degustar a segunda garrafa de vinho e, aliado ao embalo da boa música vi-me imaginando coisas imponderáveis: se eles voam 2,4 mil em 24 horas é bem provável que eles podem percorrer uma distância ainda maior em busca de um aconchego tropical protegido pela Mata Atlântica. É difícil, mas não é impossível!

Passado um bom tempo depois dessa viagem suavemente etílica, numa das viagens a São Paulo, confabulando com um grande amigo, também operador do Direito e detentor de uma cultura geral invejável, degustando um bom vinho, contei-lhe que os gansos canadenses todo finalzinho de tarde, no mesmo horário, passavam sobre o terraço de minha casa em direção ao Rio Cachoeira. O meu amigo, que conhecia muito bem a história dos gansos canadenses, olhou-me profundamente e disse: “Marcos, você está enganado, não são gansos canadenses. Os pássaros que você viu chamam-se biguás”. Aquelas palavras doeram fundo na minha alma sonhadora. A sinceridade que saía dos lábios dele contrastava com o meu semblante de desapontamento e decepção. Ele percebeu o meu desalento.

Ao voltarmos para o hotel onde estávamos hospedados, não tardou mais do que quarenta minutos, quando ele interfonou: “Marcos, analisei melhor e verifiquei aqui. Você não está enganado. São mesmos os gansos canadenses”. Meu desalento foi-se embora dando lugar a uma grande e frenética gargalhada. Evidentemente que meu amigo não queria me desapontar e preferiu pegar carona nas asas da minha imaginação, substituindo a dura realidade que não tem muita graça e onde jamais encontraríamos esses gansos canadenses.

Ainda assim, e às vezes, prefiro refugiar-me na imaginação do encontro com meus gansos canadenses, brindando-os

com a garrafa de um bom vinho e de uma boa música que me façam transcender as fronteiras de cotidiano.

Marcos Bandeira é advogado, escreve artigos jurídicos, crônicas e ensaios literários. Natural de Bom Jesus da Lapa-BA, reside em Ilhéus desde 1974. Graduado em Direito pela UESC, é especialista em Direito Processual Civil (UESC) e em Ciências Criminais (UNAMA), com mestrado em Segurança Pública, Justiça e Cidadania pela UFBA. Atualmente, cursa Doutorado em Direito, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Foi Juiz de Direito no Estado da Bahia (1989-2016), hoje aposentado. É professor assistente de Direito da UESC e advogado militante. É membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, do Rotary Clube de Itabuna e da Associação dos Magistrados da Bahia. Tem quatro livros publicados na área jurídica e diversos capítulos publicados em livros e revistas jurídicas especializadas, além de várias crônicas e ensaios publicados em revistas e jornais da região grapiúna. Desde 2011 ocupa a cadeira nº 1 da Academia de Letras de Itabuna- ALITA, cujo patrono é Rui Barbosa.



Discursos



**DISCURSO DE AGRADECIMENTO
DE ORDEP SERRA
AO RECEBER O TÍTULO
DE PROFESSOR EMÉRITO
DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DA BAHIA**

ORDEP SERRA

Magnífico Reitor Paulo César Miguez de Oliveira, Ilustríssima Senhora Vice-Diretora da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Professora Iole Vanin, caro Professor Carlos Alberto Caroso Soares, meu nobre colega e amigo, Excelentíssima Deputada Alice Portugal, Excelentíssima Deputada Olívia Santana, demais autoridades presentes e representadas, queridas amigas, prezados amigos, a todos saúdo com alegria.

Estou profundamente agradecido aos colegas do Departamento de Antropologia da UFBA que propuseram outorgar-me esta distinção, à egrégia Congregação da minha querida Faculdade, que acolheu e encaminhou sua proposta, bem como ao colendo Conselho Universitário e ao Magnífico Reitor João Carlos Salles, que a sancionaram. Sou grato, também, aos membros do Cerimonial que se empenharam na preparação deste evento, aos diletos amigos Mário Ulloa e Beatriz Ulloa, que o enriqueceram com seu encanto órfico, aos poetas Alex Simões e Marina Martinelli, a quem agradeço e abençoo por sua magistral recitação dos meus neorikis. Sua voz iluminada possibilitou-me render homenagem aos encantos

do meu povo negro e fazer uma ação de graças. Também sou grato à bela comitiva que me conduziu a este salão, ao lado de minha querida esposa: as doutoras Fátima Tavares, Edilene Matos, Ivana Severino, Núbia Rodrigues. É realmente um privilégio entrar em tão nobre recinto na companhia de um grupo amável de mulheres de talento.

Estou muito feliz pelo título que ora recebo. Eu o interpreto como testemunho de meu vínculo amoroso, inquebrantável, com a Universidade Federal da Bahia. É um dom que me renova, mas traduz ligação antiga: um apego que vem de longe, de minha primeira juventude. E nunca se interrompeu.

Aí está o que o novo título tem de mais valioso para mim: atesta que continuo a ser membro da UFBA. Com orgulho confirmo: mantenho e mantereí sempre este vínculo. Não deixei minha Universidade ao aposentar-me. Depois da expulsória, como a gente chama o desligamento do professor, ou servidor, no limite etário que a lei prescreve, voluntariamente continuei por mais sete anos como docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, em cuja implantação, aliás, eu muito me empenhara, junto com o dinâmico Professor Caroso, na altura em que eu era — acho que pela quarta vez — Chefe do nosso Departamento. Gosto de lembrar que fui o primeiro, embora o mais efêmero, coordenador do dito Programa: menos de um mês depois de tê-lo assumido, deixei o cargo para tornar-me Pró-Reitor de Extensão desta Universidade. Dela, repito, nunca me desliguei. Tenho orgulho de meu pertencimento a um dos seus Grupos de Pesquisa mais reputados, sediado na sua egrégia Faculdade de Direito. Compartilhei a coordenação desse Grupo com o ilustre Diretor da Casa, o Professor Doutor Júlio Rocha, de quem também fui parceiro na coordenação de cinco Congressos sobre os Direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais, eventos de alcance internacional. E como Presidente

da Academia de Letras da Bahia, há pouco tive a honra de implantar um projeto que envolve professores e alunos de quatro unidades da UFBA. Agradeço à querida amiga Deputada Alice Portugal que me deu esta possibilidade.

Graduei-me em outra nobre instituição de ensino superior, a Universidade de Brasília, onde participei do Centro de Estudos Clássicos coordenado pelo saudoso Professor Eudoro de Sousa, sábio a quem devo a minha formação de helenista e o hábito quase obsessivo da leitura filosófica. Comecei na UnB minha carreira docente, como professor de grego, enquanto cursava um Mestrado sob a orientação do Emérito Professor Eudoro. Como sucedeu, na época, a outros instrutores, fui afastado da UnB mediante um espécie de expulsão branca, obra de um interventor colocado na Reitoria pela ditadura. O interventor simplesmente ordenou a anulação de nossas matrículas. Retornei à UnB quando o sinistro regime já agonizava. Fiz então o meu mestrado em Antropologia no programa criado por Roberto Cardoso de Oliveira, a quem aqui rendo homenagem com minha saudade. Doutorei-me, mais tarde, na Universidade de São Paulo, passei pela École de Hautes Études em Sciences Sociales, mas foi a UFBA que me abriu caminho e me teve em seu seio o tempo todo. Quando dela me aproximei, fascinado por seus encantos, eu era um jovem secundarista, como então se dizia: era aluno do Colégio Antônio Vieira, onde fazia o Curso Clássico. Ainda garoto, passei a frequentar o luminoso círculo de arte e pensamento que Edgar Santos instaurou e que colocou a Bahia na vanguarda cultural do país. Meu irmão mais velho, Olympio Serra, era, na época, aluno dos Seminários de Música, semente da brilhante Escola onde pontificaram Kollreuter, Widmer, Smetak, Lindemberg Cardoso, Rinaldo Rossi, Jmary Oliveira, Paulo Costa Lima e tantos outros. O mano empenhou-se na fundação da efêmera Executiva Nacional dos Estudantes de Arte, de que foi o primeiro e único presidente, integrando a gloriosa UNE, que um golpe bárbaro logo mais

deixaria prostrada, mas não aniquilada. Em companhia do meu irmão e de colegas como Fernando Cerqueira, Rinaldo Rossi, Gildásio Lemos e Álvaro Guimarães, passei, ainda garoto, a frequentar concertos, espetáculos memoráveis das Escolas de Teatro e de Dança, exposições inesquecíveis na Escola de Belas Artes, ricos seminários e palestras que se sucediam em diferentes espaços da UFBA. Conheci, então, o Professor Agostinho da Silva, que mais tarde me levaria à Universidade de Brasília. Vi nascer aqui, por iniciativa sua, o Centro de Estudos Afro-Orientais. Apreciei as obras luminosas de Lina Bo Bardi, aplaudi Rolf Gelewsky e João Martins. Acompanhei o nascimento de estrelas como Lia Robatto, Laís Salgado Góes e Dulce Aquino, queridas amigas. Particpei, por um breve momento, do Centro de Cultura Popular, como figurante no Bumba meu Boi de Capinan. Foi em meio à deliciosa agitação cultural da UFBA que me politizei. Em seu cadinho me aproximei de artistas já célebres e conheci outros que então despontavam, a exemplo de Gilberto Gil, Caetano Veloso e Maria Bethânia, musa que em breve terei a honra de acolher na Academia de Letras da Bahia. Ainda me lembro do deslumbramento com que ouvi pela primeira vez a voz radiante de Gal Costa, na casa de minha amiga Dulce Aquino. Hoje esta lembrança dói, mas continua a encantar-me.

Sim, foram muitas epifanias. Na esteira luminosa da UFBA, meus olhos deslumbrados viram florescer as riquezas da chamada Renascença Baiana, que traria ao mundo, entre outros encantos, o esplendor vulcânico de Glauber Rocha.

Eu teria de estender-me muito se tentasse descrever a explosão de criatividade que a ousadia de Edgar Santos suscitou, ou alentou. Não tenho esta pretensão. Apenas quero dar testemunho de que a UFBA é verdadeiramente minha *alma mater*. Traduzirei no dialeto dos nossos terreiros esta expressão latina há muito consagrada, tornada um apelido singelo e carinhoso das instituições universitárias: digo que a UFBA foi

a *mãe criadeira* de minha vida intelectual. Na UnB, permaneci sob seu encanto: vi-me lá acolhido em um nicho formado por professores e estudantes baianos, atraídos, como eu, pela sonho de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro. Desfrutei do convívio de mestres da Boa Terra egressos da UFBA, a exemplo de José Xavier de Melo Carneiro, Jair Gramacho, Pedro Agostinho, Emanuel Araújo (o egiptólogo), Rosa Virgínia Matos e Silva, Nelson Rossi. Lá reencontrei os professores Machado Neto e Yulo Brandão, que conhecera aqui, em seminários da UFBA. Era também um luminar da UnB o grande baiano Waldir Pires, que eu já admirava muito e de quem mais tarde me tornei amigo, vindo a ocupar em seu governo, por indicação de Rômulo Almeida, os postos de Diretor do IPAC e Presidente da Fundação Cultural do Estado da Bahia. Colegas como Rafael Bastos, hoje um antropólogo muito respeitado por suas pesquisas em etnomusicologia, e Hermano Pena, atualmente um cineasta consagrado, formavam na UnB, junto com meu irmão Olympio Serra e o saudoso Fernando Bastos (a um tempo, meu colega e meu aluno) um vigoroso nicho ufbaiano. Assim me mantive, mesmo à distância, ligado à UFBA. Quando passei a integrar seu corpo docente, já tinha vivido com ela uma longa história de amor.

Muitos foram os colegas que me enriqueceram com seu convívio em nossa brilhante Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, em especial no Departamento de Antropologia, que por longo tempo integrei, depois de uma breve passagem pelo Departamento de Sociologia. Seria impossível citar a todos e qualquer omissão resultaria injusta. Mas sei que os colegas se sentirão satisfeitos com a homenagem que lhes faço elegendo para os representar uma figura muito querida de nosso meio: o Professor Pedro Manoel Agostinho da Silva, meu dileto amigo, de quem no ano passado nós nos despedimos com infinita saudade. Pedro engrandeceu nossa Casa com seu trabalho de pesquisador incansável e com o brilho de suas preleções.

Tinha um talento especial para formar etnólogos de primeira classe. Foi o principal responsável pela redescoberta dos povos indígenas do Nordeste e lutou em defesa de seus direitos. Evocá-lo é o modo que encontro de celebrar um princípio ético que rege nossa profissão. Seu exemplo mostra que a prática da antropologia envolve necessariamente a luta pela dignidade humana, implica em compromisso com os direitos humanos. Embora o mesmo se aplique a todos os cientistas sociais, no caso de quem se dedica à pesquisa antropológica esse imperativo tem uma cogência especial. Lidamos como diferentes modos de vida de nossa espécie, sabendo de sua unidade inquestionável. Assim fazemos nossa a sentença de Terêncio, vendo, a cada momento, que nada do humano nos é alheio, ou seja, nada do que nos deixa admirados, espantados, às vezes atônitos, na contemplação das variações infinitas da comédia humana pode ser-nos indiferente. Fazemos logo a experiência dionisíaca do encontro com o estranho que nos constitui. E o sentimento dessa comunhão insuspeita nos desafia.

Peço licença a meus colegas para repetir aqui uma louvação — que talvez soe desaforada — a nossa quase-ciência. Digo “repetir” porque assim mesmo a celebrei ao tomar posse da cadeira 27 da Academia de Letras da Bahia. Eu então a chamei de “quase-ciência”, mas com orgulho: o *quase* lhe cabe por conta de suas relações estreitas com diferentes artes, em especial com a literatura e o teatro, cujas manhas a nossa alegre feiticeira combina a procedimentos de inspiração científica. Certa vez comparei o etnógrafo a um escritor que tenta fazer a crônica de um drama em condições singulares: para realizá-la, vê-se obrigado a participar do espetáculo. Entra em cena, raras vezes na condição de ator convidado, quase sempre como um intruso, disputando um papel que não conhece bem. Não tem outro meio de realizar sua tarefa. É que não há plateia, não há arquibancada, não há local exterior e neutro de onde ele possa assistir a peça. Sabe desde o começo

que será envolvido pela trama. Percebe que essa experiência extravagante ameaça dividi-lo e transformá-lo. Sente que ela afetará sua consciência, seus valores, não raro a própria constituição de sua pessoa. Terá sucesso se conseguir que personagens do drama aceitem manter com ele um diálogo excêntrico. Na melhor das hipóteses, o interlocutor “capturado” entrará no jogo motivado pelo desejo de interpelar quem o interroga e examiná-lo, por seu turno, questionando suas questões. Essa mútua indagação costuma ser a melhor fonte de sucesso na etnografia.

Colocar-se em tão esquisita situação de aprendizagem é uma experiência fascinante. Mas com frequência ela assume coloridos dramáticos que tornam impossível manter, em nosso trabalho, a atitude recomendada por Spinoza: *Non ridere, non lugere nec detestari, sed intelligere*. Ou seja, em bom português: *Não rir, não chorar nem detestar, mas simplesmente entender*.

Anos atrás, numa conferência que pronunciei na Universidade Lumière Lyon II, a convite de meu amigo François Laplantine — por sinal, um devoto de Spinoza — afirmei que em nosso ofício não há jeito de seguir a recomendação do grande filósofo. Sustentei, então, que a nós, antropólogos, o entendimento quase sempre nos vem com riso e choro, não raro com o assomo da indignação. É o caso de quem lida com vítimas de brutal exploração, num país violento, apegado ao racismo, à mentalidade escravista e ao culto insano da prepotência — um país, ainda assim, curioso e engraçado, com artes impagáveis, fascinante, genial.

Mas vamos à louvação que prometi. Segundo penso, a antropologia é uma filha de Exu. Sem morada certa nem domínio próprio, ela vive nas encruzilhadas, a trocar com quem passa ideias e sentimentos do mundo. Talvez por influência do patrono, faz papel de intérprete e assaltante generosa: toma para si muitos elementos das sociologias dos povos que visita, saqueia os saberes dos grupos com os quais dialoga,

dá-lhes atenção e lhes serve de testemunha. Vai além. Não é raro que os colegas dedicados a outras ciências humanas se queixem da nossas contínuas invasões a suas searas, como indiscretos piratas, impenitentes e sorrateiros.

Na ocasião solene do meu ingresso na ALB fiz o elogio da nossa (in)disciplina descrevendo-a, também, como uma macaca que finalmente olhou para o próprio rabo. Com surpresa ao mesmo tempo real e fingida, ela por fim descobriu-se etnocêntrica, ou seja, portadora do defeito de que acusava todo o mundo. Desde então, passou a declarar-se estrangeira em toda a parte. Acho que agora está mais bonita, graças a uma imprevista mudança. É que aborígenes de diversas partes do ecúmeno a tomaram de assalto e já se dedicam a pesquisar, entre outras, as esquisitas culturas europeias e euroamericanas, ou seja, as sociedades de onde ela veio. O remédio que teve a inquieta Senhora Antropologia foi tornar-se apátrida, sem-terra, marginal e subversiva. Não sem motivo, faz figura de extravagante entre as ciências sociais. É incuravelmente excêntrica. Sempre às voltas com os equívocos que decorrem de suas condições de trabalho, faz do exame dos seus embaraços uma fonte de inspiração teórica. Deriva daí grande parte de seu tesouro hermenêutico.

Talvez os colegas acusem um leve toque de irreverência neste elogio. Mas tenho certeza de que vão me perdoar. Sabem que a irreverência é um dom de Exu, cultivado por sua filha cigana, a moça bizarra que vivem namorando. A essa altura, já estão todos acostumados com sua verve macunaímica.

Como cientista social, gozo do estranho privilégio de me ver constantemente desafiado. Não é possível a quem leva a sério essa condição permanecer em sossego, ignorando a injustiça, a desigualdade, os tremendos perigos que nos rondam nesta fase conturbada do antropoceno — melhor dizendo, de um delirante capitaloceno. Logo que me vi antropólogo, também me encontrei em campo de luta. Envolvi-me de imediato

no combate ao racismo, a toda forma de discriminação, de segregação, de exploração. Quero agradecer aos companheiros da ANAÍ-BA, do Memorial Zumbi, do Grupo Hermes, do Fórum A Cidade Também é Nossa, de Koinonia, do Instituto Socioambiental, da Amabarra, do Movimento Vozes de Salvador, do Fórum de Entidades em Defesa do Patrimônio Cultural Brasileiro, dos Laços Ecourbanos, do Projeto Clima Salvador, dos Diálogos em Humanidades, da Frente Socioambientalista, a todos os militantes de movimentos sociais com quem muito aprendi e aprendo. Registro que foi a Antropologia quem me encaminhou para muitos desses campos de batalha. Ela tem sido, para mim, mestra de cidadania, de amor, de respeito pela vida. Treina-me para o exercício do diálogo, ajuda-me a cultivar o espírito crítico. Abriu-me muitas portas: com seu alento passei a integrar a SBPC e A Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. Muito me orgulho de nossa ABA, a Associação Brasileira de Antropologia, sempre em combate pela democracia e pelo entendimento entre os diferentes povos. É uma honra ter aqui a meu lado um seu antigo presidente, o Professor Carlos Alberto Caroso Soares.

De coração agradeço aos caros colegas do generoso Departamento em que transcorreu a maior parte de minha vida docente. Por sua iniciativa recebo agora da minha *alma mater* uma grande honra. O título que ela me concede deixa-me ao mesmo tempo feliz e encabulado.

Já explico. Acontece que sou inimigo jurado da meritocracia. Preciso deixar meu novo título bem longe desse lixo ideológico. Logo de saída, importa fazer uma distinção. Para nós, universitários, mérito é coisa bem diferente do que postula a fútil arrogância meritocrática. Não negamos, antes sustentamos, que é requisito indispensável para ascender na carreira de estudante-professor demonstrar que se faz jus a cada grau alcançado. É o trabalho em contínua progressão que nos eleva na escala dos postos universitários.

Mas temos consciência de que não os conquistamos tão só por nossas forças. Sabemos e confessamos que devemos a muitos esses avanços. Por outro lado, sentimos que cada progresso traz uma nova exigência. No mundo universitário, títulos envolvem demandas. Constituem apelos, a exigir resposta. Esvaziam-se quando o portador não os sustenta com seu esforço. Quem fica improdutivo após doutorar-se guarda o nome de doutor, mas só como rótulo. Cedo ou tarde, o descrédito lhe tira a sustância, como se diria no sertão. O mesmo acontece no domínio dos saberes tradicionais. Os mestres do povo se esforçam para conquistar seu título, e mais ainda para o manter, valorizando o legado que lhes foi transmitido. Por isso costumam ser exigentes consigo mesmos.

No campo axiológico que corresponde às atividades universitárias de produção e transmissão de conhecimento, na base dos processos de valoração que esta práxis institui, no horizonte da ética acadêmica e, em particular, no tocante à definição de graus e títulos, dois axiomas se fazem imperativos. Primeiro: *Não há mérito solitário*. Segundo: *Título implica em compromisso*.

Em obediência ao primeiro desses princípios, deixo claro que procede da Universidade Federal da Bahia o mérito que ela me atribui. É de justiça que eu divida com meus colegas e alunos a honra a mim conferida. Mas não só com eles: não posso esquecer-me dos meus professores, dos meus parentes e amigos, dos muitos homens e mulheres a quem devo a honraria de que agora desfruto. Só para dar alguns exemplos, muito devo aos povos xinguanos (principalmente a meus amigos Kamayurá, Iawalapiti e Trumai), aos *filhos de fé* da umbanda candanga, aos favelados de Januária, ao povo de santo da Bahia, aos operários de Tucuruí, aos raizeiros de Minas Gerais, a seus sagazes curadores e suas discretas parteiras, aos foliões de Salvador, aos sambistas das nossas festas de largo, aos bambas da capoeira, aos sertanejos com quem aprendi a *matutar*, aos contadores de histórias do meu

Recôncavo e a muitos outros interlocutores de cuja acolhida benévola desfrutei no exercício de minha profissão. Sou devedor de um mundo de gente querida.

Permitam os amigos que eu destaque os mais próximos, o pessoal de casa. Que mérito eu pudera ter, que faria eu sem Regina? Sem sua amorosa parceria podem crer que nada alcanço, nada posso, nada consigo. Sem sua inspiração eu não passo: tiro zero. Não me reconheço sem ela. Nossas filhas, Marina e Helena, são desde muito minhas orientadoras. Estão a educar-me desde que nasceram. Ainda que não tenham tido muito êxito, merecem um prêmio pela persistência. Os netos que Helena me deu, Carlos e Letícia, já estão a ensinar-me grandes alegrias.

Esclareço agora a imensa distância que o sentimento ético me faz tomar com respeito à má fé da meritocracia, que nada tem a ver com os valores acadêmicos. Cá está: comecei minha carreira desde uma posição de vantagem que não foi conquistada por mim, mas por meus pais. Minha mãe cursou apenas as primeiras letras, como então se dizia. Foi sua insaciável sede de conhecimento que a fez tornar-se uma leitora voraz, poeta e pintora. A tal ponto ela avançou na busca de saber que ajudou a fundar um colégio e dirigiu uma biblioteca na cidade sertaneja de Brumado, onde passou a maior parte de sua vida. Meu pai chegou a fazer os primeiros anos do ginásio, mas teve de parar, a fim de dedicar-se ao trabalho, ao sustento da família. Esforçou-se a vida toda para que seus filhos estudassem e desde nossa meninice nos cercou de livros. Muitos dos meus amigos de infância não tiveram as mesmas oportunidades, nem desfrutaram de igual estímulo.

A vantagem no ponto de partida da carreira é um dos fatos fundamentais que o meritocrata esconde, assim como fecha os olhos para o handicap da pobreza e da discriminação que a muitos impõem severos limites. Atribui a sua iniciativa pessoal

a vantagem que deriva de seus privilégios. Essa atitude resulta supinamente imoral, quando se considera que vivemos num país assolado por escandalosa desigualdade. Aqui, o acesso à educação, principalmente em grau universitário, sempre foi restrito para negros e indígenas, para a gente desfavorecida em geral. Restrito, não raro, a ponto do cerceamento.

Note-se ainda que demoramos muito a ter universidades. Já no século XVI países da América Hispânica (como São Domingos, Peru, México) tiveram as suas. A primeira que tivemos foi fundada em 1920. Criou-se no papel, para dar um título ao rei da Bélgica. Só em 1937 veio a consolidar-se a pioneira Universidade do Brasil. A UFBA é uma criança, se comparada à maioria absoluta de suas congêneres. É uma menina prodígio nascida em 1946. A princípio, foi frequentada apenas por uma elite. Para crioulos como Pedro Serra, meu pai, e sertanejas pobres como minha mãe, a poeta Ester Trindade Serra, era um sonho distante, de fato inacessível a sua geração e a sua classe social.

Como todos sabem, custou enorme luta a instituição das cotas destinadas a negros e indígenas. Embora insuficientes, elas tornaram a UFBA e outras universidades brasileiras mais equânimes e belas, mais ricas de inteligência, graça e energia. Um bando de racistas despeitados há pouco falava em acabar com essas cotas. Eram mesquinhos burocratas elevados por um governo bisonho a posições de mando na esfera da política educacional. Seu despreparo, seu desleixo e sua ignorância do processo pedagógico parecem ter sido as razões de sua escolha por um presidente apedeuta. Para confirmá-lo, basta evocar sua irracional condenação da obra de Paulo Freire. Foram muitos os desastres que causaram na gestão do processo educativo. Disparates e escândalos constituem seu legado.

Felizmente as coisas mudaram. Já testemunhamos o retorno da inteligência ao Ministério da Educação, já temos a decência de volta ao governo do país. Mas ainda teremos

de lutar muito contra a estupidez que assaltou nossa terra e a envenenou com mentiras, sordidez e ignorância, produzindo devastação.

Passo agora ao segundo axioma que enunciei, ou seja, ao imperativo do compromisso. Como dizem os franceses, *noblesse oblige*. E o amor também. O título de Professor Emérito me desafia. Eu o sinto como uma provocação. Não o ligo ao passado, mas ao futuro. Percebo nele um apelo categórico. Com a força atroz de seu vozeirão honorífico, o belo título me interpela: *Veja lá, homem, o que vai fazer para merecer-me. Olhe que está comprometido*.

É um chamado à luta. A instituição que assim me distingue esteve sob ataque nos últimos anos. Tal como a democracia brasileira, sofreu contínuas agressões do aparelho de destruição instalado até há pouco no centro do poder, em nosso país. A fúria do fascismo não tolera inteligência. Tomou como inimigos a Ciência, a Tecnologia, a Inovação, a Arte e a Cultura. As universidades públicas, responsáveis por mais de 90% das pesquisas realizadas no país, matrizes de projetos que associam desenvolvimento e cidadania, empenhadas na inclusão social, sentinelas da liberdade de pensamento, promotoras de efetivos avanços tecnocientíficos e culturais, celeiros de artistas, tornaram-se alvos imediatos da barbárie predadora. Dá-se que elas repelem o negacionismo, o obscurantismo, a desinformação. Constituem obstáculo para a prática e a prédica de charlatães. Com fundamento na ciência, as instituições de ensino superior pertencentes ao povo brasileiro opuseram-se à destruição do nosso rico patrimônio ambiental e tornaram patente o descabro de uma política geradora de miséria, que trouxe de volta a fome e solapou nossa economia. Pesquisadores da UFBA e de suas co-irmãs colaboraram de forma decisiva no enfrentamento da pandemia do coronavírus, flagelo que uma governança não só irresponsável como perversa transformou em chacina. Notáveis estudos produzidos nos *campi* revelaram a pavorosa

extensão do ecocídio que sofremos, ao tempo em que documentavam o extermínio de povos indígenas e a escandalosa dimensão dos massacres infligidos à população negra em todo o país. Esses estudos incomodam. Tornaram clara a violência sofrida por segmentos de nossa sociedade injustamente discriminados em função de raça, cor, gênero e orientação sexual. Revelaram ao mundo uma sequência pavorosa de crimes contra a humanidade.

A universidade pública e gratuita, aberta e inclusiva, é um perigo para os oligarcas, os tiranetes e os aspirantes à ditadura. A bisonha aliança de elite financeira e ralé, característica do surto fascista, como já ensinava Hannah Arendt, dirigiu seu ódio contra a instituição universitária que se franqueia a todo o povo. O desespero de parasitas incapazes de esconder o estrondoso fracasso do neoliberalismo voltou-se ultimamente contra a democracia. Desmoralizados os seus *think tanks*, tiveram de apelar a pseudo-intelectuais ressentidos, rudes e incompetentes. Em nosso país, no governo passado, foi-lhes confiada até a educação, tornada objeto de selvagem saque. Decorreu desta insânia uma guerra sórdida contra as instituições públicas de ensino superior. O estrangulamento financeiro foi o garrote vil com que quiseram liquidá-las. Além de obstruir a formação de profissionais capacitados para o exercício de diversas funções indispensáveis ao desenvolvimento do país, fizeram um estrago ainda maior. Cortando recursos para a pesquisa e a inovação, produziram danosa evasão de cérebros. Os cortes brutais no orçamento das universidades públicas e dos institutos federais incrementaram a desigualdade, câncer de nossa economia. Assim os saqueadores da educação tudo fizeram para entorpecer o país e distanciá-lo dos padrões da vida civilizada.

Chamo a atenção para um dado importante que nem sempre se adverte. Além de dedicar-se a ensino e pesquisa, as universidades públicas desenvolvem programas de extensão de alta relevância, prestando à sociedade serviços indispensáveis

nas mais diversas áreas: saúde, educação, cultura, diagnóstico e enfrentamento de problemas ambientais, assistência jurídica a pessoas e grupos necessitados, assessoria a governos etc. Quando fui Pró-Reitor de Extensão da UFBA fiquei espantado com o alcance dessas atividades transbordantes, tão amplo que nós mesmos tínhamos dificuldade para dimensioná-las e avaliar-lhes o impacto. Como é fácil ver, a asfixia de instituições que assim atuam resulta em sério prejuízo para toda a população.

A política rasa que hostilizou as universidades públicas mostrou-se tão nefasta quanto estúpida. Mas convém não confundir sua estupidez com pura deficiência intelectual. Refiro-me a algo mais grave do que a simples limitação cognitiva: falo da boçalidade orgulhosa de si mesma, arrogante e violenta, que com muito gosto se faz cortesã da ganância. Essa torva ligação a torna poderosa. E seu poder se traduz em destruição. Pois quem se sente incapaz de criar vinga-se de sua esterilidade destruindo e mortificando. O famoso *Viva la muerte!* do esbirro franquista continua a ser o mote do fascismo, que por toda parte acumula cadáveres, quer por meio da chacina direta, quer por via da fome, ou ainda, quando calha, expandindo e incrementando pandemias. A estupidez a que me refiro vem a ser aquela que Kant, na *Crítica do Juízo*, qualificou de perversa: a que voluntariamente cultiva a ignorância.

Importa fazer uma distinção. A ignorância é companheira inarredável de todos os humanos. Os sábios procuram logo reconhecê-lo. Como dizia Heinz von Foerster, o que distingue um cientista de um não cientista é que o cientista confessa de imediato sua ignorância, declara-se logo insciente e por isso mesmo empreende seu projeto de conhecer. A ignorância que o sábio reconhece e enfrenta torna-se, para ele, um desafio eterno. É uma adversária tenaz do pensador. Mesmo recuando em face de seus avanços, ela nunca se afasta de seu horizonte. E até cresce à proporção em que se amplia o terreno a ela tomado. Justamente por isso o estudioso não admite perdê-la de vista.

Bem sabe que a ignorância se faz devastadora quando é ignorada. Assume logo outra forma, muito pior.

Com isso já vemos que há espécies distintas de ignorância. O sábios se empenham em reconhecer aquela que acompanha todos os humanos. Tornada manifesta, ela pode ser dissipada, ao menos em parte, com emprego da reflexão, da ciência, da arte, da poesia. O esplêndido *Livro das Ignorâncias* do poeta Manoel de Barros dá testemunho de uma claridade lírica enriquecedora que gera sabedoria. Mas há outra espécie de ignorância, de todo viciosa: aquela a que se agarram pessoas de má fé tornadas insolentes por seu cultivo.

Na tradição hebraica fala-se de uma insensatez essencialmente perversa. Ela é condenada do ponto de vista da sabedoria prática, porque abraça com gosto a ignorância e nela se refocila. No livro dos *Provérbios*, caracteriza-se esta classe de ignaro como um cão que volta ao próprio vômito (Pr 26, 11), visto como ele reincide de forma sistemática na sua insensatez, mesmo quando esta se torna evidente. Outro traço que caracteriza o estulto (*ḵesil*) nesse velho texto sapiencial é seu ódio ao conhecimento (Pr 1,22).

De acordo com o poeta William Blake, *Innocence dwells with Wisdom, never with Ignorance*. Ao dizer que a inocência não convive com a ignorância (não se abriga em seu nicho), o bardo inglês não estava a falar do simples desconhecimento, do puro não saber de que, segundo o preceito socrático, o *amigo da sabedoria* procura tomar consciência, pois só assim se qualifica, só assim conquista a desejada amizade. (O filósofo deixou claro que de outro modo a bela Sofia não a concede). Na sentença de Blake, o termo *Ignorance* designa coisa muito distinta da mera falta ou insuficiência de conhecimento. O poeta assim se refere a uma disposição hostil e raivosa face à sabedoria — esta, sim, abrigo da inocência. *Ignorance* designa uma atitude que entra em conflito com o projeto do saber e o rejeita *a priori*. William Blake assim descreveu a natureza

mefistofélica do negacionismo. Não estou empregando em vão o adjetivo. Outro grande poeta me respalda: lembrem-se, amigos, de como Mefistófeles se apresenta no *Fausto* de Goethe: *Ich bin der Geist der alles verneint*. Aí está o retrato do negacionista. O gênio de Goethe dá-lhe por arquétipo a figura que simboliza o mal absoluto.

Para a explicação do axioma de Blake posso recorrer a uma diferente chave hermenêutica, disponível no arsenal de nossa cultura popular. Não vacilamos em reconhecer quem *apela para a ignorância*, como diz nosso povo. Esta expressão bem brasileira, consagrada e usual em nossos falares, em especial no baianês, é transparente para nós, mas soa intrigante aos ouvidos de um estrangeiro que não esteja familiarizado com as riquezas de nosso dialeto, com nosso vasto repertório de sentenças cristalizadas por obra de difusa reflexão irônica. Este dito não tem fácil tradução para outra língua. Temos de explicar ao amigo forasteiro que ela traduz um juízo negativo: é, a um tempo, descrição e condenação. Embute uma avaliação de ordem tanto cognitiva quando ética. Como sabem todos aqui, dizemos que *apela para a ignorância* quem dispensa os recursos lógicos, as regras de jogo previamente concertadas e, em vez disso, elege a brutalidade, recorre ao jogo sujo, procede, numa disputa, de modo desonesto, violento e covarde. Assim caracterizamos quem, numa discussão, passa ao largo do argumento e recorre ao insulto, aos golpes, à mentira. O mesmo dizemos de quem se recusa a dar razão daquilo que afirma; da pessoa que dispensa o arrazoado e tenta impor-se à força. É o caso de quem se acha no direito de acusar sem provas, de afirmar ou negar qualquer coisa sem oferecer, para tanto, a mínima fundamentação. Assim procede quem rejeita a ciência, a cultura, a arte, a política. É esta a conduta típica de quem agride a instituição a cuja defesa nós nos consagramos.

A propósito, convém lembrar que os ataques à UFBA e suas irmãs não se limitaram ao criminoso estrangulamento

financeiro de que já falei. Foram empregados para agredi-las outros meios sórdidos: a injúria, a calúnia, a difamação. O autor das infâmias jamais fundamentou o que alegava. Além de mentiroso, era incapaz de argumentar. Todos aqui devem lembrar-se da triste figura, que sequer domina a norma culta de sua língua. Convenhamos: um sujeito com essas limitações, a que pode recorrer, senão à injúria? Seu procedimento é típico de quem *apela para a ignorância*. O mesmo se pode dizer de um homem truculento apegado a armas mortíferas, mas temeroso de livros e bibliotecas.

Ora, logo se vê que com essa base nada de produtivo se faz. Não há como gerir a coisa pública, garantir a paz social, sustentar a economia, manter o estado democrático de direito e promover desenvolvimento, muito menos cuidar da educação. Nada disso se faz *apelando para a ignorância*, como se tentou neste país no triste quadriênio há pouco encerrado. O resultado só podia ser o que se viu: corrupção, carestia, fome, destruição do patrimônio público, devastação e mortandade.

Na terra de Anísio Teixeira e Paulo Freire verificou-se, nos últimos anos, brutal retrocesso na educação. É preciso superá-lo para que possamos ter esperanças. Uma coisa é certa: sem investir em ciência e tecnologia, sem amplo fomento das artes e da cultura não se sobrevive no mundo moderno. É preciso que nos empenhemos, portanto, no fortalecimento da universidade pública e gratuita, autônoma, laica e inclusiva, apta a dar combate à desigualdade. A universidade não se reduz a mera fábrica de profissionais eficientes para entrega ao mercado. É a nossa principal produtora de conhecimento. Cabe-lhe ser uma fonte de lucidez e de beleza.

Temos um país devastado pela fome e pela barbárie. O fascismo arregaça os dentes, com sede de sangue. É preciso que o combatamos com todas as forças.

Seu furor se manifestou de forma despudorada no começo deste ano com a invasão das sedes dos três poderes da República. Antes, o terrorismo já fizera ensaios brutais em Brasília:

realizou desmandos e projetou atentados que por pouco não resultaram em enorme catástrofe. Em todo o país, desde o término do processo eleitoral, bandos de fanáticos se reuniam diante de quartéis, pregando o golpe, pedindo ditadura. Infelizmente, acharam abrigo na leniência de autoridades que deveriam reprimir sua demanda imoral. Por fim, no dia oito de janeiro deste ano de 2023 uma horda bestializada se dedicou ao mais estúpido vandalismo. No seu insano quebra-quebra, obras de arte valiosas foram mutiladas. Manifestou-se assim, o ódio fascista à inteligência, à arte, à civilização. A sanha criminosa não parou por aí: recentes atentados mostram que os insatisfeitos com a democracia adotaram o terror como política e não têm qualquer escrúpulo, não hesitam em recorrer à violência mais desumana. Requer-se agora de todos nós um trabalho intenso nos campos da educação e da cultura. Só assim poderemos deter o tsunami da barbárie.

Queridas amigas, caros amigos, o título que a Universidade Federal da Bahia hoje me concede eu o recebo, já disse, como uma provocação, um desafio. E assim o aceito. Prometo que vou me esforçar para merecê-lo. Sei que estou comprando uma boa briga: o honroso título me compromete com a luta contra o obscurantismo. A essa luta não posso nem quero recusar-me. Pelo contrário. Ela me dá gosto. Sei também que assim a UFBA me cobra esforço. Tudo bem. Há muito me convenci de que o esforço intelectual é salutar. Quero torna-lo cada vez mais intenso. Já explico por que.

Há coisa de uns dez anos, ou seja, mais ou menos na altura da expulsória, procurei um geriatra. Ele me submeteu a uma bateria de exames. Quando lhe levei o resultado, o bom médico estudou com atenção os laudos e me fez um pequeno discurso: “Meu caro, fisicamente você está bem. Mas na sua idade é preciso também cuidar da mente, dar trabalho ao cérebro para que ele não falhe. Leia um livro de vez em quando. Procure aprender uma língua estrangeira. Estude, mantenha ativos os seus miolos”.

Eu gostei do conselho. Até pedi ao doutor que me fizesse por escrito esta recomendação. E agora, para tranquilizar o Magnífico Reitor que assume o risco de dar-me um título tão elevado e tão desafiador, quero dizer-lhe que tenho seguido fielmente a receita do meu médico. Muito obrigado.

Ordep Serra é professor aposentado do Departamento de Antropologia da FFCH / UFBA, é antropólogo, pesquisador, professor, escritor e tradutor, Doutor em Antropologia pela Universidade de São Paulo. Estuda teoria antropológica, Etnobotânica, Antropologia da religião e Antropologia das sociedades clássicas. Publicou diversos artigos e ensaios e obras de ficção Seu livro mais recente é *Alalá do Luaréu* (2017), que tematiza as linguagens de cordel e as várias oratórias baianas. Desde 2014 ocupa a Cadeira nº 27 da Academia de Letras da Bahia, sendo seu atual presidente.



DISCURSO DE POSSE

MIRELLA MÁRCIA LONGO VIEIRA LIMA

Excelentíssimo Professor Doutor Ordep José Trindade Serra, Presidente da Academia de Letras da Bahia, demais componentes da mesa, autoridades presentes e representadas, confrades e congreiras, meus familiares, meus colegas, meus alunos, meus queridos amigos e todos os que me ouvem.

*

Com muita honra, aqui estou para ocupar a Cadeira 16 da Academia de Letras da Bahia. Antes de tudo, abro espaço para proclamar o nome da fonte que me dá continuamente a vida. Josefina Longo Vieira Lima: assim se chamava a minha mãe, mulher culta e bela que, tendo rezado todos os dias para ver a conclusão dos meus estudos fundamentais, pôde estar na sessão de minha defesa de tese transcorrida no auditório da Universidade de São Paulo, quando obtive o grau de Doutor em Letras, num longínquo mês de agosto. Ensinando-me a amar o mundo da imaginação e o mistério da música, minha mãe também me legou altivez, firmeza interior e revolta contra todas as injustiças. Dedico este momento a minha mãe. Embora não consiga enxergá-la, sei que ela está presente nesta sala, olhando para a sua menina das areias, cantando e contando histórias que não acabam mais. Seu olhar é eterno; não apenas porque se prolonga no rosto de Desirée, minha filha, na face de Lucas, seu neto, e no rosto de seus cinco bisnetos - Rafael, Maria Luisa, André Luís, Luis Eduardo e Maria Flor - seres a quem amo com ilimitada paixão.

Quero também pronunciar o nome de meu pai – Herbert Côrtes Vieira Lima – o homem que me fez amar o mar, a historiografia e as telas do cinema, espaços onde imergíamos com coragem e de onde emergíamos ébrios de prazer. A propósito, meu pai faz cem anos hoje. Escolhi a data para homenageá-lo; o momento é dedicado também a ele e ao seu filho; porque há ainda um terceiro nome a ser dito, para que se componha a trindade sacralizada em minha emoção: Herbert Longo Côrtes Vieira Lima, irmão que me olha fixamente, já estando ao lado de seus pais. A Herbinho, que, sempre, mas muito especialmente, em 2019 e 2020, se mostrou um gigante, em força e em luz, declaro que pertencem este momento e a gratidão que estendo ao Deus revelado em seu riso largo, em sua personalidade ímpar e em sua vitalidade infinita.

Aos membros da Academia de Letras da Bahia, agradeço que, entre tantos valores desta terra fértil em talentos, tenham optado por acolher a filha de dois funcionários públicos pobres, mulher educada com um sacrifício imenso de seus pais. Como disse no dia da eleição, vejo, na escolha, o reconhecimento de uma vida dedicada ao campo das Letras, seja no ensino da literatura, na sua divulgação em programas de incentivo à leitura, na pesquisa, na produção de ensaios, de poemas e de prosa ficcional.

Na primeira vez em que estive diante de um microfone, tinha cinco anos e dizia um monólogo. Três pessoas ensaiaram a performance que eu faria no palco da Associação Atlética e diante das câmeras de televisão: minha mãe; a professora que me alfabetizou - Célia Serra; e Sílvia Bahia - diretora da escola Santa Rita de Cássia, onde cursei o primário. Lembro os primeiros versos: “Nasci ali, no sertão, numa cidade pequenina/ fui criança, fui menina/correndo de pé no chão”. Evoco o poema, para dizer, numa paródia carregada de sentimento, que nasci aqui, no bairro de Nazaré, na Rua Júlio Barbuda, três anos depois do casamento de meus pais, realizado na Igreja do Coração de Jesus,

situada em frente ao Palacete Góes Calmon, onde neste instante falo cercada de lembranças. Aqui estou a beijar a memória. Acompanhando a concepção de Agostinho, devo entender que toco o ventre da alma, ao tocar esta geografia afetiva que abriga o vulto do sobrado, morada de meus bisavós e da avó paterna, construção desapropriada e demolida, para que uma avenida fosse ampliada. Não esqueci que o 210 – assim o designava meu pai – ficava ali na esquina. Também não esqueci o número 21 da Ladeira da Poeira, onde viveu a minha Tia Catita, com seus doces, seus anseios calados, seu relógio habitado por uma bailarina. Recordo ainda que cursei as disciplinas da Licenciatura e do Mestrado em Letras, no prédio ali em frente. Piso, portanto, no solo desta Academia como quem põe os pés, no chão de uma pátria íntima.

É muito natural que, nazarena tendo nascido, a Nazaré eu volte, sentindo-me como um Odisseu que, enriquecido pela viagem, dá-se conta de que jamais partiu. Na Ítaca que, de alguma forma, não deixei, chego ansiosa pelas palavras da amiga Edilene Matos. Alcanço meu porto, conduzida por Evelina Hoisel, ex-professora que se tornou colega e cúmplice; por Marcus Vinícius Rodrigues, ex-aluno que se fez um amigo querido; e por Aleilton Fonseca, companheiro de geração. Ao lado do escritor Aleilton, iniciei a minha trajetória de escritora, já que ambos integramos a *Coleção dos Novos*, iniciativa de Myriam Fraga e Claudius Portugal. Se aqui falasse apenas sobre os laços que me ligam a essas quatro pessoas – hoje, minhas confradeiras e meus confrades, eu resumiria uma rota enfeitada pelos diálogos afetivos com colegas pesquisadores, sintetizaria meu percurso de contínuo aprendizado nas salas de aula, condensaria a minha paixão pela escrita literária.

1. Um nome

Das tantas coisas que devo ao meu pai, destaco o meu primeiro nome: Mirella. Minha mãe indicou o campo. Deveria ser um nome vindo da Itália, terra de meu avô materno.

Encantado com uma personagem criada por Pier Angeli, Seu Herbert concluiu que seria bom marcar-me com as três notas musicais em cuja sequência ele próprio entendia existir o pedido de que todos voltassem os olhos para mim: “Mirem-na, olhem para ela”. Dando continuidade a essa solicitação paterna, vou prosseguir, pedindo uma sequência de olhares.

Começo por meus antecessores, pois, se me sinto honrada em estar aqui, acrescento, à honra, um sentimento de temor, ao pensar nas suas trajetórias tão diversas em relação à minha. Seguindo uma tradição sólida no Brasil, os antigos ocupantes da Cadeira 16 tornaram-se homens de Letras, a partir de seus engajamentos nos campos do Direito, da Política e da Administração. Com intensa participação na vida pública, todos eles agregaram, à sede de conhecimento, o prazer de interferir nos modos de organização da coletividade e de transformar a cidade, o país e o mundo. Não sei como veriam a minha dedicação obsessiva ao campo literário. Dirigindo-se a seus pósteros, Brecht pediu que o olhassem, ao menos com simpatia. Inverto a direção do tempo, mas ainda me inspiro em Brecht, para rogar, aos que me antecederam, um olhar de simpática compreensão.

José Thomás Nabuco de Araújo Filho - o patrono da Cadeira 16 – dedicou a própria existência à organização da vida pública. Logo nas linhas iniciais de *Um estadista do Império: Nabuco de Araújo, sua vida, suas opiniões, sua época*, Joaquim Nabuco reconhece que o curso existencial de seu pai confunde-se com a história do Segundo Reinado. Pretendendo impedir que um percurso de reflexões tão ricas permanecesse aprisionado numa biblioteca, disperso entre documentos soltos, o célebre abolicionista resolveu resgatar, da fragmentação, as pegadas firmes do estadista, dando forma e ordem cronológica à sua caminhada e aos movimentos desenhados por seu intelecto. Sabemos todos que, agindo dessa maneira, o biógrafo terminou expondo não apenas a figura de um indivíduo, mas toda a paisagem que o abrigava e, por isso, ao falar de seu pai, Joaquim Nabuco deu importante contribuição ao conhecimento da história brasileira.

Nascido na Bahia e formado pela Faculdade de Direito de Olinda, Nabuco de Araújo foi ministro da Justiça e senador. Durante cinco anos, dedicou-se à organização de um *Código Civil* para o seu país, estafante e apaixonante tarefa que seria impedido de concluir porque a morte o surpreendeu. Em acordo com suas próprias declarações, durante o tempo gasto na elaboração do código, ele não habitou tão somente dimensões abstratas. Preferindo assumir, de fato, a postura de estadista enfatizada por seu filho e biógrafo, resolveu ter em mira os efeitos que a legislação traria para a sociedade.

Mas se o patrono da Cadeira 16 foi um estadista do Império, menos preocupado com a sociedade não esteve o seu fundador, considerado um dos grandes civilistas brasileiros, na primeira metade do século XX. Eduardo Godinho Espínola, ou simplesmente **Eduardo Espínola**, como ficou mais conhecido, nasceu em 1875, em Salvador, e trilhou uma via pavimentada com coerência rara. Tornando-se Bacharel em Ciências Sociais em Recife, em março de 1895, o jovem de 20 anos conseguiu, em dezembro do mesmo ano, graduar-se na Bahia, em Ciências Jurídicas. Adjunto de Promotor em Salvador, logo passou a exercer, em Feira de Santana, a função de Promotor Público. Em concurso para tornar-se Lente da Faculdade Livre de Direito da Bahia, Eduardo Espínola demonstrou que o seu amplo conhecimento na área jurídica respaldava-se em humanismo sólido. Quando fundou a cadeira 16, em 1917, contava 42 anos. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1919, para exercer a advocacia. Tendo atuado como Agente do Brasil junto à Corte Permanente de Justiça Internacional em Haia, foi, em 1931, nomeado por decreto Ministro do Supremo Tribunal Federal e, também por decreto, chegou à presidência do STF, permanecendo no cargo até a sua aposentadoria na metade da década de 40.

Ao longo da atuação contínua na vida pública, Espínola não descuidou da sua produção escrita que se revela ininterrupta e, segundo o seu colega Orlando Gomes, também bastante densa.

Clóvis Beviláqua qualifica essa produção como “vasta, com largueza de vistas, extensa erudição e seguro critério”. O *Tratado de Direito Civil Brasileiro*, obra que realizou em colaboração com o seu filho, alcançou 11 volumes. Na impossibilidade de citar todos os trabalhos de Espínola, registro que o *Código do Processo Civil do Estado da Bahia*, por ele apresentado em 1915, foi considerado, por muitos dos seus pares, o melhor, dentre os códigos estaduais. No livro *Os nomes das salas*, que Fredie Didier organizou em homenagem aos 125 anos da Faculdade Livre de Direito da Bahia, coube a Antonio Adonias Aguiar Bastos discorrer sobre Eduardo Espínola e enfatizar que o importante civilista destacou-se também nos estudos do Direito Internacional Privado e em muitas outras áreas do seu campo de saber. Ao fundador da cadeira 16, peço um olhar compassivo e terno. Falecendo na década de 60, Eduardo Espínola foi sucedido por **Orlando Gomes**.

Em data recente, foi lançado *Orlando Gomes: cronista*, livro organizado por Rodrigo Moraes. No prefácio, Octavio Luiz Rodrigues Jr observa que os 140 textos permitem o conhecimento da face não jurídica do autor. Quanto a mim, ainda que fascinada pelo conjunto, fui especialmente capturada pela crônica *Confissões de um lírico*. Publicado em agosto de 1973, o texto recua a antigas manhãs, quando um rapaz “debruçava-se na balaustrada” de sua casa, na entrada do Garcia, atento aos grupos de operários que se deslocavam a pé, para as lutas diárias. Tentando adivinhar-lhes os tormentos, o jovem lírico refletia sobre um meio de tornar mais leves, aqueles passos. Voando no tempo, a crônica alcança o homem maduro que regressa ao mesmo ponto de observação e grifa o movimento isolado dos indivíduos. Em tom desencantado, o cronista encerra, afirmando que, já não sendo jovem, permanece lírico, embora, como escrevente de jornal, não saiba o que fazer do “lirismo que lhe cai das unhas”. Feito de modo oblíquo e sutil - como costumavam ser, naqueles anos de chumbo, os discursos sobre os males coletivos - o diagnóstico acusa crescimento do individualismo e dificuldade de expressão imposta

à classe trabalhadora. Recorro à crônica, no intuito de flagrar, na crista da onda lírica, o alicerce de uma trajetória intelectual. Refiro-me à sensibilidade social, força primeira que inteligência, estudo e prática analítica converteram em alimento para uma potente reflexão.

Entre 1909 e 1988, viveu, na Bahia, o intelectual Orlando Gomes. Ele foi – como eu também fui - estudante no Colégio dos Irmãos Maristas. Diplomou-se aos 21 anos. Concorreu à Cátedra de Introdução ao Direito, em 1931, mas só em 1934 foi convocado para lecionar. Depois de ter sido preso, em 1937, pelo Estado Novo, deu maior ênfase à sua permanente defesa da democracia. Na Universidade Federal da Bahia, Orlando Gomes exerceu os cargos de Diretor da Faculdade de Direito, Vice-reitor, Reitor, sempre se posicionando a favor de um máximo relevo para as artes e de uma formação superior não restrita à “diplomação de técnicos, confinados em estreitas especializações”. Em 1963, presidiu a comissão encarregada da elaboração do *Anteprojeto do Código Civil Brasileiro*. Os anos seguintes não acolheram bem o esforço, mas Gomes seguiu com suas vastas publicações nas áreas do Direito Civil, Direito do Trabalho, Sociologia Jurídica, obras que repercutiram além das fronteiras do seu país, fazendo com que o autor recebesse o título de Doutor Honoris Causa, pela Universidade de Coimbra. Rogo, a Orlando Gomes, que acrescente, à simpatia do olhar, alguma cumplicidade.

2. João Eurico Matta

Agora, sugiro que todos se desloquem, imaginariamente, para um específico cenário. O ano é 1958, o espaço é o salão da Reitoria da Universidade Federal da Bahia, abrigando a cerimônia de formatura dos Bacharéis em Direito e Ciências Sociais. O homenageado é Eduardo Espínola, o fundador da cadeira 16 que, sendo Ministro da Suprema Corte, está ali, através de uma representação.

Muita atenção é concedida ao paraninfo, Orlando Gomes, mas isso não evita que alguns olhos sejam desviados para um jovem bonito e elegante, o orador da turma. Falo de **João Eurico Matta**, o meu garboso antecessor. Desloquem-se, volto a sugerir. Observem que estão reunidos, na Reitoria da UFBA, os três ocupantes da cadeira de número 16. E eu, onde estou? Bem, eu tenho um ano, e sou transportada, desde Nazaré, para o Porto da Barra, o lugar do eterno veraneio, do cais que mais tarde cantarei nos versos de um livro chamado *A torre infinita*; vou tornar-me a “menina das areias”, estou indo para o recanto dos peixes, aqueles peixes que irão ofertar as lições de silêncio louvadas na prosa de *O amor desconhecido e outras crônicas*. Ainda passaria muito tempo, antes que a UFBA me acolhesse - como estudante e, em seguida, como docente - no abraço que já dura mais de 40 anos. Não me precipitarei, porque ainda miro, no salão da Reitoria, o homem bonito cuja presença enchia ambientes e cujas palavras geravam comoção.

Difícil definir a impressão que extraí dos contatos que tive com o Professor João Eurico, embora tantas vezes tenha ouvido seus longos discursos e outras vezes tantas eu tenha lido seus ensaios. Valho-me da síntese feliz elaborada por Leda Jesuíno, nossa grande amiga em comum: “era um homem do bem e um homem de bem com a vida”. De fato, a minha querida Leda apenas confirma a intuição que sempre tive na presença de João Eurico, diante do seu semblante exibindo a expressão dos que sorvem o manjar da existência com refinamento, guiados por serenidade e longe de qualquer sofreguidão. Respirava, como quem se delicia. Falava, como se nadasse em um rio tranquilo e por isso suas frases seguiam cursos de águas cristalinas. Tinha rosto sereno, atravessado pela chama da inteligência e pelo brilho do entusiasmo.

Os pais de João Eurico Matta eram nazarenos, não por causa do bairro, como eu. Eram oriundos de Nazaré das Farinhas. Em 1935, viram chegar um filho que seria, nas palavras de

Oldegar Franco Vieira, “professor estudioso, pensador político, artista da pena – da que escreve, mas também da que desenha.” Sim, o professor João Eurico tinha também o talento de ilustrador. Seus ensaios literários foram iniciados, quando ainda estava no Curso Clássico do Colégio da Bahia, o Central. Através de concurso público, o futuro editor da importante *Revista Ângulos* ingressou no magistério de língua portuguesa, aos 19 anos. Formado em Direito, logo se tornou professor de Literatura Contemporânea e Brasileira na Escola de Biblioteconomia da UFBA. Havia já iniciado a pós-graduação em Direito Público, quando foi convocado para entrevistas que o conduziram ao Mestrado em Administração Pública com ênfase em Ciências Sociais; realizaria uma das etapas desse curso nos Estados Unidos. Em 1962, João Eurico Matta assumiu, na UFBA, disciplinas do Bacharelado de Administração, passando a atuar também em pesquisa no campo das ciências comportamentais aplicadas à organização e à gerência. Ao se tornar secretário do governo estadual, conduziu um programa de modernização administrativa que se encontra em livro publicado pela Editora da Universidade Federal da Bahia: *Modernização do Poder Executivo na Bahia: estratégia e dinâmica do Programa de Reforma Administrativa do governo Lomanto Júnior (1963-1967) – uma história de caso*. Na década de setenta, João Eurico passou a lecionar também na Universidade Católica do Salvador, onde se tornou Professor Titular. Antes de aposentar-se na UFBA, dirigiu a Escola de Administração e atuou no Mestrado em Educação. Entre 1997 e 2006, presidiu o Conselho Regional de Administração da Bahia. Além de ocupar a Cadeira 16 nesta casa, foi membro da Academia Baiana de Educação, da Academia de Letras e Artes “Mater Salvatoris”, sócio do Instituto Geográfico e Histórico, fundador e presidente de honra da Academia Baiana de Ciência da Administração. Em 1997, João Eurico Matta recebeu, da nossa UFBA, o título de Professor Emérito e, anos depois, a Medalha Magnífico Reitor Edgar Santos.

Apesar de todos os cargos de responsabilidade que ocupou e de todas as honrarias que conquistou, João Eurico Matta não hesitou em afirmar, por ocasião de sua posse nesta Academia: “Mas o que sou mesmo então? Desde os meus 18 anos no Ginásio João Florêncio Gomes, de Itapagipe, logo depois no Colégio Central e então nas duas universidades, apenas um contumaz aprendiz de professor”. Se foi, como aprendiz de professor, que o meu antecessor viu a si próprio, é desse modo que o abraço porque também tenho sido, ao longo da minha vida, uma aprendiz de professora. Mas não cessa aí, o nosso encontro. Ao apreço pelo magistério, nunca ofuscado, ele uniu amor pela escrita poética, um amor que fica evidente no seu gosto pelo comentário crítico. Entusiasmado com a participação na vida pública, declarou, em várias oportunidades, que ela jamais o afastou dos estudos da Filosofia da Ciência e da Literatura. Lendo recentemente o seu prefácio aos *Poemas Terminais*, de Carvalho Filho, pude constatar o domínio dos conceitos, a habilidade na revisão das fortunas críticas e a destreza no uso do método comparativo.

Em novembro de 2021, João Eurico Matta partiu, deixando esposa, filhos, netos e deixando-nos desfalcados. Peço, portanto, João Eurico, que me olhe com amizade e que me inspire em todos os gestos que vou realizar como ocupante da Cadeira 16. Peço ainda que a inspiração comece agora, no momento em que vou acrescentar algumas palavras a tudo o que já disse sobre mim.

3. A intérprete dos textos literários.

Quando fui para a Universidade de São Paulo fazer o Doutorado, já publicara ensaios. Um deles – comentário a *Memorial do Convento*, romance de Saramago - integra um periódico de *Estudos Portugueses* da UNICAMP. No entanto, devo à USP a desenvoltura que consegui, como ensaísta.

João Luis Machado Lafeté, meu inesquecível orientador e sem dúvida a pessoa mais importante para a minha formação acadêmica, transmitiu-me o apreço pelos três saberes que davam lastro às suas reflexões: Estética; estudos da História e da sociedade; estudos da psique, destacadamente Psicanálise. Principal discípulo de meu amigo, o inigualável intelectual Antonio Candido, Lafeté foi um guia que me ajudou a escutar, na poesia amorosa de Carlos Drummond de Andrade, importantes ecos da poesia moderna. Em 1995, dois anos depois de ter sido defendida, minha tese – *Confidência mineira, o amor na poesia de Carlos Drummond de Andrade* - foi publicada como livro, pelas editoras Pontes, de Campinas, e EDUSP, de São Paulo. Desde então, escrevi numerosos textos sobre a poesia e sobre a prosa de Drummond. Há poucos meses, o CNPq aprovou minha pesquisa voltada para os diários do poeta mineiro.

Sendo inviável falar de todos os meus ensaios publicados no Brasil, na França, em Portugal e na Espanha, destaco outro livro. Durante um primeiro estágio de pós-doutorado na Biblioteca Nacional de Lisboa com bolsa daquela instituição, iniciei os passos que me levariam a escrever *Cenas de amor em romances do século XX*, publicação de 2017 cujo lançamento festivo ocorreu nesta Academia. Para construir o livro, convivi, em Portugal, com pesquisadores de vários países, adquirindo familiaridade com Aquilino Ribeiro, José Cardoso Pires, romancistas que pus ao lado de Saramago para construir o corpus em literatura portuguesa. Em seguida, realizando um pós-doutoramento na USP, selecionei os autores brasileiros: Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e Machado de Assis. Principal discípulo sul-americano de Northrop Frye, Flávio Aguiar foi supervisor dos meus estudos, além de afável e precioso interlocutor. Nesse novo período na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, fiquei também bastante concentrada nas leituras de Gilberto Freire, Florestan Fernandes, Sérgio Buarque de Hollanda, Roberto Ventura, intérpretes do Brasil, que até hoje se unem

a outros para dar amparo ao esforço que faço, visando a entender a cultura do país onde nasci. Esse amparo era particularmente necessário naquele momento em que, revisando o cânone, eu pressuponha que todo caso de amor literariamente apresentado constitui uma representação da História.

Tenho dezenas de artigos esparsos que preciso reunir. Escrevi sobre Caymmi para a *Revista Literatura e Sociedade*, da FFLCH/USP; e reiteradamente escrevi sobre José Saramago e Machado de Assis. Depois, chegaram Milton Hatoum e Hilda Hilst. Dos diálogos que tive com Alfredo Bosi, saudosíssimo amigo e supervisor de um terceiro pós-doutorado, resultou uma série de ensaios sobre Jorge de Lima, todos publicados em São Paulo; dois deles, pela *Revista do Instituto de Estudos Avançados*, da USP. Em 2021, sofrendo com a partida de Alfredo Bosi, produzi diversos textos em homenagem ao pensador magnífico, o maior leitor de poesia que conheci. Num tempo em que já se contestava o exercício precioso e tenaz que constitui o ato de interpretação, Bosi tornou mais sólida, a minha insistência em permanecer no papel de intérprete. Sob a sua supervisão, sondei amorosamente os sonetos do poeta alagoano, na certeza de que, cercando os afetos plasmados na forma poética, eu chegaria à trama viva da história cultural, fonte de onde jorram perspectivas e valores.

4. A outra voz.

Torno a pedir aos meus antecessores que olhem para a leitora que sou, com simpatia e extrema boa-vontade. Mas agora se torna imperioso que eu fale de outra voz. Vendo, no crítico literário, um escritor, Roland Barthes não se terá equivocado. Como também não falhou, ao situar, na linguagem crítica, uma espécie de afasia. Há mesmo, na escrita do intérprete, uma voz que, sem se ausentar, apenas balbucia. Certamente, esse sussurro aquém da fala leva o leitor crítico a escolher certos ângulos

do mistério inerente ao texto sobre o qual se debruça. Embora tenha a força dos destinos, a voz que destila energia secreta é, na escrita do intérprete, uma presença infante. Uso a palavra em sentido específico: infante, aquele que não fala. Por isso, quando comentei tantos escritores, minha outra voz balbuciou ou gritou, sem conseguir, de fato, falar. Ilustro, para me fazer entender.

Ao escrever minha tese, custei a compreender de onde vinha a escolha do poema *Escada*, tornado eixo do trabalho sobre a poesia amorosa de Carlos Drummond de Andrade. Girando em torno de encontro erótico ocorrido em uma escada, os versos dialogam irônica e dolorosamente com Platão, com neoplatônicos e com vasta simbologia que vê, no amor, um caminho promotor de ascensão à verdade mais alta. Posto sob o prisma idealista, o amor torna-se via aberta para a perfeição, rota para a transcendência, escada para o céu. Mas, se menciono ironia e dor no jogo intertextual é porque, na visão moderna de Drummond, a escada, isto é, o amor, nada revela além do céu da boca, azul, porém oco. Marcando os sentidos, essa revelação cede à ação do tempo, volta à memória como lampejo fugaz e só se fixa na forma do poema. Insisti com as editoras para que estivesse, na capa de meu livro, a fotografia de uma escada moderna e feita de cimento. Acreditei que fazia isso motivada pela força do diálogo travado entre Drummond e o idealismo amoroso. Foi o que pensei. Provavelmente, estava certa, pois ainda considero válido tudo o que escrevi. Outros também consideraram. Fui aprovada com distinção e louvor, mas durante algum tempo me perguntei o que tornara tão fatal a eleição do poema *Escada*, dentro do vasto mundo de Carlos Drummond de Andrade.

Eram apenas três degraus de cimento, embora parecessem – e dentro de mim ainda parecem – montanhas. Posso sentir a dificuldade de escalar, mãos e tronco apoiados na parte superior onde esperariam, até que joelhos, ancas, pés fossem suspensos. Vencido o primeiro degrau, restavam os outros. Era assim, escalando uma escada, que a infante movia-se em busca de um azul

pleno e único, o azul guardado nos olhos da primeira amada do seu coração. Era sempre urgente que ela estivesse como hoje está: olhando para mim. Na parte mais alta do quintal, situava-se o meu céu, embora os dedos mexessem na terra, produzindo um jardim e tornando belo o que era cimento árido. Como dar fala a essa infante, antiga, quase muda... e, não obstante, uma força a determinar cada palavra escrita? Como saltar do balbúcio ao sopro que insufla a forma? Seria preciso esquecer Drummond ou, ao menos, sobrepor outra voz à sua voz. Eis a hora em que a intérprete recua, cede, vence a si própria, sabendo que a vitória a levará ao território do cansaço extremo; quero dizer: ao tipo de escrita que ousamos chamar “criação”.

Ao lado dos artigos, dos dois livros de ensaio, de um terceiro contendo memorial acadêmico, publiquei contos, dois livros de poemas e mais dois de crônicas. Tenho um conjunto de poemas inéditos e um romance também inédito. Poderia ser mais? Não tenho certeza! Escrevo rara poesia e ficção não menos rara porque a criação exaure-me, com o seu paradoxo incontornável. Como extrair da linguagem – um domínio coletivo - aquilo que, sendo estranho, é apenas meu? Que contradição! As palavras são de todos, mas o silêncio vivido naquela primeira escada delimita os meus domínios; aquele silêncio cerca os meus domínios como um rio de lavas incandescentes! Sim, as palavras são de todos, mas a pedra, a pedra preciosa e pesando sobre o peito é minha, assim como a garganta cantando dentro do garrote. São meus, o passo na valsa e mais o passo em falso, o golpe, o galope, o coice de arma disparada no centro da alma. Só possuo o que me possui. Só disso tomo posse. E o resto é palavra, a palavra que a todos pertence!

Peço agora, não apenas aos meus antecessores, mas a todos vocês que aqui estão: olhem para essa voz alheia e própria. Ornem os seus olhos com algo que pode ser mais intenso do que a simpatia. Olhem para ela, que há de estar/ num espaço

além do ar/ que nos cerca com vagar/ nessa história feita de
tantos erros e de tantos proscritos.// Que seus olhares portem
novos ritos/ e a envolvam num infinito acesso de esperança;//...
ou talvez seus olhos possam trazer-lhe a dança/ dos peixes que
deixou no cais/ quando era insciente das palavras/ nunca mais
jamais não mais/ ais e vazios;// quando era insciente das perdas
e dos cortes/ da ausência de rios/ correndo para o norte/ onde
pássaros desconhecem a má sorte/ de não ter palmeiras e sais....
É urgente que seus olhos inventem, para essa voz, um novo
alvorecer, com barco, velas, cores, naves ancoradas num porto
sem temores. Em seus olhos, tragam a ilha dos amores.

Muito obrigada,

Salvador, 22 de março de 2023.

Mirella Márcia Longo Vieira Lima é doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ USP. Professora titular de Teoria da Literatura no Instituto de Letras/ UFBA, é pesquisadora do CNPq. Além de conter contos esparsos e artigos que integram periódicos especializados brasileiros e estrangeiros, a sua obra publicada é composta por livros de ensaios, poemas, crônicas e por memorial acadêmico. Desde 2023 ocupa a Cadeira n° 16 da Academia de Letras da Bahia.



DISCURSO DE RECEPÇÃO

A MIRELLA MARCIA

EDILENE MATOS

Querida Mirella Márcia.

A Academia de Letras da Bahia, que hoje a recebe com muita alegria para ocupar a cadeira de número 16, me convocou para esta saudação. Envolvida, pois, na missão tão difícil quanto especial, momento de sua entrada nessa Casa das Letras, em cujas salas grandes será definitivamente refletida a ampliação de seu pequeno quarto de infância, esconderijo de palavras mágicas e encantadas. E eu a faço, comovida, percorrendo passos de uma caminhada de mais de quarenta anos de afeto.

Vou contar uma história, relato de “acontecências”. É a história de Mirella Márcia Longo Vieira Lima que, desde sempre, ainda em tenra idade, uma leitora infantil portanto, resolveu tocar o mundo da literatura e, mais alargadamente, o mundo das artes, das culturas. Como escritora de livros, ensaios, poemas, contos, crônicas, pesquisadora e professora de literatura, Mirella reconhece-se primordialmente leitora, fazendo e refazendo com uso da leitura seu privilegiado espaço, sua bachelardiana casa onírica, desde a leitura na quietude do quarto pequeno, em meio ao lusco-fusco do fogo que transformava em cinzas as cartas de uma bailarina permeada por gritos de uma louca paixão pelo tio materno. Traçado estava, portanto, o destino da pequena leitora que optou pelo amor como principal objeto de sua produção crítico-analítica e de sua literatura. No tocante ao assunto, tomo as palavras de Mirella: “ensino, pesquisa, escrevo tentando conviver com essa dor; é dor por não ter podido salvar as palavras condenadas pelo medo no quintal da minha infância”.

Assim, intensificou as experiências vividas na infância, com ênfase na leitura de contos infantis e sempre acompanhada por Herbinho (Herbert Longo Côrtes Vieira Lima), seu único irmão; assim, vislumbrou a realidade, revelando-a nas tantas descobertas entre luzes, sombras e contornos. Experiências fundadoras com raízes fincadas na infância, marcadamente no quarto pequeno que viria a se tornar um quarto muito amplo.

A menina Mirella, nascida e criada nessas terras da Bahia, (des)velou, mais tarde, outras terras. Ela sabia muito das coisas do mundo – lugares distantes e frequentados pelas leituras - e não só contava histórias, mas dramatizava, cantava, dançava, e articulava adivinhações, cantigas, fábulas, memoriosas histórias. D. Josefina, sua mãe, presença incomum na partilha de leituras, ensinamentos e delícias, acompanhava o desenvolvimento da filha querida. Do mesmo modo, seu pai, Herbert, figura amorosa e decisiva na trajetória de Mirella, envolveu-a nos universos do mar e do cinema.

Como numa foto nada esmaecida e, muito pelo contrário, retida com vivas cores, vejo-a subir a escada de imponente e “bamboleante” corrimão do Instituto de Letras, na Avenida Joana Angélica, com cabelos de tranças, a esbanjar juventude e entusiasmo em busca da composição de seu belo projeto, o que fez em trilha percorrida com explosão de talento e irrepreensível conduta ética. Estávamos nos primeiros anos da década de 1980 (1982), e entrava Mirella no Instituto de Letras da UFBA como professora auxiliar concursada para ocupar a única vaga em Teoria da Literatura! Lá já estava Evelina Hoisel, que foi sua professora e minha também. Lá, também, já estavam Antônia Herrera e Lígia Telles, parceiras de diálogos em torno de literatura e afetos.

A jovem professora, e poeta desde sempre (devo dizer), estudou e observou atentamente as manifestações literárias e artísticas. Com régua e compasso (e aqui me refiro à excelência do Instituto de Letras da UFBA), fez germinar sementes e se transformou em figura exponencial dos nossos saberes

e costumes, com grande atuação na Universidade Federal da Bahia, mais especificamente no Instituto de Letras, sua segunda e declarada casa. Mirella, que atua também como colaboradora de publicações, com marcante presença em decisivas comissões, além de ter assumido importantes cargos, entende a vida acadêmica como missão, deixando evidente a militância universitária, refletida em largo conhecimento do caminho por onde transita.

Sua forte presença sai dos muros da Ufba e se estende pelo país todo, com ativa participação em órgãos que primam pela defesa do assentamento de novos olhares, projetos de renovação da cultura e da literatura brasileiras. Destaco, aqui, sua inserção no PROLER, da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, importante projeto em rede nacional que contou com sua atuação dedicada e comprometida.

Não é difícil entender, pois, o fato de Mirella ser muito respeitada, em virtude de seu estilo próprio, por vários grupos onde permeia sua sensibilidade, sua lucidez.

Instigante e curiosa, atenta ao mundo da cultura e da leitura, foi estimulada no seu percurso intelectual pela possibilidade de formar um corpo de conhecimentos, anotar caminhos de leituras, selecionar textos, imagens, apontar caminhos, aconselhar amigos e discípulos.

Professora Titular de Literatura, publicou vários livros, capítulos de livros e artigos em periódicos nacionais e internacionais. Para exemplificação, vale a pena fazer um recorte na sua vasta produção e lembrar aqui algumas de suas publicações:

O curso das águas, livro de poemas, 1981 (merecedor de menção honrosa para a poeta recém-saída da adolescência); *Confidência mineira*, 1995, pela EDUSP, a poesia amorosa de CDA (livro fundamental para o entendimento da instigante poesia amorosa de CDA); *Suplemento Cultural do Jornal A TARDE*, de SP: *Dizer adeus: notas sobre o último livro de CDA*, 1997; *Memórias do cais: Caymmi canções e fontes*, 1999, SP; *Casos de amor*

em romances portugueses do século XX, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2001; *Paisagens amenas*, 2002; Um último romance, (capítulo sobre Mário de Andrade, UFMG, 2008); *A torre Infinita*, sonetos 2011, P55 edições; Neste livro, os poemas evocam a perda do ser amado questões de Um quarto muito amplo, Memorial Acadêmico para Titular;

O estranho sinal: notas sobre o amor na poesia de Carlos Drummond de Andrade in: Murilo Marcondes de Moura (org), Companhia das Letras, 2012; *Mão e a luva: a respeito de um soneto escrito por Jorge de Lima*, *Revista Instituto de Estudos Avançados USP*, 2015, publicação a convite de Alfredo Bosi; Um amor desconhecido e outras crônicas - fruto de sua coluna fixa no jornal *Soterópolis*, jornal mensal criado por Fernando Oberlander - Caramurê, 2016; *A vida enfim: Saramago e a música*, 2016; *A arte de mundo: palavras e formas plásticas*, 2016; *Cenas de amor em romances do século XX*, 2017, Quarteto (outra referência de precisos e preciosos recortes de amorosas cenas); *Literatura na Bahia Contemporânea*, competente texto que está inserido no site Portal da Bahia, organizado por Emir Sader; *Uma mulher como tantas*, texto do livro *Histórias e histórias da Bahia*, org. por Fernando Oberlander em requintada edição da Caramurê, 2021, com personagens que nascem da imaginação de quem conta as histórias. Coube à Mirella trazer Agnese Trinci Murri, considerada a última paixão do poeta Castro Alves; *A José Saramago*, carta incluída no livro *Cartas da Bahia a José Saramago*, 2022, pela Pontes Editora.

E, mais recentemente, nos brindou com dois verbetes (AMOR e MÃE) no *Dicionário Drummond*, obra organizada por Eucanãa Ferraz e Bruno Consentino, com selo do Instituto Moreira Salles.

Não é difícil perceber, pois, que a mestra dedicada, a educadora visceralmente envolvida com os problemas da formação de novos pesquisadores - por isso mesmo, criou um espaço especial para acolher jovens estudantes sequiosos por sua palavra sábia -, é perscrutadora das coisas terrenas e metafísicas e faz poemas desde o cotidiano, atenta que é ao mundo tão vasto e complexo,

insistindo nas articulações História e Literatura, mas inserindo-se, também, na relação Literatura e Psicanálise, evidenciada por intensa participação em cursos e seminários com foco em dois fundamentais pensadores da Psicanálise: Freud (base da Psicanálise) e Lacan (para quem o inconsciente se estrutura como linguagem).

Múltipla Mirella (aqui, recordo Cecília Meireles “*esta sou eu, a inúmera*”). Plural de eus. Plural de encantos. Mirella recusa-se a contar/cantar apenas um recorte ou fragmento do mundo. Mirella/poeta, “aquele que faz”, é poeta dos sentidos, poeta da história e do social, poeta da brasilidade, poeta de além-fronteiras - poeta do humano amor. Desse modo, Mirella, com estilo pessoal e linguagem própria, crítica na trilha barthesiana, busca seu próprio discurso e nele se exercita.

No acesso à memória afetiva e poética, lembro das palavras de Myriam Fraga, no prefácio ao livro *Curso das Águas*, com relação à poesia de Mirella, que despontava com vigor e força poética: “A relação de Mirella com as palavras é uma relação carnal, plena e absoluta. Intimidade de pele contra pele”. Mirella escreve com o corpo, acentuava Myriam, “há entre ela e as palavras um pacto de luxúria, um íntimo contato. Em sua boca, a sílaba se transforma em carne e sangue, profana eucaristia”.

Sempre atenta à vida sensível e cultural mais ampla, Mirella, que tem intimidade e conforto com a literatura como revolução permanente da linguagem, não abre mão do viés poético e insiste na poesia das cores de vários matizes, poesia musical, poesia dos acordes, poesia dos tons e semitons, poesia do piano, poesia das violas e violinos, poesia dos gestos e das performances, dos volteios e das cirandas. Poesia dos cheiros, dos aromas, poesia de alta expressão visual, poesia do olhar, poesia da voz, poesia da letra (*Área mágica, onde os caleidoscópios inventaram fabulosos mundos geométricos, (...) e as bonecas o jogo do seu olhar*); e como poeta quer que os olhos leiam mais que letras, quer sempre mais tempo para os seus olhos e quer abrir mais e mais os olhos alheios para

que vejam *o denso lago e a terra de ouro*. E mesmo que os lapidários não encontrem em seus olhos nem esmeralda, nem diamante, nem ditosa safira, ninguém passa por sob eles sem se sentir olhado, mirado, tocado e, eu diria até encantado. Mirella bate palmas de alegria e parece uma menina travessa a se deliciar desde a seiva e brisa dos bosques úmidos e seculares de Portugal até o aroma forte dos jambos, cajás e umbus do nordeste brasileiro, com seus *jardins de flores, chácaras largas, com seus perfumes de terra e vento*.

Consciente de sua missão de líder de pesquisas, Mirella não se distancia do real imediato, nem vagueia em busca do sem-contorno, do vago, do indefinido. Ela quer sempre o contato com realidades e suas permanentes adaptações e inserções como instrumento de ressemantização de elementos, que se revitalizam em diversas linguagens como produto de várias vozes. Não silencia Mirella diante de informações distorcidas ou superficialidades. Pelo contrário. Nessas ocasiões, faz seu grito ecoar forte e destecer inverdades sedimentadas. *Não se intimida, pois, diante de uma linguagem velhíssima e que se quer exata*.

Com base em livros, músicas, filmes e sua própria vivência, Mirella compõe um rico arquivo memorialístico, de onde extrai lições, prazeres e dores, fazendo de todas essas linguagens um aprendizado. E aproveita esse aprendizado com lucidez e paixão, organizando uma obra, que foi sedimentada por preciosos diálogos com seus queridos mestres amigos João Luis Lafetá, que teve fundamental importância na trajetória de Mirella, fazendo da escritora uma leitora crítica (orientador do seu doutorado na USP); Alfredo Bosi, que acolheu seu projeto e sua amizade; e Flávio Aguiar que, da Alemanha, onde vive, mantém ativa correspondência com Mirella.

Mirella, que não anda sem flor e sem luar, é um estado de inspiração permanente, sempre vigilante e atenta aos pormenores. Tudo o que imagina, sente, sonha, ganha força através de uma consciência nada “ingênua”, guiada pelo intelecto, onde se dá a experimentação do real. Com frequência, a escritora e Mestra pesquisadora sai de seu casulo, olha-se ao espelho,

desnuda-se, reflete-se e encontra-se com o outro, identificando-se com ele, metamorfoseando-se nesse outro, graças a sua sensibilidade aguçada para a captação do sentimento, essa emoção cristalizada, que é a fonte geratriz de sua obra. Debruçando-se sobre a Poesia e a narrativa, entende Mirella que elas são espaços sígnicos da presença da voz que ressoa de um sujeito sempre outro/outros.

Mirella é considerada cidadã de além-fronteiras, pela inserção de sua pesquisa transfiguradora e pela presença da sensualidade tropical de sua exuberante presença. Cidadã do mundo, canta os lugares por onde anda, suas paisagens, os modos de viver.

Como tecelã de projetos e pesquisas, Mirella redimensiona grandes temas, transfigurando-os e realimentando-os constantemente pelo ritmo de seu olhar especial. A pesquisadora toca fibras sensíveis com seu *metal da fala*, linguagem que flui, que se afirmar tantas vezes tocada, mas que, também, permanece intocada, luminosa que é.

A voz de Mirella, ao mesmo tempo suave e forte, encena humana e verdadeiramente uma vontade de expressão que não finge esgotamento e se expõe gestualmente em breve insinuação de riso que se estende pelos olhos. É uma voz transparente, como a das sereias, onde giram sonhos de cristal. Majestosa, portanto, é essa mulher e o seu canto ambos guardados, quer seja nos vastos corredores da UFBA, na USP, na Biblioteca Nacional de Lisboa, nos Congressos de Viena, Paris, Salamanca, Ilha da Madeira ou simplesmente nas ruas da cidade da Bahia, sua primeira casa.

O escritor, Mirella sabe bem disso, tem necessidade de poder isolar-se, de tomar notas a qualquer hora do dia ou da noite, sabe que o seu trabalho com a linguagem continua muito para além de desligar o computador. A palavra e o olhar atento para as coisas do mundo circundante são fios que se tecem na trama da obra/vida de Mirella Mácia.

Se a ensaística de Mirella se impõe à admiração pela obra construída com reflexão e profundidade analítica, a poesia de Mirella toca-me por conta da densidade de sentimentos, memórias de gestos, risos e lágrimas, sensibilidade de ver.

É com indizível alegria que a Academia de Letras da Bahia recebe você, Mirella Márcia Longo Vieira Lima, nesse dia duplamente comemorativo: o centenário de seu querido pai, Herbert Côrtes Vieira Lima, homem que passou para você, como já foi acima referido, lições de mar, de história e de cinema; e sua entrada nessa Academia de Letras da Bahia, cadeira de número 16, cujo último ocupante, o saudoso confrade João Eurico Matta, homem culto, sensível e cordial, certamente está aplaudindo e piscando com um olho esquerdo e um olho direito em concordância com a acertada escolha que nós, acadêmicos, fizemos, trazendo você para tomar assento na cadeira que ele tão ciosamente ocupou por vários e vários anos.

Seja bem-vinda! A Casa é sua!

Salvador, 22 de março de 2023.

Edilene Matos é ensaísta e professora/pesquisadora da Universidade Federal da Bahia. Doutora em Comunicação e Semiótica/Literaturas (PUC-SP), publicou vários artigos em periódicos, além de livros como: *Castro Alves no folheto de cordel* (1981); *O imaginário na Literatura de Cordel* (1986); *Cuíca de Santo Amaro, ele o tal* (1998); *Minehino Francisco Silva* (2000); *Castro Alves: Imagens fragmentadas de um mito* (2001); *Cuíca de Santo Amaro - O boquirroto de megafone e cartola* (2004); *Ele, o tal, Cuíca de Santo Amaro* (2007); *A mulher e o mito na poética de Guilherme de Almeida* (2011); *Fernando da Rocha Peres: Múltiplos Olhares* (2017). Desde 2017 ocupa a Cadeira n° 13 da Academia de Letras da Bahia.



ERA UMA VEZ UM GAROTO

Discurso de Posse

DÉCIO TORRES CRUZ

Prezados amigos e amigas,

Suponho que todos aqui devam gostar de ouvir histórias e tenho certeza que alguns gostam de escrevê-las, por isso solicito-lhes a gentileza de me emprestarem seus ouvidos por alguns instantes, como pediu Júlio César na voz de Shakespeare, para que eu possa contar-lhes a história de um garoto que hoje se encontra às margens da alegria, sentindo o encantamento da primeira vez do mesmo modo que o personagem rosiano.

História pessoal

Era uma vez um garoto que descobriu o prazer de ouvir e ler histórias começadas com “era uma vez” e nunca mais parou de ler. Nasceu em uma pequena fazenda, na zona rural do interior da Bahia. Com seu irmão Ronaldo, iniciou seus estudos na escola daquela cidade, que foram interrompidos no fatídico ano de 1964 quando ele tinha ainda seis anos, pois sua mãe se mudou com os filhos para Alagoinhas para que eles pudessem continuar os estudos. Sua mãe era uma mulher visionária que sabia da importância da educação para o desenvolvimento da alma humana e para a liberdade do pensamento.

Os irmãos foram matriculados na Escola Brazilino Viegas, o que teria uma importância fundamental em sua formação. Do terceiro até o quarto ano primário, ficou aos cuidados da Professora

Dalva que alimenta a sua curiosidade infantil e o seu gosto pelas artes e pela leitura. Percebendo a sede do garoto por livros, ela o faz descobrir a pequena biblioteca escolar e também a sua própria. Ele, então, encontrou Júlio Verne, Monteiro Lobato e sua obra completa e diversos livros como *A águia de Haia*, sobre Ruy Barbosa, um dos antigos ocupantes da cadeira 22 desta honrosa Casa, hoje representada pelo poeta Cyro de Mattos.

Foi assim que ele conheceu, em edições traduzidas para o público infantil, a maioria dos contos de fada e os clássicos da literatura adaptados para o universo infantil de autores de língua portuguesa, italiana, espanhola, francesa e inglesa, livros que anos depois ele leria na versão completa no original quando se tornaria estudante destas línguas e descobriria que eles não haviam sido escritos para crianças e que ele só conhecia uma pequena parte da história.

Se, por um lado, adaptações de clássicos da literatura para o universo infantil podem fomentar o prazer da leitura e o encontro das crianças com esses textos, por outro lado, elas podem criar a noção de que esses livros contêm o texto integral como originariamente escrito pelo autor. Por exemplo, quantos de vocês aqui sabem que o personagem Robinson Crusóe, de Daniel Defoe, antes de naufragar numa ilha caribenha quando tentava ir à África para comprar escravos, chegou a Salvador trazido por um navio negreiro português e aqui comprou terras para o cultivo de tabaco e cana-de-açúcar e que depois lhe serviriam como fonte de renda após ser resgatado da ilha caribenha e ter retornado à Inglaterra? Em algumas edições infantis, como a de John Lange, as palavras Brasil ou escravo são sequer citadas. O livro é muito mais complexo do que um simples naufrágio e tentativa de sobrevivência numa ilha deserta e descreve a mentalidade imperialista inglesa e o germe do capitalismo encarnados no personagem Crusóe. Outro exemplo: *As Viagens de Gulliver* é uma crítica da política, da moral, e da visão imperialista inglesa pelo irlandês

Jonathan Swift que, desde o início da narrativa, deixa isso claro numa carta ao leitor. Infelizmente, a maioria das adaptações não menciona esses dados e só enfoca o lado aventureiro das histórias. Apesar disso, elas são uma forma de colocar as crianças em contato com parte do enredo dos clássicos. Se elas irão querer ler os textos completos quando adultos, exatamente por já ter tido este primeiro contato na infância ou na adolescência, ou não os lerão por acharem que já os conhecem na íntegra, isso é outra história. Retomemos a história do garoto.

Sua mãe também investia na educação dos filhos e adquiria coleções de livros de matemática e língua portuguesa, pequenas enciclopédias e até mesmo uma coleção sobre psicologia e sexualidade. Seu irmão mais velho que morava no Rio, também enviava livros para o garoto e seus irmãos e ele passou a conhecer outros autores de forma bastante eclética, como Ziraldo e sua bela edição de *Flicts*, Jack London e seu *Chamado selvagem*, J. D. Salinger e *O apanhador em campo de centeio*, *Submarinho Amarelo* dos Beatles etc. Sua curiosidade era alimentada pelo *Livro do Porquê?*, que respondia a muitas perguntas de sua mente inquisitiva. À medida que ia progredindo na leitura, suas irmãs o apresentavam aos clássicos da literatura brasileira que elas haviam lido para a escola, mas também livros de autores franceses como *Os miseráveis*, *O pequeno príncipe* etc. Com a ajuda dos amigos e colegas de sua idade, ia descobrindo a cultura pop através dos gibis, dos filmes de TV e cinema, das coleções de bolso da editora Monterrey, vendidas em bancas de revistas, como 007, FBI, Faroeste, e *Gisele, a espiã nua que abalou Paris*¹, revistas de notícias e entretenimento como *Realidade*, *Fatos e fotos*, *Contigo e Intervalo*. Lia tudo o que lhe caía às mãos e, dessa forma, descobriu todos os personagens do universo de Walt Disney

1 Novela de David Nasser publicada no *Diário da Noite* e reescrita por José Augusto Gueiros e o poeta Augusto Frederico Schmidt.

e outros, como Tarzan, Batman, Superman, Fantasma e tantos super-heróis. Em um caderno, anotava todos os filmes aos quais assistia nas tardes de domingo no cinema onde, nas filas da entrada, costumava trocar gibis e figurinhas com os amigos antes das sessões. O primeiro filme que assistiu foi *Cinco semanas num balão* que, só mais tarde, descobriria que se tratava de uma adaptação de um dos livros de Verne. Enquanto isso, as músicas de Gigliola Cinquetti (do filme *Dio come ti amo*), da Jovem Guarda, da Tropicália e dos Festivais da Canção criavam a trilha sonora de sua história particular. Todo esse universo da cultura pop que o fascinava um dia lhe serviria como objeto e tema de pesquisa e estudo acadêmico.

Eram anos de um governo militar instalado, mas o garoto só se apercebia disso nas filas e marchas diárias na escola para cantar o Hino Nacional em frente ao hasteamento da bandeira e nos desfiles escolares como soldados perfilados nas comemorações cívicas do 7 de setembro. E não entendeu por que ele e todos seus amigos saíram correndo para ir ver o helicóptero no campo de futebol da cidade que havia conduzido o presidente Castelo Branco.

Já adolescente, o garoto lê *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, não mais por simples prazer, mas como leitura obrigatória para os exames que todos estudantes enfrentavam na época. Depois de concluir o 5º. ano sob os cuidados da Professora Marilda e de terem sido aprovados no exame de admissão ao Ginásio, ele e seu irmão ingressam no Centro Integrado Luiz Navarro de Brito, um colégio estadual modelo que era o melhor da cidade, com excelentes professores e uma excelente estrutura física. A presença militar era sentida nos intervalos entre as aulas, marcados pelo toque da música ufanista *Eu te amo, meu Brasil*, gravada pela banda Os Incríveis e muito utilizada nas celebrações da vitória da seleção brasileira da Copa de 1970. Foi nessa escola que ele

começou a estudar inglês. Seu professor Assis incentivava os alunos a cantar músicas nessa língua como forma de aprendizado, principalmente trilhas musicais de filmes de sucesso, como *Midnight cowboy*. Neste período, escreveu seu primeiro poema para uma colega de classe, mas nunca mostrou a ela, que só iria saber de sua existência muitas décadas depois de sua escrita. Talvez influenciado pelos filmes estadunidenses e pela *pulp fiction* que lia, começou a escrever uma história que se passava na cidade de Filadélfia, Estados Unidos, onde nunca havia ido, mas onde sua imaginação o levou. Por coincidência, esta seria a cidade que visitaria anos depois e onde ficaria um mês por conta própria fazendo pesquisa sobre a Pop Art para sua tese de mestrado e onde mais tarde retornaria para passar dois meses como professor visitante e palestrante de um curso de inglês da Universidade St. Joseph's e onde pesquisou sobre o ensino de línguas estrangeiras em diversas escolas daquela cidade. A história escrita num caderno se perdeu com suas mudanças e ele nunca mais conseguiu recuperar o texto detetivesco com ares de espionagem ao estilo James Bond, que é tudo que sua memória consegue recuperar desse enredo.

Aos 14 anos, em 1972, seu irmão Antônio o leva a morar com ele na cidade do Rio de Janeiro. Nas conversas do irmão com amigos, descobre que as pessoas procuradas e com rostos em cartazes espalhados pela polícia política não eram os tais terroristas propagados pela imprensa, mas pessoas que contestavam o regime ditatorial militar. Sua cunhada Sonia emprestou-lhe seus livros em língua inglesa que ela havia lido durante sua infância nos Estados Unidos e outros clássicos da literatura norte-americana no original. Para praticar seu inglês, começa a escrever poemas e alguns contos nessa língua. Seu irmão seleciona livros de sua biblioteca com autores brasileiros e de diversas nacionalidades para que ele lesse. Um dia, entrega-lhe um tijolão, chamado *Ulisses*, na tradução de Antonio Houaiss,

prometendo-lhe uma bicicleta no dia que finalizasse sua leitura. O garoto, infelizmente, não ganhou a bicicleta, mas muitos anos depois, quando fazia doutorado na Universidade de Buffalo, nos Estados Unidos, lia o texto de James Joyce no original e teria o prazer de folhear o manuscrito desse livro a convite de um colega que trabalhava na edição crítica de suas notas na Biblioteca de Livros Raros dessa universidade.

No segundo semestre de 1973, muda-se com o irmão e cunhada para São Paulo onde conclui o 1º. Grau (hoje, Ensino Fundamental). Retornam ao Rio no ano seguinte e ele ganha o prêmio literário da Biblioteca do Ibeu com o texto “Meu personagem favorito na literatura brasileira” ao escrever sobre Emília, de Monteiro Lobato, texto depois publicado no *Informe Acadêmico* desse instituto, sua primeira publicação. Eram tempos da contracultura, de contestação de estruturas arcaicas denominadas de *establishment*; de movimentos libertários e de emancipação da juventude; das lutas emergentes por direitos de negros, mulheres e homossexuais; da cultura hippie e alternativa; da indumentária e filosofia indianas; da alimentação macrobiótica e vegetariana; da música pop, do rock progressivo e da discoteca; do *Pasquim* e da indignação contra o AI-5.

Em 1975 retorna a Alagoinhas onde passa a dar aulas de inglês e conclui o 2º. grau. Após ser aprovado no Vestibular para Letras/Língua Estrangeira, muda-se para Salvador em 1977. E em meio às aulas, passa a participar de reuniões do Diretório Acadêmico e de passeatas contra a ditadura, fugindo de bombas de gás lacrimogêneo e de cassetetes da polícia.

Do prédio da antiga Faculdade de Letras aqui em frente, via a sede desta Academia. Alguns dos seus professores já dela faziam parte, como o saudoso e querido diretor Cláudio Veiga e o seu professor de Literatura Portuguesa, o médico e poeta Hélio Simões, que ocupou a cadeira no. 15 desta casa, sendo depois sucedido pelo também querido jornalista,

escritor e professor de literatura brasileira João Carlos Teixeira Gomes, o famoso Joca. Outros dela fariam parte tempo depois, como o professor e escritor Ruy Espinheira Filho, Heloísa Prates Prazeres, sua professora de Literatura Portuguesa, a saudosa Suzana Alice Cardoso, que foi sua professora das variações históricas do português, e com quem mais tarde, como professor e colega do Instituto de Letras, viria a trabalhar nas edições da Revista *Estudos Linguísticos e Literários* do Programa de Pós-Graduação em Letras.

Também foi aluno da Professora Evelina Hoisel logo nos primeiros anos de estudo, com quem descobriu que os textos traziam sua própria teoria, que a literatura possuía uma teoria fascinante e que os estudos culturais, quando este nome ainda nem existia para nomear uma área, deveriam ser objeto de estudo, aliado aos estudos literários, como pregava Roland Barthes em suas *Mitologias*. Foi com ela que aprendeu não só as teorias clássicas aristotélicas e os conceitos de mimesis e catarse, mas também as premissas do *l'art pour l'art* que questiona a função utilitária da arte, a literatura engajada, a ênfase do *close reading* do *New Criticism* que privilegiava o texto em relação à história e à biografia do autor, preconizando que a obra de arte é um objeto estético autocontido e auto-referencial, o formalismo russo e o estruturalismo francês em voga, a escola de Frankfurt, teorias que já começavam a ser rechaçadas por novas teorias filosóficas, desconstrutivistas e psicanalíticas denominadas de pós-estruturalistas e que depois desaguariam nas teorias do pós-moderno. E descobriu, com a ajuda de Evelina e de Umberto Eco (cuja palestra no Instituto de Letras teve a oportunidade de assistir quando aqui ele esteve e coletou dados para um dos capítulos de *Viagem na irrealidade cotidiana*), que a obra artística era aberta e poderia ser analisada sob qualquer perspectiva que a ela se aplicasse e que a obra assim o permitisse; que havia seres apocalípticos e integrados aos *mass media* e à cultura kitsch;

e que as teorias, como tudo na vida, tem seu tempo de vigência, restando apenas o texto escrito que permanece imutável, embora sua leitura seja mutável, pois cada leitor possui seu próprio universo que leva às diversas interpretações; e que a decodificação e a percepção serão feitas diferentemente com o passar do tempo, das culturas e dos costumes. Aprendeu, ainda, que os poetas são artistas, não somente escritores, mas cineastas, músicos, pintores, escultores, dramaturgos, ensaístas, pessoas *gauche* como Drummond e Marcel Duchamp, esses seres capazes de nos fazer contemplar as coisas e o mundo à nossa volta com olhos de primeira vez, transformando o prosaico no poético ao lidar com a beleza e a força lírica das palavras e imagens e nos apresentar a origem das metáforas, a linguagem em origem como *un coup de dés* e os jogos de Mallarmé, num lance de dados que “jamais abolirá o acaso”; ou de forma brutal que nos atinge como um soco no estômago, como a solidão de Clarice ao carregar a tristeza do mundo em sua hora da estrela ou em raros momentos de felicidade clandestina. Esses seres, comparados a santos e loucos, transmutam um sim em não num mítico “nada que é tudo” pessoano e num ato de catar feijão joãocabralino; e, assim, elaboram uma teoria da criação literária, unindo abstração e concretude no “oco eco” mudo da palavra transmutada em imagem dos irmãos Campos e suas galáxias “de Marte a Eldorado”. Ao aprender sobre crítica e teoria literária, aprendia também a escrevê-las, enquanto um novo mundo de vanguardas, tradição, e talentos individuais se desfraldava à sua frente na busca da essência da poesia de T.S. Eliot e da ficção labiríntica de Borges e seus jardins bifurcantes. E descobria a fascinação da intertextualidade de conhecimentos díspares que uniam a literatura à psicanálise, à história e às outras artes e a relação destas com o cinema e com outros produtos da mídia.

Assistia às aulas dessa professora completamente arrebatado pela beleza poética e extasiado pelo conhecimento profundo

que ela possuía e a forma como transmitia os conteúdos das disciplinas por ela ministradas. Decide, então, que iria se tornar professor universitário e com ela resolveu desenvolver o tema de sua pesquisa de Mestrado, dando continuidade aos estudos da literatura pop por ela iniciados e transformando em estudo uma modalidade literária que se baseava exatamente em produtos midiáticos que tanto o fascinaram na infância, passando, em seguida, aos estudos de adaptação, tradução intersemiótica e aos estudos comparados entre literatura e cinema.

Agradecimentos

Eis que aquele garoto, que deixou de ser menino há tempos, rodou mundo e agora chega a esta academia, não mais para ler ou ouvir, mas para escrever e contar sua própria história, iniciando com “Era uma vez um garoto que acreditou em sonhos e eles se realizaram.” Alguns desses sonhos ele está compartilhando com vocês aqui, hoje. E esta nova história deve iniciar com uma série de agradecimentos. Agradeço aos meus pais, aos irmãos e irmãs e a todos os professores que acreditaram em mim e em minha educação, da escola primária ao supervisor de meu estágio de pós-doutorado. Um agradecimento especial para a querida Evelina Hoisel por tudo o que com ela aprendi como pessoa, aluno e orientando, por sua afável recepção aqui hoje e pela amizade que nos une durante muitos anos, desde que a conheci.

Agradeço, principalmente, aos digníssimos acadêmicos, grandes escritores e artistas por quem nutro a mais sincera admiração. Em especial, a aqueles que aqui me conduziram: Aramis Ribeiro da Costa, por ter acreditado em mim e tido a gentileza de indicar o meu nome para esta Casa. Sem a sua indicação e os votos de vocês todos, eu não estaria aqui hoje; A Gerana Costa Damulákis, que me conduziu a esta sala, e que teve o carinho de fazer leituras cuidadosas de meus livros

com o olhar arguto da resenhista e experiente articulista, mas mantendo sempre a sensibilidade poética de seu olhar crítico que a todos encanta. Ao querido amigo Aleilton Fonseca, antigo colega da Ufba, que tanto tem me apoiando e dedicou parte de seu tempo a escrever o prefácio de meu livro de poemas. A Paulo Ormindio David de Azevedo, Abade Dom Emanuel D’Able do Amaral, Gláucia Lemos, ao presidente Ordep Serra e a todos vocês, agora confrades e confradeiras que apoiaram minha candidatura e confiaram seus votos em mim. Agradeço, ainda, a alguns de meus antigos colegas e contemporâneos do Instituto de Letras que também ocupam cadeiras nesta instituição: o vice-presidente desta Casa, Marcus Vinícius Rodrigues, Carlos Ribeiro, Edilene Matos, e a recém-eleita confradeira Mirella Márcia Longo Viana, amiga de poesia e conversas de bar em noites baianas e cariocas. Além de conhecê-lo como reitor da universidade onde estudei e trabalhei durante anos, João Carlos Salles Pires da Silva foi meu colega de alemão no ICBA e, por coincidência, compartilhou comigo algumas longas horas de voo e animada conversa entre Frankfurt e Salvador quando eu voltava de um curso de aperfeiçoamento da língua alemã no Goethe Institut de Bonn. Outros confrades tive o prazer de conhecer fora do espaço universitário: Florisvaldo Matos me foi apresentado na casa da saudosa Myriam Fraga num jantar oferecido para meu irmão Antônio muitos anos depois de ter com ele estabelecido correspondência, quando enviava artigos e ensaios para serem publicados no caderno cultural do jornal *A Tarde*, por ele editado. Também, neste encontro, conheci Fernando da Rocha Peres e Urânia Tourinho Peres. A afetuosa poeta Myriam Fraga conheci através de meu irmão, tornamo-nos amigos e nos encontramos em diversos eventos na Casa de Jorge Amado ou em outros locais. Jorge Amado e Zélia Gattai me foram apresentados em um encontro deles com meu irmão e depois tive o prazer de ganhar das mãos do próprio

Jorge um de seus livros autografado, *O cavaleiro da esperança*, quando atuei na adaptação de uma de suas histórias, “O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá”, e ele e Zélia foram nos prestigiar em uma das encenações no teatro do ICBA. Cleise Mendes já conheço há muito, pois, além de compartilharmos a amizade de alguns amigos comuns, dividimos a paixão pelo teatro e tive o prazer de assistir algumas peças por ela escritas e traduzidas. Luiz Antônio Cajazeira Ramos conheci no lançamento de um de seus livros e descobri que somos primos. Francisco Senna já conhecia da Associação Cultural Brasil-Estados Unidos, local onde trabalhei. Antônio Brasileiro e Cyro de Mattos tornaram-se meus amigos nas redes sociais após conhecer seus escritos. Tive o prazer de dividir uma mesa em evento cultural na Faculdade Ruy Barbosa com José Carlos Capinam cuja poesia já apreciava nas letras das músicas da Tropicália que eu cantava na adolescência. E antes de ela entrar para esta casa, já conhecia Lia Robatto através de algumas de suas produções artísticas. Agradeço a todos vocês aqui presentes, amigos, autoridades e familiares que se deslocaram até aqui hoje para dividir comigo este momento.

Ser parte de uma academia que tanto orgulha o nosso estado e o nosso país não é simplesmente o reconhecimento de nossa carreira e nossa contribuição para o mundo das Letras, das Artes e da Cultura. Demanda um compromisso com a preservação e a disseminação da nossa cultura, literatura, história, com o fomento da educação e letramento de nosso povo e a consequente contribuição para sua formação cultural e artística. Por isso, agradeço também a todos que aqui se encontram e aos que me precederam nesta Casa e nesta cadeira que hoje tenho a honra e o privilégio de ocupar. Prometo que farei o possível para dignificar o nome de todos vocês e cumprir com dedicação, respeito e distinção os preceitos que regulam esta Academia de notáveis do estado da Bahia.

Histórico da cadeira 19

A cadeira 19 tem como patrono João Maurício Wanderley, o Barão de Cotegipe, cujo título nomeia não só uma rua de nossa cidade, no bairro da Calçada, mas também diversos logradouros espalhados pelo Brasil e tornou-se o nome de um município no Rio Grande do Sul. Filho do capitão-mor João Maurício Wanderley e de Francisca Antonia Wanderley, nasceu em 23 de outubro de 1815 na Villa da Barra do São Francisco, Bahia, quando esta pertencia à Capitania de Pernambuco. Descendente de Gaspar Nieuhoff Van Der Ley, capitão de cavalaria das tropas dos Países Baixos que veio ao Brasil no período das Invasões Holandesas, o Barão de Cotegipe tornou-se personalidade de destaque no Brasil Império. Adentrou a política após graduação pela Faculdade de Direito de Olinda em 1837 e retorno à província natal, tendo ocupado diversos cargos públicos importantes.² Era casado com a filha do conde de Passé, Antônia Tereza de Sá Rocha Pita e Argolo. Em 14 de março de 1860, recebeu o título de Barão de Cotegipe através do decreto de D. Pedro II. Tornou-se conhecido por ter apresentado o projeto do Senador José Antônio Saraiva e ter conseguido sua aprovação como a Lei do Sexagenário³

² Foi curador geral dos órfãos, juiz municipal e juiz de direito da comarca de Santo Amaro e juiz da Fazenda em Salvador. Foi eleito deputado provincial em 1841 e deputado geral em 1842. Em 1848, tornou-se chefe da polícia. Foi nomeado Presidente da Província da Bahia em 1852 pelo imperador D. Pedro II, exercendo este cargo até 1855, quando foi empossado Ministro da Marinha. Exerceu a magistratura até ser nomeado senador pela Bahia em 1856. Foi Ministro Plenipotenciário no Prata e Paraguai (1871-1872) para firmar o tratado de paz e Ministro das Relações Exteriores e Ministro da Fazenda (1875). Presidiu o Conselho de Ministros (1885-1888) durante a aprovação da Lei dos Sexagenários. Em 1888, foi nomeado presidente do Banco do Brasil, função que ocupou até sua morte aos 73 anos de idade.

³ Também chamada de Lei Saraiva-Cotegipe, a lei n. 3.270, de 28 de setembro de 1885.

e também pela oposição à Princesa Isabel e à Lei Áurea. Apesar de ser considerado mestiço, era defensor dos escravagistas. Recebeu diversas condecorações.⁴ Em 1886, tornou-se sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Faleceu no dia 13 de fevereiro de 1889, no Rio de Janeiro. Dentre suas obras escritas, destacam-se: *Revolução da Bahia de 1837* (1837); *Melhoramento do Fabrico de Açúcar* (1867); *Informações sobre o estado da Lavoura* (1874); e *Apontamentos sobre os Limites do Brasil e a República da Argentina* (1882).⁵

A cadeira que leva seu nome teve como fundador Severino dos Santos Vieira. Embora seja bastante conhecido em nossa cidade por nomear um famoso colégio estadual aqui próximo, neste bairro de Nazaré, ele não se destacou como educador, mas como advogado, político e jornalista. Nascido em Vila da Ribeira do Conde, Bahia, em 8 de junho de 1849, faleceu em Salvador no dia 23 de setembro de 1917. Concluiu o Curso Secundário no Colégio São João, em Salvador, e depois estudou Direito na Faculdade de Direito de Recife, seguindo depois para a Faculdade de Direito de São Paulo, formando-se em 1874. Foi juiz municipal por 4 anos e se dedicou à advocacia antes de entrar para a política. Em 1882, elegeu-se deputado provincial, reelegendo-se em diferentes períodos até 1887, tendo sido presidente da mesa neste último ano. Foi eleito deputado para a Assembleia Constituinte de 1891 a 1894, mas não participou da Assembleia. Elegeu-se para o Senado entre 1895 a 1898 na vaga de Manoel Severino que assumiu a Vice-Presidência da República. Em 1898,

⁴ Ordem da Rosa; Ordem do Cruzeiro (dignitário); Ordem Portuguesa da Conceição de Vila Viçosa (comendador); Grã-Cruz da Ordem Belga de Leopoldo; Ordem de Isabel a Católica; Ordem da Coroa da Itália.

⁵ Fonte: “João Maurício de Wanderley, barão de Cotegipe”. In: *MAPA: Memória da Administração Pública Brasileira*. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/ultimas-noticias/660-joao-mauricio-wanderley-barao-de-cotegipe>. Acesso em: 22 dez. 2022.

renunciou ao mandato para assumir o cargo de Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas do Presidente Campos Salles. Foi governador da Bahia no período de 28 de maio de 1900 a 28 de maio de 1904. Após seu período de governo, viajou à Europa para cuidar da saúde.

Ao regressar ao Brasil, reelegeu-se senador federal em 1906 na vaga de Arthur Rios e exerceu seu mandato até 1911, quando perdeu a reeleição para Luiz Viana. Voltou à Bahia e continuou à frente do *Diário da Bahia*, jornal do qual era proprietário, jornalista e redator, fazendo oposição ao governo de J. J. Seabra. Foi um dos fundadores da Faculdade Livre de Direito da Bahia, que aqui se instalou em 15 de abril de 1891, onde ensinou Ciências das Finanças e Contabilidade do Estado, e, em seguida, Direito Civil. Suas publicações se resumem aos *Relatórios* como ministro e às suas *Mensagens* como governador.⁶

O sucessor de Severino Vieira foi Arlindo Coelho Frago- so, o organizador da Academia de Letras da Bahia. Ao escolher pessoalmente os 40 imortais, Frago- so não incluiu seu próprio nome e para que o próprio fundador não ficasse de fora da nova organização, foi criada provisoriamente a cadeira de no. 41, que existiria somente até o seu falecimento. Após a morte de Seve- rino Vieira, a cadeira temporária foi extinta e Frago- so passou a ocupar a cadeira 19.

Filho de Antônio Coelho Frago- so e de Bernadina de Sena e Silva, nasceu em Santo Amaro, Bahia, em 30 de outu- bro de 1863. Fez os estudos primários em Portugal e quando retornou a Salvador, estudou no Colégio Alemão e no Colé- gio Sete de Setembro. Formou-se em Engenharia Civil e em

⁶ Fontes: CASTRO, Renato Berbert de. *Os fundadores da Academia de Letras da Bahia*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, EGBA, 1998; BRASIL. Senado Federal. “Senadores: Severino Vieira.” Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/2235>. Acesso em: 22 de dezembro 2021.

Matemática na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde estudou de 1881 a 1886. Nesta época, colaborou na *Gazeta da Tarde*, sob a direção de José do Patrocínio. Retornou à sua cidade natal e fez concurso para professor da Escola Agrícola da Bahia em São Bento das Lages, defendendo a tese *Estudos sobre a Análise Cinemática*. Proclamada a República, principiou sua vida política, tomando posse como conselheiro e intendente municipal de sua cidade natal em 25 de abril de 1896. Foi nomeado diretor da Secretaria da Agricultura, Viação, Indústria e Obras Públicas da Bahia no final do governo de Rodrigues Lima (1892-1896). Fundou o Instituto Politécnico em 1886, e em 14 de março de 1897, a Escola Politécnica, da qual foi um dos professores e também seu diretor.

Foi também diretor e proprietário do jornal *Comercial de Santo Amaro*, entre 1890 e 1895. Colaborou no jornal *A Maçonaria*, de 1901 a 1902, e foi redator do *Correio da Tarde*, de 1902 a 1903. Colaborou em outros jornais e revistas, usando o pseudônimo de Davis. Foi Fiscal da Prefeitura junto à *Compagnie d'Éclairage* (companhia responsável pela iluminação a gás da Bahia, que teve um caso forense abordado por Ruy Barbosa intitulado “Luz e Energia Elétricas. Privilégio da Compagnie d'Éclairage de Bahia”) e publicou o livro *Minhas opiniões sobre a “Éclairage”* em 1906. A ele é atribuído o sucesso alcançado pela Bahia na Exposição Nacional de 1908, durante as comemorações do centenário de abertura dos portos às nações amigas no Rio de Janeiro, para onde se mudou e trabalhou como engenheiro consultor das Estradas de Ferro Nordeste do Brasil, Vitória a Diamantina e Goiás.

Quando J. J. Seabra foi eleito governador, Arlindo Fragofo retornou à Bahia com ele para assumir o posto de Secretário Geral do Estado de 1912 a 1916. Representou também a Bahia no 3º Congresso de Instrução, reunido em Salvador em 1913. Fragofo foi responsável pelo sucesso do primeiro governo de J. J. Seabra, fato que não se repetiu no segundo mandato (1920 a 1924). Em 7 de março de 1917, no governo de Antônio Ferrão Moniz de Aragão

(1916-1920), fundou e organizou esta honrosa Academia de Letras da Bahia, com o apoio decisivo do governador e também de Francisco Xavier Ferreira Marques, conhecido como Xavier Marques, o mais representativo escritor baiano radicado em sua terra. A escolha do dia da fundação teve por objetivo conectá-la à primeira Academia de Letras fundada no Brasil, a Academia Brasílica dos Esquecidos, instalada na Bahia em 7 de março de 1724 que durou apenas dois anos, sendo depois recriada e nomeada Academia Brasílica dos Renascidos em 6 de junho do ano de 1759, que não chegou a durar um ano, tendo sido extinta com a prisão do seu idealizador e diretor perpétuo, que fora condenado por não ter cumprido as ordens secretas que recebera para perseguir os jesuítas.⁷

A escolha dos novos imortais baseava-se em dois critérios: primeiro, a estrita isenção política, religiosa e filosófica; o segundo seguia o exemplo da Academia Brasileira de Letras e da Académie Française, cuja agremiação de intelectuais poderia abrigar, além de literatos, personalidades de destaque em outros campos. Foi assim que políticos como J. J. Seabra, Antônio Muniz e Severino Vieira puderam conviver com homens de letras como os romancistas Xavier Marques e Afrânio Peixoto e o poeta Artur Sales.

Fragoso foi sócio do Clube de Engenharia e da Sociedade de Geografia da capital federal. Elegeu-se deputado federal para duas legislaturas, entre 1918 a 1922. Neste período, mudou-se novamente para o Rio de Janeiro, onde veio a falecer em 6 de janeiro de 1926. Casado com Jesuína Gomes Guimarães, teve três filhos. Suas principais publicações são: *Escola Agrícola da Bahia; Dois mundos* (1893), *Instrução popular; Seguro sobre a vida; Notas econômicas e financeiras* (1916) e *O espírito... dos outros* (1917). *Águas e esgotos da Bahia; e O Museu Escolar* (s.d.).⁸ Além de nomear uma rua no bairro

⁷ BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira, seguida de uma antologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

⁸ Fontes: CASTRO, Renato Berbert de. *Os fundadores da Academia de Letras da*

de Matatu, na cidade de Salvador, o Instituto Politécnico da Bahia e o CREA o homenagearam com um prêmio em seu nome, o Prêmio Arlindo Fragoso de Tecnologia e Inovação que visa promover mudanças impactantes na sociedade por meio de práticas inovadoras nos projetos de profissionais e estudantes de engenharia.

O 3º. titular desta cadeira, Deraldo Dias de Moraes, nasceu em Salvador no dia 24 de fevereiro de 1896 e faleceu no dia 9 de agosto de 1943. No artigo “A adolescência de Deraldo” para o jornal *O Imparcial* de 29 de agosto de 1943, Evandro Baltazar da Silveira ressalta a sua precocidade e o descreve aos 15 anos como um rapaz bastante avançado para sua idade, tanto fisicamente quanto intelectualmente, destacando o brilho de sua inteligência e como sua voz retumbava nas discussões e debates com os colegas, nas arguições dos professores e nas sessões dos grêmios. Silveira também destaca o seu desalinho e descuido ao vestir-se, com roupas mal-amanhadas, sapatos frouxos, meias trocadas, gravatas tortas e punhos sem botões. Apesar de só estudar para as provas visando notas altas, lia muito e além do exigido pelas disciplinas e programas de curso. Envolvia-se na organização e direção de diversos movimentos e todos os colegas nele confiavam por sua franqueza e irredutibilidade das atitudes. Dos traços de seu caráter, Silveira enfatiza a sua inquietude e impetuosidade, mas também a sua serenidade e a tendência a se tornar, por vezes, fleumático e tristonho. Lafaiete Spínola, também em artigo para o jornal *O Imparcial* nesta mesma data, o definia como um “espírito lúcido, com uma visão geométrica

Bahia. Edição comemorativa dos 80 anos da fundação da Academia de Letras da Bahia. Salvador: EGBA; Secretária de Cultura do Estado da Bahia, 1998. FREITAS, Liliâne de Brito. “FRAGOSO, Arlindo *dep. fed. BA 1918-1923.” *Centro de Documentação da Fundação Getúlio Vargas –CPDOC- FVG»* (PDF). *CPDOCFVG*. Consultado em: 25 de setembro de 2022; Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FRAGOSO,%20Arlindo.pdf>

das coisas a quem não faltava a espiritualidade dos artistas, bastante humano para não assumir atitudes dogmáticas, mas suficientemente culto para não se perder nos transvios de um sentimentalismo desorientador, cultivando os estudos áridos e sérios ao mesmo tempo que se permitia as águas amenas da fantasia” Considera-o um intelectual humanista, um poeta e desbravador dos mistérios da latinidade, que fazia rir com malícia, mas sem maldade, com espirituosidade e graça um seguro tradutor de pensamentos que possuía a propriedade, a sobriedade e a concisão e a boa disposição para a vida do pensamento crítico e a superior interpretação dos homens e das coisas. Spínola acrescenta que ele foi um homem das letras que viveu à margem das letras, sem ter realizado a missão intelectual para a qual não lhe faltavam forças, tendo sacrificado um destino para o qual fora talhado.

O acadêmico Cid Teixeira era quase um garoto quando o conheceu no Ginásio da Bahia, onde Deraldo Moraes era professor e ele aluno, e também no Instituto Histórico onde ambos trabalhavam. No artigo “Um satírico da alta linha”, escrito por Cid Teixeira para *A Tarde Cultural* e publicado em 24 de fevereiro de 1996, o traço satírico e humorista de Deraldo Moraes é bastante ressaltado. Cid Teixeira o compara a Gregório de Mattos e o descreve como pertencente à nobre estirpe da sátira baiana. Cita o discurso de posse de Deraldo Moraes nesta Casa no qual Deraldo faz uso da figura do humorista para se referir a si mesmo, classificando-se como “a encarnação do indesejável, o orgulhoso que ataca os mil pequenos nada que são o fundamento e a garantia da estabilidade do meio social”, “o indiscreto que arranca o manto espesso da aparência de sobre o corpo nu da realidade; é o temerário que ilumina as cavernas da alma, que ninguém quer ver; é o ousado que descobre nos caracteres as falhas e descompassos que se querem ocultos; é, ainda, quem aponta nos fatos as incongruências que se querem omissas. Enfim, o humorista é inteiramente humano”.

Deraldo Dias de Moraes tinha múltiplas habilidades: era um poeta e latinista, professor catedrático de latim no Ginásio da Bahia, médico, doutor em Medicina, diretor do Asilo de Mendicidade de Salvador e do Montepio dos Funcionários Públicos, bibliotecário do Instituto Histórico, administrador público e secretário e diretor da revista da Academia de Letras da Bahia. Seus textos mais conhecidos foram publicados em forma de versos satíricos entre 1925 e 1930 em *A luva*, revista de baixa circulação onde ele assinava a coluna “A bandurra de ferro” com o pseudônimo de Erasmo Junior. Considerado um cronista de nossas letras, escreveu teses, discursos, conferências, relatórios, artigos de jornais, sátiras, epigramas, humorismos e o livro *Sobre poesia e poetas brasileiros*.

Deraldo Dias de Moraes foi sucedido por Guilherme Antonio Freire de Andrade Filho. Godofredo Filho conviveu com ele e em seu discurso de posse destaca um de seus poemas, “Jardim Fechado”, que considera o mais requintado. Godofredo elogia o poeta por ter fugido ao apelo dos chavões do Romantismo e menciona o encantamento sentido pelo simbolismo de outro poema, “Nova Cruzada”.

No poema não publicado “Jardim Fechado”, cujo manuscrito encontra-se nos arquivos de Guilherme Andrade Filho nesta Casa, ele descreve um jardim prometido que irá florir na primavera e por onde sua musa passará com seus lábios vermelhos como as rosas. E conclui a descrição deste espaço idílico com o seguinte terceto:

“Êsse jardim, porém, de almas lembranças ledas
Deserto vulto jamais nas suas alamedas
A sombra deixará por ser vista por mim.”⁹

Guilherme de Andrade nasceu em Salvador no dia 17 de junho de 1887 e faleceu no dia 25 de fevereiro de 1959.

⁹ Ortografia mantida do manuscrito original.

Formou-se Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Bahia em 1909 e ocupou diversos cargos públicos. Foi Promotor Público da Comarca de Laranjeiras, Sergipe e das Comarcas de Monte Santo-Taperoá-Vila Nova da Rainha, na Bahia. Exerceu as funções de Secretário, Assistente, e Diretor Interino do Departamento de Educação, Inspetor Federal do Ensino Secundário e Superior do Instituto Bahiano de Ensino, Colégio Carneiro Ribeiro e Escola de Belas Artes da Bahia; foi suplente do Ministro do Tribunal de Contas, fundador e redator do vespertino *A Tarde*, redator do *Diário da Bahia*, colaborador no *Jornal de Notícias* e *Diário de Notícias*, colaborador efetivo e redator da *Revista Indústria e Comércio* da firma Januzzi & Cia do Rio de Janeiro, sócio da Associação Baiana de Imprensa, sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, fundador e sócio efetivo da Ala das Letras e das Artes da Bahia. Não possui nenhum livro publicado, mas publicou trabalhos em prosa e verso em vários jornais de Salvador (*Jornal de Notícias*, *A Bahia*, *O Norte*, *O Tempo*, *Diário de Notícias*, *Diário da Bahia*, *Gazeta do Povo*) e em diversas revistas do Rio de Janeiro. Em seus arquivos, só encontramos os poemas datilografados “Soneto” e “Jardim Fechado”.

Godofredo Rebelo de Figueiredo Filho foi o 5°. Titular desta cadeira. Nasceu em 26 de abril de 1904 em Feira de Santana onde iniciou seus estudos e onde publicou seus primeiros trabalhos em jornal local aos 12 anos. Além de exímio poeta, era excelente pintor. Exerceu diversas atividades culturais e de ensino e pertenceu a diversas instituições literárias e científicas, como o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Centro de Estudos Bahianos, União Bahiana de Escritores, dentre outras. Foi professor da Escola Normal de Feira de Santana, na Universidade da Bahia, lecionou as disciplinas Arquitetura no Brasil, na Escola de Belas Artes, e História da Arte Brasileira e Estética na Faculdade de Filosofia. Foi assistente técnico do SPHAN (hoje, IPHAN), perito em artes do MEC, e chefe do 2°. Distrito do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Em 1953 foi indicado

à UNESCO para representar o Brasil no Comitê Internacional de Sítios de Arte e História com sede em Paris, juntamente com o arquiteto Lúcio Costa e o escritor Sérgio Buarque de Holanda.

Seu belo discurso de posse proferido no dia 30 de novembro de 1959 pode ser encontrado na Revista de número 19 e 20 desta Academia. Seus diversos poemas escritos entre 1923 e 1986 e publicados em pequenas edições que se encontravam fora do mercado foram reunidos na coletânea *Irmã poesia* (1987), com apresentação de Edivaldo Boaventura. Eugênio Gomes, um dos autores que escreveu a orelha deste livro, o considera “o legítimo precursor do modernismo na Bahia e um dos melhores poetas brasileiros de sua geração”, descrevendo a sua ambivalência entre o sagrado e o profano como pertinente a um moderno poeta barroco. Assinam também a orelha do livro Augusto Frederico Schmidt e Alceu Amoroso Lima. Schmidt refere-se aos seus apelidos Godô, Godozinho e Godozão como as pessoas o saudavam e ao fato como ele, um moço “civilizado e correto” foi pajeado por Mário de Andrade quando de sua chegada ao Rio na década de 20 e como se manteve fiel aos temas baianos, um “baiano que à força de o ser, universalizou-se”, um ser “tão baiano que é um grande da cultura, de toda a parte”. Alceu Amoroso Lima enfatiza a sua diferença, a extraordinária originalidade de sua poesia sofisticada e fria e dramaticamente sensual, a coincidência de contraste que é a sua marca, e a forma como ele soube imobilizar o tempo e a paixão sem retirar a sua mobilidade.¹⁰ Além desses livros e de poemas esparsos publicados em diferentes jornais, escreveu livros teóricos sobre estética, arte e história.

São várias pessoas importantes que elogiam o poeta e sua obra: Afrânio Coutinho, Gilberto Freire, Manuel Bandeira, Carlos Chiachio, Agripino Grieco, Carlos Drummond de Andrade

¹⁰ FILHO, Godofredo. *Irmã poesia: Seleção de poemas (1923-1986)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Salvador: Secretaria de Estado e Cultura da Bahia/Academia de Letras da Bahia, 1987.

e vários outros. Jorge Amado afirmou que ele era o “poeta principal da Bahia” e no artigo “Godofredo Setentão: Mestre Godofredo”, publicado em *A Tarde* em 27 de abril de 1974, chama-o de “mestre poeta sem idade, moço do brio, senhor da sabedoria dos livros e da sabedoria do povo” e cita elogios de outros poetas como Fernando da Rocha Peres e Odorico Tavares. O seu aniversário de 70 anos e os 38 anos de serviços ao Patrimônio Histórico e Artístico Nacional foram comemorados em artigos de jornais e com homenagens no Conselho Estadual de Cultura, prestadas por diversas pessoas de renome, como o reitor da Ufba Lafaiete Pondé e professores como Thales de Azevedo, Américo Simas, Hélio Simões e pelo escritor Ariovaldo Mattos, dentre vários outros.

Foi amigo de Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Mário de Andrade, Manuel Bandeira e outros escritores responsáveis pela eclosão do Modernismo no Brasil. Carlos Drummond de Andrade dedicou-lhe o poema “A Godofredo Filho”, cujo original encontra-se datilografado e devidamente assinado por ele no arquivo de Godofredo nesta Casa:

Enlaçam-se por um segredo
que é milagre de poesia
o verso de Godofredo
e o fascínio da Bahia.

Com o fervor de quem ama,
essa pauta melodiosa
sobre Ouro Preto derrama
o róseo encanto da rosa.

Assim, ó poeta, iluminas
por tua quente poesia
graças maduras de Minas
e a volúpia da Bahia.

Godofredo Filho faleceu em Salvador, no dia 22 de agosto de 1992. Após seu falecimento, Edilene Matos prestou-lhe uma homenagem com um “Réquiem para Godofredo Filho” na coluna Linha d’Água do jornal *A Tarde* no dia 27 de agosto de 1992, no qual ressalta a sua obra reunida no livro *Irmã poesia* e os elogios recebidos dos poetas Manuel Bandeira e Jorge de Lima, concluindo com o seu poema “Póstuma” de 1986. Em 2005, Zeny Duarte e Lúcio Farias publicaram *O espólio incomensurável de Godofredo Filho: resgate da memória e estudo arquivístico*, com quatorze mil quinhentos e cinquenta itens documentais sobre a vida, obra, pensamento e acervo do escritor-poeta, por ele acumulado durante seus 88 anos, acompanhado de fotos e um CD-ROM com catálogo. Este material está disponível no Catálogo Online do Arquivo Pessoal de Godofredo Filho no site do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFBA.¹¹

E, sobre o meu túmulo, gravaram os homens
esta palavra escarlate como lâmina que o sangue aviva:
– Poeta.

[...]

É belo dormir sob a palavra escarlate
As auroras passarão e, como elas,
as rosas, o azul do céu, as estações, o amor.

Godofredo Filho

Chegamos, agora, a Cid José Teixeira Cavalcante, o sexto ocupante desta cadeira e o nobre historiador que me precede. Infelizmente, não temos registro do seu discurso de posse, pois o professor Cid Teixeira preferiu que ele não fosse publicado devido a sua discordância com o discurso de recepção proferido por Renato Berbert de Castro, conforme relato do confrade Aramis Ribeiro Costa. Mas ele deixou uma grande obra da qual podemos falar.

¹¹ <http://www.webgodofredofilho.ufba.br/>

Como resumir a vida e a obra de pessoa tão ilustre? Não tive o privilégio de ter sido seu aluno ou de tê-lo conhecido pessoalmente, mas sei da sua importância e de sua vasta obra, da qual li alguns exemplares. Tive a oportunidade de assistir com admiração as demonstrações de sua fantástica memória nas entrevistas constantes que dava ao vivo para a televisão, o que o tornou uma espécie de pop-star da cultura local, inclusive estrelando comerciais na televisão, como afirmou James Martins no Jornal *Metrópole* em matéria de 12 de novembro de 2020, enfatizando que a Bahia precisa lembrar o nome desse grande historiador.

Como ele próprio comenta no documentário “Cid Teixeira, a enciclopédia da Bahia”, Cid José Teixeira Cavalcante nasceu na Ilha de Maré, pertencente ao município de Salvador, Bahia, em 11 de novembro de 1925, embora nos documentos oficiais a data de nascimento conste como sendo 11 de novembro de 1924.¹² Era o filho mais velho de José Teixeira Cavalcante e Cidália Teixeira Cavalcante. Perdeu o pai aos 9 anos de idade. Sua mãe casou-se depois com Francisco da Conceição Menezes, um advogado e eminente professor de História do Brasil no Ginásio da Bahia, onde também foi diretor, e História da Arte na Escola de Belas Artes. Ocupou o cargo de primeiro secretário do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Seu padrasto, que se tornaria nome de rua no Rio Vermelho e de dois colégios estaduais, um no Cabula aqui em Salvador e outro em Santo Antonio de Jesus, muito contribuiu para sua formação acadêmica e o influenciou na escolha de sua futura profissão. Cid estudou na Escola Visconde de São Lourenço e depois no Ginásio da Bahia,

¹² O *Anuário da Academia de Letras da Bahia* (Salvador: Quarteto, 2011. p. 100) fornece essa informação, mas trocou o mês de nascimento de novembro para outubro. A data correta é fornecida pelo próprio Cid Teixeira no vídeo: GAGUINHO, Roberto. *Cid Teixeira, a enciclopédia da Bahia. Documentário*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gjFL-F3bgeA>. Acesso em: 24 março 2023.

onde seu padraсто ensinava. Foi funcionário do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia como pesquisador e copista de documentos. Lá, dedicou-se à pesquisa e ao estudo de História.

Ainda antes de se formar, ensinou história no ginásio do Colégio São Salvador, na Barroquinha, em 1946, e, neste mesmo ano, foi admitido como auxiliar de ensino na cadeira de História da Arte pela Escola de Belas Artes da UFBA e seguiu a carreira de professor. Em 1948, graduou-se Bacharel em Direito pela Universidade Federal da Bahia, profissão que exerceu esporadicamente, tendo preferido abraçar o magistério. Em 1949, foi aprovado em concurso de professores da rede estadual de Ensino Secundário. Lecionou no Instituto Central de Educação Isaías Alves e no Colégio Estadual Severino Vieira, e também na rede particular de ensino, no Colégio Brasil e como professor convidado do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Foi livre Docente na Universidade Federal da Bahia no Departamento de História, e lecionou História na Escola de Belas Artes, na Faculdade de Arquitetura, na Faculdade de Ciências Econômicas e no Instituto de Ciências Sociais. Lecionou, ainda, desde 1949, na Universidade Católica de Salvador, nas faculdades de Filosofia e Direito e na Escola de Serviço Social.

Em 5 de julho de 1950, casou-se com Expedita Madalena de Oliva, colega da faculdade com quem viveu até a sua morte em 2000. Em 1990, foi convidado a dirigir a Fundação Gregório de Mattos e implantou o Serviço de Rádio Educação do Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia. Atuou em diversos cargos de chefia da Secretaria de Educação do Estado da Bahia e como secretário geral e diretor regional substituto do SENAC. Foi presidente da Associação de Professores do Estado da Bahia, diretor do Patrimônio da Prefeitura Municipal do Salvador, e presidente da Fundação Gregório de Mattos.

A sua predileção pela comunicação e pela linguagem do rádio sempre foi destacada, como ele próprio descreveu na crônica “O puladinho”, no livro *Histórias: minhas e albeias*, no qual

menciona o preconceito com que alguns colegas da UFBA consideravam essa sua preferência, chamando-o de *speaker*, palavra inglesa que, dentre outras acepções, significa “locutor”. Neste texto, lembra como uma de suas ouvintes confessou o seu gosto por uma das músicas clássicas que ele colocava no intervalo de suas falas no rádio, descrevendo a Suíte Quebra-Nozes de Tchaikovsky como “um puladinho bacana”. Esse seu amor pelo rádio foi também enfatizado no discurso do confrade Aramis Ribeiro Costa intitulado “Discurso do Radialista: Homenagem a Cid Teixeira” que será publicado no nº 61 da Revista da Academia de Letras da Bahia. Neste texto, Aramis traça uma pequena história do rádio na Bahia e chama Cid Teixeira de “Google baiano” pelo seu vasto conhecimento de múltiplos assuntos sobre a história da Bahia que demonstrava em seus programas “Pergunte ao José” da Rádio Cruzeiro e “Enciclopédia Cultura” da Rádio Cultura. Como destaca o “Blog das Vidas” no site da Associação Baiana de Imprensa, são muitos os nomes usados para se referir ao historiador, professor e intelectual Cid Teixeira: Mestre, Memória eterna da Bahia, Senhor História e agora acrescenta-se Google baiano.

Em 1975, Cid Teixeira conduziu um programa de rádio para o IRDEB, intitulado “Toponímia da Cidade do Salvador”, cujas gravações em áudio foram décadas depois reaproveitadas e misturadas a imagens de arquivos da TV e transformadas em vídeos curtos para celebrar os quarenta anos da Rádio Educadora FM, hoje disponíveis no Youtube.

Desde sua adolescência, ele atuou como jornalista em diversos periódicos de Salvador, com passagem pelas redações do *Diário da Bahia*, como colaborador do jornal *A Tarde*, como editorialista do *Jornal da Bahia* e como redator-chefe do jornal *Tribuna da Bahia*. Conhecido por sua solicitude com todos que o procuravam, sua mente brilhante era constante fonte de informação para jornalistas e estudantes. Sua contribuição intelectual e científica foi reconhecida com duas importantes honrarias:

em 1992, foi condecorado com a medalha Tomé de Sousa, concedida pela Câmara Municipal de Salvador; e a Comenda 2 de Julho, concedida no dia 13 de dezembro de 2013 pela Assembleia Legislativa da Bahia. Desde 1993, Cid Teixeira ocupava a cadeira de número 19 desta Academia de Letras da Bahia até o seu falecimento no dia 21 de dezembro de 2021. Sua obra inclui uma série de artigos, livros e revistas publicados individualmente ou em coedição, vários deles dedicados à História da Bahia.¹³

Desses livros, destaco *Histórias: Minbas e Albeias*, livro já citado, onde o grande mestre inaugura um novo gênero, misto de anedotas, memórias, causos, contos, crônicas e História, narrando, de forma bem humorada e divertida, passagens pitorescas de sua vida envolvendo personagens famosos ou pessoas comuns. Em “A poesia e o poeta”, chega a ensaiar uma teoria literária sobre a beleza lírica da fala de um louco, que ele classifica como “poesia espontânea”. Como ele nos descreve, quando foi atuar como advogado, coisa que fez fortuitamente e por pouco tempo, na casa de doentes mentais Sanatório Bahia no Largo da Lapinha, enquanto todos esperavam a comida do almoço num sol de meio-dia, um dos internos diz para ele: “- Moço, vamos quebrar o sol para fazer pirão de sombra?”

¹³ *Salvador, história visual*, em 10 fascículos (2021); *História da energia elétrica na Bahia* (2005); *Salvador: Uma viagem fotográfica* (2017); *História do Petróleo na Bahia* (2010), com Daniel Rebouças Carvalho e Fernando Oberlander; *Histórias: Minbas e Albeias* (2002); *Barlaeus e seu livro* (1998); *Mineração na Bahia: ciclos históricos e panorama atual* (1998); *Nordeste histórico e monumental* (1991), com Clarival do Prado Valladares, Kátia do Prado Valladares e Marcos Antônio do Prado Valladares; *Bahia em tempo de província – série cultura baiana*, v. 4 (1986); *Companhias de comércio: reflexos do mercantilismo no Brasil* (1959); *Contribuição ao estudo dos morgados em Portugal e no Brasil* (1953); *Posse e uso da terra*. Coleção *Projetos urbanísticos integrados* (1978), coordenado por Cydelmo Teixeira; *Um depoimento diplomático: Correspondência do Cônsul Americano 1821-1825* (1951); *História da Armação* (s. d.); e *Caminhos, Estradas e Rodovias* (s. d.); publicou, ainda, “As grandes doações do 1º governador. Terras do Rio Vermelho ao Rio Joanes: Conde da Castanheira, Garcia D’Ávila e Senado da Câmara” no 3º. capítulo do livro *A Grande Salvador* (s. d.).

frase que ele acertadamente considera poesia pura. Neste sentido, sem mencionar Freud, ele repete a sua teoria dos artistas criativos e sua proximidade com a loucura.

Em “Fatias de emoção”, ele nos conta de como, um dia, o famoso fotógrafo Pierre Verger chegou em sua casa extremamente triste, dizendo estar sem comer há três dias. Rejeita a comida que lhe oferecem e diz estar com saudade de uma comida chamada *Pain perdu*, que literalmente se traduz como “Pão perdido”, que sua mãe costumava fazer quando era pequeno e que ninguém hoje sabe mais fazê-la. Ao descrever a comida para a esposa de Cid, ela anota os ingredientes descritos por Verger e descobre que se tratava de fatia de parida. Vai à cozinha, prepara a comida e quando Verger começa a comer, cai no choro feito criança ao sentir de novo o gosto perdido de sua infância.

Já em “Bronze itinerante”, ele narra diversas histórias curtas em uma: da abertura da orla marítima de Salvador de Amaralina a Itapuã; de como o nome Piatã passou a denominar um de nossos bairros por causa de uma placa de fábrica de subprodutos do coco; e a história do busto de Otávio Mangabeira colocado na primeira etapa da obra em Amaralina que sumiu. Também menciona o furto de outros monumentos da cidade. Relata que, quarenta anos depois do ocorrido, um negociante de sucata amigo seu lhe telefona e diz que havia comprado caçambas de ferro-velho e que no meio havia vindo um busto que ele não queria derreter e pede ao historiador para ir vê-lo. Quando Cid se depara com o busto de Otávio Mangabeira, seu amigo pede para lhe dar um destino. Temendo que a escultura fosse novamente roubada, Cid sugere a esta Academia que a acolhesse. Hoje, o busto se encontra em seu jardim e pode ser visto por quem a frequenta.¹⁴

¹⁴ Depois das recentes invasões seguidas de roubos de objetos de bronze do interior desta Casa, é difícil dizer se os bustos do jardim ali estão realmente protegidos.

Assim, neste livro, Cid Teixeira desafia vários casos interessantes e divertidos de seu cotidiano que tanto englobam pessoas desconhecidas quanto figuras históricas notáveis, demonstrando sua verve narrativa de historiador e ficcionista.

Do presente ao futuro

Agora retornamos ao presente, com o nosso olhar voltado ao futuro. Ao fazer este breve histórico sobre os que me antecederam nesta cadeira, descubro que essa é a imortalidade à qual se atinge ao se ingressar nesta casa, a promessa de sermos sempre lembrados por aqueles que nos sucedem. Vários escritores vêm se debruçando sobre o tema da imortalidade há muito tempo, desde a obra de ficção mais antiga, *A Epopeia de Gilgamesh*, poema épico da literatura suméria de 2000 a.C., passando pelos mitos da Grécia clássica, discussões religiosas e filosóficas sobre a imortalidade da alma, lendas medievais arturianas e fáusticas, percorrendo o gênero gótico romântico de *Frankenstein* e *Drácula*, até os contemporâneos gêneros de horror, fantasia e ficção científica que geraram obras sobre mortos-vivos, zumbis, reencarnação, não-morte, e-mortalidade, a imortalidade eletrônica e tecnológica, nanorrobôs, o congelamento criogênico, eugenia, e sobre a imortalidade digital do universo *cyberpunk* onde a consciência humana é transferida para máquinas.

Na Renascença, o escritor William Shakespeare destacou, em alguns de seus sonetos, a imortalidade atingida quando geramos filhos ou obras, prevendo, de certa forma, sua própria imortalidade ao mencionar aquela alcançada por personagens ao serem eternizados em arte e em verso, como no final do soneto XVIII:

But thy eternal summer shall not fade,
Nor lose possession of that fair thou ow'st;
Nor shall death brag thou wander'st in his shade,

When in eternal lines to time thou grow'st:
So long as men can breathe or eyes can see,
So long lives this, and this gives life to thee.

Como professor de literatura e tradução que fui durante muitos anos, fico inclinado a oferecer as diferentes versões que encontrei destes versos, como fazia com meus alunos, para que vocês escolham a que mais lhes agrada. Apresento-lhes apenas duas. Na tradução de Ivo Barroso, este soneto, soa assim:

Só teu verão eterno não se acaba
Nem a posse de tua formosura;
De impor-te a sombra a Morte não se gaba
Pois que esta estrofe eterna ao Tempo dura.
Enquanto houver viventes nesta lida,
Há-de viver meu verso e te dar vida.

Já na tradução de Bárbara Heliodora, soa desta forma:

Mas em ti o verão será eterno,
E a beleza que tens não perderás;
Nem chegarás da morte ao triste inverno:

Nestas linhas com o tempo crescerás.
E enquanto nesta terra houver um ser,
Meus versos vivos te farão viver.

E assim vamos chegando ao final deste discurso, amigos, e desculpo-me se os cansei com a minha retórica discursiva. Tudo isso foi escrito para chegar aqui, neste ponto onde o ontem e o agora se encontram nesta transversal do tempo, onde verdadeiras bifurcantes se juntam para celebrar o passado e o presente, antevendo o futuro que nos aguarda e, de longe, nos espreita. E para falar desse futuro, lembro-me de um poema de Robert Frost,

poeta estadunidense, que escreveu sobre um sujeito que um dia para sua charrete no meio da floresta e se pergunta de quem seria aquela mata coberta pela neve, que não estava ali naquele momento sagrado para admirar a beleza sublime daquele espetáculo da natureza enquanto sua mata se enche de neve. Ao perceber que seu cavalo estranha aquela parada no meio do nada, o poeta conclui:

The woods are lovely, dark and deep,
But I have promises to keep,
And miles to go before I sleep,
And miles to go before I sleep.

Encontrei quatro traduções diferentes deste poema. Começo pela versão de Fábio Malavoglia:

Umbrosas matas que ora abandono,
Fugir às juras eu não tenciono,
E há muito a andar antes do sono,
E há muito a andar antes do sono.

O poeta Rodrigo Madeira, que não ficou satisfeito com uma única tradução, apresenta-nos duas versões. A primeira:

Bela é a floresta, sem fundo ou luzir,
Mas eu tenho promessas a cumprir,
E milhas que andar antes de dormir,
E milhas que andar antes de dormir.

E a segunda:

Escura, funda, bela é a mata,
Mas trago a palavra empenhada
E, antes que eu durma, há tanta estrada.
E, antes que eu durma, há tanta estrada.

Encerrou com a tradução de Jorge Wanderley:

O bosque escuro e fundo é bom de ver,
Mas eu tenho promessas a manter,
E há que andar muito, antes de adormecer,
E há que andar muito, antes de adormecer.

Esses exemplos de tradução não só comprovam a potência polissêmica da palavra e da poesia, como também o caráter criativo e inesgotável da tradução, que, com seus ganhos e perdas e as tentativas de se atingir a perfeição, permite que as literaturas de diferentes povos atravessem fronteiras sem barreiras linguísticas. E da metáfora desses versos, retiro um compromisso que aqui assumo, nesta bela floresta de ilustres desta Casa: com promessas a cumprir antes de dormir e com a palavra empenhada por esta nova estrada, pois, antes do sono, fugir às juras eu não tenciono, de honrar a memória de todos que me antecederam, e dignificar todos vocês que aqui se encontram e que em mim depositaram sua confiança. Prometo dar continuidade ao honroso trabalho que aqui vem sendo desenvolvido desde sua fundação em 7 de março de 1917, nesta instituição que “tem por objetivos o cultivo da língua e da literatura nacionais, a preservação da memória cultural baiana e o amparo e estímulo às manifestações da mesma natureza, inclusive nas áreas das ciências e das artes” como está descrito em seu estatuto.

Somos os afortunados *happy few*, sobreviventes de uma pandemia que dizimou a vida de milhões de pessoas no mundo e de um pandemônio que se instalou em nosso país e no globo. Vivemos “a era do frágil”, como Florisvaldo Mattos intitulou meu primeiro texto sobre o pós-moderno, publicado em *A Tarde Cultural* na década de 1980; a era do pós-tudo onde o lixo vira luxo e damos vivas à vaia, como poetizou e profetizou Augusto de Campos; a era da pós-verdade sob o império do *fake*, do falso,

da mentira, do simulacro, quando uma teoria e a ficção de bravos e admiráveis novos mundos distópicos como *Blade Runner* e *1984* se concretizam da maneira mais absurda e inimaginável até mesmo para Aldous Huxley, Phillip K. Dick e George Orwell. *A revolução dos bichos* se instaura não mais como ficção científica, mas como uma apavorante realidade.

Nesses momentos, a instrução, a educação, a razão e o bom senso fazem-se urgentes na luta contra a ignorância, e os intelectuais desta terra e desta academia não se omitiram. Mesmo antes de minha posse, fui convidado pelo nosso presidente Ordep Serra a comparecer aqui nesta sala a um ato em prol da democracia, uma instituição milenar maior e muito mais antiga do que a nossa, para defender valores que parecem óbvios e que deveriam estar acima de qualquer tendência ideológica, mas que andaram ameaçados, como a liberdade de expressão, o respeito às diferenças de todos os tipos e os valores nobres que devem nortear as artes e os artistas em defesa da justiça e de um país digno para todos nós e para a posteridade, demonstrando que esta Casa continua cumprindo o seu papel.

Caros amigos, quando olho para trás e vejo todos os sonhos que aquele menino que amava ler e ouvir histórias um dia quis realizar, identifico quantos realizou e descubro que ele só tem a agradecer a todas as pessoas que um dia cruzaram o seu caminho e junto com ele andaram e o ajudaram em sua caminhada. Devo reconhecer essa magia de poder sonhar e realizar sonhos que antes pareciam tão longínquos e impossíveis, mas nos quais ele acreditou e deles foi atrás com afinco, perseguindo-os com muito trabalho, esforço e perseverança, deparando com alguns momentos difíceis e outros muito felizes. Tudo isso me faz lembrar do poema “Dreams”, de outro autor estadunidense chamado Langston Hughes, que diz:

Hold fast to dreams
For if dreams die
Life is a broken-winged bird
That cannot fly.
Hold fast to dreams
For when dreams go
Life is a barren field
Frozen with snow.

Aqui vou me ater à tradução de Débora Landsberg:

Agarre-se aos sonhos
Pois se os sonhos morrem
A vida é pássaro de asa quebrada
Sem revoada.

Agarre-se aos sonhos
Pois quando os sonhos escapam
A vida é terra aniquilada
Pela neve congelada

Portanto, meus amigos, segurem bem os seus sonhos, não os deixem ir embora, nunca deles desistam para não transformarem suas vidas em um campo estéril, pois, como pergunta esse mesmo poeta em outros versos de “Harlem” sobre o que pode acontecer a um sonho preterido: “um sonho preterido pode ressecar como uvas ao sol, infestar-se como chaga e pústula, e depois explodir?”.¹⁵ Não deixem que isso aconteça aos seus.

15 **Harlem** / What happens to a dream deferred? / Does it dry up / like a raisin in the sun? / Or fester like a sore— / And then run? / Does it stink like rotten meat? / Or crust and sugar over— / like a syrupy sweet? / Maybe it just sags / like a heavy load. / *Or does it explode?* HUGHES, Langston. “Harlem”. In: *Poetry Foundation*. Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poems/46548/harlem>. Acesso em: 27 out. 2022.

Acreditem neles e os tornem reais, pois hoje, aqui e agora, vocês presenciam a concretização de mais um sonho. E que venham novos sonhos e muitas realizações pela frente, para todos nós. Boa-noite e muito obrigado!

Salvador, 14 de abril de 2023.

Décio Torres Cruz é escritor, crítico literário, poeta, pesquisador e professor universitário aposentado da Ufba e da Uneb. Foi eleito para a cadeira 19 da Academia de Letras da Bahia em 11 de agosto de 2022. Ocupa a cadeira 2 da Academia Contemporânea de Letras de São Paulo. Ph.D. em Literatura Comparada pela State University of New York em Buffalo, EUA, mestre em Teoria da Literatura, especialista em Tradução e bacharel em Letras/Língua Estrangeira pela UFBA. Fez pesquisa pós-doutoral em Londres, na Inglaterra. É autor dos livros: *Histórias roubadas* (2022), *Paisagens interiores* (2021), *The Cinematic Novel and Postmodern Pop Fiction* (2019); *Literatura (pós-colonial) caribenha de língua inglesa* (2016); *Postmodern Metanarratives: Blade Runner and literature in the age of image* (2014), dentre outros livros didáticos e teóricos. Desde 2023 ocupa a Cadeira n° 19 da Academia de Letras da Bahia.



DISCURSO DE RECEPÇÃO A DECIO TORRES CRUZ

EVELINA HOISEL

Acadêmico Décio Torres Cruz:

Hoje participamos de um dos rituais mais importantes dessa Casa, solenidade em que a Academia de Letras da Bahia acolhe a chegada de novo confrade ou nova confreira e dá continuidade, através desse ritual, a sua própria história. Uma história pautada pela preservação da memória dos que aqui se adentram e, extensivamente, à memória da literatura e da cultura baianas. Se hoje festejamos a sua chegada, Acadêmico Décio Torres Cruz, com ela também evocamos a imortalidade daqueles que ocuparam as cadeiras dessa instituição.

Início minha fala declarando minha emoção ao receber este novo confrade. Esta emoção me transporta para lembranças e me traz a certeza, cada vez mais nítida nas minhas reflexões e no meu sentimento, do valor de estar em sala de aula diante de jovens ávidos de vida e de conhecimento, espantados e entusiasmados por cada gesto, cada palavra proferida, revelando simultaneamente inquietação e encantamento diante das possibilidades de descortinar outros territórios geográficos, institucionais e de saberes na sua própria busca para a construção do conhecimento.

Assim, é com alegria, que hoje, neste discurso de recepção, presto minha homenagem pessoal – além de institucional – a Décio Torres Cruz, ex-aluno e orientando nos idos da década de 1980, que se tornou professor, pesquisador, tradutor,

colega, um intelectual detentor de expressiva e vigorosa obra ensaística com circulação nacional e internacional, além de poeta, ficcionista e hoje, também, confrade! Do ponto de vista pessoal, expressei meu reconhecimento ao orientando que, em suas deambulações teóricas e críticas, soube mobilizar e ampliar com competência um instrumental teórico proposto pela orientadora e utilizá-lo como um produtivo instrumento para as suas investigações literárias e culturais, afirmando assim sua eficácia. Sou grata por essa frutífera e afetuosa interlocução literária, teórica e crítica, querido Décio!

O reconhecimento é um dos valores que fundamenta a existência das Academias. A instituição que hoje o acolhe reconhece seus méritos alcançados ao longo de uma trajetória consistente e diversificada, abraçando e contemplando vários campos do saber. A centenária Academia de Letras da Bahia, ao abrir suas portas para recebê-lo, o distingue por uma vida intelectual construída criativa e laboriosamente. E aqui se encontram acadêmicas e acadêmicos na expectativa de um convívio fraterno e harmonioso.

Confrade Décio Torres Cruz, você chega a esta Casa com um rico traçado intelectual, portando inúmeros títulos, mas traz também a jovialidade e a inquietação que caracterizavam o adolescente que conheci, nascido em Sátiro Dias, filho de Irineu José da Cruz e de Durvalice Torres da Cruz. Menino que, criado na fazenda dos pais até os sete anos de idade, tentava decifrar, perplexo e com desassossego, as transformações culturais que aconteciam no Brasil e no mundo. Pelo rádio, ainda com oito anos, na época residindo em Alagoinhas, uma cidade mais próspera do que Sátiro Dias e onde podia estudar, ouvia a Jovem Guarda, The Mamas and the Pappas, O Calhambeque, o iê,iê,iê e os Beatles. Assistia sem compreender as mudanças de costumes e, atônito, não sabia as razões pelas quais suas irmãs passaram a usar camisa esporte sob a calça Lee. Na televisão em preto e branco da

casa do tio, assistia a trechos de festivais da canção popular com Caetano, Gil, Chico, Gal, Bethânia. E até quis ser artista de televisão, pois adorava o Chacrinha. As bancas de revista estampavam espaçonaves, guerrilhas, caras de presidentes, cardinales bonitas, e os olhos eram cheios de cores...

Mas... para que tantas notícias? Tantos signos a decifrar! Como entender?

Afinal, o que representava tudo isso para um menino criado na fazenda dos pais, vivendo no interior da Bahia, até os sete anos de idade? Que signos eram aqueles que invadiam a imaginação da criança à procura de entendimento? Como dar sentido à intrincada prosa de uma civilização distante e diferente do pacato local onde foi criado, no qual a paisagem somente ganhava uma dimensão colossal através dos olhos e da imaginação? Já distante desse cenário, o menino que se tornou também poeta se transporta para os lugares da infância e constata que as fotos daquelas paisagens tiradas pela criança com a lente da imaginação nunca foram reveladas, e são apenas visagens. É isso que desabafa o eu poético de “Paisagem evanescente” do livro de poemas *Paisagens interiores* (2021)

E lá estávamos nós, eu e o meu irmão,
em meio às ruínas de nossa infância.

[...]

Descemos até o rio onde costumávamos nadar.
Cadê a colina que subíamos antes de chegar ao rio?
Perguntei sem me dar conta que a colina era o montinho
Embaixo dos meus pés cansados de andar.
Tirei fotos e me lembrei de quando via as coisas pela primeira vez
através de olhos pequeninos que ampliavam paisagens.
O rio era agora um riachinho seco,
e se recusava a caber no tamanho da minha memória, ´
transformando minhas lembranças em visagens.

O menino tornou-se adolescente, adulto, passou a residir em grandes metrópoles. Inicialmente, no Rio de Janeiro, estudando no Colégio Anglo-Americano. No Rio, morou com o irmão mais velho, o confrade e grande escritor Antonio Torres e com sua cunhada Sonia Torres, presentes nesta comemoração de uma história compartilhada por laços de saber e de afeto. Certamente esse convívio despertou no irmão mais novo potentes indagações sobre a literatura, a arte, a cultura – a vida.

Posteriormente, em meados de 1973, a família vai morar em São Paulo, outra metrópole, e, nesse cenário cosmopolita, Décio completou o ensino fundamental no Colégio Bandeirantes, voltando ao Rio de Janeiro no ano seguinte. O contexto social e político do Brasil explodia em momentos de trágicas e dramáticas tensões, vivenciadas nos anos sombrios da ditadura militar. O jovem Décio retorna à Bahia e, em Salvador, inicia os estudos universitários, aos dezoito anos de idade. Como estudante da Universidade Federal da Bahia, ingressou no curso de bacharelado em Letras, engajando-se no movimento estudantil, muito atuante naquela época, participando das atividades do diretório acadêmico de Letras. Protestos, passeatas, assembleias, fugas da polícia e do gás lacrimogêneo, atos de denúncia e rebeldia proliferavam nas instituições universitárias, e demarcaram um novo cenário de preparação para a vida intelectual que se iniciava para o estudante universitário.

Cada vez mais inserido na teia dos signos de uma radical revolução cultural – ou contracultural - o desejo de interpretar e de compreender essas transformações mescladas pela festa e pelo caos, pelo luxo e pelo lixo das sociedades industriais torna-se cada vez mais premente. Na introdução do livro *O pop: literatura mídia e outras artes* (2003, 2013), resultante da dissertação de Mestrado realizado na UFBA - livro que se encontra em segunda edição - Décio revela, depois de ter traçado

o percurso biográfico de sua formação que sintetizei acima, a necessidade visceral de adentar-se nas questões literárias e culturais da contemporaneidade como possibilidade de dar sentido ao que não tinha sido entendido na teia de sua vida. Cito sua declaração: “Essa é a razão da escolha do tema desse livro, que é a tentativa de reunir em fragmentos esparsos e estilhaçados de minha vida, que constituem a minha história e que passaram à posteridade como um momento da história do nosso país e do mundo”. (CRUZ, 2003)

Nesta declaração, significativamente retirada de um texto que antecede a introdução de seu livro sobre a literatura pop, coloca-se um dado importante para se retrair o percurso desse intelectual como um estudioso da contemporaneidade, ou da pós-modernidade, embora transitando também por outras épocas: a escolha do objeto de estudo está relacionada às questões que afetaram o sujeito ao longo de sua história, denotando assim o caráter autobiográfico de suas escolhas como pesquisador. Afinal, na sua memória, estão inscritos ícones, imagens, grifes, fetiches, cores reluzentes, sons estridentes da sociedade do espetáculo que a literatura e as artes capturavam, reinscrevendo-os em outros universos linguísticos, exibindo e também denunciando os processos de mercantilização da cultura e da arte.

Além disso, retrair o percurso intelectual do acadêmico Décio Torres Cruz é compreender o caráter nômade do seu saber, do saber contemporâneo e, simultaneamente, conhecer o perfil de uma das tantas configurações do intelectual na cena literária e cultural da atualidade. A construção do conhecimento por esse crítico literário e cultural, ensaísta, pesquisador e professor de língua e de literatura inglesas, tradutor, poeta, contista, além de várias incursões pelo teatro como ator e diretor transpassa múltiplos territórios geográficos, institucionais, de saber. E é importante observar que, desde a infância, esses trânsitos já se apresentavam e se materializavam nas mudanças de locais

onde o menino irrequieto residia e estudava, sempre em trânsitos... geográficos, institucionais e de saber, e já anunciavam os seus caminhos para o mundo! Este traço parece ter repercutido na configuração do projeto acadêmico e cultural do nosso confrade Décio Torres Cruz que, embora tenha eleito o exuberante cenário da cidade de Salvador para sua vida profissional e acadêmica, jamais deixou de mirar outros territórios.

Se observarmos a sua formação como pesquisador, temos uma síntese bastante ilustrativa dessas peregrinações pelo mundo e da fertilidade desses movimentos migratórios para as suas reflexões, resultando no transbordamento de temas, questões teóricas e críticas, para sua obra ensaística - e também a literária - com fortes implicações éticas e estéticas, para o entendimento da contemporaneidade. Destaco: em 1984, viajou para os Estados Unidos para pesquisar sobre arte pop em Nova York e Filadélfia para sua dissertação; em 1994, através do programa de bolsas dos Companheiros das Américas, passou dois meses na Filadélfia como professor residente junto ao curso de idiomas ELS da Universidade St. Joseph's; de janeiro de 1995 a dezembro de 1997, realizou doutorado na Universidade de Buffalo, Nova York, pesquisando sobre as relações entre cinema e literatura; em 2000, recebeu uma bolsa do governo alemão para continuar seus estudos de alemão no Goethe Institut em Bonn; em 2005, como pesquisador convidado, proferiu diversas palestras na Università degli Studi G. d'Annunzio, em Pescara – Itália; entre 2010 e 2011, desenvolveu projeto de pós-doutorado sobre sexualidade e gênero em representações fílmicas da peça *Macbeth*, de William Shakespeare, com bolsa do CNPQ, em Londres, na Leeds Metropolitan University, British Library e Globe Theater na Inglaterra e também na Educational Shakespeare Company (ESC), em Belfast, na Irlanda do Norte. É necessário lembrar que sua atuação como docente e pesquisador foi compartilhada por duas universidades baianas,

até sua recente aposentadoria: inicialmente, a Universidade do Estado da Bahia (em 1984), e em seguida, o ingresso na Universidade Federal da Bahia, sendo aprovado em primeiro lugar em concurso público, em 1992.

Desse modo, na carreira do pesquisador Décio Torres Cruz, observa-se uma atividade que abrange distintas vertentes do conhecimento, contribuindo para pesquisas acadêmicas nas áreas de estudos de adaptação, estudos culturais, análise do discurso, estudos de cinema, literatura, teoria literária, estudos pós-coloniais, estudos shakespearianos, linguística aplicada, línguas inglesa e portuguesa, ensino de inglês metodologia e tradução. Essa diversidade constitui a riqueza da temática registrada nos livros publicados, nos inúmeros artigos e ensaios divulgados em revistas científicas brasileiras e estrangeiras, em suplementos literários nos quais ele tem presença assídua, em conferências e comunicações apresentadas em congressos, nas dissertações e teses orientadas.

Mas também posso antecipar, muitos desses temas invadem o espaço dos contos e dos poemas, mais uma das faces do seu perfil - o de ficcionista e de poeta - revelado recentemente com a publicação do livro de poemas *Paisagens interiores* de 2021, já traduzido para o italiano, e da coletânea de contos *Histórias roubadas* (2022). Com estas recentes publicações, Décio inaugura novos espaços de atuação, presenteando amigos e admiradores, embora textos esparsos já tivessem sido divulgados em jornais, revistas, e coletâneas. Outros livros de ficção estão anunciados: *O mistério do caderno antigo* (contos), *Travessias e viagens* (contos), *A poesia da matemática* (poesia), *Marlin, o peixinho azul* (infantil).

Literatura, artes plásticas, teatro, comunicação de massa, como: cinema, televisão, histórias em quadrinho etc. dialogam e constituem o vasto repertório do primeiro livro de Décio Torres: *O pop: literaturas, mídia e outras artes*. De maneira instigante e apaixonada, Décio percorre as diferentes

vertentes do pop, refletindo como, na ambiguidade constitutiva das inúmeras narrativas estudadas, convivem o fascínio pelo luxo reluzente das mercadorias e a visão crítica dos escritores e artistas que captam os processos de mercantilização da civilização contemporânea.

Esse interesse reflexivo permanece em estudos críticos posteriores que investem nas relações entre literatura e cinema, como em *O romance cinematográfico e a ficção pop pós-moderna: o caso de Manuel Puig* (“*The cinematic Novel and postmodern pop fiction: The case of Manuel Puig*”, publicado em Amsterdã; Filadélfia: John Benjamins/FILM UNESCO, 2019), no qual Décio analisa como a literatura toma de empréstimo técnicas cinematográficas, exemplificando com a obra do escritor argentino Manuel Puig e no *Metanarrativas pós-modernas: Blade Runner e a literatura na era da imagem*. (*Postmodern Metanarratives: Blade Runner and Literature in the Age of Image*. London; New York: Palgrave Macmillan, 2014), um estudo que focaliza os modos através dos quais o cinema é influenciado pela literatura, tendo como amostragem o filme *Blade Runner*. Estes dois livros foram publicados na Inglaterra, Holanda e Estados Unidos e são resultado das pesquisas para a tese de doutorado em Literatura Comparada na State University of New York (SUNY) em Buffalo, nos Estados Unidos.

Além de confirmar a noção do pop como uma categoria literária fecunda para compreender inúmeros textos da literatura contemporânea, esses estudos afirmam a multiplicidade de interesses do pesquisador pelas produções literárias e culturais que circulam e proliferam no mundo globalizado - com ênfase no cinema - estudadas de uma perspectiva inter/multi/transdisciplinar, de viés comparatista, recorrendo a instrumentais teóricos e críticos que caracterizam o campo das ciências humanas e dos estudos culturais e literários na segunda metade do século 20 e início do 21. Além da multiplicidade de produções postas em interlocução, é espanto-

sa a bibliografia mobilizada nesses estudos, não apenas pelo volume de textos analisados, mas também pela atualidade e riqueza do material bibliográfico.

Ainda sobre as relações literatura e cinema, está em andamento a escrita da coletânea de ensaios teóricos *Macbeth: lendo Shakespeare no cinema. (Macbeth: Reading Shakespeare in the movies)*, escrito também em língua inglesa. Embora se trate do estudo de um autor renascentista canônico, o foco da leitura continua sendo o cinema como instrumento de tradução e atualização de uma tragédia clássica para a contemporaneidade. Como coordenador do grupo de pesquisa *Estudos Culturais - cinema, literatura e outras artes*, as obras citadas atestam a fertilidade das questões abordadas.

São múltiplas, pois, as linhas teóricas percorridas por este pesquisador, sempre atento aos temas irruptivos da atualidade. Destaco assim o livro *Literatura (pós-colonial) caribenha de língua inglesa. (2016)*, no qual estuda questões de gênero e identidade na literatura pós-colonial caribenha em língua inglesa, delineando as diferentes vertentes literárias de língua inglesa no contexto contemporâneo. O livro é resultado de pesquisa desenvolvida em parceria entre o Departamento de Germânicas da UFBA e o Departamento de Ciências Humanas da UNEB.

Estas publicações revelam mais um aspecto – e um atributo – do perfil intelectual do acadêmico Décio Torres: o de leitor voraz, apaixonado pela leitura. Leitor de literatura brasileira, de literatura estrangeira, leitor de mídia, leitor de signos da sociedade globalizada, leitor de teorias críticas, leitor da espantosa prosa do mundo, cujos signos são captados nos instantâneos de suas fotografias. Este intelectual nômade, independentemente de seus trânsitos acadêmicos, é apaixonado por viagens e fotografias. Com o olhar indagador e sempre atento aos cenários da natureza e das cidades, flagra também paisagens exteriores e, generosamente, compartilha suas vivências de viajor com seus amigos,

seus leitores e seguidores nas redes sociais – pois Décio é um frequentador assíduo das redes sociais.

São distintas as marcas dessas leituras inscritas no espaço textual de seus contos e poemas. *Nas histórias ronbadas*, os contos trazem uma gama variada de gêneros, estilos e técnicas narrativas, características da literatura pós-moderna e suas vertentes pop e cinemática. Nos vinte e dois contos da coletânea, circulam autores e obras, nominalmente citados: Shakespere, As caçadas de Pedrinho, Peter Pan, Sítio do Pica Pau Amarelo, Alice no país das maravilhas, Edgar Allan Poe, “*A dream within dream*”, “se tudo o que vemos ou parecemos é apenas um sonho dentro de um sonho”; John Lennon, Moby Dick, Melville, Alencar - *O guarani*, Cecília Meireles - *Ou isto ou aquilo*, T.S.Eliot. Alguns contos exigem a participação do leitor no processo narrativo, deixando-o escolher a própria conclusão para o final da estória. Cito, aqui, por exemplo, o conto “O ladrão de histórias”, no qual são propostas cinco possibilidades de desfecho, numa espécie de jogo para armar.

Procedimentos semelhantes podem ser encontrados no livro de poemas *Paisagens interiores*, de 2021, ampliando-se inclusive o repertório de obras e autores citados. Todavia, destaco a presença da música na estruturação do livro, bem como de fotografias autorais do próprio Décio e das ilustrações de Luiz Ramos. Além de referências a canções que aparecem em poemas – como *Aranjuez, mon amour*, *Al di lá* etc,- e do vocabulário da música em títulos - “Fuga em lá maior”, “*Allegro Andante*” -, o livro se organiza em duas partituras. A segunda partitura, “Paisagens noturnas”, compõe-se de três movimentos: prelúdio, *intermezzo* e *finale*. Cadência musical, palavra poética e figuras de paisagens em preto e branco projetam-se no espaço do livro e entrecruzam-se em lúdicos jogos de imagens, sons musicais e textos que solicitam o leitor para entrar no jogo de exibição caleidoscópica de plurais signos que capturam paisagens interiores de um eu poético sempre em movimento – em viagem.

Desse modo, os textos ficcionais atestam a coesão do projeto intelectual do acadêmico Décio Torres Cruz e sua capacidade de articular uma intrincada tessitura de signos numa atuação que lhe possibilita afirmar: “Eu aro campos estrangeiros / e semeio ideias alienígenas no ar” (2021). Não é esta a função da arte e da ciência, acadêmico Décio Torres Cruz?

Por tudo isso, eu o saúdo: Seja bem-vindo, querido Décio, a Casa é sua!

Salvador, 14 de abril de 2023.

Evelina Hoisel é ensaísta, pesquisadora do CNPq, professora titular aposentada da Universidade Federal da Bahia, mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo. Publicou diversos livros e artigos em jornais e revistas especializadas. Desde 2005 ocupa a cadeira 34 da Academia de Letras da Bahia e foi presidente desta Instituição de 2015 a 2019. Desde setembro de 2022, é vice-presidente da Academia de Ciências da Bahia.



DISCURSO DE POSSE

MARIA BETHÂNIA

Minha mãe me deu ao mundo
De maneira singular
Me dizendo uma sentença
Pra eu sempre pedir licença
Mas nunca deixar de entrar

Entro nesta centenária Academia de Letras da Bahia pelo trabalho que faço com a música e com a literatura – com a palavra. Assim, o meu agradecimento, em primeiro lugar, é para os autores, poetas e escritores de um modo geral. A vocês.

Meu agradecimento especial ao senhor Presidente, Ordep José Trindade Serra; ao senhor Vice-Presidente, Marcus Vinicius Rodrigues, à senhora Primeira-Secretária, Heloisa Prazeres e à senhora Segunda Secretária, Lia Robatto. Agradeço ainda aos senhores Diretores da Biblioteca, do Arquivo, bem como aos demais senhores Diretores e Conselheiros.

Se hoje sou acolhida nesta casa, devo isso, em primeiro lugar, à indicação do meu nome por um grupo de acadêmicos que teve à frente o professor da Universidade Federal da Bahia, e compositor, Paulo Costa Lima. A todos eles, a minha gratidão. Meu agradecimento vai ainda para as autoridades presentes.

Mas, de modo muito particular, quero assinalar minha gratidão a meus familiares.

Por fim, a todos que aqui estão, agradeço a partilha neste dia de festa.

A cadeira 18, que agora tenho a honra e a alegria de ocupar, conta muitas histórias. São histórias fortes, de guerreiros. A vastidão biográfica de meus antecessores ocuparia páginas e páginas, pesquisa e ânimo historiográfico. Tamanho empreendimento não cabe nesta hora. E, sobretudo, tal esforço não caberia a uma ocupante que chega aqui pelos caminhos da música popular e não da universidade ou dos meios intelectuais. Porém, a fim de cumprir com deferência e satisfação as regras deste ritual de posse, dividirei com os senhores os traços biográficos que mais me cativaram na vida e na obra de meus antecessores.

O Patrono da cadeira 18 é Zacarias de Góes e Vasconcelos, que veio à luz no litoral baiano, em Valença. De família tradicional e bem estabelecida, fez seus estudos no liceu da cidade de Salvador. Diplomou-se em leis pela Faculdade de Direito de Olinda em 1837 e três anos depois passou a fazer parte de seu corpo docente, sendo considerado por todos um professor brilhante. Em 1844, o Diretor da instituição, Dom Tomás de Noronha, referiu-se a Góes e Vasconcelos com as seguintes palavras: “Moço só na idade e no gosto natural de brilhar, pelo seu abalizado talento, pela clareza e facilidade da sua expressão (certo, prova da sua inteligência), pela dignidade das suas maneiras e comportamento, pelos seus princípios excelentes”. Seu talento acabou por levá-lo à política, chegando ele a governar, como presidente, as províncias do Paraná, do Piauí e de Sergipe.

A vida pública de Zacarias de Góes e Vasconcelos foi extensa e marcada por muitos acontecimentos importantes. Cabe aqui destacar, no entanto, que, como político, era visto como severo, e que seus contemporâneos lhe distinguiam, sobretudo, como indivíduo de inteligência superior, de honra imaculada e rigidez de princípios incomum. Penso que tais qualidades emprestam à cadeira 18 um brilho singular: seu Patrono foi um defensor da melhor administração dos bens coletivos num país onde os homens públicos – nos tempos do Império como nos dias de hoje – não raro abandonam facilmente o sentimento de dever que deles espera a sociedade.

O Fundador da cadeira 18 foi um baiano de Salvador: o célebre José Joaquim Seabra. Professor, político, jurista, participou do processo de promulgação das duas primeiras constituições republicanas (a de 1891 e a de 1934) e governou a Bahia por dois períodos, de 1912 a 1916, e de 1920 a 1924. Sua posse no primeiro mandato foi marcada pelo traumático Bombardeio de Salvador em 10 de janeiro de 1912, ato extremo que buscou evitar o plano de transferência da capital da Bahia para Jequié e o adiamento das eleições.

A cadeira 18 foi ocupada, a seguir, por Augusto Alexandre Machado. Professor de história da civilização no ginásio da Bahia, seu trabalho docente alcançaria êxito formidável na cadeira de economia e finanças na Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia. Foi um intelectual ouvido e respeitado em todo o país, mas sua importância não impedia que seus contemporâneos o tratassem afetivamente por “Machadinho”. Foi, de certo modo, pelo que contam, um homem “do palco”. Porque era como palco que tratava a sala de aula. Tinha fama de grande orador, e a todos impactava com sua eloquência rebuscada, inspirada em Rui Barbosa.

O terceiro titular da cadeira 18, foi Dom Avelar Brandão Vilela. Alagoano de Viçosa, estudou nos seminários de Maceió e Aracaju e ordenou-se padre em 1935. Secretariou a Diocese de Aracaju, fundou a Ação Católica em Sergipe e, em 1946, foi indicado pelo Papa Pio XII para bispo de Petrolina, no interior de Pernambuco. Dez anos depois, nomeado arcebispo metropolitano de Teresina, transferiu-se para o Piauí. No governo João Goulart, ficou conhecido no interior do Estado por pregar a reforma agrária e defender o Plano de Educação de Base. Em 1964, foi eleito vice-presidente do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam), um dos mais importantes organismos da Igreja Católica na América Latina. Foi um dos mais ativos padres da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, onde ocupou a vice-presidência em 1971.

Um ponto alto de sua carreira ocorreu em 1968, quando dirigiu a Assembleia-Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano, em Medellín, Colômbia. Instalada pelo próprio Papa Paulo VI, a reunião produziu vasta documentação, que repercutiu mundialmente e levantou intensos debates acerca da abertura da Igreja para opções sociais e políticas consideradas ousadas. Dom Avelar, no entanto, manteve-se equidistante dos polos de radicalização, dentro e fora da Igreja, ainda que nos debates de Medellín tenha defendido a participação da Igreja na luta em favor dos povos subdesenvolvidos, pois ao mesmo tempo, condenava ações violentas ou extremistas.

No dia 30 de maio de 1971, Dom Avelar assumiu o cargo de Arcebispo da Bahia. Na cerimônia de posse, pediu que fosse entoado o Hino ao Senhor do Bonfim, obra composta em 1923 por João Antônio Wanderley e pelo poeta Arthur de Salles, que foi membro desta casa, onde ocupou a cadeira número 3:

Glória a Ti neste dia de glória,
Glória a Ti, Redentor, que há cem anos
Nossos pais conduziste à vitória
Pelos mares e campos baianos.

Desta sagrada colina,
Mansão da misericórdia,
Dá-nos a graça divina
Da justiça e da concórdia.

O ocupante imediato da cadeira 18, meu antecessor, foi o professor Waldir Freitas Oliveira. Soteropolitano que fez seus estudos primários em casa e cursou o ginásio no Instituto Baiano de Ensino, e o curso colegial, no Curso Clássico do então chamado Colégio da Bahia (hoje Colégio Central da Bahia). Gradou-se pela Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, em 1950 e, cinco anos depois, obteve ali os graus de Bacharel e Licenciado em Geografia e História, pela Faculdade de

Filosofia e Ciências Humanas. Em junho de 1959, licenciou-se em Geografia Humana e Econômica pela Faculdade de Letras da Universidade de Estrasburgo, na França. Após trabalhar na rede estadual de ensino, passou a integrar o corpo docente na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA em 1956. Na Universidade, exerceu o cargo de Diretor, de 1961 a 1972, do Centro de Estudos Afro-Orientais, do qual foi um dos seus fundadores, ao lado do Prof. Agostinho da Silva, em 1959. Em 1972, foi transferido para a Faculdade de Filosofia, onde ensinou até a sua aposentadoria. Além de dar aulas em diversos colégios de Salvador e na Universidade Católica, Waldir Freitas de Oliveira exerceu o jornalismo, como colaborador, em *A Tarde* e no *Jornal da Bahia*. Foi eleito para esta Academia no dia 28 de junho de 1987, passando a ocupar a cadeira número 18.

O Centro de Estudos Afro-Orientais foi o mais ativo centro de formação de africanistas no Brasil: montou uma biblioteca especializada, promoveu cursos de extensão sobre a história, a geografia, a sociologia e a economia da África e criou intercâmbio de pesquisadores entre o Brasil e países africanos. Entre as atividades que desenvolveu, destaca-se a criação, em 1965, da revista *Afro-Ásia*.

A fundação de um centro dedicado a estudos africanos na Bahia veio ao encontro de um antigo desejo de compreender a origem africana nas expressões da cultura baiana, principalmente na religiosidade. Entre seus pesquisadores, estavam nomes fundamentais, como o próprio professor Waldir Freitas de Oliveira, os professores Vivaldo da Costa Lima e Guilherme de Sousa Castro, naquela época jovens investigadores com diferentes formações acadêmicas. Entre eles, destaco Yeda Pessoa de Castro, não apenas por ser membro desta casa, na qual ocupa a cadeira 11, mas pelo meu privilégio de ter com ela um convívio amigável e uma proximidade familiar. Assim, pude desfrutar de sua sabedoria e ouvir suas histórias encantadas sobre a África, onde viveu e se doutorou em Línguas Africanas.

Sem que eu tenha conhecido o professor Waldir Freitas Oliveira, estivemos próximos, na medida em que fomos contemporâneos do magnífico quadro cultural que teve como centro irradiador a Universidade Federal da Bahia na administração do Reitor Edgar Santos.

Venho a esta casa com a esperança de dar continuidade a essa tradição de guerreiros. Mas, como todos sabem, venho de outras paragens.

A canção popular no Brasil sempre teve uma força e uma penetração incomuns. Eu sou uma cantora brasileira e sei como a música pode atingir o povo brasileiro em todas as áreas. Encontrei, no meu caminho, mestres de teatro que entenderam que a minha expressão mais completa pedia que a literatura estivesse em par com a música. Fui criada numa casa onde poesia e música eram naturais como respirar. Meu pai gostava de poesia e seus amigos mais próximos eram poetas santamarenses. Minha mãe trazia de sua infância, vivida em casarões de usinas de cana-de-açúcar, o drama e o canto. Cresci ouvindo trechos de áreas de *Norma* na linda voz de minha mãe e as marchinhas de Carnaval de Carmen Miranda. Como caçula, pude ouvir distraidamente todos os grandes compositores, cantores e cantoras do Brasil daquela época, Caetano, meu irmão acima de mim, me traduzia o que ele ouvia e as minhas próprias escolhas. Caetano sempre foi meu guia e mestre de meu barco.

Foram essenciais na minha formação a escola de teatro de Martim Gonçalves; a Escola de Dança com as aulas e apresentações da professora Lia Robatto – que nesta casa ocupa a cadeira número 15, bem como a presença marcante de Maria Laís Salgado Goes, aluna de Yanka Rudzka, bailarina e coreógrafa polonesa que fundou a Escola de dança de Salvador; o inovador João Augusto, do Teatro dos Novos, com autores e ritos brasileiros; a Bahia reinventada nas palavras de Jorge Amado e Zélia Gattai, que aqui ocuparam a cadeira de número 21; os traços de Carybé; a geometria viva de Mário Cravo; a música deslumbrante e eterna

de Dorival Caymmi, mestre de todos nós; dona Lina Bardi e sua arquitetura; Glauber Rocha e seu cinema revolucionário; o samba-de-roda de Santo Amaro; o candomblé de caboclo de Santo Amaro e Dona Edith do Prato; a força e a doçura de minha amada e saudosa Mãe Menininha do Gantois. Enfim, tudo o que li, tudo o que vi, tudo o que vivi.

Acima de tudo isso, minha devoção a Nossa Senhora da Purificação, desde menina; e, mais tarde, a Santa Bárbara, quando descobri que no sincretismo é o meu orixá, Yansã.

Fui feita na Bahia
 Num terreiro de Oxum
 Os tambores sagrados bateram pra mim
 Me banhei com guiné, alfazema e dandá
 Defumei com quarô, benjoim
 E de pano da costa batizei no Bonfim
 Um velho preto alaketo me disse
 Que foi lá de Keto que eu vim...
 Que eu já vim predestinada pra cantar assim...

Natural de Santo Amaro da Purificação, foi lá que fiz o curso primário, no Convento de Nossa Senhora dos Humildes, até fazer a admissão para o ginásio. Em 1960, vim para Salvador com meu irmão, Caetano, para estudarmos no Colégio Severino Vieira. Vim sem meu pai e minha mãe. E eu simplesmente não entendia o motivo de eu estar longe deles. Foi um afastamento muito difícil para mim. Quem passou a substituí-los, de certo modo, foi nossa irmã Nicinha, enviada por meu pai para cuidar de nós. Dois Irmãos já moravam aqui, Roberto e Rodrigo. Eu acordava às 6 horas da manhã, tomava café, vestia minha farda e chegava pontualmente, às 7 horas. Mas, por volta das 10 horas, já estava na rua. Ia com minhas amigas para a cidade baixa comer ostras ou ir ao cinema na matinal, mas, principalmente, para espiar, pelas grades, as aulas de concentração ou de esgrima

nos jardins da Escola de Teatro da Bahia. Eu me sentia estranha na escola, ainda que gostasse das pessoas, dos professores, e eles gostassem muito de mim. Nas provas de matemática, eu tirava zero, devolvia as provas assim que as recebia. Dizia: não adianta, não sei nada. Mas gostava de geografia, história, ciências, geometria e, claro, português. Só que entendia tudo rápido e não queria permanecer ali, sentada, presa, não via sentido naquilo.

Ainda de Santo Amaro, onde cheguei a fazer o primeiro ano ginásial, trago boas recordações das aulas de história com o professor Édio Souza, assim como tenho excelentes lembranças do professor Nestor de Oliveira, que nos ensinava a ler poemas, a estudar os temas, as métricas, as rimas.

Mas minha primeira aproximação com a poesia aconteceu em casa. Meu pai era amante dos versos e tinha amigos poetas que frequentavam nossa casa, entre eles os próprios professores Édio e Nestor. Lembro-me bem de meu pai recitando pelos corredores os poemas que sabia de cor. Um de seus preferidos era o soneto “Lúcia”, de autoria de Arthur de Salles, o mesmo que compôs os versos do “Hino ao Glorioso Nosso Senhor do Bonfim”:

Lúcia chegou, quando do inverno o tredo
Vento agitava o coqueiral vetusto.
Vinha ofegante, e pálida de susto,
E trêmula de medo...

Ah! quanto beijo e quanto riso ledo
Deu-me o seu lábio, rúbido e venusto!
Quanto divino sentimento augusto,
Quanto infantil segredo!

Lúcia partiu... E aquele riso doce
Lúcia levou! A casa transformou-se
Num sepulcral degredo.

Se o vento agita o coqueiral vetusto,
Inda a recorde: pálida de susto
E trêmula de medo...

Às vezes, o professor Nestor pedia que eu lesse poemas na classe. Eu gostava de ler. Subia no praticável, no qual os professores davam aula, e não me intimidava. Ao contrário, muito cedo, fui atraída pelo palco. Havia um forte ambiente musical em minha casa, mas eu queria ser atriz. As cantoras e os cantores estavam mais ligados ao rádio, ao disco, e eu queria o palco. Podia ser no circo, outra grande paixão minha.

Todo mundo vai ao circo
Menos eu, menos eu
Como pagar ingresso
Se eu não tenho nada
Fico de fora escutando a gargalhada

Versos de nosso grande Batatinha, compositor que confiou à minha voz suas magníficas composições.

O palco, prazeroso e fascinante, ainda que modesto, esteve muito presente em minha infância. Parte considerável do espírito gregário do ambiente familiar se desenvolvia em nossa casa nos palcos que improvisávamos. Para melhor descrever o quadro, tomo as palavras de minha irmã, a poeta Mabel, que também foi minha professora, ainda em Santo Amaro:

Nós brincávamos de drama no quintal. Se chovia o palco passava a ser a escada do corredor.

Rodrigo dirigia as cenas. Mãe Canô dava lençóis para a cortina, meu Pai ajeitava o arame. O cenário era o araçazeiro ou os degraus, dependia do tempo.

Cantos, danças, monólogos diálogos... de tudo apresentávamos um pouco.

Bob falava alto e era secesso representando o Doutor.

“– Dá licença, Senhorita?
Pode entrar senhor Doutor.
Hoje a tarde está bonita...
Seu chapéu, faça o favor...”

Caetano tocava com os copos com água. Uns mais cheios que outros e o som controlado por ele nos encantava.

Bethânia tocava bongô, outras vezes cantava “Feiticeira como a rosa, tão formosa...”

Cada um no seu papel, todos artistas principais aos olhos da plateia, formada por meu Pai, minha mãe, minha Daia, minha Dete, minha Inha, minha Teco (Teresa)...

Mudam-se os tempos. Mas algumas vontades permanecem.

Fui para o Rio de Janeiro em 1965 para estrear *Opinião*, substituindo Nara Leão. A mão que acolheu na cidade foi a de Thereza Aragão. Grande conhecedora de música popular, produtora, militante política, foi uma das fundadoras do Teatro Opinião em 1964. Apaixonada por Proust, personagem exuberante, generosa, acolhedora, e, para mim, a perfeita tradução da palavra amizade. Casada com o poeta Ferreira Gullar, era uma linda carioca da gema, que me apresentou à intelectualidade local – escritores, autores, diretores, atores. Entre eles, Vinicius de Moraes, de quem fiquei próxima já em nosso primeiro encontro. Ele foi uma espécie de pai para mim, um orientador delicado e sábio. E logo quis conhecer sua poesia.

De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento

Vinicius foi me dando sugestões, orientações, me educando musicalmente, e disse que eu deveria assistir a *Dois perdidos numa noite suja*, de Plínio Marcos, com Fauzi Arap. Foi o que fiz. E quando vi Fauzi no palco entendi o que era ser ator, o que era representar. Compreendi o teatro e seu fundamento. Desse modo, eu o quis, imediatamente, como mestre e amigo. E, de fato, ficamos muito próximos. Ele me ensinou tudo. Depois da temporada com *Opinião*, quando quis fazer um espetáculo meu, eu o convidei para a direção. E ele aceitou meu convite.

Nasceu desse modo *Comigo me desavim*, um espetáculo de música realmente teatral, com direção de Fauzi Arap, que estreou no dia 11 de outubro de 1967, uma quarta-feira, no Teatro Brigitte Blair, em Copacabana, onde ficou em cartaz por muito tempo. A banda era formada por Rosinha de Valença e pelo Terra Trio. O título veio de um poema de Sá de Miranda, poeta português do século XVI. Eu não me lembro bem de como conheci o texto, mas creio que foi João Augusto, o brilhante diretor do Teatro dos Novos, quem me mostrou aqueles versos de Sá de Miranda, porque ele me apresentava muita coisa de jazz, teatro e poesia. Mas recordo perfeitamente do quanto fiquei apaixonada pelo poema e de eu ter pedido a Caetano que o musicasse, pois eu queria cantar aqueles versos. E ele atendeu ao meu pedido. Do mesmo modo, lembro de quando, tempos depois, cantei para Fauzi o poema musicado e ele disse: você vai cantar no show, que vai se chamar *Comigo me desavim*. Foi o que aconteceu.

Comigo me desavim,
 Sou posto em todo perigo.
 Não posso viver comigo
 Nem posso fugir de mim.
 Com dor de todos, fugia,
 Meu coração que padece
 Agora já fugiria de mim
 Se de mim pudesse.
 Qual deverá ser fim

Da triste vida que eu sigo
Pois que trago a mim comigo
Grande inimigo de mim.

Foi em *Comigo me desavim* que li pela primeira vez num palco um texto de Clarice Lispector. Fauzi era muito próximo dela, e uma das primeiras coisas que ele sugeriu para o espetáculo foi a leitura de *Mineirinho*, crônica que Clarice tinha publicado poucos anos antes, em 1962, na revista *Senhor*. O texto trata da morte de um criminoso que a polícia do rio de Janeiro executou com treze tiros:

(...) a primeira lei, a que protege corpo e vida insubstituíveis, é a de que não matarás. Ela é a minha maior garantia: assim não me matam, porque eu não quero morrer, e assim não me deixam matar, porque ter matado será a escuridão para mim.

Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina — porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro.

Li aqui apenas um trecho do início do texto; mas, em *Comigo me desavim*, a pedido de Fauzi, li na íntegra o longo e belo texto de Clarice, e esse momento se tornou o mais impactante do show.

Não pretendo desfiar aqui toda a minha carreira, os discos, os espetáculos, nem teria como nomear todos aqueles que colaboraram comigo ao logo dos anos e a quem devo tanto. Parece incontornável, no entanto, falar de um espetáculo de 1971, que marcou de modo decisivo minha vida no palco e definiu mais claramente a aliança que venho fazendo entre a música e a literatura: *Rosa dos ventos – show encantado*. Tudo o que, alguns anos antes,

em *Comigo me desavim*, havia definido meu modo de cantar e de me apresentar – a dramaturgia, o trabalho e a intuição, a música e a poesia, a palavra e o gesto – chegou ali a seu ponto mais concentrado, mais experimental, mais libertador. Roteiro, cenário, arranjos – tudo se tornou realmente mágico. Não devo me alongar e nem posso traduzir em palavras o que significou *Rosa dos ventos* em minha carreira e em minha vida. Foi um espetáculo marcante também para outros artistas, pois definiu um modo novo de aliar ao canto a dramaticidade e o texto falado. Mas, nos termos desta cerimônia de posse, quero assinalar apenas que ali esteve presente de modo muito especial, mais uma vez, Clarice Lispector, e o que ali se consagrou minha proximidade com a obra de Fernando Pessoa.

Mestre, meu mestre querido
 A quem nenhuma coisa feriu, nem doeu, nem perturbou,
 Seguro como um sol fazendo o seu dia involuntariamente,
 Natural como um dia mostrando tudo,
 Meu mestre, meu coração não aprendeu a tua serenidade.
 Meu coração não aprendeu nada.
 Meu coração não é nada,
 Meu coração está perdido.

Depois, mas porque é que ensinaste a clareza da vista,
 Se não me podias ensinar a ter a alma com que a ver clara?
 Porque é que me chamaste para o alto dos montes
 Se eu, criança das cidades do vale, não sabia respirar?

Meu amor pela obra de Fernando Pessoa – e a declaração pública desse amor – dura já algumas décadas. Para maior glória de minha alegria, essa permanente admiração foi além da leitura em discos e espetáculos musicais. Em 2013, tive a honra de dividir com a professora Cleonice Berardinelli, grande especialista na obra pessoana, uma mesa na FLIP – Festa Literária Internacional de Paraty. No ano seguinte, essa celebração da obra

de Fernando Pessoa foi filmada em estúdio, com uma pequena plateia, por Marcos Debellian. O filme, que ganhou o nome de *O vento lá fora*, registra os ensaios para a leitura, conversas entre mim e Dona Cleo e a nossa apresentação para o público que nos assistia – nós, duas mulheres, duas brasileiras, uma professora e uma cantora, histórias e vidas diversas, partilhando um mesmo entusiasmo, um mesmo espanto.

Nesta vida, em que sou meu sono,
Não sou meu dono,
Quem sou é quem me ignoro e vive
Através desta névoa que sou eu
Todas as vidas que eu outrora tive,
Numa só vida.
Mar sou; baixo marulho ao alto rujo,
Mas minha cor vem do meu alto céu,
E só me encontro quando de mim fujo.

Muito antes, em 2009, já havia convocado Fernando Pessoa para que se unisse a outros criadores da língua portuguesa – como Jorge de Lima, Patativa do Assaré, Manuel Bandeira, José Craveirinha, Euclides da Cunha, Carlos Drummond de Andrade, Waly Salomão, Castro Alves e outros – no espetáculo *Bethânia e as palavras*, dentro do projeto “Sentimentos do Mundo”, criado pela Universidade Federal de Minas Gerais. A mesma UFMG publicou, em 2015, um belíssimo livro – *Caderno de poesias* – que reúne os poemas de minha leitura, ao qual se soma um DVD com o vídeo do espetáculo.

Se o dia de hoje não é apenas um sonho, devo muito, repito, a Fauzi Arap, mas também a outros nomes que me mantiveram firme no palco, que me compreenderam e compreenderam que a música não me bastava, que eu precisava de um complemento para me expressar, para dizer o meu pensamento, ou melhor, o meu modo de ser mais completo.

Seria preciso lembrar meus outros mestres no teatro: Alvinho Guimarães, Isabel Câmara, Augusto Boal, Ferreira Gullar, Flávio Império, Bibi Ferreira, Bia Lessa; mas também os autores que me tocam, me comovem, brasileiros como Castro Alves, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Manuel Bandeira, nordestinos de modo geral; mas também de outros Brasis, como Mário de Andrade, Paulo Leminski e Mário Quintana, ou portugueses, como José Régio, António Ramos Rosa, Eugénio e Andrade Sophia de Mello Breyner Andresen.

Também seria preciso reverenciar todos os poetas da canção, que me traduziram e que eu traduzi no meu canto. A lista praticamente não teria fim, mas começaria com Caetano Veloso e Chico Buarque. E sendo uma lista impraticável, não faço senão usar os nomes desses dois poetas como modo de saudar o compositor popular.

Numa festa imodesta como esta
 Vamos homenagear
 Todo aquele que nos empresta sua festa
 Construindo coisas pra se cantar

E como se trata de uma festa “imodesta”, não posso deixar de registrar outras homenagens que muito me lisonjearam e me deram alegrias que ecoam no dia de hoje: em 2016, a Estação Primeira de Mangueira desfilou no carnaval do Rio de Janeiro com o enredo “Maria Bethânia, a menina dos olhos de Oyá”, com o qual se sagrou campeã. No mesmo ano, a Universidade Federal da Bahia, na figura de seu reitor, o professor João Carlos Salles, que nesta Casa ocupa a Cadeira 32, concedeu a mim o Título de Doutor Honoris Causa, alegando minha contribuição para a música e a literatura brasileiras. Segundo a UFBA, a outorga do título foi proposta, inicialmente, pela Faculdade de Arquitetura e das Escolas de Belas Artes, Teatro, Dança e Música

da universidade que completava, naquele ano, 70 anos, a mesma idade da homenageada.

O ano de 2016 foi realmente especial. No dia 9 outubro desembarquei em Maputo, Moçambique, para uma apresentação ao vivo, na qual li textos em poesia e prosa, e recebi dois grandes escritores: Mia Couto, moçambicano, e José Eduardo Agualusa, angolano. Desse encontro emocionante resultou um documentário que trata da minha relação com escritores de nossa vasta língua portuguesa. O filme ganhou o título *Karingana – licença para contar*, e foi realizado em parceria com a CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Há belas participações de escritores e escritoras como Paulina Chiziane, Calane da Silva, Gilberto Matusse, Lourenço do Rosário e Nataniel Ngomane, além de imagens da gente bonita de Moçambique, com suas falas, danças, cantos, vestimentas, sorrisos – um jeito recôncavo de ser e de estar.

Foi também em 2016 que meu trabalho com a literatura foi em direção a um público maior, com o programa de televisão “Poesia e prosa”. Composto por oito episódios, contando com a colaboração de convidados ilustres, o programa se voltou para a vida e a obra de Clarice Lispector, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, Castro Alves Ariano Suassuna, Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes e Waly Salomão.

Mas o que me toca de modo muito especial é poder ver o quanto meu trabalho com música e literatura pode ir além dos espetáculos e discos, indo alcançar as salas de aula, sobretudo as do ensino público. É, sem dúvida, algo que eu não poderia prever. A surpresa confirma, no entanto, certos rumos de minha carreira, nos quais se confundem a arte e a cidadania, sem dogmas, sem ideologia – apenas a verdade e um senso ético que deve estar na base de todo gesto criador.

Um belo exemplo é o *Projeto Brasileirinho*, desenvolvido desde 2006 na Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro,

no Colégio Estadual Vicente Jannuzzi. É uma iniciativa da professora de História Vânia Corrêa Pinto, que se propõe a criar relações entre a Declaração Universal dos Direitos Humanos e a vivência diária na escola. O trabalho tem como base o repertório do álbum *Brasileirinho*. A inovação é o uso da música como estratégia e ferramenta para chegar a vivências que despertem sentimentos opostos à violência, ao descaso à competição e ao preconceito. Trata-se, como diz a professora Vânia, de “reaprender” valores através da música. Para isso, os alunos estudam o repertório, analisam as letras, debatem em sala, pesquisam sobre os temas das canções, escrevem poemas, pensam atividades variadas, e tudo culmina num espetáculo inteiramente montado por eles e apresentado para toda a escola. Sou madrinha entusiasmada do projeto desde o início. Estive com os alunos em vários momentos. Muitos foram conhecer o trabalho realizado na gravadora, assistiram a shows, e, em 2020, participaram da exposição *Maria de Todos Nós*, no Paço Imperial, no Rio de Janeiro, que comemorou meus 50 anos de carreira. A professora Vânia já esteve mais de uma vez na UFBA para fazer palestras sobre o Projeto.

Desde o primeiro semestre de 2017, a Escola Estadual Ministro Jarbas Passarinho, localizada em Camaragibe, em Pernambuco, realiza o projeto “Dra. Maricotinha – poesia da teoria à prática”, iniciativa que trata a poesia como intervenção social e a literatura como acesso à cidadania. O projeto não nasceu como um grande plano educacional elaborado em gabinetes. Foi, ao contrário, criado em sala de aula por uma professora, Ana Cláudia Xavier, e seus alunos.

O projeto, que envolve estudantes dos ensinos fundamental e médio, é inspirado em meus trabalhos com música e poesia. São tratados em aula aspectos de forma e conteúdo dos textos, bem como a interpretação na fala e no canto. O sucesso da iniciativa fez com que outras escolas, incluindo as redes municipal

e privada, passassem a utilizar o projeto.

Além disso, Dra. Maricotinha ganhou vários prêmios, como o “Educador Nota 10”, em 2017. Também foi reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) e tem sido apresentado em encontros educacionais dentro e fora do Brasil. Segundo a professora Ana Cláudia Xavier, a poesia estava esquecida dentro das salas de aula e as bibliotecas precisavam ser ocupadas. Foi então que surgiu a ideia de levar os estudantes para dentro das bibliotecas e mostrar a eles o poder da poesia e da literatura através de uma cantora popular.

“Dra. Maricotinha – poesia da teoria à prática” é uma ação inovadora, transformadora, que considero um dos mais belos e importantes trabalhos já realizado com minha obra.

Outra iniciativa que me enche de satisfação também vem de Camaragibe. Lá, na Escola Municipal XV de Novembro, a professora Audaci Maria trabalha com educação infantil, primeira etapa do ensino básico, voltada para crianças de até cinco anos de idade. É o momento em que se desenvolvem atividades lúdicas como forma de promover o aprendizado e o desenvolvimento cognitivo, motor, social, emocional e físico. Em 2015, a professora Audaci Maria criou o Projeto Bethânia Fulozinha, que culminou num jornalzinho chamado *Isso é onça!*, feito pela turma do 4º ano da Educação Infantil, que divulga a cada bimestre as invenções, brincadeiras, desenhos e falas das crianças, bem como o contato delas com diferentes linguagens. O nome do jornal faz referência à canção “Moda da onça”, tema popular adaptado por Paulo Vanzolini. Eu sempre entendi que havia algo infantil nessa moda caipira. Um Brasil criança.

A nossa poesia é uma só
Eu não vejo razão pra separar
Todo o conhecimento que está cá
Foi trazido dentro de um só mocó

E ao chegar aqui abriram o nó
E foi como se ela saísse do ovo
A poesia recebeu sangue novo
Elementos deveras salutares
Os nomes dos poetas populares
Deveriam estar na boca do povo.

Os livros que vieram pra cá
O Lunário e a Missão Abreviada
A donzela Teodora e a fábula
Obrigaram o sertão a estudar
De repente começaram a rimar
A criar um sistema todo novo
O diabo deixou de ser um estorvo
E o boi ocupou outros lugares
Os nomes dos poetas populares
Deveriam estar na boca do povo.

No contexto de uma sala de aula
Não estarem esses nomes me dá pena
A escola devia ensinar
Pro aluno não me achar um bobo
Sem saber que os nomes que eu louvo
São vates de muitas qualidades.

O aluno devia bater palma
Saber de cada um o nome todo
Se sentir satisfeito e orgulhoso
E falar deles para os de menor idade
Os nomes dos poetas populares.

Mas não posso – nem quero – falar de poetas populares sem deixar assinalado o nome de Violeta Arraes. Foi ela, minha grande amiga, que me deu a conhecer a poesia do sertão. Viola, como eu a chamava, era uma escola. Com ela, eu e qualquer um que ela acolhesse – e não eram poucos

– entrávamos em contato com os mais altos ensinamentos. Escola da vida e do viver, voltada para os problemas éticos, políticos e estéticos da realidade brasileira. Escola que ensinava a largar a estreiteza provinciana ao mesmo tempo em que orientava na direção de um aprofundamento das identidades regionais. Cariri e Paris. Viola: cidadã brasileira, alma do tamanho do mundo, poesia do sertão.

Esta nobre casa, construída por homens e mulheres dedicados à literatura, ao conhecimento, ao ensino, decidiu me acolher na cadeira 18, alegando que sou “uma defensora das letras”. Aceito, com um misto de humildade e altivez, o qualificativo. Porque, sim, em toda a minha longa vida de trabalho, tentei – e ainda tento – defender do meu púlpito, que é o palco, a literatura, a poesia escrita e cantada, a palavra em todas as suas dimensões.

Não há como expressar de modo satisfatório minha emoção e minha gratidão no dia de hoje, ao tomar assento nesta casa tão ilustre. Gostaria de falar longamente da Bahia, do Recôncavo, de Santo Amaro da Purificação, do Rio de Janeiro, onde vivo desde 1965, de todo o Nordeste, do Brasil, enfim. Seria preciso citar um número sem fim de pessoas, registrar ainda que de passagem uma série infinita de fatos que vêm à memória num momento como esse, quando uma espécie de retrospectiva parece se impor como uma música que surge na memória. Mas quando há muito a dizer, sempre nos toma a sensação de que se disse muito pouco e que o essencial é algo do qual nos aproximamos sem tocá-lo de verdade.

Hoje é um dia especial: esta casa está recebendo, em primeiro lugar, uma mulher; está reconhecendo os poderosos laços entre música e literatura; está dignificando um trabalho que não se dá nos livros ou nas universidades, mas nos palcos, nos discos, no rádio, sem pouso, sem repouso, numa bela e mágica corda bamba, como se a menina de Santo Amaro, tivesse, enfim,

realizado seu sonho: ser trapezista.

Poderia resumir tudo o que disse e tudo o que deixei de dizer reafirmando meu júbilo por estar nesta casa: na Academia de Letras da Bahia. Para mim, a importância de tamanha honraria é exatamente esta: ser uma distinção da terra onde eu nasci, como se eu estivesse sendo recebida em festa pelo lugar de onde, na verdade, nunca saí.

A Bahia, Estação Primeira do Brasil!

Salvador, 3 de maio de 2023.

Maria Bethânia é atriz, cantora e intérprete musical. Natural de Santo Amaro, muito jovem mudou-se para Salvador, onde iniciou sua carreira artística. Em 1964 participou do show “Nós, Por Exemplo”, com Caetano Veloso, Gal Costa, Gilberto Gil e Tom Zé, na inauguração do Teatro Vila Velha, em Salvador. Ao longo da carreira, participa de espetáculos e shows que a tornaram uma das grandes referências da cultura brasileira, no país e no exterior, com uma vasta obra de interpretação musical, registrada em diversos CDs, vídeos e afins. Em 2015, Bethânia foi a grande homenageada da 26ª edição do Prêmio da Música Brasileira, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Detém títulos de *Doutora Honoris Causa*, da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Federal do Ceará, por sua contribuição à música brasileira. Desde 2023 ocupa a Cadeira n° 18 da Academia de Letras da Bahia.



MARIA BETHÂNIA VIANNA TELLES
VELOSONA ACADEMIA DE LETRAS
DA BAHIA – DISCURSO
DE RECEPÇÃO

PAULO COSTA LIMA

Betha, Betha, Bethânia!
Betha Bethânia, Bethânia, Betha Bethânia, Bethânia...
O quebra-louça é o nome da moça...¹

Eu amo a voz
E o jeito que a voz canta a canção
O jeito que a voz vive a canção
Na verdade, o jeito que a canção vive na voz
A voz se faz canção
A voz é o cérebro que inventa a canção
E ao mesmo tempo o coração que faz o meu bater junto
'olhos nos olhos' - ouvindo Maria Bethânia
me transformo em canção

1.

Me peguei imaginando a vastidão do Brasil, na escuridão da noite, e uma luzinha que acendia em cada lugar que a voz de Bethânia era ouvida. E, aos poucos, foram surgindo luzes em todos os recantos. Lá nos vilarejos na beira dos rios da Amazônia, no Planalto Central, e por toda a Costa brasileira.

¹ Mostrar na performance da leitura, como o ritmo de Iansã, o daró, se insinua nos nomes de Bethânia

Em pouco tempo já eram milhões de pontos iluminados por essa voz tão nossa, e deu pra ver (e ouvir) o Brasil em sua silhueta de seriedade, compromisso e amorosidade..

(Falar da trajetória de Maria Bethânia é como acompanhar cada um desses milhões de pontos de luz... que se acendem a partir de mais de 500 canções interpretadas, mais de 1900 gravações, 50 álbuns) — e diante da enormidade desse universo, tracearei um percurso de fala que prioriza a simplicidade, eu deveria mesmo dizer, a humildade, do ouvir.

2.

Eu amo a voz:

- . mas, o que é mesmo amar uma voz?
- . quando ouço a voz que amo, na verdade ouço a reverberação de toda uma série de objetos voz/amor que foram me constituindo como capaz de amar; a rigor é uma voz que ama a outra;
- . ela expressa afetos que já havia sentido ou que desejava sentir, põe tudo isso em movimento, faz girar;
- . a voz que amo sabe coisas de mim que não sabia existir
- . amando-a, percebo-a faltante — por que outra razão me chamaria? Ela me dá sentido;
- . e então estou diante da esperança de completa-la e de completar-me com esse amor de audição²;
- . afinal de contas: ouvir é cantar

2 Música e Psicanálise, a música também nos ouve, o amor da música envolve identificação... vide Didier-Weill e Lima (1995).



Sussuarana de Hekel Tavares e Luiz Peixoto- (de 0'06" até 0'54")

<https://www.youtube.com/watch?v=x7IVU9uoyzw>

- por que essa voz Sussuarana me captura?
- não é por causa das marcas, eu quase diria, o cenário de filiação a um Brasil sertão, imaginado por Hekel Tavares e Luiz Peixoto (que, aliás, são flores urbanas);
- e sim por que a voz ultrapassa essas marcas de cenário (sussuarana, bocada, festa de Santana, ninguém num dizia nada...) e instaura uma narrativa afetiva convincente, com mil nuances e trejeitos, onde isso tudo passa a fazer sentido³...
- e assim eu tenho certeza que estou lá nesse ambiente, do mundo tão distante;
- foi mandinga, foi maleita...! ouviram a arte envolvida nessas duas expressões? tem sussurro, tem carícia... eu hein!

³ A forma como Bethânia canta-fala “me chamou pra conversar” é um exemplo desse entrelaçamento sutil, e da paleta de cores que traz para cada verso.

3.

Fatos não existem. A única verdade está no tom de voz⁴

- . O jeito que a voz canta a canção: a voz é matriz de alteridade;
- . ela estabelece uma distância; uma distância expressiva;
- . entre tantas coisas envolvidas, a dádiva do timbre, o parâmetro mais desafiador;
- . a pesquisa da percepção do timbre vocal mostra que ele nos coloca diante de uma persona⁵;
- . buscamos entender essa persona imaginando essa voz como se fosse nossa;
- . por exemplo: a maravilha de ouvir **“Onde estará o meu amor”** (Chico Cezar ao violão);
- . um devaneio de encantamento pela ausência e pela presença do amor — as duas coisas ao mesmo tempo;
- . mas como é que a voz faz essa construção?

⁴ Vide Ned Rorem

⁵ Kate Heidemann publicou “A System for Describing Vocal Timbre in Popular Song”, em Music Theory Online: Journal of the Music Theory Society, mar. 2016, fazendo uma abordagem interessante com a voz de Aretha Franklin, são bem raros esses estudos.



Onde estará o meu amor - (do início até 0'50")

<https://www.youtube.com/watch?v=esh6CneVlbY>

- . um domínio completo da intensidade da voz;
- . as vezes pianíssimo quase sussurrado, uma voz que se recolhe (e que nem quer ser ouvida, ela simplesmente precisa cantar);
- . às vezes crescendo com a melodia;
- . a voz brinca de estar longe ou estar perto desse amor;
- . e é assim que o presentifica, brinca de quase sumir e de aparecer por inteiro;
- . e faz essa verdadeira mágica que é a de deixar a voz soando mesmo durante o silêncio;
- . criando uma continuidade expressiva em nossa cabeça — e tudo isso, sempre, com o tom de voz mais simples, o signo da autenticidade;
- . e a gente? a gente chora...

4.

- . O jeito que a voz vive a canção;
- . a gente chora não apenas porque está ouvindo a canção. A gente chora porque está vivendo a canção;
- . numa cambalhota recente, na direção da fenomenologia, a teoria da música declarou secundários todos os seus objetos milenares de amor...
- . intervalos, escalas, acordes, encadeamentos, cadências, conjuntos e séries dodecafônicas ou não – tudo secundário;
- . a experiência musical acontece antes disso tudo⁶;
- . e a voz é a experiência musical em carne viva;
- . os afetos não são algo que acompanham a música, eles a constituem;
- . a música é assunto do corpo;
- . antes que seja qualquer coisa, precisa ser algo nosso;
- . algo através do qual vivemos, e, de certa forma, nos tornamos;
- . tem valor porque a possuo e porque ela me possui – ‘possessão mútua’ é o conceito (e nem precisava fenomenologia nenhuma, bastava ir a um terreiro de candomblé na Bahia...);
- . mas essa direção é imprescindível para falar da pesquisa de Maria Bethânia, ou da pesquisa sobre Maria Bethânia;

⁶ Estamos falando do trabalho seminal de Paul Clifton (1984) que busca dar consequência às ideias de Merleau Ponty sobre fenomenologia da percepção, agora em música; a fenomenologia acabou dando espaço para o grande movimento da cognição musical, que mantém a mesma premissa e fala em ‘esquemas mentais’ que organizam a experiência música.

- a voz que vive a canção e que possui e é possuída pela música que cria, é também uma voz interpretativa;
- a criação é uma espécie de interpretação do mundo — cada criação inaugura uma certa perspectiva de olhar para o resto do mundo⁷;
- não estranha dizer, portanto, que o trabalho de interpretação musical de Bethânia é um trabalho de interpretação daquilo que nos cerca;
- Maria Bethânia intérprete do Brasil, como pontua Heloísa Starling — mas não apenas a partir dos temas e contextos, de forma especial, a partir da modelagem de imaginários que sua construção de afetos vocais propicia.

5.

- a voz também se envolve com o que poderíamos chamar de **expansão da alteridade**, na direção da comunidade, da cultura, da sociedade;
- cria campos de participação coletiva; faz viver esses horizontes
- tem papel central em dar origem a esses âmbitos;

⁷ Aqui a referência é à minha teoria da composicionalidade, criar é interpretar, e vice-versa. Lima (2011); e é essa ideia que vai permitir ligar a dimensão fenomenológica da voz à sua dimensão interpretativa.



Em *Rosa dos Ventos* (de Chico Buarque) a empostação é épica.

<https://www.youtube.com/watch?v=gL50xrOfYa8>

(de 1' 12" até 1' 46")

- a força das sílabas acentuadas, e como elas levam a um acelerando da fala; isso vai criar o efeito de que o discurso desemboca em um determinado lugar — obviamente na “amargura do Mar...”;
- a acentuação e velocidade da fala - “enchente amazônica”, “explosão atlântida” - são usadas como ferramentas expressivas
- projetam o discurso no ar, acima de nossas cabeças, fazendo-nos imaginar uma multidão⁸;
- (aquela que percebe ainda que tarde o seu despertar... e nem estávamos em 2022);
- sem essas escolhas da voz, a multidão seria outra, certamente pareceria bem menor, talvez apática;

⁸ Portanto, como pano de fundo, a relação entre música e movimento; uma fala que se acelera dá origem a um movimento expressivo especial, e isso está ligado à ideia de multidão que se torna implícita na interpretação de Bethânia; a multidão aparece na canção, dessa forma, muito antes de aparecer na letra...

- . mas o que a canção pede e a voz constrói é uma multidão que desperta, ou pelo menos, que precisa despertar...

“Desde 1964, Maria Bethânia traduz o seu país e nos obriga a pensar em nossas contradições como nação. Se os artistas estão no mundo para cumprir a função revolucionária da arte, ela o faz com perfeição”.⁹

6.

- . a criação em Bethânia se instaura a partir da voz; mas, daí se expande para um espaço ainda mais complexo, polissêmico;
- . a voz e seus suportes harmônicos, rítmicos, melódicos, tímbricos
- . projetada num palco onde o corpo se desloca com toda sua visualidade simbólica;
- . o cerne da nossa questão é a produção de conhecimento em torno da voz expressiva¹⁰, e, no coração da empreitada, aquilo que gostamos de denominar de **personagem da voz**¹¹;
- . (não estamos falando de personagens do palco, e sim de personagens de som)

⁹ Vide Marlon Souza Silva

¹⁰ No âmbito da luta que acontece nos meios acadêmicos internacionais pelo reconhecimento e fortalecimento da ‘Pesquisa Artística’;

¹¹ Gregory Lewis Karl desenvolve a ideia de ‘Musical Plot’, onde as ideias musicais são tratadas como atores numa trama; daí retiro a inspiração para o conceito de ‘personagem da voz’, ou seja, a construção musical da voz como personagem de som

- . o resultado de um mergulho de inteligência e expressividade nas relações entre verso e música;
- . a música do próprio verso sendo uma de suas fontes mais importantes;
- . desse núcleo, saem muitos fios, na direção da atuação rapsódica de Bethânia.



Uma situação paradigmática é a que encontramos na canção
“**Olhos nos Olhos**” (Chico Buarque).

<https://www.youtube.com/watch?v=z-Ww20KPvZ4> (de 14” até 1’ 25”)

- . ela nos convence que está simplesmente pensando alto: “quando você me deixou... meu bem” – como faz isso?
- . um jogo virtuoso de articulação e fraseado, de respiração; deixa uma palavra soando e logo emenda com a próxima (liga e separa ao mesmo tempo), através da força que a voz absorve da melodia;
- . fica assim construído um monólogo; e nós temos o privilégio de ver “de fora” o mais íntimo dessa mulher em sua saga de amor;

- e esse “ver de fora” é o que vai garantir toda a carga emocional da experiência dessa canção;
- mais adiante na canção, as cores se inflamam, já não estamos no ambiente do monólogo;
- surgem os elementos de um diálogo imaginário (e bem real) com o amante: “quero ver como suporta me ver tão feliz...”, ou então, “A casa é sempre sua, pode vir”;
- a escolha que Bethânia faz do tom de voz nesses últimos versos, é inigualável, daria um estudo em si¹²;
- da mesma forma que o monólogo era velado, e nos dava a sensação de intimidade, aqui o diálogo é escancarado, sobe num palco, e é aberto ao mundo;
- temos a impressão de ver essa mulher resplandecendo de emoção;
- a transição da intimidade para o espaço do diálogo é um sinal de virtuosismo no âmbito da construção de personagem da voz;
- estamos diante de uma espécie de explosão, só que de forma contida, sem exagero, e assim, mais candente ainda;
- distanciamento e aproximação — mas, dessa vez, de cunho narrativo, lembrando o distanciamento brechtiano¹³;
- e isso acende em cada um de nós, seus ouvintes, o desejo de mergulhar nesta viagem de voz. **Ao ouvir Bethânia nos transformamos na canção.**

¹² O assunto retoma a paleta de cores no espectro entre fala e música que Bethânia domina com virtuosismo; um dia, ouvindo uma outra cantora entoar ‘olhos nos olhos’, fiquei abismado de perceber que a canção que eu gostava não estava ali...

¹³ Ora, porque mencionar esse *Verfremdungseffekt*? Por que ao construir essa interpretação, Bethânia está ensinando a quem ouve, o que é interpretar, há aí uma distância crítica com relação ao vivido.

7. O pertencer (1)

- a voz expande a alteridade, já dissemos, e isso caminha na direção da comunidade, cultura e sociedade, através da construção de pertencimento;
- assume traços e feição do Grande Outro¹⁴;
- o tema do pertencimento é vastíssimo na produção de Maria Bethânia;
- que ela é baiana, ninguém duvida; mas, como entender essa baianidade recôncava?
- gosto de entendê-la como vocação para o múltiplo – tropicalista avant la lettre;
- se nutre da tradição, mas se abre para percursos os mais distintos;
- de Carcará para Noel Rosa foi apenas um passo; e Araci de Almeida viu ali a sucessora legítima na interpretação de Noel Rosa – isso não é pouca coisa¹⁵;

(Abro um parêntesis) Começo com uma lembrança – eu e Ana Margarida moramos por 2 anos e pouco numa cidade universitária perto de Chicago, Champaign-Urbana. Tínhamos vinte e poucos anos e a saudade da Bahia era grande. A biblioteca da universidade era das maiores do mundo, tinha disco de tudo. Mas, em casa, nós tínhamos um toca-discos, aliás, doado pela associação de estudantes estrangeiros e poucos discos (vários quartetos de cordas, Brahms, Schoenberg), e um disco de Bethânia. Essa música tirava a gente do banzo – era uma experiência tão forte ouvi-la...

¹⁴ O Grande Outro Lacaniano.

¹⁵ É preciso empreender uma análise dessa construção interpretativa de Bethânia: o que fez?



A Bahia te espera... (do início a 0'53" se puder, com fading)

<https://www.youtube.com/watch?v=deIY56Ud2jM>

- aqui a voz ganha uma outra dimensão: fala em nome da Bahia, em nome de todo esse imaginário de ladeiras, saveiros, mulheres, candomblés...
- é a voz que representa, que se coloca (pela emissão, pela força, pela clareza) no centro do processo de construção de pertencimento.

(Retorno ao parêntesis) Depois desses anos perto de Chicago, voltamos pra Bahia e qual não foi nossa surpresa e alegria. Ana Margarida foi convidada para integrar o conjunto que acompanhou Bethânia na temporada do show de inauguração do teatro Maria Bethânia – ao violino... Permanece até hoje o encantamento com o show, com todas as suas músicas, com os músicos de alta qualidade, e, sobretudo, com a presença de Bethânia: o seu rigor na construção do espetáculo, o profissionalismo incalculável, a atenção especial que dedicava a cada músico... em cada detalhe. Fecha o parêntesis.

8. O Pertencer (2) - Continuação

- Se o tema é pertencimento, é impossível deixar de mencionar a canção Carcará. Muitos intérpretes levam tempos pra descobrir ‘sua voz’ – como se diz hoje — descobrir uma identidade. Bethânia já começou daí, reinventando a identidade nordestina. E foi preciso inclusive modular essa “voz”, para desconstruir uma certa visão equivocada que se associava a essa estreia nacional.



Carcará

<https://www.youtube.com/watch?v=1dBv--XU8Hw>
(do início a 0'42")

- a voz modulada em construção de pertencimento é algo que atravessa a obra de Maria Bethânia;

- e a experiência de teatro, a vivência do palco¹⁶, se incorporou à sua pesquisa da expressividade da voz;
- como se a voz trouxesse o palco em si mesma, permitindo todas as construções que daí decorrem, inclusive os próprios palcos onde vai acontecer...
- portanto, quando vemos Bethânia compondo mundos com os palcos que frequenta, não nos enganemos, esses mundos são consequências de um palco originário que está na própria voz;
- e que de forma muito orgânica convoca o corpo para a brincadeira;

9. O Pertencer (3)

- tudo isso ganha brilho especial na próxima canção, que permite o voo da voz sobre o tema do pertencimento;
- tanto a partir do que há de mais íntimo e particular (a novena de Dona Canô);
- como a partir de uma meta-visão, que enxerga o grande cenário, seu espanto, contradições e luta – careta, quem é você? (da areia do Saara em Roma, à dança da destemida Iara)...
- e, claro, a identidade recôncavo fervilha nesse samba de roda pós moderno...

¹⁶ Vide Marlon Marcos, “Oyá-Bethânia: amálgama de mitos”, que mostra a relação estreita entre a construção de palco em Bethânia e as tradições afro-brasileiras; no meu caso, o interesse é a dimensão palco que já está presente na voz, no sentido de que a voz antecipa a sua reverberação e nos dá a entender o espaço à sua volta (como no caso da multidão em Rosa dos Ventos).



Reconvexo - (de 0'08" a 2'01")

<https://www.youtube.com/watch?v=YtZTLU7inZU>

- . quem não é Recôncavo e não pode ser Reconvexo...
- . a voz que permanece intensa o tempo todo, precisa ter reservas de energia para esse final épico, que vai ao mais agudo;
- . e deve permanecer reverberando em nossa consciência...
- . essa ordem mundial que nos lê a cada instante, também pode ser lida e interpretada por nós; nossas perspectivas;
- . na verdade, nós recôncavos, somos a força interpretativa do mundo, e dizemos isso cantando com uma voz que sabe sambar...
- . e essa força interpretativa é também esperança plena do cultivo daquilo que merece ser civilização brasileira, tanto as raízes como os diálogos com o resto do planeta;
- . ora, o pertencimento também poderia nos levar ao grande tema da mulher em Bethânia;

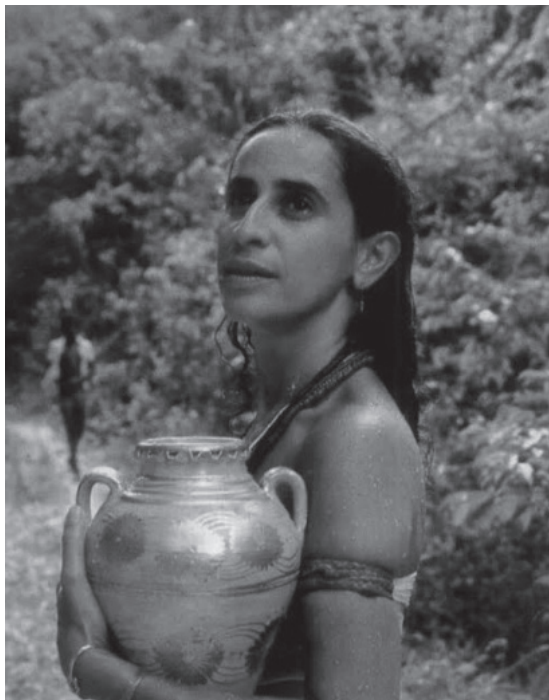
- . mas não devemos esquecer que o tema da mulher em Bethânia não é um sub-ítem do projeto, é o projeto todo, um estandarte visível por todos;
- . uma revolução feita no imaginário da sociedade brasileira, com todas as consequências políticas que isso traz;
- . e cujo peso de responsabilidade, mas também a leveza, a gente percebe em cada declaração de Bethânia.

10.

- . **a voz e a transcendência:** o amor da voz também repousa sobre o fato de que há algo do inefável nessa experiência auditiva;
- . a força da voz é algo que nos ultrapassa, é algo para o qual não temos as palavras necessárias.

(vale lembrar Walter Smetak: fazer música, uma loucura; falar sobre música, uma bobagem...). Loucura e bobagem das quais ninguém abriu mão, nenhuma cultura, nenhum tempo... São imprescindíveis.

- . e, por essa via — a do inefável e do indizível —, surge também um caminho de transcendência na direção do sagrado;
- . vamos percebendo que, em Bethânia, a transcendência é bem mais que apenas um segmento temático, a voz de Bethânia tem uma relação muito próxima com o louvor, está a nos dizer durante boa parte do tempo que a voz é sagrada, que é preciso ouvir além.



Oração de São Francisco - (de 1'03" a 1'58")

<https://www.youtube.com/watch?v=jcd3P7eNCUw>

- . não é nada simples fazer da própria voz uma prece...
- . nessa canção a melodia apresenta uma sequência que cria a expectativa de um crescendo, uma intensificação (ouvir a partir de 7:37: consolar que ser consolado, compreender que ser compreendido, amar que ser amado...);
- . esse processo chegaria no terceiro verso 'amar que ser amado' com toda a força (é isso que a gente ouve em todas as outras interpretações);
- . mas não com Bethânia: ela insinua a intensificação, mas na hora H faz piano súbito e rallentando...

- . resultado, a sutileza se transforma numa das formas mais potentes de intensificação, e assim a voz se transforma em prece, muito mais bonito e, como recolhimento, muito mais franciscano...
- . logo adiante ela compensa o ouvinte e produz uma intensificação final... (que se vive...) – dando clareza ao desenho do todo.

11.

A voz e a ancestralidade

Se é para radicalizar em termos de ancestralidade, vale observar que o que sabemos hoje é que o primeiro nome que se têm registro histórico como responsável pela criação e canto de música, hinos aos deuses da Lua, é de uma compositora, poeta e cantora/narradora — Enheduana, sacerdotisa dos deuses Nanna e Inanna, na cidade de Ur, cerca de 2.300 anos antes de Cristo, portanto 4.300 anos atrás. Estamos há mais de quatro milênios cantando pra Lua... somos parte dessa grande massa humana de inventores de transcendência sonora...

Na direção da ancestralidade mais próxima, tem muita África no cantar de Bethânia. Mas também tem muita Lisboa velha, muito Santo Amaro e São Salvador. Escolho uma dessas perspectivas como ilustração:

Na canção “Oração a Mãe Menininha” o gesto principal remete a uma oscilação entre dois pontos melódicos — tem um ponto alto na sílaba “Ai”... e um ponto baixo na sílaba “Mãe”; portanto, é como se a canção comesse com um mergulho: um mergulho reverencial, uma saudação, um gemido que vai até o fundo do peito... Entre esses dois pontos, o agudo e o grave a canção vai se desenrolando...



Oração a Mãe Menininha (de 6” até 42”)

<https://www.youtube.com/watch?v=Cyk7t30XWLQ>

Linda a canção. Linda a interpretação. Não custa lembrar que essa oscilação entre dois pontos melódicos (um agudo, outro grave) dá origem a uma espécie de metáfora, a sensação de ondulação, a sensação de ondas... e, portanto, redobra o valor da homenagem a Mãe Menininha, ao evocar seu orixá Oxum... Homenageia Menininha colocando essa homenagem num contexto das águas... Ao ouvir Bethânia a gente vibra com a ênfase que ela coloca nesses dois pontos... (a estrela mais linda...hein?)

12.

A dimensão macro desse cantar que mudou o Brasil

Por que a voz de Bethânia mudou o Brasil? Ora, por causa do impacto de sua presença no palco da música popular brasileira, com tudo que ela trouxe de autêntico e de representativo, mas, sobretudo, em torno de uma afirmação radical da liberdade de criação de uma individualidade que canta – no eixo móvel entre a abertura de mundos expressivos e a necessidade de cada um deles, como parte imprescindível de uma interpretação do Brasil.

Mudou o Brasil pela sua capacidade de interpretá-lo... e assim reconstruí-lo, através da sua “mitopoética” como diz Leonardo Davino de Oliveira: “identidades e entidades, vontade de potência e terapêutica do recalque”.

Ao longo dos anos, denunciou racismo, os preconceitos sociais e de gênero, as mazelas, a desigualdade, postura típica de uma estrutura de sentimento característica de uma brasilidade revolucionária e mestiça – é o que nos diz Marlon de Souza Silva.

Bethânia mudou o Brasil e continua mudando. Da estrutura de shows que entrelaçam canções e poesia, Bethânia desenvolve diretamente um trabalho de incentivo ao acesso às pérolas da literatura. A voz se faz terapeuta de uma sociedade que precisa ouvir, conhecer e pensar sobre os seus próprios tesouros simbólicos... Bethânia cantora, pesquisadora, reconhecida como Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal da Bahia na gestão de João Carlos Salles, e imortal da Academia de Letras da Bahia!

Conclusão

A Academia canta

Quem estamos recebendo hoje? Eu gostaria de enfatizar, uma pesquisadora incansável cujo objeto tem sido a voz por mais de 6 décadas, colocando em movimento um enorme programa de produção de conhecimento que abrange desde os mais tênues fios daquilo que é íntimo, no campo da sensibilidade, se expande na direção da presença pública da voz, seu papel de encantamento pelo pertencimento que desperta e constrói, passa pela escolha criteriosíssima de repertórios, e, jongleur virtuose¹⁷, pela cuidadosa costura de múltiplos campos de sentido em cada palco que ilumina, e pelo desenho do impacto de uma recepção que envolve milhões e milhões de pessoas. Uma cantora que cria com a voz e com o corpo, com a inteligência e com a libido, dando origem a uma verdadeira revolução no campo da cultura e da música popular brasileira. E para além disso tudo: uma pessoa maravilhosa!

Agradeço a leitura prévia e comentários do jornalista Antonio Moreno, do médico Dr. Paulo Boente, e do acadêmico e confrade Marcus Vinicius Rodrigues...

Obrigado, Senhora!

Salvador, 3 de maio de 2023.

¹⁷ A ideia do jongleur faz a ligação do performer medieval com o seu descendente, o performer nordestino, que vai de feira em feira, encantando a todos; ou mesmo com o artista do circo.

ALGUMAS REFERÊNCIAS

FORIN JUNIOR, R. Poesia e música: lastros de oralidade na performance de Maria Bethânia. *Boitatá*, v. 13, p. 163-184, 2012. <https://doi.org/10.5433/boitata.2012v7.e31244>

FORIN JUNIOR, R. De gregos a baianos: canção, literatura e teatro nas tramas rapsódicas de Maria Bethânia. Orientadora: Sonia Aparecida Vido Pascolati. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2017. Versões impressa e eletrônica.

HEIDEMANN, Kate. A System for Describing Vocal Timbre in Popular Song. *Music Theory Online: Journal of the Music Theory Society*, mar. 2016.

<https://www.mtosmt.org/issues/mto.16.22.1/mto.16.22.1.heidemann.html>

LIMA, Paulo Costa. “Composicionalidade: Teoria e prática do compor no horizonte da atualidade”, In: *Teoria e prática do compor I*. Salvador, EDUFBA, 2012

MACHILINE, J. M. José Maurício Machiline entrevista Maria Bethânia. In: *26º Homenagem da Música Popular Brasileira Rio de Janeiro*, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=27Ns-3c3BD-Y>. Acesso: 01 set. 2021.

MARCOS, M. Oiá-Bethânia: amálgama de mitos. Uma análise socioantropológica da trajetória artística de Maria Bethânia sob a influência de elementos míticos do orixá Oiá-Iansã. Monografia Final de Curso. Salvador: Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, 2004.

MARCOS, M. Oyá-Bethânia: os mitos de um orixá nos ritos de uma estrela. Dissertação de Mestrado. Salvador: Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, 2008.

OLIVEIRA, L. D. Vocoperformance à brasileira. *ELYRA: Revista da Rede Internacional Lyra Compoetics*, v. 1, p. 271-286, 2019. <https://doi.org/10.21747/21828954/ely13a14>

OLIVEIRA, L. D. Sujeito cancional: Verbivocoperformance poética contemporânea. *Ipotesi, Juiz de Fora*, v.20, n.1, p. 87-100, jan./jun. 2016, p. 87-100.

OLIVEIRA, L. D. Relicário em estado de Bethânia. *Bliss não tem bis*, 2013 Disponível em: <http://blissnaotembis.com/blog/2013/06/relicario-em-estado-de-bethania-por-leonardo-davin-o-de-oliveira.html>. Acesso em 01 set. 2021.

STARLING, H. M. M. Maria Bethânia: intérprete do Brasil. In: VELOSO, M. B. V. T. *Caderno de Poesias*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2015.

Paulo Costa Lima é compositor, professor Titular de Composição e Teoria da Música na Escola de Música da Universidade Federal da Bahia. Foi Pró-Reitor de Extensão da UFBA (1996-2002), Presidente da Fundação Gregório de Mattos (2005-2008) e Assessor Especial do Reitor da UFBA (2014-2021). Autor de diversas obras musicais e alguns livros, tem recebido diversos prêmios e distinções. É titular da Cadeira n° 21 da Academia Brasileira de Música. Desde 2009 ocupa a Cadeira n° 8 da Academia de Letras da Bahia.



A EDUCAÇÃO NA ERA DIGITAL¹

EDVALDO BRITO

1. INTRODUÇÃO

— *Pro mode que*

Ouvi muito de minha avó materna, Maria de *Gaudêncio* — este último, o nome do meu avô, seu marido — esta frase, quando ela me indagava a razão de uma minha conduta.

Português arcaico, com o qual convivi, por alguns anos dos meus primeiros 15 (quinze), em Muritiba, onde nasci.

Maria de *Gaudêncio* porque, nascida do ventre livre, ainda, assim, não tinha sobrenome, porque seu nome completo teve a marca da família do *senhor* dos seus antepassados, qual seja, o sobrenome, *Pereira Fraga*, dos conhecidos Clementino, Artur e Armínio, nomes de destaque na vida nacional.

Enfim, Maria José *Pereira Fraga*, minha avó, ao lado de minha mãe, d. Edite, compôs, nessa faixa etária, a dupla *matriz* de minhas educadoras, somando-se às minhas professoras primárias Estefânia, Maria José (d. Zezinha) e Nair.

Estamos aí, pelos anos de 1937 a 1953, período desses quase 15 anos, nos quais vivi em Muritiba, minha cidade natal, quando, no início de 1954, em uma segunda classe do *vapor de Cachoeira*, cheguei a Salvador, para morar, apenas, com o dinheiro da passagem do Elevador Lacerda, porque o trajeto da praça Municipal até o bairro do Tororó, rua do Amparo, teria de ser feito a pé,

¹ Discurso de posse na Cadeira nº19 da Academia Baiana de Educação: Patrono Francisco da Conceição Menezes, titular anterior Cid José Teixeira Cavalcante, proferido em 15 de dezembro de 2023.

descendo a Ladeira da Praça, subindo a Ladeira da Independência, passando pela rua José Duarte, até chegar ao nº65 dessa rua do Amparo do Tororó, em um aposento de, aproximadamente, 9m², mantido pelo aluguel de minha tia materna, Helena, que estava vivendo no Rio de Janeiro, colaborando com a irmã, Lucila, na venda de acarajé e outras iguarias bahianas, na esquina de uma rua com a praça Tiradentes, ao lado direito de quem olha o prédio do Teatro João Caetano, o mais antigo da cidade do Rio de Janeiro.

Já conhecia Salvador, para onde era trazido por Lucila, tia Bida, Iyálorisá, na religião dos Orisás, a Mãe Bida de Iemanjá e, a essa época, aqui, convivi com essa tia Helena — antes de sua ida para o Rio de Janeiro — no seu ponto de venda dessas iguarias, na praça da Sé, no pé da escada da alfaiataria de “seu” Francisco, na parte defronte do oitão da Catedral Basílica.

Ali era caminho do bonde, vindo da rua da Misericórdia; prosseguia ele, passando junto ao oitão da Catedral, fazia parada em frente ao cinema Excelsior e retornava à rua da Misericórdia em direção ao seu destino de origem.

Ver o bonde, nesse trajeto, era deslumbrante aos olhos do menino, nascido no interior do Estado.

A habitação, supra referida, era chamada de *loja*: consistia em um subsolo da casa onde residiam os senhores, Hilda e o marido, o educador, nascido em Nazaré das Farinhas, Anísio Melhor, pai de um excêntrico jovem que, posteriormente, vim a saber de sua veia poética, Carlos Anísio.

Minha tia, Lucila fez-me sua companhia — portanto, antes dos meus 15 anos de idade — em todos os famosos terreiros de candomblé de Salvador, às vezes, deixando-me pernoitar, dormindo sobre os bancos onde os visitantes sentam-se para assistir os rituais públicos, isto é, aqueles exibidos nos barracões do Gantois e da Casa Branca do Engenho Velho.

Bons tempos, nos quais a educação não conhecia intolerância de nenhuma qualidade, muito menos a religiosa, porque cada qual acreditava na existência de uma divindade, ao alcance

do seu conhecimento, confirmando a assertiva dos *Sofistas*, nas palavras do grego, Pitágoras: “o homem é a medida de todas as coisas; das coisas que são, enquanto são, das coisas que não são, enquanto não são”.

Esse pensamento dá a noção do *relativismo*, ou seja, cada indivíduo compreende os objetos do conhecimento à sua específica maneira.

Hoje, acredito que a intolerância religiosa de alguns, que se dizem cristãos, não é fruto da leitura da Bíblia Sagrada, livro preferencial, na formação da *personalidade*, porque veículo da sabedoria acerca da conduta humana. O conteúdo desse livro não comporta interpretação que conduza a esta forma de não suportar a livre escolha do outro.

Esses são cristãos de meia tigela, porque nunca leram, por exemplo, o Levítico 19-18: “*não te vingues nem guardes rancor contra teus patriotas. Amarás o teu próximo como a ti mesmo*”; ou nunca leram a reprovação, por Jesus, da *lei do Talião* que, no Antigo Testamento, permitia ao indivíduo vingar-se na mesma proporção da ofensa ou crime sofridos (Levítico 24, 17-19; Deuteronômio 19,21). Muito menos, absorveram a demonstração de solidariedade provocada por Jesus, em Zaqueu, o chefe dos cobradores de impostos (Lucas 19).

Contra essa *lei do Talião* Jesus exigiu de seus discípulos a não violência e o amor aos inimigos (Mateus 5, 38-48).

Seremos cristãos todos que vivamos em paz com o próximo, respeitando seu livre arbítrio.

Isto é educação.

D. Edite não era praticante da religião católica, apostólica, romana, mas, nesse sentido era cristã, porque entendia os princípios educativos do cristianismo, auridos através do catecismo, transmitidos pelas catequistas, atividade feminina consistente em metódica instrução sobre a doutrina de Cristo, por isso, este seu filho, único varão entre cinco irmãos, chegou a coroinha de sacerdotes, na Paróquia de São Pedro de Muritiba, como o cônego Gaspar Sadoc da Natividade, o insuperável orador sacro,

de quem me tornei amigo até seu falecimento, em 22 de setembro de 2016, aos seus 100 (cem) anos de idade, uma vez que ele nasceu em 23 de março de 1916.

Mas, retorne-se à residência em Salvador: sob o convite feito dentro do vapor de Cachoeira, pelo Professor Albérico Fraga, meu conterrâneo, passei a fazer refeições em sua residência — no início, na cozinha e alguns anos depois à mesa da família — pude perceber costumes burgueses, meus desconhecidos de origem, contudo, aos quais me adaptei, sem dificuldade, tais como o do uso do guardanapo, durante as refeições, para limpar os lábios, o qual, até hoje, é-me habitual e o dos vasilhames com água morna para assear os dedos das mãos, a fim de descascar a fruta, com auxílio dos talheres.

A religião dos Orisás, já referida supra, é e me foi, também, uma salutar técnica de educação. Nela, aprende-se a amar a Natureza, cultivar a disciplina hierárquica e entender que há, além, dos objetos materiais, tão nocivos para o culto à fraternidade, à humildade e, portanto, à solidariedade, há, também, os objetos metafísicos que são transcendentais, sutis, nebulosos e, sobretudo, imateriais, um valor em si mesmos.

A legitimidade da religião, dirá Max Weber, é *carismática* ou, nas palavras desse ilustre sociólogo alemão, que viveu até 1920, é, assim, porque a *dominação*, ou seja, *a probabilidade de encontrar obediência dentro de um grupo determinado, para mandatos específicos*², firma-se em “chefes naturais, em caso de dificuldades psíquicas, físicas, econômicas, éticas, religiosas ou políticas, os quais não são pessoas que ocupam um cargo, nem gente que desempenha uma profissão, no sentido atual do vocábulo, aprendida mediante um saber especializado e praticada mediante remuneração, senão, portadores de dons específicos do corpo e do espírito estimados como sobrenaturais (no sentido de não serem acessíveis a todos)”³.

² - cf. *Economía y sociedade. Esbozo de sociología comprensiva*. Vol. I, México. Fondo de Cultura Económica, 1977, p.170

³ - cf. autor e ob. cits. vol II, p.847

Há, enfim, uma submissão como se fosse a uma autoridade paternal do senhor, influenciando sempre na mesma direção.

Essa simbiose afetiva de mulheres, mãe e professoras, consistiu no que se denomina *educação doméstica*, pela qual me foram transmitidos conhecimentos necessários à convivência social.

A escola, sobretudo a de ensino primário, integra essa educação, à medida em que a professora, nesse grau de transmissão de conhecimento, adapta o indivíduo com a sociedade, compondo, nessa fase de formação da *personalidade*, a informação necessária à convivência social.

A *personalidade* não se confunde com a *pessoa*, em cada ser humano.

Personalidade é o resultado de uma série de componentes listados por Francisco Baptista Neto, como sendo os “fatores hereditários, as experiências emocionais, principalmente com os pais, nos primeiros anos de vida, e as experiências traumáticas da realidade da vida adulta. Em resumo, a personalidade reflete a interação entre fatores biológicos e as mais diversas variáveis ambientais”⁴.

Pode-se, assim, classificar esses fatores em *individuais* e *sociais*, incluindo entre os primeiros o biológico inato, o biológico adquirido, o psicológico inato e o psicológico adquirido; entre os segundos, os hábitos aprendidos na convivência social.

Fatores individuais:	Fatores Sociais
biológico adquirido biológico inato	psicológico adquirido psicológico inato

Aqui, coloca-se a *educação social*, especialmente, a denominada *educação cívica* definida como a que identifica o indivíduo

⁴ - cf. Adolescente: o desafio de entender e conviver. Florianópolis: Insular. 2011, p.32.

enquanto membro participante da Nação, pela qual ele se conscientiza das tradições, orgulhando-se dos sentimentos comuns de pátria, elevando-lhe o nível de interação coletiva mediante o conhecimento de longo processo histórico, ligando-se com a sua ancestralidade, promovendo o enraizamento de dever para com o grupo e a consciência dos direitos decorrentes da posição de unidade participante.

É uma educação que carece de planejamento globalizado, visando a consolidação da unidade nacional.

A escola tem função saliente na promoção dessa modalidade.

Já a *pessoa* é um regime jurídico atribuído pela ordem jurídica à *personalidade* (*pessoa* natural) e à ficção que ele, o regime jurídico, constrói na categoria denominada de *pessoa* jurídica.

2. A EDUCAÇÃO NA ERA DIGITAL

O processo descrito faz buscar, na etimologia do signo *educação*, a orientação necessária ao entendimento pelo qual a mulher tem protagonismo essencial na composição da *personalidade* do ser humano e ao entendimento de que esse processo constitui-se em um *objeto cultural*.

Educação provém do latim *educatio*, *educatiōnis* e de *ducère*.

Educatio significa *ação de criar, criação de animais*, incluindo-se, assim, a formação do espírito humano, a *instrução*; daí *educàre*, que quer dizer: criar, nutrir crianças e animais, que se liga ao latim *educère* que significa tirar de, retirar, criar, nutrir e ao latim *ducère*: conduzir, levar.

O conceito resultante dessa origem revela um “processo que visa a promover o desenvolvimento do indivíduo através do desencadeamento de todas as suas potencialidades”.

Então, esse conceito é designativo de um *objeto cultural*, porque é algo inexistente na vida dos animais não humanos que são, *biologicamente*, organizados.

Nelson de Sousa Sampaio⁵ discrimina os diversos setores da cultura em 13 (treze) manifestações do espírito humano, afirmando que “ainda não foi encontrada sociedade onde não existissem essas manifestações culturais”, quais sejam:

Linguagem

Técnica

Conhecimento

Economia,

Política

Religião

Magia

Moral

Direito

Normas de boas maneiras

Arte

Recreações

Educação

Buscada, no cadinho da escola jurídica do *egologismo existencial*, a noção de um *objeto cultural*, encontra-se que ele ocupa um campo do conhecimento humano, cujas características são: algo *real*; que tem *existência*; que está na *experiência* e que é *valioso* positiva ou negativamente; razão pela qual o estudioso passa a ser o próprio *objeto* de sua investigação, o que lhe exige *neutralidade axiológica*, a fim de superar os seus “*bias*”, sob pena de distorção do julgamento, como observador, tendo em vista seu íntimo envolvimento com o *objeto* de sua observação.

⁵ - cf. Ideologia e ciência política. Bahia: Livraria PROGRESSO Editora. 1953, p.223

Carlos Cossio⁶ resume o tema no seguinte quadro:

Objetos	I caráter	I caráter	III caráter
Ideais	Irreais: não têm existência	Não estão na experiência	Neutros ao valor
Naturais	Reais: têm existência	Estão na experiência	Neutros ao valor
Metafísicos	Reais: têm existência	Não estão na experiência	Valiosos positiva ou negativamente
Culturais	Reais: têm existência	Estão na experiência	Valiosos positiva ou negativamente

A *educação*, como *objeto cultural*, é criação do homem, atuando segundo valores, por isso, passível de um tratamento *axiológico*, submetido a caracterizações. Não é, em si, um *valor*, porque esse tratamento *axiológico* torna-o *objeto* sob apreciação positiva ou negativa do sujeito cognoscente, tal como se expôs supra.

A pesquisa de qualquer aspecto de um *objeto cultural*, em que o *sujeito cognoscente* é o próprio *objeto cognoscível*, cresce de importância pela mestria que se exige na manipulação, a qual não se limita a mero colecionamento de opiniões alheias, mesmo que se identifique, aqui ou acolá, uma originalidade, nessa coleção.

A pesquisa, aqui, exige aprofundamento e, por isso, pede técnica original reveladora da qualificação do *elemento subjetivo* — o pesquisador — na construção de um *elemento objetivo* inofismável: a *conduta humana*, portanto, a conduta do próprio pesquisador.

Colhem-se, dessa forma, vários elementos constitutivos desse conceito, tais como, ser uma ação realizada por um sujeito, o educador, mediante um processo de interação com o educando.

⁶ -cf. La teoría etológica del derecho y el concepto jurídico de libertad. 2ª ed. Buenos Aires: Abeledo-Perrot. 1964, p.56.

Saliente-se, por isso, a “*construção amorosa do saber*”, na feliz expressão de Carlos Amadeu Botelho Byington, identificada no seu pensamento de “que o ensino predominantemente racional é um ensino sem emoção, mais especificamente, sem a função sentimento [...] um ensino que exclui, metodologicamente, o amor. Só isso expressa sua aberração. [...] O ensino dominado pelo poder torna-se exclusivamente uma obrigação e exclui a relação amorosa com o saber. Daí por diante, professores podem ensinar e alunos aprender muitas coisas, mas, o principal, a relação amorosa com o aprendizado e a cultura, foi irreparavelmente danificada [...] condenada, para sempre, ao desinteresse. A participação do professor nessa condenação é um crime contra a relação do aluno com o aprendizado.”⁷.

E conclui esse médico psiquiatra, psicoterapeuta, educador e historiador: “Esta me parece ser a principal explicação para a aversão ao estudo que está tomando conta de uma parte cada vez maior da juventude. Isso pode explicar também porque tantos jovens dedicam-se ao estudo simplesmente para ter um diploma e competir. Nesse caso, o amor pelo saber é substituído pelo poder que passa a usar o saber unicamente dentro da competição do mercado de trabalho, sem qualquer relação com o amor e a vocação.”⁸

Certo é que um professor pode ser, além de transmissor, objetivamente, de conhecimento, também, um educador, porque o ensino, como técnica de informações úteis, indispensáveis à educação, tem a finalidade de instruir.

Volte-se, aqui, à *educação doméstica*, como o início dessa técnica, onde se incluem as *creches*.

A Constituição da República Federativa do Brasil coman-

⁷ - cf. Carlos Amadeu Botelho Byington. *A construção amorosa do saber: o fundamento e a finalidade da Pedagogia Simbólica Junguiana*. 3ª edição São Paulo: Linear B, 2011. p.36

⁸ - cf. o autor e a obra *cits.* na nota de rodapé 5, p.36.

da as funções de todos os entes federados e determina que é dever do poder público efetivar a educação mediante a garantia da educação infantil, em *creche* e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade.

Exerço funções no âmbito do poder público municipal, antes na cúpula do Executivo, hoje, na elaboração legislativa e, desde o ano de 2009, sigo recomendação do deputado federal Antônio Brito para cuidar das *creches comunitárias* que abrigam os filhos dos trabalhadores carentes.

É nesse contexto que se insere a *educação*, nessa *era digital*, quando se tem buscado utilizar as TDIC – Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, pelas quais se fala de um protagonismo do estudante nessa *era conectada*.

Indubitavelmente, para propiciar esse protagonismo do educando, na família e na escola, é de repensar-se a aprendizagem e o ensino, porque se está, no mundo contemporâneo, em ambiente diverso do método tradicional de transmissão do saber, mas, não a ponto de adotar-se, totalmente, o chamado *ensino à distância* - EAD, especialmente, sob a forma de divulgação da aula no *Instagram*, sem qualquer integração professor aluno, considerando-se que o *ensino* é parte do *aprendizado* que, por sua vez, associa-se à função do educador de interagir, não só para facilitar a assimilação do conteúdo, mas, também, para induzir ao manejo ético dos conhecimentos assimilados, seja qual for o campo ôntico.

Notícia animadora, neste mês de dezembro, de 2023, é a de que o Ministério da Educação baixou a Portaria nº2041/2023 suspendendo, até o início de março de 2024, as autorizações para novas graduações pelo *ensino à distância* - EAD nas áreas de biomedicina, ciências da religião, direito, educação física, enfermagem, farmácia, fisioterapia, fonaudiologia, geologia/engenharia geológica, medicina, nutrição, oceanografia, odontologia, psicologia, saúde coletiva, terapia ocupacional, formação de professores, inclusive as licenciaturas.

Imaginem-se, nesse mundo digital, d. Edite, minha mãe, d. Estefânia, d. Maria José (d. Zezinha), d. Nair, minhas professoras primárias e minha avó, Maria de *Gaudêncio*, com lições presenciais tão úteis ao desenvolvimento integral, harmônico deste homem, que ora é acolhido neste sodalício; imagine-se se elas não lhe tivessem dispensado, na sua educação básica, o amor que as faz lembradas, agora, como parte deste protagonismo?!

Pense, nessas novidades digitais, Francisco da Conceição Menezes, um autêntico educador, o patrono desta Cadeira 19?!

Há transversalidade entre a vida desse grande educador e a deste, ora submetido à sua égide, nesta Casa:

Era abril de 1954, chegado a Salvador, nas condições já descritas, estava matriculado para frequentar, no turno vespertino, as aulas do curso científico cujo currículo seria útil aos meus iniciais propósitos de ingressar na Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia, de formação de engenheiros civis, a fim de satisfazer o desejo do meu pai, João, pedreiro, mestre de obras, para quem eu elaborava, tecnicamente, sob sua orientação, projetos arquitetônicos para edificações, em Muritiba, depois, em Salvador (esquina da avenida Euclides da Cunha com a rua Manoel Barreto, no bairro da Graça).

Teria de ser transferido para o turno noturno, uma vez que o trabalho ocuparia os dois turnos diurnos.

O prazo para o requerimento já se havia esgotado e a solução foi uma carta do professor Albérico Fraga, um homem de notório prestígio como advogado, ex-deputado federal, ex-secretário de Estado do Interior e Justiça do Governo Octávio Mangabeira, professor catedrático da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, da qual foi, inclusive, Reitor.

Entreguei a correspondência a d. Melânia, temida secretária do famoso Colégio Estadual da Bahia, o Central e, logo, ao chamado dele, fui levado à presença do diretor do estabelecimento, o professor Francisco da Conceição Menezes.

Receoso, pelo contato, um jovem do interior, aos 15 anos de idade, diante daquela autoridade, mas, ele, carinhosamente, atendeu ao pedido e me transferiu de turno.

Era um homem de estatura mediana, negro, calvo, respeitado intelectual, secretário do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, bem a propósito de seu magistério de festejado professor de História.

É honroso ser afilhado de um patrono com vínculo afetivo tão decisivo para a vida deste novo ocupante da sua Cadeira 19, cujo seu antecessor, Cid José Teixeira Cavalcante, liga-se, pela mesma qualificação afetiva, ao patrono, de quem, por coincidência, Cid foi enteado.

Cid Teixeira, nessa afetividade, tem uma linha de través com esse seu sucessor pela amizade que, além de si, manteve com seus dois irmãos, Cidelmo, meu professor de Desenho, no Colégio Estadual da Bahia e José, meu diretor na Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia.

Ninguém o superou, a ele Cid, no conhecimento da História da Bahia.

É referência maior nesses saberes sobre a Bahia, sendo autor de livros de qualidade nessa área: *Bahia em tempos de Província*; *História da Mineração na Bahia*; *O Coronelismo na Bahia*; *História da Armação*; *Salvador, Posse e Uso da Terra*.

Ocupou a Cadeira, também, de nº19, na Academia de Letras da Bahia, cujo sucessor é Décio Torres Cruz — também, presente, para minha satisfação, nesta solenidade — dado que Cid faleceu em 21 de dezembro de 2021, mas, permanece, entre nós, a sua memória, fazendo recordar seu vozeirão, suas lições e a sua lembrança, também, como radialista, atividade que muito prezava, como conta Aramis Ribeiro Costa⁹, revelando-lhe o desejo de que gostaria que escrevessem no seu túmulo, apenas, o seguinte: “aqui jaz Cid Teixeira – Radialista”.

⁹ - cf. Discurso do Radialista – Homenagem a Cid Teixeira. In. Revista da Academia de Letras da Bahia – Ano 1, vol. 1, n.1 (Ago 1930) Salvador: Academia de Letras da Bahia abril de 2023 – número 61, p.493

Efetivamente, “atuou como editorialista, na redação de um texto diário, sob o título “[...] ‘Esta é a nossa opinião’, também redator da crônica diária ‘Bom dia, Amigos’, também produtor e apresentador do programa ‘Obras-primas da Música’ [...]”, além de ser o responsável por um programa de grande audiência, o “Pergunte ao José”, no sistema de perguntas e respostas, estas eram dadas, por ele, com a segurança de um cultíssimo professor, nas quais ministrava verdadeiras aulas de História.

Nascido em 11 de novembro de 1925, na Ilha de Maré, viveu 96 anos. Era o primeiro filho de José Teixeira Cavalcante e Cidália Teixeira Cavalcante, tendo ficado órfão de pai aos nove anos de idade, sua mãe, casou-se com Francisco da Conceição Menezes, enfim, nosso patrono, de Cid e de mim, nesta Academia.

Portanto, os dois — o patrono e o antecessor — com tantos títulos, indague-se:

— Como professores, que diriam dessas novidades digitais no processo de formação da *personalidade*, na medida em que se as querem adotar como substitutivo radical da forma tradicional de transmissão de conhecimentos?

É certo que se está necessitando de transformação nos métodos de transmissão dos conhecimentos, em cada área da atividade, para acompanhar o avanço tecnológico de hoje, porém, não se pode admitir, também, método radical que extirpe a “*construção amorosa do saber*”.

Anuncia-se que, entre 2011 e 2021, o *ensino à distância* - EAD apontou um aumento de 474% no número de ingressantes, nessa modalidade, enquanto os novos alunos em cursos presenciais diminuíram em 23,4%.

Não se trata, aqui, de falsa polarização entre as duas modalidades, *presencial* e *à distância*, mas, de uma expansão desordenada, dessa última, especialmente, na área das ciências da saúde e da ciência jurídica nas quais o ensino, como elemento constitutivo da educação, demanda a aquisição de habilidades profissionais e os ambientes apropriados, como laboratórios ou como

espaços para simulação de solução de conflitos sociais, que, somente, o *ensino presencial* pode propiciar.

Michel Desmurget, pesquisador francês especializado em neurociência cognitiva, em recente livro, intitulado “*A Fábrica de Cretinos Digitais*”¹⁰, fala da influência nefasta das telas sobre o desenvolvimento infantil, porque elas não combinam com resultados escolares e quanto mais se aumente o tempo de tela, mais, as notas caem.

Maryanne Wolf é uma neurocientista norte-americana, autora de outro livro, “*O Cérebro no Mundo Digital*”¹¹, editado há pouco tempo, mostra as diferenças entre as leituras no meio impresso e no *digital* porque há uma escala de distração entre elas, pois, o papel é menos dispersivo, daí que a transição para esta época *digital* está afetando todos os aspectos de nossa vida, incluindo o desenvolvimento intelectual de cada novo leitor.

A par de toda essa situação, ainda, substitui-se o livro físico pelo livro eletrônico, com a extinção das editoras e o perigo do “*OneDrive*” que é um aplicativo de armazenamento de arquivos da Microsoft para Android e iPhone (iOS). Trata-se de um programa de computador que se propõe a salvar documentos, que se diz de forma segura sem que se gaste a memória do aparelho.

Quem garante?!

E nem se conta com as falhas próprias das máquinas ou dos sistemas elétricos, inexistentes em relação aos livros físicos.

Retorna-se à infestação do anglicismo, um idiotismo tão, antes, condenado.

Não satisfeito, o Brasil, país de cultura periférica, queria importar a prática do *homeschooling*, como se se quisesse aumentar o número dos excluídos da sociedade, para maior do que já se tem.

¹⁰ - cf. São Paulo: Vestígio, 2021, p.81 e segs.

¹¹ - cf. São Paulo: Contexto, 2019.

Essa prática adota o ensino em residência, com suporte pedagógico oficial.

A Constituição brasileira não o agasalha porque estabelece, dentre outros princípios, o de o ensino ser ministrado, com pluralismo de ideias, o que é incompatível com o *homeschooling*.

Falo destes temas, aqui, descritos, com a credencial de quem foi Secretário de Educação e Cultura do Estado da Bahia, substituto, muitas vezes, enquanto, por 3 (três) anos, foi titular, o saudoso confrade, aqui e na Academia de Letras da Bahia, o acadêmico Luiz Navarro de Britto, no operoso governo de Luiz Vianna Filho.

Falo com a credencial de quem foi professor do ensino médio privado, no respeitado Colégio Nossa Senhora das Mercês e no Colégio Estadual M. A. Teixeira de Freitas.

Falo com a credencial de quem, ainda, hoje, continua lecionando no curso de pós-graduação em Direito da Universidade Federal da Bahia.

A educação jurídica reclama, também, uma transformação para o *digital*, mas, exigem-se os cuidados, aqui, revelados.

Quem sabe? apenas, uma adaptação para a gestão do tempo e da automação, para evitar prejuízos econômicos no desempenho da profissão.

3. HOMENAGENS

A esperança pela modulação desses verdadeiros modismos, reside em instituições como esta Academia Baiana de Educação, onde aproximados 50% de seu Quadro são mulheres que *constroem, amorosamente, o saber*, há tanto tempo, na Bahia; a maioria delas de minha convivência por todo esse tempo de meu envolvimento com a educação nos setores privado e público:

São essas mulheres: Leda Jesuíno, Conceição Costa e Silva, Adelaide Rezende, Maria Anália Costa Moura, Célia Cordeiro, Márcia Barros, Maria Augusta Abdon, Nadja Viana,

Zilma Barros, Maria José Costa, Anaci Paim, Maria Thereza Marcílio, Lídia Pimenta, Vanda Angélica, Yeda Barradas Carneiro, Cristiana Santos.

Impossível esquecer de Consuelo Pondé, Betty Coelho, Rosa Levita, Joselice Macedo, Olga Mettig, Guiomar Florence.

As homenagens são, também, devidas à memória dos acadêmicos Roberto Santos, Luiz Navarro de Britto, Edivaldo Boaventura, Germano Machado, Remy de Souza, Raul Sá, Germano Tabacof, Hermano Machado, Rômulo Galvão, Eraldo Tinoco, Cícero Pessoa da Silva, Antônio Jesuino, Luiz Fernando Macedo Costa, Luiz Henrique Dias Tavares, Jorge Calmon, Francisco Pinheiro, Raymundo Matta, João Eurico Matta, Alaor Coutinho e Hildérico Pinheiro de Oliveira, com os quais, direta ou indiretamente, colaborei, em algum momento, na *construção amorosa do saber* bahiano.

Conviveremos, doravante, com regozijo, junto a todos, confreres e confrades, pedindo licença para nominar, dentre tantos, os amigos queridos: Reitor Geraldo Leite, a quem assessorei, juridicamente, nos idos de 1976, por designação do Governador Roberto Santos, nos trabalhos do pedido de autorização e funcionamento, pelo Ministério da Educação, da, hoje, Universidade Estadual de Feira de Santana; Astor Pessoa, Hermes Mello, Manoel Barros, Rogério Vargens, José Nilton.

Esta Academia é, pois, essa esperança, porque está apta a produzir alternativas de adaptação das peculiaridades da educação, mediante um ensino *presencial* no qual se utilize a tecnologia *digital*, mas, na medida de sua instrumentalidade.

Enfim, ensino e aprendizagem são elementos da educação e, nesse mundo *digital*, a utilização da respectiva tecnologia, depende de um contexto.

Destaco, nesta altura desta solenidade, a feliz oportunidade de ser, pela segunda vez, recipiendário do acadêmico Joaci Góes.

A primeira ocorreu em 29 de novembro de 2019, quando vós, acadêmico Joaci Fonseca de Góes, recebestes-me, com irretocável saudação na Academia de Letras da Bahia para, ali, ocupar a Cadeira n°3.

Nutrimos antiga e prazerosa amizade, desde que fomos contemporâneos no curso da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, onde vós ingressastes em 1959 e até a minha graduação em 1962.

Temos tido, de lá ao tempo presente, a oportunidade de convivência, direi, fraterna.

Agradeço-vos, pois, por esta segunda recepção, a qual me deixa confortável para o ingresso nesta Casa, onde mourejam educadores.

Meus amigos todos, que me homenageiam com a presença e aos quais sou, eternamente, grato:

Casei-me, há 60 anos, com uma educadora, a professora Reginalda Paranhos Ribeiro Leite, a cujo este nome foi acrescentado o meu sobrenome, o *de Brito*.

Reginalda usou suas aulas, ministradas nos graus de ensino primário, secundário e superior — pois é, hoje, professora de Direito Civil na Universidade Católica do Salvador — nos quais exerceu e exerce o magistério, como instrumento de educação, na *construção amorosa do saber*, transmitindo conhecimento por todo esse tempo, até hoje, aos seus alunos, dentre eles se inclui este próprio expositor que, há cinquent’anos atrás, teve-lhe e à confreira Maria Anália Costa Moura, como orientadoras para o seu vitorioso desempenho no concurso para professor da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia.

A Reginalda, os melhores agradecimentos, de quem está tomando o lugar que lhe era devido, neste sodalício, que por justiça seria seu, por todos os seus méritos de educadora. Estou certo, porém, que legitimarei esta ocupação com a sua colaboração, que não me faltará, como nunca faltou, nessa recíproca sexagenária cumplicidade amorosa.

Reginalda, em você, agradeço, também, a filhos, Edvaldo e Antonio; a netos, Felipe, Paula, Antonio Ali, Laila e Marina; a noras, Leila e Fabiana e aos demais familiares, por este glorioso momento de homenagem a um homem que, somente, quer, um dia, conseguir ser reconhecido como um educador.

Dedico-o, este momento, também, aos milhares de alunos que tive e tenho por este Brasil afora, os quais têm ajudado, até hoje, esse meu desempenho de tentativa de ser educador.

Enfim, a d. Edite, minha mãe, sempre.

Os *Encantados* do mundo; todos, sejam louvados!

Salvador, 15 de dezembro de 2023.

Edvaldo Brito é advogado e político. É doutor em Direito e professor de pós-graduação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da Universidade Católica do Salvador (UCSAL). É autor de alguns livros e tem diversos artigos e ensaios publicados em jornais e periódicos especializados. Pertence: à Academia de Letras de Ilhéus, à Academia Internacional de Direito e Economia, à Academia Brasileira de Letras Jurídicas, à Academia Nacional de Economia, à Academia Brasileira de Direito Tributário, à Academia Paulista de Letras Jurídicas, à Academia de Letras Jurídicas da Bahia, à Academiae Sanctae Theodarae e Imperatricis, à Academia de Letras de Itabuna, à Academia Paulista de História. Desde 2019 ocupa a Cadeira nº 3 da Academia de Letras da Bahia.



DISCURSO DE RECEPÇÃO A EDVALDO BRITO NA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

JOACI GÓES

Quando chegamos ao Palacete Góes Calmon, há quatro anos, para cumprir o privilégio de saudar o professor Edvaldo Brito, na Academia de Letras da Bahia, nos demos conta de havermos esquecido o discurso no banco do táxi que nos transportou. Por piedosa solidariedade, a rica e culta audiência devolveu a nossa segurança com o seu reiterado aplauso ao pouco do muito que teríamos a dizer sobre a exuberante personalidade do novo inquilino da Casa de Arlindo Coelho Fragoso. Para a repetição deste novo e honroso múnus, na festa da inteligência que agora nos reúne, escrevemos, não apenas um, mas dois textos, distintos na forma, ainda que irmãos siameses no conteúdo, para concluirmos pela dispensabilidade de ambos, tendo em vista a óbvia conclusão de que a saudação que ostensivamente legitima, de modo altissonante, o ingresso do professor Edvaldo Brito neste sodalício, consiste na mera leitura dos componentes de sua excepcional biografia que avançou da condição de interiorano negro e pobre para as culminâncias de um saber fecundo e múltiplo festejado em todo o País.

Acreditamos não ferir suscetibilidades, Senhor Presidente Astor Pessoa, ao afirmarmos que ninguém merece tanto como Edvaldo Brito integrar esta como todas as academias destinadas a abrigar cultores do conhecimento humanístico em nosso País, por ser ele o argumento definitivo e incontrastável, na sociedade do conhecimento em que nos encontramos inapelavelmente imersos,

que chancela o entendimento de que a educação é a força que liberta, reduz e elimina desigualdades, por representar o caminho mais curto entre a pobreza e a prosperidade, o atraso e o desenvolvimento, o estado de semi-barbárie em que já nos encontramos e a sociedade próspera e feliz que todos aspiramos.

É com regozijo, portanto, que confessamos a agradável constatação de nada poder dizer a esta culta audiência que aqui vem para vos aplaudir, eminente amigo Edvaldo Brito, que dela já não seja conhecido. Repetimos, agora, a impressão que nos assoberbou ao saudar-vos na Academia de Letras da Bahia de que vossa decisão de nos cumular com a honrosa escolha para repetir, agora o acolhimento, em nome da augusta ABE decorre da antiguidade de mais de seis décadas do afeto que nos une, de um tempo, portanto, em que a maioria dos presentes, representativos de um corte transversal do melhor que compõe o meio social em que vivemos, inclusive representantes dos poderes constituídos, em suas dimensões pública e privada, não era, sequer, nascida. Se algo há a estranhar, neste vosso ingresso, é que não tenha ocorrido no alvorecer deste sodalício.

Não há como omitir o acurado acerto do vaticínio que sobre vosso futuro formulou nosso amigo e mestre comum, o Professor Orlando Gomes, componente da notável tríade de juristas que formou com Teixeira de Freitas e Ruy Barbosa. A exemplo dos três, vós também tendes o braço ligado ao cérebro, de tal modo a vossa saga intelectual é reveladora da permanente parceria entre as formulações teóricas e o atendimento das demandas do pragmatismo existencial. Quem, tanto quanto vós, como eles, realizou obra jurídica de tamanha expressão, paralelamente ao desempenho de tantas e tão relevantes atribuições no plano do pragmatismo existencial, bastando mencionar, como exemplo, o exercício de prefeito da cidade do Salvador, sem mencionar o exercício de secretarias de Estado, na Bahia, e na cidade de São Paulo, uma das maiores do mundo? De fato, desde 1987, chefiais, na Bahia e em São Paulo, o escritório de advocacia EDVALDO BRITO & ADVOGADOS ASSOCIADOS;

Fostes Prefeito de Salvador em 1978 e 1979; Secretário dos Negócios Jurídicos do Município de São Paulo, de 1997 a 2001; Secretário de Estado da Bahia, por quatro vezes, em diferentes governos, ocupando as pastas da Saúde, Educação, Justiça e de Assuntos Estratégicos do Estado. Vice-Prefeito de Salvador de 2009 a 2012. Impressiona como o vosso desempenho no mundo da práxis se ombreia com obra tão vasta quanto qualificada que tendes produzido, sobretudo, no campo do Direito Tributário.

Como se não bastasse, a exemplo de Charles de Gaulle, culminando marcha tão prodigiosa, num gesto revelador da mescla de grande humildade com imensurável amor à vossa terra, fizeste-vos vereador, pontificando no mais antigo parlamento do Continente Americano, a cavaleiro da primeira Praça do Poder de Matriz Europeia, igualmente, o mais ancião do Novo Mundo, sendo reconhecido, unanimemente, como o mais ilustre entre os sessenta mil vereadores dos 5.570 municípios brasileiros! E dizer que partistes de modestíssimo capital inicial, ainda que prenhe de sólidos valores morais, que vieram das palavras e ações de vossos dignos pais, Sr João e Dona Edite, profeticamente sintonizados com a vocação dos novos tempos, marcados pela predominância do saber sobre todos os demais fatores, como força geratriz do desenvolvimento dos povos: -“Estuda meu filho, porque fora do estudo não há salvação”. À pobreza de raiz somava-se, em vossa origem, um passivo ainda maior: um defeito de cor, tão bem resenhado no monumental romance épico com esse mesmo nome, de autoria de Ana Maria Gonçalves, jovem mulher negra, nascida em Ubá, Minas Gerais, tendo como tema as vidas de Luiza Mahim e seu filho Luiz Gonzaga Pinto da Gama, campeão na defesa das populações negras das mesmas dimensões de Nelson Mandela. Esse duplo passivo, paralisante para muitos, atuou, em vossa espinhosa marcha, como uma permanente lembrança do quanto teríeis que porfiar para conquistar um lugar ao sol, do mesmo modo que o sofrido povo judeu, “eterno viajor da eterna senda, espantado a fugir de tenda em tenda, fugindo embalado à vingadora voz”, como nos advertiu o gênio de Castro Alves em seu monumental poema

Ahasverus e o Gênio. A exemplo dos judeus e, hoje, das mulheres, introjetastes o entendimento de que, para vencer, haveríeis de “ter sempre, em mente, a imperiosa necessidade de fazer, pelo menos, o dobro dos vossos contendores”. A maior escolaridade crescente das mulheres aponta para a emergência de um matriarcado de tipo novo, amparado no conhecimento, campo em que elas já superam os homens na maioria dos domínios da ação humana. Sois a prova viva do acerto da conclusão do psicólogo e psiquiatra húngaro Mihaly Csikszentmihalyi,(1934-2021), expoente da Universidade de Chicago, ao concluir que os grandes construtores do progresso humano são egressos, majoritariamente, da minoria dos que nasceram no fausto da segurança e da riqueza ou na escassez e adversidades da pobreza, sendo muito reduzida a contribuição dos emersos da classe média, seduzida pelos apelos da comodidade. Enquanto a composição dos grandes transformadores conta com a parcela dos ricos de berço que não se deixam viciar pelas maciezas do fausto e daqueles pobres que não se deixam esmagar pelo peso das dificuldades, fazendo de cada pedra drummoniana que encontra à frente do caminho a matéria prima para a construção de catedrais.

Entrastes, pois, no picadeiro da vida, de mãos vazias para digladiar com cavaleiros fortes e bem armados, em contendas mediadas por césaes predispostos a vos negar o benefício da dúvida. Muito provavelmente, a cada passo dessas inúmeras disputas, quando o desânimo chegou a bater à vossa porta, ouvistes ecoar na alma a precisa advertência do venerável pai João: “Edvardo, meu fio, tu estuda para ser um grande homem”. Foi quando aprendestes a fazer de cada uma das quedas “um passo de dança”, como definiu Fernando Sabino, daí nascendo a decisão de reuni-las todas na composição do harmonioso conjunto alegórico que compõe vossa rica biografia, produto de movimentos seguros e ritmados, ao som dos acordes de uma firme determinação de construir um grande futuro, mantida a cautela no limite consciente de evitar contusões paralisantes. Por isso, aguardastes o decurso de 25 anos, após a graduação em Direito,

em 1962, quando iniciastes vitoriosa carreira como advogado e professor, para, já consolidado o prestígio intelectual, abrir o Escritório de advocacia em São Paulo, a grande capital do Continente Sul Americano. Não é difícil concluir que vos inspirastes, para crescer tanto, na monumentalidade dos grandes mestres que compuseram o magistério de nossa veneranda Faculdade de Direito, aqui mencionados como um preito à sua festejada grandeza: Augusto Alexandre Machado; Antônio Luis Machado Neto; Adalício Coelho Nogueira; Nelson de Souza Sampaio; Nestor Duarte; Aliomar Baleeiro; Sylvio dos Santos Faria; Aloísio de Carvalho Filho; Josafá Marinho; Raul Affonso Nogueira Chaves; Aderbal da Cunha Gonçalves; Jayme Junqueira Ayres; Milton Tavares; Evandro Balthazar da Silveira; José Joaquim Calmon de Passos; Edson O'Dwyer; Pedro Manso Cabral; José Martins Catharino; Elson Gottschalk; Lafayette de Azevedo Pondé; Adhemar Raimundo da Silva; Luiz Viana, pai e filho; José Lima; Estácio Luiz Valente de Lima; Gilberto Valente, pai e filho; Albérico Fraga; Carlos Fraga; Demétrio Tourinho; Almir Tourinho e Auto José de Castro que a 22/04/2002, aos 78 anos foi vítima de parricídio que comoveu o Brasil.

Vossa longeva advocacia, acentuadamente nos foros da Bahia, São Paulo e Brasília, perante os tribunais superiores, é de mérito reconhecido nos campos do Direito Empresarial, Tributário, Administrativo, Civil e Constitucional, no que seguistes o conselho matriz de Mestre Orlando para buscar a transversalidade do conhecimento jurídico, meio indispensável a operar cada um dos campos epistemológicos do Direito, sem perda da visão de sua unicidade sistêmica. Recordo-me da especial confiança que o Mestre Orlando depositava em vosso futuro, a ponto de vencer sua conhecida discrição encomiástica para nos predizer que serieis um grande jurista, prognóstico que, em vida testemunhou e que hoje se afirma, até, no trabalho que realizais de atualização de sua vasta obra às exigências de um sistema legislativo em contínua mutação. Os títulos acadêmicos que tendes conquistado, eminente amigo, avalizam, concomitantemente, o prestígio universitário

do professor e do advogado de grife que não fez e não faz concessões, mínimas que sejam, a elevados preceitos éticos. De um lado o advogado brilhante, do outro, em perfeita sinergia, o professor, confessadamente apaixonado pelo magistério, o mais nobre dos ofícios humanos, hoje, mais que nunca, porquanto a humanidade passou a viver, pela primeira vez em sua história, na sociedade do conhecimento em que estamos inapelavelmente imersos.

A conquista dos títulos que vos enobrecem é uma decorrência natural de uma caminhada sólida e sem titubeios na direção da grandeza: Pós Graduação e Mestrado em Direito Econômico, pela Universidade Federal da Bahia; Pós graduação, Docência e Doutorado em Direito Tributário pela USP - Universidade de São Paulo; Professor Titular de Legislação Tributária, na USP - Universidade de São Paulo; Professor Titular de Direito Civil, na Faculdade de Direito na USP - Universidade de São Paulo; Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia onde lecionou Direito Constitucional e Direito Tributário no curso de pós-graduação (Mestrado/Doutorado). Professor Emérito da Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo, onde lecionastes Direito Tributário, na pós-graduação e Direito das Obrigações, no curso de graduação.

Vossa chegada, na festa desta noite, à ABE foi antecedida, entre outras, pela Academia Brasileira de Letras Jurídicas, Academia Brasileira de Direito Tributário, Academia Nacional de Economia, Academia de Letras Jurídicas da Bahia, Academia Internacional de Direito e Economia, Academia de Letras da Bahia, importantes entidades que vos acolheram, como nome de proa, em seus quadros. Nem poderia ser de outro modo, diante da reputação construída nos campos do Direito Público e Privado, abrangendo o Tributário, o Econômico, o Administrativo e o Direito Civil, todos regidos pela batuta maior do Direito Constitucional que operais com maestria. Em caráter exemplificativo, mencionemos alguns clássicos de Vossa lavra: Problemas jurídicos do ICM; O desenvolvimento econômico e os sistemas tributário e fiscal; O conceito tributo; Decadência e prescrição

tributárias no direito brasileiro; Tributos sinalagmáticos e contribuições na legislação brasileira; A teoria do contrato e o contrato com pessoa a declarar no projeto de código civil; Manual de iniciação ao direito; A licitação no serviço público; Limites da revisão constitucional; Reflexos jurídicos da atuação do Estado no domínio econômico: desenvolvimento econômico, bem-estar social; Direito Tributário: Imposto, Tributos Sinalagmáticos, Contribuições, Preços e Tarifas, Empréstimo Compulsório; Direito Tributário e Constituição: Estudos e Pareceres.

No plano da cidadania privada, vossa biografia guarda estreita paridade com o elevado plano de vossa vida pública e acadêmica, como administrador, advogado e como renomado jurista, bastando, para tanto, apontar, a bela família que edificastes com a irrepreensível companheira de toda a vida, a reconhecidamente capaz cultora do Direito, Reginalda, com quem tivestes os filhos, Edvaldo, vosso associado na advocacia, e o secundogênito Antônio, Tony, para os íntimos, parlamentar federal que honra o Congresso Nacional. É de confiar-se que os vossos netos saberão levar adiante a tocha dessa nova família que inicia mais uma linhagem de caráter aristocrático, na acepção helênica do termo. A maturidade que já revelam vossos netos Marina, Felipe, Paula, Antônio Ali e Laila é garantia dessa continuidade frutuosa.

Vossa fidelidade aos valores culturais e religiosos de matriz africana pode ser resumido na ativa militância, a partir deles, de que é prova a coordenação da II Conferência Mundial da Tradição dos Orixás e Cultura, em junho de 1983, em que Mãe Stella, que juntos pranteamos em Madri, naquela noite de saudade, em 27 de dezembro do ano 2019, teve marcante protagonismo. Sois o Baba Egbé do Ilê Iyá Omi Àse Ìyámásé, do Terreiro do Gantois, em que Mãe Menininha reinou absoluta. Sobre a prática de religiões de matriz africana no Brasil, é imperioso lembrar que Lidivaldo Reaiche Britto escreveu obra definitiva: A proteção legal dos terreiros de candomblé: da repressão policial ao reconhecimento como patrimônio histórico-cultural.

É por tudo isso, preclaro confrade Edvaldo Brito, que, sobejamente, vos qualificais para integrar a ABE, tão exemplarmente dignificada pela plêiade de notáveis que há pouco biografastes com esmero.

É, portanto, cheio de confiança que nos dirigimos a vós, confrade Edvaldo Brito, para vos pedir que someis vossa voz poderosa à dos integrantes desta Casa, para fazer ecoar pelos quatro cantos da Bahia e do Brasil, que são dois, apenas, dois, os grandes obstáculos que se contrapõem à redução das gritantes desigualdades que nos infamam aos olhos do mundo, e dentro desse quadro de pantanosa desigualdade, o panorama, ainda mais gritante, das desvantagens sociais que bitolam, segregam e estiolam a marcha de nossa negritude no sentido de sua substantiva emancipação material: acesso a educação de qualidade e acesso a saneamento básico, também de qualidade.

Os dados são de gritante consistência. Detentor de um dos dez maiores PIBs do mundo, o Brasil claudica nas proximidades do centésimo (100) lugar, em matéria de educação, considerada em seu conjunto, do ensino fundamental ao universitário. Com uma universidade pública entre as mais caras, não conseguimos que uma sequer de nossas unidades consiga assento, permanente, entre as duzentas melhores do Planeta. E nesse panorama de desigualdade, a posição dos negros que representam 54% da população brasileira é ainda mais vexatória. Senão, vejamos:

1-Os 54% da população negra brasileira comparecem com 78% dos 10% da população mais pobre do País;

2-No outro extremo, entre os que compõem o universo privilegiado da população mais rica, os negros comparecem com, apenas, 17,8%;

3-A causa desse handicap social está no acesso à educação: enquanto 22,2% da população branca têm 12 anos ou mais de estudos, os negros têm, apenas, 9,4%;

4-Segundo dados de 2016, com 9,9% de analfabetos, os negros tinham mais do dobro da população branca;

5-A taxa de desemprego dos dois grupos étnicos também reflete essa diferença de acesso a educação: 13,6% para os negros e 9,5% para os brancos;

6-A renda mensal média vai pelo mesmo caminho: R\$ 1.570 para os negros e R\$ 2.814 para os brancos;

7-Entre os concluintes de mestrados e doutorados, os números são ainda mais acachapantes. Na USP, entre os professores do ensino superior, os negros representam, apenas, 1,8%;

8- O negro corre oito vezes mais o risco de ser assassinado do que o branco, bem como um risco muito maior de vir a delinquir, fato que explica a elevada percentagem de negros encarcerados.

Desses dados, de veracidade tão esclarecedora, constantes do primeiro volume da tríade *Escravidão*, de Laurentino Gomes, a maioria da população negra brasileira não tem adequado conhecimento, em razão do discurso populista de todos os matizes que na prática de nossa vida política, com as exceções que confirmam a regra, coloca os interesses da próxima eleição acima dos interesses da próxima geração.

Quanto ao significado do acesso a saneamento básico de qualidade, para a vida das pessoas, os números, igualmente, falam com dolorosa eloquência. O Instituto Trata Brasil constatou, através estudo de campo realizado pela pesquisadora Denise Kronemberger, que os gastos com saúde pública junto às populações de nenhum ou precário acesso a saneamento básico são, em média, três vezes maiores do que os despendidos com populações dotadas de bom saneamento. Fato que demonstra ser o investimento nessa área de elevado retorno, não apenas social, como econômico, tendo em vista a redução dos gastos com saúde. A Oxfam (Oxford Famine), fundada na Inglaterra, em 1942, uma confederação que reúne 90 ONGs, dedicadas ao estudo da desigualdade no mundo, em publicação de oitenta páginas, denominada *A distância que nos une*, revelou que enquanto a média de vida no bairro popular Tiradentes, na periferia da cidade de São Paulo,

destituído de saneamento básico, é de, apenas, 54 anos, essa média sobe para 79 anos, no bem infraestruturaado bairro de Higienópolis. Como o déficit de saneamento no Brasil atinge metade da população, predominantemente pobre, concluímos que, também, aqui, os negros são as maiores vítimas.

Temos bradado, eminente Confrade Edvaldo Brito, que um dos grandes males de nossa hipocrisia social consiste em manter as populações negras encharcadas de um vitimismo que lhes deprime o ânimo e a autoestima, fator que, sem dúvida, como é do conhecimento mais elementar da psicologia individual e das massas, representa pesado fardo ao seu crescimento e avanço social.

É verdade que o Brasil, em 1888, foi o último país, no Continente americano, a eliminar a escravidão, dois anos, apenas, depois de Cuba. O que não se propaga é que a Etiópia só em 1942 a aboliu, formalmente; o Marrocos, em 1956; a Arábia Saudita, em 1962, e a Maurítânia, em 2007. Nunca encontramos qualquer alusão a esses fatos, na mídia brasileira ou no discurso dos antropólogos, informações importantes para os negros brasileiros compreenderem que, como eles ou nós, não há uma só pessoa entre os oito bilhões de habitantes do Planeta que não tenha entre os seus ascendentes senhores e escravos.

Temos que proscrever o vitimismo reinante, nascido de um falso determinismo eleitoral, que alimenta a crença de que as populações pobres, em geral, e os negros, em particular, só têm vez quando se tornam alvo de políticas messiânicas de falsos salvadores da Pátria, quando o que, na realidade, fazem esses demagogos é usar, em favor da realização de suas aspirações de poder, a ingenuidade da alma popular, levando-a a crer em sua tutela salvadora. Não, não há registro na história dos povos de conquistas populares que tenham resultado da exclusiva boa vontade de dirigentes iluminados, tocados pela chama divina da generosidade ou da caridade. O que se registra, desde sempre, são conquistas que nascem de ações determinadas e bem articuladas, compatíveis com as características de cada tempo histórico.

Somos francamente favoráveis a políticas compensatórias ou ações afirmativas em favor dos mais pobres, em geral, e das populações negras, em particular, desde que respeitem critérios meritocráticos, como tão bem propugna o polímata Thomas Sowell, schollar negro norte-americano, autoridade mundialmente reconhecida nesse campo. Com os mesmos recursos hoje despendidos no sistema de cotas para assegurar vaga para alunos egressos do ensino público, poderíamos oferecer o dobro ou mais das vagas, sem a ruptura existente que mais cedo do que tarde culminará produzindo resultados distintos dos desejados, no conhecido efeito bumerangue.

Para finalizar, eminente confrade, arrolemos, em caráter exemplificativo, notáveis vultos de nossa História que, como vós, souberam fazer das quedas passos de dança, produzindo marcantes coreografias de que tanto nos orgulhamos.

O Aleijadinho é um bom começo. Filho de escrava, com um arquiteto português, ergueu-se aos olhos da posteridade como o Michelângelo brasileiro. O Marechal Rondon, filho de índios, etnia igualmente discriminada, é personalidade tutelar da integridade territorial do Brasil. E o que dizer de Machado de Assis, reputado o nosso escritor mais completo? E de Luís Gonzaga Pinto da Gama, filho de Luísa Mahim, o maior líder na luta contra a escravidão que o Brasil pouco conhece? E de Lima Barreto, o notável romancista, morto aos 41 anos? E do Visconde de Mauá e de Amador Aguiar que, oriundos da maior pobreza, se transformaram nos grandes empresários do Continente Sul-americano, em suas respectivas áreas de atuação? E do gênio sergipano, Tobias Barreto? E o poeta simbolista, catarinense, Cruz e Souza? E o psiquiatra Juliano Moreira? E Manuel Querino? E o grande gramático Ernesto Carneiro Ribeiro, professor de Castro Alves, Rui Barbosa e Euclides da Cunha? E os notáveis engenheiros que a Bahia deu ao Brasil, Teodoro Sampaio, e os irmãos André e Antonio Rebouças? E Alberto Guerreiro Ramos, o notável sociólogo? E o geógrafo Milton Santos?

E a querida professora Belmira Santiago que nos ensinou a amar a língua portuguesa? E o historiador Francisco da Conceição Menezes? E o Padre Sadoc, que alcançou as culminâncias da oratória sacra? Pastinha e nosso Mestre Bimba que, com a mescla da Capoeira de Angola e a Regional, compuseram a ginga que resultou no espetáculo coreográfico de maior curso universal. E Mamede Paes Mendonça que, não obstante sua baixa escolaridade revolucionou o comércio varejista brasileiro? A lista, certamente, ultrapassa os limites deste depoimento.

Não obstante já tão exuberante, vossa biografia, Caro Confrade Edvaldo Brito, é, ainda, inacabada, de tal modo a saúde física e intelectual esplendem no outono luminoso de vossa vida. Repetimos aqui o que vos dissemos, ao encerrar a saudação na Academia de Letras da Bahia: sem dúvida, tendes sabido vos colocar à altura do desafio de vossa venerável mãe, D. Edite, que vos serviu de estímulo e roteiro, ao advertir, profética conselheira: Edvardo, meu fio, tu estuda para ser um grande homem”!

Cumpristes aquele amoroso e benfazejo vaticínio!

Sede bem-vindo ao nosso edificante convívio!!

Salvador, 15 de dezembro de 2023.

Joaci Góes é bacharel em direito, escritor, orador, político, empresário e consultor educacional. Foi deputado federal constituinte de 1988, tendo sido o relator do Código de Defesa do Consumidor. Entre outras obras, publicou os ensaios *A força da vocação no desenvolvimento das pessoas e dos povos* (2009), *(as) 51 personalidades (mais) marcantes do Brasil* (2014) e *Direitas e esquerdas. A superioridade da sociedade aberta.*(2022). Desde 2009 ocupa a Cadeira nº 7 da Academia de Letras da Bahia.



HOMENAGEM A CARLOS VASCONCELOS MAIA

GLÁUCIA LEMOS

Meus senhores:

As Academias de Letras são constituídas de inteligências expressas em textos. Cada Academia de Letras é formada pelo acervo produzido por inteligências que tenham se projetado com especial mérito e se distinguido entre outras a merecerem a imortalidade nas estantes e arquivos das importantíssimas Casas de Cultura. Sejam textos em prosa, sejam poesias, ensaios, discursos, eles preenchem as bibliotecas, os arquivos e relatam sobre a literatura trabalhada por um povo ou uma época, e se tornam a razão de existirem as Academias de Letras. Nelas são guardados nomes tais, pela particularidade de se haverem revelado excepcionais naquilo que produziram. E cá, nas Academias, permanecem vencendo os séculos, porque imortalizados. Mas, por que permanecerem em silêncio?

Necessário se torna fazer com que pulsem ainda no presente aqueles que glorificaram um passado literário. Lembrá-los e reviver, como possível, cada uma das obras por eles criadas.

Os homens podem ser eternos. Podem viver muitos anos, quatrocentos, milênios, enquanto forem amados, lembrados e mencionados. Por tudo o que bem souberam construir e realizar, pelo que se tenham feito amar e admirar. Porque viver é estar presente.

Esses sobreviverão amados e admirados, tendo assim suas vidas prolongadas pela verdade do próprio mérito, em tudo o que lhes sobreviverá como rastro a fazer parte da vida e das lembranças de quantos tiveram a oportunidade do convívio com seu trabalho.

É para tanto que são criadas as Academias de Letras. Reunir e eternizar os que bem usam o mágico instrumento da Palavra, criando imagens de histórias do Bem e do mal, ou reproduzindo vidas e episódios que eternizam glórias e enredos de contistas e romancistas, historiadores e poetas de quantos operosos elevem a maravilhas o trabalho da Palavra, honrando o idioma do país que os viu nascerem. Assim eternizam-se os povos e as épocas. Importa falarmos deles, dos que nelas estão guardados, lembrarmos e acordarmos do pretérito seus textos e seus pensamentos.

Neste 2023, inspirado autor de contos, nos quais muito estão louvados os mares da Bahia, Carlos Vasconcelos Maia, meu antecessor na cadeira 14, que muito me honra ocupar, teria completado o seu centenário de nascimento a 20 de março.

Conheci Vasconcelos Maia ligeiramente, quando, ainda anônima no ambiente intelectual, participei de um concurso de contos no pequeno Grêmio Literário Humberto de Campos, no qual um grupo de jovens se reunia, nas manhãs dos domingos, para falar de Literatura. Realizávamos concursos de contos e de poesias, em âmbito restrito, convidando intelectuais reconhecidos para julgamento dos trabalhos inscritos. Em uma destas oportunidades tive premiado por Vasconcelos Maia um conto de minha autoria. Depois vim a encontrá-lo várias vezes em eventos desta Academia, que eu começara a frequentar a partir de 1985, ao ter premiado também aqui, em concurso de romances, o meu primeiro romance, intitulado O riso da raposa. Nesta casa travamos ligeira amizade porque sempre o encontrava sorridente e receptivo. Era muito fácil tornar-se amigo de Vasconcelos Maia, pelo seu carisma.

Não quero no momento tratar da pessoa humana que todos os que o conheceram bem o sabiam pessoa de trato especialmente amável, cavalheiresco, gentil, carismático. Quero homenageá-lo lastreada na sua obra composta por 10 livros, e ainda por participações em inúmeras antologias. Não só no Brasil, também além fronteiras como na Rússia, Alemanha, Estados Unidos, Japão, Suíça e Bulgária, aos quais seus contos foram levados, o nosso baiano de Santa Inês

“cantou a sua aldeia” para o mundo, através de livros como *Fora da Vida, O cavalo e a rosa. O leque de Oxum, Cação de Areia*.

No advento do Modernismo em São Paulo, o mundo literário da Bahia, fazendo sua adesão, teve nele um dos criadores da revista *Cadernos da Bahia*, em cujo elenco era o único baiano - conforme nos informa seu irmão, nosso confrade, acadêmico Pedro Moacir Maia, no Apêndice à obra de Vasconcelos, *Sol, Terra, Mar* – único baiano, ao lado de outros literatos operosos no ambiente intelectual da Bahia, como o nosso igualmente saudoso confrade, grande historiador, Luiz Henrique Dias Tavares, e entre outros, Sílvio Valente, Cláudio Tuiuti Tavares, Mário Augusto Rocha, Nelson Araújo, Wilson Rocha, que também estiveram participando da edição inaugural dos *Cadernos da Bahia*. Naquela primeira edição foi publicado do nosso contista em foco, o conto *A Grande Safra*, de flagrante realismo, mais interessado, porém, no aspecto social de que no hermetismo com que alguns autores se colocavam ao aderir ao Movimento paulista de Carlos Drumond de Andrade e Mário de Andrade.

Meus senhores, não deixaremos de fazer registo nesta oportunidade sobre o muito que deve a Vasconcelos Maia a organização do Turismo na Bahia, que desfrutou do seu tempo mais áureo quando sob sua direção.

E eis aqui, meus senhores, esta homenagem muito pequena para uma personalidade de tão expressiva lembrança e tanto mérito como intelectual e como ser humano. Eu mesma estou a me interrogar se algum dia serão prestadas homenagens em dimensão apropriada e justa aos nomes que honram o nosso universo intelectual como o nome de Vasconcelos Maia que nos deixou em julho de 1988. Eles ficam não somente na lembrança e nos livros que compõem os acervos das Academias de Letras, também permanecem na amizade admirativa. Esta amizade que leva alguém, como igualmente, as instituições específicas, por mais que o tempo se prolongue, a manter permanente a sua passagem e a sua importância na atividade a que se dedicava com o vigor do intelecto. Como ainda, no presente caso, com a paixão com que soube cantar o seu amor pela Bahia.

Quero encerrar evocando palavras, sobre Vasconcelos Maia, de mais um acadêmico que foi grande e por isso também inesquecível, o nosso Guido Guerra, – igualmente alvo da carinhosa amizade que sempre recebeu e bem a merecia. Meu velho amigo, companheiro de redação na extinta folha dos Diários Associados, o *Diário de Notícias*, no qual ambos assinávamos respectivas colunas. No texto inicial da coletânea intitulada *Sol, Terra, Mar* que reúne 13 contos de Vasconcelos, as palavras de Guido referem-se aos contos reunidos na coletânea, mas muito bem sintetizam a visão do estilo e da inspiração de Carlos Vasconcelos Maia, pelo que as escolhi para encerrar com simplicidade, mas com maior verdade, a minha oração.

“Os episódios do cotidiano, em que se movimentam personagens de raízes marcadamente populares, deram-lhe igualmente régua e compasso para o exercício de fina ironia associada a um lirismo contido, o que lhe permitiu fixar o social sem perder a dimensão poética da vida” (...) São palavras de Guido Guerra.

E aqui agradeço a atenção de todos. Muito obrigada.

Salvador, 20 de dezembro de 2023.

Gláucia Lemos é bacharel em Direito e pós-graduada em crítica de arte. Trabalhou em jornalismo escrevendo críticas de arte e resenhas literárias em jornais de Salvador, Maceió, São Paulo e Aracaju. Tem publicados mais de trinta títulos em literatura adulta e infanto-juvenil. Entre suas obras, encontram-se os romances premiados *O riso da raposa* (1995), *A metade da maçã* (1988), *As chamas da memória* (1990) e *Bichos de Conchas* (2007). No conto, publicou, entre outros, *Procissão e outros contos* (1996). Entre seus vários sucessos na literatura infanto-juvenil, destaca-se o livro *As aventuras do marujo verde*, já na vigésima sexta edição. Desde 2010 ocupa a Cadeira n° 14 da Academia de Letras da Bahia.



Diversos

Quadro Social
Endereço dos acadêmicos



Efemérides 2023



Janeiro

8 – 20h24 - Nota Pública - Redes Sociais (Instagram/Facebook)

A Academia de Letras da Bahia manifestou repúdio à ação criminosa de invasores nas sedes dos Três Poderes da República, que praticaram atentado contra a democracia brasileira e cometeram atos bárbaros de vandalismo. Além disso, cobrou punição, com todo o rigor da lei, aos responsáveis pelos crimes, assim como aos instigadores e financiadores.

11 – 18h a 19h - Letras da Bahia - Rádio Excelsior/ YouTube

Programa da faixa horária Mundo Bahia, na Rádio Excelsior, apresentado pelo acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues, semanalmente. Neste dia, o entrevistado foi o poeta soteropolitano Jorge Augusto.

17 – 15h a 17h - Reunião de Planejamento - Google Meet

Reunião realizada entre a diretoria 2023/2024 e os colaboradores para planejar as metas do convênio a serem executadas durante o ano acadêmico.

18 – 18h a 19h - Letras da Bahia - Rádio Excelsior/ YouTube

Programa da faixa horária Mundo Bahia, na Rádio Excelsior, apresentado pelo acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues, semanalmente. Neste dia, a entrevistada foi a escritora e pesquisadora Gonesa Gonçalves.

25 – 18h a 19h - Letras da Bahia - Rádio Excelsior/ YouTube

Programa da faixa horária Mundo Bahia, na Rádio Excelsior, apresentado pelo acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues, semanalmente. Neste dia, o entrevistado foi o escritor Anderson Shon.

26 – 15h30 a 17h - Reunião da Diretoria - Sede ALB/Google Meet

Reunião de Diretoria da Academia de Letras da Bahia com integrantes da diretoria 2021/2022 e 2023/2024. Pauta: avaliação do último Biênio; planos para 2023.

31 – 22h07 - Nota de Pesar pelo falecimento de Rebeca Serra - Redes Sociais (Instagram/Facebook)

A Academia de Letras da Bahia apresentou suas condolências aos familiares pelo falecimento de Rebeca Serra, sobrinha do acadêmico Ordep Serra.

31 – 22h12 - Nota de Pesar pelo falecimento de Laurita Pontes Tavares - Redes Sociais (Instagram/Facebook)

A Academia de Letras da Bahia apresentou suas condolências aos familiares pelo falecimento de dona Laurita Pontes Tavares, esposa do saudoso acadêmico Luís Henrique Dias Tavares.

Fevereiro

1 – 18h a 19h - Letras da Bahia - Rádio Excelsior/ YouTube

Programa da faixa horária Mundo Bahia, na Rádio Excelsior, apresentado pelo acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues, semanalmente. Neste dia, as entrevistadas foram a escritora Amanda Julieta e a poeta e pesquisadora Mariana Paim.

8 – 18h a 19h - Letras da Bahia - Rádio Excelsior/ YouTube

Programa da faixa horária Mundo Bahia, na Rádio Excelsior, apresentado pelo acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues, semanalmente. Neste dia, o entrevistado foi o escritor Gustavo Rios.

11 – 17h46 - Nota de Pesar pelo falecimento de Helena Parente Cunha - Redes Sociais (Instagram/Facebook)

A Academia de Letras da Bahia manifestou seu pesar pelo falecimento da nossa correspondente Helena Parente Cunha, ao tempo em que apresentou sinceras condolências aos familiares e amigos. Helena Parente Cunha era formada em Letras pela Universidade Federal da Bahia e atuava como professora na Universidade Federal

do Rio de Janeiro. Além de professora, era também poeta, contista, romancista e ensaísta.

23 – 16h14 - Nota de Pesar pelo falecimento de Jamison Pedra Prazeres - Redes Sociais (Instagram/Facebook)

A Academia de Letras da Bahia manifestou seu pesar pelo falecimento do professor e artista visual Jamison Pedra Prazeres, ao tempo em que apresentou sinceras condolências à esposa do artista, a acadêmica Heloísa Prazeres, aos demais familiares e amigos. Jamison Pedra Prazeres era professor aposentado da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia; professor titular de Design e Artes Visuais da Universidade Salvador; funcionário público, arquiteto, do Estado da Bahia. Dedicou-se à expressão e apresentação das artes visuais desde a década de 1960, no ambiente da Galeria Bazarte, espaço cultural da cidade, que formou nomes expressivos da arte.

27 – 15h30 – Homenagem a Mãe Stella de Oxóssi Imortal da Cadeira 33

Foi instalado, no Palacete Góes Calmon, o quadro com a imagem da magna Iyalorixá Mãe Stella de Oxóssi, fotografada por Mario Cravo Neto.

A fotografia foi doada pela família do fotógrafo baiano e emoldurada a partir da colaboração da vereadora e diretora da Funarte Maria Marighella e da ex-primeira dama do estado Fátima Mendonça. Na cerimônia estavam presentes o atual secretário de cultura da Bahia, Bruno Monteiro, e a antecessora, Arany Santana.

O presidente da ALB Ordep Serra conduziu a cerimônia que contou com os discursos do acadêmico e advogado Edvaldo Brito e da jurista e promotora de Justiça, Lívia Sant'Anna Vaz, coordenadora do Grupo de Atuação Especial de Proteção dos Direitos Humanos e Combate à Discriminação do Ministério Público do Estado da Bahia.

Março

1 – 18h a 19h - Letras da Bahia - Rádio Excelsior/ YouTube
Programa da faixa horária Mundo Bahia, na Rádio Excelsior,

apresentado pelo acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues, semanalmente. Neste dia, o entrevistado foi o escritor Deko Lipe.

6 – 15h58 - Nota Pública - Redes Sociais (Instagram/Facebook)

A Academia de Letras da Bahia tornou público seu repúdio às declarações covardes e desonestas do vereador Sandro Fantinel, da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul, município do Estado do Rio Grande do Sul, e sua conduta desrespeitosa, xenofóbica e hedionda defesa do escravismo, da brutalidade e da tortura. Repudiou igualmente as infames declarações subscritas pelo Centro de Indústria, Comércio e Serviços de Bento Gonçalves que de maneira estulta e desavergonhada quis responsabilizar o Programa Bolsa Família pelo descalabro, usando argumentação de teor escravista. A Academia de Letras da Bahia reitera seu empenho na luta pelos direitos humanos e pela cidadania.

7 – 15h46 - Aniversário da Academia de Letras da Bahia - Redes Sociais (Instagram/Facebook)

Postagem com card comemorativo do 106 anos da Academia de Letras da Bahia.

8 – 14h12 - Nota Pública - Redes Sociais (Instagram/Facebook)

A Academia de Letras da Bahia celebrou o Dia Internacional da Mulher com uma saudação às brilhantes damas que a integram, a suas queridas funcionárias e colaboradoras, a todas as mulheres do mundo. A ALB reconheceu a obrigação de lutar para que a desigualdade de gênero seja superada, condenou e lastimou as violências sofridas por inúmeras baianas, inúmeras brasileiras e inúmeras mulheres em todo o mundo. Reconheceu, também, o valor da contribuição feminina para seu engrandecimento, para a cultura de nosso país, para a civilização como um todo. Festejou, portanto, este Dia Internacional da Mulher com amor e respeito, reiterando seu compromisso de combater toda forma de discriminação, em especial a que atinge vastos segmentos da população feminina.

8 – 18h a 19h - Letras da Bahia - Rádio Excelsior/ YouTube

Programa da faixa horária Mundo Bahia, na Rádio Excelsior, apresentado pelo acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues, semanalmente. Neste dia, a entrevistada foi a escritora Rita Santana.

9 – 15h às 16h - Encontros ALB: Mãe Valnázia Bianch - Sede ALB

Neste dia, aconteceu o encontro presencial do Fórum Nacional em Defesa do Patrimônio - Bahia. A diretoria da Academia de Letras da Bahia se reuniu com os representantes das entidades participantes do fórum estadual, pessoas interessadas no tema da defesa do patrimônio e órgãos como o IPAC e o IAB, entre outros, para uma avaliação da situação do patrimônio na Bahia. O objetivo do encontro foi a organização de uma agenda de ações para o ano de 2023. Estiveram presentes o professor José Roberto Severino (UFBA), Márcia Sant'Anna, Dea Federico, Ordep Serra (ALB/ABA), Marcus Vinícius Rodrigues (ALB), Ivana Bentes Federico (ABAA), Daniel Rangel (gabinete IPAC) e Luciana Mandelli, presidente IPAC.

14 – 17h - Abertura do Ano Acadêmico e Posse da Nova Diretoria do Biênio 2023/2024 - Sede da ALB

A abertura do ano acadêmico de 2023, da Academia de Letras da Bahia, realizou-se em encontro presencial no Palacete Góes Calmon. Na Sessão Solene estiveram presentes Acadêmicos e Acadêmicas, convidados e autoridades. Na ocasião, aconteceu a posse da nova diretoria para o biênio 2023/2024.

O atual presidente da instituição, Ordep Serra, reeleito para a diretoria do novo biênio, conduziu a Sessão Solene e promulgou a posse dos novos membros. Durante o encontro, foram prestadas homenagens aos advogados Luís Seixas, Patricia Kruschewsky e Eugênio Kruschewsky pela contribuição para as artes e para a democracia.

Diretoria durante o biênio 2023/2024.

PRESIDENTE: Ordep José Trindade Serra

VICE-PRESIDENTE: Marcus Vinícius Rodrigues

1ª Secretária: Heloísa Prazeres

2ª Secretária: Lia Robatto

1º Tesoureiro: Paulo Ormino de Azevedo

2º Tesoureiro: Cleise Furtado Mendes

Diretor da Biblioteca: Ruy Espinheira Filho

Diretora do Arquivo: Edilene Dias Matos

Diretor de Informática: Carlos Ribeiro

Diretor da revista: Nelson Cerqueira

CONSELHO DE CONTAS E PATRIMÔNIO

Edivaldo Pereira de Brito

Fredie Souza Didier Júnior

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

CONSELHO EDITORIAL

Aleilton Santana da Fonseca

Florisvaldo Moreira de Mattos

Muniz Sodré de Araújo Cabral

15 – 18h a 19h - Letras da Bahia - Rádio Excelsior/ YouTube

Programa da faixa horária Mundo Bahia, na Rádio Excelsior, apresentado pelo acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues, semanalmente. Neste dia, o entrevistado foi o escritor Moisés Alves.

16 – 15h às 16h - Reunião sobre projetos e parcerias - Sede da ALB

A reunião sobre projetos e parcerias entre a ALB e a Tecnomuseu contou com a presença de Aníbal Gondim, Simone Trindade e Tanira Fontoura, do Tecnomuseu, recebidos pelo presidente da Academia de Letras da Bahia, Ordep Serra, o vice-presidente Marcus Vinícius Rodrigues e a diretora do arquivo, a acadêmica Edilene Matos. O encontro foi assistido por Patrícia Si Barreto, Léa Santana, Déa Federico e Fernanda Pimenta especialistas em parcerias com o setor público e privado.

20 – 19h30 - Palavra&Ponto - YouTube

Programa de entrevistas guiado por uma palavra presente na obra da pessoa entrevistada e apresentado pelo acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues. Neste dia, o entrevistado foi o escritor Evanilton Gonçalves.

22 – 18h a 19h - Letras da Bahia - Rádio Excelsior/ YouTube

Programa da faixa horária Mundo Bahia, na Rádio Excelsior, apresentado pelo acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues, semanalmente. Neste dia, as entrevistadas foram as escritoras Martha Galvão e Clarissa Macêdo.

22 – 19h - Cerimônia de Posse da professora e escritora Mirella Márcia Longo Vieira Lima - Sede ALB

A cerimônia de posse da professora e escritora Mirella Márcia Longo Vieira Lima, eleita imortal da Academia de Letras da Bahia em 24 de março de 2022, ocorreu em Sessão Solene presidida pelo acadêmico Ordep Serra, presidente da instituição.

Professora Titular de Teoria Literária da Universidade Federal da Bahia e pesquisadora do CNPq, Mirella Márcia escreve ensaios, poemas, crônicas e contos. Tendo publicado diversos artigos em periódicos especializados nacionais e internacionais, também é autora de sete livros, entre os quais se situam “A torre infinita”, “Confidência Mineira: o amor nos poemas de Carlos Drummond de Andrade” e “Cenas de amor em romances do século XX”.

A acadêmica e diretora de arquivo da ALB Edilene Matos recebeu em cerimônia, a nova imortal, que tomou posse da Cadeira 16 na Academia de Letras da Bahia, anteriormente ocupada pelo imortal João Eurico Matta. A posse da acadêmica destacou a presença e visibilidade das mulheres no campo da cultura, letras e das artes.

27 – 19h30 - Palavra&Ponto - YouTube

Programa de entrevistas guiado por uma palavra presente na obra da pessoa entrevistada e apresentado pelo acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues. Neste dia, o entrevistado foi o escritor Wesley Correia.

28 – 18h - Lançamento do livro “Sonhos de viver”, de Aleilton Fonseca - Sede ALB

O título do escritor baiano e acadêmico Aleilton Fonseca, composto por seis contos sobre personagens cotidianos e que precisam conciliar os desejos com uma dura realidade, foi lançado nesta data pela Editora Caramurê.

29 – 18h a 19h - Letras da Bahia - Rádio Excelsior/ YouTube

Programa da faixa horária Mundo Bahia, na Rádio Excelsior, apresentado pelo acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues, semanalmente. Neste dia, o entrevistado foi o escritor e acadêmico Antônio Torres.

Abril

3 – 19h30 - Palavra&Ponto - YouTube

Programa de entrevistas guiado por uma palavra presente na obra da pessoa entrevistada e apresentado pelo acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues. Neste dia, o entrevistado foi o escritor Alexandre Rabelo.

5 – 16h - Encontros ALB: Fórum de Patrimônio - Sede ALB

Encontro presencial realizado para debater, em parceria com o Fórum Nacional em Defesa do Patrimônio - Bahia, a ameaça ao Terreiro da Casa Branca, imposta por uma construção irregular, no bairro do Engenho Velho da Federação. O Terreiro da Casa Branca é o mais antigo terreiro do Brasil e foi reconhecido pelo Iphan como Patrimônio Cultural Brasileiro, além de ser patrimônio histórico, cultural e paisagístico da cidade, por decreto do prefeito Renan Baleeiro. Desde os anos 2000, o Ilê Axé Iyá Nassô Oká sofre repetidas invasões em seu terreno, esta última com risco de desabamento sobre os barracões, por se tratar de uma edificação de cinco andares.

A mobilização e debate urgentes, em razão de ameaças recorrentes ao Terreiro durante os últimos 23 anos, uniu integrantes do Terreiro e membros de entidades da sociedade civil, a propósito da Academia de Letras da Bahia, por meio do presidente da instituição Ordep Serra, em denúncia contra os atos criminosos que provocam danos irreparáveis à cultura e às memórias baiana e brasileira.

5 – 18h - Encontros ALB: Mãe Valnázia Bianch - Sede ALB

A Academia de Letras da Bahia realizou, no Palacete Góes Calmon, um encontro com a escritora e Ialorixá do Terreiro do Cobre, Mãe Valnázia Pereira Bianch. A acadêmica Yeda Pessoa de Castro faria a apresentação, mas por motivos de saúde, ausentou-se. A mediadora do encontro foi a pesquisadora e mestra Lindinalva Barbosa, Mestra em Estudo de Linguagens, Omorixa Oyá e Egbon do Terreiro do Cobre e ativista do Movimento de Mulheres Negras.

Em Parceria com o Grupo de Estudos Africanos e Afrobrasileiros em Línguas e Culturas (GEAALC), da Universidade do Estado da Bahia, o Encontros ALB propôs um diálogo com Mãe Valnázia Bianch em torno da importância da comemoração do Dia Nacional das Tradições de Raízes de Matrizes Africanas e Nações do Candomblé, 21 de março, anteriormente Dia Internacional de Combate ao Racismo. Na ocasião, a escritora relançou seu livro “Reflexões - Escritas de Mãe Valnázia Bianch” (2019), uma coletânea de artigos do período de um ano e meio em que foi colunista do jornal A Tarde.

5 – 18h a 19h - Letras da Bahia - Rádio Excelsior/ YouTube

Programa da faixa horária Mundo Bahia, na Rádio Excelsior, apresentado pelo acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues, semanalmente. Neste dia, a entrevistada foi a pesquisadora Alana Freitas El Fahl.

10 – 19h30 - Palavra&Ponto - YouTube

Programa de entrevistas guiado por uma palavra presente na obra da pessoa entrevistada e apresentado pelo acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues. Neste dia, o entrevistado foi o escritor Ian Fraser.

12 – 18h a 19h - Letras da Bahia - Rádio Excelsior/ YouTube

Programa da faixa horária Mundo Bahia, na Rádio Excelsior, apresentado pelo acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues, semanalmente. Neste dia, o entrevistado foi o escritor Victor Mascarenhas.

14 – 19h - Cerimônia de Posse do professor e escritor Décio Torres Cruz - Sede ALB

A Cerimônia de Posse de Décio Torres Cruz, eleito imortal da Academia de Letras da Bahia em 11 de agosto de 2022, ocorreu em Sessão Solene,

no Palacete Góes Calmon, presidida pelo acadêmico Ordep Serra, presidente da instituição.

A acadêmica Evelina Hoisel recebeu, em cerimônia, o novo acadêmico e realizou um discurso sobre o novo acadêmico, que tomou posse da Cadeira Número 19 na Academia de Letras da Bahia, anteriormente ocupada pelo historiador Cid Teixeira, falecido a 21 de dezembro de 2021.

Escritor, crítico literário, poeta, professor e pesquisador da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Décio Torres Cruz construiu uma consistente vida acadêmica. Ex-bolsista da Fulbright, obteve seu Ph.D. em Literatura Comparada na State University of New York (SUNY) em Buffalo, EUA. É mestre em Teoria da Literatura, especialista em Tradução e bacharel em Letras/Língua Estrangeira, com concentração em língua e literaturas de Língua Inglesa pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Executou estágio pós-doutoral em Londres, na Inglaterra, com bolsa do CNPq. Além de poemas e contos, Décio Torres publicou vários ensaios sobre diferentes temas e contribuiu para pesquisas acadêmicas nas áreas de estudos de adaptação, linguística aplicada, estudos culturais, análise do discurso, estudos pós-coloniais, línguas inglesa e portuguesa, ensino de inglês, estudos de cinema, literatura, teoria literária, metodologia de ensino, metodologia da pesquisa, estudos shakespearianos e tradução. Contribuiu por muitos anos como ensaísta e articulista para o Caderno Cultural do Jornal A Tarde e ainda colabora com o Caderno 2.

17 – 19h30 - Palavra&Ponto - YouTube

Programa de entrevistas guiado por uma palavra presente na obra da pessoa entrevistada e apresentado pelo acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues. Neste dia, o entrevistado foi o escritor Cláudio Simões.

19 – 18h a 19h - Letras da Bahia - Rádio Excelsior/ YouTube

Programa da faixa horária Mundo Bahia, na Rádio Excelsior, apresentado pelo acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues, semanalmente. Neste dia, o entrevistado foi o pesquisador e escritor Suênio Campos de Lucena.

19 – 19h - Encontros ALB: Lygia Fagundes Telles: 100 anos + 5 - YouTube

O jornalista e escritor Suênio Campos de Lucena e Marcus Vinícius Rodrigues, acadêmico e vice-presidente da Academia de Letras da Bahia, realizaram uma conversa sobre Lygia Fagundes Telles, escritora que marcou a literatura nacional. A edição do projeto foi transmitida ao vivo pelo canal da ALB no YouTube.

Lygia Fagundes Telles foi uma das maiores escritoras brasileiras, sua vasta bibliografia é marcada por contos e romances que refletem muito dos ideais da autora, como a busca pela verdade e a reflexão sobre as circunstâncias cotidianas. Dona de um estilo único, seus romances “Ciranda de pedra” e “As meninas” são considerados clássicos da literatura brasileira. Os contos escritos por Lygia a elevam ao mais alto grau de excelência de que é capaz um escritor. Sobre ela, o saudoso acadêmico Hélio Pólvora disse: “[é] um dos escritores brasileiros de maior consciência artesanal, especialista em casar linguagem e inventiva.”

O professor, escritor e jornalista Suênio Campos de Lucena, estudioso das obras da autora, foi convidado pelo acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues para falar sobre Lygia Fagundes Telles e seu entorno, além da própria experiência de convivência com a grande expoente da literatura nacional, durante a pesquisa para sua tese de doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada, “Esquecimento e lembrança em Lygia Fagundes Telles”.

24 – 19h30 - Palavra&Ponto - YouTube

Programa de entrevistas guiado por uma palavra presente na obra da pessoa entrevistada e apresentado pelo acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues. Neste dia, o entrevistado foi o escritor Ronaldo Correia de Brito.

27 – 19h - Lançamento Virtual da Revista da ALB N° 61 (em formato digital) - Site ALB/Sede da ALB

O lançamento da Revista da ALB N° 61, sob direção de Nelson Cerqueira e coordenação de Aleilton Fonseca, ocorreu em modo presencial, no Palacete Góes Calmon. A Revista da ALB é o resultado da curadoria realizada pelos acadêmicos Nelson Cerqueira, diretor da revista;

Aleilton Fonseca, coordenador editorial, e os acadêmicos Florisvaldo Mattos e Muniz Sodré, que compõem o conselho editorial da tradicional revista. A publicação foi composta de produções textuais de diversos tipos e gêneros, entre eles artigos, ensaios, poesias, ficções e discursos produzidos por membros da Academia de Letras da Bahia, além da contribuição de autores e autoras convidadas para a edição número 61.

28 – 14h30 - Seminário Presença de Helena Parente Cunha: literatura e memória - Sede ALB

A Academia de Letras da Bahia realizou, em modo presencial e online, o Seminário Presença de Helena Parente Cunha: literatura e memória.

Sob coordenação do acadêmico Aleilton Fonseca, o seminário propôs uma homenagem à escritora baiana, falecida em fevereiro de 2023. Em companhia das acadêmicas Edilene Matos e Heloisa Prazeres, o seminário homenageou Helena Parente Cunha a partir da apresentação de artigos, que se debruçaram em torno das obras e da vida da escritora baiana.

Helena Parente Cunha foi uma escritora baiana, radicada no Rio de Janeiro, que publicou 26 livros no Brasil, incluindo 6 de poemas, 5 de contos, 9 de ensaios, 5 romances e 1 infantil. Formada em Letras pela UFBA, desenvolveu uma brilhante carreira de professora universitária (UFRJ) e escritora, com livros de poesia, romance, contos e ensaios. Destacam-se seus livros "Mulher no Espelho", "A Casa da Água", "A Guerra da Água" e "A Mulher que Matou os Peixes". A escritora teve grande importância na literatura brasileira, sendo homenageada com o Troféu Rosa de Píndaro em 2016.

Helena Parente Cunha faleceu em 11 de fevereiro de 2023, aos 93 anos. Sua obra literária é marcada pela sensibilidade e profundidade na abordagem de temas sociais e políticos, especialmente relacionados à condição feminina e à luta por direitos iguais.

29 – 19h - Sábado das Artes: Clécia Queiroz - YouTube

O Sábado das Artes é um programa de aproximação e diálogo da Academia de Letras com a área das artes. O bate-papo online reúne artistas

para falar sobre suas inspirações, a relação com a literatura, conceitos estéticos e éticos, processos de trabalho, seus sonhos e utopias. Nesta edição, a acadêmica Lia Robatto conduziu uma conversa com a cantora e atriz Clécia Queiroz, pesquisadora sobre o Samba de Roda. O encontro virtual foi transmitido no canal da Academia de Letras da Bahia no YouTube.

30 – 21h34 - Nota Pública - Redes Sociais (Instagram/Facebook)

A Academia de Letras da Bahia parabenizou o acadêmico Cyro de Mattos, pelo recebimento do prestigioso prêmio Casa das Américas e manifestou seu regozijo por mais este grande êxito literário do membro da ALB.

Maio

3 – 18h a 19h - Letras da Bahia - Rádio Excelsior/ YouTube

Programa da faixa horária Mundo Bahia, na Rádio Excelsior, apresentado pelo acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues, semanalmente. Neste dia, a entrevistada foi o pedagogo Bel Santos Mayer.

3 – 19h - Cerimônia de Posse da cantora e poeta Maria Bethânia Vianna Telles Velloso - Sede ALB

A acadêmica Maria Bethânia Vianna Telles Velloso, eleita imortal da Academia de Letras da Bahia, em 11 de outubro de 2022, tomou posse durante Sessão Solene, realizada no Palacete Góes Calmon, sob a presidência do acadêmico Ordep Serra.

Iniciando a cerimônia, Maria Bethânia foi conduzida pelas acadêmicas Edilene Matos, Evelina Hoisel e Heloísa Prazeres. Em sua homenagem, o músico e professor Paulo Costa Lima proferiu o discurso de recepção à instituição, ilustrado com imagens e músicas da "Rainha da MPB".

Antecedida pelo historiador Waldir Freitas Oliveira, a agora ocupante da Cadeira Número 18, Maria Bethânia destacou em seu discurso de posse a honra de fazer parte da Academia de Letras da Bahia

e a importância desta instituição centenária para a cultura e memórias, baiana e brasileira. A acadêmica enalteceu a importância da literatura durante sua vida e carreira, a influência do irmão Caetano Velloso na formação da sua musicalidade, e agradeceu ao Senhor do Bonfim e a guiança das lideranças do Candomblé.

O vice-governador Geraldo Júnior, a secretária da Sepromi Ângela Guimarães compuseram a mesa, ao lado do reitor da UFBA, Paulo Miguez. A primeira-dama do Estado da Bahia, Tatiana Velloso, a deputada estadual Olívia Santana e a diretora do IPAC, Luciana Mandelli compareceram a cerimônia, juntamente à promotora Lívia Sant'Anna Vaz e Fátima Mendonça, ambas conselheiras do presidente da ALB, assim como, o presidente da Fundação Gregório de Mattos, Fernando Guerreiro.

Amigos e familiares vieram de Santo Amaro, entre eles, os irmãos Jota, Rodrigo, Mabel e Irene Velloso. Pai Pote de Santo Amaro, a frente do Ilê Axé Oju Onirê, e Mãe Ângela, neta de Mãe Menininha do Gantois e componente da mesa de honra, representaram a religiosidade que cerca a acadêmica, em uma noite repleta de grande emoção.

8 – 17h às 19h - Medalha Arlindo Fragoso: Honraria a Alice Portugal -Sede ALB

A Academia de Letras da Bahia homenageou a deputada federal Alice Portugal com a Medalha Arlindo Fragoso, por sua contribuição às letras, à cultura e à literatura.

O presidente da ALB, Ordep Serra, recebeu para a cerimônia, além da homenageada, a secretária de Promoção da Igualdade, Ângela Guimarães, e o superintendente do Iphan na Bahia, Hermano Queiroz. As acadêmicas Evelina Hoisel, ex-presidente da ALB, e Edilene Matos, diretora de arquivo da instituição e coordenadora do projeto “Pesquisa documental e histórico-sociológica com foco no acervo de uma instituição acadêmica baiana e em sua produção cultural”, acompanharam o presidente na composição da mesa de honra. Entre as pessoas presentes estavam figuras da política baiana como a ex-vereadora de Salvador Aladilce e o ex-vereador Everaldo Augusto.

Na ocasião, a ALB prestou contas do projeto "Pesquisa documental e histórico-sociológica com foco no acervo de uma instituição acadêmica baiana e em sua produção cultural", uma parceria com a Universidade Federal da Bahia, firmada a partir do edital para bolsistas docentes e discentes da comunidade UFBA. O projeto só foi possível pela dedicação de Alice Portugal, que destinou emenda parlamentar para esta importante iniciativa de preservação do acervo da Academia de Letras da Bahia.

10 – 18h a 19h - Letras da Bahia - Rádio Excelsior/ YouTube

Programa da faixa horária Mundo Bahia, na Rádio Excelsior, apresentado pelo acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues, semanalmente. Neste dia, as pessoas entrevistadas foram a escritora Álex Leilla e o escritor e pesquisador Suênio Campos de Lucena.

12 – 15h às 16h - Reunião sobre o restauro dos painéis em azulejo - Sede da ALB

A reunião sobre o projeto de "Restauro dos painéis de azulejo do Solar Góes Calmon", sede da Academia de Letras da Bahia ocorreu com a presença da equipe de restauração composta pelo coordenador Estácio Fernandes, Humberto Gonzaga, Rogério Dultra e Laís Glória, das responsáveis pelo projeto Patrícia Barreto e Fernanda Pimenta e do presidente da ALB Ordep Serra, foram alinhados os detalhes dos trabalhos que foram realizados entre junho e novembro de 2023.

O projeto "Restauro dos painéis de azulejo do Solar Góes Calmon" foi contemplado pelo Prêmio Jaime Sodré de Patrimônio Cultural - Ano II, da Fundação Gregório de Mattos, Prefeitura de Salvador.

17 – 15h:30 às 19h - Lançamento do LiteratTur 2023 -Sede ALB

O evento de lançamento da edição LiteratTur 2023 levou para a Academia de Letras da Bahia estudantes da rede estadual de ensino. Durante a programação, os alunos e alunas da Escola Estadual David Mendes e Escola Estadual Pedro Paulo participaram de uma visita guiada pelo Palacete Góes Calmon e conheceram a história da instituição.

Além da presença de estudantes, o presidente da ALB fez a abertura da mesa de apresentação do projeto com a presença do escritor Edgard Abbehusen e da jornalista Camilla França. Na ocasião, ocorreram recitações com a poeta Mariana Guimarães e uma “batalha de rimas” com o coletivo Slam das Minas Bahia.

17 – 18h a 19h - Letras da Bahia - Rádio Excelsior/ YouTube

Programa da faixa horária Mundo Bahia, na Rádio Excelsior, apresentado pelo acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues, semanalmente. Neste dia, os entrevistados foram o pesquisador, filólogo e escritor Ari Sacramento e o pesquisador Ian Caliel.

18 – 16h - Conferência Patrimônio Azulejar da Bahia - Sede ALB

A Academia de Letras da Bahia realizou a Conferência “Patrimônio Azulejar da Bahia - Claustro de São Francisco e Palacete Góes Calmon”, ministrada por Estácio Fernandes, museólogo e especialista em restauro de azulejos. O evento marcou o início da execução do projeto “Restauro dos painéis de azulejo do Solar Góes Calmon”, contemplado no Prêmio Jaime Sodré.

Além da exposição do estudo de caso que intitula a conferência, foram apresentados o cronograma e a equipe responsável pela execução das atividades do projeto de restauro. Com esta iniciativa, a Academia de Letras da Bahia prezou pela preservação dos painéis em azulejaria do século XVIII, que ornaram a sua sede, os quais possuem grande valor para o patrimônio histórico da Bahia.

O conferencista Estácio Fernandes é um profissional com rica experiência em restauro de azulejos, atua nesta área desde 1982, e tem em seu currículo trabalhos em locais como o Palácio da Redenção, em João Pessoa (Paraíba), a Catedral Metropolitana de Maceió (Alagoas) e o Claustro do Convento de São Francisco, em Salvador, sua mais recente realização. Soma-se ao seu currículo, a execução do projeto de restauro dos painéis da ALB.

Estiveram presentes autoridades do Iphan, Ipac-Ba e da Fundação Gregório de Mattos; as responsáveis pelo projeto Fernanda Pimenta e Patrícia Barreto; e representando a ALB, a diretora de arquivo, a acadêmica Edilene Matos, e o presidente da instituição, Ordep Serra.

22 – 22h04 - Nota de Pesar pelo falecimento de Rebeca Serra - Redes Sociais (Instagram/Facebook)

A Academia de Letras da Bahia manifestou seu pesar pelo falecimento da amiga Terezinha de Fátima Almeida Berber, ao tempo em que apresentou sinceras condolências ao seu esposo, o acadêmico Carlos Ribeiro, aos demais familiares e amigos.

25 – 19h - Poesia na Academia: Jorge de Lima - YouTube

O 2º ciclo do projeto Poesia na Academia retornou com as leituras críticas, os recitais literários e as performances musicais, no canal da Academia de Letras da Bahia, no Youtube.

Sob a coordenação da acadêmica Heloísa Prazeres e com a curadoria do acadêmico Aleilton Fonseca e da acadêmica Edilene Matos, o Poesia na Academia teve como tema do primeiro encontro “JORGE DE LIMA - 130 anos de nascimento e 70 anos de saudade”. O professor e escritor Aleilton Fonseca fez uma exposição sobre o homenageado, intitulada: “Jorge de Lima, as múltiplas cores da poesia”.

O recital literário contou com a atuação do acadêmico, professor e escritor Décio Torres Cruz (ALB), da acadêmica e escritora Mirella Márcia Longo Vieira Lima (ALB), da poeta e acadêmica cruzalmense Lita Passos e da acadêmica do Recôncavo da Bahia, poeta e cineasta Alba Liberato. A performance musical foi conduzida pela atuação da cantora Cláudia Cunha, paraense, residente em Salvador; cantora e compositora, Prêmio Braskem de Arte; premiada com o Troféu Caymmi, em 2010, Cláudia Cunha integrou o X e venceu o V Festival de Música da Educadora FM.

O projeto Poesia na Academia torna acessíveis importantes obras, acontecimentos, autores e autoras da literatura baiana, brasileira e mundial e faz parte das iniciativas da Academia de Letras da Bahia para promover a aproximação das letras, culturas e artes com a sociedade.

Junho

1 – 15h06 - Nota Pública em solidariedade a Excelentíssima Ministra Senhora Sônia Guajajara - Redes Sociais (Instagram/Facebook)

A Academia de Letras da Bahia manifestou sua solidariedade à a Excelentíssima Ministra Senhora Sônia Guajajara e a todos os Povos Originários, ao tempo em que repudiou o nefando PL 490 que, ao arripio da Constituição e dos Direitos Humanos, ameaça cometer um grave esbulho contra os indígenas brasileiros.

7 – 8h30 - Encontros ALB: Múltiplos Territórios - Sede ALB

Este “Encontros ALB” aconteceu como parte da programação da 7ª Semana Nacional de Arquivos. A extensa programação do evento com o tema "Múltiplos Territórios: a pesquisa documental no acervo da Academia de Letras da Bahia" apresentou a pesquisa desenvolvida realizada na instituição..

O presidente da ALB, Ordep Serra, acompanhado do Diretor Geral do IHAC/UFBA, Luís Augusto Vasconcelos e a Diretora de Arquivo da ALB, Edilene Matos fizeram a abertura do evento e referência ao projeto pesquisa documental e histórico-sociológica com o foco no acervo da instituição acadêmica baiana e em sua produção cultural, firmado entre as instituições por meio da emenda parlamentar defendida pela deputada federal Alice Portugal.

A programação começou com a visita guiada pelo Palacete Góes Calmon e, após a abertura, a Professora Emérita e titular de Filologia Românica da Universidade Federal da Bahia, Dr^a Célia Marques Telles proferiu conferência sobre questões filológicas em torno das correspondências do poeta Arthur de Salles.

A programação seguiu com as apresentações dos trabalhos que estavam sendo desenvolvidos pelos professores Ari Sacramento, Bruna Lessa e Ivana Severino, docentes responsáveis pela execução do projeto junto ao acervo documental da Academia de Letras da Bahia.

14 – 18h a 19h - Letras da Bahia - Rádio Excelsior/ YouTube

Programa da faixa horária Mundo Bahia, na Rádio Excelsior, apresentado pelo acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues, semanalmente. Neste dia, o acadêmico abordou o tema “A arte do conto”.

15 – 17h - Criação do "Livro de Honra dos Artistas da Bahia" - Sede ALB

Artistas de diversas linguagens se reuniram para discutir a difusão da arte baiana a partir da articulação da museóloga Ângela Petitinga. Com sua intermediação, a Academia de Letras da Bahia recebeu doações de obras dos artistas que aderiram ao projeto, abrindo caminho para a criação da futura feira e galeria de arte da instituição. Além disso, foi anunciada a criação do "Livro de Honra dos Artistas da Bahia", com uma capa especial criada pelo aclamado Juarez Paraíso, expoente das artes plásticas baianas e acadêmico da ALB. A colaboração de Walter Barretto Jr., arquiteto e escritor, também mereceu destaque, como um dos incentivadores da proposta de Ordep Serra, presidente da ALB. Apontamos ainda a participação de Adriana Cravo, conselheira do Instituto Mario Cravo Neto, como colaboradora do projeto.

Compareceram ao evento diversos artistas: Ana Gradin, Ana Kruschewsky, Chico Mazzoni, Dodô Villar, Enoc Almeida, Fred Sá, Gabriel Pinheiro, Grace Gradin, Hilda Salomão, Irene Omuro, Maria Adair, Marta Susi, Murilo Brochini, Nayara Rangel, Pico Garcez, Rejane Alice, Sílvio Carvalho, Suy Andrade, Ulla von Czekus e Vânia Viana. Não podemos esquecer dos demais artistas que aderiram ao projeto: Almandrade, Bel Borba, Isolda Macedo, João Teles, Lu Brito, Luiz Mário Costa Freire, Maazo Heck, Mateus Morbeck, Mauro Reis, Roberto Faria e Viga Gordilho.

As obras doadas serão exibidas inicialmente em uma galeria virtual, com o desejo de vê-las ocupando um espaço físico no Palacete Góes Calmon.

16 – 19h - Colação de Grau da Escola de Dança da FUNCEB - Sede ALB

A Academia de Letras da Bahia recebeu em sua sede a colação de grau da 34ª Turma do Curso de Educação Profissional Técnico de Nível Médio em Dança, da Escola de Dança da FUNCEB.

19 – 19h - Seminário Arte e Pensamento LGBTQIAPN+ - Sede ALB

A Academia de Letras da Bahia realizou a segunda edição do Seminário Arte e Pensamento LGBTQIAPN+. Com abertura do presidente da ALB, Ordep Serra e mediado pelo vice-presidente Marcus Vinícius Rodrigues, o Seminário trouxe artistas e pesquisadores das temáticas de gênero e sexualidade, para traçar um panorama da arte e das produções de conhecimento da comunidade LGBTQIAPN+, na Bahia.

Para esta segunda edição a ALB convidou a cantora, compositora, tocadora de violão e percussão, Dayane Sampaio, que integra o grupo literomusical Mousikê, tendo lançado em 2019 o álbum "A Vênus de Willendorf"; o poeta e artista visual, Marcio Junqueira, Mestre em literatura brasileira, que trabalha com subjetividade, homoerotismo e autoficção; a poeta, professora, pesquisadora e militante feminista, Mariana Paim, escritora de "serei_as" (2019) e "Lugar comum" (2021); e a Doutora em Literatura e Cultura, poeta, ficcionista, letrista e declamadora, Nívia Maria Vasconcellos, autora dos livros: "Invisibilidade", "A Morte da Amada", "A paixão dos suicidas", "Cãibra de Nó", entre outros.

Assinaram a coordenação do Seminário o acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues e a Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares em Mulheres, Gênero e Feminismo, Léa Santana.

O Seminário Arte e Pensamento se estabeleceu como uma iniciativa da Academia de Letras da Bahia para promover o diálogo com produções decoloniais contemporâneas nos campos da pesquisa, da arte e da cultura.

29 – 15h às 16h - Gravação do Podcast Umbu - Sede ALB

A luta popular no Dois de Julho foi tema da conversa entre o antropólogo e presidente da Academia de Letras da Bahia, Ordep Serra, e as jornalistas Camilla França e Mirtes Santa Rosa, do Umbu Podcast.

29 – 19h - Solenidade do Bicentenário da Independência do Brasil na Bahia: Palestra com o professor Hendrik Kraay - Sede ALB

O Bicentenário do 2 de Julho marcou os 200 anos da Independência da Bahia, um evento histórico celebrado com grande fervor em todo o estado. Este marco histórico envolveu uma série de atividades e homenagens que destacaram a importância cultural e política da data. Organizada pela Academia de Letras da Bahia (ALB) em parceria com a RICA - Rede de Integração e Cooperação das Academias de Letras da Bahia, a solenidade foi realizada no auditório da ALB. O evento contou com a presença de acadêmicos e foi enriquecido por uma conferência do professor e pesquisador Hendrik Kraay, da University of Calgary, Canadá. Intitulada "A festa negra: escravizados, africanos e afrodescendentes na comemoração do 2 de Julho, 1824-1888", a conferência abordou a pesquisa de Kraay sobre a participação dos afrodescendentes nas celebrações do Dois de Julho.

A Orquestra Sisaleira de Conceição do Coité, sob a batuta do maestro Josevaldo Nin, apresentou composições como o Hino ao 2 de Julho e o Hino ao Senhor do Bonfim, entre outras peças populares.

A comemoração do 2 de Julho na Bahia não apenas celebrou a independência do estado, mas também reconheceu o papel significativo dos afrodescendentes na história da luta pela liberdade. Este evento reforçou a identidade cultural baiana e promoveu a preservação da memória histórica através de diversas atividades culturais e acadêmicas.

O Bicentenário do 2 de Julho ofereceu uma oportunidade única para refletir sobre a trajetória histórica da Bahia, celebrando a diversidade e a resistência do povo baiano. A união de esforços entre instituições culturais e acadêmicas reforçou a importância de manter viva a memória e os valores que este dia representa.

30 – 19h - Poesia na Academia: 80 anos de Ruy Espinheira Filho - YouTube

Em comemoração aos 80 anos do poeta e acadêmico Ruy Espinheira Filho, o Poesia na Academia do mês de junho homenageou a este grande nome da literatura baiana, que prestigiou a apresentação com sua presença. Excepcionalmente, o sarau aconteceu na última sexta-feira do mês.

No segundo dos seis encontros de 2023, coordenados pela escritora e acadêmica Heloísa Prazeres, o doutor em Literatura Brasileira pela UFRJ, crítico literário, ensaísta, jornalista e poeta, Ricardo Vieira Lima, apresentou o texto "A invenção da poesia: 80 anos de Ruy Espinheira Filho".

Do recital literário, participaram o acadêmico, da cidade de Cruz das Almas, professor e escritor Wesley Correia; a atriz, professora, escritora e poeta Rita Santana; e Raquel Rocha, membro e diretora de comunicação da Academia de Letras de Itabuna, ALITA. A apresentação musical teve como convidada a cantora e compositora Flávia Wenceslau, vencedora de dois prêmios Caymmi de Música (2007 e 2017) e com músicas interpretadas por Maria Bethânia, Mariene de Castro e Margareth Menezes.

O projeto Poesia na Academia torna acessível importantes obras, acontecimentos, autores e autoras da literatura baiana, brasileira e mundial e faz parte das iniciativas da Academia de Letras da Bahia para promover a aproximação das letras, culturas e artes com a sociedade.

30 – 15h - Inauguração da Exposição "2 de Julho, a Independência do Brasil na Bahia" - Galeria Cañizares

Foi inaugurada na Galeria Cañizares da Escola de Belas Artes da UFBA a exposição "2 de Julho, a Independência do Brasil na Bahia". Este evento celebrou o bicentenário da Independência do Brasil na Bahia, ocorrido em 1823. A mostra, que permaneceu aberta ao público até o dia 30 de julho, reuniu cerca de 50 artistas visuais de diferentes gerações, desde os anos 1960 até artistas contemporâneos de destaque.

A exposição, coordenada por Ordep Serra, presidente da ALB, e por Paulo Roberto Ferreira Oliveira, diretor da Escola de Belas Artes da UFBA, propuseram uma nova iconografia para o bicentenário do Dois de Julho. A curadoria foi dos acadêmicos Paulo Ormindio de Azevedo e Juarez Paraíso, e da Prof^a Doutora Nanci Novais, com consultoria de Dilson Midlej, diretor da Galeria de Artes Cañizares. Este evento foi uma realização conjunta da EBA/UFBA e da Academia de Letras da Bahia, destacando a importância do 2 de Julho de 1823 como a verdadeira data da Independência do Brasil.

Julho

1 – 18h - Cerimônia de Entrega da Ordem Dois de Julho a Academia de Letras da Bahia - Palácio da Aclamação

A Academia de Letras da Bahia recebeu a Ordem Dois de Julho - Libertadores da Bahia, no grau de Comendador. O presidente da ALB, Ordep Serra, teve a honra de receber das mãos do Governador Jerônimo Rodrigues essa distinta condecoração, em reconhecimento à notável contribuição da ALB para a garantia das liberdades públicas e para a afirmação da soberania nacional. Na ocasião, reiteramos o nosso compromisso em continuar preservando e promovendo a literatura e a cultura na Bahia.

5 – 18h a 19h - Letras da Bahia - Rádio Excelsior/ YouTube

Programa da faixa horária Mundo Bahia, na Rádio Excelsior, apresentado pelo acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues, semanalmente. Neste dia, o entrevistado foi o poeta urbano Jorge Augusto.

6- 15h às 15h3 - Reunião sobre Leilão / Feira de Artes - Sede da ALB/Híbrida

Reunião que discutiu o incentivo às artes e as possibilidades deste campo como uma fonte de renda para a instituição. Estavam presentes o Presidente Ordep Serra e o Vice-Presidente Marcus Vinícius Rodrigues, além da secretária Léa Santana, a assessora de projetos Patrícia Barreto, o administrador Augusto Barreto, as curadoras e museólogas Adriana Cravo e Angela Petitinga, além do conselheiro do presidente Walter Barreto e os artistas Jorge Sampaio, Pico Garcez e Jorge Sampa.

6 - 15h06 - Nota de Pesar - Redes Sociais (Instagram/Facebook)

A Academia de Letras da Bahia manifestou seu profundo pesar pelo falecimento de José Celso Martinez Corrêa, ator, diretor e dramaturgo, que revolucionou as artes cênicas do Brasil. José Celso deixou como legado a transgressão e o inconformismo, que se materializaram no Teatro Oficina, um dos mais importantes do país. A ALB apresentou suas condolências à família, aos amigos e aos fãs.

12 – 18h a 19h - Letras da Bahia - Rádio Excelsior/ YouTube

Programa da faixa horária Mundo Bahia, na Rádio Excelsior, apresentado pelo acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues, semanalmente. Neste dia, o entrevistado foi o escritor e editor Gustavo Felicíssimo.

13 - 11h28 - Nota de Pesar - Redes Sociais (Instagram/Facebook)

A Academia de Letras da Bahia manifestou seu profundo pesar pelo falecimento de Solimar Carneiro, fundadora e diretora do Geledés Instituto da Mulher Negra, cujo trabalho à serviço da igualdade racial edifica seu legado de transformações sociais e culturais para a população negra e periférica brasileira. A ALB apresentou suas condolências à família, aos amigos e companheiros de luta.

19 – 15h a 17h - Visita Técnica na TV ALBA - CAB

Visita às instalações da TV ALBA para reunião com a diretora Michele Gramacho, visando a discussão de um termo de cooperação entre a Fundação Paulo Jackson e a ALB. Além do Presidente Ordep Serra e do Vice-Presidente Marcus Vinícius Rodrigues; a acadêmica Lia Robatto, a assessora de comunicação Marina Moreno e a secretária Léa Santana participaram da reunião.

19 – 18h a 19h - Letras da Bahia - Rádio Excelsior/ YouTube

Programa da faixa horária Mundo Bahia, na Rádio Excelsior, apresentado pelo acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues, semanalmente. Neste dia, a entrevistada foi a editora Valéria Pergentino.

20 - 14h a 15h30 - Reunião sobre Cultura e Democracia - Reitoria da UFBA

Participaram da reunião o Reitor UFBA Paulo Miguez, o Pró-Reitor de Extensão UFBA Guilherme Bertissolo, a Presidente da OAB Daniela Borges e o Presidente da ABI Ernesto Marques. O presidente da ALB Ordep Serra foi acompanhado da secretária Léa Santana e da assessora de projetos Patrícia Barreto.

26 – 18h a 19h - Letras da Bahia - Rádio Excelsior/ YouTube
Programa da faixa horária Mundo Bahia, na Rádio Excelsior, apresentado pelo acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues, semanalmente. Neste dia, o entrevistado foi o escritor e jornalista Pedro Soledade.

27 – 18h - Encontros ALB: Goethe no Brasil - Sede ALB
Nesta edição do projeto “Encontros ALB”, ocorreu a palestra do professor Marcus Vinícius Mazzari sobre a recepção das obras do escritor alemão no país. Mazzari explorou as principais obras de Goethe, como "Fausto", "Os Sofrimentos do Jovem Werther" e "As Afinidades Eletivas". Além disso, apresentou a relação do autor alemão com a filosofia, ciência e cultura de sua época, oferecendo perspectivas sobre a riqueza intelectual presente nas criações.

27 – 19h - Poesia na Academia: 40 anos do livro “O grito da perdiz”

A terceira apresentação do projeto "Poesia na Academia", uma homenagem ao renomado escritor brasileiro Hélio Pólvora, jornalista, cronista, crítico literário, crítico de cinema e escritor de vocação plural. O destaque da noite foi a apresentação do texto "Hélio Pólvora: 40 anos da 1ª edição do livro de contos, O Grito da Perdiz (1983)", pela acadêmica Gerana Damulakis, crítica literária e escritora brasileira, ocupante da Cadeira 29, nesta instituição. O recital literário contou com a participação de Geraldo Lavigne, acadêmico da Academia de Letras de Ilhéus, escritor e poeta; Silmara Oliveira, acadêmica da Academia de Letras de Itabuna, gestora cultural e professora; e Letícia Prata, advogada, mestre e poeta. A apresentação musical foi da cantora soprano e professora de canto, Andréa Daltro

28 - 15h - Encerramento da Exposição sobre o Bi Centenário do 2 de Julho - Galeria Cañizares

Encerramento da exposição "2 de Julho, a Independência do Brasil na Bahia", uma homenagem aos 200 anos dessa data histórica. A exposição foi organizada pela ALB e pela EBA, com a curadoria do acadêmico Juarez Paraíso, Paulo Ormindo de Azevedo e da professora Nanci Novais.

Agosto

02 – 13h a 14h - Letras da Bahia - Rádio Excelsior/ YouTube
Programa da faixa horária Mundo Bahia, na Rádio Excelsior, apresentado pelo acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues, semanalmente. Neste dia, os entrevistados foram os autores Sandro Ornelas e Marcelo Frazão e o editor André Portugal.

04 - 14h às 15h - Visita de Anderson Shon e Daniel Cesart - Sede da ALB

O escritor Anderson Shon e o artista visual e quadrinista Daniel Cesart fizeram uma visita ao Palacete Góes Calmon, acompanhados pelo Vice-Presidente Marcus Vinícius Rodrigues, para alinhar os preparativos para o lançamento da história em quadrinhos “Estados Unidos da África”.

04 - 14h às 16h - Visita guiada dos discentes do IFBA/SAJ - Sede da ALB

O professor Ronald Souza trouxe os estudantes do curso de Produção de Mídias do Instituto Federal da Bahia, Campus de Santo Antônio de Jesus, para uma visita técnica ao Palacete Góes Calmon e diálogo com Marina Moreno, assessora de comunicação da ALB. Os estudantes capturaram imagens do Palacete, da Biblioteca e das obras de restauração dos Painéis de Azulejo durante a visita, posteriormente, os alunos criaram vídeos que foram publicados nas redes sociais em colaboração com a Academia de Letras da Bahia.

07 - 17h - Encontros ALB: 1933-2023, a demolição da Sé (90 anos depois) - Sede da ALB

No mês do Patrimônio Histórico, o projeto Encontros ALB promoveu uma palestra sobre os 90 anos da demolição da Igreja da Sé, com o acadêmico e historiador Fernando da Rocha Peres, escritor do livro "Memória da Sé" (1974). A conversa versou sobre os detalhes da demolição e trouxe reflexões acerca do valor do patrimônio histórico e arquitetônico em detrimento do “progresso”.

08 - 19h às 20h - Reunião com a Rica - Google Meet

Reunião entre o Presidente Ordep Serra, o Vice-Presidente Marcus Vinicius Rodrigues, o Acadêmico Aleilton Fonseca, integrantes da Rede de Integração Cooperativa das Academias de Letras da Bahia - RICA e Vladimir Pinheiro.

09 – 13h às 14h - Letras da Bahia - Rádio Excelsior/ YouTube

Programa da faixa horária Mundo Bahia, na Rádio Excelsior, apresentado pelo acadêmico Marcus Vinicius Rodrigues, semanalmente. Neste dia, o entrevistado foi o poeta e curador da Flipelô José Inácio Vieira de Melo.

09 – 15h às 17h - Entrega de Obras de Arte - Sede da ALB

Neste dia, artistas visuais baianos entregam obras para o acervo da Academia como forma de colaboração para a arrecadação de recursos financeiros para a instituição.

14 – 15h às 16h - Reunião com Renilda Barreto - Sede da ALB

O presidente Ordep Serra e o Vice-Presidente Marcus Vinicius Rodrigues se reuniram com a professora e pesquisadora Renilda Barreto sobre parcerias de fomento à ciência e à tecnologia.

17 - 17h - Encontros ALB - Patrimônio Histórico - Avançar para funcionar - Sede da ALB

No Dia Nacional do Patrimônio Histórico, a ALB promoveu uma palestra com o acadêmico e arquiteto Paulo Ormindo de Azevedo. Com o tema 'Patrimônio Histórico: avançar para funcionar', a palestra versou sobre a importância da preservação para as gerações futuras. A atividade foi realizada presencial e transmitida ao vivo no canal do youtube da ALB.

Paulo Ormindo de Azevedo, reconhecido acadêmico da Academia de Letras da Bahia e colunista do jornal A Tarde, é um defensor incansável do patrimônio histórico. Sua atuação abrange desde a análise das lacunas na política de preservação até propostas concretas de restauração, enriquecendo seu papel como autor de um recente relatório para o convênio da Fundação Mario Leal Ferreira com a UNESCO.

18 - 17h23 - Nota de Pesar - Redes Sociais (Instagram/Facebook)

A Academia de Letras da Bahia, ao tempo em que se solidarizou com a comunidade do quilombo Pitanga dos Palmares, tornou público seu profundo pesar e sua máxima indignação pela morte violenta da líder quilombola Ialorixá Maria Bernadete Pacífico, vítima de covarde assassinato, e manifestou sua expectativa de que as autoridades não só punam com rigor os autores e mandantes desse crime hediondo, como tomem providências para garantir de modo efetivo a segurança da população quilombola. A Academia lamentou a ocorrência de mais uma morte anunciada que se soma a muitas outras de lideranças do povo negro em nosso país.

23 - 15h30 às 16h30 - Sessão de Fotos - Sede da ALB

Sessão fotográfica das obras doadas pelos artistas visuais baianos e do Presidente Ordep Serra para montagem do site do leilão de obras de arte, com o fotógrafo Pico Garcez.

24 - 17h - Livros na Mesa: Lançamento de “Escritas para cena: Volumes I, II e III” - Sede da ALB

Ocupante da Cadeira 6 da Academia de Letras da Bahia, Cleise Mendes lançou a coletânea "Escritas para cena". Em três volumes repletos de narrativas vibrantes, esta obra nos conduz a um mergulho profundo no universo dramático da autora, oferecendo um contato íntimo com suas criações e contribuições para o teatro baiano.

Cleise Furtado Mendes, nascida no Rio de Janeiro mas adotada pela Bahia desde os 18 anos, é uma figura marcante na cena teatral e literária. Desde sua estreia com o musical "Marilyn Miranda" em 1975, sua trajetória tem sido uma fusão magistral entre teatro e literatura. Seus personagens cativantes e tramas intrincadas encontram vida em obras como "Canção Transitiva", "Bocas do Inferno", "A Terceira Margem" e "Joana d'Arc". Seus feitos notáveis foram recompensados com o Troféu Martin Gonçalves de Melhor Texto, o Troféu Bahia Aplauda de Melhor Autor, além do cobiçado Prêmio Braskem de Teatro.

Além de suas contribuições teatrais, Cleise também conquistou corações como autora de poesias, contos e livros infantis, como "Gabriel e o Anjo da Bagunça" e "Boca de Cena".

28 – 19h - Poesia na Academia: Centenário de Natália Correia

A quarta apresentação do projeto "Poesia na Academia" revisitou a obra da poeta, escritora e política portuguesa, Natália Correia.

Nessa noite, a doutora Rita Aparecida Coelho Santos, da Universidade do Estado da Bahia, apresentou uma análise crítica sobre a poeta Natália Correia, explorando sua multifacetada obra que vai da poesia à política.

O recital contou com a participação da psicanalista Cláudia Mascarenhas, do acadêmico e crítico literário Décio Torres, além do mestre e professor Miguel Ángel Mongelós. A musicista e educadora Lígia Callaz trouxe a beleza da música para finalizar o encontro.

29 – 19h - Sábado das Artes: Viga Gordilho - YouTube

O Sábado das Artes é um programa de aproximação e diálogo da Academia de Letras com a área das artes. O bate-papo online reúne artistas para falar sobre suas inspirações, a relação com a literatura, conceitos estéticos e éticos, processos de trabalho, seus sonhos e utopias. Nesta edição, a acadêmica Lia Robatto conduziu uma conversa com a artista visual e escritora, com uma trajetória de cinco décadas dedicadas às artes plásticas, Viga Gordilho. Viga é uma figura icônica no cenário artístico baiano, através de suas exposições no Brasil, África do Sul e Europa, ela tece uma narrativa visual que transcende fronteiras e culturas, criando uma ponte entre a estética e o simbolismo. O encontro virtual foi transmitido no canal da Academia de Letras da Bahia no YouTube.

30 – 13h a 14h - Letras da Bahia - Rádio Excelsior/ YouTube

Programa da faixa horária Mundo Bahia, na Rádio Excelsior, apresentado pelo acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues, semanalmente. Neste dia, os entrevistados foram os editores da Revista O Odisseu, Caio Paiva Ribeiro e Ewerton Ulysses Cardoso.

Setembro

01 - 16h às 19h - Apresentação do Livro de Ouro do Artistas - Sede da ALB

O Livro de Ouro dos Artistas foi apresentado, homenageando as artes plásticas e visuais da Bahia. Artistas generosos doaram obras para o acervo da ALB que irão compor a galeria virtual, sob a curadoria de Ângela Petitinga. O presidente Ordep Serra, enfatizou a importância da aproximação entre a Academia e os diversos campos das artes, para a interseção entre literatura e artes plásticas, além de destacar a generosidade dos artistas que doaram seus trabalhos com o intuito de colaborar para a manutenção da instituição.

04 - 16h às 18h - Reunião para alinhamento das metas - Google Meet

O Presidente Ordep Serra e o Vice-Presidente Marcus Vinicius Rodrigues conduziram uma reunião com as equipes de trabalho da ALB para avaliação e propostas de metas para o convênio com a Assembleia Legislativa da Bahia - ALBA. Além dos membros da diretoria acima citados, estiveram presentes a assessora de projetos Patrícia Barreto, a assessora de comunicação Marina Moreno, a secretária Léa Santana, o administrador Augusto Barreto e o assessor de web Rico Soares.

05 - 10h30 às 11h30h - Reunião com Presidente da ALBA - ALBA/CAB

O Presidente Ordep Serra e o Vice-Presidente Marcus Vinicius Rodrigues, o administrador Augusto Barreto e a conselheira da presidência da ALB Zonita Brasil, reuniram-se com o Presidente da Assembleia Legislativa da Bahia para apresentação das metas alcançadas no convênio anterior e as novas metas e indicadores para a renovação.

06 - 23h - Encontros ALB: Encontros de 6/9 - Subversões Eróticas - YouTube

Na segunda edição do Encontros de 6/9, o homoerotismo na literatura foi o tema principal da conversa entre o poeta Márcio Junqueira

e o acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues, em um bate-papo online sobre os processos criativos, inspirações e o enlace entre literatura e erotismo nas produções baianas.

Márcio Junqueira é pesquisador, poeta e artista visual, e traz sua perspectiva sobre o homoerotismo e sua presença na literatura. Com um enfoque nas masculinidades negras, suas obras vão além da literatura, ganhando destaque em exposições.

Marcus Vinícius Rodrigues, vice-presidente da ALB, é autor premiado, com obras que exploram a diversidade humana, incluindo a dimensão do erótico. Seu conto "A omoplata" recebeu reconhecimento nacional.

13 - 19h - Encontros ALB: Edital de Apoio a Ações Continuadas - Google Meet

Esta edição do projeto Encontros ALB foi realizada em parceria e, especialmente, para os participantes da Rede de Integração Cooperativa das Academias de Letras da Bahia - RICA. O encontro versou sobre o Edital de Ações Continuadas da Secretaria de Cultura e as possibilidades de captação de recursos e contrapartidas para a sociedade.

A palestrante convidada, Patrícia Si Barreto, gestora e produtora cultural, responsável pela gestão do convênio da ALB com a SecultBa, apresentou em sua fala os resultados obtidos pela ALB, a sua prática na gestão do convênio, além de tirar dúvidas e contribuir com sugestões para as academias de letras que fazem parte da RICA.

15 - 14h às 17h - Visita guiada dos discentes da FBR - Sede da ALB

A Professora Evani Rodrigues, junto às discentes do curso de Pedagogia, da Faculdade Brasileira do Recôncavo, em Cruz das Almas, participaram de uma visita guiada no Palacete Góes Calmon.

15 - 18h às 20h - Seminário Arte e Pensamento feminista e abolicionista - Sede da ALB

Dentro do Projeto "Seminários Arte e Pensamento" a ALB realizou o primeiro Arte e Pensamento Feminista e Abolicionista, com um diálogo crucial sobre feminismo e sistema prisional,

com enfoque no feminismo negro e nas intersecções entre arte, cultura e abolicionismo contemporâneo.

Coordenado e mediado pelo Vice-Presidente Marcus Vinícius Rodrigues, o seminário contou com a presença da Doutora Denise Carascosa, que discutiu o tema "Feminismo Abolicionista e Arte-Educação nas Prisões"; a escritora e professora Luciany Aparecida, que versou sobre a "Arte Contemporânea e Pensamento Abolicionista"; e a professora e realizadora audiovisual Patrícia Freitas, que apresentou o tema "Imagens e Direitos Humanos" e seu mais recente documentário "Firminas em Fuga" (2022), curta-metragem lançado na Feira Literária de Paraty (FLIP), foi desenvolvido a partir de oficinas de escrita literária no Conjunto Penal Feminino da Penitenciária Lemos de Brito.

19 - 09h51 - Nota de Pesar - Redes Sociais (Instagram/Facebook)

A Academia de Letras da Bahia manifestou seu profundo pesar pelo falecimento do ator, diretor e professor Harildo Déda. Nascido em Sergipe, foi na Bahia que Harildo construiu a sua história e ajudou, de maneira determinante, a construir a história do Teatro baiano e brasileiro. Atuou como ator e diretor em quase uma centena de espetáculos, além de participar de filmes e programas de televisão importantes de nosso país. Professor da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, foi mestre de grandes nomes das artes cênicas, que perpetuam seu legado. A ALB apresentou suas condolências à família, aos amigos, e uniu-se à classe teatral e aos seus inúmeros fãs no sentimento de perda.

20 a 22 - 14h30 - Curso Castro Alves 2023 e do XVI Colóquio de Literatura Baiana - Sede da ALB/YouTube

O Curso Castro Alves, uma tradição da Academia de Letras da Bahia (ALB), realizou a sua 46ª Edição, em parceria com a Universidade Estadual de Feira de Santana, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PROGEL.

O evento aconteceu de forma híbrida com atividades presenciais na sede da ALB e no Campus VI da UNEB, em Caetitê-BA, e foi transmitido online nos canais da ALB, PROGEL-UEFS e Universidade da Gente-UNEB, no Youtube.

Com a coordenação geral do acadêmico e professor Aleilton Fonseca (UEFS-ALB), os tópicos literários abordados foram: linguagem poética, lirismo, literatura infantil, desconstrução da historiografia oficial do Brasil, literatura de resistência, dentre outros.

21 - 18h30 às 20h - Lançamento Presencial da Revista da ALB N° 61 - Sede da ALB

Durante a programação do Curso Castro Alves, foi realizado o lançamento presencial da Revista da ALB N° 61. O evento recebeu acadêmicos e acadêmicas, além de amigos e funcionários. O representante do Conselho Editorial da ALB, o Acadêmico Aleilton Fonseca, fez seu pronunciamento destacando os desafios que envolvem a produção da revista.

28 - 19h - Poesia na Academia: As memórias inventadas de Lygia Fagundes Telles - YouTube

Nesta noite, o Poesia na Academia fez uma homenagem à Lygia Fagundes Telles com a participação do pesquisador, professor e escritor Suênio Campos de Lucena, o Vice-Presidente Marcus Vinicius Rodrigues, a Acadêmica Gerana Costa Damulakis, a atriz Alethea Novaes e o músico Amadeu Alves.

O texto "Memórias Inventadas de Lygia Fagundes Telles", leitura realizada pelo autor Suênio Campos de Lucena, com uma perspectiva de muito afeto pela homenageada. A leitura de "Nada de Novo na Frente Ocidental", do livro "Invenção e Memória", foi feita pelo Acadêmico Marcus Vinicius Rodrigues.

Alethea Novaes deu vida ao conto "Dolly", do livro "A Noite Escura e Mais Eu", com uma performance dramática. A noite foi finalizada com a apresentação musical de Amadeu Alves, músico e produtor cultural.

Outubro

02 - 17h - Reunião Ordinária - Sede da ALB

A reunião ordinária teve como pauta a atualização sobre a situação administrativa e financeira, a necessidade de revisão do Estatuto e a atualização de projetos do vigente.

06 - 14h - Reunião sobre Exposição Urânia Vanério - Sede da ALB

A reunião entre o Presidente Ordep Serra, o Vice-Presidente Marcus Vinícius Rodrigues, a museóloga Ângela Petitinga e os artistas Amine Portugal, Ulla Czekus, Pico Garcez discutiu o projeto de exposição sobre Urânia Vanério, jovem que iniciou um movimento pela Independência da Bahia.

06 - 15h - Encontro com coletivos literários da periferia - Sede da ALB

A Academia de Letras da Bahia abriu um diálogo enriquecedor com as produções literárias das periferias. O presidente da Academia de Letras da Bahia, Ordep Serra, promoveu uma reunião significativa que marcou a valorização e reconhecimento das produções literárias das periferias. O encontro foi mediado pela Presidenta da Funarte, Maria Marighella, e contou com a presença de representantes de comunidades periféricas, a exemplo de Fabrício Brito, representando o coletivo "A Pombagem", um grupo de arte popular da periferia de Salvador que atua desde 2009, que trouxe consigo a vibrante essência dos musicais, saraus e espetáculos de teatro de rua.

06 – 19h - Encontros ALB: Lançamento da HQ Estados Unidos da África - Sede da ALB

A Academia de Letras da Bahia abriu um novo capítulo em sua história cultural ao receber o lançamento inédito da História em Quadrinhos "Estados Unidos da África". Um diálogo com as artes em todas as suas formas, incluindo a poderosa narrativa visual dos quadrinhos. O evento contou com um bate-papo exclusivo com os autores, Anderson Shon e Daniel Cesart, sobre o processo criativo que funde texto e arte sequencial.

09 – 16h - Encontros ALB: Encontro com escritores e editores - Sede da ALB

A Academia de Letras da Bahia promoveu um encontro entre a escritora francesa Laura Nsafou e editores(as) e escritores(as) baianos. O diálogo girou em torno das nuances do mercado editorial,

tanto no Brasil quanto na França, explorando oportunidades de colaboração que transcendem fronteiras. Este evento foi exclusivo para pessoas convidadas.

10 - 16h às 17h - Reunião com o Instituto Juristas Negras

A reunião com a diretora do Instituto Juristas Negras, Monique Damas, foi realizada com o intuito de estreitar os laços e discutir um termo de cooperação entre as instituições.

11 - 14h às 16h - Visita guiada dos discentes do IFBA/SAJ - Sede da ALB

O professor Ronald Souza novamente realizou com os estudantes do curso de Produção de Mídias do Instituto Federal da Bahia, Campus de Santo Antônio de Jesus, uma visita guiada ao Palacete Góes Calmon e diálogo com Marina Moreno, assessora de comunicação da ALB.

16 - 14h às 15h - Reunião com representantes do IFBA - Sede da ALB

A reunião com o professor Georges Rocha, do Instituto Federal da Bahia, foi realizada com o intuito de estreitar os laços e discutir um termo de cooperação entre as instituições.

17 - 15h às 17h - Assembleia da ABARVI - Sede da ALB

A Academia de Letras da Bahia, a partir de uma colaboração, com a cessão de local para a realização de reuniões contribuiu para a ressurgência da Associação Baiana de Artistas Plásticos e Visuais da Bahia - ABARVI. A mesma foi instituída através da aprovação por unanimidade do novo estatuto. A chapa única, liderada por Celso Cunha, recebeu apoio completo, prometendo uma gestão inspiradora para o fortalecimento das artes visuais e plásticas na Bahia.

16 - 16h às 17h - Reunião com representantes da FGM - Sede da ALB

A reunião sobre a finalização e entregas do projeto de restauro dos painéis em azulejo ocorreu entre o Presidente Ordep Serra, o Vice-Presidente Marcus Vinícius Rodrigues, a assessora de projetos

e convênio Patrícia Si Barreto, a produtora Fernanda Pimenta e os representantes da Fundação Gregório de Matos, Vagner Rocha, Gerente de Patrimônio Cultural, e Chico Assis, Diretor Patrimônio e Equipamentos Culturais.

19 – 17h - Mesa Redonda "Do Indianismo ao Pós-Indianismo: omissões ou denúncias na literatura brasileira" - Sede da ALB

Mesa Redonda "Do Indianismo ao Pós-Indianismo: omissões ou denúncias na literatura brasileira" na ALB, com a professora Lícia Soares de Souza da UNEB. Durante a mesa redonda, a professora Lícia Soares de Souza, da Universidade do Estado da Bahia, apresentou um olhar crítico sobre a representação dos povos indígenas na literatura brasileira, abordando o bicentenário de Gonçalves Dias e os desafios atuais. Foi discutido como o Indianismo, inaugurado por Gonçalves Dias no Romantismo, trouxe visibilidade aos indígenas, tornando-os símbolos nacionais, mas, ao mesmo tempo, as violências persistem, como evidenciado pelo genocídio Yanomami, em Roraima. Foram analisadas obras de autores como Antônio Callado, Darcy Ribeiro, Antônio Torres e Márcio Souza, que confrontam o apagamento da vida indígena. E foi explorado o movimento crescente do Pós-indianismo, buscando dar voz aos povos originários. Professora na UNEB e associada na Université du Québec à Montréal, Lícia Soares de Souza é doutora em Semiótica pela UQAM e pós-doutora na Universidade de Kassel, Alemanha. Pesquisadora destacada, autora de "Introdução às Teorias Semióticas" e "Pragmática Pós-metafísica", sua contribuição teórica estende-se à literatura e cinema brasileiros. Além disso, Lícia é uma escritora prolífica, com romances publicados no Canadá, coletânea de poemas em alemão e livros no Brasil, incluindo o próximo romance, "Quando as traças criaram asas".

21 - 9h às 17h - 1º Colóquio das Academias de Letras da Bahia

A Academia de Letras da Bahia realizou junto com a Rede de Integração das Academias de Letras da Bahia (RICA), um colóquio para debate de oportunidades e estreitamento de laços entre as instituições. Na ocasião, representantes tiveram espaço para compartilhar estratégias e desafios para conseguir apoio governamental e privado para o desenvolvimento cultural do estado.

A agenda incluiu um diálogo com a Fundação Pedro Calmon, comunicações das Academias, socialização de livros e autógrafos e plenária final. Os participantes da comissão organizadora foram: Aleilton Fonseca, Maribel Barreto, Efson Lima, José Carlos Vaz, Valmir Araújo e Mariângela Borba.

24 à 26 - 14h às 18h - Escritas em Trânsito

A ALB sediou o projeto da Fundação Cultural do Estado da Bahia, Escritas em Trânsito. Na edição deste ano a ministrante convidada foi a atriz e escritora Elisa Lucinda.

O projeto Escritas em Trânsito, promovido pela Coordenação de Literatura da Diretoria das Artes da Fundação Cultural do Estado da Bahia, visa impulsionar e capacitar a produção literária de artistas da palavra residentes na Bahia por meio de oficinas de escrita literária com autores renomados do Brasil.

26 - 17h - Poesia na Academia

Na edição de outubro, o Poesia na Academia mergulhou na poesia, vida e obras de Vinícius de Moraes, em homenagem aos 110 anos deste ícone da literatura brasileira.

A leitura crítica ficou por conta da acadêmica e professora Edilene Matos, com uma análise única do legado do poeta e escritor. A acadêmica Lia Robatto, por sua vez, compartilhou sua vivência com o carioca que declarava seu amor pela Bahia.

O evento ainda contou com a participação de Letícia Prata, Raquel Rocha, Silmara Oliveira e Wesley Correia, cada um interpretando à sua maneira alguns dos textos do poeta que marcaram gerações. A trilha sonora foi conduzida por Marcelo Delacroix, músico e compositor.

Novembro

01 - 15h - Encontros ALB - Literatura e Teatro

Um encontro da literatura com o teatro. Uma tarde de bate papo sobre a poética da adaptação teatral com a atriz e dramaturga Alethea Novaes, atriz e dramaturga. Na ocasião, Aletheia trouxe para o público informações sobre os bastidores da adaptação do conto "Dolly"

de Lygia Fagundes Telles para o teatro.. Com mediação de Marcus Vinícius Rodrigues, o evento contou também com a participação do escritor, professor e pesquisador Suênio Campos de Lucena.

08 - 16h - Cerimônia de Entrega dos Painéis de Azulejo - Sede da ALB

Neste dia, ocorreu a cerimônia de entrega dos Painéis de Azulejos Portugueses do Palacete Góes Calmon após ação de restauro. O projeto "Restauro dos painéis de azulejo do Solar Góes Calmon" foi contemplado pelo Prêmio Jaime Sodré de Patrimônio Cultural - Ano II, da Fundação Gregório de Mattos, Prefeitura de Salvador. Os painéis, que representam a rica arte portuguesa do Brasil do século XVIII, foram restaurados e receberam placas em braile e audiodescrição com um acesso virtual através do site da ALB. O evento contou com a presença de representantes da Fundação Gregório de Mattos, do Iphan, IPAC e Secretaria de Cultura do Estado da Bahia. Após breve fala das autoridades, conduzida pelo Presidente Ordep Serra, o especialista em restauro, Estácio Fernandes proferiu uma palestra sobre o Painesso que conduziu na se desta Academia.

9 - 18h - Livros na Mesa

No dia 09/11, a acadêmica Heloísa Prazeres apresentou seu novo livro na Academia de Letras da Bahia, durante o evento "Livros na Mesa". A obra, editada pela Scortecci, homenageia o artista Jamison Pedra e explora temas como superação e a efemeridade da existência. "O tempo não detém a vida" reúne 53 poemas, a maioria inéditos, marcados pelo ritmo, musicalidade e plasticidade. Dividido em três momentos, o livro aborda temas como separação amorosa, união sustentável entre homem e natureza, e experiências geopoéticas.

16 - 18h14 - Nota Pública - redes sociais (Instagram/Facebook)

A ALB manifestou, por meio de nota pública, seu repúdio aos atos de terrorismo do Hamas que resultaram na morte ou no sequestro de cidadãos israelenses e condenou o abominável massacre de civis inocentes, em curso na Faixa de Gaza, numa campanha genocida que tem vitimado principalmente crianças e mulheres de todo indefesas.

Manifestou ainda seu apoio às iniciativas de entidades e pessoas que no mundo inteiro pedem a suspensão dos combates, a negociação diplomática em busca da paz e a tomada de medidas efetivas pelos Estados e organizações internacionais competentes no sentido de garantir o socorro humanitário às vítimas da guerra.

16 - 18h51 - Carta aberta - redes sociais (Instagram/Facebook)

A Academia de Letras da Bahia publicou uma carta aberta ao Exmo Sr. Embaixador e membro correspondente Celso Amorim com o seguinte conteúdo:

“Prezado Embaixador Celso Amorim, nós, seus confrades da Academia de Letras da Bahia, queremos manifestar-lhe nosso aplauso, nosso profundo respeito e também nossa gratidão de pessoas humanas pelo magnífico trabalho que Vossa Excelência vem desenvolvendo ao lado do Presidente da República, do Chanceler Mauro Vieira, do nosso corpo diplomático e de todos os funcionários, civis e militares, que se esforçam pela repatriação de brasileiros retidos no Oriente Médio em meio a uma guerra sinistra. Festejamos seu êxito em trazer de volta os nossos compatriotas que se achavam em Israel e, mais recentemente, parte dos que se encontravam na Faixa de Gaza submetidos a condições aflitivas e a severo risco. Desejamos sucesso a toda a brilhante equipe brasileira na repatriação dos nossos irmãos que ainda se encontram na zona de guerra. Queremos manifestar-lhe o orgulho que sentimos em tê-lo como nosso confrade e pedir-lhe que transmita ao Presidente da República, ao Chanceler e a todos os empenhados na honrosa tarefa o nosso aplauso tanto pelo resgate em que se empenham como por seus persistentes esforços em busca da paz, numa campanha humanitária que engrandece o Brasil e reafirma a dignidade da nossa diplomacia.” Assinaram a carta: Ordep Serra (Presidente), Marcus Vinicius Rodrigues, Heloísa Prata e Prazeres, Paulo Ormindo de Azevedo, Muniz Sodré, Lia Robatto, Emiliano José, Fernando Peres, Urânia Tourinho Peres, Carlos Ribeiro, Edilene Matos, Evelina Hoisel, Rogério Tavares, Aleilton Fonseca, Nelson Cerqueira, Juarez Paraíso, Cleise Mendes, Florisvaldo Mattos, Ruy Espinheira Filho, Paulo Costa Lima, Décio Torres, Mirella Vieira Lima, Antônio Torres.

22 - 18h às 21h - Seminário Diálogos para um Afrofuturo Ancestral - Sede da ALB

A Academia de Letras da Bahia foi sede do Seminário Diálogos para um Afrofuturo Ancestral, realizado pelo Instituto Juristas Negras. Com intervenções culturais e dois painéis expositivos, o evento trouxe reflexões e propostas para a construção do afrofuturo, com a desconstrução de estereótipos acerca do corpo preto. Além da diretora do Instituto Juristas Negras, Monique Damas, estiveram presentes no seminário a Promotora de Justiça Lívia Sant'Anna Vaz e a advogada Marinete Silva, mãe da Ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco.

24 - 17h - 1º Simpósio ALB de Arte Contemporânea da ALB

Sob a vanguarda do Presidente Ordep Serra, a ALB se tornou palco de diálogo e reflexão sobre a expressão artística que transcende as letras. João Correia, renomado marchand, curador e idealizador do Curso Olhar Contemporâneo, trouxe sua experiência de mais de 20 anos no cenário artístico para este encontro. Mestre em Liderança Cultural pela Royal Academy of Arts (Reino Unido) e Maastricht University (Holanda), Correia é uma referência internacional, palestrando em instituições como Yale University e Bienal de São Paulo. Sua visão única sobre a contemporaneidade da arte promete inspirar a plateia. Daniel Rangel, curador e diretor do Museu de Arte Contemporânea da Bahia (MAC), mediu a apresentação trazendo uma perspectiva singular ao evento.

23- 16h21 - Nota Pública - redes sociais (Instagram/Facebook)

A Academia de Letras da Bahia, através de nota pública, congratulou um dos seus ilustres membros, o poeta José Carlos Capinan, pela consolidação do MUNCAB, um museu que enriquece a cultura nacional e que, como é público e notório, deve sua existência ao empenho, à sabedoria e à persistência ao confrade. Além de dar-lhe os parabéns por mais este êxito em sua brilhante carreira, a instituição manifestou o orgulho em tê-lo como participante deste sodalício.

27 - 13h08 - Nota de pesar pelo falecimento de Alberto Vasconcelos da Costa e Silva - redes sociais (Instagram/Facebook)

Nota de pesar pelo falecimento do diplomata, poeta, ensaísta, memorialista e historiador Alberto Vasconcelos da Costa e Silva, membro da Academia Brasileira de Letras. Especialista na cultura e na história do continente africano, o Imortal foi embaixador do Brasil na Nigéria e no Benin. Escreveu mais de 40 livros, entre poesia, ensaio, história, infanto-juvenil, memória, antologia, versão e adaptação. A obra de Alberto da Costa e Silva foi essencial para o desenvolvimento dos estudos e do ensino da história da África. A ALB apresentou, portanto, suas condolências à família, aos amigos e admiradores.

27 - 15h11 - Nota de pesar pelo falecimento de Jayme Figura - redes sociais (Instagram/Facebook)

Nota de pesar pelo falecimento do artista plástico Jayme Figura. Nascido em Cruz das Almas, sob o nome de batismo Jaime Andrade Almeida, elevou a arte ao protagonismo, emprestando seu próprio corpo como suporte. Em seu ateliê no Centro Histórico de Salvador, conhecido como o “Sarcófago de Jayme Figura”, criou durante décadas uma arte engajada e desafiadora. A ALB apresentou suas condolências à família, aos amigos e admiradores.

27 - 19h12 - Pronunciamento do Presidente sobre o Novembro Negro - redes sociais (Instagram/Facebook)

O presidente Ordep Serra pronunciou em vídeo a importância de celebrar o novembro negro, como mês da consciência negra e reiterou o compromisso da ALB com a pauta antirracista.

30 - 19h - Poesia na Academia - Aramis Ribeiro Costa - Youtube

Encerrando o segundo ano do projeto, esta edição celebrou os 30 anos do lançamento de "Uma Varanda para o Jardim", do acadêmico, contista e romancista, Aramis Ribeiro Costa. O evento contou com leitura crítica do próprio autor, que compartilhou suas percepções sobre a publicação e recital literário com nomes ilustres da literatura baiana, como Gerana Damulakis, Marcus Vinícius Rodrigues e Rafael Gama Moreira. A noite contou ainda

com uma apresentação musical com a talentosa Ritta Cidhreira, poeta, cantora e instrumentista baiana.

30 - 16h - Visita guiada ao Palacete Góes Calmon

Visita guiada para o grupo do Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual - CAP, acompanhado das professoras Adriana e Ana Sampaio. A visita teve especial atenção aos painéis em azulejo português do século 18, restaurados pela equipe do museólogo Estácio Fernandes, que também acompanhou o grupo. Estácio conduziu a todos pela fascinante narrativa por trás dessas peças restauradas, revelando os detalhes e a riqueza cultural de cada uma.

Dezembro

04 - 09h ÀS 10h - Reunião de alinhamento do II Simpósio Nacional de Segurança Pública e Relações Raciais - Google Meet

A reunião remota ocorreu com a presença do Major Silvío Rosário e Major Jalba Segundo, o Presidente Ordep Serra, o Vice-Presidente Marcus Vinícius Rodrigues, assessora de comunicação Marina moreno, a assessora de projetos e gestora dos convênios Patrícia Barreto, a secretária Lea Santana e o webmaster Rico Soares para alinhamento do II Simpósio Nacional de Segurança Pública e Relações Raciais, possível através de uma parceria com a Polícia Militar da Bahia.

06 - 14h às 17h - Atividade final de semestre da UFBA - Sede da ALB

Apresentação de trabalhos dos discentes da Universidade Federal da Bahia, do componente curricular Ação Artística.

10 - 23h45 - Nota de pesar pelo falecimento de Ennio Candotti - redes sociais (Instagram/Facebook)

A Academia de Letras da Bahia tornou público seu profundo pesar pelo falecimento do cientista Ennio Candotti. Nascido em Roma, na Itália, naturalizou-se brasileiro em 1983. O físico ítalo-brasileiro

foi o fundador e diretor do Museu da Amazônia, exerceu quatro mandatos como presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), e se mostrou uma voz dissonante à política nuclear do governo, durante a ditadura militar. A ALB apresentou suas condolências à família, aos amigos e admiradores, e uniu-se a toda a comunidade científica no sentimento de perda.

10 - 23h50 - Nota de pesar pelo falecimento de Refaat Alareer - redes sociais (Instagram/Facebook)

A Academia de Letras da Bahia tornou público seu profundo pesar pelo falecimento do escritor, poeta e ativista palestino Refaat Alareer. Nascido no distrito de Shujaiya, na cidade de Gaza, durante a ocupação israelense, era professor de literatura inglesa na Universidade Islâmica de Gaza e foi cofundador do We Are Not Numbers, projeto que dava suporte a jovens escritores para que pudessem contar suas próprias histórias ao mundo. A ALB apresentou suas condolências à família, aos amigos e admiradores, e uniu-se a toda a comunidade palestina e literária no sentimento de perda.

11 - 17h - Reunião Ordinária - Sede da ALB

A reunião ordinária teve como pauta a situação dos Acordos de Cooperação e Programa de Ações Continuadas - SECULT.

12 a 14 - 08h às 17h - II Simpósio Nacional de Segurança Pública e Relações Raciais - Sede da ALB

A Polícia Militar da Bahia, por meio do Departamento de Promoção Social (DPS) e Grupo de Trabalho Permanente pela Igualdade Racial (GTPIR), em parceria com a Academia de Letras da Bahia e com o apoio do Ministério da Justiça e Segurança Pública, realizaram o II Simpósio Nacional de Segurança Pública e Relações Raciais. O evento aconteceu nos dias 12, 13 e 14 de dezembro de 2023, nas instalações da Academia de Letras da Bahia, localizada na Avenida Joana Angélica, n. 198, Nazaré.

Este Simpósio faz parte de uma iniciativa que busca promover um diálogo construtivo com a comunidade baiana sobre questões sensíveis relacionadas à segurança pública, alinhado ao preceito consti-

tucional contido no art. 144. A intenção é dar voz à sociedade civil organizada para a construção de estratégias de policiamento que respeitem as especificidades de cada grupo social.

13 - 20h43 - Nota de pesar pelo falecimento de Luiz Alberto - redes sociais (Instagram/Facebook)

A Academia de Letras da Bahia tornou público seu profundo pesar pelo falecimento do político, sindicalista e liderança do Movimento Negro, Luiz Alberto Silva dos Santos. Originário do Quilombo Baixão do Guaí, em Maragojipe, foi cofundador do Movimento Negro Unificado (MNU) e criou em conjunto com outros deputados a Frente Parlamentar em Defesa da Igualdade Racial. Um dos articuladores políticos para a fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) na Bahia e da Central Única dos Trabalhadores (CUT), destacando-se como líder sindical no Polo Petroquímico da Bahia. Luiz Alberto exerceu quatro mandatos como deputado federal, licenciando-se em dois momentos para assumir a Secretaria de Promoção da Igualdade da Bahia, sendo o primeiro a figurar neste cargo. A ALB apresentou suas condolências à família, aos amigos e admiradores, e uniu-se a toda a comunidade negra e à classe política neste sentimento de perda.

15 - 18h30 às 20h30 - Lançamento da Galeria Virtual da ALB - Site da ALB

Neste dia, a Academia de Letras da Bahia lançou sua Galeria de Artes Visuais. Com obras de 50 talentosos artistas baianos, diversidade de estilos e expressões, as obras disponíveis podem ser apreciadas na galeria virtual ou podem ser adquiridas por pessoas interessadas nas artes criadas na Bahia.

Em sua fala o Presidente Ordep Serra, e idealizador do projeto, pontuou que “esta iniciativa reforça nosso compromisso em preservar a memória baiana e estimular a criatividade em todas as formas. Ao criar o acervo artístico e a Galeria Virtual, estamos proporcionando recursos importantes para pesquisadores e ampliando nosso compromisso com as artes. E nosso desejo é que, futuramente, a ALB tenha uma galeria física para mostras presenciais.”

A Galeria da ALB não ofereceu apenas o acesso a obras contemporâneas de artistas da Bahia, mas também promoveu a valorização da cena das artes plásticas e visuais no Estado.

20 - 18h - Centenário de Vasconcelos Maia - Sede da ALB

Uma noite de homenagens e celebrações em honra ao Centenário de Carlos Vasconcelos Maia, um dos imortais da literatura baiana. Acadêmicos, acadêmicas e familiares participaram desse momento em reconhecimento à vida e obra deste ilustre baiano que ocupou a Cadeira 14 da Academia de Letras da Bahia. Vasconcelos Maia escreveu sobre Salvador, destacando sua habilidade única em retratar a cidade em transformação e sua dedicação ao povo marginalizado. Conheceu também as nuances do universo do Culto aos Ancestrais e da mitologia afro-brasileira, expressas em sua obra magistral "O leque de Oxum".

Um dos destaques foi a participação de Cláudio Maia, filho do autor, que compartilhou aspectos íntimos do cotidiano familiar, proporcionando uma visão única sobre Vasconcelos Maia.

18 - 11h26 - Nota de pesar pelo falecimento de Fabíola Gonçalves Pereira Greve - redes sociais (Instagram/Facebook)

A Academia de Letras da Bahia tornou público seu profundo pesar pelo falecimento da diretora do Instituto de Computação, da Universidade Federal da Bahia, Fabíola Gonçalves Pereira Greve. Conselheira da Rede Nacional de Pesquisa (RNP) e membro da Sociedade Brasileira de Computação, Fabíola fundou e liderou o Grupo de Algoritmos e Computação Distribuída (Gaudi), além de ter sido uma liderança incansável em prol da criação do Instituto de Computação da UFBA. A ALB apresentou suas condolências à família, aos amigos, aos alunos e admiradores, e uniu-se a toda a comunidade científica e acadêmica no sentimento de perda.

22 - 13h55 - Nota de pesar pelo falecimento de Cacique Lucas de Oliveira - redes sociais (Instagram/Facebook)

A Academia de Letras da Bahia manifestou publicamente seu profundo pesar e sua indignação pelo assassinato do Cacique Lucas de Oliveira. Ao tempo em que pronunciou-se quanto a fúria homicida que

tem dizimado de forma sistemática lideranças indígenas no Estado da Bahia e em todo o país e reclamou providências no sentido de que este crime não fique impune. Cacique do Povo Pataxó Hã Hã Hãe, Lucas também era coordenador regional do Movimento Unido dos Povos e Organizações Indígenas da Bahia (MUPOIBA), agente de Saúde da SESAI mobilizador de esportes na comunidade, defensor da educação escolar indígena, Conselheiro Estadual dos direitos dos Povos indígenas do estado da Bahia (COPIBA) e Presidente do Diretório Municipal da REDE. A ALB apresentou suas condolências à família, aos amigos e admiradores, e uniu-se a toda a comunidade indígena no sentimento de perda.

22 - 15h42 - Nota Pública - redes sociais (Instagram/Facebook)

A Academia de Letras da Bahia veio a público manifestar sua indignação por mais um bárbaro ataque de racismo religioso que assola o país. A invasão de vândalos, que atacaram a Casa de Iemanjá do Rio Vermelho, mereceu repúdio e desejo de que os criminosos sejam punidos no rigor da lei.

22 - 17h às 21h - Confraternização dos Acadêmicos - Sede da ALB

Encontro de final de ano dos Acadêmicas, Acadêmicos e colaboradores .

Quadro social da ALB¹



Cadeira 1

Patrono: Frei Vicente de Salvador

Fundador: José de Oliveira Campos

2º Titular: Júlio Afrânio Peixoto (Afrânio Peixoto), fundador da Cadeira 25, por transferência consentida pela Academia.

3º Titular: José Wanderley de Araújo Pinho

4º Titular: Luís Henrique Dias Tavares

Titular atual:

Emiliano José da Silva Filho

(Emiliano José)

Posse em 19.03.2021

Saudação: Dom Emanuel d'Able do Amaral

Cadeira 2

Patrono: Gregório de Mattos e Guerra (Gregório de Mattos)

Fundador: Aloysio Lopes Pereira de Carvalho (Lulu Parola)

2º Titular: Luís Viana Filho

Titular atual:

Paulo Ormino David de Azevedo

(Paulo Ormino de Azevedo)

Posse em 20.06.1991

Saudação: Cláudio de Andrade Veiga

¹ O quadro dos titulares da Academia de Letras da Bahia foi originalmente elaborado pelo acadêmico Renato Berbert de Castro (1924-1999).

Cadeira 3

Patrono: Manuel Botelho de Oliveira

Fundador: Arthur Gonçalves de Salles (Arthur de Salles)

2º Titular: Eloywaldo Chagas de Oliveira

3º Titular: Anna Amélia Vieira Nascimento

4º Titular: Guilherme Radel

Titular atual:

Edvaldo Pereira de Brito

(Edvaldo Brito)

Posse em 29.11.2019

Saudação: Joaci Góes

Cadeira 4

Patrono: Sebastião da Rocha Pita

Fundador: Braz Hermenegildo do Amaral (Braz do Amaral)

2º Titular: João da Costa Pinto Dantas Júnior

3º Titular: Jayme de Sá Menezes

4º Titular: Geraldo Magalhães Machado (Geraldo Machado)

Titular atual:

Nelson Cerqueira

Posse em 11.05.2017

Saudação: Joaci Góes

Cadeira 5

Patrono: Luís Antônio de Oliveira Mendes

Fundador: Carlos Chiacchio

2º Titular: Antônio Luís Cavalcanti Albuquerque de Barros Barreto (Barros Barreto)

3º Titular: Carlos Benjamin de Viveiros

4º Titular: José Silveira

5º Titular: Guido José da Costa Guerra (Guido Guerra)

Titular atual:

Carlos Jesus Ribeiro

(Carlos Ribeiro)

Posse em 31.05.2007

Saudação: Aleilton Fonseca

Cadeira 6

Patrono: Alexandre Rodrigues Ferreira

Fundador: Manoel Augusto Pirajá da Silva (Pirajá da Silva)

2º Titular: Thales Olímpio Góes de Azevedo (Thales de Azevedo)

3º Titular: Lucas Moreira Neves (Dom Lucas Cardeal Moreira Neves)

Titular atual:

Cleise Furtado Mendes

(Cleise Mendes)

Posse em 15.04.2004.

Saudação: Guido Guerra

Cadeira 7

Patrono: José da Silva Lisboa, Visconde de Cayru

Fundador: Ernesto Carneiro Ribeiro (Carneiro Ribeiro)

2º Titular: Francisco Borges de Barros

3º Titular: Aloísio de Carvalho Filho. Eleito para a Cadeira 26, permutou esta, obtendo acordo da Academia, pela Cadeira 7, com monsenhor Francisco de Paiva Marques, quando ambos ainda não empossados.

4º Titular: Nelson de Souza Sampaio (Nelson Sampaio)

5º Titular: Pedro Moacir Maia

Titular atual:

Joaci Fonseca de Góes

(Joaci Góes)

Posse em 24.09.2009

Saudação: João Carlos Teixeira Gomes

Cadeira 8

Patrono: Cipriano José Barata de Almeida (Cipriano Barata)

Fundador: Luís Anselmo da Fonseca

2º Titular: Francisco Peixoto de Magalhães Netto (Magalhães Netto)

3º Titular: Adriano de Azevedo Pondé (Adriano Pondé)

4º Titular: Ary Guimarães

Titular atual:

Paulo Costa Lima

Posse em 17.12.2009

Saudação: Edivaldo M. Boaventura

Cadeira 9

Patrono: Antônio Ferreira França

Fundador: José Alfredo de Campos França

2º Titular: Edgard Ribeiro Sanches

3º Titular: Antônio Luís Machado Neto (Machado Neto)

4º Titular: Cláudio de Andrade Veiga (Cláudio Veiga)

5º Titular: João Ubaldo Osório Pimentel Ribeiro (João Ubaldo Ribeiro)

Titular atual:

Antonio Torres da Cruz

(Antonio Torres)

Posse em 21.05.2015

Saudação: Aleilton Fonseca

Cadeira 10

Patrono: José Lino dos Santos Coutinho

Fundador: Antônio Moniz Sodré de Aragão

2º Titular: Altamirando Alves da Silva Requião (Altamirando Requião)

3º Titular: Gaspar Sadoc da Natividade (Monsenhor Gaspar Sadoc)

Titular atual:

Fredie Souza Didier Júnior

(Fredie Didier)

Posse em 30.11.2017

Saudação: Paulo Furtado

Cadeira 11

Patrono: Francisco Gê Acaiaba de Montezuma, Visconde de Jequitinhonha

Fundador: Antonio Ferrão Moniz de Aragão (Antonio Moniz)

2º Titular: Otávio Torres

3º Titular: Oldegar Franco Vieira

Titular atual:

Yeda Antonita Pessoa de Castro

(Yeda Pessoa de Castro)

Posse em 10.04.2008

Saudação: Consuelo Pondé de Sena

Cadeira 12

Patrono: Miguel Calmon du Pin e Almeida, Marquês de Abrantes

Fundador: Miguel Calmon du Pin e Almeida

2º Titular: Alberto Francisco de Assis (Alberto de Assis)

3º Titular: Affonso Ruy de Sousa (Affonso Ruy)

4º Titular: Itazil Benício dos Santos

Titular atual:

Aramis de Almada Ribeiro Costa

(Aramis Ribeiro Costa)

Posse em 25.11.1999

Saudação: Hélio Pólvora

Cadeira 13

Patrono: Francisco Moniz Barreto

Fundador: Egas Moniz Barreto de Aragão (Pethion de Villar)

2º Titular: Afonso de Castro Rebelo Filho

3º Titular: Walter Raulino da Silveira (Walter da Silveira)

4º Titular: Odorico Montenegro Tavares da Silva (Odorico Tavares)

5º Titular: Luís Fernando Seixas de Macedo Costa (Luís Fernando Macedo Costa)

6ª Titular: Myriam de Castro Lima Fraga (Myriam Fraga)

Titular atual:

Edilene Dias Matos

(Edilene Matos)

Posse em 30.03.2017

Saudação: Fernando da Rocha Peres

Cadeira 14

Patrono: Francisco Gonçalves Martins, Visconde de São Lourenço

Fundador: Bernardino José de Sousa (Bernardino de Sousa)

2º Titular: Alberto Alves Silva (Alberto Silva)

3º Titular: Edgard Rego Santos (Edgard Santos)

4º Titular: Raul Batista de Almeida

5º Titular: Carlos Vasconcelos Maia (Vasconcelos Maia)

6º Titular: Epaminondas Costalima

Titular atual:

Gláucia Maria de Lemos Leal

(Gláucia Lemos)

Posse em 21.10.2010

Saudação: Waldir Freitas Oliveira

Cadeira 15

Patrono: Ângelo Moniz da Silva Ferraz, Barão de Uruguaiana

Fundador: Otaviano Moniz Barreto

2º Titular: Hélio Gomes Simões (Hélio Simões)

3º Titular: João Carlos Oliveira Teixeira Gomes Fonseca

Titular atual:

Lia de Carvalho Robatto

(Lia Robatto)

Posse em 17.03.2021

Saudação: Ordep Serra

Cadeira 16

Patrono: José Tomáz Nabuco de Araújo

Fundador: Eduardo Godinho Espínola

2º Titular: Orlando Gomes dos Santos (Orlando Gomes)

3º Titular: João Eurico Matta

Titular Atual:

Mirella Márcia Longo Vieira Lima

(Mirella Márcia)

Posse em 22.03.2023

Saudação: Edilene Matos

Cadeira 17

Patrono: Antônio Ferrão Moniz de Aragão

Fundador: Gonçalo Moniz Sodré de Aragão (Gonçalo Moniz)

2º Titular: Leopoldo Braga

3º Titular: Carlos Eduardo da Rocha

Titular atual:

Ruy Alberto d'Assis Espinheira Filho

(Ruy Espinheira Filho)

Posse em 15.09.2000

Saudação: Florisvaldo Mattos

Cadeira 18

Patrono: Zacarias de Góes e Vasconcelos

Fundador: José Joaquim Seabra (J.J. Seabra)

2º Titular: Augusto Alexandre Machado

3º Titular: Avelar Brandão Vilela (Dom Avelar Brandão Vilela)

Titular atual:

4º Titular: Waldir Freitas Oliveira

Titular atual:

Maria Bethânia Vianna Telles Velloso

(Maria Bethânia)

Posse em 03.05.2023

Saudação: Paulo Costa Lima

Cadeira 19

Patrono: João Maurício Vanderley, Barão de Cotegipe

Fundador: Severino dos Santos Vieira (Severino Vieira)

2º Titular: Arlindo Coelho Fragoso (Arlindo Fragoso). Fundador da Cadeira 41, criada em caráter provisório, transferiu-se para esta, após a morte de Severino Vieira, ocorrida a 27 de setembro de 1917, a fim de que fosse extinta a temporária.

3º Titular: Deraldo Dias de Moraes

4º Titular: Guilherme Antônio Freire de Andrade Filho

5º Titular: Godofredo Rebelo de Figueiredo Filho (Godofredo Filho)

6º Titular: Cid José Teixeira Cavalcante

Titular atual:

Décio Torres Cruz

Posse em 14.04.2023.

Saudação: Evelina Hoisel

Cadeira 20

Patrono: Augusto Teixeira de Freitas (Teixeira de Freitas)

Fundador: Carlos Gonçalves Fernandes Ribeiro (Carlos Ribeiro)

2º Titular: Epaminondas Berbert de Castro

3º Titular: Lafayette Ferreira Spínola (Lafayette Spínola)

4º Titular: Ivan Americano da Costa

5º Titular: Joaquim Alves da Cruz Rios (Cruz Rios)

Titular atual:

Aleilton Santana da Fonseca

(Aleilton Fonseca)

Posse em 15.04.2005

Saudação: Ruy Espinheira Filho

Cadeira 21

Patrono: Francisco Bonifácio de Abreu, Barão da Vila da Barra

Fundador: Filinto Justiniano Ferreira Barros

2º Titular: Estácio Luís Valente de Lima (Estácio de Lima)

3º Titular: Jorge Amado

4º titular: Zélia Gattai Amado (Zélia Gattai)

Titular atual:

Antonio Brasileiro Borges

(Antônio Brasileiro)

Posse em 10.06.2010

Saudação: Ruy Espinheira Filho

Cadeira 22

Patrono: José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco

Fundador: Ruy Barbosa de Oliveira (Ruy Barbosa)

2º Titular: Ernesto Carneiro Ribeiro Filho

3º Titular: Aloísio Henrique de Barros Porto

4º Titular: Clóvis Álvares Lima (Clóvis Lima)

Titular atual:

Cyro Pereira de Mattos

(Cyro de Mattos)

Posse em 16.11.2016

Saudação: Aramis Ribeiro Costa

Cadeira 23

Patrono: Antônio Januário de Faria

Fundador: João Américo Garcez Fróes

2º Titular: Jorge Calmon Moniz de Bittencourt (Jorge Calmon)

Titular atual:

Samuel Celestino Silva Filho

(Samuel Celestino)

Posse em 21.08.2008

Saudação: Edivaldo M. Boaventura

Cadeira 24

Patrono: Demétrio Ciríaco Tourinho (Demétrio Tourinho)

Fundador: Luís Pinto de Carvalho (Pinto de Carvalho)

2º Titular: Luís Menezes Monteiro da Costa (Luís Monteiro)

3º Titular: Renato Berbert de Castro

Titular atual:

Francisco Soares Senna

(Francisco Senna)

Posse em 27.04.2000

Saudação: Monsenhor Gaspar Sadoc

Cadeira 25

Patrono: Pedro Eunápio da Silva Deiró (Eunápio Deiró)

Fundador: Júlio Afrânio Peixoto (Afrânio Peixoto). Com o consentimento da Academia, transferiu-se para a Cadeira 1 após a morte de seu fundador, José de Oliveira Campos.

2º Titular: Francisco Hermano Santana (Hermano Santana)

3º Titular: Raimundo de Sousa Brito (Raimundo Brito)

4º Titular: Luís Augusto Fraga Navarro de Brito (Navarro de Brito)

Titular atual:

Fernando da Rocha Peres

Posse em 16.06.1988

Saudação: Jorge Calmon

Cadeira 26

Patrono: Antônio de Macedo Costa (Dom Antônio de Macedo Costa)

Fundador: José Cupertino de Lacerda (Padre José Cupertino de Lacerda)

2º Titular: Alberto Moreira Rabelo (Alberto Rabelo), único membro da Academia que faleceu antes de tomar posse, sendo legitimado na Cadeira postumamente, por decisão da diretoria.

3º Titular: Monsenhor Francisco de Paiva Marques (Monsenhor Paiva Marques)

Eleito para a Cadeira 7, permutou esta pela Cadeira 26, com Aloísio de Carvalho Filho, quando ambos ainda não empossados.

4º Titular: César Augusto de Araújo (César de Araújo)

5º Titular: Roberto Figueira Santos

Titular atual:

Heloísa Prata e Prazeres

(Heloísa Prazeres)

Posse em 29.07.2021

Saudação: Aleilton Fonseca

Cadeira 27

Patrono: Francisco Rodrigues da Silva

Fundador: Frederico de Castro Rebelo (Frederico Rabelo)

2º Titular: Antônio Gonçalves Vianna Júnior (Antônio Vianna)

3º Titular: Jayme Tourinho Junqueira Ayres (Jayme Junqueira Ayres)

4º Titular: Antônio Loureiro de Souza

5º Titular: James Amado

Titular atual:

Ordep José Trindade Serra

(Ordep Serra)

Posse em 04.09.2014

Saudação: Luís Antonio Cajazeira Ramos

Cadeira 28

Patrono: Luís José Junqueira Freire (Junqueira Freire)

Fundador: Francisco Torquato Bahia da Silva Araújo

2º Titular: Homero Pires de Oliveira e Silva

3º Titular: José Calasans Brandão da Silva (José Calasans)

4º Titular: Consuelo Pondé de Sena (Consuelo Pondé)

5º Titular: Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (Suzana Alice Cardoso)

Titular Atual:

Marcus Vinícius Rodrigues

Posse em: 04.04.2019

Saudação: Gláucia Lemos

Cadeira 29

Patrono: Agrário de Souza Menezes (Agrário Menezes)

Fundador: Antônio Alexandre Borges dos Reis (Borges dos Reis)

2º Titular: Maços Chastinet Contreiras (Maços Chastinet)

3º Titular: Colombo Moreira Spínola (Colombo Spínola)

4º Titular: Jorge Faria Góes

5º Titular: Hélio Pólvora de Almeida (Hélio Pólvora)

Titular Atual:

Gerana Costa Damulakis

(Gerana Damulakis)

Posse em 03.09.2015

Saudação: Aleilton Fonseca

Cadeira 30

Patrono: Joaquim Monteiro Caminboá

Fundador: Antônio do Prado Valadares (Prado Valadares). Permutou a cadeira com Roberto José Correia (Roberto Correia), titular da Cadeira 38.

2º Titular: Roberto José Correia (Roberto Correia)

3º Titular: Alfredo Vieira Pimentel

4º Titular: Nestor Duarte Guimarães (Nestor Duarte)

5º Titular: Josaphat Ramos Marinho (Josaphat Marinho)

Titular atual:

Paulo Roberto Bastos Furtado

(Paulo Furtado)

Posse em 24.04.2003

Saudação: Gerson Pereira dos Santos

Cadeira 31

Patrono: Belarmino Barreto

Fundador: Ernesto Simões da Silva Freitas Filho (Simões Filho)

2º Titular: José Luís de Carvalho Filho (Carvalho Filho)

Titular atual:

Florisvaldo Moreira de Mattos

(Florisvaldo Mattos)

Posse em 23.11.1995

Saudação: João Carlos Teixeira Gomes

Cadeira 32

Patrono: André Pinto Rebouças (André Rebouças)

Fundador: Teodoro Fernandes Sampaio (Theodoro Sampaio)

2º Titular: Isaías Alves de Almeida (Isaías Alves)

3º Titular: Zitelmann José Santos de Oliva (Zitelmann de Oliva)

4º Titular: Gerson Pereira dos Santos

Titular atual:

João Carlos Salles Pires da Silva

(João Carlos Salles)

Posse em 06.11.2014

Saudação: Paulo Costa Lima

Cadeira 33

Patrono: Antônio Frederico de Castro Alves (Castro Alves)

Fundador: Francisco Xavier Ferreira Marques (Xavier Marques)

2º Titular: Heitor Pragner Fróes. Tomou posse em 15 de novembro de 1931, na Cadeira 34, transferindo-se para esta, após a morte de Xavier Marques.

3º Titular: Waldemar Magalhães Mattos (Waldemar Mattos)

4º Titular: Ubiratan Castro de Araújo (Ubiratan Castro)

5ª Titular: Maria Stella de Azevedo Santos (Mãe Stella de Oxossi)

Titular atual:

Muniz Sodré de Araújo Cabral

(Muniz Sodré)

Posse em 31.10.2019

Saudação: João Carlos Salles

Cadeira 34

Patrono: Domingos Guedes Cabral

Fundador: José Virgílio da Silva Lemos (Virgílio de Lemos)

2º Titular: Heitor Pragues Fróes. Transferiu-se para a Cadeira 33, depois do desaparecimento de Xavier Marques

3º Titular: Adalício Coelho Nogueira (Adalício Nogueira)

4º Titular: Walfrido Moraes de Lima (Walfrido Moraes)

Titular atual:

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

(Evelina Hoisel)

Posse em 27.10.2005

Saudação: Myriam Fraga

Cadeira 35

Patrono: Manoel Vitorino Pereira (Manoel Vitorino)

Fundador: Antônio Pacífico Pereira

2º Titular: Afonso Costa

3º Titular: Rui Santos

4º Titular: Rubem Rodrigues Nogueira (Rubem Nogueira)

5º Titular: João da Costa Falcão (João Falcão)

Titular atual:

Luís Antonio Cajazeira Ramos

Posse em 02.08.2012

Saudação: Fernando da Rocha Peres

Cadeira 36

Patrono: Joaquim Jerônimo Fernandes da Cunha (Fernandes da Cunha)

Fundador: Afonso de Castro Rebelo

2º Titular: Monsenhor Manuel de Aquino Barbosa (Padre Manuel Barbosa)

3º Titular: Hildegardes Cantolino Vianna (Hildegardes Vianna)

Titular atual:

José Carlos Capinan

Posse em 17.08.2006

Saudação: Florisvaldo Mattos

Cadeira 37

Patrono: João Batista de Castro Rebelo Júnior

Fundador: Almachio Diniz Gonçalves (Almachio Diniz)

2º Titular: Edith Mendes da Gama e Abreu

3º Titular: Antonio Carlos Peixoto de Magalhães (Antônio Carlos Magalhães)

Titular atual:

Emanuel d'Able do Amaral

(Dom Emanuel d'Able do Amaral)

Posse em 28.05.2009

Saudação: Fernando da Rocha Peres

Cadeira 38

Patrono: Alfredo Tomé de Brito (Alfredo Brito)

Fundador: Oscar Freire de Carvalho

2º Titular: Roberto José Correia (Roberto Correia). Permutou sua cadeira com Prado Valadares, fundador da Cadeira 30.

3º Titular: Antônio do Prado Valadares (Prado Valadares)

4º Titular: Cristiano Alberto Müller (Cristiano Müller)

5º Titular: Wilson Mascarenhas Lins de Albuquerque (Wilson Lins)

Titular atual:

Armando Avena Filho

(Armando Avena)

Posse em 28.04.2005

Saudação: Guido Guerra

Cadeira 39

Patrono: Francisco de Castro

Fundador: Clementino Rocha Fraga Júnior (Clementino Fraga)

2º Titular: Edivaldo Machado Boaventura (Edivaldo M. Boaventura)

Titular atual:

Juarez Marialva Tito Martins Paraíso

(Juarez Paraíso)

Posse em 30.05.2019

Saudação: Paulo Ormino de Azevedo

Cadeira 40

Patrono: Francisco Cavalcanti Mangabeira (Francisco Mangabeira)

Fundador: Octavio Cavalcanti Mangabeira (Octavio Mangabeira)

2º Titular: Manoel Pinto de Aguiar

3º Titular: Consuelo Novais Sampaio

Titular atual:

Urania Maria Tourinho Peres

(Urania Tourinho Peres)

Posse em 25.09.2014

Saudação: Aramis Ribeiro Costa

Obs.:

Cadeira 41

Criada em caráter provisório para que Arlindo Fragoso, idealizador e organizador da Academia, não lhe ficasse de fora, devendo ser extinta com o falecimento de qualquer um dos 41 fundadores. Patrono: Manuel Alves Branco, *Visconde de Caravelas* (2º). Fundador Arlindo Coelho Fragoso (Arlindo Fragoso). Com a morte de Severino Vieira, em 27 de setembro de 1917, para a sua Cadeira, de número 19, foi transferido Arlindo Fragoso, e supressa a cadeira provisória.

Endereços dos acadêmicos



EMILIANO JOSÉ
Rua Juruna, 312,
Condomínio Aldeia de Jaguaribe, Patamares
Salvador-BA – 40613-116
☎ (71) 9979-8635
emiljose@uol.com.br

PAULO ORMINDO DE AZEVEDO
Rua João da Silva Campos, 1132, Itaipara
Salvador-BA – 41815-200
☎ (71) 3358-7571/ 98816 5262
pauloormindo@gmail.com

EDVALDO PEREIRA DE BRITO
Rua Melvin Jones, nº 272, Jardim Armação
Salvador-BA – 41750-010
☎ (71) 3281-4900/3371-3225
cepeb.eb@gmail.com
escbrito@terra.com.br

NELSON CERQUEIRA
Rua Alagoinhas, 47 -Rio Vermelho
Salvador-BA – 41940620
☎ (71) 2107-8368
nelsoncerqueira1@gmail.com

CARLOS RIBEIRO

Rua do Timbó, 680 Edf. Villa Etruska, apto°503
Caminho das Árvores - Salvador-BA – 41820-660
☎ (71) 3011-7019 / 99153-4908
carlos.jribeiro58@terra.com.br

CLEISE MENDES

Rua Marechal Floriano, 122,
edifício Graciumilda, apto 901 Canela
Salvador-BA – 40110-010
☎ (71) 3337-0312 / 99198-6165
cleise.mendes@gmail.com

JOACI GÓES

Rua Alceu Amoroso Lima, 172, Edf. Office & Pool, 8ª andar
Caminho das Arvores - Salvador-BA – 41.820-770
☎ (71) 3444-2308 / 98814-3631
joacigoes@uol.com.br

PAULO COSTA LIMA

Rua Sabino Silva, n°282, Edf. Saint Mathieu, apto 401
Jardim Apipema - Salvador-BA – 40155-250
☎ (71) 98832-1545 / 3235-5676
paulocostalima@terra.com.br

ANTONIO TORRES

Rua Estrada da União Industrial, 12600
Condomínio Mirantes do Sol Nascente, Casa 37,
Itaipava - Petrópolis-RJ – 25750-226
☎ (21) 2222-4129
antonio@antoniotorres.com.br

FREDIE SOUZA DIDIER JÚNIOR
Largo da Vitória, 162/202, Vitória
Salvador-Bahia – 40081-305
☎ (71) 3114-5550
frediedidier@gmail.com

YEDA PESSOA DE CASTRO
Rua Alfredo Gomes de Oliveira, 61
Edf. Terreazo Del Mare, Apt°1140 Jd. Armação
Salvador-BA – 41750-040
☎ (71)3461-9033 / 98138-4865
yedapessoa@uol.com.br

ARAMIS RIBEIRO COSTA
Rua Piauí, 439, apt° 1103, Pituba
Salvador-BA – 41830-280
☎ (71)3240 4969 / 99984 1165
aramisrcosta@gmail.com

EDILENE MATOS
Rua Rio de São Pedro, 26 Edf. Varandas da Graça, apto 701
Graça - Salvador-BA –40.150 350
☎ (71) 3334 6526
edilenediasmatos@gmail.com

GLÁUCIA LEMOS
Rua Ceará, 853, apto. 203 - Pituba
Salvador-BA – 41830-450
☎ (71) 3012-8468/98199-1813
glaucialemons9@hotmail.com

LIA ROBATTO

Rua Galdino de Magalhães Ribeiro n.94 ap 1602 - Federação
Salvador- BA – 40.230-108

☎ (71) 98817-2326

liarobatto@gmail.com

MIRELLA MÁRCIA LONGO VIEIRA LIMA

Avenida Araujo Pinho, n° 399, Apto 804

Salvador - BA – 40110150

☎ (71) 99113-7628

mimlvl@yahoo.com.br

RUY ESPINHEIRA FILHO

Condomínio Busca Vida – Estrada do Coco – Catu de Abrantes

Via Lobo Guará, 26, Lote 11

Camaçari-BA – 42841-000

☎ (71) 3287 2225/99973-8711

refpoeta@terra.com.br

DÉCIO TORRES CRUZ

Rua Afonso Celso, 185 ap. 701 Barra

Salvador Bahia – 40140-080

☎ (71) 3264 0865 / 99188-4102

deciotc@ufba.br

ALEILTON FONSECA

Rua Rubem Berta, 267, Edf. Iana, apt° 402, Pituba

Salvador-BA – 41810-045

☎ (71) 98876-1519

aleilton50@gmail.com

ANTONIO BRASILEIRO

Rua Alto do Paraná, 300 – Bairro Sim

Feira de Santana-BA – 44042-000

☎ (75) 3625-8512

abrasileiro@live.com

CYRO DE MATTOS

Travessa Rosaide Guimarães, 40 / 101 – Zildolândia

Itabuna-BA – 45600-714

☎ (73) 3612-4197 / (73) 98872-8830

cyropm@bol.com.br

SAMUEL CELESTINO

Rua do Ébano, n°159 - Edf. Henri Matisse

Apt°.1301, Caminho das Árvores

Salvador-BA – 41820-370

☎ (71) 3341-4485 / 3359-7741

samuelcelestino@uol.com.br

FRANCISCO SENNA

Rua Prof. Milton Oliveira, n°73

Edf. Palazzo Anacapri, apto°202

Barra, Salvador-BA – 40.140-100,

☎ (71) 99967-0685

francisco.senna@tcm.ba.gov.br

FERNANDO DA ROCHA PERES

Avenida Sete, 2901, Ladeira da Barra,

Cond. Solar das Mangueiras, Ala Norte, apt° 202,

Salvador-BA – 40130-000

☎ (71) 3336-3670 / 99956-7880

ferroperes@gmail.com

HELOÍSA PRAZERES

Rua Pará, 446, apto 1301
Condomínio Maison Lyon
Salvador-BA – 41830-070
☎ (71) 99989-9340
heloisa.prazeres@gmail.com

ORDEP SERRA

Rua Barão de Itapoan, 142, Edf. Barravento
apt° 202 – Barra
Salvador-BA – 40140060,
☎ 98869-1531/3331-1531
ordepserra@gmail.com

MARCUS VINÍCIUS RODRIGUES

Rua Irmã Dulce, 119, apto 601, Brotas
Salvador-BA – 40.286-030
☎ (71) 99987-7136
marvin.mvr@gmail.com

GERANA DAMULAKIS

R. Flórida, 109 Edf. Terrazzo Graça, apt° 801 - Graça
Salvador-BA – 40150-480
☎ (71) 3237-2810
geranadamulakis@yahoo.com.br

PAULO FURTADO

Av. Orlando Gomes, Condomínio Parque Costa Verde
Quadra H, Lote 3
Salvador-BA – 41650-120
☎ (71) 3367-9481 / 99158-3414
prbfurtado@yahoo.com.br

FLORISVALDO MATTOS

Rua Alfredo Gomes de Oliveira, 91
Ed. Residencial Mar de Aruba, Apto. 901
Jardim Armação - Salvador-BA – 41750-090
☎ (71) 3353 9785 / 99986-2848
florismattos@gmail.com

JOÃO CARLOS SALLES

Rua Aristides Novis, 105, ap. 701A – Federação
Salvador-BA – 40.210-630
☎ (71) 3247.6119
jcsalles@gmail.com

MUNIZ SODRÉ

Rua Cosme Velho, 415 ap 1104
Rio de Janeiro-RJ – 22241-090
sodremuniz@hotmail.com

EVELINA HOISEL

Rua Mons. Gaspar Sadoc, 48, Jardim de Alá
Salvador-BA – 41750-200
☎ 3343 5789 / 99968-7625
evelinahoisel@hotmail.com

LUÍS ANTONIO CAJAZEIRA RAMOS

Rua Dr. Mário de Souza Dantas, 2
Caixa d'Água - Salvador-BA – 49321-085
☎ 3345 6969/98861-1515/2109-4607
poetacajazeira@uol.com.br

JOSÉ CARLOS CAPINAN

Rua Tamoios, 96, Rio Vermelho
Salvador-BA – 41940-040
☎ 3345 2080 / 99955-1410
jose.capinan2@gmail.com

DOM EMANUEL D'ABLE DO AMARAL

Largo São Bento, 01 Centro

Salvador- BA – 41205-220

☎ (71) 2106-5272 /98151-1053

arquiabadeemanuel@gmail.com

ARMANDO AVENA

Rua Waldemar Falcão, 1965, Edf. Top Hill, Apt° 702 Norte

Salvador-BA – 40295-010

☎ (71) 3272-2960 / 9994-3000

armandoavena@uol.com.br

JUAREZ M. T. M. PARAISO

Rua Praia de São Conrado, Quadra C1 Lote 7

Vilas do Atlântico

Lauro de Freitas-BA – 42.708-180

☎ (71) 99988-6970

juarezparaiso@terra.com.br

URANIA TOURINHO PERES

Avenida Sete, 2901, Ladeira da Barra,

Cond. Solar das Mangueiras, Ala Norte, apt° 202,

Salvador-BA – 40130-000

☎ (71) 3336 3670 / 99956-7880

utperes@terra.com.br

Membros correspondentes

Alain Saint-Saëns

Centro de Investigaciones Académicas,
Universidad del Norte,
Avenida Artigas y Calle Juan de Salázar,
Asunción – Paraguay
alainfrenchguy@gmail.com

Antonella Rita Roscilli

Via Giacomo Barzelloti, 7
00136 Roma/Itália
☎ 0039-3475569495
r_antonella@yahoo.it

Antonio Carlos Secchin

Av. Atlântica, 2112, apt°801
Copacabana 22021001 Rio de Janeiro – RJ
☎ (21) 2236-1112
acsecchin@uol.com.br

Carlos Ayres Britto

Ayres Britto Advocacia e Consultoria – SHS,
Quadra 06, Conjunto A Complexo Brasil 21
Bloco A – Sala 107 Cep 70316-102 Brasília DF
☎ (61) 3039-8088
contato@ayresbritto.com.br

Celso Amorim

Av Atlântica 1782, apto 403
Rio de Janeiro RJ
22021001
celsoamorim42@gmail.com

Dominique Stoenesco

26 bis, allée Guy Mocquet 94170

Le Perreux-sur-Marne

França / France

☎ (003133) 1 48 72 16 56

dominique.stoenesco@orange.fr

Glória Kaiser

Dr. Robert Siegerst, 15

A 8010 – Graz

Áustria – Europa

gloria.kaiser@aon.at

Isa Maria Carneiro Gonçalves

Rua Milton Melo, 413 – Santa Mônica

Feira de Santana – BA,44050-560

☎ (75) 3625-2416

isa@gd.com.br

Jerónimo Pizarro

Departamento de Humanidades y Literatura

Calle 18 A No. 0-03 Este Bloque Ñc Bogotá, Colombia

☎ (571) 339-4949 – Ext. 4784

j.pizarro188@uniandes.edu.co

Jorge Raul da Silva Preto

Rua dos Sobreiros, 233 3º,D.t

Edifício Vistamar - Costa da Guia

2750611 Cascais – Portugal

☎ (00351) 214821717

jorgerspreto@gmail.com

Maria Beltrão

Rua Prudente de Moraes, 1179, COB. 01

Ipanema – Rio de Janeiro – RJ

22420-043

☎ (21) 2247-4180

mcmcbeltrão@gmail.com

María Felisa Pugliese

Saavedra 1160 P.B. “B”

1663 Muñiz. PCIA. de Buenos Aires. ARGENTINA.

☎ 54 11 4664 3055

maripugliese@hotmail.com

Paulo Fernando de Moraes Farias

136 Greenfield Road, Harborne, Birmingham B17 0EG

England, United Kingdom.

☎ 44 121 680 1399

paulofarias@blueyonder.co.uk

Paulo Roberto Dias Pereira

Rua Sambaíba, 380/704

Leblon Rio de Janeiro - RJ - CEP 22450-140

☎ (21) 98704-9173

paulorobertopereira08@gmail.com

Rita Olivieri-Godet

24, Avenue Sergent Maginot

35000 Rennes FRANCE

☎ 02 99 67 35 02

rita.godet20@gmail.com

Rogério Faria Tavares

Rua Gonçalves Dias, 2283 apto 601 Bairro: Lourdes
Belo Horizonte - Minas Gerais - 30140092

☎ (31) 98850-5924

rfariatavares@gmail.com

Vamireh Chacon

Universidade de Brasília
Instituto de Ciência Política
70910-900

☎ (61) 3274-0022

vamirehchacon@gmail.com

Membros eleitos ainda não empossados:

Darlene Sadlier

Miguel Monteiro



Presidente da ALB
Ordep José Trindade Serra

Diretor da Revista
Nelson Cerqueira

Conselho Editorial
Aleilton Santana da Fonseca
Florisvaldo Moreira de Mattos
Muniz Sodré de Araújo Cabral

Coordenação Editorial
Aleilton Fonseca

Editoração
Elimarcos Santana

Serviço Editorial
Via Litterarum Editora

SEÇÕES:

ARTIGOS E ENSAIOS

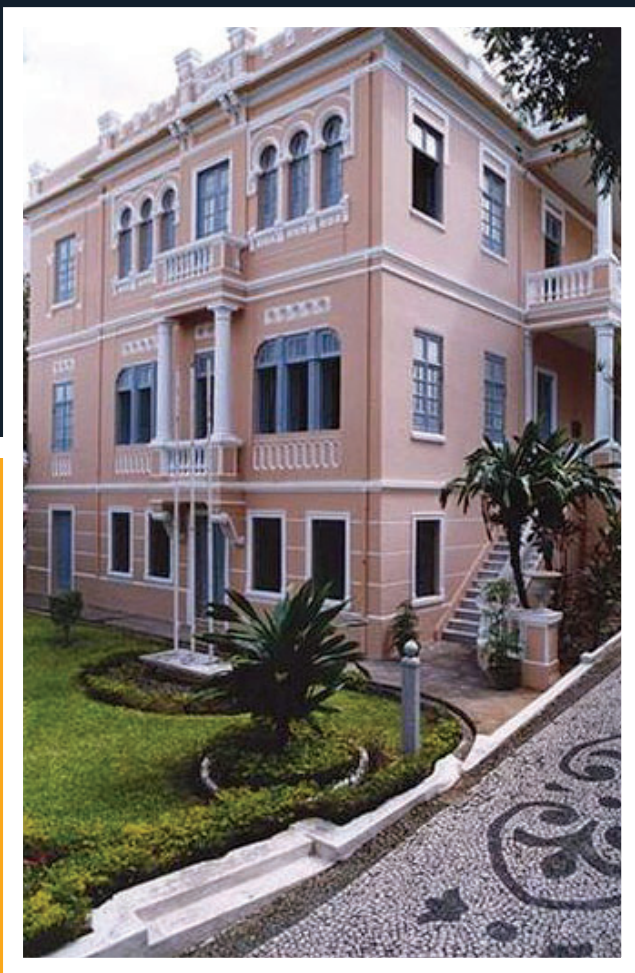
POESIA

FICÇÃO

DISCURSOS

DIVERSOS

ISSN 1518-1766



ISSN 1518-1766

A Academia de Letras da Bahia é mantida com apoio do Fundo de Cultura do Estado da Bahia

Apoio Financeiro:

Fundo de cultura
de Bahia



GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA DE CULTURA

SECRETARIA DA FAZENDA